
3 1761 06233983 3

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

COMISSÃO DOS CENTENÁRIOS DE CEUTA E ALBUQUERQUE

COMEMORAÇÃO

DO

QUINTO CENTENÁRIO

DA

TOMADA DE CEUTA

1.ª SÉRIE — TEXTOS HISTÓRICOS

Anais de Arzila

CRÓNICA INÉDITA DO SÉCULO XVI

POR

BERNARDO RODRIGUES

PUBLICADA POR ORDEM DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
E SOB A DIRECÇÃO

DE

DAVID LOPES
SÓCIO EFECTIVO DA MESMA ACADEMIA

TOMO I

(1508-1525)



ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
Rua do Arco a Jesus, 113
LISBOA

Coimbra — Imprensa da Universidade — 1915

INTRODUCÇÃO



Mapa do Campo de Arzila e regiões limitrofes
Segundo o Capitão M. Larras
Escala de 1:250.000
LEGENDA
Cidades e grandes povoações
Pequenas povoações
Túmulos de santos
Feiras
Itinerários
Caminhos principaes
Curvas de nivel á equi-distância de 50.m
Cotas de altitude
OCEANO ATLANTICO
TANGER
Cabo Spartel
ARZILA
LARACHE (El Areich)
El Qçar el Kebir
TETUÃO
FEZ
R'ARBIA
BENI AROUS
BENI MSAOUER
JEBEL EL HABIB
BENI GORFET
SAHEL
OULAD ZITOUN
TLIG
OUED LEKKOUS
35° 45'
35° 30'
35° 15'
35°
8° 30'
8° 15'
W. de Paris

INTRODUÇÃO

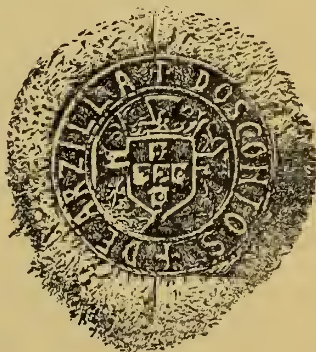
I

Bernardo Rodrigues e os «Anais de Arzila»

1. Bernardo Rodrigues: alguns dados biográficos

Bernardo Rodrigues é certamente o nome do autor dos *Anais de Arzila.* Os códices B e N são os únicos que nos dão no título o seu nome, mas o próprio autor nô-lo diz nos capítulos 38, 51 e 63 do Livro quarto: *eu Bernardo Rodrigues.*

Bernardo Rodrigues era filho de mestre António, que acompanhara, como físico, D. Afonso V à tomada de Arzila em 1471, e lá se estabelecera: o qual nela morreu no ano de 1516 de uma seta pelo meio da maçã do rosto [p. 194]. Êste escreveu um livro das cousas de Pero de Meneses, almocadem, o qual o conde D. João Coutinho recolheu depois da morte do autor [p. 245]. Era filho de sua velhice, por ter mais de setenta anos à data da sua morte, como se diz na notícia dela. Bernardo Rodrigues tinha um irmão médico, que se chamava Duarte Rodrigues; pelo menos êle fala muitas vezes assim: *o doutor meu irmão* ou *o doutor Duarte Rodrigues* [p. 374, 463, etc.]; e somos em crer que é o mesmo indivíduo. No entanto êle tinha um cunhado de nome Diogo Rodrigues [IV, 61]; podia, pois, Duarte Rodrigues ser irmão dêle. Havia também um mercador do mesmo nome.



SÊLO DE ARZILA.

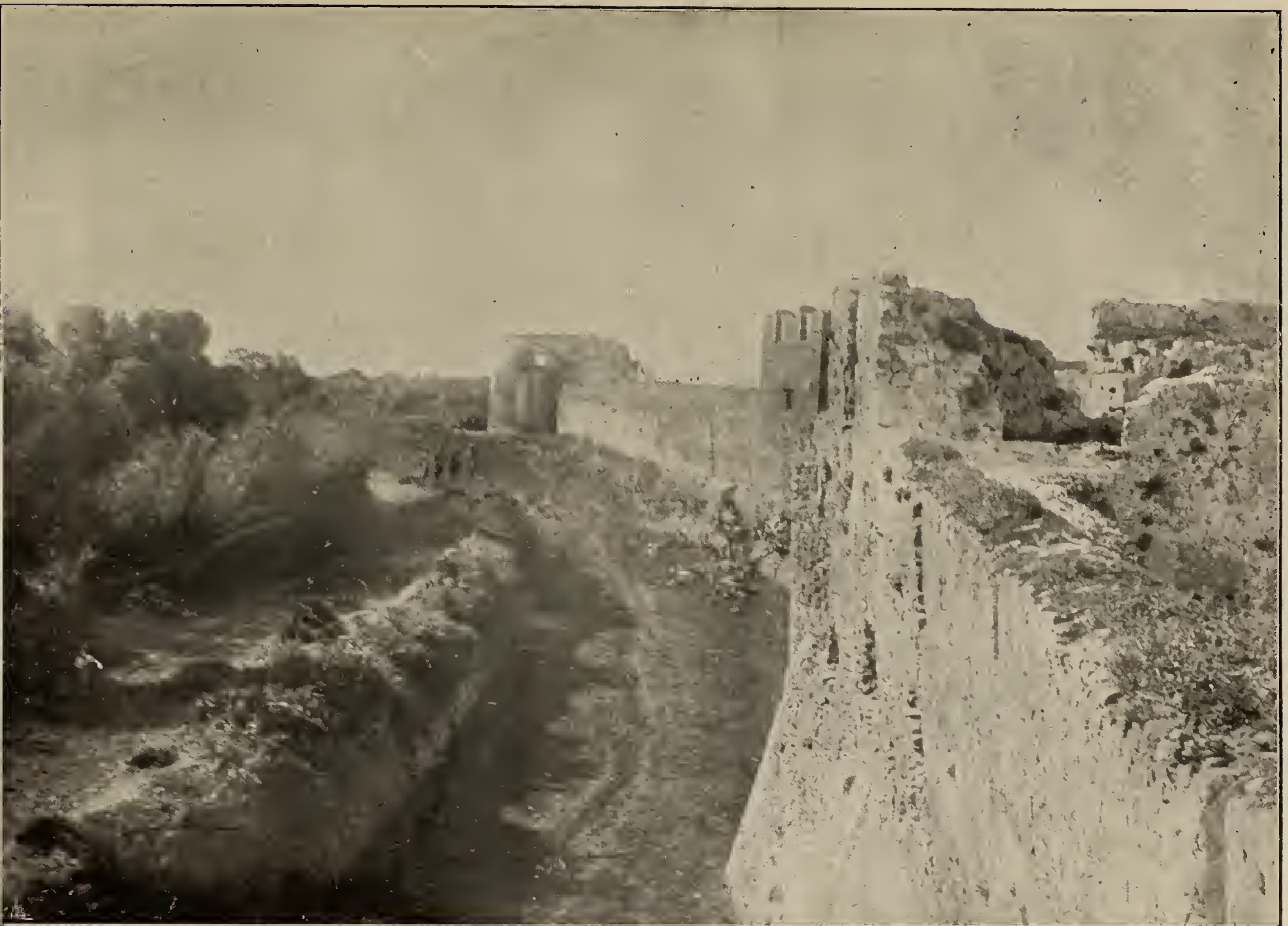
Bernardo Rodrigues deve ter nascido em Arzila cêrca do ano de 1500: o que dizemos a seguir o parece confirmar. Os *Anais* principiam no meado de outubro de 1508, com o cêrco famoso de Arzila; êle recordava-se em 1560 de factos então passados: «... o qual cavalo [de xeque Omar] eu vi aquele dia [14 de outubro de 1508] no terreiro de Arzila» [p. 7]. «Por ser cousa muito sabida a entrada e saco que os mouros fizérão em Arzila no ano de 1508 e notorio aos que o vimos» [p. 3]. Igualmente, se lembrava muito bem de factos que se deram em 1516, «por ser já entrado na infancia» [p. 158]. Devia ter nesta data cêrca de 16 anos, como em 1508 cêrca de 8 anos. Neste caso êle não podia entrar em 1516 na infância. Supomos que êle quís dizer adolescência. Só o códice A traz êste passo. O *Leal Conselheiro* d'el-rei D. Duarte distribue as idades da vida dêste modo: infância até aos 7 anos, puerícia até aos 14 e adolescência até aos 21 [p. 16]. Sendo assim, êle teria entrado na adolescência cêrca de dois anos antes. Em 1523 começou a servir e ter cavalo, 14 anos depois daquele cêrco, como êle afirma [p. 5 e 425]. Se esta data é exacta e não aproximada êle tinha em 1508 nove anos e não oito.

Contudo êle diz [p. 48] que andara trinta anos no campo de Arzila, o que parece inexacto, porque teria deixado Arzila em 1553 (1523 + 30), e sabemos que não é verdade. Julgamos que êle quís dizer: cêrca de trinta anos. Todavia, êle diz noutra parte: «em mais de trinta anos que andei na guerra» [p. 40].

Das duas primeiras almogaverias em que entrou, em 1523 e 1524, não recebeu parte, porque nelas houve grandes perdas, mas na do princípio de 1525, antes do embarque do conde D. João, a sua parte foi de perto de 3:000 reais «e foi o primeiro dinheiro que eu ouve de parte» [p. 484].

Depois dêsse ano até ao abandono da sua vila natal, em 1549, a sua vida foi a dos outros cavaleiros, cujos feitos êle tão largamente narra nos seus *Anais*. Muitas vezes fala de si como tendo tomado parte, quer nas almogaverias contra os mouros, quer nas cavalgadas e entradas dos capitães da vila contra os alcaides vizinhos. Algumas dessas notícias autobiográficas merecem menção.

Assim, foi várias vezes a Alcácer, posteriormente a 1518, por



MURALHA E CAVA DE ARZILA

[VIII]

mandado dos capitães de Arzila, e pousava em casa de Alé Rondim [p. 257].

Tambem esteve na Graciosa, onde D. João II quís fundar uma vila [p. 496].

Esteve em Azamor em 1521: foi lá comprar duas escravas [p. 327-9].

Em 1526 João da Silveira, mourisco, seu vizinho, intentou matá-lo, indo ambos a montear com o conde [III, 18].

Esteve em Fez em 1531-2, por mandado do conde D. João Coutinho, para tratar de diversos negócios [IV, 32-33]. No regresso esteve em Larache [IV, 40].

Em setembro de 1532 o capitão de Arzila desbaratou o alcaide de Jazem, que viera ao nosso campo com muita gente de cavalo, e Bernardo Rodrigues tomou uma bandeira real ao seu alferes: queixa-se de não ter recebido mercê [IV, 45].

Voltou a Fez em 1542 com o embaixador Lourenço Pires de Tavora [p. 242].

Foi ferido com duas setas metidas pela testa em 1544 [p. 251].

O códice N diz tambêm, no título, que êle fora feito cavaleiro da ordem de Cristo em 1530. A seu tempo havemos de fazer algumas buscas no Arquivo Nacional acêrca do nosso autor e então procuraremos verificar êste facto; mas devemos notar que em 1532, depois do feito da bandeira, êle se queixa da falta de mercê. No mesmo título se afirma que êle compôs os *Anais* em Arzila em 1561, o que não é exacto.

2. Os «Anais de Arzila»: plano e execução

¿Que se propôs fazer Bernardo Rodrigues? Êle o diz nestes termos: «E porque minha entenção não é outra senão que como se perdeo tão asinalada vila [Arzila], não se pércão tantos e tão asinalados feitos, como nela se fizérão, especialmente polos ilustres capitães os condes de Borba e o do Redondo, seu filho, e asi por outros capitães que nela fôrão até o despejo dela, me porei a escrever algũa parte das cousas que em meu tempo pasárão e de que eu são lembrado, começando da entrada e saco que os mouros

nela fizérão na era de mil e quinhentos e oito anos... e dahi irei, querendo Deos, correndo polas cousas de que for lembrado e de muitas em que me não achei de que tenho certa enformação, e oje em dia a tomo de Luis Valentė, que já neste tempo servia, e se achou em as mais delas» [p. 4 e 5]. — «Porque eu sómente não detremino de contar senão o que em Arzila vi e em meu tempo pasou» [p. 82].

E porque êle não esteve em todos os feitos que narra, ou a sua memória podia falhar, recorreu a vários informadores, e o que mais cita é Luís Valente. «Não sou lembrado de quem lh'o deu, nem a Luis Valente lhe lembra, que neste feito se achou e em outros muitos, e a ele tenho por candea e guia no que escrevo» [p. 265-6].

¿Que confiança nos devem merecer as suas narrativas? Êle nos diz mais de uma vez como obteve as suas informações. «E daqui [diz êle em 1523] poso falar como de vista, pois nas mais das cousas que nela acontecêrão me achei e nas que até aqui tenho contado, alem da lembrança que tenho, estive muitas vezes nos lugares e pasos onde pasárão e os praticava com pesoas que nelas fôrão, como...» [p. 425]. — «E com confiança que tenho de contar verdade, direi algũa parte do que em meu tempo aconteceo, posto que primeiro que eu servise e andase no campo pasárão catorze anos, dos quais, ainda que eu seja lembrado dos anos e casos, tomarei informação de Luis Valente, que em tudo se achou, e asi doutras pesoas que me parecerem são mais antigas que eu» [p. 5]. — «Este feito de Capanes contei tão meudamente, ainda que me nele não achei, porque pasando muitas vezes por esta boca de Capanes, vindo de cavalgadas e almogaverias, meus compadres e amigos, como Pedro Afonso Homem e Fernão Meirinho e João Português, me contárão todo o acontecido neste feito e os lugares, e asi donde Pero Juzarte foi ferido e donde os mouros caírão e as bandeiras parárão; e em tudo Luis Valente conforma, a quem eu levo por guia, e vou tão confiado neste feito que me parece que em todos os pasos e lugares iria oje poer os pés e os mostrar, por muitas vezes andar por eles todos» [p. 60-61].

Temos uma contraprova da veracidade das suas narrações em Goes. Como se dirá adiante, os *Anais* foram a sua fonte única na Parte quarta da *Crónica de D. Manuel*, mas não nas tres primeiras

partes; ora as narrativas de um e outro são nessas partes concordantes.

O título exacto da obra é talvez o de *L*, que os seus derivados copiaram mais ou menos. *A* não tem título. O título que lhe damos não ocorre em nenhum códice, mas é conciso e está dentro do propósito do autor: «Asi tomando os anos cada um diz o que nele aconteceo» [p. 5]. O autor referindo-se à sua obra no decurso dela serve-se modestamente da palavra *lembrança* ou *lembranças*, por exemplo, p. 60, 404, 422, etc., mas uma vez do nome mais ambicioso de *crónica*, na p. 160.

Bernardo Rodrigues começou a escrevê-la em 1560. «Tudo isto que tenho contado... me contou Dom Alvaro d'Abranches estas oitavas do salvador do mundo de 1560» [p. 48]; e logo afirma a seguir que havia dez anos [e meses] que de Arzila fora lançado. Falando de factos passados em 1508 diz igualmente: «Muito bem conheço e sei... quanto mais o que ha pasado de cincoenta e dois anos a esta parte» [p. 5].

Parece que já em Arzila Bernardo Rodrigues reuniria materiais para os *Anais;* sem plano definido, talvez sem intenção de publicidade, mas notas de curioso e amigo da sua terra. Não se compreende de outro modo que êle «praticasse» êsses assuntos com tantos individuos, como os que refere a miudo no seu livro; nem, sobretudo, que seja tão minucioso em datas e nomes de pessoas e de lugares. Só, porêm, mais tarde, dez anos depois do despejo de Arzila, êle se resolveria a coordenar as suas notas, a «mandado de pesoa a quem tenho obrigação» [p. 5], a qual nós suspeitamos seja o último capitão de Arzila, D. Francisco Coutinho, o conde regedor da casa da Suplicação, dahi a pouco nomeado vice-rei da Índia. Assim, por exemplo, falando nas desditas de Rondim, diz: «... A qual morte do filho ele levou em sofrimento e paciencia, tendo ainda neste tempo a molher e filhas em cativeiro, donde acabárão sua vida, que eu lhe ouve enveja e o notei pera o contar, não me parecendo que avia de chegar a o escrever, sómente pera reprender algum cristão impaciente com um mouro falto de fé» [p. 257].

O autor propunha-se certamente levar os *Anais* até ao despejo da vila, em 1549. Vêmo-lo claramente de afirmações suas no

decurso da obra. «A qual deixada [de Arzila] foi sete meses antes que este xarife ganhou a grande cidade de Fez com todo seu reino por traição dalguns senhores do reino, como em seu tempo direi, querendo Deos» [p. 36]. — «Este foi pai dos tres alcaides que no ano de 1551 viérão fojindo do xarife a el-rei, noso senhor, estando em Almeirim, como e porque se dirá adiante» [p. 44]. — «Antre estes mouros cativos foi cativo Doria... e ao tempo do noso despejo foi deteúdo... como em seu lugar e tempo direi» [p. 67]. — «Donde eu sai com duas setas metidas pola testa, como, querendo Deos, contarei no ano de 44» [p. 251].

Teria êle realizado o seu intento, como queria, ou a morte tê-lo-há surpreendido durante a sua tarefa? Não o sabemos, porque ignoramos a data do seu falecimento; mas se realizou o seu propósito nunca houve notícia da continuação da obra.

¿ Como executou êle o seu plano? Bernardo Rodrigues não é na verdade escritor, no seu significado literário. Faltou-lhe o dom e gosto da forma reflectida. A forma mais bela não é espontânea. Foi criado para a guerra e não para as letras.

O período é extenso, irregular, cheio de incidentes que cortam a idea principal com pormenores que distraem; êsses incidentes tornam-no às vezes obscuro, e a sintaxe incorrecta muitas vezes. Êle deve ter escrito sem rasuras, ao sabor da pena. Não receia as repetições de palavras desde que conseguiu exprimir a idea; não há nele artifícios ou atavios de qualquer ordem. O abuso da copulativa *e* é flagrante. Dir-se-ia que a sua «aravia», que êle devia saber muito bem, e onde é assim, distingiu sôbre o seu português. Êle reconhece modestamente em várias partes da sua obra quanto desmerece a êsse respeito. Neste passo melhor do que em qualquer outro: «Todavia, conheço que pera poer cada cousa em seu lugar ouvera mester outra pesoa, que o milhor soubera contar, pois em mim outra cousa não ha, sómente a confiança de ser lembrado do que em meu tempo pasou, conhecendo que a policia e o bom falar desta corte e reino a não ha em mim, sómente a anteguidade em que me criei a que sou muito afeiçoado...» [II, 10].

Mas êle tem qualidades apreciáveis de artista. Tem imaginação. Evoca com certo vigor os homens e as cousas do passado. Tem algum talento descritivo. Alguns dos seus quadros teem

muita vida; êle está vendo os lugares quando narra e a sua sensibilidade comove-se quando a imagem deles surge; e o carinho e a saudade brotam dela. As suas narrativas são abundantes, ricas de pormenores; mostram-no as descrições dos cêrcos a Arzila e das batalhas, e trechos como os capítulos 4 e 14 do Livro primeiro, 9, 13, 38 e 74 do Livro segundo, 48 do Livro terceiro, 69 do Livro quarto, etc.

3. Os «Anais de Arzila»: os códices, estudo geral

Dos *Anais de Arzila* há seis códices, hoje conhecidos:

1. Códice A, pertencente à Academia das Sciências de Lisboa;

2. 3. 4. Códices B N L, pertencentes à Biblioteca Nacional de Lisboa;

5. Códice M, pertencente à Misericordia de Lisboa e

6. Códice P, pertencente à Biblioteca Municipal do Pôrto.

Estes códices formam duas famílias: uma é constituida por A; a outra por B N L M P. L é o códice mais próximo de A: B N M P derivam todos dele. Vê-se êsse parentesco comparando o capítulo 5 do Livro primeiro nos tres códices A L B.

Códice A] *Capitulo çimquo de como elRey dom m:el teue noua; que arzila era perdida e o q̃ fez* || —

Já tenho dito como o comde de borba tanto q̃ teue os mouros tomados mandou hũ barco a tamjere fazemdo saber a noua q̃ tinha a dom João de meneses e dahy pasase a castela com a mesma noua | e tãobem q̃ os nauios q̃ no aReçife auia vemdo

Códice L] *Capitolo 5 como elRey dom manuell teue nova que arzilla era perdida e o que sobre yso fez*

Tornamdo a noso proposyto Ja atras fica Relatado como o comde de borba tamto que teue nova dos mouros tomados como mãdou hũ barco a tamjere com a nova que tinha a dom Johão de meneses e day pasase a castela cõ a mesma nova e

Códice B] CAPITULO QUINTO.

Como ElRey Dom Manoel teue noua q̃ Arzilla era perdida; e o q̃ sobre isso fez.

Tornando a nosso proposito; Ja atras fiqua relatado, como o Conde de Borba tanto q̃ teue noua dos Mouros tomados logo mandou a noua a Tangere a Dom João de Meneses, e que dahi passasse a Castella com a mesma noua que tinha. E tambem os nauios que estauão no recife uendo a villa entrada com alguas pessoas q̃ puderão recolher

a villa emtrada com algũas pesoas q̃ puderão Recolher se fizerão A véla e çheguamdo a castela e ao algarue emçherão toda a terra q̃ arzila era perdida | tanto q̃ ho correjedor da çidade de tauila teue a primeira noua. ho fez saber pola posta a elRei noso sõr q̃ em aquele tempo era em euora, tamto q̃ elRey teue as cartas e nouas q̃ arzila era perdida sem mais outro algum comselho se pos a cavalo, e mandamdo q̃ em lisboa e por toda parte se fizese gramde socorro de nauios e jemte e loguo partisem a se ajumtar em tauila domde os elle hya esperar, e tomamdo ho caminho de tauila, çhegou a ella aos dez dias depois da villa emtrada | e afirmão q̃ a emtenção delRey era q̃ semdo arzilla perdida pasar e mostrar todo seu poder atee a cobrar e por debaixo de sua coroa Real e estado | e çheguado a tauila teue mais çerta noua de como toda a jemte da villa era Recolhida ao castelo e como dom joão de meneses era dentro, e asi do mais socorro q̃ jaa era partydo do algarue e de castela cõ q̃ elRey ficou desaguastado pois ho comde não foy emtrado na furya dos prymeiros dias ho não seria temdo socorro tamto e tão bom | e por esta noua não deixou de mandar fazer préstes muytos nauios jemte monições por todo ho Reino com jnteira vomtade de pasar | e estamdo em tauila forão ter com ele todos os mais senhores deste Reino e os q̃ se não açharão na corte e sayrem com a pesoa do seu Rey

tambẽ os navios que no Recife avya vemdo a villa emtrada com algũas p[as] que poderão Recolher se fizerão ha vella cada hũ per[a] homde tinha seu ymtemto hũs a castela outros a lixboa outros o algarue domde emcherão a teRa como arzilla era emtrada e perdida | tamto que o coRegedor da cidade de tavila teve a p[r]m.[ra] nova o fez saber pela posta a elRey dõ manuell que em aquelle t̃po era em hevora tãto quele teue nova que arzila era perdida sẽ mais outro algũ comselho se pos a cauallo mãdamdo que em lixboa e per toda parte se fezese gramde socoRo de navios e gemte munycõees mãtimẽtos e logo se fosem a tauilla ajumtar com ele domde chegou a dez dias depois darzilla emtrada e afirmavã que a temcão delle era semdo arzila perdida pasar e mostrar todo seu poder até a cobrar e a por debaixo de sua coroa e Real estado e chegado a tauilla teue mais certa nova de como toda a gemte da villa era Recolhida ao castello e como dom Johã de meneses era demtro e asy do mays socoRo que era partido do algarue e de castela cõ que elRey ficou desagastado algũ tamto poys o comde não foy emtrado na furia dos p[r]meyros dias o nã seria temdo socoRo tamto e tão bõo e por esta nova não deixou de mamdar fazer prestes m[tos] navyos gemte monyçõees por todo o Reino com ymteyra vomtade de pasar e estamdo em tavilla forão ter com elle todos os mais sñes deste Reyno e os que se não acharão na corte e não sayrão

se fiserão a vella cada hum como tinha seu intento; huns a Castella, outros a Lisboa, outros ao Algarue, donde encherão a terra como Arzilla era entrada e perdida. Tanto q̃ o Corregedor de Tauilla teue a primeira noua o fez a saber pella posta a ElRey Dom Manoel que aquelle tempo estaua em Euora. O qual tanto q̃ teue a noua q̃ Arzilla era perdida, sem mais outro algum conselho se pos a cauallo, mandando q̃ em lisboa e em toda a parte se fisesse grande socorro de Nauios, gente muniçoens e mantimentos, e logo se fossem a Tauilla a ajuntar com elle donde chegou a 10. dias depois de Arzilla ser entrada, e afirmando que a tenção delle era, sendo Arzilla perdida passar e mostrar todo seu poder ate a cobrar, e poor debaixo de sua Coroa e Real Estado. Chegado a Tauilla teue mais çerta noua de como toda a gente da villa era recolhida no Castello e como Dom João era dentro, e assim do mais socorro q̃ era partido do Algarue, e Castella, com q̃ ElRei ficou desagastado algum tanto, pois o Conde não foi entrado na furia dos prim.[os] dias, o não seria tendo tanto socorro, e tam bon; e com tudo não deixou de mandar fazer prestes m.[tos] nauios, gente e munições por todo o Rey.[o] com inteira uontade de passar. Estando em Tauilla forão ter com elle todos os demais sores deste Reyno e os que se não acharão na Corte, e não sairão com elle logo como souberão sua

e sabendo que era jdo caminho do algarue todos acodião com a mais jente e armas q̃ podião emtre os quaes foy ho mestre de santiaguo que estamdo em setuuel domde lhe tomou ho Rebate fazemdo préstes todos os nauios e jemte q̃ de présa se podião armar, se ffoy ajumtar com elRey em tauila | estamdo portugual com este tamanho abalo, çhegou noua a elRey noso sñor de como elRey de feez era ydo e como o comde pedro nauarro fora ao socorro e asy a çerteza do q̃ mais auia pasado atee a vila ficar em poder do comde e de dom joão de meneses, cõ as quaes nouas ficou desaguastado de todo vemdo q̃ não era neçesaryo socorro pois dom joão e o comde avião despedido a mayor parte da armada e jemte por não ser neçesarya | e sabemdo o comde q̃ elRey éra em tauila, leixamdo a villa emcomendada a jorge barreto seu jemrro se embarcou com dom joão e veyo beijar as mãos a elRey e lhe dar comta do pasado e do q̃ mais era necesaryo fazerse, ho comde foy Reçebido de toda a corte como se Requeria a tal pesoa, e muito milhor delRey fazemdolhe m^ta homrra e merçe | e emformado do q̃ era neçesario pera fortificar a villa e fazemdo merçe aos moradores pera se emcaualguarem pois todos auião perdido seus cavalos e asy algũa ajuda pera comçertarem suas casas ho despedio, mãdamdo com ho comde méstre butaca gramde mestre de obras q̃ fizese os muros de pedra e

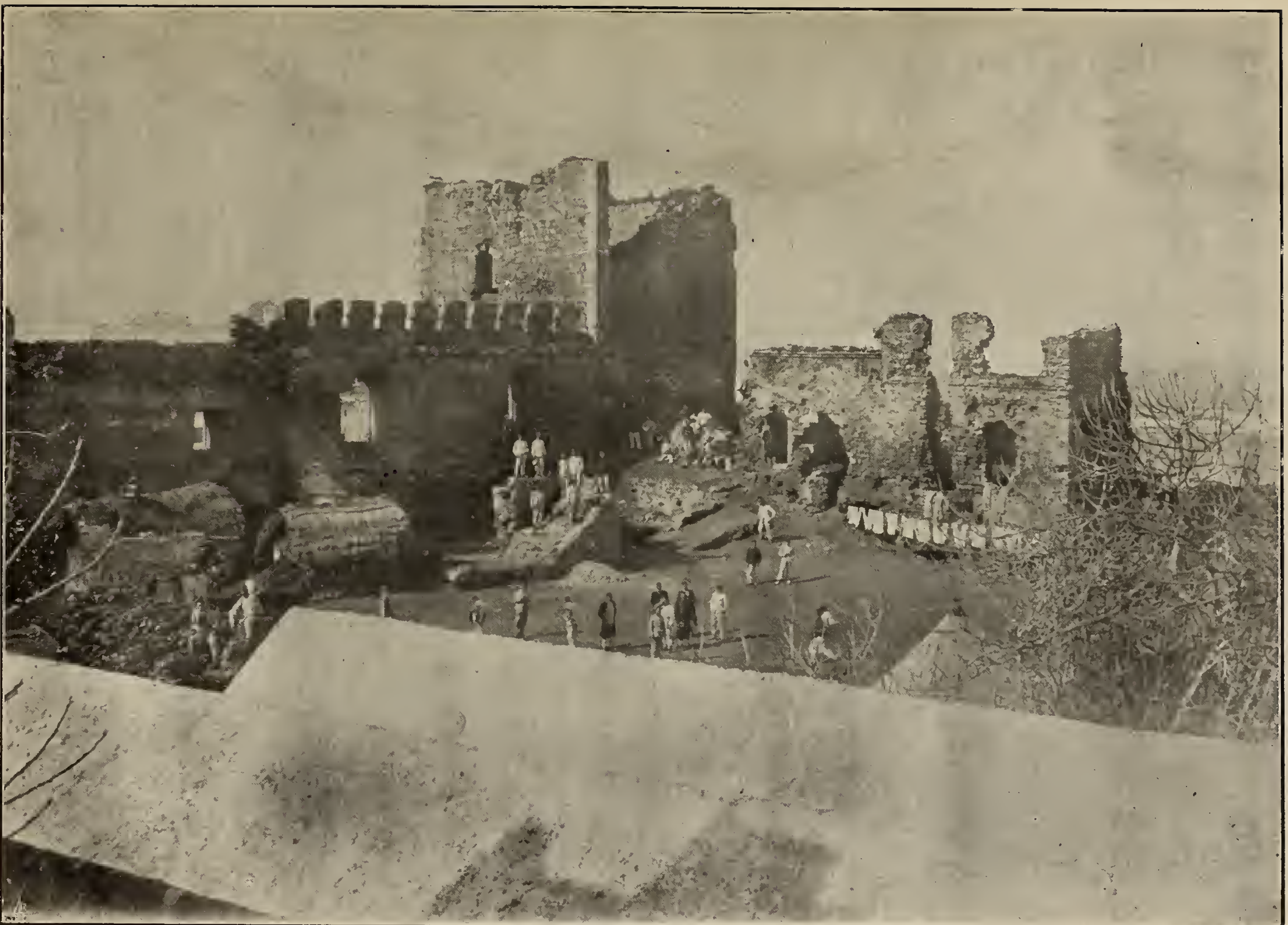
com elle logo como souberão sua partida se forão a gramde presa apos ele e acodião com a mais gemte e armas que podião emtre os quoaees foy o mestre de samtiago que estamdo em setuuell domde lhe acodio o rebate fazemdo prestes todos os navios e jemte que de presa se puderão armar se foy ajumtar com elRey em tauilla estamdo portugall com este tamanho aballo chegou nova a elRey noso sñor como elRey de fez era ydo e como o comde navaRo fora ao socoRo e asy a certeza do que mais avia pasado ate a villa ficar em poder do comde e de dom Johão com as quoaees novas ficou desagastado de todo vemdo que não era necesareo socoRo pois o comde e dom Johão tinhão despedido armada e gemte a moor parte por não ser necesarea sabemdo o comde como elRey era em tauilla leyxamdo a villa emcomemdada a jorje baReto seu gemro se embarcou com dõ Johão e veyo beyjar as mãaos a elRey e lhe dar comta do que pasara e do que mais era necesareo fazerse | o comde foy Reçebido de toda a corte como a tall pesoa e m^to mais delRey fazemdollhe m^ta hõRa e merce e emformado do que era necesareo per^a fortificar a villa fazemdo merce aos moradores per^a se emcavalgarem pois todos perderão seus cavallos e asy allgũa ajuda per^a comcertarẽ suas casas o despedio mãdamdo com o comde mestre butaca gramde mestre dobras que fezese os muros de pedra e call e asy mamdou pro-

partida se forão a grande pressa apos elle e acudião com a mais jente e armas q̃ podião, entre os quais foi o mestre de Santiago q̃ estando em Setuual donde lhe acudio o rebate fazendo prestes todos os Nauios, e gente que de pressa se puderão armar se foi a ajuntar com ElRey em Tauilla. Estando Portugal com este tamanho aballo chegou noua a ElRey N. S. como ElRey de Fez era ido, e como o Conde Nauarro fora ao socorro e assim deu certeza do q̃ mais avia passado atee a Villa ficar em poder do Conde, e de Dom João; com as quais nouas ficou desagastado de todo uendo q̃ não era necessario pois o Conde e Dom João tinhão despedido a armada e gente a mor parte por não ser neçessario. Sabendo o Conde q̃ ElRey estaua em Tauilla deixou a Villa encomendada a Jorge Barreto seu genro, e se embarcou com Dom João, e ueo beijar as mãos a ElRey e dar-lhe conta do que passara, e do q̃ mais era necessario fazerse. Foi o Conde reçebido de toda a Corte como mereçia sua pessoa e mui^to mais de ElRey q̃ lhe fes m^ta honra e merçe. Informado do que era necessario para fortificar a uilla, fazendo mercẽ aos moradores para se encaualgarem, pois todos perderão seus caualos, e assim algua ajuda para conçertarem suas casas o despedio, mandando com o Conde mestre Butaca grande mestre dobras que fisessem os muros de pedra e cal: E assim mandou prouer q̃ em Villanoua de Portimão se fizesse m^ta cal. Ordenadas as cousas neçessarias ao pro-

cál, e asi mandou prouer como em vila noua de portimão se fizese muita cál | ordenadas todas as cousas neçesaryas ao prouimēnto darzila, elRey se tornou pera euora vimdo já com elRey dom joão de meneses de quē soube todo ho pasado, asy todo ho suçeso dazamor como todas as cousas q̃ pasarão em arzila | muitos senhores e fidalguos vemdo a vomtade q̃ elRey tenha de sustemtar e fauoreçer arzila se detreminarão de ho yr seruir a ella e dos prym.ros q̃ com ho comde forão foy dom joão coutinho seu filho q̃ depois foy ho afamado comde do Redomdo | de quem hos caminhos e barcas amdão cheas de seus gramdes feytos e ditos q̃ em portugual estaua ao tempo q̃ os mouros em arzilla emtrarão. casado com dona jsabel amrryquez filha do capitão dos ginetes dom fernão martiñz mazcarenhas, e tão bem loguo dos primeiros foy nuno fernamdez de taide q̃ não tardou muito q̃ não foy capitão de çafim, de cuja fama e feitos aa muito q̃ dizer | loguo a pouco tempo se acharão em arzila gramdes fidalguos e senhores com gramdes casas amtre os quaes foy dom françisco portugal q̃ depois foy comde do vemioso | e alvaro gomçalvez de moura q̃ sua casa e jente não era menos q̃ a de dom frco, porq̃ dom framçisquo tynha oytemta homēs principais devora e çimquoemta e çimquo de cavalo | e o bizcomde de vila noua de çerveira e seu primo diogo lopez de lima, e outros fidalguos q̃ não nomeyo, soomente a dom fernamdo de castro alcaide moor do sabugal q̃ os mouros matárão em arzila, de cuja casa e morte comtarey deos q̃remdo a seu tempo | e com jsto tornarey a comtar algũas cousas q̃ a guerra deu de sy, depois da

uer como em villa nova de portimão se fezese muyta call hordenadas as cousas necesareas ao provimento da villa elRey se tornou pera evora trazemdo comsygo dom Johão de meneses de quem soube todo o soceso darzila e zamor muyto meudamemte | muytos sñes fidalgos vemdo a vomtade que elRey tinha a sostemtar e fauorecer arzilla se detreminarão de o hyr seruyr a ela e dos prmeyros que forão foy dom Johã coutinho que cõ seu pay o comde de borba que de tauila se tornou pera arzila e tambem nº fñz datayde q̃ depois foy capitão de çafym logo a pouco t̃po se acharão em arzila muytos sñes e fidalgos cõ gramdes casas emtre os quoaees foy dom fco de portugall (filho d)o b̄po devora que depois foy veedor da fazemda (e) pa muyto prmcipal neste reyno e aluaro gel̃z de moura com gramde casa nã menos que a de dom fco porq̃ dom fco tinha oytemta homẽes prmcip(a)ees devora da criação de seu pay e avoo e cimcoemta e cimqº de caualo e o vizcomde de pomte de lima e seu prmo diego lopez de lyma e outros fidalgos que não nomeyo soomte dõ fernamdo de crasto sñor do sabugall cõ tamanha casa como a de dom fco e se mayor não menos o quoal matarão os mouros em arzilla e em seu lugar se dira.

uim.to da Villa ElRey se tornou para Evora Leuando consigo a Dom João de Meneses, de quem soube todo o sucesso de Arzilla, e Azamor m.to meudamente. Muitos señores e fidalgos, uendo a uontade q̃ ElRey tinha de sustentar e fauorecer Arzilla determinarão de uir seruir a ella e dos primeiros que forão foi Dom João Coutinho com seu Pay. O Conde de Borba que de Tauilla se tornou para a Villa, Tambem Nuno fernandez dataide que dipois foi capitão de Safim logo em pouco tempo se acharão em Arzilla m.tos sores fidalgos com grandes casas, entre os quais foi Dom fran.co dePortugal filho do Bispo de Evora, que dipois neste Rey.o foy Veador da fazenda, e pessoa m.to principal neste Rey.o e Alvaro glz de Moura com grão casa, não menos q̃ a de Dom fran.co porque Dom fran.co tinha 80. homens prinçipais de Evora da criação de seu Pay e Avô 55. de cavallo, e o Visconde de Ponte de lima, e seu primo Diogo Lopez de lima, e outros çidadões que não



MURALHA DE ARZILA E TORRE DE MENAGEM

[XVI]

tornada do comde de borba atee o segum-
do çerqo, e não todas sooměnte as de q̃ sou
lembrado |

nomeo. Soom.te Dom fernão de Crasto s.r do Sabugal com tamanha casa, e maior e não menos, o qual matarão os mouros em Arzilla em em seu lugar se dira.

De *A* damos também o *fac-simile* do princípio dêste capítulo.

A L são os códices mais antigos e os mais correctos. A nossa edição é feita segundo *A* até ao fim do Livro terceiro; segundo *B* no Livro quarto, porque êste falta naqueles dois códices. *N M* também conteem o Livro quarto, mas são inferiores àquele como correcção de texto.

A é senão mais correcto mais completo que *L*; há nele capítulos — 74 e 113 do Livro segundo e 21 do Livro terceiro — que faltam neste, outros são paráfrases de *A*, ou mais curtos do que nele. *B N M* são muito mais incompletos: faltam neles os seguintes capítulos, em número de 23: 25, 33, 34, 50, 51, 58, 64, 68, 73, 74, 81, 82, 93, 98, 113, 115, 116, 126, 127 do Livro segundo, 5, 21, 41 e 54 do Livro terceiro. *L* serviu muitas vezes para emendar ou completar *A*, apesar do seu precário estado de conservação.

P não foi utilizado, porque a Comissão do centenário de Ceuta não conseguiu obter o seu empréstimo. É de todos os códices o mais incorrecto e o mais incompleto. Êle teria sido de pouco proveito. É cópia muito moderna.

Os *Anais de Arzila* compõem-se de quatro livros:

I. Capitania do conde de Borba, D. Vasco Coutinho, com 27 capítulos, anos de 1508 a 1514.

II. Capitania do conde do Redondo, D. João Coutinho, com 129 capítulos, anos de 1514 a 1525.

III. Capitania de António da Silveira, com 56 capítulos, anos de 1525 a 1529.

IV. Segunda capitania do conde do Redondo, com 71 capítulos, anos de 1529 a 1535.

II

Os «Anais de Arzila»: os códices, estudo individual

1. Códice A

É o n.º 19 do Gab. 5, Est. 11 da Academia das Sciências de Lisboa. Dimensões: 293 × 204 (*in*-4.º). Papel. Letra muito regular do fim do século XVI: gótica nas folhas 1, 2, 3 e parte da 5; nas restantes é italiana.

Tem 414 folhas, de 38 linhas cada página, em média. Encadernação de pergaminho. Não tem título, mas numa das folhas da guarda a seguinte extensa nota, muito interessante:

Sucessos de Arzilla reinando ElRey D. M.el escritos por hum curioso q̃ se achou em m.tos destes feitos.

Este Manuscrito veio a Livraria entre outros de que lhe fez donativo o Ex.mo e R.mo Sñr Bispo de Beja D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-boas. O caracter, que mostra ser pelo menos hũa copia antiga, e o ser originariam.te escrito por Author coevo, e que teve m.ta parte nos acontecimentos, que refere, o faz digno de singular apreço. Comprehende na sua narração o que passou em Arzilla em todo o tempo, q̃ a governarão D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, Dom João Coutinho, Conde do Redondo, e filho do antecedente, e Antonio da Silveira, principiando do anno de 1508 até o de 1526. Do que se lê no fim do Capitulo 54 do terceiro livro se pode entender q̃ esta historia proseguia adiante, e talvez se estendesse até o tempo em q̃ esta Praça foi abandonada pelo Sñr. D. João 3.º Rey de Portugal, como parece ser a tenção do Author no cap. 1.º do primeiro livro. Ainda q̃ o seu objecto seja particularm.te o que passou em Arzilla, involve algumas vezes na historia sucessos, que dizem respeito aos outros Presidios, que tinhamos em Africa n'aquelle tempo. Não tenho encontrado memoria de q̃ houvesse quem escrevesse as cousas de Arzilla, senão o M.e Antonio, e Pedro de Andrade Caminha; aquelle «Cavalgadas, e boas entradas, que fez D. Pedro de Meneses, Almocadem de Arzilla» e este «Commentarios da Historia de Arzilla no tempo do governo de Antonio da Silveira». Qualquer das duas historias referidas se limita a certos tempos, e pessoas: esta porem por isso que hé mais ampla, tanto mais se recõmenda. Posto que na frente deste M. S. não se declare o nome do Author, não cabe a menor duvida de q̃ o hé Bernardo Rodrigues, filho do chamado Mestre Antonio, que foi Medico na m.ma Praça de Arzilla, como se vê claramente do cap. 3.º do primeiro livro, onde expressam.te o diz o Author. Tãobem assim o reconhece Barbosa no tomo 4.º da Bibliotheca Lusitana no artigo proprio dizendo «Escreveo no anno de 1561: — Tratado Memorial das cousas, que passarão em Africa do anno de 1508 para quá, especialmente das cousas, que acontece-

rão em Arzilla. Feito por hum homem Africano, desejoso de se não perder a fama dos nobres feitos, e acontecimentos, que na Villa se fizerão pelos nobres Capitães, Fidalgos, Cavalleiros, Almoçadães, e em alguns outros lugares de Africa». No mesmo lugar acrecenta Diogo Barbosa que seu Irmão D. José Barbosa, Clerigo Regular tinha um exemplar m. s. desta mesma historia em letra gotica, o qual julgo que depois passaria para a Livraria Publica, para onde se tresladou a Livraria dos P.es Theatinos; e por elle se pode supprir a falta do cap. 2.º do primeiro livro, que se encontra neste M. S., como tãobem qualquer outro lugar, ou palavra, que offereça alguma duvida. Convento de N. Snr.a de Jesus de Lx.a aos 6 de Maio de 1799.

Fr. Gregorio Joze Viegas

Ainda q̃ deixei acima declarado q̃ neste M. S. havia ũa falta no 2.º capitulo do primeiro livro; com tudo fazendo depois novo exame, conheci q̃ estavão transpostas as folhas, q̃ estão numeradas com os algarismos 4, e 5, e q̃ estes se devem trocar, assim como antepôr a do numero 5 a outra do numero 4. Feito isto desaparece a falta antes sopposta, e continua a materia e ordem dos capitulos.

Fr. Gregorio Joze Viegas.

As duas crónicas, de que fala esta nota, de mestre António e de Pedro de Andrade Caminha estão hoje perdidas, segundo cremos. Da primeira se faz referência na p. 245. Da segunda possuia o chantre de Évora, Manuel Severim de Faria, um exemplar em 1627, como se diz na p. XIII dos *Annaes de Dom João III* de fr. Luís de Sousa.

A citação de Barbosa Machado encontra-se na *Bibliotheca Lusitana*, t. IV, p. 80. Acêrca de mestre António veja-se a mesma obra, t. I, p. 194.

O texto de *A* é, em regra, muito correcto. Como o seu valor é somente histórico — raras vezes filológico —, entendemos dever regularizar a sua escrita, sem prejuizo da pronúncia da época. Daí o aspecto moderno que esta edição apresenta. Para isso procedemos como se diz a seguir.

Vogais: *a, e, o.* Em muitos casos o autor indica a vogal aberta, principalmente a tónica oxítona, por meio da geminação ou duplicação dela. Assim: *aa, jaa, faraa, aagoada; atee* (às vezes *athe*), *beesta, preesa, deesse, Feez, beesteiro; soo, noos, moor.*

Tambêm usa de *A* (*a* maiúsculo) = *aa: Alem, Aves.*

Ás vezes tambêm se serve do acento agudo, e mesmo do acento circunflexo, mas esporadicamente: *ágoa, éra, fóra; nôs* e *nós, môr.*

Escrevemos: a vogal singela e o acento agudo em sílaba tó-

nica oxítona, e na paroxítona igualmente para a distinguir de igual sílaba fechada, e o acento grave em sílaba átona, quando a clareza o exija, isto é: *fará, até, mór; — bésta* e *besta*, *présa* e *presa, dése* e *dese; — bèsteiro,* mas *agoada.*

Em regra, não indica a vogal aberta, nem de um, nem de outro modo.

Indicámo-la quando oxítona: *atrás, após.*

A vogal fechada, tónica ou átona, oxítona ou não, não é marcada: *merce, portugues, citares, mes; por, pos.*

Escrevemos: *mercê, português, citarês, mês; pôr, pôs.*

A vogal *i* aparece escrita de tres modos: *i, y, j: muito, muyto, mujto; filho, fylho.*

Escrevemos: *muito, filho.*

Em nomes estrangeiros oxítonos marcamos o acento para evitar erros de pronúncia: Agoní, Omar Quequí, teilí, etc.

A vogal nasal: *a*) *medial* é marcada indistintamente com *m, n,* ~, qualquer que seja a consoante que segue: *conde* e *comde, campo* e *canpo; — b*) *final*: *a* é sempre geminada; *e, i, o, u:* ora marcadas com *m (n),* ora com ~ : assimilamos o segundo caso ao primeiro, que é o mais freqùente; — *c*) *geminada,* só *a:* ora *ãa,* ora *aam (aan): menhãa, graam.*

Escrevemos: *conde, campo, menhã, grã.*

Ás vezes emprega ao mesmo tempo as duas notações: *homẽm, Mẽnçara, bõns.*

Suprimimos o til.

Nos outros casos mantivemos as irregularidades gráficas do texto, por não serem susceptíveis de sistematização, ou, sendo-o, de aplicação difícil e pouco útil. Assim: *antre* e *entre, onde* e *donde, noite* e *noute, oito* e *outo, excelente* e *eicelente, fujir* e *fojir, detreminar* e *detriminar, omeziar* e *omiziar, trouxe* e *trouve, sou* e *são,* etc.

Algumas formas, como *hi, inda, ó, gora,* completámo-las antepondo-lhes a vogal [*a*], que muitas vezes aparece: [*a*]*hi,* [*a*]*inda,* etc.

Nos processos sintáticos há a mesma indecisão, que é própria do período de sincretismo em que o autor escreveu: emprêgo de *lhe* por *lhes,* muito freqùente; uso do artigo partitivo em certos

casos; uso, pouco freqùente, do antigo imperfeito do conjuntivo com a forma de infinito, etc.

Ditongos. — Usa ora de *ai*, ora de *ae*, assim como *ãi* e *ãe; ão* e *am*.

Escrevemos: *ai: pai, principais,* mas *ãe: mãe, capitães,* conforme preceitua a nova ortografia oficial; — *ão: pasárão, érão, fôrão,* e então acentuamos a sílaba anterior. Também escrevemos: *tãobem* por causa de *tão,* mas ora *são,* ora *sam: santo,* conforme o texto, porque as duas pronúncias são possíveis.

No Livro segundo, capítulo 87, *A* começa a servir-se de formas como *erom, forom, puderom,* etc., a par de *erão, forão, puderão* às vezes, e *pará* a par de *pera,* e assim sucede até ao fim do mesmo livro; no Livro terceiro assim também até ao capítulo 19. Os capítulos 93 a 96 daquele livro são aqueles em que essas formas mais vezes ocorrem. Emendámo-las de conformidade com as formas anteriores e posteriores; mas conservamos *parà* na p. 16, l. 38 e *pela* na p. 10, l. 36, por serem esporádicas.

Do mesmo modo, usa ora *ei,* ora *e* em sílaba tónica: *cheio, meio, nomeio, veio* a par de *cheo, meo, nomeo, veo.* Escrevemos *cheio, meio,* etc.; mas o autor escreve sempre *aldea, amea, fea, candea,* e por isso mantemos esta grafia.

Consoantes: *singelas.*

Ç: etimológico inicial mantêmo-lo: *çoco* [mercado], *çapateiro, Çafim.*

G: muitas vezes é seguido de *u,* indevidamente: *logo* e *loguo, Guonçalo* e *Gonçalo.* Outras vezes não emprega *u,* indevidamente: *chegem, Nogeira.*

Escrevemos: *logo, Gonçalo, cheguem, Nogueira.*

G e *J:* emprega-os indistintamente, mas com mais freqùência *j: Tangere* e *Tanjere, gente* e *jente.*

Escrevemos: *Tanjere, jente.*

H: é muito usado, quer etimológico, quer não: *humanidade* (e *umanidade*), *hir* (e *ir* e *yr*). Igualmente com os artigos, definido e indefinido, e o pronome pessoal [*o, a, os, as*]: *ho* (e *o*), *hos* (e *os*), mas sempre *hũ (hum)* e *hũa,* mas: *aver, avia, ouve, ei, aja.*

Escrevemos: *humanidade* (e *umanidade*), *ir, o, os, um, ũa, aver, avia, ouve, ei, aja.*

Ha aparece escrito: *ha, há, aa, á.* Escrevemos *ha*, mas *ão* e *hão.* Do mesmo modo *é* aparece escrito: *é, he, hee.*

Usa das formas *sahio* e *cahio,* a par de *sair, saido, saira,* e *cair* e *caira;* de *hia* e *hião,* mas muitas vezes *ir,* e sempre *indo, ida, irem, iria.*

Escrevemos: *saio, caio, ia, ião.*

Q: emprega-se por *c,* ora seguido de *u*, ora não: *bequo* e *beco, saquo* e *saqo, risqo, pratiqas.*

Escrevemos: *beco, saco, risco, praticas.*

R: r maiúsculo tem o valor de *rr*, ora inicial, ora medial: *Rio, aRimado.* Ás vezes aparece desdobrado: *honrrado.*

Escrevemos: *rio, arrimado, honrado.*

S: em regra, emprega-o singelo entre vogais com o valor de *ss.* Faz a distinção entre *ss e ç,* com poucas excepções. Neste respeito L é mais regular e correcto. Assim *A* escreve sempre *Benamares* e *L Benamarez, Alecasapo* e *Alecaçapo; A* ora *soco,* ora *çoco,* e *L* sempre *çoco.*

V: só o usa inicial; quando medial substitue-o por *u: veio, noua.*

Escrevemos: *veio, nova.*

Z: etimológico final mantêmo-lo; acentuamos por isso a sílaba tónica: *López, Rodríguez, Álvarez.*

Consoantes: *geminadas:* só usa de *l* e *s,* e daquele muito mais do que dêste: *villa* e *vila, noso* e *nosso.* Raríssimas vezes dobra o *f: ffez, ffora.*

Escrevemos: *vila, noso, fez, fora.*

Fizemos mais as seguintes modificações.

Sinais gráficos: o autor só usa da cedilha (,), com *c* e *ch* qualquer que seja a vogal, e do til (~), para indicar a vogal nasal e certas abreviaturas: *çimquo, açhar.* Para a vogal nasal veja-se ante p. xx; para as abreviaturas veja-se na p. xxiii. A cedilha só a mantemos nas condições da língua moderna; e é nestas mesmas

condições que usamos mais dos seguintes sinais: do apóstrofo: *d'Arzila;* — da risca de união: *vi-o, vendo-se;* — do travessão, para indicar que a frase que segue é um resumo duma série anterior, ou que se volta ao princípio dessa série. Vejam-se exemplos nas pp. 16, 34, 46, 58, etc.

Pontuação: tem muito pouca e nem sempre exacta. Os sinais de que usa são a vírgula (,) e um ou dois traços oblíquos e paralelos entre si (/ e //); no fim dos capítulos serve-se duma série maior ou menor dêsses traços, segundo o espaço, para marcar o termo dêles. Veja-se o *fac-simile* do capítulo 5 do Livro primeiro. Procuramos completá-la. Como a redacção do texto é muito irregular, e às vezes obscura, não foi fácil tarefa, nem temos a certeza de ter obtido sempre o resultado desejado.

Abreviaturas: desenvolvêmo-las todas: *q̃: que, ds: Deos, Fñz: Fernândez, etc.*

Os nomes próprios de pessoas e de lugares estão sempre escritos com minúscula; escrevêmo-los, é claro, com maiúscula.

Alêm disto, demos mais ao texto o seguinte aparato crítico.

Variantes. — Damos só as que teem um valor filológico, ou que aclaram o texto, ou o completam. *L* pela sua correcção foi aproveitado o mais possível e quanto o permitiu o seu estado de deterioração.

Notas. — Muito poucas tambêm. Em regra, só damos a explicação ou fazemos referência aos vocábulos não registados no dicionário de Morais, oitava edição, ou a alguns factos históricos particulares.

Abreviaturas. — Só empregamos duas nas variantes e notas:

f . . . . falta (-m)
ms. (mss.). . . . . manuscrito (-s).

2. Códice B

É o n.º 916 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Dimensões: 295 × 219 (*in*-8.º). Papel. Letra regular do século XVII. Tem 422 folhas, não numeradas, de 30 linhas cada página, em média. Á margem, aqui e acolá, de outra mão, há datas e nomes de indivíduos de que se faz menção no texto, eventualmente também o assunto tratado, etc. Cópia em geral pouco cuidada. Encadernação do século XVIII, de pasta coberta de carneira.

Título encuadrado e ornamentado:

«Historia da Praça de Arzila com a noticia das cousas que se passaram ẽ Africa desde o anno de 1508 até 1561, composta por Bernardo Rodrigues Cavaleiro Africano dezejoso de se nam perder a fama dos nobres feitos, e acontecimentos que nesta Villa fizeram os nobres Capitaens Fidalgos, e Cavaleiros e Almocadens, e em alguns dos outros lugares de Africa. Anno de MDLXI.»

Na terceira folha da guarda, em papel mais moderno, mãos diferentes escreveram:

«Comprado em Lisboa em 13 de outubro de 1727. 30 200 reis. Freire. — Enquadernado de novo em dezembro de 1747. 320 reis. — Agora he de Antonio Joaquim Moreira. 1850. — Na Livraria Publica de Lisboa ha esta mesma Chronica em lettra antiga, q̃ talvez seja authographa; está porem mui arruinada no centro do Livro pela tinta q̃ cortou grande parte das regras, onde nada se percebe.»

Êste códice, assim arruinado, é o n.º 295, mas há outro ainda na Biblioteca Nacional, o n.º 940. Falamos a seguir de um e outro, sob a designação de *L* e *N*.

Êste códice parece ter pertencido antes de 1850 a Manuel da Costa e Sá. No *Discurso lido em 22 de janeiro de 1843 na sessão pública da Academia Real das Sciencias por J. J. da Costa de Macedo*, p. 18, diz-se que ia entrar no prelo êste manuscrito, a êle pertencente, e o título aí dado é exactamente o do códice B. [Comunicado pelo sr. Dr. António Baião]. Dêle se tirou uma cópia para servir à composição, que nunca principiou, segundo parece, ficando a dita cópia propriedade da Academia. Inocêncio da Silva teve conhecimento dela, mas não conseguiu vê-la, por estar emprestada. [*Diccionario bibliographico portuguez*, I,



TORRE DE MENAGEM DA MURALHA DE ARZILA [XXIV]

p. 383]. Essa cópia existe de facto na Academia: é o n.º 2 do Gab. 5, Est. 44. É uma cópia muito fiel de *B* e de letra muito regular. Tem 273 folhas.

O texto de *B* deixa muito a desejar como exactidão. Tem a mais do que *A* o Livro quarto. Na parte comum com *A* faltam muitos capítulos, como vimos já; outros teem por vezes grandes cortes: indicam-se os mais importantes nas notas nos respectivos lugares. Muitas vezes há saltos de linhas e daí contrasensos no texto. Em numerosíssimos casos os capítulos de *B* são uma símples paráfrase de *A*, mas com uma redacção mais incorrecta, por via de regra. Indicaremos em nota algumas dessas paráfrases. Muitas vezes não compreende uma palavra ou outra portuguesa do original e então escreve à toa. Os nomes próprios de pessoas e de lugares estrangeiros, se não são correntes, estão alterados. As datas, em regra, estão em algarismos. Os brancos do texto de A são geralmente omitidos, sem indicação. Não obstante isto, *B* serviu-nos mais duma vez para aclarar e completar um ou outro passo de *A*, como se verá nas notas.

Por via de regra, o texto de *B* está mais modernizado, isto é, usa de formas mais próximas de nós, como se vê do quadro seguinte:

A:	*B:*
donde	onde
leixar	deixar
arrincar.	arrancar
preguntar	perguntar
antre	entre
derrubado.	derribado
poer	pôr (e poor)
polo	pello
detriminar	determinar
craro	claro
decrarar	declarar
incrinar	inclinar
casi	quasi
escramar	exclamar
contrairo	contrario
a fim	o fim
o viaje	a viagem
alguns arvores	algũas arvores
alvixeras	alviçaras
lião	leão
ifante	infante

Contudo, não é sempre assim; e uma e outra forma encontra-se uma ou outra vez nos dois textos. *Lhe* por *lhes* aparece em ambos.

Como dissemos, o Livro quarto falta em *A*, e dâmo-lo segundo *B*. Para isso tivemos de uniformizar a sua grafia com a de *A*. As modificações que fizemos foram as seguintes:

1. *ç* e *s* inicial ou *ss* mediais teem o mesmo valor em *B*: *em sima, sinco, sedo, serco, surgião, Safim; brasso, fasso (faço), Messa (Meça), pesso (peço).*

Escrevemos: *em cima, cinco,* etc.

2. *s* entre vogais e *z* teem também o mesmo valor e empregam-se indistintamente: *caza, meza, fiserão (fizerão), faser, Velozo, Barroza.*

Escrevemos: *casa, mesa, fizérão,* etc.

3. *z* originário de *ç* não se distingue de *s* surdo: *naris, capus, assas, vos* (a par de *voz*), *Sus (Suz), Miquinés (Miquinez), Beles (Bélez), Mendes* (a par de *Mendez*), *Gomes* (a par de *Gomez), Martins, Mesquita.*

Escrevemos: *nariz, capuz, Suz, Mêndez, Mezquita,* etc.

4. *B* usa sempre de *ss* onde *A* usa de *s* singelo: *assim, fosse, passasse, soubesse.*

Escrevemos: *asi, fose, pasase, soubese.*

5. Casos particulares: *B* escreve ora *assim,* ora *assi,* mas mais vezes a forma nasal; *dipois* quási sempre, *despois* às vezes; *alviçaras* sempre; o plural dos nomes em *-al* é *-ais: oficiais, principais,* etc.; a terceira pessoa dos plurais dos verbos é sempre em *-ão: tinhão, vierão,* etc.; ora *meo, veo,* etc., ora *meio, veio,* etc.; falta muitas vezes o til (~): *homes, almocades; pera* quási sempre, raro *para; elle, pello, tambem,* sempre; *D. (Dom)* e *S. (São)* quási sempre; *Benagrofate, Benaros, Misseleo,* etc., quási sempre; *Diego* a par de *Diogo,* etc.

Escrevemos em conformidade com *A*.

6. *B* tem bastante pontuação, mas as mais das vezes inexacta. Muitas maiúsculas; em regra, estão assim escritos os nomes próprios.

Regularizamos o emprêgo duma e outras.

3. Códice N

É o n.º 940 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Dimensões: 294×210 (*in*-8.º). Papel. Letra do século XVIII. Tem 637 folhas, não numeradas, de 23 linhas cada página. Encadernação da época, de pasta coberta de pergaminho.

Título:

«Breve Tratado das couzas, que passarão em Africa do anno de 1508 para cá especialmente em Arzilla escritas por hum homem Africano, desejoso de se não perder a fama dos nobres feitos, e acontecimentos, que na villa de Arzilla se fizérão pellos Nobres Capitães Fidalgos, Almocadẽs, e em alguns dos outros lugares de Africa. Reformados despois, e composto por Bernardo Rodrigues Filho do Mestre Antonio em Arzilla no nnno de 1561, Neto de Fernão Rodrigues, que foi Adail em Arzilla, e cavaleiro da ordem de Christo, em que foi recebido em outubro de 1530.»

Dentro dêste códice encontramos a seguinte nota, que não está assinada:

«Breve tratado memorial das cousas que passarão em Africa do anno de 1508 para ca, especialm.te em Arzilla, feito por um homem Africano, etc. N. B. Tenho como original o exemplar que a B. possuia, o qual está muito deteriorado. A copia que pertenceu a D. F. de Mello, é identica no enunciado geral do titulo, e tem a mais 72 cap. A copia que se comprou ao Moreira é identica, diversificando apenas no titulo. Os 72 cap. que tanto uma como outra tem a mais, é que seram composição do sñr Bernardo Rodriguz» *(sic.)*.

O códice original, a que se refere o autor da nota, é o códice *L*, de que se fala a seguir. A cópia que pertenceu a D. F. de Mello é o códice de que estamos tratando, porque no verso duma das folhas da guarda, no canto superior da esquerda, está escrito a lápis o nome Mello; e a cópia que se comprou ao Moreira é o códice *B*, de que já fizemos menção.

Este códice parece uma cópia de *M*, de que havemos de falar; o título está muito próximo do dêle. *B* é mais correcto do que êle e *M;* nem um nem outro nos foram proveitosos.

O texto de *N* é bastante moderno: já escreve *humas, algumas, nenhumas*. Já tem alguma acentuação e bastante pontuação. A grafia é irregular ou incorrecta: *Lopes, Rodrigues*, *despois, deichar*, *pessa, couza, sincoenta;* — mas *ves* e *vezes, fes* e *fazèr, capitão* e

Joham, alvisseras e *alviceras, erão* e *deram;* em regra, *lhe* por *lhes.*

Estudamos êste códice antes de *M,* de que parece derivar, para pôrmos juntos os códices da Biblioteca Nacional, e por ser esta a ordem dos códices adoptada na indicação das variantes.

4. Códice L

É o n.º 295 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Dimensões: 195 × 140 (*in*-16.º). Papel. Letra muito regular do século XVI. Tem 454 folhas, numeradas, de 35 linhas, em média, cada página, mas as folhas 85, 86, 87, 350 e 351 estão em branco. Os capítulos só teem numeração no princípio de cada livro; só se pode determinar o número de capítulos do Livro terceiro: são 56. Encadernação da época, de pasta coberta de carneira, com fechos: estragada.

Título:

«hũu breue tratado memorial das cousas que pasarão em africa do ano de 1508 pera ca especialmente das cousas que acontecerão em arzilla feito per hũu homẽ africano desejoso de se não se perderem a fama dos nobres feitos e acontecimentos que na dita villa darzilla se fezerão pelos nobres capitãees fidalgos caualeiros almogaveres e outras pesoas e asy algũus dos outros lugares dafryca.»

Estão corroidas da tinta quási todas as folhas — e por isso ilegíveis — dos Livros primeiro e segundo; mas o fim dêste e todo o terceiro estão intactos. Compreende, de facto, apenas três livros, cujo conteùdo consta da seguinte taboada que precede o texto:

O texto de *L* é, em regra, muito correcto e serviu muitas vezes para aclarar ou corrigir *A,* como já dissemos e se pode ver nas

notas. As observações que fizemos no estudo do texto de *A* são inteiramente aplicáveis a êste códice.

5. Códice M

É o n.º 32 da Misericórdia de Lisboa. Dimensões: 270 × 200 (*in*-8.º). Papel. Letra do século XVII, regular; as 8 folhas finais são de punho diferente. A folha da guarda do começo, bem como as três do fim, estão cheias de notas de várias mãos, uma das quais muito irregular, a mais freqüente, e não dizem respeito ao códice, com excepção duma, que é de frei Luís de Sousa. No texto, à margem, há algumas notas, curtas, de mãos diferentes. Há tambêm em todo o texto muitas linhas sublinhadas. Tem 360 folhas, não numeradas, de 30 a 38 linhas cada página. Encadernação da época, de pasta coberta de couro lavrado a ferro.

O título nesta cópia é êste:

«Hum breve tratado memorial das couzas que passarão em afriqua do anno 1508 pera qua espicialmente das couzas que acontecerão em Arzilla f.to por hum homẽ africano dezeiozo de não se perder a fama dos nobres feitos e acontecimentos q̃ na uilla se fizerão pelos nobres capitais fidalgos caualeiros almoquadẽs em algũs dos outros lugares de afriqua.»

Esta cópia pertence à mesma família de *B N L*, mas é muito mais extensa e muito mais incorrecta tambêm do que êste último. A crítica que fizemos de *B*, e principalmente de *N*, é-lhe aplicável. Tem como êles quatro livros.

Entre as notas da folha da guarda há uma que nos diz o nome dum dos seus donos no princípio do século XVII: «Do sñr dom Luis Lobo da silveyra». E logo a seguir, abaixo, est'outra: «Veo a minha mão em 16 de Maio 627. fr. Luis de Sousa».

A letra é, de facto, a do autor dos *Annaes de D. João III*, como se vê da comparação dela com a do *fac-simile* que vem naquela crónica. [Veja-se Henrique Lopes de Mendonça, *Boletim da segunda classe da Academia das Sciências de Lisboa*, vol. VI (1912), p. 218-222. Ao sr. Lopes de Mendonça se deve a iniciativa da publicação dos *Anais*]. Foi, efectivamente, no anno de 1627 que êle foi encarregado de escrever os *Annaes*.

Que o famoso dominicano teve êste códice entre mãos sabêmo-lo igualmente pelos apontamentos do autor, que o editor dos *Annaes*, A. Herculano, deu no prólogo da obra, p. x e xi. Assim estes que transcrevemos:

«Mandou-me logo Dom Luys Lobo hum livro de mão das cousas d'Africa, encadernado em pasta». — «Tornei-lho logo, porque tem outro tal Alvaro Pires de Tavora». — «O livro de mão de Dom Luiz Lobo, das cousas de Africa, me não serve mais que desdo mêo em diante, que he do capitolo 69 em diante, sendo inda Capitão o Conde de Borba em Arzilla, e Dom Anrique de Meneses em Tangere.»

Efectivamente, o capítulo 69 (78 na nossa edição) é o primeiro que narra acontecimentos sucedidos no reinado de D. João III, isto é, de 1521 em diante; mas é menos verdade que fôsse ainda o conde de Borba capitão de Arzila, porque o era desde janeiro de 1514 seu filho, D. João Coutinho, conde do Redondo Veja-se a p. 94.

6. Códice P

É o n.º 268 da Biblioteca Municipal do Pôrto [*Catalogo da Bibliotheca Municipal do Porto*, manuscritos, 3.º fascículo, p. 155]. Dimensões: 218 × 150 (*in*-16.º) Papel. Duas letras diferentes, regulares, modernas. Tem 400 folhas, mas numeradas só 126; mais 2 folhas em branco. Dos capítulos só alguns teem numeração. Em regra, a ortografia está modernizada e é muitas vezes incorrecta. Muitas lacunas no texto, indicadas com pontos. É o mais incompleto de todos os códices: termina no capítulo 35 do Livro segundo. Meia encadernação.

Título na lombada:

«Livro das couzas e feitos de Arzila.»

Título no fol. 1:

«Hum breve tratado memorial das couzas que passarão em Africa do anno de 2508 pera ca espicialmente das couzas q̃ acontecerão em Arzila feito por hum home Africanno dezejozo de não se perderem a fama dos nobres feitos e aconteeimentos que na dita villa de Arzilla se fizerão pellos nobres capitães Fidalgos Cavaleiros Almogaveres e outras pessoas e asy em alguns dos outros lugares d'Africa.»

Este título é, pois, igual ao de *L* e *M;* e as lacunas do texto fazem crer que seja cópia de *L*, por estar muito estragado.

III

Os «Anais de Arzila» na história e na novela

1. Os «Anais» fonte histórica de Damião de Goes e de frei Luís de Sousa

Dois grandes cronistas portugueses conheceram e aproveitaram os *Anais:* foram êles Damião de Goes na sua *Chronica de D. Manuel* e frei Luís de Sousa nos *Annaes de D. João III.*

a. — Goes parece ter tido conhecimento dos *Anais* só depois de compostas as três primeiras partes da sua *Crónica,* porque nelas — própriamente a segunda e a terceira — não encontramos elementos que estabeleçam parentesco, apesar da concordância geral das suas narrativas; mas foram certamente sua fonte para a Parte quarta. De facto, todos os capítulos dela, dedicados a Arzila, podem ser identificados com outros dos *Anais.* Em regra, Goes resume: assim o capítulo 5 de Goes resume os capitulos 9, 23, 24, 25 e 28; o capítulo 8 os dos 37 e 38; o capítulo 29 o do 49; o capítulo 42 os dos 56 e 57; o capítulo 49 o do 69; o capítulo 50 o do 73. Nestes capítulos a concordância entre os dois autores só prova que Goes bebeu a boa fonte; mas noutros capítulos não ha apenas resumo, neles a cópia é flagrante. Prova-o bem o confronto dos capítulos seguintes de Goes e dos *Anais:* parte do 5, correspondente a parte do 23 dos *Anais;* 47 correspondente ao 64; 49 correspondente ao 69.

1. Sabendo que el-rei de Fez vinha cercar Arzila, no ano de 1508, o conde D. João repartiu as estâncias da vila pelo modo seguínte:

«Ho miradouro, q̃ he da porta da ribeira atte ho baluarte da perna daranha,	«O Miradouro, que se estende da porta da Ribeira até o baluarte de Perna d'Ara-

encomẽdou a Fernão caldeira cõ çẽ homẽs, entre hos quaes erão pedrafonso homẽ, seus irmãos, Ioão fernãdez torres, fernão meirinho, Gaspar caldeira, & Antão Roiz. Do baluarte da praia encarregou Ioãnaluẽz almoxerife da villa cõ oitẽta homẽs, do de sctã Cruz Steuã coelho alcaide mór cõ outra gẽte, ha torre do sino tomou pera sim cõ hos moradores q̃ lhe parecerã neçessarios, & algũs frõteiros de sobre salẽte, ho baluarte da porta da villa deu a Pero lopez dazeuedo seu parẽte morador na villa cõ çẽ homẽs, ho baluarte de Antonio dafonseca encomẽdou aho mesmo Antonio dafonseca cõtador da villa cõ oitẽta homẽs, do baluarte do tãbalalã deu ha guarda a Antonio de brito que tinha sua molher dõna beatriz em Arzilla, a quẽ alem dos seus por se por aquella parte sperar ho cõbate deu çem homẽs, ho baluarte da couraça em q̃ se speraua ha mór força do cõbatte deu a Rui diaz de sousa çide dalcunha, q̃ staua seruindo hũa comẽda ẽ arzilla, & tinha ahi sua molher dõna brãca coutinha, ho qual foi depois capitão Dalcaçer çeguer onde ho hos mouros matarão, aquem alẽ dos que tinha seus familiares deu çento, & vinte homẽs, das duas torrinhas antiguas q̃ stauã entre estes dous baluartes, & ha couraça deu o cargo a pero godinho cõ vinte homẽs, doutras duas torrinhas q̃ stauam entre ha couraça, & ho baluarte de sam Françisco deu ho cargo a Andre leonardez juiz da villa cõ vinte homẽs, & do baluarte de sam Françisco ou dos frades que era entre ha couraça, & ho miradouro deu cargo a Diogo botelho cõ setẽta homẽs.» [*Chronica DelRei Dom Emanuel, Quarta parte, fol. 5 v. — 6 r. (cap. 5). Ed. de 1566*].

nha, encomendou e deu o cargo de o guardar a Fernão Caldeira, morador muito honrado e principal de que já ei feito menção, e farei em muitas partes desta istoria, ao qual deu cem homens, asi cavaleiros como moradores de pé, e com ele era Pedro Afonso Homem e seus irmãos e outros vezinhos do terreiro, como João Fernândez Torres, Fernão Meirinho, Gaspar Caldeira, Antão Rodríguez e outros; do baluarte da Praia deu o cargo a João Álvarez d'Oliveira, recebedor e almoxarife, que nele vevia nas casas do Albacar, com oitenta homens; o baluarte de Santa Cruz deu ao alcaide-mór, Estêvão Coelho, com outros oitenta homens, mandando-lhe e rogando-lhe socorressem uns aos outros, por estarem juntos; a torre do Sino tomou pera si, com os fidalgos que com ele avião de ser sobresalentes; o baluarte da porta da Vila encomendou a Pero López d'Azevedo, seu parente e morador muito principal da vila, ao qual deu cem cavaleiros e moradores de cavalo e de pé; o baluarte de Antonio da Fonseca encomendou a ele mesmo Antonio da Fonseca, pesoa muito honrada e contador da vila, a que deu oitenta homens, todos moradores; o baluarte do Tambalalão encomendou e deu a guarda dele a Antonio de Brito, que em Arzila vevia casado com sua molher Dona Breatiz: e por ser baluarte de muita importancia e por ele se esperar a bataria, por ser por ele a vila entrada, quando a saqueárão... todavia mandou que o guardasem cem homens, moradores de pé e de cavalo, e asi os seus; o baluarte da Couraça, por ser algum tanto mais fraco, e o pano do muro ser comprido e largo até o Tambalalão, e se esperar a força da bataria nele, como cousa mais riscosa e perigosa, deu ao Cide Rui Díaz de Sousa, que em Arzila em aquele tempo vevia, servindo ũa comenda com sua molher dona Branca Coutinha... com cento ou cento e vinte homens, e mais os de sua casa... e por aver neste tempo antre estes dous baluartes da Couraça e Tambalalão duas torrinhas antigas, do tempo de mouros, as deu em guarda a Pero Godinho... com quinze ou vinte homens; outras duas torrinhas, que antre a Couraça e o baluarte dos Frades, ou por milhor dizer de São



MURALHA DE ARZILA LADO DE TERRA

Francisco, estão, deu cargo delas a André Lionárdez, juiz da vila e criado do conde seu pai [com dezoito ou vinte homens]; o baluarte dos Frades, por ser estancia principal, antre a Couraça e o Miradouro, fez capitão dele a Diogo Botelho... com cincoenta ou sesenta homens. [*Anais de Arzila*, p. 182-3.]

2. «Moraua em Arzilla hum Dioguo pĩz que seruia de porteiro dos contos, homẽ muito doente de tisica, pera ho remedio da qual infirmidade lhe mandauam hos fisicos que comesse cagados, & por lhe entam faltar aquella viãda, & elle ser muito bem quisto, algũs dos moradores se offereceram a lhos irem buscar se lhes ho capitão pera isso desse liçença, ho que elle fez de boa vontade, de maneira que se ajuntaram vinte de cauallo dos moradores, hos quaes Hamelix almocadem, que staua por atalaia no pontal, dõde se descobre ha praia, vio sair pela porta da ribeira, & caminhar atté ho Tojal, fazendo dalli rosto pera ho rio doçe sem hos mais poder ver, pelo que, pareçendolhe q̃ eram almograues que iham entrar, foi dar disso ha noua a elRei, que muito aluoroçado lhe mandou logo que com duzentos de cauallo lhe tomasse ho rio doçe, & aho longo delle ho porto de Halemoquique, & cõ outros duzentos de cauallo mandou Martinho helche, tio de Molei abrahem, irmão de sua mãi, que fosse pola varzia sair aho valle de George vieira, pera que tomasse estes almograues no meo: Hamelix veo per encubertas atte ho tojalinho, & não hos vendo encaminhou pera ho rio doçe, ho q̃ não pode fazer sem ho verem da villa, aho que se loguo deu repique. Neste tempo andauam hos nossos, por fazer grãde calma, todos nus nadando, & pescando ahos cagados, & outro peixe, & era tamanha ha grita, & matinada que faziam, por lhes a pesca socçeder bem, que ha ouuio Hamelix». [*Ibid.*, fol. 61 v. — 62 r. (cap. 47).]

«Aconteceo asi que estando doente Diogo Pírez, porteiro dos contos, da enfermidade comprida de tisica ou etego, e dizerem poder-lhe fazer beneficio com carne dos cagados ou tartarugas, como ele era natural da terra e bemquisto, logo se pusérão a cavalo dez ou doze amigos seus e, tomando ũa rede de pé, fôrão-se ao Rio Doce a pescar e tomar os cagados; e, por fazer levante e o mar muito bonança ser, com alvoroço de pescarem na praia aos linguados se pusérão mais de vinte a cavalo e, indo-se ao Rio Doce, começárão a lançar sua rede; e, não se contentando com a pescaria que íão fazer, tirando as selas aos cavalos, se metêrão todos na agoa a nadar e lavar os cavalos, pola grande calma que aquela tarde fazia; e, andando todos na agoa com grande alvoroço e grita, aconteceo asi que a jente d'el-rei estava já em Alfandequim, não pera correrem aquele dia, que bem sabíão que ao domingo não avia a que correr; e como d'Alfandequim parece toda a praia e a porta da Ribeira, Amelix, almocadem, que por atalaia estava no Pontal, vio sair pola porta da Ribeira os vinte de cavalo e, contados, esteve até os ver sobacar com o Tojal e meter no Rio Doce, donde já os não podia ver; e, parecendo-lhe que érão almogavares que íão entrar, com muita alegria o foi dizer a el-rei, como vinte de cavalo íão entrar, e alvoroçado o arraial, el-rei deu logo cargo ao Amelix que com dozentos de cavalo lhe tomase o Rio Doce e ao longo dele o porto d'Alemoquique, e mandou outros dozentos de cavalo que, com Martinho elche e tio de Mulei Abrahem, pola varzia fose sair ao vale de Jorje Vieira, pera que uns da ũa parte e outros da outra os tomasem no meio; e, com esta ordem, o Amelix veio por encubertas até o Tojalinho aver vista

do caminho que levávão e, não tendo vista deles, se chegou tanto, parecendo-lhe que íão ao longo do Rio Doce, que ouvírão a grita e matinada que no rio trazíão e, correndo ás cegas, viérão ter sobre o Rio Doce, os quais logo fôrão vistos da vila e dado rebate começárão a repicar». [*Anais*, p. 291-292].

3. «Stando Dom Pedro mascarenhas em Arzilla detreminou dom Ioam coutinho seu cunhado, por lho elle pedir de fazer hũa entrada atte allẽ da serra de Benamares, pera ho que mandou espiar ha terra pelo almocadem Antonio coutinho, com pareçer do qual, & dos almocadẽs Artur roiz, & Pero de meneses detreminou de correr atte ho campo de Benehamede, fiquer, mẽçara, & alinaçar, ho que assentado saio Darzilla leuando consigo seus cunhados dom Pedro mascarenhas, & dom Emanuel mascarenhas, com ha companhia que lhe pareceo neçessaria pera ho negoçio a que iha, ho qual caminhando em sua ordem acustumada foi amanhecer aho pé da serra, em que não quis entrar senão sol saido, atravessandoha com muita difficuldade, pela aspereza da terra, & ho aruoredo ser tam basto que cobria hos corregos, de maneira q̃ lhe foi neçessario fazello cortar com has spadas, pera assi poderẽ passar adiãte. Com este trabalho, & com hos caminhos serem tam streitos, & perigosos q̃ pela mór parte da serra forão constrangidos leuar hos cauallos pela redea, chegaram aho mais alto della, no que gastarã ha mor parte do dia, do cume da qual vendo todos q̃ andaua muita gẽte da terra espalhada pelo campo sem sospeita de la poderem chegar christãos, foi tanta a alegria que lhes pareceo que tinham já tudo acabado, ho que vendo dom Pedro mascarenhas dixe a dom Ioam, senhor pareçeme isto quomo quẽ corre tormenta, que quando vé terra se alegra, stando mais perto do periguo do q̃ ho faz no alto, dõ Ioão lhe respõdeo, pois sabei de çerto q̃ estamos ẽ terra q̃ se foramos sentidos, que çem vilãos de pé nos desbaratarão, mas já q̃ Deos nos trouxe aqui não ha que temer». [*Ibid.*, fol. 64 r. (cap. 49)].

«E como [o conde] soube certo que el-rei era em Féz e os alcaides em suas casas, e por levar a Dom Pedro Mazcarenhas, seu cunhado, fora, que em Arzila estava a este tempo com as galés, mandou dar ás trombetas e se pôs a cavalo; e, posto que o ardil a que ia era de Antonio Coutinho, que era travesarem a serra de Benamares e sairem ao campo de Mençara e Fiquer, todavia, deu conta a Artur Rodríguez, dizendo-lhe a vontade que levava de travesar a serra, se se estrevia a levá-los sem serem sentidos, ao que ele se ofereceo, e, logo dando conta a Pero de Meneses e Antonio Coutinho, asentárão todos tres almocadens de intentarem este ardil, que era pera degolarem todo o campo de Benahamede e Fiquer e Mençara e Alinaçar; e com esta detriminação saírão da vila e, fazendo seus ordenados e costumados pousos e folgas, fôrão amanhecer junto da serra, e não quisérão entrar nela senão já sol saido... e fazendo em muitos lugares caminho á espada, levando os cavalos pola redea, primeiro que ouvesem vista da outra parte, gastárão a mór parte do dia com muito trabalho dos almocadens e dos que ás espadas íão fazendo caminho...; mas todo este trabalho lançárão fora tanto que vírão o campo da outra parte andar largo e seguro... o contentamento foi tão grande em todos que Dom Pedro Mazcarenhas, que espantado ia do trabalho pasado, se rio contra o conde, dizendo-lhe: «Parece-me que esta jente se alegra como quem corre tormenta no mar, que dizendo: «Parece terra!», donde mais certo está o perigo se alégrão: não ha cavalo que tenha ferradura, nem homem que se posa bulir, e já se alégrão com dizer que vem mouros; se os vós tomais com este trabalho, digo-vos que os não quero, nem cobiço vosa capitania». O conde lhe res-

pondeo : «Senhor cunhado, bem tendes ouvido que a barba molhada toma a enxuta na cama; ũa cousa vos faço saber, que pasamos por terra e estamos em parte que, se foramos sentidos, cem vilãos de pé nos desbaratárão, e pois Deos nos chegou a este lugar, sem averem sentimento de nós, não ha que temer». [*Anais*, p. 305-6].

Goes deve ter-se servido dos códices *A* ou *L*, porque ambos são da época em que escrevia o cronista de D. Manoel; ou então duma cópia deles, desconhecida, ou de outra de que aqueles foram cópia. Só os citados códices teem o capítulo 64, da pesca dos cágados, que foi como vimos a fonte do capítulo 47 de Goes. É, poís, possível que uma das duas cópias tivesse estado entre as mãos dele. [Êste assunto foi objecto duma comunicação nossa à 2.ª classe da Academia das Sciências, na sessão de 26 de dezembro de 1913. Veja-se o *Boletim da segunda classe*, vol. VIII, p. 20].

b. — Já vimos precedentemente, na p. XXIX, que o códice da Misericórdia esteve em poder de fr. Luís de Sousa. Vamos agora mostrar que os *Anais* foram a fonte principal, senão única, do grande escritor nas notícias que dá de Arzila em tempo de el-rei D. João III. São 19 os capítulos dos *Annaes de D. João III* sôbre Arzila e todos foram tirados dos *Anais* de Bernardo Rodrigues, incontestavelmente; numa e noutra obra as narrativas são inteiramente concordes: são os capítulos das pp. 58-63; 115-119; 139-149; 184-192; 209-217; 237-244; 263-270; 289-296. Faltam nos *Annaes* 9 capítulos do Livro II e os últimos do Livro V; sem isso êsses capítulos de Arzila seriam talvez mais numerosos.

Os *Annaes* vão até 1542, mas não há depois de 1535 mais notícias neles àcêrca de Arzila: faltou ao autor a crónica de Bernardo Rodrigues, que, como se sabe, termina no ano de 1535.

Das outras praças de Marrocos os capítulos dos *Annaes* são em número reduzido, e as mais das vezes as suas notícias são intercaladas nos capítulos de Arzila. Por isso diz fr. Luís de Sousa, na p. 139: «Da guerra de Tangere não houve escritores, como da de Arzila», e serve-se, em regra, de documentos, raros, existentes na Torre do Tombo. Com mais razão de outras praças, de so-

menos importância. É por isso que Arzila evoca na nossa memória mais feitos de guerra, porque dela falam mais os cronistas, e é assim porque há dela mais certa e abundante informação, mercê do livro de Bernardo Rodrigues. Na *Advertencia preliminar* aos *Annaes,* p. XX e XXI, Herculano notou êsse facto, mas explicou-o, em nosso entender, inexactamente. «Onde se encontra geralmente verdadeiro apego do escriptor á materia de que trata é em tudo o que respeita á nossa historia d'Africa... Descobre-se no historiador uma certa complacência em narrar os successos daquelas partes, e em descrever miudamente os sitios dos recontros e correrias. Lembram-nos sempre com triste saudade o logar e tempo onde passámos dias de mocidade, embora esses dias fossem esquivos e trabalhados». A verdadeira razão, porêm, parece ser a que indicamos acima.

Como dissemos, fr. Luís de Sousa tirou dos *Anais de Arzila* todas as informações que deu na sua obra àcêrca de Arzila. Seria fácil tarefa mostrá-lo passo a passo; para abreviar damos apenas êste, que é bem probante:

«Passado este caso que o Conde muyto sintio, quiz Muley Abrahem ver-se com o Conde... e sahio do arrayal com mil de cavallo e a sua bandeyra de xixuão vermelha e outras duas, e tanto que foy onde chamão os Mastos, mandou que parassem, e só com seis de cavallo se foy pera o Conde que o esperava na praya com sua gente posta em ala. Vinha o mouro vestido em hum pelotão de veludo pardo, cingido hum cinto mourisco largo, e hum rico treçado em tiracolo, sem mais armas que huma lança e adarga, que lhe levava diante hum lacayo, que acompanhavão alguns outros com mandis e cabrestos de destro. Disse-se que vinha entre os seis o filho delRey, disfarçado, e os mais erão hum hirmão de Abrahem e hum primo e outros principais. O Conde se apartou com outros seis companheyros; elle todo armado em hum arnês, salvo a cabeça que cubria com huma gorra, e nella huma pruma: os seus com suas couraças e adargas. Juntos com suas cortezias, caminharão ambos pera o Adro, onde andarão passeando hum

«Posto que o conde foi triste por não poder ser bom, nem remedear a vida a João Vaz, fôrão tantos os recados e visitações antre o conde e Mulei Abrahem que dérão causa que ouvese vistas antre ambos; e a sesta feira, que foi bespera de São João, sobre a tarde, se veio Mulei Abrahem pola praia, acompanhado de mais de mil de cavalo em tres batalhas e tres bandeiras, a sua de Xexuão e Tetuão e de Targa, em que vínhão os seus e outros muitos dos d'el-rei, e em boa ordem viérão até os Mastos, onde Mulei Abrahem os leixou, e sómente com seis de cavalo deu a andar ao longo do valo, mandando por Gonçalo da Fonseca dizer ao conde quem era. O conde, que com todos nós outros estava em ala na praia, tanto que teve o recado, se apartou com outros seis de cavalo, em que entrava Fernão da Silva, Fernão Caldeira, Pero López, escrivão do almoxarifado, e João Díaz, seu criado, e outro, e se foi encontrar com Mulei Abrahem á ponta do valo de João Tavares, onde se recebêrão com muita cortesia, posto que os trajes fôrão diferen-

espaço, acudindo toda a gente do mouro a ver os dous Capitães juntos: e era bem de ver o Conde, porque em seu tempo não ouve homem mais gentilhomem armado e a cavallo. Vierão-se logo a elles seis pagens da Condessa com pratos e confeiteyras de doces e agoa: foy Abrahem tão bom cortezão que comeo e partio com os companheyros, e o que sobeijou lançou em sua bajoceta e nas dos companheyros, e querendo beber saltou do cavallo em terra e poz a talha na boca, e assi se satisfez. E logo lançou mão na algibeira, e deu valia de sinco cruzados a cada hum dos pagens». [*Annaes de D. João III*, p. 117-118.]

tes, porque o conde ia armado de armas brancas e na cabeça ũa gorra, em que levava um fermoso penacho, mostrando ir de paz em tempo de guerra, e ia em cima de Valera, que o mais fermoso jinete de noso tempo foi, e os nosos de couraças e adargas. Muito diferente disto vinha Mulei Abrahem e os que vínhão em sua companhia, porque nenhum deles trazia armas. Mulei Abrahem trazia um pelote de veludo pardo e um barrete vermelho de grã na cabeça e um cinto mourisco asaz largo e na cinta um rico treçado, bem guarnecido de prata branca, e da parte dereita um rico teli com grandes borlas de seda verde e parda... Disérão que antre eles vinha o filho d'el-rei, desconhecido; os outros érão cide Abeala Celem, seu irmão, e cide Alele, seu primo, o outro Buale, enteado de Almenderim, pesoas principais e parentes, e juntos se viérão paseando ao meio do adro, onde o conde e Mulei Abrahem se apartárão e ambos andárão paseando. A este tempo acodio a os ver toda a mais jente do arraial sobre a Pontinha e sobre a fonte de Alvaro Graviel... Tãobem neste tempo saírão da vila seis pajes com toalhas aos hombros e caixas de conservas e cousas d'açuquere e ũa talha d'agoa fria e, chegando onde eles estávão, se pusérão diante de Mulei Abrahem, dizendo que a senhora condesa, vendo que fazia calma, mandava aquela fruita pera que sobre ela bebese agoa. Mulei Abrahem dise que beijava as mãos da senhora condesa e que não era lugar de perder tempo, nem deixar de tomar o que mandava, e, fazendo chegar os pajes, vio e comeo de tudo, ele e seus companheiros, e, depois que comeo e deu, encheo a barjuleta e asi o que ficou lançou nas dos companheiros; e pera beber saltou a pé e pola talhinha bebeo um golpe d'agoa, e mandou aos pajes desem de beber aos outros por um pucaro de prata que levávão. Isto feito, tornou-se a poer a cavalo e, metendo a mão na aljabeira, deu a cada um dos pajes cinco cruzados». [*Anais*, p. 467-8.]

O códice *M*, de que se serviu fr. Luís de Sousa, é bastante imperfeito, como dissemos, sobretudo na escrita dos nomes pró-

prios de logar; os códices *A L* permitem emendar mais dum dêsses nomes nos *Annaes de D. João III.* Damos alguns exemplos:

— p. 142: Lengano (?): é Bugano.

— p. 143: «Ajuntou-se ficar escandalizado do Conde o Alcayde de Alcacere por represa que lhe fez em huma cafila até se pagar (?) de certas dividas». *Pagar* está bem.

— p. 185: Pallugal: é Palhegal.

— p. 187: «Logo matarão João Dias do Conde Alcayde-mór de Arzila»: João Dias, do conde, alcayde-mór. Uma nota do editor diz que parece faltar a palavra *criado* (do conde), ou outra semelhante. Sim, mas é freqüente êste modo de dizer nos *Anais* e no original está assim [Livro terceiro, capítulo 12].

— p. 213: Toral: é Tojal.

— p. 216: Almofar: é Alfomar.

— p. 266: ribeira de Rio de Moynhos: é ribeira de Redemoinhos. P. 216 está bem.

— p. 270: aldea de Gurí: é aldea d'Agoní.

— p. 291: missilco (?): assim em *M*, erradamente, por Missileo, em *A L* sempre Mijileo, nome de lugar.

Finalmente, usa de formas que só se encontram em *M*: Alecacapo, Benagofrate, Benamarés, Capanés, Jassem, onde *A L* escrevem: Alecaçapo, Benagorfate, Benamares, Capanes, Jazem.

c. — Houve um outro escritor português que conheceu e utilizou os *Anais:* foi Alvaro Pires de Tavora na sua *Historia de varões illustres do appellido Tavora.* De facto, ahi se diz que Alvaro Pires de Tavora foi morto em 1526, «como se lê na chronica de Arzila do governo do capitam Antonio da Silveira» [p. 13]. Êle serviu-se do códice *M,* porque nos respectivos capítulos, em que se fala de Alvaro Pires de Távora, isto é os capítulos 9 a 12 do Livro terceiro [na nossa edição 11 a 14], os passos que a êle se referem estão sublinhados e à margem marcados com um *T,* ou *Tau.^ra^* e *morte de Alu.^o^ Pires de Tau.^ra^* Não ha mais que esta referência aos *Anais.*

d. — Jeronimo Osorio, *Da vida e feitos de D. Manuel* e Francisco de Andrada, *Chronica de D. João III* não conheceram os *Anais.* Osório serviu-se de Goes como fonte para as notícias de Arzila e outras praças africanas. Andrada deixou Arzila no olvido durante quási todo o reinado de D. João III. O primeiro capítulo que tem sôbre a vila é o capítulo 96 da Parte terceira: entrada do capitão de Arzila D. Manuel Mazcarenhas em terra

de mouros *no anno de 1544*. Durante, pois, 23 anos Arzila não parece terra portuguesa. O contraste é flagrante entre êle e fr. Luís de Sousa. Ele queixa-se no mesmo capítulo de que alguns dos capitães das praças de Africa não punham nas suas informações oficiais os nomes dos indivíduos que tomavam parte nos feitos narrados por êles.

2. Os «Anais» na novela

Finalmente, o sr. Lopes de Mendonça foi buscar aos *Anais* matéria de conto. Essa matéria foi tirada dos capítulos 3 e 26 do Livro primeiro e 74 do Livro segundo e 64 do mesmo, e publicada no *Commercio do Porto,* em folhetins dos números de 6 de novembro de 1913: *A bésteira;* de 20 do mesmo mês: *O ferreiro de Arzila;* de 4 de dezembro do dito anno: *O endemoninhado;* — e no *Seculo* do Natal de 1898, p. 23-28: *A pesca dos kágados*, mas através do capítulo 47 da Parte quarta da crónica de Goes, o qual, como vimos, o tirou dos *Anais:* com ilustrações (três) de Columbano.

Na pena do eminente artista, as narrativas chãs de Bernardo Rodrigues revestem uma forma muito mais bela e rica e as personagens revivem mais intensamente.



Da importância dos *Anais de Arzila,* como fonte histórica, havemos de falar no volume segundo, depois de impresso todo o texto de Bernardo Rodrigues.

Damos, intercalados na *Introdução,* um mapa do campo de Arzila e regiões limítrofes e sete gravuras, ou sejam um sêlo de Arzila e cinco vistas do estado atual das muralhas portuguesas da vila e o *fac-simile* duma página do códice da Academia das Sciencias.

Escolhemos o mapa do sr. Larras por ser muito claro e de

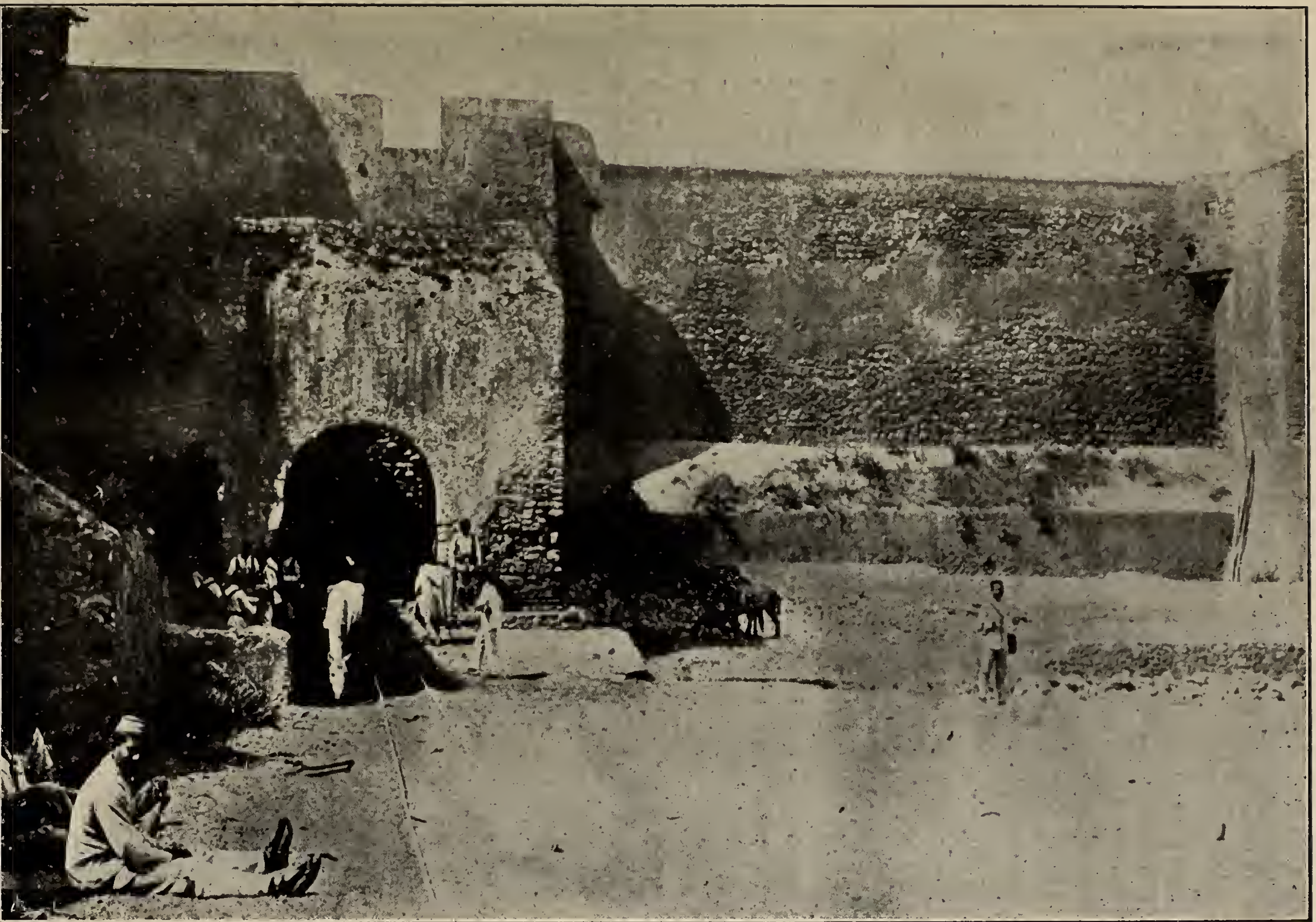
dimensões apropriadas ao formato desta obra. Os mapas do *Service géographique de l'armée em 1906* (escala de 1:500 000), ou os do corpo do estado maior espanhol (escala de 1:100 000), pela sua escala e dimènsões, não se prestavam tanto a isso.

Quiseramos antes dar um mapa próprio com os nomes geográficos aportuguesados e os dos *Anais* identificados, mas não nos foi isso possível. Fôra necessário visitar os lugares e ouvir os moradores deles; e, ainda que essa visita está no plano do editor, até hoje ainda a não pôde fazer por vários motivos, um dos quais tem sido o estado de guerra em que, mais ou menos, se tem encontrado aquela região.

Adiante damos o índice das ilustrações, após o índice dos capítulos dêste volume.

De como foi feita esta edição dissemos de p. XIX a p. XXIII.

DAVID LOPES.



PORTA DA RIBEIRA NA MURALHA DE ARZILA [XL]

ÍNDICE DE MATÉRIAS

Damos entre parênteses quadrados os anos dos *Anais de Arzila* na ordem cronológica.

INTRODUÇÃO

LIVRO PRIMEIRO

Da capitania do conde de Borba

APENDICE

LIVRO SEGUNDO

Da primeira capitania de Dom João Coutinho, conde do Redondo

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

CORRIGENDA

Apesar de todo o nosso cuidado, algumas incorrecções de escrita ocorrem neste volume. Como vai ver-se, todas são fáceis de emendar; muitas são devidas à regularização ortográfica que fizemos. São mais numerosas no princípio.

A primeira forma é a errada e a segunda a exacta; o primeiro algarismo indica a página e o segundo a linha respectiva.

Corrija-se pois:

nosso	3–14	: noso
nossa	4–8	: nosa
quaes	5–17	: quais
Luís	5–8 (etc.)	: Luis
quís	6–15 (etc.)	: quis
béstaria	11–27	: bèstaria
necessidade	23–27	: necesidade
qve	27–19	: que
béstas	33–32	: bestas
arrimado	47–15	: arrimada
cabo Branco	61–14	: Cabo Branco
rio Doce	63–5, 16, 28	: Rio Doce
marterisado	65–13	: marterizado
resão	73–12	: rezão
d'ahi	94–20	: dahi
d'outra(s)	96–1, 6	: doutra(s)
Ale Xarif	104–2	: Alexarif
era	118–2 das notas	: em
clama	118–4 das notas	: chama
Pero	132–16	: Pedro
nao	159–43	: não
trai	174–20	: tra-
Medeses	179–23	: Meneses
bèsta(s)	191 (192)–9, 31 (21)	: bésta(s)
obras	194–2 das notas	: Obras
bèsta	196 (201)–27 (40)	: bésta
tanta]	199–3 das notas	: tanta] *f.*
Toão	208–31	: João
contestabre	225–34	: condestabre
Gibaltar	227–8	: Jibaltar
regastou	231–18	: resgatou
Qebrado	233–9	: Quebrado

Alenacar	234–22	: Alenaçar
comnosco	265–24	: connosco
atalaias	278–32	: Atalaias
honra da	285–11	: honrada
pargráafo	287–1 das notas	: parágrafo
podese	290–16	: pudese
Luiz	299–12	: Luis
se	305–14	: seu
n Almadrava	319–37	: n-Almadrava
pes,	319–40	: pes-
cavalo-	319–41	: cavalo,
tomaio	323–27	: tornai-o
relegião	326–2	: relejião
fermasas	328–20	: fermosas
ficam	341–23	: fícão
do [1]	363–40	: do [4]
bargatim	369–15	: bargantim
deligência	382–15	: delijencia
Presende	401–2	: Presenda
Alcaceee	409–6	: Alcacere
Rondin	412–18	: Rondim

ANAIS DE ARZILA

Nem terão destas cousas conhecimento, E portanto me leuem
Em comta Ser tão larguo, tornamdo ameu preposito comtarey
como anoua darzila Ser perdida chegou a elRey dom manuel
E domde estaua E ho q fez

Capitulo cimquo de como elRey dom manuel
teue noua q arzila era perdida E o q fez

Já tenho dito como o comde de borba tanto q teue os mouros tomados
mandou hũ barco atamjere fazemdo Saber anoua q tinha a dom
João de meneges E dahy pasage acastela com amesma noua,
E tão bem q os nauios q no a Recife auia vemdo avilla em
trada com alguãs pesoas q puderão Recolherse fizerão aluela
E chegamdo a castela E ao alguarue omde erão toda a terra q
arzila era perdida, tamto q ho comfesor dacidade de tauila
teue aprimeira noua. ha fez Saber pola posta a elRei noso Sor
q em aquele tempo era em euora, tamto q elRey teue as cartas
E nouas q arzila era perdida Sem mais outro algum comselho
Se pos acaualo, E mandamdo q em lisboa E por toda parte Se
fizese gramde Socorro de nauios E jemte E loguo partisem a se
ajumtar em tauila domde os elle hya esperar, E tomamdo ho
caminho de tauila chegou a ella aos dez dias depois da villa
emtrada, E afirmão q aemtenção delRey era q Semdo a villa
perdida pasar E mostrar todo Seu poder atee a cobrar E por de
baixo de Sua coroa, Real E estado, E chegado a tauila teue
mais certa noua de como toda a jemte da villa era Recolhida
ao castelo E como dom João de meneses era dentro, casido mais
Socorro q jaa era partido do alguarue E de castela co q ElRey
ficou desaguastado pois ho comde não foy emtrado na furya
dos prymeiros dias ho não Seria temdo Socorro tanto e tão bom,
E por esta noua não deixou de mandar fazer prestes muytos
nauios jemte monições por todo ho Reino com jnteira vomtade
de pasar, E estamdo em tauila forão ter com ele todos os
mais Senhores deste Reino E os q Se não acharão na corte E
Sayrem com apesoa do Seu Rey E Sabendo que era ydo
caminho do alguarue todos acodião com a mais jemte E armas
q podião E mtre os quaes foy ho mestre de Santiaguo que
estamdo em Setuuel domde lhe tomou ho Rebate fazendo prestes
todos os nauios E jemte q depresa Se podião armar, Se ffoy
ajumtar com elRey em tauila, E stamdo portugual com esse

FAC-SIMILE DA FOL. 14 R. DO CODICE DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS [2]
— PÁG. 26 DESTA EDIÇÃO

LIVRO PRIMEIRO

Da capitania do conde de Borba[1]

CAPITULO I

Em que se contem a entenção de quem esta obra escreveo
[e a morte do xeque Omar][2]

Por ser cousa muito sabida a entrada e saco que os mouros fizérão em Arzila, no ano de mil e quinhentos e oito, e notorio aos que o vimos; e asi o abalo que neste reino fez a ida que el-rei Dom Manoel, que santa gloria aja, [fez][3] a Tavila, ao socorro da dita vila, o qual afírmão que a entenção d'el-rei era, que sendo tomada polos mouros, de não deixar de pasar até a tornar a cobrar e a poer debaixo de seu real estado e coroa, por ser ũa vila que tanta honra e contentamento dava a estes reinos de Portugal, e donde os fidalgos e cavaleiros tanto contentamento levávão em nela servirem a el-rei nosso senhor, e merecendo nela comendas e tenças; e por nosos pecados permitir[4] Deos que, por vontade d'el-rei, depois de custar tantos trabalhos e tantas mortes de condes, senhores e fidalgos, como custou, asi na tomada dela, como em setenta e oito anos que foi de cristãos, a viese a dar e entregar por sua vontade a um rei tirano e seu imigo, e levantado de menos de trinta anos a esta parte, em tempo que deu a entender a toda a mourama que, por essa crueza e tirania, Deos lhe dera os reinos de Suz e Marrocos e Féz, e os tirara aos reis mouros que antigamente as pesuíão, por suas maldades e pecados nefandos, pondo-os debaixo do poder doutro pior tirano, e que tãobem os cristãos lhe alargávão os lugares; especialmente a largada d'Arzila pôs espanto, não tão sómente a nós outros, mas tãobem os mouros ficárão espantados, e ainda oje o não crem.

Deixando a deixada d'Arzila, direi as mortes e dano e custo que a este reino, a juizo de muitos, sua deixada fez, especialmente as mortes

1. Livro primeiro. Da capitania do conde de Borba] *falta em todos os mss.* — 2. [e a morte do xeque Omar] *f. em todos os mss.* — 3. [fez] *f.* A. — 4. permitio B N, premiter L, permitir] pirmitir M.

dos capitães de Tanjere com tantos e tão honrados fidalgos e cavaleiros feitas polos alcaides d'Arzila; e asi os muitos homens e molheres viuvas e solteiras, que se perdêrão; e asi o azo que se deu aos turcos pasarem desta parte do Estreito com suas galés e galeotas, fustas e bargantins, com as quais armadas e vindas tanta opresão e custo dão a este reino, trazendo el-rei noso senhor galés e navios armados pera segurar sua costa e vasalos, e tendo sempre seus capitães e bandeiras de soldados em Cepta e Tanjere, os quais todos se escusávão com sómente Arzila ser nossa; e, porque não pareça que isto é falar á vontade, afirmo que não tendo os turcos e os mouros de Bélez e de Tetuão, desta parte do Estreito, outro porto donde se pudesem recolher e salvar de nosas armadas, sómente Larache, não ousavão pasar o Estreito; e pasando por quatro lugares que érão Cepta, Alcacere, Tanjere e Arzila de força avíão de ser vistos, e logo era avisada toda a costa de Andaluzia e do Algarve; e não fazendo os danos e presas que cuidávão fazer corríão muito risco de nosas armadas, e por esta causa não ousávão cometer o Estreito; e quando um só navio de remos entrava no rio de Larache o metíão nos esteiros e o púnhão em lugar donde sabido polo aviso que os capitães tínhão o púnhão em lugar donde d'Arzila lh'o não fosem queimar, e tãobem era visto das nosas atalaias, e não podíão sair do rio que o não visem da nosa Atalaia Alta; e saindo ao mar era visto doutras partes, e da vila era logo avisada toda a costa de Cáliz até o cabo de Sam Vicente, com um barquinho de quatro remos que os capitães, sendo noite, mandávão á outra banda de Castela; o que agora é polo contrairo, que pasando de noite por Cepta e Tanjere, como são no cabo d'Espartel, logo fícão encubertos, e em outra noite vem amanhecer ás Areas Gordas, da qual paragem dão o asalto donde querem, como parece pola tomada de Sam Miguel, que este ano pasado tomárão menos de meia legoa de Lepe, e pola galeaça de Dom Alvaro de Bação, que este verão tomárão á vista de Cáliz, o que tudo fizérão por pasarem o Estreito sem serem vistos, nem aver nova deles; e porque minha entenção não é outra senão que como se perdeo tão asinalada vila não se pércão tantos e tão asinalados feitos como nela se fizérão, especialmente polos ilustres capitães os condes de Borba e o do Redondo, seu filho, e asi por outros capitães que nela fôrão até o despejo dela, me porei a escrever algũa parte das cousas que em meu tempo pasárão e de que eu são[1] lembrado, começando da entrada e saco que os mouros nela fizérão na era de mil e quinhentos e oito anos, sendo capitão Dom Vasco Coutinho, conde de Borba, e como se salvárão no castelo, e o grande socorro com que foi socorrido, asi por ũa armada grosa que el-rei Dom Manoel, que santa gloria aja, tinha feita, como por outra d'el-rei Dom Fernando de Castela, com que veio ao socorro o conde

1. são] *forma arcaica* (<*sum*), *por* sou, *como é sabido.*

Navarro; e dahi irei, querendo Deos, correndo polas cousas de que for lembrado e de muitas em que me não achei de que tenho certa enformação, e oje em dia a tomo de Luís Valente, que já neste tempo servia, e se achou em as mais delas.

Muito bem conheço e sei que fora milhor estar calado e quieto, que não escrever feitos de tão ilustres capitães e tão honrados almocadens e cavaleiros, que ainda que em cada um dia escrevera o que nele pasava não soubera a ordem, nem o estilo que ouvera de levar, quanto mais o que ha pasado de cincoenta e dois anos a esta parte; mas comparando o tempo a um comprido caminho e os anos a jornadas dele, como quem conta: Parti de Lisboa pera Roma, e na primeira jornada me aconteceo tal e tal cousa, e asi polo conseguinte, na segunda e terceira, até o cabo; asi tomando os anos cada um diz o que nele aconteceo e os casos acontecidos dizem porque causa e como pasárão e os sucesos deles; e com confiança que tenho de contar verdade, direi algũa parte do que em meu tempo aconteceo, posto que primeiro que eu servise e andase no campo pasárão catorze anos, dos quaes, ainda que eu sejà lembrado dos anos e casos tomarei enformação de Luís Valente, que em tudo se achou, e asi doutras pesoas que me parecerem são mais antigas que eu. Tãobem tenho confiança que contando verdade, posto que algũas pesoas, que nos casos se achárão, quéirão contá-los por outra algũa ordem, todo ha de vir a um fim, quero dizer, que tudo será ũa cousa, porque um testemunho em que se áchão quatro ou cinco pesoas e preguntadas o que vírão cada um por si côntão por sua maneira, e todas vem a um caso e vem a dizer ũa cousa. E por estas e outras cousas, especialmente por ser mandado de pesoa a quem tenho obrigação, e que confia que tenha memoria das cousas que em meu tempo pasárão, me pús a escrever cousas tão esquecidas como estas estávão, começando do saco e entrada que os mouros fizérão em Arzila na era de mil e quinhentos e oito anos.

E porque já tenho dito adiante que este saco e entrada d'Arzila foi causa a armada que Dom João de Meneses levou a Azamor, parece-me rezão não ficar por contar a morte de xeque Omar, que tãobem se causou deste cerco e entrada e saco. Era morador da vila e pesoa honrada, e tinha tença d'el-rei noso senhor, sendo mouro; e por que milhor se entenda direi o que dele sei e porque se diz aquela palavra tão usada antre nós outros, que diz: «xeque Omar estar outra cousa». Este mouro, sendo pesoa principal e honrada, era xeque de ũas aldeas ou aduares; veio a ter deferença com o alcaide d'Alcacere Quebir, e mandando-o prender e roubar se vingou nos ministros desta execução, matando-os; e tomando seus cavalos e o milhor de sua casa se veio pera Arzila, donde avia muitos anos que vivia em sua lei de mouro, com ter casas suas e escravas mouras que o servíão, mostrando tais obras de si que era avido por um dos mais valentes homens daquele tempo. E por muitos serviços

que, vivendo em Arzila, tinha feito a el-rei noso senhor, tinha dele ũa grosa tença, e com suas escravas e casa vivia abastado. Era homem alvo e muito gordo; era tão solto a cavalo e tão ousado que, no tempo que viveo, nunca cristão pôs lança em mouro diante dele, e em todas as voltas e feitos ele era o dianteiro, polo qual era muito honrado e afamado de muito valente homem. Aconteceo que um Gonçalo Coelho, muito valente cavaleiro, fez ũa sorte muito de louvar, e falando nela diante do conde de Borba, em que o conde louvou o Gonçalo Coelho, o que xeque Omar não pode sofrer que não disese: «Verdade é que Gonçalo Coelho estar bom cavaleiro, mas xeque Omar estar outra cousa»: querendo dizer que donde ele estava não se podia dar louvor a outro algum cavaleiro. Pois já contei quem era, contarei sua morte, pois tãobem naceo deste cerco, que foi muito poucos dias antes dele. Adiante se verá como Dom João de Meneses foi com ũa grosa armada a Azamor, e sendo fora do rio e querendo vir na volta do Estreito o quís fazer saber ao conde de Borba, seu cunhado, que em Arzila estava por capitão, e mandando ũa caravela pescaresa diante com o recado, a qual, furando o levante que sempre tem seu asento na boca do Estreito, chegou a Arzila alguns dias antes que Dom João. Tendo o conde de Borba nova e recado da armada quís estar provido, especialmente da desposição da terra e donde el-rei de Féz estava, porque com a nova da armada não podia deixar de ter feito algum abalo, pera estar prestes ao socorro donde soubese que a armada era chegada, e mandou tomar ũa lingoa por cinco de cavalo, os quatro mouriscos e um cristão; os dous deles, chamados Vasco da Silva e Manoel Coutinho, concertados matárão aos outros dous mouriscos, e levárão cativo ao cristão.

Sabido por el-rei de Féz a nova, como tivese muita jente junta, logo correo Arzila pola parte do Rio Doce, e entrando a jente pola praia se mesturou com o conde, da qual mestura ficárão antre os nosos cinco mouros, os quaes logo fôrão descabeçados polos rapazes e trazidas suas cabeças á vila; e não contentes com isto, sendo el-rei recolhido ao Rio Doce, os levárão arrastrando ao outeiro de Fernão da Silva, e apanhando cardos e tojos os queimárão em presença d'el-rei de Féz, que da outra parte estava, não sendo o rio mais largo que quanto duas vigas pegadas ũa na outra alcânção de ũa parte á outra, o qual é fundo, que se não pode pasar senão pola praia; e da boca do rio vem um valo forte até a vila. El-rei de Féz, como era belicoso e guerreiro, sentio este desacato de queimarem aqueles mouros em sua presença, e dizem que prometeo de não descansar até destroir Arzila; e levando muita paixão do conde se recolheo ao Xercão, donde tinha seu arraial; e ao outro dia, sendo oras de se dar a guarda, o conde cavalgou com toda sua jente e se foi ao Facho, e dahi mandou ás atalaias descubrisem a Atalaia Ruiva e Bugano e o Corvo, e mandou a Jorje Barreto, seu jenro, que com cincoenta

de cavalo se pusese na Atalainha das Palmas em favor das atalaias, o qual Jorje Barreto levou um homem de pé consigo, que fora bem escusado, porque xeque Omar, que com Jorje Barreto estava, vendo o homem de pé dise: «Senhor, este homem ha de fazer oje muito mal, e vosa mercê o mande tornar», o que não quisérão fazer, e foi causa da morte do xeque Omar; porque indo duas atalaias descubrir Bugano, das quais ũa avia nome João Alonso Rapa-pelo e o companheiro Salazar, lhes saírão os mouros da fonte de Bugano, tantos e com tanta furia que todas as lombas fôrão cubertas de jente de cavalo. Jorje Barreto, vendo a muita jente que vinha após as atalaias, se veio recolhendo ao outeiro de Pero Cão, donde as atalaias chegárão, vindo o Rapa-pelo bradando: «Aguila del campo es mi cavalho», e vindo Jorje Barreto donde agora é a Tranqueira Nova e sendo já muita jente com ele, os quais apegárão com tanta furia e remesando-os que foi necesario fazerem algũa detença, por tomarem o homem de pé ás ancas de um de cavalo; e nisto foi pasado o cavalo de Salazar de duas lançadas e caio com ele; João Alonso Rapapelo o tomou logo nas ancas do seu cavalo. Vendo xeque Omar como Rapa-pelo trabalhava por salvar o companheiro, virou com tanta furia que, pondo a lança a um mouro, não lhe valeo a saia de malha que o ferro da lança não pasase da outra parte; mas, como já a este tempo os mouros érão muitos, não pode a fortuna de xeque Omar tanto que não fosse pasado de ũa lança d'arremeso de ũa parte a outra, que, como era homem groso, a saia de malha que vestia não estrovou que as ancas e as comas de um cavalo ruço, em que aquele dia foi, não viesem vermelhas de seu sangue, o qual cavalo eu vi aquele dia no terreiro d'Arzila com estes ditos sinais. Não bastou este mortal arremeso pera que xeque Omar desemparase João Alonso Rapa-pelo, que já a este tempo estava com muitas lançadas, asi ele, como o Salazar seu companheiro, de modo que no Caminho Velho, que se ajunta com a Tranqueira Nova do Laranjal, feitos pedaços, ficárão todos tres com muita tristeza de todos os da vila; o qual lugar e cova, donde xeque Omar foi enterrado, eu iria dar com ela, por m'o mostrar como pasou Pedro Afonso Homem o feito deste dia, e m'o contar algũas vezes e mostrando-m'a tãobem. Em este dia matárão os mouros a João Rodríguez, criado do conde de Borba e jenro de André Lionárdez, juiz que foi muito tempo da dita vila, ao qual João Rodríguez e a Estêvão Vieira e a outro de cavalo mandou Jorje Barreto favorecer ás atalaias da Atalaia Ruiva, e vendo sair os mouros de Bugano esperou polas atalaias, e quando se quis ajuntar com Jorje Barreto não pode e o carregárão pera o mar; e sobre as Furnas, não sabendo decer [1] a elas, o matárão e despojárão e lançárão da barranca abaixo; e esteve tres dias que não foi achado e parecia que podia ser cativo. Estêvão

1. decer] deser A.

Vieira e as atalaias, com muito trabalho, se ouvérão com Jorje Barreto, com pasarem asaz perigo, asi dos mouros que os seguíão, como dos que já estávão diante. Não pude saber a causa porque João Rodríguez se não pode ajuntar com seus companheiros, sendo pesoa honrada, e Estêvão Vieira tão bom cavaleiro que se não apartou dele senão por algum suceso de se acharem apartados ao tempo do rebate; asi que neste dia vingárão os mouros o dia dantes, com matarem tres cristãos e a xeque Omar, cuja morte el-rei de Féz e os alcaides estimárão mais que as dos outros cristãos, por sua muita cavalaria e bondade, e asi a muita lealdade que tinha ao serviço d'el-rei, noso senhor.

CAPITULO II

De como se enjenhou a armada que Dom João de Meneses levou a Azamor; e donde estava quando socorreo a Arzila

Era costume irem todos os anos á cidade d'Azamor algũas pesoas com navios e redes, á pescaria dos saveis, e, feita sua pesca e seus navios carregados, os vínhão vender a este reino e ao de Castela, e isto fazíão com seguro dos mouros; e porque naquele rio d'Azamor morríão mais saveis que em outro rio que se saiba, e a causa é trazer o rio muita agoa doce, de maneira que sempre á boca da barra se toma agoa doce; e no inverno com a chuva traz tamanho peso d'agoa que os navios, cinco e seis legoas, áchão agoa do rio, e por o saber ir buscar a agoa doce [1], achando-a se vão por ela a meter no rio; o que não fazem nos outros rios, que como não trazem tanto peso d'agoa a maré asume toda.

Antre estes homens que a esta pescaria costumávão ir, era Bastião Rodríguez Berrio, natural da cidade de Tavila, e pesoa principal e muito honrada, o qual, com a muita continuação, era muito conhecido dos principais da cidade; e por deferenças que antre eles avia lhe disérão que seríão vasalos d'el-rei, noso senhor, se os leixasse viver em sua liberdade. E, trazendo Berrio este recado e asinados dalguns deles, se veio a el-rei Dom Manoel, o qual, tendo a enformação por certa, mandou fazer ũa armada suficiente á empresa, em que fôrão setenta e cinco navios e ũa nao de mantimentos e monições chamada o Zambuco; em a qual armada íão pasante de quatro mil homens e por capitão jeral Dom João de Meneses, aio que foi do principe Dom Afonso, filho d'el-rei Dom João o segundo, e irmão do conde de Cantanhede e da condesa de Borba, e Dom Rodrigo de Melo, conde de Tentugal, e o capitão dos jinetes, e outros

1. e por o saber ir buscar a agoa doce] *f.* B N L M. *Deve talvez corrigir-se assim:* e por o saberem búscão a agoa doce.

muitos e mui honrados fidalgos. Feita esta armada e Dom João prestes, lhe mandou el-rei fose tomar a pose d'Azamor, se os mouros lh'a desem, como Berrio dizia e deixara concertado. Partida a armada e indo Berrio por piloto-mór, seguírão seu viaje, e chegados á barra, por ser bonança e agoas vivas, toda a armada entrou a salvamento dentro no rio; e mandando recado ao que íão, não quisérão conceder ao que el-rei mandava, porque neste tempo estava já na cidade Mulei Zião [1], tio d'el-rei de Féz, o qual fora senhor de Mequinez, e Mulei Naçar, irmão d'el-rei de Féz, o avia deitado fora dele, e, tendo muitos parentes em Azamor, o chamárão e o levantárão por senhor e rei; e, por esta causa, não ouve efeito a tenção d'el-rei noso senhor, nem ao que esta armada ia fazer. E os que conhecíão a Berrio o chamárão de cima do muro e lhe dizíão: «Asi Berrio, com quatro caravelas, quereis tomar Azamor?» [2]. E visto por Dom João de Meneses como os mouros não queríão obedecer e se pûnhão em defenderem-se, a quis tomar por combate, o que não pode fazer, e os mouros saírão á praia pelejar com ele; e visto os mouros serem muitos, e o rejimento que levava, se recolheo aos navios; e, quando quis sair, não achou agoa na barra pera o Zambuco, por ser agoas mortas; e por não esperar as outras agoas vivas, mandou despejar o Zambuco em outros navios, e se saio fora da barra com muito risco e trabalho, e com deixar outros dous on tres navios perdidos por tocarem. E vendo-se Dom João de Meneses fora da barra com toda a armada, se veio na volta do Estreito, e, chegado a ele a mais da armada, surjio á boca do rio de Barbate, sete legoas de Tanjere, e doze ou treze legoas de Arzila; e a Dom João com alguns navios levou a corrente polo Estreito, até o levar a Alcacere Ceguer. Tanto que Dom João foi em Alcacere fez saber ao conde de Borba, seu cunhado, que em Arzila estava por capitão, como era chegado e a jente que trazia, que vise se podíão fazer algũa entrada.

Tanto que o conde teve recado de Dom João, mandou logo tomar ũa lingoa por cinco de cavalo, os quatro mouriscos e um cristão, que avia nome Lionardo Alemão, os quais cinco de cavalo não tornárão, porque os dous deles concertados matárão aos outros dous e levárão cativo ao Lionardo Alemão: os que isto fizérão se chamávão, um Vasco da Silva e outro Manoel Coutinho, os quais mouriscos avíão trazido cada um deles mais de cem almas de seus parentes e amigos, e fôrão perdoados por um só cristão que levárão. Visto por o conde a tardada de seus almogavares, parecendo-lhe que érão perdidos, mandou dizer a Dom João de Meneses que se viese a Tanjere, a se ver com ele, e daríão ordem ao que podíão fazer. Dom João, deixando toda a armada á boca do rio de Barbate, se

1. Zião] Zidão A; Zalau BM; Zalaò N. *A forma dada, em* L, *é a correcta.* Cf. *adiante, Livro segundo, cap.* III, *onde se fala de outro* cide Zião; *e Damião de Goes, Chronica de D. Manuel, L.* II, *cap. 27.* — 2. *Daqui veiu o ditado* tomar Azamor com uma caravelinha *que se lê em P.e Antonio Vieira, Cartas,* t. III, p. 191 (ed. 1854).

veio a Tanjere, com o capitão dos jinetes, e se vio com o conde. Pasada a vista e ordenado o que pareceo, o conde se tornou; e como foi na vila mandou logo duas quadrilhas d'almogavares a tomar ũa lingoa, por aver muito que não tinha nova, nem sabíão como os cinco de cavalo se avíão perdido, nem o que fora deles. Os almocadens que íão tomar esta lingoa era um Pero de Meneses, mourisco, homem de muita calidade e conselho, e outro Jorje Vieira, muito velho e honrado e sabedor do campo; e saindo em sendo sol posto, cada um por sua parte, vírão logo o Xercão cheio de fogos, e como homens de recado se dérão tal manha que cada um tomou dous ou tres mouros e com eles se tornárão. Preguntado o que fazíão tão perto da vila e os fogos do Xercão de quem érão, logo disérão que era el-rei de Féz que, com todo seu poder, vinha cercar Arzila, e trazia muita soma de enxadas e picões e cestos, finalmente, todas as cousas necesarias a um cerco.

Tanto que o conde teve esta nova, mandou logo chamar a Antonio Cordovil, homem honrado que tinha barcas e homens e caçoães [1], que ordenase como um barco seu partise logo pera Tanjere, levar sua carta e recado a Dom João, que ainda estava em Tanjere; e, feitas as cartas e a porta da Ribeira aberta, já a praia estava cheia de jente de cavalo que, tomando rebate dos nosos almogavares, acodíão a tomar-lhe as portas, o que Pero de Meneses entendendo [e] [2] que el-rei não avia de deixar de ter muitas guardas, tanto que dos mouros tomados tivérão a nova, tomados nas ancas não parárão até a vila; e, contudo, partido o barco, o conde logo entendeo em ordenar estancias e poer capitães e repartir a jente polo muro, e fazer o necesario á defensa da vila. Este abalo d'el-rei de Féz tão supito causou a nova da armada que avia chegado ao Estreito, que fez logo a el-rei de Féz sair e decer abaixo e vir favorecer os seus, como guerreiro e belicoso que era; e, no caminho, teve outra mais certa nova de Vasco da Silva e Manoel Coutinho da pouca resistencia que os muros d'Arzila tínhão, e como érão de pedra e barro. Tendo el-rei esta certeza, asi dos muros, como da armada, do que fizerá em Azamor e ao que viera ao Estreito, e como eles íão a tomar ũa lingoa pera com a nova que dése irem fora, logo el-rei mandou á muita présa polas monições acima ditas, e estava no Xercão, duas legoas e meia d'Arzila, donde os nosos almogavares o achárão aquela noite; e foi grande acerto, ainda que não ouve mais que ũa noite d'espaço, porque logo ao outro dia pela

1. caçoães] casoães A, *mas no cap.* xv caçoães; *f.* B N L M *Significa* armações de cações. *Veja-se Baldaque da Silva, Estado actual das pescas em Portugal, vocábulo* caçonaes, p. 487; *e Candido de Figueiredo, Novo dicionário da língua portuguesa, igual vocábulo:* rede de enmalhar cações, usado no Algarve. *É o vocábulo andaluz* cazonal, *que tem o mesmo significado, como se pode ver nos dicionários espanhoes. O* n *intervocalico passou a resonancia nasal, a qual transitou para a sílaba seguinte.* — 2. [e] *f. em todos os mss.*

menhã amanheceo a vila cercada de mar a mar, como no capitulo seguinte direi, querendo Deos.

CAPITULO III

De como el-rei de Féz entrou e saqueou Arzila, e do grande socorro com que foi socorrida

Pasada aquela noite com asaz trabalho e medo dos moradores, homens e molheres, por ser o rebate tão de supito; e vinda a menhã, que foi ũa quinta feira, quinze dias de outubro, do ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e oito anos; e sendo menhã, parecêrão ao derrador da vila muitas batalhas e bandeiras de jente de cavalo e de pé, que tomávão de mar a mar, e logo, sem ordem nem concerto, se viérão ao muro, começando a minar e a cavar nele com enxadas e picões e artefícios pera desfazerem e derribarem o muro, sem os nosos os poderem afastar, ainda que dos nosos recebêrão muito dano de muitas pedras e azeite fervendo, que de cima lhes deitávão, e asi de algũas béstas e espingardas que na vila avia, ainda que muito poucas, e esas que avia não perdêrão tiro, por os mouros estarem ao pé do muro e descubertos; mas tudo era nada, que, como na vila não avia artelharia de que ouvesem medo, as béstas e espingardas érão tão poucas que não pasávão de seis espingardeiros, e estes érão muito bons, os quais por serem poucos os nomearei: Alvaro Díaz, ferreiro, Pero Jusarte, pedreiro, dos quais adiante farei mais menção, por ambos fazerem feitos asinalados, como logo adiante direi: era mais Domingos d'Amores, carpinteiro, e Perna d'Aranha, sarralheiro, e Pedrálvarez, çapateiro; estes afirmão que neste cerco matárão mais de mil mouros. E asi avia outros cavaleiros e homens de cavalo, que tínhão béstas com que fizérão dano asaz; e contudo era tanta a béstaria dos mouros que não se descubria homem que não fose aseteado; e este dia ferírão muitos homens, e com ũa seta quebrárão um olho a João de Figueiredo, que então servia d'almoxarife dos mantimentos, e depois foi muito tempo thesoureiro da casa da India; e erão tantas as setas que caíão na vila que os moços apanhávão molhos delas.

Pasado este primeiro dia com muito trabalho, e os mouros afastados do muro; e vinda a noite, o conde mandou fazer muitos fugareos e pô-los polo muro, e dormindo nele, asi homens armados como molheres, por fazer jente; e como a menhã de sesta feira veio, com grande grita remetêrão ao muro com tanta braveza que, posto que logo caírão muitos mortos, porfiávão de chegar uns por cima dos outros, e isto porque o dia dantes avíão deixado um baluarte, chamado o Tambalalão, muito furado, ao qual baluarte vinha entestar o muro velho, que, como a vila foi cor-

tada polo meio, estava todo o muro em pé e vinha apegar neste baluarte do Tambalalão, e o muro novo era de pedra e barro, e diante avia ũa barbacã; e por o muro velho carregou tanta jente que, como érão muitos os que picávão o muro e baluarte, antes das nove oras do dia dérão com o baluarte em terra e com parte do muro, e logo começárão a entrar pela barbacã. O conde de Borba acodio logo áquela parte, e vendo os mouros antre o muro e a barbacã, tomando consigo a Jorje Barreto, seu jenro, e os que consigo trazia de sobresalente, e os foi receber, indo ele diante vestido em sua saia de malha, que tomara ao alcaide d'Alcacere, quando o prendeo, e cuberto com ũa adarga de cordões e sua lança na mão; e vendo os seus ir seu capitão diante de si, dérão com tanta vontade e força que, com morte de muitos, os fizérão deter em a parede, que tornar pera trás não podíão, polos muitos que trás os dianteiros estávão, de maneira que, ainda que os dianteiros morríão com muitas feridas, não podíão virar as costas; e nesta travada peleja foi o conde ferido de ũa seta que lhe passou o braço dereito por cima do cotovelo, a qual ferida o pôs em necesidade de se curar; e deixando em seu lugar a Jorje Barreto, seu jenro, lhe encomendou a defesa daquele lugar, e que tanto que fose curado tornaria; e se recolheo aonde lhe visem a ferida. E tanto que o conde foi achado menos, os nosos enfraquecendo e os mouros se esforçando, carregárão tantos que uns sobre outros começárão a entrar, não tão sómente pola barbacã, mas por cima do muro começárão a entrar a vila, e Jorje Barreto se começou a recolher ao castelo, e já quando o conde tornou a acodir á grande grita das molheres e crianças, que se vínhão recolhendo ao castelo, e muito maior á que os mouros trazíão com tamanhos alaridos que parecia romper-se os ceos; e vendo já que os não podia lançar fora os recolheo ao castelo, ainda que era tão fraco e mais que a vila. Neste recolhimento morrêrão sesenta pesoas, homens e molheres, antre os quais foi Lopo Rabelo, pai de Simão Rabelo, pesoa muio asinalada e honrada; o qual Lopo Rabelo, tendo ũa estancia e cubelo a cargo, posto que lhe disérão que a vila era entrada e se recolhese, como os outros fazíão, dise que o conde lhe entregara aquele cubelo, que não o avia de deixar até não ter recado do conde que se recolhese. Dizíão que o conde tivera com ele Lopo Rabelo algũa deferença e que fora em capitulos que do conde se avião dado em tempo pasado, e por mostrar que não lhe lembrava senão servir a Deos e a el-rei e ao conde não quís deixar a estancia, e nela o matárão com outros sete ou oito homens que a seu cargo tinha. Tãobem neste recolhimento morrêrão dous jenoeses, moradores da vila, um irmão de Pascoal de Majolo, tãobem mercador, com cuja filha depois casou Simão Rabelo, filho de Lopo Rabelo, e matárão a micer Jacome Agostim, irmão de micer Agostim, boticairo. Neste recolhimento andou o adail João Pimenta muito cavaleiro, porque andou encubertado polo terreiro, recolhendo as

pesoas que pera o castelo vínhão, entre os quais foi meu pai, mestre Antonio, que, quando se recolheo, era o Miradouro e o beco de Antonio Cordovil cheio de mouros, e tãobem a porta da vila; e asomando á escada dos contos o saio a receber João Pimenta encubertado, e dizendolhe meu pai, que Deos tem, como os jenoeses ficávão cerrando as portas das suas casas, esteve o adail esperando por eles até o terreiro se encher de mouros adargados; e vendo já não aver mais que fazer se foi á porta do castelo, donde Jorje Barreto estava esperando por ele, e encerrados começárão logo a entulhar a abobeda d'antre as portas com pedra e terra, derrubando algũas casas que dentro do castelo estávão, como a cozinha e despensa do conde e outras casas do alcaide-mór, e as molheres servíão de levar pedra e terra, e por cima do muro a lançávão antre as portas, de maneira que em pouco espaço foi entulhada e cheia toda a abobeda.

O conde, como foi curado, logo acodio com sua saia de malha vestida e adarga no braço, e não sosegou até deixar toda a jente repartida polo muro do castelo; e a seu jenro, Jorje Barreto, encomendou não se apartase da torre do sino, por estar o muro da vila apegado com ela; e por ele vínhão os mouros a estar ás lançadas com os nosos que guardávão a torre: e com esta ordem, sem aver muita opresão, se pasou este dia primeiro que a vila foi entrada, porque asi este primeiro dia e o seguinte, que foi sabado, dezasete do mês, os mouros não entendêrão em outra cousa senão em roubar e despejar a vila de muita riqueza que nela estava.

Tãobem se achárão neste tempo sete ou oito caravelas no arrecife, que avíão ido carregadas de mercadarias, vinhos e azeites, e de toda sorte de mercadores da terra, ás quais se deitou muita jente polo muro; e muitos se salvárão nelas que depois tivérão o abito e tenças e mercês d'el-rei noso senhor, asi eles como seus filhos, os quais não nomeio porque todos fôrão e são meus amigos, e não me será bem contado acusar esta fraqueza de seus pais, pois foi depois emmendada; e alguns fôrão mortos na praia, que não pudérão ser recolhidos nos navios, asi homens como molheres e moços, antre os quais foi um João Barbudo e um Tristão de Pontes, morador honrado, e ũa Caterina Méndez, e outros tres ou quatro que não nomeio; e vendo os navios a vila perdida, e que não podíão tomar mais jente, nem podíão ser bons aos do castelo, e a vila era já em poder dos mouros, levantando as ancoras se saírão do arrecife; e fazendo seu viaje se espalhárão por toda a costa de Castela e do Algarve, e dando nova como Arzila era perdida, fez muito abalo em todo Castela e muito mais em todo Portugal.

Antre os navios que no arrecife estávão era João Martinz Alpoem [1]

1. Alpoem] dalpoem B N L M.

com ũa caravela sua, armada de quatro ou cinco bombardas pequenas ou berços, o qual João Martinz Alpoem era muito servidor do conde de Borba e vivia neste tempo em Arzila; e recolhido a seu navio não fez o que os outros fizérão, antes com esas bombardinhas que na caravela trazia sacodio toda a praia, de maneira que não ousava nenhum mouro sair pola porta da Ribeira, nem entrar, mas, como foi a maré vazia, levou muito trabalho polos muitos mouros que pola agoa se metíão a lhe cortar as amarras, e pondo-se a pique com a barca os andava alanceando, como que fôrão atuns, e na barca lhe ferírão alguns homens, e ele tãobem foi ferido, por serem as setas tantas que o navio e a barca érão cubertos e a agoa das que caíão nela [1]; e muito mór trabalho levou de noite, porque sendo áquela parte donde cide Alé Barraxe estava e Almenderim, sendo baixa-mar fizérão entrar muita jente e chegar ao navio, ao qual chegávão com ele a pé, especialmente os andaluzes de Tetuão, que, uns por cortar as amarras e os da caravela polas defender, levárão ás baixa-marés muito trabalho; o qual João Martinz Alpoem pasou como muito valente capitão que depois foi de muitos navios d'armada, asi contra mouros como contra franceses cosairos; e porque neste noso tempo se correria um homem de bem que não conhecese o dito João Martinz Alpoem não digo mais dele, sómente que, asi ele como os mais de seus marinheiros e grometes, todos fôrão feridos, polo qual serviço lhe lançou o abito e sempre lhe fez mercê e honra el-rei Dom João noso senhor, que santa gloria aja.

Pasados estes dous dias de sesta feira e sabado em os quais os mouros não entendêrão senão em roubar e saquear a vila, asi de roupa e fato como d'outra fartura que em Arzila avia, e asi outras muitas mercadarias que muitos mercadores tínhão pera o trato e negoceação de Féz, como pera provisão da vila, como panos, lenços, vinhos, azeites e outras cousas necesarias, de que os navios que no arrecife se achárão viérão carregados.

Aquele dia de sabado sendo noite se lançou um Pero Díaz, seleiro, com os mouros, a qual ida entristeceo muito a todos os do castelo, especialmente ás molheres, porque por ele acabaríão de saber a pouca resistencia que nos muros do castelo avia; e chegado Pero Díaz a el-rei, e feitas as preguntas necesarias, o mandou, e com ele Alé Barraxe, que, chegando ao pé do muro, disesem ao conde seu recado; e chegado cide Alé Barraxe ao pé do baluarte da praia, sendo sua lingoa Pero Díaz, o seleiro, chamárão se estava ahi algũa pesoa conhecida que dése um recado d'el-rei ao conde. Os do muro respondêrão que ahi estava João Rodríguez Pascoal, ao qual dise o Pero Díaz: «Aqui está cide Alé Barraxe, e

1. que o navio e a barca érão cubertos e a agoa [*tambem*] das que caíão nela] que o navio e agoa érão cubertos das que caíão B N L M. *Logo a seguir ha uma construção análoga:* ... donde cide Alé Barraxe estava e Almenderim.

diz que digais ao conde que el-rei lhe manda dizer que ontem e oje não consentira que combatesem o castelo por virem a algum partido, e pois ele sabia a pouca força e defensa que o castelo tinha se entregasem e os tomaria a todos vivos, e não querendo entregar-se, e esperávão os entrasem a força d'armas, que todos serião metidos á espada, sem de nenhum averem misericordia». «Dizei a el-rei — respondeo João Rodríguez Pascoal — que diz o conde que o partido que ha de fazer é defender o castelo e com a ajuda de Deos deitá-los fora da vila e a tornar a povoar como dantes estava de cristãos, e que não tornasem com outro partido nem recado, porque o conde mandava que lhes tirasem á bésta». Barraxe se foi pera el-rei e João Rodríguez Pascoal foi muito louvado do conde e logo o mandou chamar e lhe dise que respondera á sua vontade e como bom cavaleiro. Este João Rodríguez Pascoal era pai de Baltesar Rodríguez, que depois foi adail em Çafim, e avô de João Rodríguez, e de Antonio Pascoal, que agora são na Mina, por mandado da rainha nosa senhora, e fôrão por capitães da galé e galeota que este verão pasado partírão. Afastado com a reposta que João Rodríguez lhe dera e com vontade de [a]o [1] outro dia sendo menhã darem combate ao castelo, e confiado que polo muro da torre do Sino á força de lançadas entraríão, os nosos pasárão aquela noite como a pasada, com não dormirem e com asaz descontentamento, e o sentido no socorro, parecendo-lhe que não estava em mais sua salvação que em Dom João ter a nova, e pois estava tão perto como era Tanjere, que não podia tardar de ao outro dia não serem em Arzila, o que Deos por sua misericordia quis logo mostrar, que pasada a meia noite vírão do castelo muitos fogos no mar; e vistos os fogos, e conhecendo que érão dos navios, começárão a dar muitas gritas, dizendo: «Socorro, socorro», que fez a todos, molheres e moços, ir ao muro, e já nos parecia que Deos era connosco, como foi, que sendo menhã parecêrão muitos navios, os quais por não fazer levante, e a viração ser por d'avante, não pudérão chegar tão prestes como nós quiseramos, porque em sendo menhã de domingo dezoito dias do dito mês parecêrão muitos navios da armada de Dom João, e os mouros, por verem o socorro á porta, ou polo terem asi ordenado, tanjendo seus anafis e atabales com muito grande grita, se deixárão vir ao muro e pondo fogo ás portas do castelo fôrão logo queimadas, e polo muro da torre do Sino chegárão ás lançadas com os nosos, tão ousadamente que pusérão muito espanto aos que os vírão, e tãobem pusérão muitas escadas antre a torre do Sino e a porta do castelo, e outro tanto polo baluarte do Albacar, mas não tardou muito que não fôrão mortos grande soma deles, de maneira que não podíão chegar ao muro senão por cima dos mortos, asi das lanças e espadas, como desas poucas béstas e espingardas

1. ao] ó A.

que no castelo avia, que nenhum tiro se perdia por estarem como em parede; e tãobem as molheres e moços não estávão de vagar, uns a acarretar pedra e terra ao muro e a lançar antre as portas do castelo, e outras a concertar setas e derreter chumbo pera pelouros, e outras a torrar trigo em telhas e asar quartos de muitas cabras da condesa, que no castelo avia, e levarem de comer aos que no muro estávão defendendo a elas e a seus filhos. O dia que os mouros entrárão em Arzila foi de grande terror, por ser cousa nova e espantosa aos moradores, que lhes parecia que com pedras e ás pipinadas os lançasem do muro, mas eles érão tantos que uns por cima dos outros fazíão por entrar, e porque os de fora víão tirar da vila panos, sedas, que aos de fora pûnhão em cobiça d'entrar e tirar outro tanto.

Leixando os mouros embebidos na vitoria e roubo que antre as mãos tínhão, direi parte do medo e espanto que no castelo ouve, em especial nas molheres e moços, que, sem esperar mãe por filha, nem irmã por irmã, se metíão polas casas da condesa sem pararem até as mais escusas camaras e recolhimentos, parecendo-lhe que sua salvação estava em se tirarem da primeira furia, o que vendo a condesa e suas filhas, posto que aflejida estava e muito mais que nenhũa delas, asi polo muito que aventurávão, como pola ferida do conde, por ser seta e todas ou as mas[1] trazerem erva, — vendo-se cercada de tantas molheres, e que pegávão dela, gritando: «Senhora, acorrei-nos», a condesa com aquele animo jeneroso as consolava, dizendo: «Filhas e amigas, não ajais temor, que oje nos defenderemos e amenhã será aqui Dom João, meu irmão, e com ajuda de Deos vos tornará a poer em vosas casas»; e, saindo ao terreiro do castelo, tomou um cesto nas mãos, e suas filhas fizérão outro tanto, e cheios de pedra os levávão ao muro, o que vendo as outras molheres fizérão outro tanto, a qual pedra e terra era pera entulhar ũa abobeda que estava antre a porta do castelo, pera que, queimadas as portas que já ardíão, fizesem resistencia ao entrar por elas; e andando a condesa e suas filhas neste socorro e ajudas dos que no muro pelejávão, vírão um morador que cansado estava com ũa bésta sem fazer com ela nada, e parecendo mal a Dona Isabel de Castro, filha do conde e molher de Jorje Barreto, posto que nesta entrada e présa estava prenhe, e com a barriga á boca de ũa filha que logo pario, que é Dona Guiomar Coutinha, molher de Dom Francisco Rolim, senhor d'Azambuja, a qual Dona Isabel dise ao da bésta: «Amigo, prestem-vos as mãos e ajudai a defender com esa bésta tantos inocentes como vedes»; ao que ele respondeu: «Já não ha que defender, que os mouros são já dentro do Albacar e pola torre do Sino êntrão como vedes». Tornou ela a dizer: «Deixai vós eses que não vemos, que lá tem quem lhe resista, que é o conde meu pai e Jorje Barreto, e

1. todas ou as mas] *f.* B N L M. Mas *por* mais, *como algumas linhas mais abaixo neste cap.:* mas que ouvir, *são castelhanismos.*

vós armai-me a bésta que eu tirarei com ela». O homem tornando em si, vendo o animo de tal senhora, e que em tal tempo queria ir ao muro, onde todos os mais érão aseteados, respondeo: «Iso não farei eu, antes tornarei ao muro, e nele estarei até que moura ou defenda meu lugar; e porque já não tenho almazem quero ir por ele». Dona Maria, que depois foi molher de Dom Pedro d'Almeida, que com sua irmã estava, vendo um dos meninos que apanhávão setas que no terreiro do castelo caíão, tomou a um um molho de setas e lh'as deu, dizendo: «Tirai com estas até vir um caixão do almazem»; e com estas palavras fizérão estas nobres senhoras tornar este homem ao muro, onde fez muito dano aos mouros e proveito a nós. Não nomeio quem era polo não saber, mas que ouvir dizer que Dona Isabel, filha do conde, tomou ũa bésta e tirou com ela aos mouros, mas a verdade foi que por ela tornou este homem ao muro; e outras muitas molheres fizérão finezas, asi em tomar lanças e adargas e andar polo muro, como em acodirem com pedra e mantimento; e asi pasárão todo aquele dia e outros dous que a armada não entrou, com muito trabalho de homens e molheres, estando sempre o conde diante os seus, vestido em sua saia de malha e cuberto de sua adarga, ainda que lhe era necesario a folga por amor da ferida do braço, asi por ser grande, como por as muitas setas que trazíão erva ou pasadas por cebola alverrã, de que morrêrão algũas pesoas. E desta maneira e grande trabalho pasárão estes tres dias, que Dom João de Meneses não entrou, como no capitulo seguinte contarei, Deos querendo.

CAPITULO IV

De como chegou recado a Dom João de Meneses que Arzila era entrada polos mouros e o que logo fez estando ainda em Tanjere

Já fica dito como, tanto que o conde de Borba teve nova que el-rei estava no Xercão e que o vinha a cercar [a] Arzila [1], mandou um barco de pescar com a nova a Dom João, que ficara em Tanjere, e não o achando pasase a Barbate. O barco partio aquela noite, depois de feitas as cartas, asi pera Dom João, seu cunhado, como pera o capitão dos jinetes, seu jenro, e asi pera o capitão de Tanjere, que neste tempo era [Dom Duarte de Meneses] [2]; e por o barco não poder ser despachado senão muita parte da noite pasada, não pode chegar a Tanjere senão muita parte do dia pasado; e dando a nova a Dom João e ao capitão dos jine-

1. e que o vinha a cercar [a] Arzila] *f.* [a] A; pera o vir cercar L; pera o vir tomar B N M. — 2. Dom Duarte de Meneses] *f. em todos os mss.*

tes, e vendo a necesidade em que o conde estava, logo se recolhêrão aos navios e, com as barcas por diante, começárão a sair fora do Estreito; o que não pudérão fazer sem muito trabalho, por a corrente os levar pera dentro do Estreito, e aquela noite com o vento da terra se fizérão na volta de Castela pera ao outro dia lhes servir a viração; e asi mandou um barco de remos que dése o rebate á mais frota, que estava á boca de Barbate; e ao sabado, vindo na volta da vila, os mais da frota ouvérão fala dos navios que do arrecife d'Arzila avíão saido, e soubérão como a vila era entrada e como os mouros ficávão dentro na vila, com a qual nova a todos os da frota muito pesou, e por ser o vento pouco e calma não pudérão chegar senão ao domingo, depois do meio dia; e os primeiros que chegárão fôrão os navios que estávão sobre Barbate e sobre Conil, que como estávão fora do Estreito lhes servio o vento mais largo; e chegados sobre o arrecife começárão a surjir de fora, asi os primeiros como os outros que mais atrás vínhão, e asi o fez Dom João, que achando os navios de fora tãobem surjio, que foi descoroçoar os que no castelo estávão e dar animo aos mouros, que, vendo que os navios não entrávão no arrecife, logo com muita delijencia começárão a fazer estancias na praia e poer ao longo do arrecife muitas pipas cheias d'area e detrás muitos bèsteiros e espingardeiros, pera defenderem a saida aos que quisesem sair dos navios ou das barcas; e isto foi feito com tanta delijencia que á segunda feira amanheceo tudo feito, e todavia não deixávão de cometer e combater o castelo e furar o muro, ainda que não deixávão de morrerem muitos; e contudo não deixárão de se apoderar do baluarte da Praia e da barbacã que ia dele até Santa Cruz, outro baluarte que asi se chamava por ter ũa grande cruz de pao em cima, e não ficava desta barbacã ao celeiro do trigo mais de um fraco muro. Vendo o conde que a armada não entrava, e que os mouros tínhão feito estancias pera delas defenderem a desembarcação, e se íão apoderando do muro e cada dia as fazíão mais fortes e tãobem o combatião, e que do castelo não deixávão de capear com bandeiras e adargas e espadas, fazendo-lhes sinal que entrasem, e que tudo víão muito bem dos navios, e que avíão chegado ao domingo e que era pasado segunda e terça feira e não entrávão, mandou a dous homeus mouriscos, ambos casados e com filhos, um avia nome João Vaz Gailão e outro João de Sousa, que a nado fosem aos navios e desem suas cartas a Dom João. Feitas as cartas e metidas em cera, os mandou deitar por ũa janela e deitando-se a nado desem suas cartas a Dom João e ao capitão dos jinetes, seu jenro; Dom João de Meneses, que ainda estava em Tanjere, e o capitão dos jinetes com ele, por muito que fizérão não pudérão deixar de ir daquela volta á outra banda de Castela, e não pudérão chegar ao arrecife senão domingo muito tarde; e segunda feira todo o mais dia se gastou em conselho de como e da maneira que sairíão em terra, e como entraríão no castelo; e á terça

feira Dom João de Meneses não avia de cometer cousa algũa polo que lhe aconteceo na morte do principe Dom Afonso, como é notorio e sabido a todos os deste reino.

Dizem que estando no Algarve, em um lugar seu que se chama Aljazur, em ũa terça feira, lhe dérão cartas d'el-rei Dom João o segundo e do principe Dom Afonso seu filho, que fose á corte, e se fez prestes e partio a outra terça feira, e tardando oito dias no caminho chegou a Santarem, donde el-rei e o principe estávão, outra terça feira, e dahi a oito dias, outra terça feira, correndo a carreira em Alfange, levando o principe pola mão, caio do cavalo, da qual queda logo morreo. Deste tão desestrado caso lhe ficou tão grande odio e agouro que nunca em terça feira cometeo cousa algũa, posto que depois foi capitão d'Arzila e d'Azamor e se lhe oferecêrão casos suficientes; e dizia Dom João que em tal dia se pudese escusar abrir as portas o faria.

Pois chegado Gailão com as cartas, e contando a necesidade em que os do castelo estávão, em sendo menhã Dom João com trombetas e bandeiras mandou deitar um bando jeral, prometendo muitas honras e mercês ao primeiro navio que entrase, e asi á pesoa que primeiro saise em terra, e asi ao primeiro que entrase no castelo; e se fose algũa destas pesoas homeziado que ele em nome d'el-rei o avia por perdoado. Dado este bando, todos os navios piquenos se fizérão á vela e os grandes que não podíão entrar no arrecife com suas barcas carregadas de jente, e sendo preamar viérão todos pôr as proas á porta do Albacar. O conde vendo que a porta do Albacar estava ocupada polos mouros, por serem já senhores do baluarte da Praia que está sobre a porta, e asi era em seu poder a barbacã que ia até o baluarte de Santa Cruz, e que a jente das barcas não podíão entrar sem receber muito dano dos traveses, mandou ao adail João Pimenta, que era muito valente cavaleiro, que com trinta ou corenta moradores bem armados e adargados fizese despejar o baluarte da Praia; e saindo João Pimenta polo Albacarinho [1] do alcaide-mór deu no baluarte com tanta ousadia que, ainda que achou muita resistencia, polos mouros serem muitos e esperarem por aquele salto, que [2] com morte de muitos a seu pesar lhes fez deixar o baluarte, o que não se pode fazer sem muito dano, porque, alem de aver muitos feridos, lhe matárão Diogo Rodríguez, filho de Artur Rodríguez, alférez da bandeira e criado do conde; e aberta a porta, estávão ainda nas barcas, sem que ninguem ousase sair em terra, pola muita jente que detrás das pipas estava; e vendo os nosos a detença das barcas saltárão na praia e dérão nas pipas, e o primeiro que a elas chegou foi Nuno Álvarez de Carvalho, que indo diante pasou um mouro de ũa parte a outra com sua lança ; e vendo os

1. Albacarinho] alcarinho A, macarinho B M, maçarinho N, abacarinho L. *Diminutivo de* Albacar. — 2. que] ousadia que... que: *construção frequente em* A.

das barcas os nosos na praia saltárão em terra, e dizem que o primeiro foi o grande João Homem, o qual vindo na proa da barca com entenção de ser o primeiro, por ser agoa cheia e fazer marulho, virárão a barca com a proa ao mar, e asi ficou mais lonje de terra que os outros, e vendo que ficávão outros diante dele saltou da proa ao mar, dando-lhe a agoa pola cinta, e vendo-o na agoa começárão a sair; o qual João Homem ia vestido em um pelote de grã. Outros dizem que vendo João Homem a Manoel Coutinho, que aquele dia morreo de ũa espingardada [1] que lhe deu pola testa, na agoa, não querendo que outrem fose o primeiro, não aguardou a vir saltar pola popa, que estava mais á terra. Como estes fôrão na praia, logo todos á ũa fôrão nela com tanta força que, posto que os mouros érão muitos, e tãobem por ser aquela estancia de cide Alé Barraxe, que acodio com muitos de cavalo, os levárão por antre as pipas e o muro até os lançar fora do baluarte; e já a este tempo era o conde na praia a receber o capitão dos jinetes, seu jenro, que por capitão daquela entrada vinha.

Aqui direi um dito do conde de Borba, que não é pera deixar d'escrever. Querendo Dom João entrar aquele dia, o conde lhe mandou dizer que ele tinha agouro em quarta feira, e, pois ele o tinha em terça e não quisera entrar em tempo de tanta necesidade, não queria que á quarta entrase, e asi ficou sua entrada pera a quinta feira. Este dia entrárão mais de trezentos homens com o capitão dos jinetes, e sobindo ao muro foi ferido dum pelouro d'espingarda pola testa, de que logo morreo, Manoel Coutinho, que dise que saira a par com João Homem. Ao outro dia, quinta feira, pera entrar Dom João de Meneses com a mais jente foi necesario ir o adail João Pimenta a fazer outro tanto como o dia dantes, por aquela noite averem feito os mouros muita força de palanques, asi no baluarte como na barbacã; e pera os tornar a lançar fora levou o adail mais de dozentos homens, asi dos que avíão entrado como dos moradores, e dando no baluarte e barbacã ouve ũa mui brava peleja, indo sempre o adail diante, acompanhado dos d'Arzila, e matárão muitos mouros que asi o baluarte como a barbacã ficou cheia de mortos, ainda que custárão caro, porque o adail, indo já pasado de muitas feridas, caio morto. Dizem que ao recolher tornou a entrar muita jente na barbacã dos que acodírão e que foi pasado de um pelouro. Tãobem morrêrão neste dia alguns dos nosos e outros feridos, antre os quais foi ferido João de Deos, que oje está cativo em poder do xarife, rei de Féz e de Marrocos.

Entrado Dom João de Meneses no castelo com mais de seiscentos homens, antre muitos e mui honrados fidalgos e cavaleiros, que com ele íão, mandou que não saise mais jente dos navios; e como foi dentro

1. morreo de ũa espingardada] morreo de ũa espingarda A; *f.* B N L M. *Como se vê algumas linhas abaixo, outra forma correcta seria:* ... de um pelouro d'espingarda.

mandou desentulhar as portas do castelo, e com boa ordem e ordenança saio a dar nos mouros da vila, com os quais ouve ũa mui brava escaramuça, por andarem no terreiro muitos a cavalo, e asi polas ruas; e dentro das casas avia muita bèstaria com que fizérão muito dano; e desmanchando os palanques e barreiras que ás bocas das ruas tínhão feitas com os carros da vila, se tornou a recolher com leixar muitos mortos. Este dia, quinta feira, chegou outro bom socorro, que fôrão os correjedores de Cáliz e Xerez da Fronteira, com muitos cavaleiros principais destas duas cidades, que não nomeio por serem muitos; e os que primeiro chegárão fôrão os do Porto de Santa Maria, em que veio Bertolameu Rodríguez e Benavides, comendadores da ordem de noso senhor Jesu Cristo e muito servidores d'el-rei noso senhor, dos quais em chegando a nova se embarcárão com cem homens á sua custa em duas caravelas com muito bizcouto e vinho; chegárão á quarta feira, quando o capitão dos jinetes entrou. Estes correjedores e cavaleiros castelhanos fôrão do conde e de Dom João muito bem recebidos e, posto que já não consentíão desembarcar mais jente, por não caber no castelo, a estes cavaleiros castelhanos mandárão entrar, e por mais honra lhes dérão em guarda a torre do sino, por ser por ela o castelo mais acometido, e tãobem saíão por cima do muro a dar nos mouros. Eles folgárão muito com a honra que lhes dávão, ainda que custou caro aos de Xerez, que não tardou muito que caio ũa parte da torre, por estar minada, e matou alguns de Xerez.

Tendo o conde e Dom João no castelo mais de mil homens e muito bizcouto e vinho que dos navios tirávão todos os dias, saíão á vila a pelejar com os mouros e a lançá-los fora; e depois que Dom João foi dentro, os mouros, desconfiados de poder soster a vila, começárão a poer fogo a algũas casas, e visto polo conde e por Dom João, porque não fizesem mais dano, saírão com toda a jente e muito impito á vila e os lançárão fora, com morte de muitos. Este dia foi tanta a jente de cavalo que acodio e entrou na vila, que fizérão per força recolher a nossa jente ao castelo. Depois de cinco dias que Dom João estava no castelo e onze que a vila era entrada, chegou a ela o conde Pedro Navarro com ũa grosa armada d'el-rei Dom Fernando de Castela de naos e taforeas e quatro galés, das quais érão capitães micer Beringel d'Olmos e outros. Entrados no castelo com vinte ou trinta alabardeiros diante de si muito bem vestidos de calças de grã e jubões de seda e ũa banda de mui gentis soldados (que em aquele tempo chamávão suiços) [1], as galés começárão de tirar á vila e derrubárão duas ou tres casas, e logo lhe mandárão recado que não tirasem á vila, pois esperávão de a tornar a povoar; e micer Beringel mandou tirar contra as muitas tendas que estávão ao longo do

1. suiços] *variantes em* A: soicios, soiços.

mar da Couraça até a Fonte Santa e na vinha de João Pegado; e como a artelharia os começou a varejar, logo as tendas começárão a vir ao chão e as mudárão ao vale do Facho e ao pé da Atalaia Gorda, donde a artelharia das galés não fizese dano. Foi recebido o conde Pedro Navarro do conde de Borba e de Dom João e do capitão dos jinetes com aquela honra e solenidade como se requeria a tal capitão e de tão alto e tão poderoso rei como el-rei Dom Fernando; e como ele, em tomar e defender fortalezas, sobrepujase a todos os de seu tempo, foi logo ver o castelo e notar a vila; e foi o parecer destes ilustres capitães que ao outro dia cometesem a vila. Pasada a noite e vindo o dia, ordenada a ordem que avíão de levar, o conde Pedro Navarro com ũa banda de suiços em sua ordenança, e Dom João de Meneses e o capitão dos jinetes com muita e boa jente, cada um por sua rua, e os de Xerez e de Cáliz e do Porto de Santa Maria, dérão por cima do muro na vila, donde os mouros tínhão feito muitas barradas [1] e tranqueiras por todas as ruas, e derribadas as levárão diante de si até o cabo da vila; e como ao portal do Tambalalão acodio muita jente de cavalo, ouvérão ũa brava batalha, mas, como vírão os de Xerez por cima do muro e as bandeiras postas por ele e polos cubelos, logo se lançárão fora por muitos portais que no muro tínhão feito, com morte de muitos que por todas partes ficárão. O conde de Borba com a jente da vila e outra muita ficou no terreiro defendendo as portas, que não entrase jente de cavalo, ás quais acodio muita; mas ele, á porta da vila e Jorje Barreto, seu jenro, á da Ribeira, resistírão de maneira que os mouros ouvérão por seu barato afastarem-se. Posta a vila em poder dos nosos, estes ilustres capitães repartírão a jente uns ao muro e outros a tapar as portas de pedra em soso, e a bom recado estivérão esta noite, esperando que ao outro dia os mouros quisesem tornar a cometer; e vendo que o não fazíão, e que os portais estávão cerrados, ainda que de pedra em soso, ao conde Pedro Navarro e a Dom João pareceo bem que ao outro dia desem nas estancias da praia; e aprovado polo conde de Borba, posto que as barcas podíão vir á porta da Ribeira sem receberem dano, ao outro dia, pola porta do Albacar, saírão em muito boa ordem, indo diante o conde Pedro Navarro com ũa bandeira de suiços, logo o capitão dos jinetes com ũa bandeira de muito boa jente e trás ele Dom João, todos em boa ordenança; e rompidas as estancias e mortos alguns mouros os lançárão da praia, e em sua ordem se pusérão no adro ou eiras, e perante mais de vinte mil de cavalo que á sua vista estávão, do Facho até o outeiro de Fernão da Silva, fizérão seu caracol os suiços, per mandado do conde Pedro Navarro, e o desfizérão andando muitos mouros na escaramuça ao redor deles. Eu creio que este caracol e ordenança destes suiços

1. barradas] varadas B N L M. *Este vocábulo vem explicado na p. 21:* palanques e barreiras que ás bocas das ruas tínhão feitas com os carros da vila.

foi o primeiro que nestes lugares se fez; e feita esta mostra e as estancias desfeitas, se viérão recolhendo á porta da Ribeira, vindo muitos de cavalo escaramuçando e remesando á ordenança dos suiços; e vendo um soldado dos do conde Navarro tempo desposto e aparelhado pera ũa boa sorte, saio da ordenança e, pasando um mouro de cavalo com o pique [1], lhe ficou o cavalo nas mãos, e deixando o mouro na praia diante doutros muitos foi recolhido na ordenança com muita alegria de seus companheiros. Visto por o conde Pedro Navarro a sorte do soldado, mandou que logo fose enforcado de ũa amea. Sabida tão aspera e crua sentença por Dom João e polo capitão dos jinetes se pusérão a alcançar perdão ao soldado; e vendo que era escusado, acodio o conde de Borba; e vendo o conde Pedro Navarro que não podia deixar de conceder rogo de tão ilustres capitães, dizendo-lhe o conde de Borba que não consentiria que, quem veio em seu socorro, morrese senão a poder de seus imigos: «Obedezcamos, dise o conde Navarro, a quien nos manda, pues quiere que aventuremos una gran vitoria por desobedescer un soldado; y pues voestras senhorias le dan la vida yo lo despido de mis companhias»; o qual soldado ficou depois muito tempo por alabardeiro do conde de Borba em companhia de Diogo d'Avila.

Vendo el-rei de Féz a vila em poder dos nosos, e que não tão sómente estávão na vila antes saíão fora e se tornávão a recolher sem dano, e que cada dia vínhão navios com jente de socorro, porque nestes dias érão chegados muitos navios do Algarve, em que fora Rui Barreto com todos os principais fidalgos e cavaleiros do Algarve, e asi não ficou homem do mar em Tavila e Fárão e Lagos e Vila Nova de Portimão que ouvindo a nova se não fose embarcar, o que não fizérão esta só vez senão outras muitas que os lugares d'alem tivérão necessidade de socorro, que sem esperar mandado d'el-rei noso senhor, gastando suas fazendas em armas e mantimentos, pondo suas pesoas em risco de morte se púnhão logo ao caminho, como mui bons vasalos que são; e vendo os mouros que a espera da vila, que avíão tirado, a tínhão á tranqueira do Adro, com que tirávão aos navios e barcas, estava em risco de a tomarem, asentou el-rei de Féz de se ir e levantar o cerco, e tornar com mais aparelho e monições em tempo que não ouvese asidente de tanto e tão bom socorro, como neste cerco se achou, em estas duas armadas se acharem tão prestes e perto d'Arzila; e com este conselho, mandando a bombarda diante, levantou o arraial e se foi caminho d'Alcacere Quebir e dahi a Féz, avendo dezaseis dias que entrara em Arzila. Estes tres valerosos capitães que juntos em Arzila se achárão, eu creio que em nosa Espanha outros tres seus iguaes não avia, ou que lhe pudesem fazer ventaje, e por me soltar tanto, tendo visto tão pouco, peço perdão á muita autoridade, obras e fama do grão

1. o pique] a pica B N L M.

capitão Gonçalo Fernández de Cordova, que já neste tempo era apousentado em Granada, e á muita prudencia de Prospero Colona, que neste tempo era capitão jeral em Italia, por el-rei Dom Fernando. Estes tres ilustres capitães, vendo el-rei de Féz ido, entendêrão em remedear os muros o milhor que pudérão, e alguns moradores, que no castelo estávão, se tornárão a suas vazias casas, as quais, asi elas como as ruas, érão cheias de lã e de penas, porque os mouros, não tendo conta com estas duas cousas, vazávão os colchões e cabeçais e, leixando o que dentro tínhão, levávão sómente o lenço. Outros muitos moradores, em este fragante delito, se embarcárão com suas molheres e filhos e viérão ter a Portugal e a Castela.

O conde Pedro Navarro, vendo que não avia mais que fazer, despedido do conde e de Dom João de Meneses e do capitão dos jinetes e do conde de Tentuguel, e asi de todos os outros fidalgos, se embarcou, pedindo-lhe o conde primeiro dous homens sinalados que o conde Navarro trazia, os quais lhe leixou e vivêrão depois muito tempo em Arzila casados: um foi o condestabre Pelegrim, que vinha por mestre do campo do conde Navarro, o qual desembarcou com calças e jubão de brocado e ũa gorra de grã com seu penacho grande e ũa alabarda nas mãos, de maneira que entrou o mais gentil homem que em toda a frota vinha. Deste Pelegrim, por casar em Arzila com Inês Janeira, pesoa muito honrada, ficou ũa filha, que hoje é casada com Rui Gonçálvez do Sardoal, e um filho, frade da ordem de São Francisco, que na ordem está muito bem afamado. O outro foi Diogo d'Avila, que por sarjento da ordenança vinha, ao qual o conde fez capitão de vinte alabardeiros; e depois foi seu veador até a morte do conde, e depois foi viver a Arzila, donde viveo muito tempo e casou; e morreu em fama de homem muito honrado e de bem, ao qual ouvi muitas vezes contar que, andando em Italia em fama de valente homem, querendo-se um soldado vingar, ou injuriar doutro, se foi a ele e lhe dise que lhe daria vinte coroas, se lhe injuriase a Foão, e que ele lhe preguntou se a injuria avia de ser pubrica e se avia de saber o outro que por seu mandado era feita; dise que si: «Foão vô-la manda fazer». Seguradas as vinte coroas se foi ao que avia de ser injuriado e lhe dise: «Foão me tem prometido vinte coroas por que vos afronte, e porque eu não perca o partido aveis de dizer que vos dais por afrontado de ũa e que eu por seu mandado vos fiz tal afronta, e fazendo vós isto ficarei por voso amigo e senão guardai-vos, porque vos tenho d'afrontar por ganhar as vinte coroas». O outro por ser confiado em se vingar chamou duas testemunhas e perante elas dise: «Eu me dou por afrontado de Foão, e como injuriado me queixo dele por tal injuria, que por seu mandado recebi de Diogo d'Avila, que está aqui, e como seu injuriado me vingarei dele se puder»: e com isto demandou o premio e lhe foi julgado. Cada um diga o que lhe parecer.

Tornando ao conde Navarro, despedido com sua frota e galés, se tornou pera o Pinhão de Bélez da Gomeira, donde estava ao tempo que dérão a nova que Arzila era perdida, fazendo aquela tão asinalada fortaleza do Pinhão, a qual esteve em poder de cristãos dezoito anos e se perdeo por descuido do capitão, no ano de mil e quinhentos e vinte e seis, e por manhas e ardis d'el-rei de Bélez, a qual oje está em poder de turcos. Este tão afamado capitão, o conde Pedro Navarro, por ser o mais industrioso homem de seu tempo pera combater cidades, castelos e fortalezas, e por sua industria ter alcançado muitas vitorias por terra e por mar, veio a alcançar grande valia com el-rei Dom Fernando, e veio a ser um dos mais asinalados capitães, e sendo um dos mais ilustres e afamados capitães que se achárão em aquela sangoenta batalha de Ravena, que se deu no ano de mil e quinhentos e doze anos, sendo capitão jeral da parte francesa Dom Gastão de Fois, mancebo de admiravel vertude, que, alcançada tão grande vitoria, morreo de muitas feridas, e da parte dos imperiais e rei d'Espanha era capitão Dom Reimão de Cardona, viso-rei de Napoles, e do papa Prospero Colona, em a qual foi preso o conde Navarro e levado a França com outros mui ilustres capitães, e foi resgatado por certa soma de dinheiro que ele não podia pagar sem ajuda d'el-rei seu senhor; e confiando el-rei de França dele, veio a Espanha, donde achou em el-rei Dom Fernando pouca mercê e favor, acusando-o que por sua causa se perdera aquela tão asinalada batalha de Ravena, donde Espanha, Roma, Veneza tanto dano recebêrão [1]; e é verdade que [2] mestre Vales, que escreveo a vida do marquês de Pescara, que nesta batalha foi preso, diz que por o conde Pedro Navarro deixar este dia pasar o Pó toda a cavaleria francesa e muita parte dos tudescos, confiando em seus soldados, foi causa esta tardança de tamanho desbarato. E vendo o conde Navarro a pouca mercê d'el-rei seu senhor se tornou á prisão, pois não podia pagar a soma por que era resgatado; e depois el-rei de França, Francisco de Valois, não tão sómente o tirou da prisão, mas fê-lo um dos mais asinalados de seus capitães, em cujo serviço andou muito tempo; e como no ano de vinte seis sobre Pavia foi el-rei de França, Francisco de Valois, preso polos capitães imperiais tãobem o foi o conde Pedro Navarro e foi levado á fortaleza de Napoles, donde pasou o derradeiro termo de sua velhice em prisão, até que acabou seus dias, sendo um dos capitães que mais honra alcançou por sua pesoa e mais fama deixou dos de noso tempo. Alarguei-me tanto neste valeroso capitão, sabendo tão pouco dele e de seus grandes feitos, por sómente ficar em memoria sua tão asinalada vinda a Arzila e dela nacerem estes ramos, que algũas pesoas não saberão nem terão destas cousas conhecimento, e por tanto me levem em

1. recebêrão] recebeo A L. — 2. e é verdade que] e a verdade que A, e a verdade L, e na verdade B N M.

conta ser tão largo. Tornando a meu preposito, contarei como a nova d'Arzila ser perdida chegou a el-rei Dom Manoel e donde estava e o que fez.

CAPITULO V

De como el-rei Dom Manoel teve nova que Arzila era perdida e o que fez.

JÁ tenho dito como o conde de Borba, tanto que teve os mouros tomados, mandou um barco a Tanjere, fazendo saber a nova que tinha a Dom João de Meneses, e dahi pasase a Castela com a mesma nova; e tãobem que os navios que no arrecife avia, vendo a vila entrada, com algũas pesoas que pudérão recolher, se fizérão á vela, e chegando a Castela e ao Algarve enchêrão toda a terra que Arzila era perdida. Tanto que o correjedor da cidade de Tavila teve a primeira nova o fez saber pola posta a el-rei noso senhor, que em aquele tempo era em Evora. Tanto que el-rei teve as cartas e novas, que Arzila era perdida, sem mais outro algum conselho se pôs a cavalo e mandando que em Lisboa [1] e por toda a parte se fizese grande socorro de navios e jente, e logo partisem a se ajuntar em Tavila, donde os ele ia esperar, e tomando o caminho de Tavila, chegou a ela aos dez dias depois da vila entrada; e afírmão que a entenção d'el-rei era, que sendo Arzila perdida, pasar e mostrar todo seu poder até a cobrar e pôr debaixo de sua coroa real e estado; e chegado a Tavila teve mais certa nova de como toda a jente da vila era recolhida ao castelo, e como Dom João de Meneses era dentro, e asi do mais socorro que já era partido do Algarve e de Castela, com que el-rei ficou desagastado, pois o conde não foi entrado na furia dos primeiros dias o não seria tendo socorro tanto e tão bom; e por esta nova não deixou de mandar fazer prestes muitos navios, jente, monições por todo o reino com inteira vontade de pasar; e estando em Tavila fôrão ter com ele todos os mais senhores deste reino, e os que se não achárão na corte e não saírão [2] com a pesoa do seu rei, e sabendo que era ido caminho do Algarve, todos acodíão com a mais jente e armas que podíão, entre os quais foi o mestre de Santiago que, estando em Setuvel, donde lhe tomou o rebate, fazendo prestes todos os navios e jente que depresa se podíão armar, se foi ajuntar com el-rei em Tavila.

Estando Portugal com este tamanho abalo, chegou nova a el-rei noso senhor de como el-rei de Féz era ido, e como o conde Pedro Navarro

1. *As cartas regias que sobre este socorro D. Manoel mandou á cidade foram parcialmente transcritas por Freire d'Oliveira nos seus Elementos para a historia do municipio de Lisboa, I, p. 406-7.* — 2. e não saírão] e sairem A.

fora ao socorro, e asi a certeza do que mais avia pasado até a vila ficar em poder do conde e de Dom João de Meneses, com as quais novas ficou desagastado de todo. Vendo que não era necesario socorro, pois Dom João e o conde avião despedido a maior parte da armada e jente, por não ser necesaria, e sabendo o conde que el-rei era em Tavila, leixando a vila encomendada a Jorje Barreto, seu jenro, se embarcou com Dom João e veio beijar as mãos a el-rei e lhe dar conta do pasado e do que mais era necesario fazer-se. O conde foi recebido de toda a corte como se requeria a tal pesoa, e muito milhor d'el-rei, fazendo-lhe muita honra e mercè; e enformado do que era necesario pera fortificar a vila, e fazendo mercê aos moradores pera se encavalgarem, pois todos avião perdido seus cavalos, e asi algũa ajuda pera concertarem suas casas, o despedio, mandando com o conde mestre Butaca, grande mestre de obras, que fizese os muros de pedra e cal; e asi mandou prover como em Vila Nova de Portimão se fizese muita cal.

Ordenadas todas as cousas necesarias ao provimento d'Arzila, el-rei se tornou pera Evora, vindo já com el-rei Dom João de Meneses, de quem soube todo o pasado, asi todo o suceso d'Azamor, como todas as cousas qve pasárão em Arzila. Muitos senhores e fidalgos vendo a vontade que el-rei tinha [1] de sustentar e favorecer Arzila se detriminárão de o ir servir a ela; e dos primeiros que com o conde fôrão foi Dom João Coutinho, seu filho, que depois foi o afamado conde do Redondo, de quem os caminhos e barcas andão cheias de seus grandes feitos e ditos, que em Portugal estava ao tempo que os mouros em Arzila entrárão, casado com Dona Isabel Anríquez, filha do capitão dos jinetes, Dom Fernão Martinz Mazcarenhas; e tãobem logo dos primeiros foi Nuno Fernândez de Taide, que não tardou muito que não foi capitão de Çafim, de cuja fama e feitos ha muito que dizer. Logo a pouco tempo se achárão em Arzila grandes fidalgos e senhores com grandes casas, antre os quais foi Dom Francisco Portugal, que depois foi conde do Vemioso, e Alvaro Gonçálvez de Moura, que sua casa e jente não era menos que a de Dom Francisco, porque Dom Francisco tinha oitenta homens principais d'Evora e cincoenta e cinco de cavalo, e o bizconde de Vila Nova de Cerveira e seu primo, Diogo López de Lima, e outros fidalgos que não nomeio, sómente a Dom Fernando de Castro, alcaide-mór do Sabugal, que os mouros matárão em Arzila, de cuja casa e morte contarei, Deos querendo, a seu tempo. E com isto tornarei a contar algũas cousas que a guerra deu de si, depois da tornada do conde de Borba até o segundo cerco, e não todas, sómente as de que sou lembrado.

1. tinha] tenha A.

CAPITULO VI

Em que se côntão algũas cousas que em Arzila pasárão depois da tornada do conde até o segundo cerco, e asi de ũa grande entrada que Nuno Fernândez de Taide fez.

Tornando o conde de Borba de Tavila, onde avia ido beijar as mãos a el-rei Dom Manoel e dar-lhe conta do que pasara em aquele cerco e entrada, que os mouros fizérão em Arzila, e fazendo-lhe el-rei muita honra e mercê, e asi aos moradores pera se encavalgarem e concertarem suas casas, por ficarem as mais delas derribadas, asi dos mouros como dos soldados e jente de pé que na vila ficara, os quais, como entrou o inverno e não avendo lenha nem jente de cavalo que fose por ela, desfazíão ũa casa por lhe tirarem a madeira pera com ela fazerem fogo; e desta maneira os nosos fizérão mais dano que os mouros. Chegado o conde a Arzila foi logo visitado do alcaide d'Alcacere Quebir, que fora seu cativo, e lhe mandou dar a boa vinda; e sabendo os mouros como em Arzila não avia jente de cavalo que lhe pudese fazer dano, andava o campo muito largo e por todas partes pacia o gado á sua vontade, e andávão a crestar; e sabendo o conde como o campo andava desta maneira, e que não ia homem ou moço d'Arzila pera Tanjere que não tomasem, e asi soube como no porto d'Alfeixe [1] andava ũa quadrilha de homens de pé, mandou a Pero de Meneses com corenta de cavalo que na vila se pudérão ajuntar, os quais érão os mais seus, porque os moradores, quando os mouros a vila entrárão, lhes levárão todos os cavalos, e lhe dise que fose armar a estes que andávão no porto d'Alfeixe e tínhão redes e caneiros [2] pola ribeira da Pontinha pera baixo. E com este aviso saio Pero de Meneses da vila e, pasando a ribeira por cima da Pontinha, veio, por dentro do Soveral, sair ao porto da Lama, donde veio dar com corenta mouros de pé, e dando neles os desbaratou e matou e cativou todos sem escapar nenhum, dos quais trouxe cativos vinte quatro, com os quais entrou na vila muito contente. Posto que Pero de Meneses tinha já tomado alguns crestadores derrador da vila, por ser esta saida com toda a jente de cavalo que na vila avia, foi feito sinalado. Não tardou muito que Pero de Meneses não tornou a ir fora com quinze de cavalo, e em Buabe, quatro legoas da vila, tomou quatro crestadores com duas egoas carre-

1. Alfeixe] Alfreixe B N M. — 2. caneiros] carreiros A L, carneiros B N M. *A leitura de* A *é certa, em* L *só se pode ler* car —, *por causa do mau estado do ms. Apesar de* carreiro *ser a forma dos dois melhores mss. não hesitamos em fazer a emenda em* caneiro, *que tal é o nome do objecto.*

gadas de mel. Tãobem Jorje Vieira, com seu filho Estêvão Vieira e seus jenros e amigos, não deixava de ir fora, e sempre trazia mouros, especialmente do Soveral de Larache, donde ele muito sabia e se metia nele, e dando vista ao campo de Taurete e d'Alvalate não se descobria mouro que ele não vise e tomase. E já com estas presas os mouros se começárão a recolher, e não andávão tão largos como dantes; e tãobem porque já em Arzila a jente de cavalo ia crecendo, asi dos moradores, indo a Portugal e Castela por cavalos, e tãobem avia alguns fronteiros [1], e dos primeiros que neste tempo fôrão foi Nuno Fernândez de Taide, que depois foi capitão de Çafim, com muita e boa jente do Algarve e bons cavalos, e do conde de Borba foi muito honradamente recebido e tratado; e me afirmo que nunca da boca do conde foi nomeado senão por senhor sobrinho. Já com favor de oitenta de cavalo, que em Arzila avia, Pero de Meneses e Jorje Vieira ameudávão muito as idas fora, e Pero de Meneses ousava ir á Ponte, porque muitas vezes trouxe mouros, asi de pé como de cavalo; e vendo-se já o conde favorecido da guerra, mandou a Pero de Meneses que, com trinta de cavalo, ele e Jorje Vieira fosem correr ao gado d'Agoní ou de Mençara, e fizesem polo tomar, o que eles fizérão; e correndo pola boca de Capanes dentro, tomárão cinco mouros e um bom golpe de gado vacum e meudo, que foi muito bom pera a vila, pola falta que avia de carne, ainda que não faltava de Castela.

Esta almogaveria quebrou muito os corações aos mouros e foi necesario ao alcaide vir-nos correr, e trouxe muita jente dos alarves e dos colotos, e chegárão até a cava, e o mór dano que fizérão foi levarem algũa ferramenta dos que trabalhavam na cava; e como ainda não avia artelharia, andávão á sua vontade polas ortas. O conde os leixou por esta vez ir em paz, sem travar com eles ás tranqueiras, por ainda as não aver; e tãobem porque já avia alguns fidalgos, com os quais levou muito trabalho em os ter, por que não ouvese algum desmando, e dali por diante o conde trabalhou por concertar seus valos e tranqueiras. O alcaide se foi pola serra, favorecendo-os e pondo-lhe [a][2] ordem que avíão de ter [3], e em Benarróz deixou por amel e arrecadador seu a Bençalema Laiate, homem preto e sesudo, que com alguns de cavalo favorecese as bocas de Benarróz e Benahamede, e tivese cuidado dos atalhadores, e os fazer ir por seus jiros atalhar; e d'Algarrafa e outras aldeas até Alexarif deixou por alcaide de cincoenta de cavalo a Benganeme, pessoa honrada, e que lhe acodisem outros cento que ao rebate se ajuntávão, de modo

1. ia crecendo... alguns fronteiros] ia crecendo por os moradores irem a Castela e Portugal por cavalos e tãobem avendo já fronteiros B N L M. — 2. a] *f. em todos os mss.* — 3. e pondo-lhe... ter] e dando-lhes ordem e rejimento do que avíão de fazer e ter B N L M.

que ao primeiro rebate Benganeme se achase com cento e cincoenta de cavalo.

Desta ordem que o alcaide fez, logo o conde foi avisado e ordenou de lhe armar, e presuposto que em Arzila estava Dom João Coutinho, seu filho, e Jorje Barreto, seu jenro, a licença deste feito deu a Nuno Fernândez de Taide; e avido seu conselho com os almocadens Pero de Meneses e Jorje Vieira, e asi com os principais, como Pero López d'Azevedo, Antonio da Fonseca e Fernão Caldeira e o adail, que neste tempo era Pero Godinho, e ordenado a ordem que avíão de levar com toda a jente de cavalo que avia, que érão oitenta e tantos de cavalo, indo Pero de Meneses e Jorje Vieira por guias e almocadens, chegárão [a]o Azambujal d'Algarrafa, donde Pero de Meneses e Jorje Víeira quisérão que Nuno Fernândez de Taide ficara e Pero de Meneses entrara com dezasete de cavalo, o que Nuno Fernândez não quís consentir, dizendo que ficava lonje dos seus e que podíão perder-se primeiro que os ele pudese socorrer, e que ele avia d'estar em parte donde asegurase os seus almogavares, e que mais queria asegurando os seus não fazer nada ou tomar um só mouro que perdendo um só homem desbaratar o alcaide: palavras são de tão excelente capitão como depois foi de Çafim, e seus grandes feitos deixo pera os que dele mais conhecimento tivérão e milhor o sabem; e dizendo estas tão asinaladas palavras, pasou adiante; e ficando junto d'Algarrafa, no meio do caminho, Pero de Meneses e Jorje Vieira com dezasete de cavalo pasárão mais a dentro, e sendo menhã vírão dous atalhadores e saindo-lhe os seguírão e fôrão tomar um junto com Bugidião, donde logo trouxérão consigo dez ou doze de cavalo; e asi tomando o rebate acodírão os outros das aldeas d'Alexarif, e vindo-se recolhendo, ouvérão vista do alcaide Benganeme, que com os cincoenta de cavalo saira d'Algarrafa, e Pero de Meneses fez alancear o mouro que trazíão. Os que trás os nosos vínhão, vendo o mouro morto, parecendo-lhe que por se despejarem o fizérão, tanto que se ajuntárão com o alcaide lhe disérão que apegasem com os nosos, pois já fojíão todos, dizendo: Já fojem! e pois matárão o mouro não tínhão costas, e tendo-as avíão d'estar no Zambujal, mais de ũa grande legoa dali, e primeiro que ao Zambujal chegasem érão todos perdidos e mortos; e com isto apegárão tão rijo c'os nosos almogavares que foi forçado a Pero de Meneses fazer ũa volta; e posto que os fez afastar de si, foi causa pera se engrosarem e chegarem os que atrás vínhão; e vendo-se já os mouros mais de cento de cavalo, como Pero de Meneses tornou a enfiar, pegárão tão rijo com eles que Pero de Meneses dise a Jorje Vieira que se pusese na dianteira e não deixase de andar, e que ele queria ficar na traseira, porque lhe não derrubasem algum homem; e desta maneira vínhão tão apertados que, quando Nuno Fernândez de Taide saio, todos érão já mesturados, de modo que se as costas ficárão no Azambujal não pudérão deixar de se perder

alguns dos almogavares, ainda que Pero de Meneses era o que mais risco corria, e conhecendo-o não ousávão chegar a ele; e saindo Nuno Fernândez e os almogavares, virando todos, fôrão mesturados, e posto que Jorje Vieira era homem velho, se encontrou com o alcaide e rompidas as lanças vierão-se a abraçar, a tempo que Antão Rodríguez, ferrador, que tãobem era dos almogavares, era com eles, e todos tres fôrão ao chão; e sendo o alcaide desemburilhado e casi em pé, chegou Antonio da Fonseca, contador d'Arzila, e vendo ao alcaide em pé foi pera o encontrar: o alcaide se abaixou por ũa lança e, pondo-a diante, tomou o cavalo de Antonio da Fonseca por ũa queixada e pasando-lhe o pescoço o fez impinar e deu com Antonio da Fonseca abaixo, e levando na mão um punhal, que da cinta tirara Antão Rodríguez, se foi abraçar com Antonio da Fonseca, o qual Antonio da Fonseca levou debaixo, e bradando Antão Rodríguez e Jorje Vieira que o não matasem, Antão Rodríguez não lhe podendo tirar da mão o punhal com que já ele era ferido e asi Antonio da Fonseca, e posto que já estava sojigado polo Antonio da Fonseca ter debaixo de si, e com bradar a Antão Rodríguez que o não matase e a Jorje Vieira que o leixase só, porque ele lhe tiraria o punhal das mãos, não pudérão com Antão Rodríguez que não lhe metese a espada por debaixo da saia de malha, de modo que ali morreo, ocupando este só alcaide estes tres tão honrados cavaleiros. Os outros mouros, tanto que vírão sair a cilada e que os nosos tínhão costas donde não esperávão, se dérão por perdidos, e vírão o alcaide ficar antre os nosos, logo, virando as costas, se pusérão em fojida, indo os nosos matando e derrubando neles, até pasarem o Porto Grande d'Algarrafa, caminho d'Alcacere; e neste alcance fôrão mortos e cativos vinte e oito de cavalo, em que tomárão quinze vivos, com os quais Nuno Fernândez de Taide e Pero de Meneses muito contentes se recolhêrão, sem receberem outro algum dano; e chegados á vila, o conde os saio a receber com muito gasalhado e honra, e asi á porta da vila com ũa solene procisão de toda a clerezia e cruzes, e entrados se fôrão á igreja de Sam Bertolameu, donde apeados dérão muitas graças a Deos por tamanha mercê, como aquele dia lhe fizera. O conde de Borba louvou muito este feito do Nuno Fernândez de Taide, por ser um dos maiores e milhores que em toda a Africa se fez, asi por serem os mouros cento e cincoenta de cavalo, como por sairem da vila a buscar e fazer o feito que fizérão. O alcaide d'Alcacere sentio muito este feito e a morte de Benganeme, por ser a ele muito aceito e parente, e muito mais por ser o ardil seu e ordenado por ele e lhe sair ao contrairo do que cuidava, que, parecendo-lhe de prender e matar a Pero de Meneses, lhe creceo o animo pera cometer outros maiores feitos. Afirmávão que se Nuno Fernândez ficara mais largo se perdera o feito, segundo Pero de Meneses vinha apertado, e que não chegara a Nuno Fernândez sem perder alguns dos que com ele vínhão; e polo

contrairo, se se achara mais largo e os tomara mais á longa, não se salvara nenhum dos que com Benganeme sairão, e se perdêrão mais de cincoenta de cavalo, mas nunca vem cousa favoravel que a natureza não decese mais. Fôrão estes mouros vendidos asaz barato, ainda que neles avia mouros honrados e criados do alcaide; e os mais deles fôrão comprados do mesmo Nuno Fernândez e de Dom Fernando de Castro e doutros fronteiros, que neste tempo em Arzila avia, e o numero da jente de cavalo foi acrecentada, e ouve neles mui fermosos jinetes, ainda que no preço não valíão o que agora valem.

Requerido e importunado o conde de muitos senhores e fidalgos, que em Arzila estávão, por licença pera irem fora, quís antes ir com sua pesoa e bandeira, que não dar licença a um e agravar a outros; e tendo nova mandou dar ás trombetas, e entrando pola boca de Benamares correo a boca de Benahamede e de Benarróz, e roubando o campo tomou mais de trinta almas e mais de seiscentas cabeças de gado vacum e mais de mil de meudo e egoas e poldros, com a qual presa se recolheo, sem receber nenhum dano, e a vila ficou abastada de muita carne, valendo um boi dous cruzados e um carneiro um tostão. Fôrão tão asombrados os mouros destes feitos que muitas aldeas se levantárão e se despovoárão, especialmente da fralda de Benagorfate e de Benamares. Sentindo muito esta guerra, os alcaides logo se juntárão, o d'Alcacere e Jazem e Larache e Barraxe, e com muita jente corrêrão Arzila por todas partes, e Barraxe e Almendarim pola praia e os outros polo Facho, e por não aver ainda valos [1] e ficarem derrubados [2], chegárão á porta de Féz da vila velha de mestura da boiada, que por ser muita se não pode recolher sem algũa contenda, e por ser antre as ortas os mouros se afastárão com um golpe de cabras e gado meudo da condesa e com algũas poucas vacas que com a grande grita e bombardas se espantárão e virárão o rosto pera os mouros, porem leixando tres mortos antre as ortas e outros que eles levárão. Deste tão pouco dano que a vila recebeo foi o conde muito contente, e muito mais polos fidalgos e moradores que com o conde se achárão o fazerem todos muito bem, que o primeiro que este dia derribou mouro foi Dom Bernaldo Coutinho, filho do conde de Borba, e uns por lhe averem enveja e outros por lhe acodirem o fizérão tão bem que, lançando os mouros fora do terreiro dantre a porta da vila velha, lhe leixárão tres mortos. O conde louvou muito os fidalgos e cavaleiros, porque sem duvida por sua valentia não levárão este dia parte da boiada. Correndo a fama destes feitos, e que em Arzila avia muita jente de cavalo, e a guerra que fazia, não o podendo el-rei de Féz sofrer, ainda que as cousas necesarias pera cerco não estávão juntas, parecendo-lhe que de cada dia

1. ainda] *f. em* A. — 2. e ficarem derrubados] que ficárão derrubados B N M.

faríão Arzila mais forte, se detriminou de logo a tornar [a] [1] cercar, e partindo de Féz se veio apousentar no Xercão, lugar acostumado, donde correo muitas vezes Arzila, em tanto que a jente e bombardas chegávão.

CAPITULO VII

Como el-rei de Féz cercou outra vez Arzila, e dalgũas cousas que neste cerco se pasárão [2]

Tanto que o conde de Borba soube que el-rei estava no Xercão, e teve por certo que o vinha cercar, repartio os baluartes e estancias polos senhores e fidalgos que na vila estávão, com a jente necesaria da sua como doutra da vila e das obras [3], de maneira que os mais dos moradores ficárão pera acodirem donde ouvese mais necesidade, [e asi] [4] mandando pôr polas torres muitos fugareos e bandeiras, de maneira que todo este apercebimento era porque já dantes esta nova o conde de Borba tinha por certa, que el-rei se fazia prestes com todos os apercebimentos necesarios pera o tornar a cercar [5], e não esperava por mais que por duas bombardas que mestre João, que já neste tempo era em poder d'el-rei de Féz, lhe fazia, como de feito lhe fez, do qual mestre João darei larga conta em seu tempo, querendo Deos, e por o conde ter aviso dos mouros e mercadores cristãos, e delo [6] tinha avisado a el-rei, o qual o tinha provido de artelharia e polvora e de todas as monições necesarias, polo não tomarem desapercebido como da outra vez: e asi se achárão em Arzila neste tempo muitos e mui honrados fidalgos. Não sou lembrado se viérão ao socorro, se a servirem a el-rei; e porem, segundo as grandes casas e gastos, me parece que servíão, porque Dom Francisco Portugal servia á sua custa com quinze ou vinte de cavalo e oitenta bèsteiros e outros muitos homens honrados, criados d'el-rei e do bispo d'Evora, seu pai, em que entrava Martim Boto, que em Arzila ficou casado com ũa irmã de Pero Godinho, que neste tempo servia de adail; Alvaro Gonçálvez de Moura com doze de cavalo e muita jente de pé; o bizconde de Vila Nova de Cerveira não tinha menos casa e jente que cada um destes senhores; e asi Diogo López de Lima, seu primo, com mui luzida jente; mas nenhuns chegávão aos do bizconde que, asi homens como as béstas, fazíão muita avantajem a toda a outra jente. Avia outros muitos honrados

1. [a] *f.* A. — 2. pasárão] pasou A. — 3. da sua... e das obras] e asi pola fama deste cerco tinha do Algarve vindo jente B N L M. — 4 [e asi] *f. em* A. — 5. era porque... o tornar a cercar] era pola nova que já o conde tinha que el-rei o vinha cercar B N L M. — 6. delo] elo *é forma arcaica, como é sabido, de* ele *no sentidod e* isso; *f. nos outros mss. porque a redacção é diferente.*

fidalgos, em que entrava João da Silva, que depois foi muito tempo rejedor da casa da sopricação. Muita ventaje fez a todos estes senhores Dom Fernando de Castro, alcaide-mór do Sabugal, que os mouros em Arzila matárão por desastre, como logo adiante se dirá, o qual Dom Fernando tinha perto de corenta de cavalo.

O conde ordenou suas estancias e repartio a jente por suas capitanias, e polas torres muitas bandeiras e fugareos que de noite ardesem; e tudo ordenado, chegárão as bombardas de Féz, e asi a espera que o ano pasado d'Arzila avíão levado, que aos outros fazia muita ventaje, e asi outros tiros mais pequenos. A jente foi tanta de cavalo e de pé que não se podia contar. El-rei mandou logo fazer estancias de muitos cestos de canas cheios de terra, donde as bombardas jugasem, e asi grandes valos, pera que não recebesem dano dos nosos, que muitas vezes saíão a dar nas estancias; e tendo suas estancias feitas e as bombardas asentadas, começárão a bater o muro; e gastados alguns pelouros, que da vila avíão levado com a espera, os outros érão de chumbo e fazíão pouco dano; e os que chegávão a minar o muro, como da outra vez, recebíão dos nosos bèsteiros, que érão muitos, tanto dano e morríão tantos, que já receávão de chegar; e pera poderem chegar a minar trazíão mantas de madeira com que se emparávão, mas logo érão tomadas e desbaratadas polos nosos, saindo fora por mandado do conde, de maneira que uns mortos ás setas e outros ás lançadas e outros com fogo, érão tão escarmentados que não ousávão chegar ao muro; e vendo el-rei de Féz que suas bombardas fazíão pouco dano, polos pelouros serem de chumbo, e que na vila avia muita jente, e que cada dia crecia, por virem todos os dias navios com socorro, e que não tão sómente se defendíão, antes os mais dos dias saíão a dar nas estancias, e asi a cavalo como jente de pé, e sempre recebíão muito dano com as panelas de polvora que lançávão nas estancias e cavas, e que estas saidas lhe não podíão tolher; e posto que estávão prestes pera logo acodirem ao rebate, estava, sempre que os nosos saíão, a artelharia da vila prestes e apontada, de maneira que nunca os nosos saíão que os mouros não recebesem muito dano, ainda que os muros érão fracos e não érão acabados de fazer, e que a jente e madeira era muita, — desconfiando de não poder sair com o que tinha começado, ouve conselho de se levantar e se ir, depois de aver estado vinte e tantos dias sobre Arzila; e batendo os muros, fez levar suas bombardas diante e se foi com perda de mais de tres mil homens.

Posto que neste segundo cerco pasárão algũas cousas que se pudérão mui bem contar, direi sómente duas delas por serem as mais notaveis, e por ambas acontecerem em um dia, que foi o primeiro que os mouros asentárão o cerco; de maneira que neste primeiro dia chegou ũa caravela d'Alcacere do Sal, carregada de frasca e fato de Dom João Coutinho, filho do conde de Borba, que já era casado com Dona Isabel Anríquez,

filha de Dom Fernão Martinz Mazcarenhas, capitão dos jinetes, a qual Dona Isabel já era em Arzila, que avia ido por terra, e a frasca e fato, com outras muitas joias e peças ricas, que sua mãe Dona Violante Anríquez lhe mandava, tudo ia em aquela caravela com algũas pesoas de serviço de sua casa; e entrando no arrecife, vendo a praia cheia de mouros e muitos que se deitávão a nado ao navio, o mestre, deitando duas ancoras, se meteo na barca com os marinheiros e a mais jente que trazia, e se foi á porta da Ribeira, ficando o navio ou caravela sem jente. Os mouros vendo o navio desemparado de jente, cortando-lhe as amarras, dérão com ele á costa defronte do adro, sem o poderem socorrer, por os barcos estarem já varados antre as portas da Ribeira e do Albacar; de modo que muito bem o podíão ver das janelas do conde e do muro tirar da caravela todo o fato e frasca, que avíão dado em casamento ao conde Dom João Coutinho, que outra cousa lhe não ficou, sómente o que por terra levou em cima de si e de suas molheres. Recebeo o conde Dom João nesta caravela muita perda.

O outro caso notavel que neste cerco aconteceo foi que no baluarte da porta da vila, em duas bombardeiras que estão á porta, estávão dous tiros grosos, um uso que lançava ferro coado, e um camelo de ferro que lançava o pelouro de pedra; e a boca do camelo era de palmo e meio de vão, o qual estava atacado e cevado e na escorva ũa telha emborcada, e a bombardeira estava cheia de jente, e antre os que nela estávão era João da Silva, que depois foi rejedor da justiça, e outros muitos fidalgos e moradores; e em meio deles estava um frade de São Domingos, em seu abito branco, o qual estava em pé com as costas na boca da bombarda, e estávão vendo como a jente começava a entrar polas ortas, e como e donde asentávão as tendas, e como outros andávão vendo os lugares mais prontos pera prantarem sua artelharia; e neste tempo, sem ninguem pôr fogo, desparou o camelo. Dizem que Savarim da Montanha, bombardeiro, que alimpou ũas camaras fora do baluarte, e delas saltou o fogo na escorva do camelo, e primeiro que o frade se afastase o levou o pelouro pola bombardeira fora sem parecer; e todavia ouve alguns queimados, em que foi Diogo d'Abreu, juiz que era d'Arzila, e o mesmo João da Silva tãobem recebeo dano, e outros asombrados; mas o juiz foi tão maltratado que esteve todo o cerco na cama, e depois de são, por ficar com o rosto preto da polvora, perdeo o nome d'Abreu e lhe chamárão Diogo Fernândez o negro.

Aquela tarde, recolhidos os mouros ás tendas e dando lugar ás ortas, o conde mandou sair fora alguns homens de pé, e que recolhesem algũas caniçadas das ortas, e asi algũa ortaliça que os mouros não pudérão levar, por lh'o tolherem do muro as muitas béstas e espingardas que nele avia. Estes que fora saírão trouxérão dous pedaços do frade, ũa perna que logo caio na cava, e outro pedaço que os mouros não pudérão levar

por cair em a orta de Pite João, que estava debaixo da porta da vila. Trazidos os pedaços do frade e postos á porta da igreja, o priol Paulo Álvarez não quís consentir que os enterrasem na igreja, nem em sagrado, dizendo que estava escomungado, por ser um dos tres que fizérão levantar a união dos cristãos novos de Lisboa, e que os dous fôrão queimados por justiça na cidade d'Evora; e aquele fojindo foi ter a Arzila, desconhecido, donde ainda que fojio a el-rei não pode escapar da justiça divina, de modo que os dous pedaços do frade fôrão enterrados defronte da porta principal da igreja, fora do sagrado, junto á escada dos contos.

Tornando aos mouros, que já érão idos com muito descontentamento de el-rei de Féz, deitando-[lhe] [1] a culpa de não entrar o castelo o primeiro dia que se tomou a vila no primeiro cerco: e dizem que Barraxe, vendo a muita riqueza e fato que da vila se tirava, disera a el-rei que por partido era milhor tomase o conde, com todos os que com ele estávão recolhidos ao castelo, que não entrando-os por força, que não podia deixar de morrer muita jente dos seus, e asi morrerem muitos dos cristãos, pois o castelo era tão fraco que não avia nele defensa; e com esta paixão levava [el-rei] [2] em vontade, pois tinha em seu serviço a mestre João, artilheiro, de lhe mandar fazer dous pasa-muros e buscar maneira pera aver pelouros de ferro coado, de modo que a poder de tiros entrase em Arzila: o que Deos ordenou doutra maneira, que, deste mês d'agosto a corenta anos, por vontade d'el-rei noso senhor, se entregase ao xarife, o maior imigo e persiguidor dos oatace [3] de Belamarim [4], linhagem tão antiga dos reis de Féz, a qual deixada foi sete meses antes que este xarife ganhou a grande cidade de Féz com todo seu reino, por traição dalguns senhores do reino, como em seu tempo direi, querendo Deos [5].

CAPITULO VIII

Dalgũas cousas que depois do segundo cerco alevantado se pasárão; e como foi morto Dom Fernando de Castro, alcaide-mór do Sabugal

LEVANTADO este segundo cerco e recolhido el-rei pera Féz, com muita magoa e desgosto em não poder tomar Arzila, levando vontade de buscar todas as artes, arteficios, maneiras com que pudese tornar

1. [-lhe] *f. em todos os mss.* — 2. [el-rei] *f. em todos os mss.* — 3. oatace] casasa A; *f. nos outros mss. Talvez o auctor quisesse escrever* oataz, *como Marmol, Faria e Sousa*, etc. *Os oataces eram um ramo da dinastia dos merinidas que reinaram em Fez antes dos xarifes.* — 4. Belamarim] merines B N L M. Belamarim: *Benamarim: merinidas.* — 5. *Este parágrafo é de construção muito incorrecta, mas o sentido é claro: Barraxe aconselhara el-rei a tomar Arzila por partido e não por força, mas êle não assentiu porque, fiado na sua artilharia, contava entrar nela de viva força.*

com maiores forças, e deixando a espera, que d'Arzila o ano pasado levara, em Alcacere Quebir, com outras duas bombardas grosas que mestre João, artilheiro, lhe fizera, e favorecendo a mestre João, lhe mandou fazer um tiro groso, como pasa-muro ou canhão esforçado, que ele trouxe ao terceiro cerco, que botava sesenta e dous arrateis de ferro coado; e asi lhe fez outros tiros com que teve muita esperança que derrubaria os muros que batese.

Pois tanto que o conde se achou desapresado, fez logo desfazer as estancias e tapar os valos, recolhendo muita madeira e rama que nelas avia, asi das estancias como de infinitas choupanas em que se recolhião; e logo começárão a vir cafilas, asi d'Alcacere Quebir, como das serras, por onde se soube inteiramente o que el-rei e os alcaides fazíão; e tãobem por muitos mouros que a trazer nova começárão a vir, com os quais avisos o conde começou a fazer a guerra com ir sua pesoa e bandeira fora muitas vezes, tomando muitas aldeas e despovoando outras, especialmente com almogavares, indo tanto a meudo fora que muitas vezes ficávão mouros, gado por vender, quando tornávão a entrar; e isto por Pero de Meneses, almocadem, ser muito prudente e sabido, em o qual todos tínhão muita confiança, e asi Jorje Vieira; e tãobem por já neste tempo estar em Arzila o grande Gonçalo Vaz, homem muito sabido, e que no tempo que viveo fez muita infinda guerra, como se verá começando a falar nele.

Os alcaides, vendo os muitos danos que os seus recebíão, asi das cavalgadas, como dos almogavares, ajuntando-se, viérão com muita jente correr Arzila; e vindo polas serras ordenárão atalhadores e atalaias que, cortando de ũa boca a outra, visem se algũa jente era entrada dentro, e com esta ordem ficárão mais seguros, asi suas pesoas como gados, e dando rebate de ũas em outras fosem todas avisadas; e com esta ordem andávão muito mais seguros, e não deixávão depois de aver muitas e grandes pancadas, que tomando os atalhadores sem rebate, e outros falsando-os, recebíão grandes danos; e fizemos grandes presas por cuidarem que estávão seguras as atalaias, e [os] [1] atalhadores se achávão tomados e cativos [2], como em seu tempo se dirá. Pero de Meneses, depois de ter feito algũas presas nas serras com dezasete de cavalo, pasando a Ponte por um porto falso, foi dar com o adail d'Alcacere, que com trinta de cavalo vinha visitar as guardas, e avendo vista uns dos outros por ser varzias e terra chã, parecendo a Pero de Meneses que fora sentido ao pasar da ribeira, e que era a jente do alcaide que o ia a buscar, fez ũa fala dizendo: «Senhores companheiros e amigos, se este é o alcaide, eu farei por vos salvar e vos prometo que o primeiro que de nós se perca e

1. [os] *f. em* A. — 2. estávão seguras... tomados e cativos] estávão seguros e as atalaias e atalhadores fôrão tomados e cativos B N L M.

moura seja eu; e se não são mais que estes que parecem, vos peço que, pois sois cavaleiros, não nos desconcertemos, e espero em Deos de oje os desbaratarmos e avermos grande vitoria». Logo lhe respondeo João Fernândez d'Abreu, filho de Diogo Fernândez, juiz que já dise fora queimado o dia do frade, que muito bom cavaleiro e seu compadre e amigo era: «Compadre, nós não sairemos do que vós mandardes e ordenardes, e o que vos pedimos e rogamos é que oje não queirais pelejar como cavaleiro desconfiado, senão como capitão que traz a cargo salvar-nos e tornar-nos donde saimos, porque perdendo-vos nenhum de nós se ha de salvar, que todos avemos de morrer sobre vós»: «Em nome de Deos», dise Pero de Meneses, e guiando a um porto falso o pasou já tão junto dos mouros, que todos íão de mestura; e sendo já destoutra parte, as guardas tomárão o rebate, e vendo os seus seguírão os nosos e se lançárão logo da outra banda, os quais érão cinco ou seis de cavalo, de modo que todos [1] érão trinta e seis de cavalo; e logo, como fôrão destoutra parte da ribeira, e vendo o adail as seis guardas diante, apegou com Pero de Meneses, dizendo: «Ah! Benarróz, oje é o teu dia». E Pero de Meneses, vendo que pasárão a ribeira, dise: «Companheiros, agora é tempo: olhai e fazei como eu», e dizendo: «Santiago!» deu neles, e os levárão até a ribeira, bradando que fojem: derrubárão cinco, que logo fôrão pasados de muitas lançadas e mortos, e tomárão um vivo; e sabendo dele que não era mais que o adail com os que parecíão, os não teve em conta, e, com muita alegria e vagar, recolhendo os cinco cavalos e o mouro vivo, se viérão a seu paso caminho de Taliconte e dahi á vila. O adail recolhido com os seus e vendo cinco mouros mortos, e que Pero de Meneses trazia lingoa e sabia os que érão, e que lhe tinha perdido o medo, não ousando a o seguir o leixárão vir seu caminho, e eles ao longo da ribeira fôrão demandar a Ponte, donde lhes pareceo acharem o alcaide, fazendo primeiro levar os cinco mouros mortos caminho d'Alcacere. O alcaide foi deste feito muito pesante e triste, porque não desejava cousa mais nem tanto que colher Pero de Meneses, por ser seu natural e lhe dar tanta guerra, como Alcacere e as serras recebíão.

Vendo-se Pero de Meneses desapresado dos mouros, a seu paso cheio tomou o caminho do Zambujeiro e dahi á vila, donde foi muito louvado do conde e de todos os fidalgos e cavaleiros, especialmente de Dom Francisco Portugal e de Dom Fernando de Castro, desejando de se acharem com suas pesoas neste feito; e cada um destes senhores lhe mandou peças de vestidos de suas pesoas, e á mesa destes dous senhores, sempre que em Arzila estivérão, comeo, fazendo-lhe muita honra, de que Pero de Meneses era muito contente das dadivas e honras que de tais pesoas recebia. Deste feito foi Pero de Meneses tão afeiçoado a dezasete de cavalo,

1. todos] todo A.

que tomou por boa estrea não levar mais que outros tantos, especialmente quando ia á Ponte, donde de necesidade avia de tornar fojindo; e com este numero fez outras muitas e asinaladas sortes, como em seus feitos asinalados se verá.

Pasando todas estas cousas em Arzila, com que toda a vila era muito contente, por a fortuna ir favorecendo os nosos, e a vila e os moradores irem cobrando algũa sostancia, e asi polas presas que cada dia fazíão de mouros e gado, como de ajudas e mercês que dos fidalgos recebíão; e como não é nela estar quieta se virou e tornou a entristecer, asi ao conde e fidalgos, como a todos os moradores, com a morte de Dom Fernando de Castro. Vendo os alcaides d'Alcacere e Jazem os muitos danos que os mouros recebíão do conde e de seus almogavares, se ajuntárão com Barraxe e Almenderim e com muita jente viérão correr Arzila; e saindo da Atalaia Gorda, tiro de bombarda da vila, fôrão logo antre as ortas, donde matárão dous homens de pé, e a virem ao longo da cava; muita jente que nas obras trabalhávão os fizérão lançar á cava, e na orta de Dinís Afonso dous mouros tirárão um moço a tempo que Dom Fernando saia pola porta da vila a repique, primeiro que outro algum homem, o qual Dom Fernando tinha por costume, saindo da pousada, levar um cavalo a destro e um homem de pé com sua lança e adarga e um paje com as mais armas, e desta maneira se achou aquela desastrada menhã á porta da igreja, quando o sino o chamou ao lugar fadado, e pondo-se a cavalo saio pola porta da vila, primeiro que o porteiro tivese lugar de a cerrar, como é costume não sair ninguem primeiro que o capitão; e saindo Dom Fernando fora da porta se achou com oito ou dez de cavalo, atalaias e descobridores, que á porta se avíão recolhido. Os mouros, vendo sair jente de repique e capacetes e adargas, como estes dianteiros érão os corredores, e vendo que Dom Fernando pegava com eles, parecendo-lhes que era o conde de Borba, e por ouvirem a grita que os nosos tínhão, dizendo: «Senhor, dai nestes mouros que nesta rua os derrubareis todos», alargárão o moço muito mal ferido, ainda que viveo, e se recolhêrão caminho da porta de Féz. Foi tanta a présa que dérão a Dom Fernando, especialmente um filho de Guadalajara, seu vezinho, ou que se chegava a Dom Fernando como seu, ou por se achar com ele ao tempo do rebate, dizendo: «Senhor, demos neles», que Dom Fernando deu nos mouros e os levou fora da porta de Féz; e tornando os mouros polo caminho que viérão, que é da Atalaia Gorda, os levou até junto com o lameiro de João Coelho, donde pondo a lança em um mouro o derrubou do cavalo abaixo, e com a força que pôs se foi a sela com ele, e foi ao chão. Os mouros, vendo a Dom Fernando a pé, e que os outros érão desarmados, e que o caminho vinha cheio de jente, e que suas bandeiras e batalhas érão do Facho pera dentro, voltárão com grande grita, e carregárão tantos sobre Dom Fernando que o não pudérão poer a cavalo, e o cercárão, e a

poder de muitas lanças d'arremeso e lançadas o acabárão, não leixando os que com ele érão de fazer o que neles foi, porque os mais saírão feridos, especialmente o filho de Guadalajara e o seu paje. Tanto que estes poucos mouros acabárão de tirar a vida a quem tanto outros muitos a desejávão, tornárão [a] [1] apertar com os poucos que com ele érão, e ás lançadas os trouxérão até os meter polas tranqueiras de João Coelho. O conde, tanto que saio pola porta da vila, e soube do porteiro que Dom Fernando era diante, foi bradando por ele; e tanto que foi á porta da vila velha vio as bandeiras e batalhas entrar polas tranqueiras a dentro, e mandando recado a Dom Fernando, que logo se viese pera ele, se foi á tranqueira do Anjo a deter a jente e bandeiras, que não pasasem o caminho donde Dom Fernando era. Foi isto feito tanto de présa que, antes que o conde chegase á tranqueira do Anjo, que não é mais que ũa carreira de cavalo, á boca da rua por onde Dom Fernando tomou, lhe dérão nova da desestrada sorte pasada, e com muita paixão e desgosto se tornou pera baixo, e, com muito risco das batalhas e bandeiras lhe não tomasem a boca da rua, chegou onde seu corpo já estava sem armas e parte dos vestidos, porque os que este oficio fazíão, em o despojar de suas ricas armas e vestidos, vendo que a nosa jente tomava o caminho em que eles estávão, logo se recolhêrão por Aleamás acima ao Facho, donde a maior força de sua jente estava, e não sem algum dano da artelharia, porque, como íão descubertos, tirava á sua vontade. O conde fez trazer o corpo já sem alma, com muito sentimento e lagrimas suas e de todos os fidalgos e moradores, e muita grita e pranto de todos os seus, que érão trinta e cinco ou corenta de cavalo e outros muitos de pé, que logo com a triste nova o saírão a receber; e com esta pompa funebre foi trazido á vila e posto na igreja de São Bertolameu, sendo acompanhado de todo jenero de pesoas que na vila avia; e feitas suas funebres honras, foi enterrado na dita igreja, na capela mór.

Muitas pesoas dirão que como pode ser que se perca ũa tão asinalada pesoa, por mingoa de cincha ou de sela não ir bem apertada, e que não tão sómente tem culpa o que selou o cavalo, mas toda se deve dar ao estribeiro, que não vê o cavalo e sela e cincha em que seu senhor cavalga, e por eu ver algũas semelhantes a esta, em mais de trinta anos que andei na guerra, direi algũa cousa destes sucesos. Os cavalos muito gordos, e que tem grandes lombos, nada-lhe a sela por cima deles, de modo que, por muito que a apertem, com pouco pendor que um homem armado faça em cima se vai logo com ele, o que não faz a sela que está em cima do cavalo magro, ou não muito gordo, que encaixando no espinhaço com sómente as pernas se tem, como muitas vezes vemos, que pera um bom cavalgador fazer ũa sorte, ou correndo a cavalo apanhar pedras, ou laran-

1. [a] *f.* A.

jas do chão, busca cavalo que não tenha lombos, pera que a sela vá segura e lhe não corra. Isto pus neste lugar, por que algũas pesoas, que o não hão em costume, não pônhão culpa sómente ao cavalo e á fortuna. Pasado este mal afortunado caso, a jente e criados e casa com todos os cavalos e frasca se embarcárão nos primeiros navios e se viérão ao reino. Foi Dom Fernando o que mais jente de cavalo e mór casa levou a Arzila, de quantos fidalgos a ela fôrão, tirando a Dom Francisco Portugal.

O conde castigou aos que com ele se achárão, e ao porteiro tirou as chaves e as deu a Diogo Mêndez da Costa, que oje é vivo e está em Evora, em casa da condesa do Redondo, mãe do conde rejedor; e ao filho de Guadalajara prendeo e deitou d'Arzila, e se foi pera Çafim, donde morreo com Nuno Fernândez de Taide com fama de bom cavaleiro; a qual em Çafim tivérão todos os d'Arzila que lá fôrão ter, como parece pela muita fama que oje corre do adail Lopo Barriga e de Baltesar Rodríguez Pascoal, que tãobem foi adail, e de Diogo López Penteado, almocadem, os quais fôrão d'Arzila.

Tornando á ordem que levo, irei por este ano mal afortunado de dez, que tanta tristeza deixou a Arzila, asi pola pasada morte de Dom Fernando de Castro, como pola de Jorje Vieira, que neste ano se perdeo com trinta e dous de cavalo, dos quais, salvando-se nove a unha de cavalo, os vinte tres fôrão mortos e cativos.

CAPITULO IX

Dalgũas cousas que mais pasárão neste ano de mil e quinhentos e dez com a perda e morte de Jorje Vieira

Por levar enfiado outra desestrada entrada que Jorje Vieira fez, em que se perdeo com muitos cavaleiros e honrados moradores, e por pasar pouco tempo depois da morte de Dom Fernando á sua, a porei neste lugar, contando donde e como e quantos se perdêrão, posto que outras muitas cousas e feitos pasárão antes, antre a morte de Dom Fernando e a sua, as quais contarei algũas delas, o milhor que souber e me lembrarem. Pois tornando ao conde, depois da morte de Dom Fernando, começou a fazer a guerra com tanta furia que bem deu a entender a vontade que tinha de a vingar, indo por sua pesoa fora a armar ao alcaide, com mandar entrar dentro da Ponte a Pero de Meneses, ficando ele de fora, mandando-lhe que a homem de cavalo não dése a vida, e asi correo [1] Algarrafa e Benamacoma, donde tomou muitos mouros e mouras

1. correo] como A.

e gado grosso e meudo; e tãobem os almogavares ameudávão tanto que, quando uns entrávão com a presa, outros saíão, porque, alem de Pero de Meneses e Jorje Vieira, já Gonçalo Vaz começava seus grandes feitos, os quais logo começarei. Pois vendo-se os mouros roubados de seus gados e despojados de suas molheres e filhos, e muitas vezes de suas pesoas em cativeiro, todos seus queixumes e querelas íão ao alcaide d'Alcacere Quebir, o qual por ser muito velho, posto que tinha filhos muito valentes cavaleiros, e pera muito, não confiava neles mandá-los com cargo de jente, porque lhes não acontecese outro tanto como a ele, quando foi preso polo conde de Borba; e a uns dizia que ele sairia fora a favorecê-los, e com outros desimulava.

Vendo cide Hamete, filho maior, a brandura e frouxidade do alcaide seu pai, e governando ele já a este tempo o campo, e tendo a grandeza do animo que depois mostrou, sendo o maior dos alcaides do reino de Féz, como se adiante verá, a muita presa que os nosos almogavares trazíão em entrarem tanto a meudo, tomando alguns de cavalo, se foi a Algarrafa, e logo após ele saírão outros muitos, de modo que ao outro dia se achou com cento de cavalo no feito que logo lhe socedeo, em se encontrar com Jorje Vieira, como contarei. E logo neste tempo Jorje Vieira, com licença do conde, entrou da outra parte de Mençara, e alem da Ribeira Grande tomou um grande golpe de gado vacum; e como alguns dos almogavares se metêrão por dentro da serra de Benamacoma ouvérão vista de outro grande golpe de gado, que pacia dentro das serras; e parecendo a Jorje Vieira que aquele gado era tomado, por andar pacendo em lugar escuso, tanto que foi na vila pedio licença pera tornar fora e armar áquele gado, afirmando o podia tomar, que de necesidade avia de vir beber á ribeira, por ser no meio do verão.

Tãobem não faltou quem dos almogavares dése aviso a Pero de Meneses e a Gonçalo Vaz, que já neste tempo era na vila, os quais ambos pedírão licença ao conde, que, vindo Jorje Vieira com a presa e cansado, eles iríão a armar ao gado. Parecendo ao conde que se fazia agravo a Jorje Vieira, o autor e o que espiou esta presa, com boas palavras os despedio, dizendo que o ardil era de Jorje Vieira e ele tinha pedido licença, e não era rezão de o agravar; e por ser já chegado o dia fadado de sua perdição, e dos que com ele acabárão, se pôs a cavalo, bespora de São Pedro e São Paulo, a vinte oito de junho do ano de mil e quinhentos e dez; e pera esta tão certa presa se pôs muita jente a cavalo. O conde á porta da Ribeira fez tornar mais de quinze de cavalo, não deixando sair sómente trinta, e fora se juntárão outros dous, de modo que Jorje Vieira levou trinta e dous de cavalo; e tomando caminho de Cinte e de Aulefe, polo pé de Zahara, se meteo na Ribeira Grande, e por ela em amanhecendo se meteo nas costas d'Algarrafa, donde o alcaide estava; e como Jorje Vieira foi na ribeira logo foi sentido das guardas de pé e de cavalo,

que o alcaide cide Hamete mandara por todas as bocas, e lhe tornárão com recado, em sendo menhã; e pondo-se a cavalo se saio logo ao campo, por se pôr antre os nosos e a vila. Pois vinda a menhã, e começando o sol a acrarar, o dia dos bemaventurados apostolos São Pedro e São Paulo, que tão mal afortunado foi aos que nele acabárão, as guardas que Jorje Vieira avia deixado sobre a trilha ouvérão vista do alcaide cide Hamete, que por mais amedrentar os nosos trazia um pedaço de touca por bandeira, os quais, fazendo o oficio que a cargo tínhão, se fôrão pera seu almocadem, dando o rebate necesario. Visto por Jorje Vieira, saio logo da cilada, por já aver visto sinais de ser sentido; e sabendo dos seus como avíão visto ũa bandeira com muita jente, por se afastar deles por antre as serras, tomou o caminho ao longo da ribeira, parecendo-lhe que saindo pola boca de Capanes se alargaria da jente; e vendo que o não podia fazer, por já os mouros averem vista dele, e todas as serras se fundirem com rebate, e por já cide Hamete vir tomando-lhe as bocas, se lançou fora por antre Benamacoma e Zahara; e vendo toda a jente, e que não avia mais que guarnição, dise aos seus: «Senhores, o que vos peço é que oje não nos perdamos com desordem, e pelejando podemos aver vitoria destes que nos seguem; e pois temos oje da nosa parte os bemaventurados apostolos São Pedro e São Paulo, em cujo dia estamos, com sua ajuda se pelejarmos os venceremos; e sendo necessario volta, seja de modo que os escarmentemos». Vínhão já tão cansados que, pasando um ribeiro seco, caio o cavalo de Gômez d'Abreu de muitas lançadas, e sem poderem valer a Gômez d'Abreu, por os mouros carregarem sobre ele, foi morto, pesoa muito honrada e criado do conde, e pai de Antonio d'Abreu, que oje serve de veador a Dom Aleixo de Meneses, aio d'el-rei Dom Sebastião, noso senhor. Perdido Gômez d'Abreu e os nosos desacoroçoados e os mouros animados, dérão tanta prêsa aos nosos que foi forçado fazerem volta, dizendo Jorje Vieira que não desem vida a nenhum; e posto que a volta foi comprida alanceárão alguns mouros, e como de força se avíão de recolher, ao tornar caio Estêvão Vieira, por culpa de seu cavalo, depois de se aver desembaraçado de um mouro em que quebrou a lança, e ás cuitiladas o acabou de derrubar. Seu pai, com alguns de cavalo, foi logo sobre ele, fazendo muito polo poer a cavalo, mas como estava fadado o lugar desastrado, pasados de muitas lanças ficou pai e filho, com outros tres ou quatro de cavalo; os outros vendo a cousa perdida, e eles sem guia, nem quem os mandasem, se pusérão em desordem, e desbaratados os seguírão até pasarem Almenara, duas leguas d'Arzila, em o qual alcanço se perdêrão, antre mortos e cativos, vinte tres de cavalo. Fôrão cativos João Fernândez d'Abreu, de quem já tenho feito menção; João de Deos, cunhado de Estêvão Vieira, que tãobem fiz menção, que fora ferido na entrada da vila; Alvaro Velho, estribeiro do conde, que depois foi sobrerolda e apontador, até o despejo d'Arzila; Rui de Sá,

pai de João de Sá, thesoureiro da casa da India; Francisco Maiosinho [1], criado de Dom Francisco Portugal, e outros que não nomeio.

Ua graça d'Alvaro Velho quero meter, que muitas vezes ouvi contar, que aquele mesmo dia chegárão a Alcacere, e levando-os todos atados polas ruas diante cide Hamete, com muitos atabales e anafís e outros tanjeres de cornos e outros instromentos a seu costume, e com irem multidão de homens, molheres e moços, fazendo alegrias, como é costume: ia João Fernândez d'Abreu muito mal ferido e com ũa muito grande cuitilada polo rosto e muito aflegido das feridas e cuitilada e cativeiro; se chegou Alvaro Velho a ele e lhe dise: «Compadre, de que is triste, pois nos lévão com tanta honra, tanjendo gaitas e çanfoninhas, como diz a cantiga que por nós outros se fez, que diz: «Lhevarannos por las calhes com gaitas y çanfoninhas». Depois João Fernândez d'Abreu dizia, quando se topava com Alvaro Velho, se queria tornar a receber outras honras em Alcacere. Foi este o primeiro feito de cide Hamete, e dali por diante sempre governou a guerra, e o alcaide velho descarregou sobre ele todos os cargos dos campos; o qual cide Hamete se mostrou tão valeroso, fazendo a guerra contra o conde Dom João Coutinho e contra os dous Dom Duartes de Meneses, capitães de Tanjere, que cobrou nome de alcaide grande. Este foi pai dos tres alcaides que no ano de mil quinhentos cincoenta e um viérão fojindo do xarife a el-rei noso senhor, estando em Almeirim, como e porque se dirá adiante.

Tornando aos que se salvárão, estando o conde á misa, por ser o dia que já tenho dito, com todos os fidalgos e moradores, fez a atalaia da torre sinal que vinha das Pontinhas pera baixo um de cavalo, e logo chegou recado que era Gaspar Caldeira, jenro de Jorje Vieira. O conde saio logo fora, e, vendo-o entrar pola porta da Ribeira, lhe dise: «Rapaz, vens fojindo: donde deixas teu sogro?» Logo após ele chegou Luís Machado, criado do conde e pai de Francisco Machado, que viveo em Cepta e oje vive em Lisboa; e tãobem se salvou Fernão Meirinho, que oje é vivo, jenro tãobem de Jorje Vieira, e outros até nove de cavalo. Esta tamanha perda pera Arzila sabida polo conde, mandou dar [a]o [2] sino e se pôs a cavalo, e foi com toda a jente até Almenara, parecendo-lhe que daria favor a alguns que atrás poderíão vir; mas já a este tempo a cousa era acabada, porque os mouros, com os que até Almenara pudérão alcançar e tomar, dando muita présa, se recolhêrão, pois tínhão acabado feito tão desusado a eles. O conde, dando vista ao campo que d'Almenara e da Pedra Alta se podia ver, se recolheo com o desgosto que a comprida guerra dá; e chegando á vila foi visitar as molheres dos que faltávão, e prometendo que sendo vivos seríão logo resgatados, como logo

1. Maiosinho] Mousinho B N L M. *Damião de Goes, L. III, cap. 9:* Maosinho. — 2. ao] ó A.

pôs por obra, mandando Gonçalo Vaz, seu amo e alfaqueque, fose [a] [1] Alcacere; e não tardou um mês que não resgatou Alvaro Velho e Rui de Sá, e saírão por outros dous mouros seus; e asi em pouco tempo saio João Fernândez d'Abreu, a quem el-rei pola ferida do rosto deitou o abito e o tem oje um seu neto; e asi saírão os outros todos que nesta entrada se perdêrão, e os mais a troco doutros d'Alcacere, que do feito de Nuno Fernândez de Taide ainda érão cativos.

CAPITULO X

Em que se côntão algũas cousas que mais pasárão, e o que socedeo a Dom Francisco Portugal em ũa entrada que fez

Por levar enfiado estes dous [mal] [2] afortunados casos, de que a vila tanto nojo e perda recebeo, pasei por alguns sucesos e feitos, que antes destas duas perdas e mortes se fizérão; e tornando a arrepiar a carreira, tornarei a contar algũa parte deles; e porque tenho dito que neste tempo, e a socorro destes cercos, avíão ido e estávão em Arzila muitos e mui nobres fidalgos, com muita jente de pé e de cavalo, fazendo mui grandes gastos, asi de dinheiro, trigo, cevada, carnes, como de outros comprimentos necesarios ás honras, e entre alguns já nomeados era João da Silva, que depois foi muito tempo rejedor da justiça na casa da sopricação, o qual tinha á sua custa vinte de cavalo, aos quais dava trigo, cevada, dinheiro e todo o necesario; e porque antre todos o que mais resplandecia em nobreza e gasto de casa era Dom Francisco Portugal, que depois foi conde do Vimioso, direi algũa cousa dele, e o que lhe aconteceo na tomada de ũa aldea, donde perdeo alguns fidalgos que com ele fôrão.

Era Dom Francisco de Portugal filho do bispo d'Evora Dom Afonso [3], o qual Dom Francisco Portugal tinha á sua custa cincoenta e cinco de cavalo, antre os quais avia mui honrados fidalgos e muito bons cavaleiros, e a todos pagava todos os meses sua moradia em dinheiro, e todas as somanas doze alqueires de cevada pera os cavalos, que vinha a tres quartas de cevada pera cada um dos cavalos por dia, de maneira que tínhão abasto de tudo o necesario; e á sua mesa comíão muitos fidalgos e fronteiros, e asi muitos moradores; e por ele ser tão ilustre pesoa e ter algũas veses pedido licença ao conde pera ir fora, o conde o detinha até ver tempo e nova; e não tão sómente lhe dava rezões suficientes, que espe-

1. [a] *f.* A. — 2. [mal] *f.* A. — 3. Dom Afonso] neto do marquês de Valença, o qual era bisneto do mui afamado conde Dom Nuno Álvarez Pereira de quem decendem todos os mui nobres principes da cristandade, como em sua coronica o podem ver quem isto quiser especular B N L M.

rava ter nova e ardil suficiente, antes trazia nele tanto recado e aviso, não lhe acontecese algũa desordem, como a Dom Fernando de Castro, que, como Dom Francisco se punha a cavalo pera pasear, logo o conde era com ele, e asi Dom João Coutinho, seu filho, que se não era a comer e dormir nunca se dele apartava; e pasando o tempo desta maneira, soube o conde ou sospeitou que avia guarnição, e logo dando licença a Dom Francisco, que os fose esperar, mandou a Pero de Meneses fora com quinze de cavalo, e que Dom Francisco com oitenta o esperase em Muliana, tres legoas d'Arzila. Pero de Meneses tomou um mouro de Benagorfate, asaz bem ferido, e trabalhou por deter os nosos, parecendo-lhe seria socorrido, o que Çalema Laiate, que em Benarróz estava por amel e guarda, estrovou. Recolhidos Dom Francisco e Pero de Meneses com este só mouro, o qual vendo-se diante do conde e de Dom Francisco, e vendo que lhe queríão fazer mais preguntas das costumadas, e entendendo o que queríão saber dele, dise contra Pero de Meneses: «Não trabalheis, nem canseis, que eu não tenho de vender minha cova, como tu vendeste tua lei», — contudo Pero de Meneses o fez curar, e fazendo-lhe gasalhado o levou pera sua casa, e dele soube o que queria, e dizendo-o ao conde, e parecendo-lhe que, pois tínhão lingoa, a guarnição seria desfeita, deu logo licença a Dom Francisco que fose tomar ũas casas que estávão em Benagorfate, e pera este feito levase sesenta de cavalo, trinta dos seus e trinta moradores.

Posto Dom Francisco a cavalo, se pôs toda a vila, e asi todos os mais fronteiros e fidalgos, querendo todos acompanhar a Dom Francisco. O conde, posto que fez decer alguns, todavia fôrão oitenta de cavalo, em que íão corenta moradores, ou perto deles, pera se decerem e darem nas casas a pé, e os outros corenta, ou mais, érão os mais deles fidalgos e dos seus; e tomado o caminho d'Almenara e de Buabe, e por Sinete, fôrão tomar a serra da parte de Çahara, e, sobindo por ela, fôrão até chegar perto das casas, donde Pero de Meneses fez decer todos os moradores e alguns escudeiros do conde, pera com eles dar nas casas; e vendo Dom Alvaro d'Abranches, que com Dom Francisco era, todos a pé, dise contra Dom Francisco: «Senhor, nenhum dos que aqui estão é mais mancebo, nem mais rijo que eu, nem ha de alcançar o mouro se fujir diante de mim, e, polo contrairo, não se ha de salvar milhor, polo que peço a vosa mercê licença pera ir com Pero de Meneses». Dom Francisco lh'o agradeceo e lh'a deu; e posto a pé Dom Alvaro de Abranches, logo André Pereira, filho de .... [1], alcaide-mór de Santarem, e de ũa irmã do conde de Marialva, dise: «A mim não me ha de negar a licença», e assim lh'a pedírão outros fidalgos. Vendo Dom Francisco que todos queríão ir a pé, dise: «Ainda que eu pase o rejimento e ordem do conde,

1. *Em branco em* A; *nos outros ms.:* filho do alcaide-mór.

quero eu tãobem ir com vós outros, e peço a Pero López d'Azevedo queira ficar com os cavalos», e logo se deceo e se pôs a pé, junto com Pero de Meneses; e ficando Pero López d'Azevedo com os cavalos e com vinte de cavalo, fôrão em busca das casas, e chegando a elas as achárão despejadas de muitos dias, e outra cousa não achárão mais que um gato e ũas meadas de lã; que pareceo que, vendo tomado o mouro e temendo-se dele, se mudárão. Pero de Meneses os tirou fora das casas; e pondo-os em um raso, á maneira de eira, dise a Dom Francisco que esperase; e sobindo pola serra acima deu com as casas, e tornando muito contente e dizendo: «Deos é comnosco, que já achei as casas», e logo caminhando fôrão até as casas, a tempo que já era mais menhã do que eles avíão mester, e já com rebate cercárão as casas, e logo em cima de ũa delas se pôs um mouro com ũa lança e adarga, e defendendo sua casa e familia caio pasado de muitas lançadas e de algũas setas, a tempo que já sua molher e filhos érão metidos por um silvado a que a casa estava arrimado; e asi fôrão rodeadas as outras quatro ou cinco casas, em que tomárão vinte almas, todas as mais molheres e crianças; e querendo tirar algũas vacas, Pero de Meneses o não consentio, porque já avia muita grita por toda a serra e grande rebate, porque de duas aldeas, ũa Zurara e outra Çahara, acodírão logo noventa ou cem homens; e vendo-os, Pero de Meneses dise a Dom Francisco: «Senhor, ajuntai-vos comigo e andemos quanto pudermos, por que estes vilãos não nos alcancem algum homem, antes que cheguemos aos cavalos, e Jorje Vieira fique na traseira com os moradores»: «vós i com esas almas diante», dise Dom Francisco, que ninguem avia de ficar detrás dele, e se lhe alanceasem algum homem queria ver quem lh'o alanceava, e por muito que Pero de Meneses aporfiou, dizendo que todos ficaríão com ele e ninguem não andaria, todavia lhe respondeo que andase, e com isto Pero de Meneses começou a vir pera baixo com sua cavalgada diante.

Os mouros chegárão bravos e ajuntando-se, como quer que os nosos vínhão decendo e eles ficávão no alto, os vínhão servindo de muitas pedradas; e vindo asaz apertados, foi pasado de ũa lança d'arremeso um escudeiro do bispo d'Evora, pai do dito Dom Francisco, que avia nome Afonso da Silva, não lhe valendo couraças, nem as laminas d'aço de que érão fortificadas, que a mortal lança não lançase o ferro da outra parte. Fazendo Dom Francisco algũa detença, em tanto que a alma saia do trabalhado corpo, foi Dom Francisco atordoado de ũa grande pedrada que, dando-lhe no capacete, lh'o levou da cabeça, e caindo-lhe aos pés lhe pisou os dedos, de maneira que não se podia afirmar no pé; e arrimado a Dom Alvaro d'Abranches, que mais mancebo e rijo que todos era, e deixando o corpo de Afonso da Silva despojado sómente do capacete e adarga, começárão de caminhar detrás de Pero de Meneses, que diante vinha, e chegando a um lajedo, debaixo do qual saia ũa jentil fonte

que regava ũas ortas, que por o vale abaixo estávão, pera as quais ortas ia ũa descuberta vereda, por onde os que vínhão diante de Dom Francisco tomárão logo, — Jorje Vieira, que junto com Dom Francisco vinha, bradando, dise: «Acima, por cima da lajea vai Pero de Meneses», e por alguns sobirem acima outros se embaraçárão, fazendo por furar a sebe e tapado das ortas, a qual estava feita a dano deles, que, por muito que fizérão, não pudérão deixar de se embaraçarem, de modo que, não podendo ajuntar-se com Dom Francisco, nem com Pero de Meneses, dentro das ortas, fôrão mortos e cativos por os mouros, que já vínhão favorecidos com terem feito gazua em Afonso da Silva, e vendo embaraçados os nosos, apegárão tão rijo que, fazendo a Dom Francisco ir polo lajedo abaixo, lhes ficárão em poder os que nas ortas érão embaraçados, e deles foi morto Martim Afonso de Sousa, o Chichorro d'alcunha, e cativos André Pereira, filho de .... [1], alcaide-mór de Santarem, que depois, não pasando muito tempo, saio por dous mil cruzados, e André Rodríguez Froes, irmão de Vasco Froes, e Francisco Maiosinho, escudeiro do bispo d'Evora. Vendo Pero de Meneses ser feito algum desmancho, tornou acima e, chegando a Dom Francisco, lhe dise: «Senhor, isto não é feito de capitão sabio, porque o bom capitão se ha de recolher muito rijo, e não ha de ver a traseira senão quando ouver de pelejar, e não quando se recolher»; e pondo-se junto com Dom Francisco, viérão algũa cousa mais largos, porque Pero López d'Azevedo, que com os cavalos ficara, vendo a muita grita, e parecendo-lhe que os nosos podíão vir agastados, o milhor que pode se foi pola serra acima com os cavalos polas redeas, e chegando a Dom Francisco e postos a cavalo ficárão desembaraçados dos mouros, que ficando contentes com a vitoria avida se deixárão ficar. Chegado Dom Francisco á ribeira que está ao pé da serra, e vendo sair o fumo das casas que ficávão queimadas no cume da serra, ficárão espantados de ver onde aquela menhã avíão estado.

Tudo isto que tenho contado desta entrada, e asi o nome dos que se perdêrão, posto que de algũa cousa e parte eu era lembrado, me contou Dom Alvaro d'Abranches, estas oitavas do salvador do mundo de mil e quinhentos sesenta anos, que foi neste feito com Dom Francisco Portugal; o qual Dom Alvaro achei com tanto acordo e lembrança, nomeando o caminho e lugares e portos que pasárão, que eu por aquela terra andei trinta anos e ha dez que dela me lançárão, não sou tão acordado como o ele é, avendo pasado cincoenta e um anos que de lá veio. Tornando ao feito e entrada de Dom Francisco, com dezaseis almas, porque as quatro perdeo Pero de Meneses no caminho da serra, ou por lhe fujirem, ou por lh'as tirarem os mouros, quando chegou acima a fazer andar a Dom Francisco, — chegou á vila vindo asaz agastado polos perdidos.

1. *Em branco em* A; *nos outros mss:* filho do alcaide-mór.

CAPITULO XI

Do que mais socedeo em este tempo com a tomada de ũa fusta

Chegado Dom Francisco Portugal á vila com muito descontentamento, por aver perdido quatro ou cinco homens sem causa, entrando dous fidalgos que, polo acompanhar e servir, fôrão com ele, e posto que André Pereira era sobrinho do conde de Borba, filho de ũa irmã do conde de Marialva, sua prima com irmã, o conde de Borba deitou esta culpa aos sucesos da guerra e não a outra algũa cousa; e não tardou muito que, descansando os cavalos, mandou dar ás trombetas, e, entrando pola boca de Benarróz, foi tomar ũa aldea; em a qual ida, sendo sentido e achando toda a jente fora das casas, fez pouco mais de nada, e, por ser ainda ante-menhã, com cinco ou seis almas e algũas vaquínhas, se recolheo, sem algũa contenda.

Neste tempo soube o conde de Borba que em Larache entrara ũa fusta, que viera de Tetuão ou de Bélez; e como fruita nova alvoroçou a todos os senhores e fidalgos, e pedírão ao conde que lhe armase com duas caravelas que no arrecife estávão, e mandando meter em cada ũa delas quatro berços e trinta ou corenta homens, em que entrávão alguns bèsteiros, e mandando por capitães dous fidalgos, um Fonseca e outro Tavares, lhes mandou o que avião de fazer, e levando ũa fregata de um bizcainho, que de Barbate viera com fruita, fôrão amanhecer sobre Larache; e não lhe saindo a fusta, nem outra cousa algũa, ventando a viração, se viérão na volta d'Arzila, e de sobre o arrecife mandárão a fregata a pedir licença pera chegarem ao cabo d'Espartel ou até Tanjere, parecendo-lhes que, pois a fusta não saia de Larache, podia ser fora. O conde lh'a deu, e indo com o terral através d'Almadrava, meia legoa do cabo, lhes saio a fusta da terra e os veio demandar, e chegando a eles lhes deu ũa çurriada de pedras; e saindo-lhe a fregata, e sentindo [a fusta] [1] nos navios muita jente pasou por eles, conhecendo que érão navios armados, e em pouco espaço a perdêrão de vista; e ao outro dia se metêrão em Tanjere, donde ouvírão misa, por ser domingo, e tendo já jantado se recolhêrão aos navios, por conhecerem que o levante vinha ventando polo Estreito; e sendo fora da bahia tomárão na volta do cabo d'Espartel, vindo em calma, por o levante não ventar ainda jeral, sómente ir em manga polo Estreito; e chegando ao cabo vírão a fusta vir de Barbate com a força do levante, trabalhando por aferrar o cabo. Os dous navios, por não serem vistos,

1. [a fusta] *f. em todos os mss.*

amainárão as velas, de modo que com o abrigo do cabo não fôrão vistos senão de tão perto que em pouco fôrão mesturados. A fusta [1] vendo os navios, e conhecendo que érão os da noute pasada, alargou o caro [2] e cortou largo na volta d'Arzila ou de Larache, parecendo-lhe que o levante seria mais bonança [3] e as caravelas não cortaríão tanto como ela, mas o levante, que de todo se esforçava contra ela, ventando [4] com tanta força que sempre os navios a vínhão visitando cada um com suas quatro bombardinhas, e sendo vistos d'Arzila ouve logo rebate; e saindo o conde ao Facho com toda a jente, e conhecendo que os navios vínhão esbombardeando a fusta, mandou tomar as Atalaias Altas com entenção de mandar jente por terra, que sendo caso que os da fusta se lançasem em terra não se salvasem por mingoa, e o conde se foi pôr na Atalaia Alta de Tendefe, a tempo que os navios e fusta pasávão polas Furnas; e pedindo-lhe Dom Francisco Portugal licença pera ir diante com cincoenta de cavalo, o conde lh'a deu, com tanto que primeiro deixasem asegurar as atalaias do Zambujeiro e Alfandux e a Palmeira, duas legoas da vila, lugares de sospeita, donde podia aver cilada de jente, e nisto ouve algũa detença. Os mouros vendo a jente na Atalaia Alta, que íão esperá-los por terra, se sofrêrão [5] mais do que podíão, correndo ao longo da terra, sendo já conformes o muito levante e as duas caravelas pera sua perdição, e através da Barrosa [a fusta] [6] foi investida de ũa das caravelas, e logo alguns fôrão lançados ao mar, os quais a fregata começou de recolher alguns deles; e a fusta desaparelhada foi dar em terra, e os que se ajuntárão fôrão dar no corrego de Benamourel, donde chegando Dom Francisco Portugal e o bizconde os andávão tirando, por o corrego não ser muito alto, nem acompanhado de muito mato, com morte dalguns poucos, e outros que se perdêrão no mar: escapárão poucos desta boa sorte. Rocolhêrão pasante de corenta mouros, e quinze ou os mais mortos, e, tirando a fusta de terra, a pusérão por popa das caravelas, as quais estivérão naquele lugar tres ou quatro dias, não podendo vir polo levante não deixar de ventar. Foi esta ũa das maiores sortes e ditas que em noso tempo aconteceo, por caravela manca [7] alcançar a tomar fusta; deito-o eu áquele tempo não serem os mouros

1. A fusta] os mouros A. — 2. caro] cairo B N M. *A forma mais usada hoje deste termo nautico é* carro. *O termo* cairo *é legítimo porque existiu no baixo latim a forma* carium. *Discutiu-se muito se deve dizer-se* caro *ou* carro: *os dois melhores e mais antigos mss.*, *A* e *L*, *dão a forma* caro, *concordando assim com o passo de Gil Vicente:* ora venha o caro á ré *(Auto da Barca do Inferno) que deu origem a essa discussão; e neles nunca há confusão entre r e rr. Pode ver-se uma parte dessa discussão no Boletim da segunda classe da Academia das Sciências, vol.* VI, *fasc. 1, p. 153-4; 267-9; 270-3 (artigos dos srs. Lopes de Mendonça e Gonçalves Viana).* — 3. bonança] bonançoso B N L M. — 4. *Assim em todos os mss. por* ventava. — 5. sofrêrão] sofrirão A. — 6. [a fusta] *f. em todos os mss.* — 7. caravela manca: *isto é sem velas, que, como se viu acima, foram amainadas.*

tão praticos na arte do mar, como agora são, ainda que nesta fusta se tomárão dous ou tres turcos, que cuido ser dos primeiros que ao reino de Féz viérão e os primeiros que eu em Arzila vi. Com esta boa presa se recolheo o conde e fez varar a fusta ao pé do Miradouro, dentro do chafariz, e fez derrubar as bordas, e até oje está no chafariz sem elas.

Pasadas estas cousas, e comprindo um ano que Dom Francisco de Portugal estava em Arzila, se veio pera o reino com toda sua jente, e asi o fez depois o bizconde, indo primeiro [fora][1] com Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, mourisco que a este tempo já estava em Arzila, da qual vida e feitos e martirio adiante direi, Deos querendo; em a qual ida, que o bizconde fez, fôrão cincoenta de cavalo, em que íão todos os almocadens; e entrando pola boca de Capanes corrêrão a Mençara e tomárão tres mouros e ũa moura e cem cabeças de gado vacum e outro golpe de gado meudo; e vindo-se tivérão um rebate, que os fez estar suspensos se deixaríão o gado, porque tendo o conde esta jente fora, em que avia mui honrados fidalgos e a pesoa do bizconde, muito seu parente, mandou as atalaias largas e ele se foi a Aldea Velha por estar perto dos seus, e chegando a ela se estendeo ao longo da ribeira do Freixo a montear, por comprazer a muitos fidalgos que com ele íão; e com favor dos almogavares e do conde ser fora não faltárão alguns desmandados, que a matar um porco se fôrão por Almenara, e monteando fôrão-se afastando, por não serem vistos da jente do conde, e fôrão vistos de ũa quadrilha de mouros d'Alcacere, que debaixo da ordem e mando do xeque Benaravia estávão em Alfandux esperando alguns monteiros; e sendo vistos do xeque Benaravia e de Zanaca, tãobem almocadem, se viérão melhorando, caminho do Zambujeiro; e sendo vistos das atalaias do Zambujeiro dérão rebate, o qual os monteiros tomárão, e sem ver os mouros se recolhêrão por Almenara, parecendo-lhes que o rebate era a eles; e não se ousando ajuntar com o conde, recolhendo a carne que tínhão morta, se viérão o mais escuso que pudérão á vila; e as atalaias do Zambujeiro, como se afirmárão no que vírão, e parecendo-lhe mais jente do que era, não parárão, dando rebate até a vila, que como o campo era da outra parte não ouve quem lh'o tomase até a vista do Facho. Pois chegando o rebate á vila, e as atalaias afirmando verem jente vir de melhora, e sendo a condesa bem certificada, mandou logo tirar tres bombardas grosas, que era sinal de jente grosa, e asi mandou logo as atalaias com a mais jente que na vila avia se fose pera o conde, o qual tanto que tomou o rebate se recolheo pera a Aldea Velha; e vendo as atalaias d'Almenara e Pedra Alta e do Pedregal estarem em seus postos, se foi pera a Pedra Alta a esperar os seus. As atalaias d'Almenara, que érão obrigadas a tomar o rebate das do Zambujeiro, que era seu través, não o tomárão, por lhe

1. [fora] *f. em todos os mss.*

dizerem os monteiros que o rebate era a eles, e que não alvoroçasem ao conde. O bizconde, que com sua presa vinha alem da volta da ribeira, ouvindo as bombardas, fez logo ajuntar a Pero de Meneses e a Jorje Vieira e a Gonçalo Vaz, ainda que me parece que neste tempo era tão novo que aquela foi a primeira vez que foi fora, e juntos fizérão pregunta aos mouros cada um por si, os quais afirmárão não aver nova de jente por os alcaides estarem cada um em sua casa, e mandando diante tomar os cabeços de Barrumede e dahi o Xercão, donde vírão na Pedra Alta o conde, o qual lhe mandou dous de cavalo fazendo-lhe saber como ele era; e com este recado o bizconde chegou com sua presa e muito contente chegou á vila. Pasado esta entrada e embarcados todos os mais fronteiros e fidalgos que em Arzila estávão, que ao socorro dos cercos pasados avíão vindo, e ficando a vila despejada deles, pasarei ao outro capitulo, e nele contarei quem Gonçalo Vaz era e de como e de quando ele e sua molher se viérão a tornar cristãos, e parte de seus feitos.

CAPITULO XII

Como Gonçalo Vaz se tornou cristão e sua molher e asi donde era e o que logo fez

Em o principio do ano de nosa salvação de mil e quinhentos e dez, costumando um mouro trazer nova de jente, e por este aviso sendo pagado de seu trabalho, era muito conhecido do conde de Borba, porque aos outros não se mostrava, sómente ao alcaide-mór Estêvão Coelho, que por vir de noite o recolhia pola porta do Albacar, de que ele tinha as chaves, e a Gonçalo Vaz, alfaqueque, que era amo do conde, que algũa parte d'aravia sabia; e nestas vindas que o mouro fazia trouxe um poldro ou dous, furtados, que vendeo; outra vez trouxe ũas sete ou oito vaquinhas, as quais lhe Gonçalo Vaz, alfaqueque, vendeo; e buscando-lhe moeda mourisca, por não ser descuberto, se foi, e não tardou muito que não trouxe ũa fermosa moura sua molher, a qual vendo-se em Arzila, queixando-se muito asperamente delle, dizendo que levando a pera Alcacere ou Larache a enganara e a trouxera a Arzila, e porque as queixas da moura érão muitas, a condesa pola desagastar e honrar a recolheo em sua casa; e como a condesa em nobreza e vertude pasase a todas as de seu tempo, confiando-a de suas molheres e mouriscas a encomendou especialmente a ũa Lianor Rodríguez, mourisca, e sua camareira, que a agasalhase consigo e a desagastase, e fizese com ela que se quisese tornar cristã, pois seu marido o era. Soube-se que a Lianor Rodríguez a danou mais, polo que depois no ano de dezaseis esta Lianor Rodríguez fez, em se

ir pera os mouros e querer levar a Dom Vasco, filho do conde Dom João, como em seu lugar direi. Vendo o mouro a detença de sua molher, se fez cristão com muita honra que lhe o conde fez e os outros fidalgos e senhores que em Arzila estávão, dando-lhe muitas peças e vestidos, asi Dom Francisco Portugal, como o bizconde e Alvaro Gonçálvez de Moura e João da Silva, que depois foi rejedor ecetra; e me parece que pela amizade que com Gonçalo Vaz, alfaqueque, tinha se pôs nome Gonçalo Vaz; e vendo-o sua molher cristão e muito honrado, tãobem o fez e se pôs nome Maria Díaz, e da casa da condesa, donde fôrão recebidos, saírão pera sua casa, não lhe faltando cousa das necesarias, porque a condesa a mandou prover de tudo. Tomou Gonçalo Vaz sua molher e casa em principio do ano de dez, muito contente por sua molher ser cristã, a qual em pouco tempo se fez muito acabada e honrada molher, e oje é viva e vive em Tanjere, donde se pasou polo despejo d'Arzila, e é casada com Anes Dei [1], condestabre dos bombardeiros d'Arzila, com quem casou depois da morte de Gonçalo Vaz. É Anes Dei pesoa honrada e que sempre viveo abastado, e dela Maria Díaz tem filhos cavaleiros e filhas casadas com cavaleiros e pesoas honradas.

Era Gonçalo Vaz natural de Benagorfate, serra que está seis legoas de Arzila, e criou-se em Benamares e em Benarróz e no Farrobo, donde não avia travesura, nem briga, nem furto em que ele não fose, polo qual era avido por homem muito ousado e valente. Era alvo e de grande corpo e muito robusto, e mostrava ter muito grandes forças. Costumava levar muitas vezes bésta por ser afeiçoado á caça. Receávão os homens de ir com ele, parecendo-lhes que por ser ousado e valente daria algũa cabeçada em que entregase algũa quadrilha d'almogavares, a qual sospeita e receio logo desfez com mostrar tanto resguardo, aviso, prudencia que pôs espanto a todos os que com ele íão fora, de que o conde de Borba era muito contente; e por se mais certificar fez com Pero de Meneses, de quem já muita confiança e experiencia tinha, fose com ele fora, do qual foi Gonçalo Vaz muito louvado; e mostrou Pero de Meneses neste louvor de Gonçalo Vaz sua muita vertude e confiança, porque sendo de seu oficio e mostrando sinais de o igualar e sobrepujar, o que era imposivel pola muita vertude, bondade, experiencia que dele se tinha, não lhe lembrando enveja de suas mostras, dise ao conde que podia fiar de Gonçalo Vaz sua pesoa e bandeira, porque, alem de lhe parecer verdadeiro cristão, a ordem, aviso e resguardo com que levava a jente era pera que quando ouvese de perder algum homem seria ele o primeiro; e com estas palavras e aviso de Pero de Meneses, sendo o conde de Borba satisfeito, deu credito como muito prudente e excelente capitão ao dito Gonçalo Vaz, confiando dele jente, e mandando-o muitas vezes fora com

1. Anes Dei] Anus Dei B N L M.

almogavares, e indo com sua pesoa e jente e bandeira fora. O dito Gonçalo Vaz fez muitas presas de mouros, mouras, gados, e asi tomou muitas aldeas por onde dos mouros em pouco tempo foi muito temido e de nós outros muito honrado e do conde mui favorecido e ele muito aproveitado, asi com as presas que fazia, como com dadivas dos senhores que em aquele tempo em Arzila avia, e em pouco tempo fez ũas casas muito honradas, em que vevia, e depois ficárão a sua molher Maria Díaz, e as encheo de muitos escravos, mouros e mouras, que servíão a sua molher Maria Díaz; e porque até [a]gora [1] tenho dito de sua pesoa e calidade e vinda a tornar-se cristão, e sumariamente como foi temido pola muita guerra que logo fez, parece-me bem e rezão dizer algũa parte de seus grandes feitos e entradas, que logo começou fazer a guerra, as quais contarei neste segundo capitulo de sua cristandade.

CAPITULO XIII

Em que se côntão algũas entradas que Gonçalo Vaz fez em principio de sua vinda a Arzila

Não tardou muito, depois de Gonçalo Vaz ser cristão, que não levou ao conde de Borba com toda a jente da vila e bandeira ao Farrobo, donde tomárão ũa aldea chamada Arrehana [2], e tomadas ũa parte das casas com trinta almas e muito gado groso e meudo, se recolheo sem algum dano, da qual presa o conde usou com ele Gonçalo Vaz de sua muita nobreza e liberalidade, dando-lhe um cavalo e armas e ũa moura que ele escolheo, que não deixava de ser das milhores da cavalgada.

Depois fez outras muitas entradas, em que tomou muitos mouros e mouras e gado, entre as quais foi ũa entrada que Luís Valente me conta, que levando corenta de cavalo tomou á serra d'Agoní, ante-menhã, e metido na serra esperou ver os atalhadores, por donde atalhávão, e ver se podia ficar dentro da serra sem ser sentido; e sendo pasada a menhã e não tendo visto os atalhadores e vendo os fachos sosegados e seguros, parecendo-lhe enovação não aver atalhadores e os fachos estarem alevantados e seguros, não se deu por seguro, e fazendo estar a jente a cavalo e a bom recado, e encomendando-a a Gonçalo Vaz, alfaqueque, que não se bulise, porque ele tinha sospeita que era sentido, e queria por sua pesoa afirmar-se e ver mais algum sinal, a pé se foi pola serra acima a ver se via ou ouvia mais algum bolicio; da qual ida todos ficárão medro-

1. [a] *f.* A. — 2. Arrehana] Areana B N L M.

sos e murmurando, dizendo que os fora vender, e senão fora por Gonçalo Vaz, alfaqueque, que com muitas palavras de hom e valente cavaleiro os esforçava, se saírão e o deixárão; mas esta sospeita foi logo deixada polo verem tornar muito apresado, e não era posto a cavalo quando dérão sobre eles dozentos homens de pé, que, sendo aquela menhã sentidos, se ajuntárão das aldeas da mesma serra de Benagorfate, convem a saber, d'Agoní, de Zahara, de Zurara e outras mais apartadas qne pola serra avia, os quais cuidárão de os tomar a pé na cilada; e tendo-os já espiados os vínhão buscar, e achando-os já a cavalo, e que se vínhão saindo, os cometêrão com tanta furia que logo lhe ferírão dous homens, um criado do alcaide-mór Estêvão Coelho, casado com ũa Toja, e lhe ferírão tres ou quatro cavalos; e posto que a serra era muito fragosa e milhor pera homens de pé que de cavalo, Gonçalo Vaz fez ũa volta e pasando um mouro que os mais seguia com sua lança o mandou ao inferno, e asi os nosos derrubárão nesta volta outros dous, que foi causa de os afloxarem, especialmente polo dano que os mouros recebíão de duas béstas nosas, ũa de Luís Valente, e outra de Mateus Fernândez Pescoço, criada de Gonçalo Vaz, alfaqueque; e asi ficou Gonçalo Vaz desapresado, deitando-lhe os mouros seus parentes e conhecidos muitas maldições. Sendo Gonçalo Vaz desapresado e fora da serra de Benagorfate, tomou logo a outra de Benamares; e mandando os cavalos e homens feridos á vila, entrou e travesou a serra toda e foi sair á vista do campo de Benahamede e Fiquer; e vendo o campo seguro e sosegado correo e tomou cinco mouros e duas ou tres egoas e mais de cem cabeças de gado vacum, e com esta presa e boa dita se veio, sendo de todos muito louvado polo bom cuidado e aviso que aquela menhã teve; e certo se dise em aquele tempo que se os mouros o achárão descuidado e a pé o desbaratárão com muito dano dos nosos. Neste suceso mostrou Gonçalo Vaz ser bom almocadem e não menos cavaleiro, e por ambas estas partes foi muito louvado do conde e de toda a vila.

Não tardou muito que, tornando fora, fez muitas presas, em as quais tomou um dia a seu padrasto, marido de sua mãe, e pesoa que o criara, e asi tomou com ele a um seu irmão, moço de catorze ou quinze anos; e soltando ao padrasto, trouxe ao irmão, e tornando-o cristão, se chamou João Vaz, que depois foi muito bom cavaleiro, e tãobem foi marterizado, como dele direi, no ano da nosa salvação de mil e quinhentos e vinte quatro, que, á vista d'Arzila e em bespera de São João, el-rei de Féz o mandou queimar, dando-lhe o conde Dom João Coutinho por ele em mouros e em dinheiro quanto el-rei de Féz quisese pedir, como mais largo em seu tempo e lugar, Deos querendo, direi.

E tornando aos feitos de Gonçalo Vaz: com estas entradas e presas que fazia, ele por ũa parte e Pero de Meneses por outra, e tãobem Jorje Vieira não folgava, porque as mais das vezes ia com Pero de Meneses e

Gonçalo Vaz, cujo saber e conselho aproveitava, e por sua parte tãobem não deixava de entrar; e fôrão estas tão meudas entradas causa que, querelando-se os mouros ao alcaide d'Alcacere do muito dano que cada dia recebíão, saio cide Hamete, filho maior do alcaide, a lhes armar, donde caio a sorte em Jorje Vieira por donde se perdeo, como atrás já fica dito, ainda que quando foi a morte de Jorje Vieira avia muito pouco tempo que Gonçalo Vaz era cristão, e avia feito poucas entradas, porque ele se tornou cristão na entrada do ano de mil e quinhentos e dez, como atrás fica dito; e Jorje Vieira se perdeo dia de São Pedro e São Paulo, a vinte oito de junho do dito anno, mas eu escrevi primeiro a morte e desbarate de Jorje Vieira por levar enxeridos aqueles dous sucesos tão mofinos a Arzila, e por falar algũas cousas juntas de Gonçalo Vaz, pois tudo socedeo em um ano, convem a saber, a vinda de Gonçalo Vaz e o desbarate de Jorje Vieira.

CAPITULO XIV

De como socedeo o feito de Capanes, de que tanta fama ficou em Arzila, e de que o conde de Borba muito se prezava

Pois já tenho antre as mãos parte das cousas feitas por Gonçalo Vaz, e tenho dito quem era e quando e como foi cristão, e asi algũas entradas que logo fez, por onde era muito honrado e do conde muito favorecido e dos mouros muito temido, parece-me bem não o leixar das mãos até contar o feito de Capanes, cujo ardil e cavalgada ele deu, e ser logo feito na entrada do ano de mil e quinhentos e onze; e por ele Gonçalo Vaz com sua pesoa e industria tomar um mouro honrado, como logo direi.

Tendo Gonçalo Vaz espiado cousa suficiente pera o conde com sua jente e bandeira poder ir fora, e asi tendo nova com que ao conde pareceo podia entrar, mandando dar ás trombetas, e entrando pola boca de Capanes ao outro dia, dando a dianteira a Diogo López de Lima, muito seu parente, e dando-lhe a bandeira de Cristos, lhe mandou que com ela correse o campo de Mençara e d'Alenaçar, o qual andava mais largo do acostumado; em a qual corrida Diogo López de Lima tomou ũa boa cavalgada de mais de vinte mouros e mouras, e muito gado groso e meudo; e começando-se a recolher pera a mesma boca de Capanes, vindo Diogo López de Lima muito contente de tão boa dita, como Deos lhe dera, antes que se juntase com o conde, que com o guião o ia receber, Gonçalo Vaz, que com a cavalgada vinha, vio que um mouro de cavalo atravesara a ribeira e vinha faldrejando a serra de Benamares; e como

homem que por aquela terra se avia criado, e sabia donde vinha sair, chamando a Jusarte d'Almeida, bom cavaleiro, e que com ele Gonçalo Vaz costumava ir fora, lhe dise: «Aquele mouro de cavalo é noso e espero em Deos que oje o tenha de levar á vila, ou o tenha de matar, antes que os outros que detrás vem cheguem a ele»; e ambos se fôrão por um corrego, donde o mouro veo ter com eles, e saindo-lhe e conhecendo Gonçalo Vaz logo se rendeo, o qual mouro era um cavaleiro muito honrado e dos milhores da serra, o qual Pedro Afonso Homem comprou por sesenta mil reis, pera tirar de cativo a seu irmão João de Deos, que avia cativado cide Hamete, quando foi o desbarate e morte de Jorje Vieira, como atrás fica dito e apontado. Pois sendo já o mouro em poder de Gonçalo Vaz e de Jusarte d'Almeida, e vendo acodir muita jente de cavalo ao rebate, e preguntando-lhe que jente era, logo o mouro dise que era jente de Barraxe e Almenderim, que aquela noite dormírão em Benarróz, e que com favor dela que ia correr a Arzila; andava o campo largo, como o avíão achado, e se vínhão ajuntar com o alcaide d'Alcacere, que já estava no noso campo, donde aquele dia se avíão de ajuntar.

Tanto que Gonçalo Vaz teve esta tão certa nova, posto que pera todos fose contraira ao contentamento que todos trazíão, muito apresado a quís Gonçalo Vaz trazer ao conde; e o primeiro que a ele chegou e lh'a deu foi João de Sousa, mourisco, homem de pé seu e seu escravo, e casado com Isabel Monteira, que oje anda nesta cidade de Lisboa, do qual João de Sousa adiante farei muitas vezes menção, por se fazer bom cavaleiro e ser tão solto e delijente que nunca se tirava da estribeira do conde seu senhor, e sempre do mesmo conde foi muito favorecido. Pois João de Sousa, que a pé ia, vendo vir a Gonçalo Vaz com o mouro de cavalo, os foi receber, e entendida parte das novas que o mouro dava da jente, que já algũa aparecia, tornou correndo, como que estivera em cima de um lijeiro jinete; e chegando ao conde, seu senhor, lhe pedio que lhe fizese mercê do cavalo em que ele aquele dia cavalgase, porque ele [certi]ficava [1] a sua senhoria que aquele dia desbaratase um alcaide e dele lhe tomar um cavalo, o qual avia de ser do primeiro mouro que derribase. Estando o conde alvoroçado com as palavras de João de Sousa, chegou Gonçalo Vaz com o mouro e logo soube tudo o já pasado e contado, e mais que com a jente de Xexuão não vinha cide Alé Barraxe, seu alcaide e senhor, por estar doente, e por o alcaide d'Alcacere lhe mandar dizer se ajuntasem e corresem a Arzila, e que avia tres dias que estava á ponte d'Alcacere, cide Alé Barraxe, por não desmanchar o ardil do alcaide, encomendando seu filho Mulei Abrahem a Almenderim, seu jenro, e alcaide de Tetuão e Targa; e foi esta a primeira vez que Mulei Abrahem trouxe cargo de jente, sendo de tão pouca idade que não che-

1. [certi] *f.* A. — 2. desbaratase] avia de desbaratar B N L M.

gava a vinte anos, em a qual vinda recebeo algum revés, como logo direi, e depois fazendo muita guerra contra todos quatro lugares de Africa, convem a saber, Cepta, Tanjere, Alcacere, Arzila, e contra capitães mui ilustres e excelentes, como em Arzila o conde Dom João Coutinho e Antonio da Silveira; e em Tanjere contra os dous Dom Duartes de Meneses, o da India e o d'Evora, e Dom Alvaro d'Abranches; e em Alcacere Pedro Álvarez de Carvalho e seu pai Alvaro de Carvalho e o cide Rui Díaz de Sousa; e em Cepta o marquês de Vila Real e depois todos seus irmãos, todos capitães excelentes e afamados; de todos alcançou vitorias e nunca ouve revés, como polos sucesos da guerra destes lugares de noso tempo se verá: — pois tornando ao conde de Borba, que tomando a nova do mouro que Gonçalo Vaz tomara, e chegando seu primo Diogo López de Lima com a cavalgada, e vendo já a jente que fraldejando a serra de Benamares o vinha demandar, deu muita présa ao tanjer da cavalgada, por se lançar fora daquelas duas serras; e porque milhor o entêndão os que as não hão visto, estas duas serras de Benamares e de Benagorfate, posto que cada ũa tenha mais de duas legoas de comprido e sêjão separadas, se vem ajuntar nesta boca de Capanes, com tanta irmandade que muito bem se ouve o que uns de ũa parte á outra querem dizer aos da outra, e muito mais a lingoa dos mouros, que como sai da garganta retumba e soa muito mais que a nosa, por a nosa sair do ar da boca. Pois desejando o conde pasar este estreito ou boca, por ver que da parte de Benagorfate avia grande alarido das molheres, postas polos arrifes, e jente de pé vir com muita présa pola serra abaixo, o que se não pode fazer, porque os mouros e jente de cavalo chegárão primeiro, e logo começárão a apegar com o gado e querê-lo deter até chegarem as bandeiras e jente de pé que ao rebate acodio, —o conde, ficando na traseira, mandou que a cavalgada andase até sair ao largo, e chegando as bandeiras se pusérão ao redor do conde e começárão a querer arremesar. Logo fôrão chamados alguns espingardeiros e bèsteiros de cavalo, donde logo acodio um Pero Jusarte, pedreiro, e Pedro Álvarez, çapateiro, e Domingos d'Amores, carpinteiro, e outros alguns bèsteiros, que fazendo algum dano os fizérão algũa cousa afastar; e sendo já pasado o mais estreito paso, ficando os espingardeiros detrás, os mouros remetêrão a eles, e ficando Pero Jusarte com sua espingarda no rostro, encarando a um e ao outro, veio a esparar a tempo que já era encontrado de mais de vinte mouros de cavalo, e tomando a espingarda com ambas as mãos, dando a um e ao outro, se defendeo até que foi socorrido, porque o conde, dizendo: «Volta», mandou a Gonçalo da Fonseca, que por Artur Rodríguez, alférez, estar doente, levava a bandeira de Cristos, que a pusese com a de Barraxe, e logo dérão nos mouros, em especial nos que estávão derrador de Pero Jusarte; e é fama que o primeiro que a eles chegou foi o grande Diogo Botelho, criado do conde de Borba, e mui estremado cavaleiro, de

quem muitas vezes se fará menção; e encontrando um mouro deu com ele morto no chão, e asi o fez Dom João Coutinho, filho erdeiro do conde de Borba, que pasando outro com sua lança de ũa parte á outra não ouve mester ser curado, em cujo cavalo João de Sousa logo cavalgou, dizendo que comprira o que pouco antes avia dito; e asi Pero López, escrivão do almoxarifado e criado do conde, pasando outro com ũa lança delgada ou d'arremeso a fez muitos pedaços; e logo lhe dise Nuno Álvarez de Carvalho, que junto com ele ia: «Compadre, bom fora agora ũa lança grosa como esta minha». Isto dise Nuno Álvarez, por trazer lanças grosas e curtas, e Pero López compridas e delgadas, e eu sou lembrado muitas vezes terem ambos estas refertas e porfia; e asi nesta volta morrêrão sete mouros de cavalo. O conde de Borba pôs o rostro na bandeira vermelha de Barraxe e, chegando á batalha dos mouros, se achou só, porque Gonçalo da Fonseca, que neste tempo era alférez, não fez o que lhe o conde mandou, ou por não o entender, ou por outra cousa pior, e se foi após os mouros derramados, polo qual o conde lhe dise muitas palavras feas, e que se a bandeira [fora][1] nas mãos do que lhe bolia a cabeça ele o entendera e soubera donde a avia de poer; isto dise o conde por Artur Rodríguez, que lhe bolia a cabeça; e depois sobre este feito ouvérão brigas Antão Rodríguez com o dito Gonçalo da Fonseca. O conde vendo os mouros espalhados, e asi os seus, e as batalhas de Almenderim inteiras com as de Barraxe, mandou dar ás trombetas e recolheo sua jente, sem outro dano, sómente Pero Jusarte malferido, trazendo duas ou tres grandes feridas pola cabeça e outras muitas polo corpo, e outras que lhe defendêrão ũas couraças de cordovão vermelho com que o eu vi, por ser vezinho de meu pai, ao qual o conde fez curar á custa da cavalgada e prover de sua casa e o acrecentou a bombardeiro, o qual oficio de bombardeiro oje tem seu filho em Tanjere, chamado Bernaldo Jusarte. Pois tornando ao feito, os mouros com esta volta ficárão escarmentados, e logo ouvérão por bom conselho de não acometerem ao conde, até não se juntarem com o alcaide d'Alcacere; e logo despedírão cinco de cavalo caminho da Ponte, e outros cinco a Taliconte, a fazer saber ao alcaide como eles íão apegados com o conde; e asi á sua vista se deixárão vir, sem mais apegarem com o conde, o qual como prudente capitão, vendo ir os de cavalo por Taurete acima e outros caminho da Ponte, por rezão e pola nova que do mouro que Gonçalo Vaz tinha e tomou, conheceo que não queríão com ele briga até se ajuntarem com a jente d'Alcacer Quebir; e conhecendo isto deu muita présa a andar com sua cavalgada, até que se fez noite ao Xercão, duas legoas d'Arzila. O alcaide que á Ponte estava, ajuntando a jente, partio logo caminho d'Almenara, e sendo já

1. [fora] *f.* A.

noite não se pode ajuntar com Mulei Abrahem e Almenderim, senão muito noite, sendo já o conde em Arzila.

Deste feito de Capanes eu ei tido algũa referta com Dom Francisco Coutinho, filho erdeiro do conde Dom João Coutinho, que ao tempo que estas lembranças escrevia era rejedor da casa da sopricação, e ainda então não era nacido quando isto pasou, dizendo ele duas cousas: que o primeiro mouro matou Diogo Botelho, e que não morrêrão tantos mouros como eu tenho dito: ao qual alego com Luís Valente, que neste feito se achou já homem, e cada dia vai a sua casa, que diz que vio o primeiro mouro pasado da lança do conde Dom João, seu pai, dele rejedor, e logo João de Sousa em cima do cavalo, e que vio todos sete mouros derrubados e mortos. Outra cousa direi do conde de Borba, ainda que é contra o mandamento de Noso Senhor Deos, que, quando dise: «Volta», foi dizendo: «Volta, pesa tal», e que depois, falando neste feito diante d'el-rei Dom Manoel, lhe dise el-rei: «Conde, disérão-me que nesa volta vos lembrastes e encomendastes muito a Deos Noso Senhor, e mui altamente»; o conde lhe respondeo: «É verdade que, como eu estava saneado com ele e a Santa Trindade, não quís que os meus sentisem fraqueza em mim, voso capitão»; da qual reposta el-rei rindo lhe dise que sempre era bom encomendar os feitos a Deos, e mais em semelhantes necesidades.

Pois tornando ao feito, ao outro dia, ante-menhã, que o conde foi na vila, amanhecêrão as bandeiras do alcaide d'Alcacere [1] ao Facho e ao rio Doce as d'Almenderim e de Barraxe, e repicando na vila, e pondo-se a cavalo os que aquela noite viérão não muito descansados, entre os quais era Diogo López de Lima, armado d'armas brancas e encubertado, em cima de um cavalo ruço, o maior e milhor que nunca em Arzila entrou, o conde de Borba saio a pé, vestido em sua saia de malha, que fora do alcaide d'Alcacere, que ele prendera, e vendo Diogo López de Lima lhe dise: «Senhor primo, façamos honra a esta jente, pois nos leixou ontem vir em paz; deixemo-los pasear ao derrador da nosa vila»; e mandando que ninguem saise fora os leixou pasear á sua vontade, e não por onde a artelharia descobria, porque os bombardeiros o não consentíão. Este feito de Capanes contei tão meudamente, ainda que me nele não achei, porque pasando muitas vezes por esta boca de Capanes, vindo de cavalgadas e almogaverias, meus compadres e amigos, como Pedro Afonso Homem e Fernão Meirinho e João Português, me contárão todo o acontecido neste feito e os lugares, e asi donde Pero Jusarte foi ferido e donde os mouros caírão e as bandeiras parárão; e em tudo Luís Valente conforma, a quem eu levo por guia, e vou tão confiado neste feito, que me parece que em todos os pasos e lugares iria oje poer os pés e os mostrar, por muitas

1. do alcaide d'Alcacere] dos alcaides A.

vezes andar por eles todos. Esta cavalgada e tomada do mouro acrecentou muito em Gonçalo Vaz, e por ser comprido este asinalado feito de Capanes, deixo de dizer o mais que da cavalgada se fez, e como o mouro honrado que Gonçalo Vaz tomou e deu a nova dos alcaides, que Pedro Afonso Homem comprou pera seu pai Afonso Pírez tirar a João de Deos, seu filho, por ele; e por o dito Afonso Pírez pedír mais que a seu filho polo mouro, el-rei lh'o mandou tomar e tirar a João de Deos, depois de aver estado cinco anos em cativeiro.

CAPITULO XV

Em que se conta como, indo Antonio Cordovil por um caravelão que deu á costa, foi morto por desastre de oito mouros granadins, e fôrão todos cativos por Gonçalo Vaz

Neste tempo soube o conde das atalaias como avíão visto de Tendefe um caravelão varar alem do cabo Branco, ũa legoa e meia d'Arzila, e sospeitando que érão mouros fojidos, que deste reino íão, mandou logo a Antonio Cordovil, bom cavaleiro e pesoa honrada, que em Arzila tinha armações de cações [1] e barcos e homens, que tomando seus homens, os mais homens do mar, fose por aquele caravelão; e asi mandou a Gonçalo Vaz que com trinta de cavalo fose amanhecer ao rio de Larache, donde parecia que o caravelão avia d'ir ter com os que nele íão, e dahi viese ter ao caravelão e favorecese a Antonio Cordovil, o qual tomando um barco de um bizcainho, por ser maior que os seus, se meteo nele com vinte homens do mar, e foi deitar fateixa ao rio de Çael, donde o caravelão ou barco estava; e estando na menhã mais descuidados do que era mester, veio ter com eles um barco com oito mouros granadins, os quais, sendo todos bèsteiros e andando no porto d'Alfeixe, esperando se íão ter alguns homens com eles, que pudesem tomar, viérão ter com um barco que o conde tinha em Tagadarte, com que pasávão alguns homens que íão e vínhão de Tanjere; e metendo-se nele se viérão ao arrecife com entenção d'entrar dentro e roubarem algum navio, e não ousando entrar, ou por estar fadada a morte de Antonio Cordovil, pasando por Arzila fôrão envistir com o barco em que ele ia, o qual sentindo-se envistido foi logo em pé, e vendo o barco apegado com o seu, dizendo: «Barco de mouros», chamou sua jente. Os mouros vendo-se perdidos, por o noso barco ser muito maior e de mais jente, trabalhárão por se afastar, o que logo fizérão; e Antonio Cordovil, estando em pé, bradando

1. cações] caçoães A. *Veja-se p. 10, nota 1.*

que alargasem a fateixa pera ir trás os mouros, antes que se lançasem em terra, fôrão seus fados tais que caio pasado o coração de ũa seta perdida. Os seus, estando já em seu acordo, vendo Antonio Cordovil morto, como jente baixa e sem capitão, tomando os remos na mão, deixando de seguir os mouros, se viérão pera a vila.

A morte de Antonio Cordovil entristeceo muito a vila, por ser pesoa honrada e muito cavaleiro, e sempre ter muito bons cavalos, e ser casado com Caterina Afonso, irmã de Pedro Afonso Homem, a qual Caterina Afonso era mais pera homem d'armas que pera molher, por ser grande corpo e muitas forças e grande animo, como em algũas partes dela direi. Gonçalo Vaz e os que com ele íão, amanhecendo ao rio de Larache, e não vendo ninguem, nem rastro, porque os mouros fojidos, temendo-se, não fôrão demandar o rio, e se metêrão no Soveral e fôrão sair á Ponte d'Alcacere; — vindo Gonçalo Vaz buscando o rastro, topou com o rastro dos oito mouros granadins, que, como se vírão afastados do barco, em que Antonio Cordovil ficava morto, dérão consigo em terra, e não ousando ir pola praia se metêrão no corrego de Benamourel, donde Gonçalo Vaz os tirou um e um, e não sabendo o que tinhão feito os trouxe á vila cativos; porque chegando ao caravelão ou barca, e não achando o barco de Antonio Cordovil, e preguntando aos mouros granadins donde viérão, e lhe disérão donde viérão e como aquela noite encontrárão um barco de cristãos, e de medo dele que os não seguise se lançárão em terra e se embrenhárão onde os ele achara; e parecendo-lhe que isto fora causa de Antonio Cordovil ser tornado com sua presa, se foi á vila, donde chegou com os oito mouros granadins todos bèsteiros; e por um mouro destes, chamado Caceme, que Lopo Vaz, almotacel, pai de Simão Vaz, arráez, comprou, fazer ũa façanha e traição, matando a seu senhor e a sua senhora, por onde foi esquartejado, ao diante em seu tempo farei mais meuda menção deste caso, e portanto pasarei a outro capitulo.

CAPITULO XVI

De como el-rei de Féz correo Arzila e Gonçalo Vaz almocadem se salvou dantre os mouros

Em este tempo aconteceo que ventando levante, e andando fogo no campo, se esforçou tanto que com muita furia pasou o rio d'Algorrife e, estendendo-se polas varzias do mesmo rio, não se contentando ir gastando os grandes ervaçais, que do inverno avíão ficado, já sobia polas lombas d'Alfandequim e do porto das Pedras, comendo e consumindo algum feno e pacigo, que o gado da vila nelas tinha pera seu

sostentamento; e vendo o conde de Borba da grande e nobre torre da menagem, á qual eu não tenho visto outra semelhante, senão a de Sevilha e a de Olivença e a de Beja, a furia e braveza que o fogo trazia, se pôs a cavalo com toda a jente da vila e se foi contra a furia dele, aseirando [1] e defendendo e atalhando não chegase ao rio Doce; e andando muitos de cavalo apagando e quebrando a furia dele, outros, porque é costume, andávão ao despojo dele, porque sempre descobre cousas perdidas, como espadas, esporas, fouces e outras semelhantes, e tãobem muita caça, como lebres, coelhos, gazelas, adibis, uns chamuscados e outros meios queimados, e outros cegos do fogo e fumo; e antre os que a este despojo andávão era Gonçalo Vaz, almocadem, asi por ser costume dos mouriscos sempre buscar, como por ser querençoso da bésta e caça; e andando o conde com toda a jente neste trabalho e a voltas com o fogo, aconteceo que por aquela parte correo el-rei de Féz com muita jente; e saindo el-rei da Aldea Velha, com o muito fumo não se tomou o rebate, tão prestes como fora mester, e quando o conde se ouve no rio Doce, já as bandeiras érão com ele, ficando-lhe alguns de fora, em que foi Gonçalo Vaz, o qual quando tomou o rebate se achou antre a jente e bandeiras; e não vendo remedio a sua salvação, se mesturou antre eles falando aravia [2], sendo ele a pesoa que mais desejávão aver, e asi andou até que se começárão a recolher; e apartando-se o milhor que pode foi ter ao rio d'Algorrife, no qual se meteo, e deixando o cavalo se afastou o mais que pode, por o rio ser raso e não ter [senão] [3] sómente alguns poucos caniços [4]; e como os mouros érão muitos, e alguns que o vírão ir, parecendo-lhe que levava algũa cousa furtada do despojo, o fôrão demandar, e topando o cavalo e vendo ser de cristão o buscárão com muita delijencia, e não no achando se recolhêrão.

O conde recolhido ao rio Doce, e achando menos a Gonçalo Vaz, foi tão anojado que não ouve fidalgo, nem outra pesoa algũa, que lhe ousase falar, e todos estávão cheios de muita tristeza; e é certo que se não conhecera polas bandeiras e jente ser a pesoa d'el-rei, a quem se deve acatamento e obediencia, quisera dar na dianteira e aventurar sua pesoa e a de seus filhos, por vingar a Gonçalo Vaz; e esta nova de ser Gonçalo Vaz morto chegou logo á vila e a fez toda triste, e ouvida por seu irmão, João Vaz, que comigo estava, com grande sentimento e choro a levou a sua cunhada, Maria Díaz; e ainda que sua lingoa não era muito solta ela o pranteou com palavras de tanto sentimento que a muitas molheres honradas, de que logo foi acompanhada, pôs em muita tristeza e sentimento, a qual tormenta e tristeza não tardou muito que não foi tornada em alegria e contentamento, e ficárão todos consolados e contentes; porque

1. aseirando] avisando B N M; aceirando L. *É esta a ortografia hoje usada.* — 2. aravia] algaravia B N M. — 3. [senão] *f.* A L. — 4. caniços] corisos A.

tanto que os mouros se começárão a recolher, caminho da Pedra Alta, o conde mandou logo povoar os postos costumados d'Alfandequim e o porto das Pedras e o Palhegal, e ele se foi poer sobre o Tojalinho, e dali mandar buscar o corpo de Gonçalo Vaz e doutras duas pesoas que falecíão; mas ele Gonçalo Vaz, que na ribeira estava, vendo-se desapresado dos que o andávão buscando, e vendo povoadas as Atalaias de Alfandequim e do [1] porto das Pedras conheceo que érão dos nosos, e saindo se veio pera elas, e visto e conhecido, com muita alegria o trouxérão ao conde, que o recebeo com tanto alvoroço e contentamento como se fora um de seus filhos, e mandando-lhe dar seu cavalo de destro, depois de meudamente lhe preguntar [2] tudo o que naquela refega tão perigosa pasara; e dando muitas graças a Deos por tamanha mercê e boas alvixeras [3] ás atalaias, o mandou á vila, onde já estávão mais de dez de cavalo com as novas, que correndo a fizérão alegre; e chegando bem acompanhado á vila e entrando primeiro em Nosa Senhora da Misericordia, donde ia [4] com jente e dahi pera sua casa, não podia chegar [5], mostrando todos muito contentamento e alegria por sua salvação, pola boa vontade que todos os da vila lhe tínhão, e ele Gonçalo Vaz, muito contente de ver o amor e vontade que todos lhe tínhão, contava todo o pasado; e o maior risco foi em se apartar da jente, e depois de ser no rio, por não fazer rastro, o trabalho que levou, indo por dentro da agoa, nadando, por se afastar do cavalo.

O dano que os mouros fizérão, ainda que foi pouco, não se sentio por Gonçalo Vaz ser salvo; todavia matárão um homem e cativárão a Jorje Nogueira, pesoa honrada e natural de Santarem, o qual esteve muitos anos cativo em poder do alcaide d'Alcacere Quebir, e asaz malquisto e enfamado dos cativos. E foi a causa que tendo os cativos minada a mazmorra d'Alcacere e concertado de todos fojirem, ele Jorje Nogueira, parecendo-lhe que se não podíão salvar, o não consentio e o descobrio, e ficou por este caso tão malquisto que todos de um acordo o quisérão afogar ũa noite, e ele sospeitando, ou lh'o dizendo alguem, o dise ao alcaide e lhe pedio o tirase da mazmorra; e o alcaide açoutando alguns o não mandou mais á mazmorra, polo qual feito ficou em tanto odio dos cativos que depois muitos anos, sendo ele fora de cativeiro e em Arzila, eu o vi acusar perante o conde Dom João, capitão d'Arzila, a João Português e a Jorje Manoel, que em seu tempo fôrão cativos; e o conde Dom João com sua muita humanidade e grande vertude o desculpou, tirando esta culpa dele Jorge Nogueira e deitando-a á constelação dos cativos, que é não dizerem bem de ninguem, nem de quem os vai resgatar, porque é certo que, falando um capitão ou alfaqueque em um

1. do] o A L M. — 2. preguntar] contar A. — 3. alvixeras] alviçaras B N M; alviseras L. — 4. ia] hi A. — 5. donde ia... chegar] donde ia dahi se foi pera sua casa e não podia ir B N M.

cativo, se o concerta e resgata diz que por seu proveito o fez, e se o não concerta sempre fica dizendo que o danou, e deixa de ser fora de cativo porque falárão nele, ainda que seja seu pai ou seu irmão; e porque os capitães e alfaqueques tem esta experiencia, não digo mais. Isto trouxe pola fama que Jorje Nogueira cobrou antre os cativos, sendo ele um deles; e com isto tornarei a algũas cousas d'Arzila, deixando a Gonçalo Vaz descansar e repousar por alguns dias, ainda que ũa só cousa lembrarei primeiro que o deixe das mãos, pera que a notem os que isto lerem, que sendo todos os principios leves e de pouca força, ainda que tênhão grandes esperanças, os de Gonçalo Vaz começárão logo com tanta força que sem duvida se vivera muito tempo não se pudera deixar de aver grandes feitos seus e de sua pesoa e vida, e ouvera muito que escrever dele; mas Deos foi asi servido que fose marterisado em Tetuão e em poder d'Almenderim, depois de viver antre nós cristão perto de sete anos; e porque, Deos querendo, tornarei a ele, direi algũas cousas que neste tempo pasárão, e asi alguns feitos de Pero de Meneses, os quais não érão nem fôrão menos que os seus.

CAPITULO XVII

De como Pero de Meneses foi esperar ũa quadrilha d'almogavares dentro da Ponte e a desbaratou e lhes tirou ũa atalaia que levávão e tomou sete ou oito mouros

Pois de Gonçalo Vaz tenho dado algũa conta e dito quem era, e quando e como foi feito cristão, e tenho contado parte de seus grandes feitos até escapar dantre os mouros, e neste tempo não tenho dito nada doutras muitas cousas que em Arzila acontecêrão, nem feito menção de Pero de Meneses, que em saber e prudencia e obras não era menos que Gonçalo Vaz, antes mais e maiores; e tornando a ele, antre outras muitas cousas que jeralmente fez, contarei ũa em que desbaratou a Zanaca, almocadem d'Alcacere Quebir, dentro da Ponte, e outra em que desbaratou jente do alcaide. Pois seguindo a ordem que levo, e querendo poer cada cousa em seu lugar, posto que todas sejam em um tempo, é necesario irem ũas antre as outras; e porque em o tempo que falei em Gonçalo Vaz, Pero de Meneses não estava de vago, antes fazendo muitas almogaverias e entradas, em que fez muitas presas e tomou muitos mouros e mouras, de que ele e os que com ele íão avíão muito proveito, e por lhe neste tempo acontecer um grande e asinalado feito, [o contarei] [1], o qual socedeo desta maneira.

1. [o contarei] *f. em todos os mss.*

Estando o conde de Borba dando sua guarda ás Pontinhas da Atalaia Ruiva, corrêrão almogavares da Atalaia Alta de Tendefe, e enlevados após da atalaia a viérão tomar abaixo da Alfarrobeira, a qual me parece se chamava Machado, e os mouros vendo o conde, que com o rebate se ajuntou na Atalaia Ruiva, se tivérão por perdidos, e deitando-se por Tendefe abaixo tomárão a praia, mostrando que érão de Larache e que se recolhíão á barca. O conde vendo que leixávão seu dereito caminho, que era pola Atalaia Alta de Tendefe e por Mejileo, seu caminho dereito á Ponte, chamando a Pero de Meneses e praticando o feito com os homens honrados que com ele érão, como Pero López d'Azevedo e Antonio da Fonseca, contador, e Fernão Caldeira, mandou a Pero de Meneses os fose aguardar com trinta de cavalo; e apartados tomou por antre as varzias e por Almenara e por Alhadra; e apartando-se da estrada d'Alcacere chegou á ribeira da Ponte, e pasando por um porto falso os foi esperar á Pontinha, ũa legoa d'Alcacere, donde não tardou muito que, sendo já muita parte da noite pasada, que [1] Zanaca, bem fora d'achar tão roim encontro, nem ser salteado, veio ter com ele, vindo todos á longa e sem algum receio, foi causa de se não perderem todos, porque dando Pero de Meneses nos dianteiros facilmente fôrão rotos e desbaratados; e deixando a atalaia que levávão se pusérão em fojida, e, mortos alguns deles, fôrão tomados e cativos sete ou oito; e com esta boa fortuna Pero de Meneses se veio caminho da Ponte, donde já as guardas estávão com rebate, asi pola artelharia que d'Alcacere se tirou com a nova dos que primeiro chegárão, como pola grande grita que, por ser de noite, por aqueles campos soava; e, contudo, chegando Pero de Meneses á Ponte, e chamando polas guardas, como que preguntava polo rebate em aravia [2], tomou outros quatro mouros; e pasando a Ponte, veio amanhecer á varzia de Taurete e dahi ao Zambujeiro, donde já o conde o estava esperando com toda a jente da vila, porque aquela noite mandou atalhadores que em amanhecendo cortasem o campo e lhe viesem com recado ao Zambujeiro; e vendo vir os seus os foi receber com muita alegria e contentamento, e chegado á vila foi recebido com muita solenidade, saindo á porta da vila o prior e clerigos com as cruzes e com repicarem os sinos. Fôrão vendidos os mouros e cavalos, e toda a presa repartida por toda a jente da vila, polos irem aquela noite esperar e favorecer, sómente a Pero de Meneses e seus companheiros dérão um mouro e um cavalo que Pero de Meneses escolheo, e isto da vantaje [3], e tãobem a atalaia ouve sua inteira parte. Antre estes mouros cativos foi cativo Doria, muito conhecido de

1. donde... que Zanaca] que *está repetido, como sucede frequentemente em* A; donde sendo já muita parte da noite pasada não tardou muito que Zanaca L; *deturpado em* B N M. — 2. aravia] a ribeira A; arabia N M. — 3. vantaje] ventage do monte mór B N L M.

toda a vila d'Arzila, por muitos anos vir por alfaqueque á mesma vila; e ao tempo do noso despejo foi deteúdo polo conde rejedor, capitão da dita vila, e o leixou entregue a Luís de Loureiro, que na dita vila ficou, pera quando vise tempo o mandase; o qual Luís de Loureiro, ao tempo da embarcação, o leixou na praia a ele e a outros dous mouros e alguns judeus que na vila se achávão, como em seu lugar e tempo, Deos querendo, direi.

E tornando ao alcaide d'Alcacere, dando-lhe nova como seus almogavares érão desbaratados, e tão perto de sua casa, tendo certeza como o conde com toda sua jente estava na vila, por Zanaca lhe afirmar que aquela tarde o vírão na Atalaia Ruiva, e os que leixou na Atalaia Alta e em Mejileo afirmarem não se bulir até o sol posto, teve o rebate por falso; e mandando seus atabales pola cidade, antes que fose menhã, foi posto a cavalo com sua jente, e chegando á Pontinha conheceo ser verdade, e muito mais quando chegou á Ponte; e sabendo que seríão trinta de cavalo conheceo que era algum ardil de Pero de Meneses; e vendo o espaço que avia que era pasado, e que já não lhe podia fazer bem nem mal, reformando suas guardas e tapando sua Ponte e alguns portos da ribeira, dobrando suas guardas, se tornou pera Alcacere, asaz espantado das manhas e feitos de Pero de Meneses.

CAPITULO XVIII

De como Pero de Meneses, vindo de ũa almogaveria com sua presa, desbaratou jente do alcaide d'Alcacere Quebir

NÃO faltou a fortuna a Pero de Meneses em o favorecer neste feito, atrás contado, pois logo lhe trouxe ás mãos outro, que emquanto foi e se achou com menos jente tanto mais foi avantejado, polo bom recado e grande acordo que sendo salteado teve. Foi o caso que, sendo Pero de Meneses entrado com sómente dezasete de cavalo, e melhorando-se por entre Mençara e Fiquer, tomou tres mouros e tres mouras, entre as quais foi Fatema a fermosa e de mais fama que em noso tempo em Arzila entrou; e porque desta Fatema em algũas partes farei menção e direi de sua bondade, asi em vinte oito [anos] [1] que em casa da condesa servio de sua camareira, sendo moura, como depois de feita cristã e casada, irei polo feito adiante até seu tempo e lugar.

Feita esta presa por Pero de Meneses e seus companheiros, e saindo fora das bocas com a presteza acostumada, chegárão ao lugar do des-

1. [anos] *f.* A.

canso, que é o Xercão, duas legoas e meia d'Arzila, lugar que, por ser de muita agoa, ainda que no verão não é corrente, todas as vezes que por ele pasamos, nós e nosos cavalos, avemos de beber e descansar nele; e polo semelhante todalas vezes que el-rei ou muita jente vem ao noso campo, logo são no Xercão, e, asentando suas tendas e arraial, dali se determínão o que querem fazer, correndo a Arzila, ou indo a Tanjere. Pois chegando Pero de Meneses ao Xercão, logo todos os seus fôrão a pé, e desatando suas cevadeiras começárão de gastar o que nelas ainda trazíão, e por a grande calma que fazia, Pero de Meneses [os] [1] não pode por a cavalo; e estando ele em cima do seu cavalo, arrimado á sua lança, foi salteado de cincoenta de cavalo, os quais, achando-se o alcaide em Taliconte e tendo rebate, os foi buscar á boca de Capanes, e outra jente espalhada viérão cortando por Buabe e viérão sair ao Xercão, donde achárão os nosos metidos na ribeira; e tomando Pero de Meneses o rebate e fazendo poer a cavalo os seus, foi encontrado de dous ou tres deles, e Bertolameu Fidalgo, criado do conde Dom João Coutinho, ferido; e contudo, saidos da ribeira e juntos com Pero de Meneses, dérão logo nos mouros e derrubárão dous deles; os outros se pusérão em fojida.

Pero de Meneses, vendo a poeira, parecendo-lhe que era muito mais jente, os não seguio, e querendo trazer os tres mouros que tomados trazíão não pudérão, e tomando sómente as duas mouras ás ancas ou nos cavalos dos mouros derrubados, com muita presteza se pusérão na Pedra Alta, sem os mouros ousarem mais apegar com ele, asi por os seus virem á longa, como por conhecerem a Pero de Meneses e saberem que, sendo seu almocadem e capitão, não fazia desordem, antes todas as vezes que quisesem apegar-lhes avia de derrubar um par deles; e chegando á Pedra Alta o afrouxárão e se detivérão e ele chegou a Arzila, donde o conde já saia ao rebate, e topando-os no Rio Doce se tornou com eles, trazendo um jinete fouveiro do conde Dom João Coutinho, em que Bertolameu Fidalgo foi muito mal ferido, o qual eu vi curar e estar o conde Dom João á sua cura no Aduar, casas que depois fôrão de Diogo Delgado, polo estimar muito.

Neste feito se achou meu compadre João Vaz Aljofarinho, que oje vive em Tanjere; e esta Fatema comprou a condesa, Dona Isabel Anríquez, molher do conde Dom João; e saio tão fiel, e tão boa servidora que sempre a condesa se servio dela de sua camareira, e teve tanta fama em casa da condesa, asi de suà bondade, vertude e fermosura, que, sendo Mulei Abrahem principe a quem não faltávão molheres fermosas, fez muito pola resgatar sem nunca a condesa a querer dar, nem poer no resgate; e depois no resgate de Lourenço Pírez de Tavora, que ora está em Roma por embaixador, e de Manoel da Silveira, Mulei Abrahem a pedio

1. [os] *f.* A.

e Fernão Caldeira, que o resgate foi fazer, lh'a prometeo e lhe deixou em penhor até lh'a dar quatrocentos cruzados, em prata lavrada, e até oje ficárão ao dito Mulei Abrahem, por a condesa a não querer dar; e depois, no ano de trinta e oito, se tornou cristã, e a condesa a casou com Niculao Fernândez, seu criado, e lhe deu casa, e dele ouve um filho que anda em casa do conde rejedor.

CAPITULO XIX

De como João de Sousa se foi pera os mouros e depois se tornou, e como foi recebido do conde

João de Sousa, de quem tenho feito menção em o [feito] [1] de Capanes, sendo mourisco e nacido em casa do conde de Borba e casado com Isabel Monteira, que oje anda nesta cidade, e favorecido do conde seu senhor e muito bom cristão, ao que de todos era julgado, avendo jugado mais do necesario e avendo medo do conde, se foi pera os mouros; e chegado a Larache foi do alcaide Amim muito favorecido, asi por ser da casta de mouros, como por ser muito querido do conde, e tãobem por sua pesoa e valentia, porque, alem de ser muito jentil homem, era pera em toda a parte dar larga conta de si, a cavalo e a pé; mas ele, lembrando-se donde se criara e a fé que tinha e do favor e mercês que sempre do conde recebeo, e de sua [molher que deixava] [2] moça em casa de sua mãe viuva, e sobretudo o grande erro que fizera, foi logo arrependido, e, com o primeiro mercador que de lá veio, o fez saber ao conde, como de medo de sua furia, não sabendo o que fazia errara, e que ele se tornaria, ainda que sua senhoria o mandase gravemente castigar, e que ele trabalharia de trazer ũa quadrilha d'almogavares e daria ordem como se perdesem, ou viria com o alcaide e se pasaria a ele em tempo que o alcaide se perdese.

Com este recado ficou o conde contente, porque de sua ida foi muito descontente e a sentio muito, polo criar e lhe ter verdadeiro amor, e ele João de Sousa ser muito bom servidor. Tendo asi feito este concerto, João de Sousa fez com o alcaide Amim de Larache viese correr Arzila só, e correndo pola calma não seria sentido e faria muito dano. O alcaide era andaluz e natural de Granada e muito avisado e mais percatado; e desejoso de fazer ũa asinalada sorte concedeo a vinda, e com sua jente, que serião até cento e cincoenta de cavalo, pasou o rio, e tomando o Soveral se veio, trazendo por guia a João de Sousa, se veio [3] meter nas

1. [feito] *f.* A. — 2. [molher que deixava] *f.* A. — 3. se veio] *f.* B N M; *não se pode ler* L. *Repetição análoga de* que *na p. 66, l. 16 e outros logares.*

Furnas; e polo meio da sesta, estando todos recolhidos, correo, e não fazendo nada chegou sua bandeira ao Facho, e entrando pola primeira tranqueira chegou até a do Meio; e saindo o conde a repique ao Facho, vendo a pouca jente, se pôs no outeiro de Pero Cão, junto do Laranjal; e tendo já sua jente consigo descobrio o recado que de João de Sousa tinha aos com que se avia d'aconselhar, e que a ele lhe parecia não era mais que o alcaide.

Todos fôrão de parecer que, se João de Sousa tratava verdade, ele se pasaria ao conde, ainda que fose com seu perigo, e em tanto não se devia d'aventurar a pesoa de sua senhoria e de toda a vila, não tendo outro penhor senão a palavra de um homem que avia feito um tão grande erro, e que ainda estava antre os mouros, e que devia [1] esperar por algum sinal. Ao conde pareceo bem esta rezão, dada polo conde Dom João seu filho e polos principais da vila, e, posto que ele tinha confiança que João de Sousa não lhe faria traição, deu lugar á razão; e todavia quís esperar se João de Sousa se viria pera ele, e foi isto causa que o alcaide Amim se salvase, o qual vendo-se junto da vila e á vista do conde, usando de prudente capitão, como aquele que se criou nas guerras de Granada, donde era natural, e bem afamado, fazendo estar junto de si a João de Sousa, em o qual aquele dia trouve [2] tanto recado que ele o não deixou apartar de si, e recolhendo-se pola Atalaia Ruiva fez o caminho muito mais comprido, mostrando não deixar o caminho d'Alcacere.

O conde, posto que bem entendese que tudo érão ardis de guerra e manhas do alcaide, os deixou ir; todavia, com esperança que de João de Sousa tinha, se recolheo o conde á vila; e o alcaide, muito contente de ser fora de tamanha afronta, foi demandar a Ponte e ver-se com o alcaide d'Alcacere, donde João de Sousa se apartou e se veio pera a vila ũa quinta feira d'Endoenças, estando o Senhor e Noso Deos encerrado, e o conde e a condesa e seus filhos e toda a vila acompanhando-o: entrou João de Sousa pola porta de São Bertolameu, igreja maior da vila, e deitando-se aos pés do conde, dise: «Eu juro por este meu Deos, que aqui está encerrado, que minha entenção não foi fazer-lhe ofensa, nem negá-lo, sómente fujir da furia do conde, meu senhor, em cujas mãos me venho poer, pera que me dê o castigo que ele quiser; e a vinda d'ontem foi pera entregar o alcaide, e pola guarda que em mim pôs não me pude apartar dele até oje á Ponte». O conde o recebeo com palavras de pai, e com as lagrimas nos olhos lhe dise: «Eu muita confiança tinha que me não avia de deixar aquele que eu com tanto amor criei, e de mim sois perdoado, e rogo a este Deos que aqui está encerrado vos perdoe; e por vos ter comigo eu dou por bem a ida do alcaide, e posto que tivese pera mim todo o que agora me disestes, eu quís usar de capitão que avia de

1 devia] devíão B N L M. — 2. trouve] trouxe B N L M.

dar conta das molheres e filhos dos que comigo fosem, e de todos estes fidalgos e cavaleiros que derrador de mim estão». Com estas palavras e amor foi recebido João de Sousa e levado a sua casa, que é um jogo de mangual da porta da igreja; era acompanhado dos mais da vila, asi homens como molheres e moços.

CAPITULO XX

De como el-rei de Féz correo Arzila, e saido o conde de Borba a repique achou os mouros antre as ortas, e até a tranqueira do Anjo lhe matou cinco mouros

Pasando muitas cousas atrás contadas e outras que não lêmbrão, el-rei de Féz, como homem imigo de cristãos e amigo de lhes fazer a guerra, tornou abaixo a correr Arzila e a Tanjere; e um dia pola sesta, não avendo atalaias, saio da Atalaia Gorda, um tiro d'espera da vila, e entrando as tranqueiras, chegárão até as ortas de Fernão Caldeira, a tempo que pola rua d'antre as ortas vinha cheia [1] de homens e molheres que com rebate e repique se vínhão recolhendo; em a qual rua fôrão muitos mortos, por já os mouros serem com eles, se o conde de Borba não chegara de repique polo caminho velho, que saindo só e primeiro que ninguem pola porta da Ribeira, quando ao terreiro das ortas chegou, já muitos mouros érão nele; e vendo o caminho cheio de jente se pôs antre ele e os mouros, e, sendo ele dito conde só, não ousárão acometer a rua, polo conhecerem mui bem pola muito conhecida e estimada saia de malha que do alcaide [d'Alcacere] [2] foi, e polos cordões da adarga que sempre trazia, e muito mais craro pola temerosa voz que o conde tinha, com que vinha recolhendo os que diante vínhão. Muitos mouros, dos que ao terreiro chegárão, apanhávão da roupa que polo terreiro estendida estava, mas como polo caminho velho começase a vir jente de repique, o primeiro que ao terreiro chegou foi Dom Bernardo Coutinho, filho do conde de Borba, e junto com ele Vasco Lourenço Aljofarinho, pai de João Vaz, que oje vive em Tanjere, e outros dez ou doze de cavalo; e vendo os mouros já recrecer jente se começárão a recolher.

O conde saio logo ao terreiro, e, ajuntando-se com seu filho Dom Bernardo e os mais que já chegávão, apegou logo com os mouros tão rijo que logo os pôs em fojida, e até a tranqueira do Anjo, que é a primeira de tres que ha até o Facho, derrubárão cinco de cavalo, que logo ficárão em poder dos nosos, e na tranqueira achárão já muita jente da que en-

1. cheia] tudo cheio B N M. A *devia corrigir-se assim:* a tempo que a rua... — 2. [d'Alcacere] *f.* A.

trava polo Facho, e dali o tornárão a recuar até o meio [do] [1] caminho, mas, como já o fio da jente da vila engrosava, o conde os tornou a lançar fora das primeiras tranqueiras, ficando cinco mouros mortos e tres cavalos, os quais não sou lembrado se foi d'algũa bombarda, se de lançadas; asi que foi muito bem pagada algũa roupa que levávão. Os mouros se recolhêrão pera fora das tranqueiras e do Facho com este dano, que el-rei sentio muito polo ardil ser seu e dos de Féz, e se foi pera o Xercão, donde tinha a sua almahala [2] e arraial, com vontade de ao outro dia correr a Tanjere, como correo, e me parece que não fez nada, porque logo aquela noite o conde lhe mandou aviso com um barco, e antes que fose menhã lá chegou; e vendo Dom Duarte de Meneses, filho do conde-prior do Crato, a carta e nova do conde, logo proveo de armar á jente, mas ela correo de maneira que a cidade não ouve dano. O conde recolhido á vila [foi] [3] muito contente, por aquele dia não receber nenhum dano, e na dianteira d'el-rei lhe derrubar cinco mouros de cavalo e os lançar fora das tranqueiras com dano seu.

Logo ao outro dia por acontecer um caso, que muitos não cuidárão, pô-lo-ei aqui, ainda que seja fora da ordem da guerra. Estando as portas da vila cerradas, ou por o asi mandar o conde, ou por ser domingo ou dia santo, que por estilo as portas não se abrem senão depois do meio dia, sobre os cavalos mortos acudírão muitas abuteres, e, não avendo quem nas estrovase, gastárão e comêrão a carne dos cavalos mortos, ainda que João Correa lhes tirou com um berço que ele a seu cargo tinha de levar com ũa carreta fora. Pois parecendo que as abuteres estávão já fartas e cheias de carne, por mandado do conde Dom João e de Dom Bernardo, seu irmão, se pusérão quatro ou cinco a cavalo, os quais érão o adail Fernão Galego e Jusarte d'Almeida e outros dous; e saindo por antre as ortas com os cavalos polas redeas lhes saírão de tão perto que, primeiro que se levantasem, fôrão com elas e tomárão e matárão quatro ou cinco delas. Sendo aves mui lijeiras e de grande vôo, são tão gulosas e metem tanta carniça em si que depois de fartas hão mester vagar pera se levantarem, e primeiro que tomem vento vão a vôo a pé meia carreira de cavalo e mais. Outra cousa dizem delas, e a temos visto por experiencia, que sendo aves maiores que grulhas vôão mais alto que toda outra ave, e andando sobre nós não são vistas, ainda que o dia seja muito craro, e avendo carniça logo são sobre ela, como parece, que indo a monte e matando um porco logo são sobre nós.

Trouxe isto das abutres por acontecer nestes cavalos mortos na dianteira d'el-rei; o qual, depois que tornou de correr a [4] Tanjere, e não fazendo dano algum, se deixou estar no Xercão alguns dias, com vontade

1. [do] *f.* A. — 2. almahala: *vocábulo árabe que significa* exército. — 3. [foi] *f. em todos os mss.* — 4. a] *de* A.

de não tornar pera Féz sem fazer algũa cousa, em que quebrase sua furia, e vingar-se dos cinco mouros que o conde lhe matou em sua presença, ou diante dos seus alcaides.

CAPITULO XXI

De como, pola fama que o facheiro d'Arzila tinha de ver muito, el-rei de Féz e Mulei Naçar, seu irmão, com suas pesoas lhe viérão armar e o tomárão cativo

Sendo em este tempo facheiro e atalaia do Facho um Alvaro Gômez Galego, esperto e de bom recado, por se louvar que não avia cousa no campo, que do Facho divisase, de que não dése inteira fé, era tido por homem de grande vista, até afirmar cousas que parecem fora de resão, como dizer que vira a jente d'el-rei que ia pera Tanjere, ao tempo que pasou por o outeiro das Vinhas, duas legoas da vila; e porque não pareça cousa fora de toda rezão o porque o afirmava e alguns o crião, [contarei este caso] [1].

Avia neste caminho do outeiro das Vinhas alguns sovereiros, que do Facho muito bem parecíão, e por antre eles fazia luzença, e dizia que quando a jente pasava por antre as arvores lhe empedia a luzença; e por estas cousas que ele afirmava, não tão sómente tinha grande fama antre nós, mas antre os mouros era muito maior, e acontecendo-lhes algũa cousa de desastre logo o deitávão a que fôrão vistos do facheiro; pola qual cousa el-rei de Féz, desejando de o tomar, ele e seu irmão, Mulei Naçar, que no reino tanto e mais mandava que el-rei, viérão em pesoa a lhe armar; e este caminho, que atrás contei [que fizera el-rei] [2], afírmão não ser a outro fim.

A ordem que no Facho se tinha era que no caramanchão [avia] [3] um grande masto de ũa caravela, e no topo dele ũa gaiola, donde o facheiro se metia sobindo por seus degraos, e da gaiola saia um mastareo [4], em cima do qual o facheiro guindava o facho; isto fazia depois dos valos descubertos. Vendo el-rei e Mulei Naçar e seus alcaides e almocadens a desposição do Facho e dos valos, e toda a ordem que pera tomarem o facheiro podíão ter, do Xercão donde estava, asentou de lhe armar, como lhe armou, e dando o cargo aos almocadens se metêrão com homens de pé ao longo do valo da parte de fora, em ũas silveiras e carriçais que nele ha, tão secretos e escusos que, ainda que o descobridor dos valos pasou

1. [contarei este caso] *f. em todos os mss.* — 2. [que fizera el-rei] *f.* A. — 3. [avia] *f. em todos os mss.* — 4. mastareo] mastario A; martareo (-u) B N L M.

ao longo deles da parte de dentro e vendo o valo são e inteiro, os não sentio; pois vendo o adail, que junto do Facho estava, que o descobridor avia feito seu oficio, e que o facheiro estava em sua gavia ou gaiola, se recolheo pera a vila, como o tinha de costume.

Vendo os mouros que tudo estava sosegado e o facheiro em cima da gavia, saírão donde estávão emproviso, fôrão no caramanchão do Facho com grande grita e alvoroço, O adail, que logo ao rebate acodio com alguns dos de cavalo, que com ele se achárão, foi recebido e repremido com muitas béstas e espingardas, de que os mouros viérão muito bem providos; e posto que o adail, que neste tempo era Pero Godinho, criado do conde de Borba e muito bom cavaleiro, por os deitar fora do caramanchão não pode, porque logo fôrão socorridos de muita jente de cavalo que das lombas do Corvo e Bugano logo saírão; e chegados ao tabuleiro do Facho o fizérão recolher polas tranqueiras abaixo a seu pesar, [e][1] Alvaro Gômez Galego foi logo requerido que se decese, porque a seu pesar veria abaixo, cortando o masto, o qual logo com machados começárão a cortar, e vendo-se cercado de muita jente de cavalo e de pé, que não deixávão de cortar o masto, se deceo e se entregou; o qual el-rei e Mulei Naçar tivérão em mais que em tomarem muitos cristãos, asi polo ardil e ordem que polo tomar tivérão, como por lhes parecer que nele sómente estava um grande estorvo a suas entradas e corridas; e foi fama que Mulei Naçar o levou pera lhe mandar tirar os olhos, e se creo e teve por certo, pola muita crueza que nele avia e odio[2]; e sobre isto o conde escreveo a el-rei e ao alcaide d'Alcacere Quebir, pedindo lhe não fizese cousa tão fora de toda a umanidade, o que eles facilmente consentírão, mas foi com entenção de o nunca resgatarem, e depois muitos anos antre eles faleceo em cativeiro em Féz. Este Alvaro Gômez Galego era casado com a Maldonada, que todos conhecemos em Arzila, por nela viver muitos anos.

Pois o conde saido ao rebate e repique, achou já dentro do Facho tanta jente e tantas espingardas e béstas que não lhe pode ser bom; e recolhidos os mouros muito contentes pola presa que levávão, o conde ficou asaz descontente, não por um homem que aquele dia perdeo, porque não avia de faltar outro que servise em seu lugar, mas por el-rei de Féz e seu irmão sairem com o ardil que contra ele trazíão contraminado. E deste dia por diante não ouve mais gaiola ou gavia no Facho, sómente o facheiro estava no caramanchão, e dali guindava o facho no topo doutro masto, e desta maneira se servio a vila até o despejo.

1. [e] *f.* A. — 2. odio] e inimigo M; L *não se pode ler.*

CAPITULO XXII

De como e em que tempo foi Tanjere cercado por el-rei de Féz, e de algũas cousas que no cerco pasárão até se alevantar

Em Tanjere acontecêrão dous casos grandes e dignos de memoria. Um foi o cerco que el-rei de Féz lhe pôs, sendo capitão Dom Duarte de Meneses, filho do conde de Tarouca, o qual foi no ano do nacimento de noso salvador e redentor Jesu Cristo de mil e quinhentos e onze [1] anos; o outro foi a grande vitoria que o mesmo Dom Duarte ouve no ano seguinte dos alcaides de Xexuão e Tituão, que érão cide Alé Barraxe e Almenderim, grandes e principais alcaides em o reino de Féz; e posto que algũas pesoas, que neste feito se achárão, os terão escrito, como pesoas de vista, largo e mais particularmente, eu, por nacerem ambos e trazerem os principios d'Arzila, sómente direi o tempo em que fôrão e algũa parte de que a João Português e a outras pesoas, que nele fôrão, ouvi.

Pois como el-rei de Féz todo seu intento fose como e em que maneira pudese cobrar Arzila, e vendo-se já com algũa artelharia grosa, que mestre João, artilheiro, que com ele era, lhe fizera, e com a espera que d'Arzila levara, juntando muitas moniçóes necesarias pera combater ũa vila e trazendo muita infinda jente de cavalo e de pé, se veio dereito a Arzila com vontade de a cercar e combater e a tomar por força; e chegando ao Xercão, duas legoas da vila, esperou que chegase toda cousa necesaria á obra e sitio e cerco que esperava poer; e nestes dias que no Xercão esteve com [2] todos os mais, sua jente e bandeiras chegávão ao Facho e ao Rio Doce; e sendo a vila visitada deles e suas bandeiras, érão requeridos com muitos tiros de fogo que da vila saíão.

Tãobem el-rei e seu irmão [3] e alcaides não deixávão de ver e considerar a vila e o lugar donde asentasem sua artelharia com mais dano noso e menos seu, e como e em que ordem ordenaríão suas estancias; e nestas vindas vírão a muita segurança e pouco medo que lhe tinhamos, por estar em cima da grande e fermosa torre da menagem ũa grande bandeira com o sinal em que Cristo padeceo, e todos os baluartes e cubelos acompanhados de outras muitas bandeiras com o mesmo sinal da cruz, e em todos os baluartes grandes fugareos, em que toda a noite ardíão grandes novelos d'alcatrão, que fazíão da noite dia, e asi polo muro muitas danças [e] [4] folias de muitas trombetas, atabales [e] [5] pandeiros,

1. 1510 B N. — 2. com] em A. — 3. seu irmão] seus irmãos A. — 4 e 5. [e] *f.* A.

que fazíão que a noite se pasase sem se sentir. Tãobem o arrecife [era] [1] acompanhado de muitos navios, que todos os dias vínhão de Portugal e Castela com muito socorro de jente e mantimentos; e nele [2] estava João Martinz Alpoem, com sua caravela armada, com cuja artelharia e dous berços, que na barca trazia, varejava toda a praia, que do Rio Doce a dentro não ousávão [3] entrar, nem pasar pera o Facho mouro de cavalo. Era a este tempo João Martinz Alpoem morador em Arzila e muito servidor do conde de Borba e da sua feitura, e depois teve muito merecimento por muitos serviços que neste reino fez, e foi um dos mais asinalados e afamados capitães do mar que neste reino em seu tempo ouve, sendo capitão de navios, galeões e naos d'armada, asi em a costa d'Africa e da Mina, como em a nosa costa de Portugal, contra cosairos e ladrões.

Pois el-rei de Féz, considerando que estes sinais érão contra ele e desconfiado d'aver vitoria, mudando o conselho, se detreminou pasar o cerco a Tanjere, parecendo-lhe não estaria tão apercebido; e mandando logo muita jente fazer o caminho do porto d'Alfeixe, que é ũa legoa de serra, pasou com toda sua jente de cavalo e de pé e a sua artelharia, porem deixando no outeiro das Vinhas, duas legoas d'Arzila, tres alcaides, o d'Alcacere e o de Jazem e o de Larache, por guarda e segurança dos que o arraial avíão de prover de cevada e pão e o mais necesario, pois que de força avíão de pasar por noso campo; os quais alcaides tivérão tanta guarda e vejia que, posto que do conde fôrão espiados pera dar neles ũa noite, o não pode fazer, porque logo era sentido das muitas guardas que sobre si tínhão; e Pero de Meneses ũa noite foi por dentro do Soveral á Ponte, donde tomou tres mouros com tres egoas carregadas de cevada e pão; e posto que o conde não pode fazer cousa asinalada por suas atalaias amanhecerem cada dia á vista do Facho noso, Pero de Meneses e Gonçalo Vaz não deixárão de lhes tomar algũas atalaias e guardas. Os fidalgos e fronteiros, que ao socorro avíão vindo, vendo que o cerco era em Tanjere, se pasárão logo por mar a ele, dando-lhes o conde licença, e asi o fez João Martinz Alpoem, donde, alem de ganharem muita honra, fizérão muito serviço a Deos e a el-rei noso senhor.

Tornando a el-rei de Féz, que com todo seu exercito chegou á cidade de Tanjere, e vistos os lugares mais suficientes pera suas estancias e artelharia, e asentadas e sua artelharia prantada, começou a bater o muro, e, com grandes minas e cavas chegando a ele, o começárão a minar, e continuando-o, depois de muitos trances e negocios e grandes resistencias, viérão a dar com um baluarte no chão, ou com parte dele, chamado o cubelo do Bispo, e pola abertura e caminho que fez logo os mouros começárão a sobir a ele, e em pouco espaço foi logo cheio de muitos mouros, os quais logo fôrão repremidos com muita resistencia que nele achárão

1. [era] *f. em todos os mss.* — 2. nele] neles B N L M. — 3. [ousávão] ousava B N M.

de .... [1], capitão dele, e de muitos cavaleiros que com ele érão, e muito mais pola muita valentia e grande constancia de Francisco de Lenzina, bizcainho, que a este tempo com alguns dos seus se achou em o [2] baluarte, e deitando-se antre os mouros com ũa espada d'ambas as mãos os pôs em tanto espanto, e com ajuda d'alguns portugueses os lançárão fora pola quebradura do baluarte abaixo, ficando mais de trinta mortos em cima do baluarte e outros muitos na cava; e por antre a mesma quebradura e em cima se tomou ũa bandeira aos mouros, e botados fora foi logo nele Dom Duarte de Meneses com os sobresalentes, que com ele andávão; e, louvando muito aos que neste feito se achárão, ficou ele em defensa do dito cubelo e mandou curar alguns feridos, antre os quais foi Gaspar Caldeira, d'Arzila, de ũa grande e mortal ferida polo pescoço, de que escapou, e asi Francisco de Lenzina que, alem das muitas feridas, de que as muitas armas o defendêrão, e por milhor dizer Noso Senhor, foi ferido de duas setas, ũa que lhe pasou um braço, e a outra lhe pasou o bolso secreto. E porque se entenda quem este Francisco de Lenzina era e a causa e rezão de se achar em este cerco de Tanjere e com jente sua, digo que era bizcainho [3] e pesoa nobre e fidalgo, e sendo neste reino conhecido d'el-rei Dom Manoel, noso senhor, e tendo algũa inteligencia, tomou de empreitada os muros d'Arzila e Tanjere e Alcacere, a tanto por braça; e pera a tal obra trouxe de sua terra os mestres cavouqueiros servidores, em que trouxe oitocentos homens, todos bizcainhos e todos bèsteiros, os quais, alem de servirem na obra todo o tempo que a obra durou, tãobem servírão muito bem a el-rei noso senhor, asi no muro como nas estancias repartidos e nas tranqueiras quando jente corria; o qual Francisco de Lenzina trazia na obra d'Arzila trezentos homens e outros tantos em Tanjere e a demasia em Alcacere e Cepta; e neste cerco se achou em Tanjere com trezentos homens bizcainhos, que, por serem tão boa jente como são e terem tão ilustre capitão como Francisco de Lenzina, fôrão causa que neste cerco Tanjere não recebese tanta opresão como se esperava, e el-rei noso senhor não fizese muito maior gasto do que fez.

Primeiro que torne ao cerco, direi um caso desastrado que a estes bizcainhos, pasando por Tavila, cidade do Algarve, lhes aconteceo. Viérão por terra estes bizcainhos a embarcar-se em Tavila, e sendo juntos, sobre

1. ...] *em branco em* A; do [capitão] *nos outros mss.* — 2. o] um A. — 3. era bizcainho] Francisco de Lanzina era bizcainho, pesoa nobre, fidalgo, porque abastava ser bizcainho; alem diso tinha nobre condição e muito cavaleiro. Veio a este reino com pedreiros todos da sua terra; e fez a cava e baluartes da vila d'Almeida, vila do marquês de Vila Real no estremo de Castela, em Riba de Coa; e asi concertou e reparou alguns castelos no estremo naquela [L; no termo daquela B N M] comarca de Riba de Coa, por mandado d'el-rei Dom Manuel; e por ser conhecido dele lhe deu as obras nos lugares d'Africa e trouxe de Biscaia outocentos homens todos pedreiros... B N L M.

ũa descortesia que um dise a ũa molher, que vendia peixe, viérão a aver brigas com o marido ou parente ou irmão da molher; e juntos os bizcainhos em um corpo [1] fôrão causa que toda a cidade se amotinase contra eles, e, como a imigos, repicando os sinos de todas as igrejas, aquela tarde e noite ouvérão ũa brava peleja, em a qual morrêrão mais de vinte bizcainhos e alguns da cidade; e pasando a noite com muita vejia, ao outro dia pola menhã, sendo já os do termo juntos e os bizcainhos com suas béstas armadas, e muitas casas e ruas tomadas deles, se metêrão frades e clerigos com as cruzes em meio, e com muito trabalho os pusérão em paz; ao qual rebate acodio Rui Barreto, provedor [2] do Algarve, e outros fidalgos principais, e fazendo curar aos feridos e muitos comprimentos aos bizcainhos ficárão sosegados e sem algum escandalo; e embarcados pasárão a Arzila e a Tanjere, donde fôrão bem recebidos dos capitães, e Francisco de Lenzina muito honrado e favorecido de todos.

Ua cousa poso afirmar, que foi Francisco de Lenzina parte e causa com que Arzila se reformou de casas, porque estando as mais derrubadas dos mouros, ao tempo que a entrárão, e dos soldados, nunca morador pedio ũa carga de cal ou duas que lh'a não dése, e asi o mestre pedreiro, um dia e ũa semana, tudo tão liberal e largamente [3], o que depois não vi fazer aos oficiais d'el-rei noso senhor; e eu ouve brigas com Antonio d'Azevedo, escrivão do feitor Francisco de Mariz, por levar ũa pedra que [não] [4] valia dous reais em ceitis, e depois ficárão aos mouros muitas vezes mil carradas de pedra arrancada e muita cal: mas eu me louvo, que a seu pesar a levei, e tãobem ficou com outro muita [5]. Ainda que sai fora do preposito, foi por louvar a Francisco de Lenzina.

E tornando a el-rei de Féz, que sobre Tanjere estava, e vendo os seus, que polo cubelo do Bispo avíão sobido e fôrão lançados fora com morte de muitos, logo ao outro dia, encomendando a pesoas principais o salto, tornou a cometer a cidade com muita furia e grandes gritas, e, achando a mesma resistencia que o dia d'antes, com grande dano dos seus, se retirou. Dom Duarte vendo que por aquele cubelo, por estar já roto, era toda a esperança d'el-rei, não quís encomendar a guarda [dele] [6] senão de sua pesoa, e visto por el-rei o dano que os seus recebíão e o

1. e por não saberem o uso da terra e serem vezados [L; avezados B N M] a jogatar [L; jugar B; pegar N; vigiar M] com as molheres em sua terra, um deles parece que dise algũa palavra sua custumada [L; acostumada B N M], como c'açorria [L; como que sorria B M; se ria N] a ũa molher que vendia peixe: veio o marido ou irmão ou parente da molher aver [L; a ter B N M] briga com o bizcainho e de palavra em palavra crcceo a colera que se ajuntárão os bizcainhos em um corpo B N L M. — 2. provedor] veador da fazenda B N L M — 3. nunca morador pedio cal ou outra cousa meuda que lh'a não dése e oficial pera repairar as casas um dia e dous e tres e a somana com tanta franqueza e liberalidade que mais não podia ser B N L M. — 4. [não] *f.* A. — 5. e tãobem... muita] *só em* A: *sentido obscuro.* — 6. [dele] *f.* A.

pouco fruito que fazíão, e como todos os dias entrávão navios com jente de socorro e mantimentos, que ventando ponente íão navios de Portugal e do Algarve e de Castela, de Cáliz, Xerez e do Porto de Santa Maria, e ventando levante de Tarifa, Gibaltar e Malega, de modo que com todos os ventos vinha socorro, ouve por seu conselho de levantar o cerco e se tornar pera Féz, e foi, com estar muitos dias no Xercão com muitas guardas e bom recado, até toda sua artelharia e monições ser pasada por noso campo com toda a jente.

Não poso deixar de, vendo tempo e aparelho, tomá-lo, em que dê louvor a Arzila, e portanto digo que, estando um rei tão poderoso, como em aquele tempo el-rei de Féz era, com todo seu poder, que dizem que pasava de cem mil homens, os quais todos morrêrão de peste no ano de vinte um e de vinte dous, não se teve por seguro sem leixar tres alcaides com mais de mil e quinhentos de cavalo sobre Arzila pera segurança do serviço de seu exercito, e ao tempo de sua retirada lhe foi necesario com sua pesoa estar nele até todo o exercito ser pasado da outra parte da ponte d'Alcacere; e com isto pasarei a outra parte, donde contarei outra maior vitoria que o mesmo Dom Duarte de Meneses ouve, logo no seguinte ano, em desbaratar a Barraxe e Almenderim, alcaides grandes e principais em aquele reino de Féz, como logo neste seguinte capitulo se verá.

CAPITULO XXIII

Da grande vitoria e desbarate que Dom Duarte de Meneses, capitão da cidade de Tanjere, ouve de Barraxe e Almenderim, alcaides principais do reino de Féz

Levantado o cerco da cidade de Tanjere, Dom Duarte de Meneses ficou dando graças a Deos infenitas em se aver desapresado e pola vitoria que lhe dera e por tão pouco dano como a cidade e jente recebeo; e fazendo concertar os muros e baluarte do dano recebido, lhe quís Deos acrecentar o contentamento com outra mor vitoria e de mais fama e louvor, como logo direi.

Recolhido el-rei pera Féz com muito descontentamento, por aver tres vezes corrido Arzila e Tanjere, e visto que com suas forças e artelharia e jente os não pudera tomar, e desconfiado de por esta via poder tomar Arzila, asentou de lhe fazer a guerra por outra maneira, em lhe comer e talhar os pães e lhe cortar e queimar e destroir as arvores, ortas e toda cousa que ao derrador ouvese; e com esta tal detreminação, vindo o mês de junho do ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e doze anos, mandou el-rei aos alcaides d'Alcacere e de La-

rache que, juntos com Barraxe e Almenderim, viesem a executar aquela diabolica obra, que já em seu peito tinha asentado, os quais alcaides, juntos com muita jente de cavalo e muita mais de pé, que Barraxe e Almenderim trouxérão das suas terras e das serras comarcãs, chegárão a Arzila, donde estivérão tres dias consumindo e gastando toda cousa que ao derrador da vila estava, comendo e cortando os pães, e por derradeiro pondo o fogo ao que ficara, com queimarem algũas eiras; e asi cortárão ortas e arvoredo, tudo o que pudérão, sem perdoarem a velho nem a novo.

Feita e acabada esta tão diabolica obra, que por seu inhumano rei lhe era mandado fazer, tomárão o caminho pera Tanjere, com entenção e vontade de fazer outro tanto; e porque os alcaides d'Alcacere e Larache, parecendo-lhe que pera Tanjere bastávão Barraxe e Almenderim com a jente de cavalo e muita infinda de pé, se despedírão no caminho e se tornárão pera suas casas, ficando sómente Barraxe e Almenderim com os seus, que érão oitocentos de cavalo e mais de quatro mil de pé; do qual apartamento o conde de Borba foi logo avisado, por dous ou tres mouros que se viérão fazer cristãos, e por outro de nova, e muito bem certificado da jente que era, asi de cavalo como de pé, e asi como os alcaides d'Alcacere érão tornados e o de Larache pera suas casas, e Barraxe e Almenderim confiados de fazer em Tanjere o que todos em Arzila fizérão; e mandando aquela noite espiar a estrada d'Alcacere e sendo de tudo muito bem certificado, o fez logo saber a Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, o qual recado mandou por um [homem] [1], que d'alcunha chamávão o Sargo [do Penedo] [2], o qual depois foi adail em o cabo de Gué; o qual, posto que a jornada era de muito perigo, por servir ao conde, que muitos comprimentos lhe fez, tomando um companheiro consigo, o conde os mandou que, pasando Tagadarte a nado ao longo do mar, fizesem por tomar a serra do Cabo e por ela fizesem por tomar Tanjere, onde chegárão estando já os mouros em sua obra, os quais querendo consumir e gastar tudo o que ao redor da cidade avia, em aquele dia, que era a doze de junho do dito ano, e por fazer um mui bravo levante, pusérão logo por todas partes fogo, com entenção que aquele dia primeiro não ficase cousa que o fogo não consumise e gastase.

Visto tudo isto por Dom Duarte, e considerando que todas aquelas obras érão por acabar a obra em aquele dia primeiro, e conformando-se com as cartas do conde e com as preguntas que ao Sargo do Penedo fez, e praticando com seu adail Pero Leitão e com Manoel Mêndez, contador, pesoas principais e muito honradas e muitos bons cavaleiros, e asi com outros cavaleiros e pesoas honradas de Tanjere, como Lourenço Correa,

1. [homem] *em branco em* A. — 2. [do Penedo] *f.* A.

Francisco de Meneses e o almocadem velho, e outros que eu não conheci, nem sei os nomes; e de parecer de todos se detreminou de pelejar com eles, e mandando logo ao adail Pero Leitão se apartase com cincoenta de cavalo, e ele com sua bandeira, levando nela o sinal da cruz, abalou dos Fachos dereito ás bandeiras que com a jente de cavalo já estávão em dous corpos acompanhados com a jente de pé. Dom Duarte, que com sua jente e a do adail érão dozentos de cavalo, levando ante si duas batalhas de jente de pé, ũa em que ia Francisco de Lenzina com seus trezentos bizcainhos, todos bèsteiros: e, posto que Dom Duarte lhe mandase dar um cavalo, ele o não quís tomar, e favorecendo os seus ia diante com ũa rodela e com ũa espada d'ambas as mãos; e asi ia outra batalha dos moradores e dos oficiais da cidade, em que íão outros trezentos homens a pé com béstas e espingardas, e outros com lanças e adargas. Vendo o adail Pero Leitão os mouros estar quedos em suas batalhas, e que o fogo muito bravo se vinha metendo antre os mouros e ele, mandou dizer a Dom Duarte que não era tempo de mais esperar, porque ele dava na batalha de Almenderim, e que ele dése na grande de Barraxe; e logo, chamando polo bem aventurado apostolo Santiago, deu com os seus cincoenta de cavalo na bandeira de Tituão e rompendo-a a abriu toda e sem pasar muito espaço.

Vendo Dom Duarte a detreminação do adail, dando ás trombetas e pasando polos homens de pé, pôs sua bandeira e pesoa junto com a de Barraxe rompendo-a e derrubando muitos polo chão, os quais, vendo roto a jente e batalha de Almenderim, desemparando os de pé se pusérão em desbarato, o qual alcanço seguio Dom Duarte até.......... [1] legoas da cidade. Dizem que neste encontro primeiro João Conde, atalaia, que depois do despejo d'Arzila teve o abito, que com o adail era, encontrou a Almenderim, e pondo-lhe a lança em ũas tachas de um treçado lh'as fendeo, e sem lhe fazer outro mal pasou adiante; e depois este João Conde foi duas vezes seu cativo e foi de Almenderim favorecido polo tal encontro. Pois rotas estas duas batalhas e a jente de pé desemparada, muitos de cavalo se detivérão matando neles; mas, chegando os bizcainhos e a outra jente de pé, logo a batalha dos mouros de pé, vendo-se desemparados da jente de cavalo, uns deitando [2] as armas, outros postos em a esperança dos pés, trabalhando por se acolher em ũas serras, que não estávão muito lonje, fôrão postos em total fujida e desbarate, em a qual vitoria fôrão mortos mais de mil e quinhentos mouros de cavalo e de pé, os mais mortos polos bizcainhos; e dizem que Francisco de Lenzina, vendo os mouros postos em desbarato, sobindo em um cavalo dos muitos que polo campo avia dos mortos e caidos, se foi ajuntar com Dom Duarte,

1. ... *em branco em* A; grande cantidade de terra B N L M. *Nestes mss. f.* legoas da cidade. — 2. deitando] leixando L; deixando B M; deichando N.

o qual muito contente e vitorioso se recolheo com alguns dos mouros de cavalo, e chegando aonde sua jente de pé e os bizcainhos estávão, se achou com mais de dozentos e cincoenta cativos mouros, os quais trouxe á cidade de Tanjere com muitos cavalos.

E porque as particularidades do que mais socedeo, os que em este feito se achárão o poderão mais largamente contar e escrever, eu o deixo a eles, porque eu sómente não detremino de contar senão o que em Arzila vi e em meu tempo pasou; e com isto tornarei e me pasarei a Arzila, proseguindo esta primeira parte até a vinda do conde de Borba pera Portugal.

CAPITULO XXIV

De como recolhendo-se el-rei de Féz do cerco de Tanjere Pero de Meneses em suas costas fez ũa boa presa

Pasados estes casos de Tanjere, em que Dom Duarte de Meneses foi tão favorecido da fortuna, deixando-o por alguns dias, me tornarei a Arzila, e irei contando por minha ordem o que em meu tempo pasou. E tornando a el-rei de Féz, que levantado do cerco de Tanjere e depois do Xercão, e recolhido da Ponte pera dentro, e sendo ainda muito verde e não sem muito risco, não querendo o conde de Borba que el-rei pasase sem tomar algũa mostra sua, e querendo-lhe dar graças de pasar por seu campo, sem ser visitado de sua jente e bandeiras, nem de seus alcaides, o quís ele mandar visitar; e mandando Pero de Meneses com dezasete de cavalo, ele, com sua bandeira e jente, o foi esperar a Almenara, duas legoas d'Arzila.

Pois Pero de Meneses foi aquela noite demandar a Ponte e, não sentindo jente desta nosa parte, foi demandar a ribeira polo pé d'Algarrafa; e sendo dentro, ou já menhã, se achou antre quatro ou cinco mouros de cavalo e de pé, e sem algum rebate, nem bolicio, os tomou; e tornando-se pola estrada vio os fachos d'Algarrafa seguros e muitos golpes de gado polo campo, e mandando cinco de cavalo tomar o facheiro, como tomárão, ele apegou de um golpe de mais de cem cabeças, as quais recolheo; e quando se tomou o rebate e conhecêrão ser cristãos, érão já ao Facho do Zambujal de Taliconte, donde logo fôrão com ele mais de vinte de cavalo, que na aldea d'Algarrafa se achárão, e, conhecendo a Pero de Meneses, não ousárão apegar com ele, e com muitas ameaças, esperando pola jente d'el-rei, o deixárão pasar a ribeira de Taliconte, donde, por ser o porto estreito, eles muito bem pudérão estrovar que não pasase o gado; mas confiando-se em a muita jente que ao rebate avia d'acodir, por ainda toda a jente d'el-rei estar apousentada á ribeira da Pontinha, ũa

legoa d'Alcacere e duas da Ponte, os quais, posto que Pero de Meneses foi visto, não se tomou rebate dele, cuidando ser dos seus, por ser o campo todo espalhado, indo-se uns pera suas casas, outros a buscar de comer ás aldeas; e quando se tomou o rebate de cristãos foi tão tarde e tão mal crido que, posto que como cegos chegárão a Taliconte, Pero de Meneses era já em salvo com cinco ou seis mouros e o gado; o qual pasando a ribeira de Taliconte, donde lhe pareceo que os mouros apegasem com ele e lhe tirasem o gado, em o qual trazia pouca confiança, pola nova que dos mouros que trazia tomados tinha, da jente d'el-rei estar tão perto, mas ele, vendo-se pasada a ribeira, se deu tanta présa a tanjer que quanto os cavalos podíão em tropel, tanto o gado corria, porem leixando alanceados os que não podíão ter com eles; e com esta présa trazíão tão grande poeira que se não víão uns aos outros.

O conde, que no Furadouro d'Almenara amanheceo, mandou logo dous de cavalo a Taurete, sobre a estrada d'Alcacere, e outros dous sobre Alhadra, pera que ouvesem vista dos seus e trouvesem nova da présa ou vagar com que vínhão; os dous que em Alhadra estávão, vendo a grande poeira que os nosos e o gado trazia, não se afirmando o que era, um deles veio logo ao conde, e dando-lhe esta nova o pôs em grande rebate e cuidado, parecendo-lhe que Pero de Meneses vinha apresado; e desejando que os seus pudesem chegar donde os ele pudese socorrer e dar na dianteira dos que á longa vínhão, mas não esteve muito com este cuidado, porque logo chegou o outro de cavalo, que era Cristóvão Rodríguez Chamiço, e afirmando que a poeira era de muito gado, desagastando os nosos, pôs ao conde em outro cuidado, porque ele não esperava que em tempo tão verde Pero de Meneses apegase em gado, ainda que o achase; mas como asomárão polas lombas d'Alhadra, vindo já mais sosegados, craramente conhecêrão ser gado, e chegando ao conde ficou muito contente de ver ũa tão boa presa a tão poucos de cavalo, e fazendo pasar o gado caminho da vila esperou até tarde, parecendo-lhe não podia deixar de vir jente após eles. El-rei de Féz sentio muito este feito, por ser tanto em suas costas e em presença de tanta jente; o conde, chegando á vila, partio muito largo com os almogavares, dando-lhes um mouro e um cavalo, e a cada um sua vaca, e o mais foi repartido por todos.

CAPITULO XXV

De outra entrada e almogaveria que Gonçalo Vaz neste tempo fez

Este feito tão verde e tão favoravel a Pero de Meneses e de tanto proveito, não pode deixar de criar enveja a Gonçalo Vaz; e logo, como foi o conde na vila, lhe pedio licença pera ir fora. O conde lh'a concedeo tanto que ouvese outra nova, porque lhe pareceo que el-rei com este feito de Pero de Meneses decese abaixo, primeiro que d'Alcacere pasase; mas, tanto que da ida d'el-rei foi certo, logo Gonçalo Vaz com trinta de cavalo foi fora, e, entrando da outra parte d'Agoní, correo a Zahara e a Zurara, e não lhe sendo a fortuna menos que a Pero de Meneses favoravel lhe deparou ũa boa presa, asi de mouros e mouras e gado, porque, sendo os atalhadores e atalaias daquela parte seguras, deixando o facho em pé se fôrão a crestar, e Gonçalo Vaz, estando de largo, avendo vista deles, os foi tomar; e, entrando dentro dos fachos sem ser sentido, fez ũa presa não esperada, em que tomou cinco mouros e mouras e cem cabeças de gado vacum e mais de oitocentas de gado meudo, e sem nenhũa contradição se veio á vila; e com estas presas e outras que antes e depois se fizérão, estava Arzila cheia de muitos mouros e mouras e bastecida de muito gado groso e meudo, e a carne valia a quatro reais o arratel.

Pois chegado Gonçalo Vaz com sete mouros e mouras, convem a saber, os dous atalhadores e os cinco que na corrida tomou, e sendo louvado do conde e de toda a vila, se conheceo e se enxergou nele o contentamento que teve dali por diante; e nele pareceo este pecado da enveja ser vertuoso, porque, tendo Gonçalo Vaz em tão pouco tempo feitas tão asinaladas cousas e cheias de tanta mostra de bom homem e de bom cristão, parecia que este feito de Pero de Meneses, atrás apontado, cheio de tanto louvor, desejar ser feito por ele, e socedendo-lhe estoutro tão favoraval e tanto a preposito, ficou desabafado da enveja e cheio de contentamento; e com estas cousas asi pasadas, sosegou a guerra por alguns dias, crecendo a vila em jente de cavalo, vindo cada dia fronteiros e fidalgos a servir comendas, e por el-rei Dom Manoel noso senhor favorecer muito os lugares [de Africa] [1], com cartas aos capitães, e provendo-os de trigo, e fazendo mercês aos moradores: e tudo com o contentamento que teve de el-rei de Féz em tres cercos não fazer dano e se levantar com muita perda e dano seu.

1. [de Africa] *f.* A.

Tãobem os alcaides, vendo estes dous sucesos, ajuntando-se viérão correr a Arzila, vindo primeiro polas serras, donde esperárão cinco dias que Pero de Meneses ou Gonçalo Vaz entrase; e não entrando se viérão lançar antre ambas às varzias, donde corrêrão sem fazer algum dano; e foi a causa irem as atalaias a os descobrir, primeiro que a guarda estivese asentada, e foi dita, porque o lugar donde estávão era través e perto [1], ainda que tínhão a ribeira de Bugano que de necesidade avíão de pasar bem embaraçada, donde avíão de fazer muita detença; mas descubertas e as atalaias salvas, eles não fizérão dano. Com esta vinda dos alcaides, e sabendo o conde que avíão estado na serra, esteve o conde muitos dias que não quís mandar fora, ainda que foi requerido de Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, parecendo-lhe que deixaríão guarnição.

CAPITULO XXVI

De como el-rei de Féz correo Arzila e o conde de Borba pelejou com ele nas tranqneiras e lhe fez muito dano, matando-lhe dez ou doze mouros principais; e fora o dano mór senão fora a morte de Dom Diogo Coutinho, seu primo, que da outra parte do adro foi morto

Pasadas estas cousas, que atrás fícão apontadas, el-rei de Féz, com muita furia e soberba, deceo abaixo, trazendo consigo os mais de seus alcaides e muita jente, com vontade de fazer o mais dano que pudese a Arzila e a Tanjere, e asi aos outros lugares; e com muita présa e segredo entrou em o noso campo e, correndo sem ser sentido, pôs sua pesoa e bandeira no Facho, e asi as dos alcaides, donde o conde saindo a repique os foi receber; mas os mouros, sendo muitos e com grande furia, o rebatêrão e o fizérão tornar polas tranqueiras abaixo, e pasando a do Meio o empuxárão até a de Baixo, chamada a do Anjo, por ũa vinha que João Vaz o Anjo pegada com ela tem. Pois achando-se o conde a esta tranqueira, mais forte pola jente que já com ele era, que saindo a repique ia crecendo, a não quís alargar, antes com detreminada vontade a quís defender e os mouros esforçando-se polo dela lançar, como das outras avíão feito; e sendo já do Facho a dentro muitas bandeiras, o conde, vendo tempo, animando os seus e saindo fora da tranqueira, deu um grande santiago neles, e trás este outros dous, levando-os de cada um deles até a tranqueira do Meio; em as quais voltas e santiagos derribou muitos mouros e lhes matou nas barbas d'el-rei, que ao Facho

1. era través e perto] era escuso e aparelhado pera fazerem dano por ser través e perto B N L M.

estava, dez ou doze de cavalo, pesoas principais e fidalgos, os quais fôrão logo despojados dos cavalos e saias de malha e adargas, e trazidas á vila; entre o qual despojo vinha ũa cervilheira rica, porque trazia ũas orelheiras e o barbadouro de prata dourada que se abrochava debaixo da barba, e outra guarnição do mesmo que lhe caia sobre o pescoço, de modo que alem de galante era asaz rica: esta trouxe João de Sousa, de quem já tenho feito menção.

Nestas voltas e santiagos Dom Bernardo Coutinho, filho segundo do conde de Borba, encontrou ao alcaide Adel, pesoa principal e de muito cargo, e levando-o fora da sela deu com ele dentro da cava da vinha de João Vaz o Anjo, e dando-lhe ũa lançada por um olho, lhe dava outras pera o acabar de matar, quando foi socorrido de um padrinho não esperado, que foi um João Feio, fidalgo muito honrado, que em Arzila estava por fronteiro, o qual dizendo a Dom Bernardo: «Senhor, iso já não é pera vós, que basta tirarde-lo da sela e ficar aos de trás, [qu]e[1] fação ese oficio de lhe tirar a vida»: com estas palavras, pasando Dom Bernardo diante, fôrão causa que o alcaide vivese muitos anos, porque tanto que Dom Bernardo pasou, deitando mão[2] da seve do valo se lançou dentro da vinha, por onde se salvou com um olho quebrado e outras feridas, das quais escapou; e depois muito tempo, no ano de trinta e dous, eu o vi vivo em Fés e velho e com um olho menos.

Tornando ao conde, que neste dia lhe parecia tinha repremido e quebrada a furia e soberba d'el-rei e de toda sua jente, e com esperança de ainda lhe fazer muito mais dano, a fortuna, que nada deixa estar em um ser, lhe tirou este contentamento e esperança com a morte de Dom Diogo Coutinho, irmão do conde de Marialva e seu primo com irmão, que saindo a repique foi ter ao adro, donde foi morto, como logo direi. Era este dia um carreiro do conde, que todos conhecemos, que é Diogo Gonçálvez o Gordo, ortelão, com seu carro e bois á fonte d'Alvaro Graviel, por ũa carrada de silvas e tojos, pera o forno da condesa; e tomando o rebate, deixando o carro e trazendo os bois, se vinha recolhendo pera o adro; e porque já a este tempo alguns mouros, pasando o valo do Facho e travesando os chãos de Lopo Mêndez, ião demandar o adro, os do muro, bradando aos que da vila saião ao repique ao adro, fizérão que Dom Diogo e outros, até trinta de cavalo, que acertárão de sair áquele tempo, deixasem o caminho do Facho, donde o conde era, e fôrão ter ao adro, donde os mouros, vendo vir a Diogo Gonçálvez com os bois, correndo a ele, lhe fizérão que os leixase e se lançou ao valo; e chegando Dom Diogo e os que com ele érão, salvando o carreiro, tãobem lhe fizérão leixar os bois, que já eles os levávão, e não contentes os seguírão até as Pontinhas; e não sabendo a présa em que o conde ás tranqueiras estava,

1. [qu] *f.* A. — 2. deitando mão] deitando as mãos A..

se deixárão estar; e quando se quisérão recolher tínhão já muitos mouros pasados os valos, e o chão de Fernão Meirinho e o de Lopo Mêndez [érão] [1] cheios deles, e os nosos, vindo demandar a tranqueira do Adro, achárão já tantos mouros diante que feitos um tropel rompêrão por eles; mas sendo os mouros muitos, tornando-se logo a ajuntar e pondo muitos as lanças em Dom Diogo Coutinho, o deitárão fora da sela, e sendo no chão voltárão logo ali todos os nosos, por se acharem ali pesoas muito honradas e bons cavaleiros, em que era Pero López d'Azevedo e Antonio da Fonseca, contador da vila, ambos encubertados; e tãobem se achou Diogo Botelho e Pero de Meneses, e não faço ofensa aos outros cavaleiros em os não nomear, pois nomeando estes tão principais não lhe pudérão valer por muito que fizérão e trabalhárão polo poer a cavalo, o que não pudérão fazer por Dom Diogo ser homem muito pequeno e seu cavalo muito grande e largo, e ele não poder tornar, nem alcançar ao estribo, e casi em braços o tornárão a pôr na sela, mas ele, deitando mão do arção, se foi com ele, polo peso das muitas armas de que era armado, e tornou ao chão.

Vendo os mouros o embaraço que os nosos tínhão, em não poderem poer a cavalo ao dito Dom Diogo, apertárão com os nosos com tanta furia e força que, junto com Dom Diogo, derrubárão um homem velho, que se recolhia em casa de Antonio de Brito, e natural d'Estremoz, a que chamávão Valdovino. Tãobem pusérão a pé a Pero de Meneses, mas Diogo Botelho e Pero López d'Azevedo e Antonio da Fonseca fizérão tanto que o pusérão a cavalo; mas foi [o maior trabalho] [2] com Pero López d'Azevedo e Antonio da Fonseca, que encubertados estávão, sofrendo tanto que ambos os cavalos encubertados e de muitas lançadas pasados viérão a morrer, um á vila e outro antes que chegase a ela; e eles tãobem viérão asaz feridos, e asi fôrão empuxados e lhes fizérão alargar a Dom Diogo que, carregado de muitos imigos e lanças, veio a cair junto do Valdovino; e quando fôrão deixados dos nosos não foi sem muito risco, porque, deitando-os fora da tranqueira, tornárão a derrubar a Pero de Meneses, e vendo-se a pé com muito animo e ardideza se lançou ao valo, e sendo socorrido dos nosos teve lugar de subir em cima. Tãobem fôrão postos no chão Diogo Botelho e Bras Afonso, barbeiro, e pola furia e resistencia de Pero López e Antonio da Fonseca, encubertados, que sempre andávão antre os mouros, se salvárão no valo, e estes outros recolhidos á tranqueira a defendêrão valerosamente, porque, vendo os tres a pé, cometêrão a tranqueira muito bravamente; e eu creio que, se eles acabárão de conhecer a Pero de Meneses e a valentia de Diogo Botelho e a do barbeiro, não deixárão de acometer a tranqueira com muito mais dano seu ou dos nosos.

1. [érão] *f. em todos os mss.* — 2. [o maior trabalho] *f. em todos os mss.*

Os mouros, vendo que não podíão fazer deixar a tranqueira e que a artelharia lhes tirava, despojando a Dom Diogo e com quatro cavalos e deixando outros mortos e feridos, se tornárão pera o Facho, e não sem muito dano seu; e nestas revoltas fôrão derrubados e mortos tres ou quatro mouros, mas como eles érão muitos e ficárão senhores do lugar, os mortos levárão sem nós sabermos o seu dano, que nesta parte donde Dom Diogo ficou se fez. Pero López d'Azevedo e Antonio da Fonseca, tanto que tivérão recolhido a Pero de Meneses e a Diogo Botelho e ao barbeiro, se viérão ao pé do baluarte de Santa Cruz, e vendo a peleja e voltas em que o conde andava ás tranqueiras, se fôrão pera ele, e dando-lhe nova como Dom Diogo seu primo era morto no adro e do mais suceso acontecido, pesando-lhe muito e alargando a tranqueira, donde tanta vitoria aquele dia tinha avido, se pasou ao adro; e chegando ao corpo de Dom Diogo o fez trazer á vila, e foi enterrado na igreja principal de São Bertolameu com muito sentimento do conde de Borba e de toda a vila.

E sem duvida aquele dia o conde ouvera ũa grande vitoria d'el-rei de Féz, se estes trinta de cavalo se achárão com ele, segundo os mouros porfiávão por lançar ao conde da tranqueira, e ele e os seus trabalhávão pola defender. El-rei fez levar os mais dos mortos, ficando todavia alguns, que alguns homens de pé, que ás tranqueiras andávão, recolhêrão tãobem deste lugar; e tomárão doze cavalos, todos de pesoas principais, e armas, saias de malha e capuzes e adargas. Os mouros deste feito fôrão espantados da muita resistencia que no conde achárão e nos cavaleiros d'Arzila; e recolhido o conde á vila, e feitas as funerais honras ao enterramento do primo, logo recolheo a Dom Gonçalo Coutinho, filho do defunto [1], e dando-lhe casa o honrou por sobrinho. Logo o conde fez vender os cavalos tomados em leilão, como é costume, pera deles se pagarem as perdas daquele dia recebidas; e sou lembrado comprar o conde de Borba um destes cavalos que fora do alcaide Adel, o qual era muito fermoso jinete; e vendo o conde não ter outra falta, sómente os cascos das mãos muito brandos, querendo o conde remedeá-lo, mandou chamar a Alvaro Díaz, ferreiro, grande oficial de toda obra, especialmente de ferraduras, e dizendo-lhe: «Meu amigo, queria duas ferraduras pera este jinete que não tivesem ferro», Alvaro Díaz lhe dise, virando as costas: «Já vos entendo», e não tardou muito que não tornou com elas na mão; e chegando donde o conde estava, que era o lugar donde o leilão se fizera, que á porta de André Leitão, barbeiro, era, que no terreiro morava, tanto que o conde vio as ferraduras, que de purgaminho parecíão, foi tão contente delas que, tomando-as na mão, eu lhe ouvi dizer contra

1. *Uma nota á margem em* M, *da mão de fr. Luís de Sousa, segundo parece, diz:* Este era bastardo e foi despois capitão de Goa na India.

todos os que [a]hi [1] estávão: «As ferraduras não hão de ter ferro do meio pera diante: e vós, meu amigo, ponde-vos á porta da Ribeira, quando o gado entrar, e tomai ũa das vacas da condesa, prenhe ou parida, em pago de tão boas ferraduras». Eu lhe conheci esta vaca muitos anos, e levando os mouros toda a boiada d'Arzila, esta só se tornou depois dous ou tres dias, por leixar o filho em casa; em toda a vila não avia outra vaca, nem boi, sómente esta e outras seis ou sete de Pedro Afonso Homem, meu compadre, que em um seu cerrado escapárão, como em seu tempo e lugar se dirá.

Eu me ei muito alargado em este capitulo pasado por dar meudamente conta de tudo o que aquele dia, em que Dom Diogo Coutinho morreo, pasou, e da muita resistencia que o conde ás tranqueiras fez; e asi dos mouros que morrêrão e os cavalos que se tomárão e vendêrão, e vir a falar [2] em Alvaro Díaz, ferreiro, e contei como por duas ferraduras que ele fez á vontade do conde de Borba, que valem um vintem, com muita liberalidade lhe mandou dar ũa vaca, que valia dous ou tres mil reais.

Não me parece fora de preposito apontar em este lugar ũa hombridade e feito asinalado que a este ferreiro antes lhe avia acontecido com o mesmo conde, em que depois d'escandelizado lhe fez outra asinalada mercê. Era este Alvaro Díaz, ferreiro, cristão novo, e muito fragueiro, grande bèsteiro e muito milhor espingardeiro; e sempre que o conde ia fora ele ia com sua espingarda diante dele, e alvoroçado nesta fregantaria veio a comprar um rocim pera nele ir ás cavalgadas por espingardeiro de cavalo, que então não costumávão; e a primeira vez que o conde quis ir fora, ele em cima de seu cavalo, á porta da villa o conde o fez decer, e tomou o cavalo pera o dar a um cavaleiro que a pé estava. Queixando-se o Alvaro Díaz que lhe fazia agravo, pois comprara cavalo pera o servir e agora o injuriava em lh'o tomar pera o dar a outrem, o conde lhe respondeo que ele podia ir a pé e que no cavalo avia d'ir quem pusese a lança com ele. Foi tanta a colera do ferreiro que, arrincando de um cuitelo ou meia espada, cortou as pernas ao cavalo diante do conde. Foi logo do conde muito arrepelado e cheio de muitas bofetadas e punhadas, e mandado meter na mazmorra com seus mouros cativos; e sendo o conde vindo da cavalgada mandou vir o Alvaro Díaz diante de si, e abraçando-o lhe rogou o perdoase; e louvando-o que era homem e fizera bem lhe deu um bom cavalo e lhe asentou ũa espingarda de doze cruzados, que foi a primeira que em Arzila ouve, a qual ele teve todo o tempo que viveo, que foi pouco tempo antes do despejo [3].

1. [a] *f.* A L. — 2. e vir a falar] até vir falar B N L M. — 3. B N L M *dão a seguir a matéria do cap.* LXXIV *do Livro segundo.*

CAPITULO XXVII

Da tomada d'Azamor polo duque Dom James, e da jente e grande armada que levou, e como o conde de Borba se foi ajuntar com o duque

Tornando a enfiar a ordem e aos anos que levo, pois eles vão lembrando os casos que neles pasárão, e pasado o ano de doze, em que tãobem foi aquela tão memoravel e tão sangrenta batalha de Ravena, em que Espanha, Roma, Veneza e Napoles tanto dano recebêrão, em a qual fôrão presos e cativos aqueles tão afamados capitães, o marquês de Pescara e o conde de Pedro Navarro, que ao socorro d'Arzila veio, como atrás fica apontado, não faltárão no ano de mil e quinhentos e treze muitas corridas, que os mouros fizérão a Arzila, e asi entradas que o conde fez com sua pesoa e bandeira, correndo ao campo de Mençara e ao Farrobo, donde sempre se tomávão mouros e mouras e gado.

Tãobem Pero de Meneses e Gonçalo Vaz não estávão de vagar, entrando muitas vezes e a meudo; mas, como se começou a estender a fama da muita jente e grande armada que el-rei noso senhor neste ano de treze mandou fazer, com a qual fama todos os mouros estivérão suspensos, não se detriminando pera onde era, mas muito bem sabíão que era pera a Africa e pera lhe tomar algum de seus lugares da costa, mas não sabíão se seria Larache ou Çalé, ou se entraríão polo grande rio da Mamora, que pasa por Féz.

Tãobem avia fama que, polo muito dano que algũas fustas de Tetuão fazíão na costa de Castela, especialmente de Malega até Cáliz e de Cáliz até o Algarve, el-rei noso senhor o mandava destroir e derrubar. E ajudava a se ter esta sospeita, porque o ano traspasado, de dez, ou de onze, el-rei Dom Fernando de Castela, estando em Sevilha, mandou fazer muita jente com vontade de pasar e destroir e poer por terra a Tetuão, por ser tão danoso a toda aquela costa de Andaluzia; e foi desfeito este preposito d'el-rei Dom Fernando a requerimento d'el-rei Dom Manoel, noso senhor; e pareceo a todos que esta era a mais certa empresa que el-rei noso senhor podia tomar, pois avia estorvado a el-rei Dom Fernando seu sogro não fose nem mandase destroir a Tetuão, pois era de sua conquista.

Pois crecendo esta fama, se veio a efectuar ũa grandisima armada de muitos navios e de muitos e grandes senhores, condes e grandes fidalgos e muitos cavaleiros e muita jente de pé, e por capitão-mór desta grande armada mandou ao ilustrisimo duque de Bragança, Dom James, seu

sobrinho, filho de sua irmã, que com todos os senhores e fidalgos, cavaleiros e soldados, que pera este feito estávão prestes, fose cercar e combater e tomar a cidade d'Azamor. E estando todas as cousas necesarias prestes, el-rei noso senhor se foi ao porto de Belem, donde despedio ao duque, seu sobrinho, depois de ter feito seu alardo, e dado mostra asi á jente [1] de cavalo como os encubertados e depois todos os soldados e jente de pé; e toda a frota posta em ordem foi a cousa mais pera ver que quantas armadas se fizérão neste reino, porque se vírão pasante de quatrocentas velas, naos, navios, caravelas, todas ou a mór parte delas com toldos de seda e de brocado e com muitos estandartes e bandeiras de seda e de toda outra sorte; e embarcados se fizérão á vela na volta do Algarve, dereito ao cabo de Santa Maria, pera se ajuntarem com outra muito fermosa armada que Rui Barreto, provedor do reino do Algarve, tinha feita, em a qual estávão todos os fidalgos, cavaleiros, escudeiros daquele reino, e asi muitos homens do mar com suas pesoas e navios; e junta esta armada com a do duque estivérão tres dias esperando polo conde de Borba, que el-rei por suas cartas mandara chamar, pera em companhia do duque ir; o qual, tanto que em Arzila lhe dérão as cartas d'el-rei e asi do duque, estando já avisado e prestes, se embarcou, trazendo consigo a Dom Bernardo, seu filho, e a muitos seus, e se veio ajuntar com o duque; e seguindo sua viajem se achárão ir nesta armada quinhentas e quatro velas, grandes e pequenas, as quais com prospero tempo chegárão á bahia donde agora é Mazagão, donde o duque com muito resguardo e aviso saio em terra, e asi toda a outra jente; e asentado seu arraial e sua artelharia posta em suas carretas e em ordem de caminhar, mandou fazer alardo da jente, que pera pelejar levava, asi de cavalo como de pé, em que se achárão pasante de quatro [2] mil de cavalo, em que entrávão quatrocentos homens d'armas brancas, encubertados, que foi cousa fermosa de ver, e asi mais de mil e seiscentos jinetes, e a jente dos [3] soldados e de pé pasávão de dezoito mil; e toda esta jente em suas capitanias e bandeiras com muito boa ordenança, começárão de caminhar aquelas duas legoas que ha de Mazagão á cidade d'Azamor, com já a este tempo aver acodido tanta jente de cavalo, alarves e beldís, que são os cidadãos que mórão polos lugares, que afírmão que pasávão de vinte mil de cavalo, mas a ordem do duque ia de tal maneira que os mouros não ousárão cometer, sómente algũas escaramuças, em as quais Dom Bernardo Coutinho, filho do conde de Borba, fez ũa sorte em derrubar e matar um mouro de cavalo, e acodindo-lhe alguns criados do conde, seu pai, e outros alguns fidalgos tomárão um outeiro em que

1. e dando mostra asi e á jente A. — 2. quatro] dous B N L M. *Segundo Damião de Goes, L. III, cap. 46, o duque levava 550 de cavalo á sua custa e passante de 2.000 á custa d'el-rei.* — 3. dos] de A.

estava um grande batalhão de imigos, polo qual feito até oje se chama o outeiro de Dom Bernardo.

Pois chegado o duque com todo seu exercito e asentado seu arraial e posta sua artelharia donde lhe pareceo, começou a combater a cidade, de modo e maneira que, vendo os mouros da cidade que não se podíão defender dos tiros de fogo, que seus muros não fosem derrubados e postos por terra, e sendo já Mulei Zião [1] seu rei morto e levado de em cima do muro e feito pedaços por um pelouro saido de um daqueles tiros, o qual foi rejido e apontado por Pero Jusarte, d'Arzila, aquele que o conde de Borba fez bombardeiro por sair ferido do feito de Capanes, como atrás apontei, e o conde o levou consigo por condestabre e bombardeiro da caravela em que d'Arzila partio: trouxe Pero Jusarte a Arzila um estormento deste mortal tiro, justificado polo conde de Borba e por Dom João de Meneses, que logo ficou por capitão da cidade, — pois vendo os mouros seu rei morto e a cidade em ventura de ser entrada, e suas casas e molheres e filhos em ventura de serem cativos, mandárão a um judeu honrado, chamado o Adibe, a negocear com o duque de se entregarem; e sendo noite e o judeu na tenda do duque, começárão a se sair e deixar a cidade; e posto que o duque foi logo avisado e ouve conselho com os condes e muitos capitães, que em sua tenda se ajuntárão, cujo parecer foi que se estorvase a saida, o conde de Borba e Dom João de Meneses, seu cunhado, pedio ao duque lhes dése seiscentos de cavalo e impediríão a saida aos mouros e pola menhã os faríão entregar á vontade e com as condições que sua ilustrisima senhoria quisese e pedise, mas o duque respondeu que mais queria tomar a cidade vazia, sem morte de algum cristão, que tomá-la cheia de mouros com aventurar a morrer alguns dos seus, e que el-rei seu senhor asi lh'o mandara e encomendara. E ao outro dia, que foi dia de Santa Eiria [2], amanheceo a cidade vazia de jente, mas cheia de muita fazenda e riqueza e de muitos mantimentos de toda sorte; e tendo esta nova o duque, por muitos judeus que logo se fôrão ao arraial, o mandou fazer saber a Dom Rodrigo de Melo, conde de Tentuguel, seu primo com irmão, e ao conde de Borba e a todos os outros grandes capitães e senhores que com ele érão; e dizem que o conde de Borba lhe mandou dizer que agora entraria sua ilustrisima senhoria como em lugar que outro exercito tinha entrado e roubado, e que ele acodia tarde ao socorro, e que logo se ia pera ele aquele dia. O duque e condes e senhores com todos os capitães entrou na cidade grande e insigne d'Azamor e se apoderou dela; e esteve em noso poder até o ano de corenta e um, que, por mandado d'el-rei Dom João, o terceiro deste nome, a mandou alargar.

1. Zião] Zidão A L; cadão B N M. *Veja-se p. 9, nota 1;* e *Damião de Goes, L. III, cap. 46.* — 2. Eiria] Iria N L.

Apoderado o duque desta grande e insigne cidade foi logo roubada e saqueada por os soldados, mas o trigo, cevada, milho e outros legumes e pasas, era tanta a avondança que a todos era comum, e asi a muita carne salgada, que pera seu resguardo tínhão; e tanto que o duque foi dentro da cidade logo a entregou a Dom João de Meneses, como por rejimento d'el-rei noso senhor levava, que tomando-se a cidade fose capitão dela. Tãobem foi cometido e requerido com pazes de muitos mouros e de muitas cabildas d'alarves; e asentadas todas estas cousas, que compríão á ordem e sosego da cidade, o duque se embarcou e se veio pera o reino, e o conde de Borba se tornou pera Arzila.

Falei tão breve neste tão asinalado feito, porque, nesta ida e pasajem do duque, os que dela escrevêrão, terão feito muito asinalada e meuda relação, e asi os coronistas do reino [1], que eu sómente por duas rezões falei nesta tomada d'Azamor: a ũa, por se saber o ano em que foi, e a outra, por ir a ela o conde de Borba, capitão d'Arzila, em quem eu até agora falei; e asi espero em Deos que me ajudará, pera que fale nos grandes feitos do muito ilustre e magnifico conde Dom João Coutinho, seu filho, até o conde do Redondo, seu neto.

Pois embarcado o conde de Borba se veio pera Arzila, donde foi recebido com muita tristeza e sentimento da condesa e de toda a vila, por aver muito poucos dias que ũa febre grandisima avia levado desta presente vida a Dom Simão, filho de suas velhices, de idade de dezasete anos, mancebo de muita esperança, a qual morte ou nova o conde sofreo com menos paciencia e sufrimento que a gravidade de sua pesoa e seu grande animo requeria.

CAPITULO XXVIII

De como o conde de Borba, depois da tomada d'Azamor, se veio pera o reino

Tanto que o conde de Borba foi em Arzila, logo foi visitado dos alcaides seus vezinhos, dando-lhe o embora de sua vinda, e asi o pesame do falecimento do que era na outra vida, especialmente do alcaide d'Alcacere Quebir que, ainda que era muito velho, tinha muito conhecimento e lembrança do tempo que fora preso e cativo do conde.

Pois pasado o mês em que o conde celebrou as tristes honras ao filho enterrado, com muito sentimento e tristeza de toda a vila, que vendo o conde e a condesa com tanta tristeza não pudérão deixar de tornar á

1. *Damião de Goes dedica a este feito dois capítulos: L. III, cap 46 e 47.*

lembrança do dia do enterramento; mas, como fôrão pasados todos estes noturnos oficios, o conde saio logo pola vila e ordenou logo sua partida pera Portugal, deixando em Arzila a condesa e filhas, e com elas Dom Bernardo Coutinho, seu filho; e ordenada sua embarcação e entrado o mês de janeiro da era de mil e quinhentos e catorze anos, o conde de Borba, com palavras de muito amor e de muito grandes e bons conselhos, entregou a vila e governança dela a Dom João Coutinho, seu filho, e encomendando e mandando a muitos e mui honrados moradores que o aguardasem e servisem, o que fora bem escusado pola muita bondade e magnificencia que em o conde Dom João avia, porque antes de capitão e depois não ouve homem que [1], debaixo de sua capitania e bandeira andase, que [1] não desejase de vender sua molher e filhos polo servir, como em muitas partes desta obra se dirá; e porque neste lugar pudera dizer muitas cousas do conde Dom João, asi de sua muita cavalaria, magnificencia e vertude, as deixo pera quando for tempo, sómente que em trinta anos que foi capitão d'Arzila nunca saio homem espancado de sua mão, nem injuriado de sua boca, porque homem bom e capitão bom nunca se vio senão ele; e com isto acabarei de apousentar ao conde de Borba, seu pai, o qual, embarcado e partido d'Arzila, veio sair á cidade de Tavila e d'ahi á corte, donde d'el-rei noso senhor e de toda ela foi recebido com aquela honra que sua valerosa pesoa requeria; e el-rei noso senhor, avendo respeito a seus muitos serviços lhe fez mercê da comenda.......... [2] e da alcaidaria-mór de Santarem, pera ele em sua vida, e depois a Dom Bernardo, seu filho, a qual oje tem Dom Pedro Coutinho, seu neto, filho de Dom Bernardo, seu filho.

E com isto tornarei á ordem que levo em contar os feitos e casos que em Arzila acontecêrão em meu tempo, como em principio tenho dito; e contudo, antes que entre no mar oceano dos feitos do conde Dom João, direi algũas cousas notaveis que sou lembrado ouvir contar a meu pai, que Deos aja, que ao conde de Borba acontecêrão, sendo capitão d'Arzila.

E a Deos muitas graças.

1. que] *repetição de* que: *veja-se p. 19, nota 2; p. 66, nota 2; p. 69, nota 3.* — 2. ....] *em branco em* A; [e el-rei lhe deu] ũa honrada comenda [e lhe deu a alcaidaria-mor de Santarem] B N L M.

APENDICE [1]

ALGŨAS COUSAS ESTRAVAGANTES QUE PASÁRÃO DIGNAS DE MEMORIA EM ARZILA, ASI EM TEMPO DO CONDE DE BORBA, COMO DEPOIS, AS QUAIS OUVI CONTAR A MEU PAI E A OUTRAS PESOAS ANTIGAS, COMO ARTUR RODRÍGUEZ, ALFÉREZ, E AFONSO PÍREZ, QUE TODOS FÔRÃO NA TOMADA DA VILA [2]

I.

Ũa em que se descreve o senhorio dos reis de Benagorfate e se conta a tomada de Arzila por el-rei Dom Afonso o quinto, e a morte dos condes de Marialva e Monsanto na mezquita maior da vila [3]

E porque a todos os que em Arzila fálão é pubrico e sabido que, quando Arzila foi tomada e ganhada aos mouros polos cristãos, fôrão nela cativos as molheres e filhos d'el-rei de Féz, e ficão confusos por duas rezões: a ũa, que como el-rei tinha suas molheres e filhos em Arzila, sendo porto de mar e lugar que corria perigo, e não em Féz, metropolitana e tão insigne cidade que, em toda a Berberia não ha outra mais nobre que ela, e tendo nova de ũa tão grosa armada, como em Portugal se fazia, os não tirou da vila, ou el-rei não se achou na defensa dela. Esta duvida desfarei com duas rezões: a ũa, porque el-rei Mulei Xeque em aquele tempo não era rei de Féz, sómente de Benagorfate e d'Arzila, porque em aquele tempo em aquele reino de Féz avia muitos reis, que cada cidade era um senhorio e cada um se intitulava rei de suas terras: o de Féz se chamava Mulei Buzacarí, e outro Mulei Naçar, rei de Mequinez, e outro de Teza, e outro de Tedola, e outro de Bélez e outro de Tanjere: o d'Arzila se intitulava rei de Benagorfate.

Esta serra de Benagorfate está cinco legoas d'Arzila, separada e apar-

1. Apendice] *f. em todos os mss.* — 2. e tornando a enfiar a estorea primeiro que entre nos feitos de Dom João Coutinho, filho primogenito do conde, contarei algũas cousas fora da hordem que acontecêrão ao conde no principio de sua capitania, as quais vi e ouvi a muitos antigos e a meu pai, e por-lhe-emos nome d'estravagantes B N L M. — 3. *Este título de capítulo f. em todos os mss.*

tada de todas as outras, porque a aparta ũa grande ribeira d'outras muitas serras, que ao levante dela estão, como a de Mençara, Fiquer, Alhazar, Algarrafa: vão travadas ũas nas outras até os Beneacens, que caem sobre Tetuão e Xexuão até Belis (ou Bélez); e posto que estas serras são muito asperas, tãobem são muito fertiles e muito povoadas.

Tãobem este Benagorfate se aparta d'outra serra, que está no noso campo, que ha nome Benamares, que casi se ajúntão ambas, não ficando mais espaço que ũa garganta, que nós chamamos a boca de Capanes, da qual já tenho feita menção no feito de Capanes, e fícão tão juntas que muito bem se ouvem e se entendem de ũa parte á outra, requerendo ou pedindo o que uns querem aos outros. Pois esta ribeira, que corre polo pé desta serra e a aparta das outras, vai até se meter na ribeira da Ponte, e decendo por ela, que é asaz grande, vai entrar no rio de Larache, donde foi a Graciosa [1]; e tudo o que estas ribeiras deixão pera o campo d'Arzila era sojeito a Benagorfate, em que dizem que avia novecentas aldeas, das quais eu e outros d'Arzila podiamos contar muita parte delas. Tãobem afírmão que neste campo, que são [seis] [2] legoas derrador d'Arzila, avia pasante de dous mil e quinhentos de cavalo.

Pois deste Benagorfate até Benabiziquer, por onde vai a ribeira da Ponte, até Larache e Arzila, indo ao longo do mar até o rio de Tagadarte, por ele acima indo por o outeiro das Vinhas até dar na Ribeira Grande, que vem de Benarróz e Benahamede, todo o que fica pera o campo tudo fica e entra neste senhorio de Benagorfate; a qual serra, posto que seja piquena, como de duas legoas ou duas e meia, é muito fertil e avondosa, e muito povoada de muitas aldeas, as quais em setenta e oito anos que Arzila foi de cristãos, e tendo sempre guerra comnosco e nós outros com eles, fôrão presos e cativos, sómente de Benagorfate, mais de cinco mil almas, antre homens e molheres e crianças, e tomado innumeravel numero de gado, groso e meudo, e ainda ao noso despejo avia nesta serra mais de quinze ou vinte aldeas, das quais poderei nomear muita parte delas, por serem tanto e tantas vezes visitadas e perseguidas e roubadas de nós outros; antre as que agora avia érão as mais principais: Agoní, Capane, Zahara, Zurara, Aliom, Acahalemí [3] e outras, que por serem de poucas casas não conto; tãobem avia outras muitas despovoadas, que com a continuação da guerra érão consumidas. Ha nesta serra muitas fontes de mui excelentes agoas, que fazem vir por ela abaixo muitos corregos, que fazem grandes regadios de muitas milharadas; e asi tem muitas e boas terras, donde colhem muito e infindo pão, e todo de espiga preta, que quando está espigada escurece todo o campo.

1. *Fortaleza mandada fazer por D. João II junto do rio de Larache, acima da cidade deste nome, e pouco depois abandonada. Veja-se Rui de Pina, Chronica de D. João II, cap. 38.* — 2. [seis] *f.* A. = 3. Acahalemí] Acsazeni B; *f.* N; Acaaxeni L; Assazeni M.

Pois deste senhorio se chamava Mulei Xeque rei, e asi era principal e parente de todos os outros reis do reino; e tendo por nova certa que el-rei Dom Afonso, o quinto deste nome, tinha feito ũa grosa armada, e que não era senão pera Tanjere ou Arzila, porque já avia tomado Alcacer Ceguer, e avia intentado tomar Tanjere e o não pudera tomar, e perdera no salto que lhe dera muitos fidalgos, e já antes se avia perdido sobre Tanjere o ifante Dom Fernando, seu tio, e que por rezão parecia querer vingar aquelas injurias; e com este receio mandou requerer todos seus parentes e amigos, e afírmão que tinha em sua ajuda mais de trinta mil de cavalo; e por um grande alvoroço que aconteceo em Féz lhe foi necesario acodir e leixar Arzila e Tanjere, o qual foi que, sendo os da cidade de Féz escandalizados da má governança e pouca justiça que el-rei Buzacrí fazia, e vendo-se desapresada da jente, por ser toda a do reino no campo d'Arzila em favor de Mulei Xeque, se levantárão contra el-rei e contra os que governávão o reino, e matando a el-rei e a todos os que com ele estávão bebendo, saqueárão a mór parte da cidade e a judaria, e fizérão com todos os judeus que se tornasem mouros, os quais depois Mulei Xeque, que foi rei, fez tornar á judaria e que tornasem a sua lei.

A este alvoroço acodio Mulei Xeque, e tãobem por ele ser sobrinho e erdeiro d'el-rei de Féz; e deixando a guarda que lhe pareceo ser necesario em Arzila e em Tanjere, donde ele mais se temia, que por causa da bahia e bom porto que Tanjere tem lhe pareceo que a armada viria antes a Tanjere que a Arzila, logo se partio pera Féz, donde com pouco trabalho foi recebido e obedecido por rei de Féz; e estando ainda sosegando estes negocios e alvoroço, chegou el-rei Dom Afonso com toda sua armada a Arzila, donde a entrou a força d'armas e a tomou com morte e destroição dos defensores dela, como mais largamente se conta em sua cronica [1]. Foi causa desta grande crueza a morte de dous condes e outros muitos fidalgos que nela morrêrão; e porque na cronica d'el-rei Dom Afonso [se] [2] não conta tão meudamente como estes fidalgos e condes morrêrão, direi algũa parte do que ouvi a meu pai, que com el-rei nesta tomada d'Arzila se achou.

Chegado el-rei Dom Afonso com toda sua armada sobre o arrecife d'Arzila e saido em terra, o qual foi posto na praia em ũa galeota ou fusta junto com ũa irmida, que á borda da agoa está, a que nós chamamos Santa Caterina, e, como a fama foi derramada pola frota que el-rei era em terra, todos quisérão ser dos primeiros, e não aguardando ordem ao sair se metíão nas barcas com suas armas, não resguardando o peso com que elas podíão, das quais muitas o rolo do mar confundio e consumio a muitos dos que nelas íão; tãobem ũa das galés, que el-rei levava carregada de muitos fidalgos e cavaleiros, veio a varar por cima do arrecife,

1. *Rui de Pina, Chronica de D. Affonso V, cap. 165.* — 2. [se] *f.* A.

donde foi feita pedaços, e primeiro que fosem socorridos muitos o mar recolheo pera si. Saido el-rei em terra, apesar de muita jente de cavalo que a defendia, em boa ordenança asentou seu arraial; e combatida a vila a entrou a força d'armas com muito grande crueza e matança que nos moradores e defensores fizérão, como mais largo e meudamente em a cronica d'el-rei Dom Afonso se conta.

Vendo-se os mouros entrados e que não perdoávão a nenhum jenero d'alma, muitos deles e molheres e crianças se recolhêrão ás mezquitas, parecendo-lhe que por serem casas de orações se teria algum acatamento; mas como o conde de Monsanto entrase dentro d'Arzila armado d'armas brancas e em cima dum cavalo encubertado, e vendo a mezquita-mór muito grande, como aquela que tem onze naves, cheia de muitos mouros e postos em som de se defenderem, vencido da paixão se lançou dentro da mezquita com a espada na mão, cortando cabeças, braços, pernas, não perdoando a nenhum jenero d'alma; e andando antre eles lhe cortárão as pernas ao cavalo e caindo com seu senhor no meio da nave maior lhe foi cortada a cabeça, primeiro que pudese ser socorrido dos seus e doutros que com ele érão; e chegando o conde de Marialva, e vendo o corpo sem alma tendido no chão e em poder dos que o dano tínhão feito, saltando a pé com muitos que o seguírão, despachou o negocio com morte de muitos homens e molheres que inocentes érão; e desembaraçada a mezquita, vendo dez ou doze mouros que em cima da torre da mezquita se avíão recolhido, os quais se defendíão, e não ousávão entrar com eles por o caracol da torre ser muito estreito, não querendo o magnifico conde que aquela pequena honra outro ganhase, nem esperar que dez ou doze mouros cansasem, e pedindo misericordia se desem com as mãos crusadas, tomando a escada na mão sobio por ela diante todos, e chegando acima, pondo a adarga sobre a cabeça quís sobir acima; e vendo os mouros a determinação sua que não era pera lhes perdoar as vidas, tomando ũa grande pedra ou canto lhe dérão com ela em cima da cabeça com tanta força que sem acordo tornou rodando pola escada e caracol abaixo, com a cabeça amasada.

E desta maneira acabárão estes dous magnificos condes, dentro da mezquita maior d'Arzila, o que sendo visto e sabido por outros senhores e fidalgos, encendidos na cruel vingança, foi causa que pagasem muitos inocentes e que não tínhão culpa; e fora muito maior a crueza se não fora remedeada pola muita prudencia, bondade e humanidade d'el-rei, o qual, tanto que foi dentro, querendo remedear algũa parte do dano, mandou logo poer grandes guardas na casa real, donde as molheres e filhos d'el-rei estávão recolhidas com as mais nobres da cidade, e asi fez aos que ficárão na mezquita maior e em outras casas muitas, que pola cidade avia, que todas estávão cheias de molheres e crianças; e despachado todo o negocio el-rei se veio pera a mezquita maior, donde os dous condes

estávão mortos, rodeados de outros condes e grandes senhores, e de muitos criados e escudeiros seus, e fazendo lançar todos os corpos dos mortos fora da mezquita polos outros mouros que vivos ficárão, mandou ao arcebispo de Braga e bispos e prelados, que com ele érão, que consagrasem a mezquita, a qual foi consagrada por eles em dia do bemaventurado apostolo Sam Bertolameu, por ser aquele o seu dia, e dedicada a este bemaventurado santo aos vinte quatro dias do mês d'agosto, era em que o Salvador do mundo naceo, de mil e quatrocentos setenta e um [1] anos; e tanto que esta mezquita foi tornada igreja e casa d'oração e chamada Sam Bertolameu, logo os dous filhos do conde de Marialva e Monsanto, que junto com os corpos de seus pais estávão, [el-rei] [2] chamou perante si, e com palavras de muito amor os fez condes e lhes deu as honras e tudo o mais que seus pais tínhão; e dizem que logo ali fez cavaleiro ao principe Dom João, seu filho, de idade de dezaseis anos, pouco mais ou menos, e lhe dise: «[Filho] [3], rogo a Deos que te faça tão bom cavaleiro como o foi cada um destes que aqui jazem»: palavras, certo, de rei humano e agradecido [4].

Pasado tudo isto, logo ao sabado seguinte chegou nova que Tanjere era despejado, porque tanto que os mouros, que em Tanjere estávão, tivérão nova que Arzila era despejada, não ousando estar na cidade, a leixárão só [5]. Tendo el-rei esta nova por certa de muitos mouros das aldeas e derrador d'Arzila, que logo viérão dar a nova a el-rei, aquela mesma noite de sabado mandou por terra quinhentos de cavalo e dous mil homens de pé, os quais ao domingo pola menhã entrárão em Tanjere, achando-o vazio de mouros e cheio de muita riqueza, o qual domingo foi dia de Santo Agostinho, vinte oito d'agosto da dita era de mil e quatrocentos e setenta e um anos; e parece que o bemaventurado santo, donde ele apareceo ao menino e o tirou da duvida e cuidado em que estava, ali quís que o seu dia fose honrado, porque este dia do bemaventurado Santo

1. 1447 B N; 1547 M; L *como* A. — 2. [el-rei] *f. em todos os mss.* — 3. [Filho] *f* A. — 4. *Á margem de* M *ha esta longa nota que parece do punho de fr. Luís de Sousa:* «Este bom homẽ q̃ escreve teve poucas noticias do q̃ não vio. O conde de Marialva não tinha f.os nẽ era mais q̃ esposado cõ Dona Caterina irmã do duq̃ de Bargança q̃ despois casou c'o conde de Loulé. O conde de Monsanto morreu no cubello: dillo Damião de Goes na coronica do P.e Dõ J.o [*Chronica do Principe Dom João, cap. 26*]. O modo de q̃ elle foy armado caval.o patente he naquella e nos mais livros q̃ desta matt.a tratão; e nisto não falou nunca ninguẽ em contrario senão este escritor (?) a quem não se pode todavia deixar de agradecer as noticias q̃ dá d'Arzilla e suas cousas como pode e soube e enxerga-sse q̃ desejou fallar verdade e acertar e asy se lhe podem perdoar os erros em q̃ não deixou de incorrer». *A narrativa do autor é exacta quanto ao conde de Monsanto; quanto ao conde de Marialva recebeu este título seu irmão D. Francisco Coutinho, por o falecido não ter filhos. Goes, ibid., cap. 28.* — 5. *Á margem de* B: «Os mouros largão Tanjere em agosto de 1447 no domingo depois de S. Bartholomeu, 28 do mês».

Agostinho se guarda e se louva com ũa muito honrada e solene procisão.

Pois sendo el-rei apoderado destas duas tão importantes cidades, Tanjere e Arzila, logo á segunda feira chegou Mulei Xeque, rei que já disemos de Féz, com muita infinda jente de cavalo que ao socorro vínhão; e chegado ao Xercão, duas legoas d'Arzila, logo ouve muitos recados antre os reis, e tantos e tão meudos que se viérão a ver, e foi a vista no meio da agoa do Rio Doce, da qual vista ficárão amigos e fizérão pazes, [desta maneira] [1]: que as aldeas que no campo d'Arzila avia não se levantasem, nem as do campo de Tanjere, e fose a jurdição das ditas cidades; e que el-rei Dom Afonso lhe ajudase e favorecese contra todos os reis que fosem contra ele não ser rei de Féz; e fazendo suas firmezas se despedírão, e el-rei Mulei Xeque se tornou pera Féz, donde se fez rei com prazimento de todos os outros do reino, e foi muito bom e amigo de cristãos, polos grandes beneficios que d'el-rei Dom Afonso recebeo; porque depois, sendo rei de Féz pacifico e quieto, fez-lhe muitos presentes de cativos e cavalos e jaezes do reino, polos quais e pola muita vertude d'el-rei Dom Afonso [este] [2] lhe mandou de graça todas suas molheres e filhos e filhas: liberalidade [3] foi de tal rei; foi Mulei Xeque muito agardecido deste beneficio.

Érão os filhos doze e o maior se chamava Mulei Hea; a este mandou el-rei seu pai afogar, polo achar bebendo vinho, e ficou em seu lugar o segundo, Mulei Hamete, que foi grande imigo de cristãos e guerreiro, e muito pior foi Mulei Naçar tras ele; os outros fôrão Mulei Bohaçum, que tãobem foi rei, cujos filhos fojírão pera Portugal no ano de trinta e um [4], e el-rei noso senhor lhes fez muita honra, dando a cada um dez cruzados por dia, e os tornou em graça d'el-rei seu primo. Este que em Portugal esteve morreo ás portas de Féz, pelejando como bom cavaleiro, o dia que polo xarife foi ganhado no ano de corenta e nove, em o mês de janeiro; e no agosto seguinte foi despejada Arzila, em o mesmo dia de São Bertolameu, aos vinte quatro dias do mês d'agosto; digo que neste dia foi despejada, porque nele foi a igreja de São Bertolameu derrubada e o conde do Redondo embarcado e a vila entregue a Luís de Loureiro, que logo a sacreficou e a leixou a quem depois lhe cortou a cabeça, com morte doutros sesenta inocentes sem culpa, que com ele morrêrão e acabárão as vidas, leixando suas molheres e filhos com muita pobreza e miserias, veuvas e desemparadas.

1. [desta maneira] *f. em todos os mss.* — 2. [este] *f. em todos os mss.* — 3. liberalidade] dado A. — 4. 1532 B N M; L *não se pode ler.*

2.

Outra do conde de Borba em que se conta como, sendo vendido por um mouro, desbaratou o alcaide d'Alcacere e o prendeo e cativou, e do grande conselho e aviso do mesmo alcaide pera se resgatar, e de suas palavras de grande animo que dise ao tempo da paga do resgate

Por ser o feito da prisão e cativeiro do alcaide d'Alcacere Quebir tão notavel e dino de memoria, o quís escrever meudamente, porque sendo o conde de Borba capitão d'Arzila e o ano do Senhor de mil quatrocentos oitenta e oito, e fazendo a guerra com sómente cento de cavalo, que na vila avia, sendo o conde capitão e asaz temido dos mouros por sua muita cavalaria, um mouro, chamado Bulula, costumava trazer nova ao conde quando jente algũa lhe corria, e sendo o conde por este mouro avisado, não recebendo dano era o mouro bem pagado. Costumando este mouro fazer isto algũas vezes, foi tomado e levado ante o alcaide d'Alcacere, pesoa muito principal em aquele reino de Féz e muito fidalgo, como aquele que tinha e tem seus filhos e netos que decendem de um filho de Mudarra Gonçálvez, irmão dos Ifantes de Lara, o qual alcaide se chamava cide Talha Laróz. Pois tanto que o alcaide o vio e soube os caminhos em que andava, mandou que logo fose enforcado. O mouro vendo a detreminação do alcaide, com grande animo apartando ao alcaide, lhe dise: «Senhor, tu não ganhas nada em me mandar enforcar; faze comigo ũa liberalidade e grandeza que será de muita honra e de teu proveito: solta-me e deixa-me ir a Arzila, e eu fico de trazer ao conde com toda sua jente e t'o entregarei donde tu quiseres esperá-lo, porque ele confia em mim e virá onde o eu levar; e desbaratando o conde, ou o prendendo, ganharás mais honra que mandando matar um mouro barbaro, pois não faltará outro que faça o que eu fazia; e se eu morrer neste trato não quero mais senão que o faças bem com meus filhos».

Vendo o alcaide o animo do mouro e o muito que lhe prometia, e quão pouco ele aventurava em lhe o mouro mentir, e que não lhe podia fazer mais que tornar-se cristão; e conhecendo o mouro ter animo pera acometer qualquer feito, lhe concedeo a vida e o mandou soltar; o qual mouro se veo logo pera o conde, dizendo-lhe que leixava em Taliconte, cinco legoas d'Arzila, sete ou oito lavradores que furtados sameávão cevada em uns monturos das aldeas que ali avião estado, que os podião

tomar e cativar antes [1] que se fosem, porque acabando [2] de samear logo érão idos, e que não tardase de ser logo naquele dia.

O conde, posto que tinha muita confiança no mouro por muitas vezes o achar verdadeiro e certo, parecendo-lhe ser cousa nova quererem mouros samear monturos d'aldeas despovoadas, e que com tanto risco e trabalho se avia de recolher a novidade, e como prudentisimo capitão lhe respondeo: «Eu irei, mas tu has de ficar aqui preso, e sendo mentira has de ser acanaveado, e sendo verdade averás boa parte». O mouro respondeo que era contente. Vendo o conde a muita confiança e firmeza do mouro, asentou de ir logo aquela noite; e contudo mandou logo cinco de cavalo aquela tarde, que fosem por encubertas e desem vista se avia algũa lavoura fresca donde o mouro dizia; os quais se viérão ajuntar com o conde na fonte d'Alhadra, e disérão ser verdade aver em Taliconte lavouras frescas, e com esta certeza o conde deu a andar e foi amanhecer donde os lavradores dormíão com seus bois, pola enformação que do mouro levava, e em amanhecendo deu com o alcaide d'Alcacere Quebir que o esperava com setecentos de cavalo; porque, tanto que soltou o mouro e concertou da maneira que o mouro avia de fazer e dizer, logo mandou seis ou sete lavradores que lavrasem, que sospeitando que o conde mandaria espiar visem as lavradas, e ele saio logo com os setecentos de cavalo escolhidos e se meteo no Zambujal d'Algarrafa, junto com as lavradas de Taliconte, donde não podia ser visto; e sendo já menhã e vendo que o conde avia corrido aos lavradores e lhes avia tomado os bois, porque os que lavrávão, como quem estava d'aviso, tanto que tomárão o rebate, deixando os bois nas cangas, se pusérão a cavalo e se acolhêrão ao Zambujal; e saindo logo o alcaide, o conde foi logo cercado e rodeado dos mouros, e apegárão tão rijo que foi forçado ao conde pelejar com eles; e chamando um seu parente lhe entregou a bandeira com vinte de cavalo e lhe dise: «Eu dou naquela batalha do alcaide, e vós não vos bulais até não verdes o movimento que ela faz, e asi como virdes, asi o fazei, dando no mais groso dela»; e dizendo santiago: «Filhos e amigos, olhai por mim, e asi como virdes que eu faço, asi vos rogo que façais, pois que eu voso capitão não vos mando diante, antes vos rogo que ninguem vá diante de mim»; e com isto fôrão tão animados que dando na batalha do alcaide a rompêrão e a cortárão polo meio, com tanta furia e braveza que pusérão polo chão corenta ou cincoenta de cavalo, entre os quais foi o alcaide, o qual vindo diante dos seus se foi encontrar com a valerosa pesoa do conde e ambos fôrão ao chão; mas o conde, vendo ao alcaide cuberto de ũa rica saia de malha e sua pesoa guarnecida de rico teilí [3] e guarnições de muita prata, foi logo sobre ele

1. antes] ante A. — 2. acabando] acabado A. — 3. teilí] *f.* B N L M. *Vocábulo árabe que significa* aplicação ou guarnição de ouro.

com a espada na mão, dizendo-lhe: «Rendei-vos alcaide», o qual vendo a valerosa pesoa do conde e conhecendo-o polas suas armas e fala que devia ser ele, lhe respondeo: «Almejelí», que quer dizer «omiziado»: «oje é o teu dia ou o meu»; isto dizia o alcaide porque o conde avia ido a Arzila omiziado ou degradado; mas como a este tempo chegase o fidalgo a quem o conde entregou a bandeira, que cuido se chamava de Froes, e vendo o alcaide a bandeira junto consigo, e conhecendo que aquele era o conde, logo se rendeo; e o conde logo como o alcaide foi rendido, chamando o alférez que levava a bandeira, a tirou da aste e a meteo em ũa cevadeira: aviso de capitão prudentisimo. Os nosos, tanto que rompêrão aquela grande e cerrada batalha, vendo ficar o conde a pé, voltárão logo sobre ele, e matando alguns dos que estávão no chão, se tornárão a ajuntar com o conde, que logo foi a cavalo, e asi o alcaide, asaz malferido de duas cuitiladas; e asi fôrão tomados vivos mais de vinte e morrêrão mais de cincoenta, em que entrárão um tio e dous sobrinhos e muitos parentes seus.

Os mouros, vendo-se desapresados dos cristãos, logo fôrão juntos e tornados sobre o conde, e preguntando polo alcaide se era vivo lhe respondêrão que si, era, e que já ia diante com o conde e bandeira: «Não está [a]hi [1] o conde?» disérão eles: «Não», respondêrão os nosos, «que vai com a bandeira, que aqui não vem senão o adail»; e logo fizérão ir dous de cavalo, como que íão com recado, e tornando trouxérão um anel de prata do alcaide, pera que com aquele sinal chamasem a um primo seu, cide Zião, em quem o alcaide muito confiava, o qual tanto que vio o sinal e recado do alcaide logo se veio pera os nosos, por ver ao alcaide, se era vivo; logo o alcaide lhe dise: «Primo, Deos quís que oje que eu cuidei de prender ao conde e o tomase e metese em Alcacere cativo, que ele fizese a mim o que eu cuidei fazer dele; quero que fiqueis em meu lugar por alcaide até que eu me concerte com o conde, que ha de ser logo oje, antes que el-rei meu senhor o saiba e ponha outrem em minha casa e lugar».

O conde vendo estas palavras lhe dise que fizese chamar seus parentes e os mais principais, pera que fosem presentes; logo fôrão chamados dez ou doze mouros honrados e com eles de palavra em palavra se começou a ir pera a vila, não os deixando tornar até o conde ser d'Almenara pera dentro, já terra apertada. Esta manha usou o conde por que os mouros ficasem sem cabeça e não tornasem a apegar com ele, como jente que queria vingar aquele e livrar a seu senhor, como já aconteceo ao cide Rui Díaz quando livrou a el-rei Dom Sancho, seu senhor [2]; e tãobem porque já

1. [a] *f.* A. — 2. *Sancho, rei de Castela, em guerra com seu irmão Afonso, rei de Leão, foi vencido e obrigado a abandonar o arraial aos vencedores, que nele passaram a noite. Rui Díaz persuadiu a Sancho que acometesse o exército vencedor de madru-*

a este tempo érão os mouros muitos, que ao rebate acodião das serras do Farrobo e de Benamares e Benarróz e Benagorfate e de todo Ale Xarif e asi d'Alcacere, os quais, não ousando fazer mais do que o [que o] [1] alcaide lhes mandava, se tornárão do porto d'Almenara; e o conde foi recolhido e recebido com grande e solene procisão, como tal vitoria requeria, com quinze mouros vivos e outros tantos e mais cavalos.

Pois tanto que o conde foi na vila e se apeou na igreja de Sam Bertolameu, donde deu muitas graças a Deos, pola grande mercê e vitoria que lhe dera, o alcaide logo aquele dia, tomando o conde pola mão, lhe dise: «Senhor, oje sou alcaide d'Alcacere e poderei dar por mim tudo o que quiserdes pedir; e se for nova a el-rei de minha prisão e puser outro alcaide, ficarei um mouro barbaro que não poderei dar um cristão por mim; portanto oje neste dia me resgatai e poderei dar tudo o que tiver». O conde respondeo: «Não poso fazer iso, porque os alcaides são d'el-rei meu senhor, e na fazenda d'el-rei não ei de meter mão até não ter seu recado e especial mandado, em que mande o que devo de fazer, como cumpre a serviço d'el-rei». O alcaide repricou: «Eu darei bom conselho pera tudo se fazer como compre a serviço d'el-rei; concertemos o resgate e darei tantos arrefens que válhão muito mais que o resgate, e, quando el-rei o não ouver por bem feito, eu me tornarei a poer em voso poder».

O conde logo o concedeo e lhe dise que dése por si quinze mil dobras de banda, que érão d'ouro fino e tínhão o peso de cruzado, e quinze cativos cristãos, que ele tinha em sua casa, e vinte cavalos pera el-rei com suas selas xerquis [2]. Tudo o alcaide concedeo e logo escreveo ao alcaide seu primo, cide Zião, e a muitos seus primos e parentes, e ficárão dezoito os mais principais em Arzila em arrefens polo alcaide, e logo foi posto em sua liberdade e no mando que sohia; e deste alcaide cide Talha foi aquela rica e nomeada e estimada saia de malha que, servindo-se o conde de Borba vinte cinco anos dela, a leixou por morgado ao ilustre conde Dom João, seu filho, e ele, depois de trinta anos que foi capitão, a leixou a seu filho, Dom Francisco, conde do Redondo, o qual depois do despejo d'Arzila a deu a Dom Pedro de Meneses, seu cunhado, e filho de Dom Antonio de Noronha, conde de Linhares, quando foi por capitão a Cepta, e nela acabou sua vida sendo desbaratado e morto por Acem, alcaide de Tetuão, como em seu lugar se dirá.

Proseguindo com o alcaide d'Alcacere: tanto que estas cousas pasárão

gada, quando ainda dormia. Ele assim fez e os leoneses surpreendidos foram mortos ou postos em fugida. Podem ler-se estes sucessos nos cronistas Lucas de Tuy, p. 97 e 98; Rodrigo de Toledo, L. VI, *cap. 16; e Herculano, Historia de Portugal,* I, *p. 166 (3.ª ed.).*

1. [que o] *f.* A. — 2. xerquis] xerques B N M: *assim tambem no dicionário de Morais. Comp. com* adibis *por* adibes *na p. 63, l. 9. Significa* do oriente, oriental, *i. é, (selas) fabricadas no oriente.*

em Arzila, logo o conde fez saber tudo a el-rei Dom João, o segundo, o qual foi muito alegre com tão boas novas, e logo proveo a João Garcês, escrivão de sua fazenda, que fose a Arzila arrecadar o dito resgate, especialmente dos cativos e cavalos, escrevendo honras e agardecimentos ao conde e aos que com ele fôrão no feito, fazendo-lhes muitas mercês. Este desbarate e prisão do alcaide d'Alcacere teve el-rei em muito, porque no ano atrás avia sido desbaratado Dom Antonio, filho segundo do marquês de Vila Real, sendo capitão de Cepta, por Barraxe e Almenderim, alcaides de Xexuão e Tetuão; e logo dahi a poucos dias foi o mesmo Barraxe desbaratado e preso por Dom João de Meneses, que depois foi conde de Tarouca e prior do Crato, e o dito Barraxe saio polo dito Dom Antonio [1].

Um dito e grandeza do alcaide d'Alcacere não é pera se calar, antes dino de louvor, o qual foi que estando junto todo o resgate, asi dinheiro como cativos e cavalos e selas e outras joias e arreios, que o alcaide mandava ao conde, e asi muitas peças mouriscas e de seda pera a condesa e pera suas filhas, um seu tio, parecendo-lhe grande o resgate, o levou donde o resgate estava junto e, mostrando-lhe tudo, lhe dise: «Tudo isto déste por tua só pesoa!». O alcaide lhe respondeo com grandisimo animo: «Eu até agora tive os cristãos por jente que sabia muito, mas agora a tenho que não sabem nada, pois que por tão pouco me dérão». Palavras fôrão, certo, de pesoa valerosa e nobre e dino de ser muito louvado e estimado. O mouro que ficou em Arzila e fez ao conde ir fora, ficou a tão bom recado que logo foi entregue aos moços, e deles foi acanaveado, e depois de feito pedaços queimado, de maneira que a cinza foi derramada e esparzida polo ar e levada do vento.

3.

Outra do conde de Borba em que se côntão ũas palavras que o conde dise a Alharte, alcaide de Jazem, vindo com poderes d'el-rei Mulei Xeque fazer pazes, em favor do alcaide d'Alcacere Quebir

Depois de pasada esta guerra, em que o alcaide foi preso e cativo, ficou em muita amizade com o conde de Borba, e foi causa que os reis de Portugal e de Féz viérão a fazer pazes por oito ou dez anos, as quais durárão todo o tempo concertado, e fôrão as aldeas povoadas e o campo cheio de muitos aduares e de muito gado; e foi causa desta segurança a muita justiça com que o conde os tratava e favorecia,

1. *Rui de Pina, Chronica de D. João II, cap. 31; 28 e 35.*

guardando tanta ao mouro como ao cristão; e com isto era Arzila e Tanjere abastados de todas as cousas necesarias, porque valia um bom poldro oito, dez cruzados, e um alqueire de trigo ũa chinfra [1] de doze reais, e quatro galinhas e um galo um real de prata, de preço de vinte oito reais, e um carneiro outro tanto, e a este respeito todas as outras cousas; e isto era tanto em avondança que Portugal era asaz abastado e não era isto muito, nem pera poer espanto, porque um moio de trigo valia em Alemtejo seiscentos reais; e deste tempo ha muitas pesoas vivas que isto vírão.

Pois com esta bonança pasou Arzila e Tanjere todo o tempo das pazes, e acabado foi necesario tornar-se a reformar com novos poderes d'el-rei de Féz, os quais ele deu ao alcaide Alharte, pesoa principal e muito seu privado, o qual veio ao campo d'Arzila em pesoa d'el-rei, trazendo grandes poderes, e que todos os outros alcaides lhe obedecesem; e chegado ao campo d'Arzila e apousentado no Xercão, ouve logo muitos recados de ũa parte a outra, e dali se viérão a ver no tabuleiro do Facho, vindo o alcaide Alharte acompanhado do alcaide d'Alcacere e de todos os mais do reino; e pasando aquele dia e outro muitas praticas e rezões, sem aver concrusão, por o alcaide Alharte pedir alguns pontos que ao conde pusérão em algũa colera, e não podendo sofrer a muita majestade e fantesia com que o alcaide vinha, e vendo que o alcaide d'Alcacere, sendo tão nobre e tão cavaleiro e tendo ũa valerosa pesoa, não ousava falar e se falava era á vontade do Alharte, se acabou de encender, e com muita colera lhe respondeo diante de outros muitos alcaides: «Alcaide, dizei a el-rei, voso senhor, que donde o alcaide d'Alcacere está, tão leal e tão cavaleiro, e que trazendo a lança na mão sabe os negocios da guerra e os da paz, que a ele devia de mandar o poder, asi da guerra como da paz, e não a outro alcaide de Féz que não sabem mais que, lavando o cú e as mãos, ir [2] fazer sua çalá [3]; e com estes tais me não manda el-rei meu senhor de guerra nem de paz tratar»; e com estas palavras escandalizou o alcaide Alharte, ainda que fôrão em muito louvor do alcaide d'Alcacere, e logo ouve as pazes por quebradas; e mandando alevantar todo o campo e aduares e aldeas do campo de Tanjere e Arzila, os fez pasar a ponte d'Alcacere e os levou diante si, ficando, porem, muitas covas de trigo, cevada, adora [4], e asi muito gado e lãs e outras cousas que não pudérão recolher, que depois os moradores d'Arzila por muitas vezes trouxérão e recolhêrão á vila.

1. Chinfra: *Nos dicionários e em Teixeira de Aragão, Descrição geral das moedas* [*I, p. 233-4, 393 (n.º* 42*), 395 (n.º 44)*] *a forma usada é* chinfrão (chinfrões). — 2. ir] irem B N L M. — 3. çalá: *vocábulo árabe que significa* oração. — 4. adora: *vocábulo árabe que significa* milho (miudo); *f.* B N L M: *sucede muitas vezes assim nestes mss. com os termos que o copista não compreende. Veja-se p. 102, nota 3.*

Quebrárão-se estas tão necesarias e tão proveitosas pazes no ano do Senhor de mil e quinhentos anos; foi causa esta quebra de muitos desbarates e de muita guerra que até oje ouve em todos aqueles lugares, até o despejo deles, e depois do despejo de muitas mortes de muitos capitães de Cepta e de Tanjere, que com muitos outros fidalgos e cavaleiros são mortos a poder dos mouros, como a todos os que agora vivemos é pubrico e notorio.

4.

Outra em que se conta como e porque o ribeiro de Jil da Mota tomou o nome que tem; e de um feito grande que um mouro fez

Durando estas tão proveitosas pazes, aconteceo que um mouro, que em ũa das aldeas morava, veio á vila e vendeo um poldro por oito ou dez cruzados, e tornando-se pera sua casa, que era ũa das aldeas de xeque Naçar, o qual era senhor e xeque de muitas aldeas que d'Arzila caminho d'Alcacere estávão, em que entrava Tendefe, que á vista d'Arzila está, e Alhazana e todas as outras aldeas que estão ao derrador da aldea do Alcorão, que está abaixo do arrife da Atalaia Alta; e por ele xeque Naçar ter suas molheres e filhos em ũa aldea, que está junto da do Alcorão, até oje se chama a aldea de xeque Naçar.

Pois indo-se este mouro, que o poldro avia vendido, com seu dinheiro, que polo poldro lhe avíão dado, pôs tanta cobiça a um morador, que Jil da Mota avia nome, que detriminou de o matar e lhe tomar o dinheiro, e logo dise a outro seu compadre e amigo, que Diogo de Seixas se chamava: «Compadre, ponde-vos a cavalo, que me compre»; e, postos a cavalo, tomárão um troto caminho de Tendefe, e fôrão alcançar o mouro ao ribeiro, que agora chamamos de Jil da Mota, dizendo: «Jil da Mota, avemos de matar este perro e tomar-lhe corenta testões que leva»; e chegando ao mouro o afastárão do caminho polo corrego acima, pera o matar em lugar escuso e o enterrarem donde não parecese.

O mouro, vendo-os vir afrontados e o tirarem do caminho, conheceo a detreminação que trazíão e detriminou de se defender, e com animo de valentisimo homem deitou mão de Jil da Mota, e dando com ele do cavalo abaixo lhe deu tres ou quatro agumiadas, de que logo morreo; o Diogo de Seixas lhe deu duas lançadas ao mouro, ainda que não grandes, com receio de não dar em Jil da Mota, mas o mouro, vendo que no despacho estava sua segurança, se ouve com eles de tal maneira que, despachando a Jil da Mota, ficou com a lança na mão, e metendo-se aos botes com o Seixas lhe deu outras duas lançadas; e, vendo ele que lhe atirava

ao cavalo e que já andava ferido, o alargou e, tornando-se pera a vila, se foi logo caminho de Tanjere com medo do conde.

O mouro, vendo o negocio despachado, se pôs em cima do cavalo de Jil da Mota, e, chegando ao xeque Naçar, lhe contou o que pasava, pedindo-lhe que, posto em salvo, tornase o cavalo ao conde. O xeque Naçar, receando algum achaque, o prendeo logo e o trouxe a entregar ao conde; e, feita pregunta do que pasava, e sabendo que o Diogo de Seixas era ido e fojido pera Tanjere, mandou logo a Tanjere a saber dele a verdade; e, achando que se conformava com o dito do mouro, o deu logo por livre, e lhe fez mercê do cavalo de Jil da Mota e doutros dez cruzados da fazenda e soldo de Diogo de Seixas, e o ouve por degradado fora de toda Africa. Foi por esta sentença o conde muito louvado dos mouros, e que fazia justiça, pois a guardava tanto ao mouro como ao cristão, e deu seguro real ao mouro pera que não lhe fose feito algum dano; e, daquele dia por diante, se chamou aquele ribeiro de cima até baixo o ribeiro de Jil da Mota, e asi era chamado de nós ao tempo do despejo d'Arzila.

5.

Outra em que se conta como por ũa blasfemia que um marinheiro dise diante do conde e lh'a tornar em graça lhe fez mercê [1]

SENDO o conde de Borba avisado por um mouro, que se veio tornar cristão, como o capitão de Cepta era vendido e enganado por um mouro que tratava de o levar fora, e que a o esperar érão idos os alcaides Barraxe e Almenderim, e querendo avisá-lo com muita presteza por terra e por mar, lhe quis mandar recado; e porque as escuitas que por terra avíão de ir não podíão pasar senão em duas ou tres noites, e isto com muito risco e perigo de serem tomadas, mandando chamar a Thomé Martinz Alpoem lhe dise que compria a serviço de Deos e d'el-rei ser Cepta avisada, que com sua caravela trabalhase por aquela noite, abocando o Estreito, fose a Cepta ou ao menos a Tanjere ou a Alcacere e d[ah]i [2] mandasem o recado, ao que Thomé Martinz respondeo que era imposivel poder-se fazer, pola muita força com que o levante ventava, que saindo do arrecife não podia sua caravela tomar senão o Algarve. O conde profiava que, ao longo da terra, tomando o cabo d'Espartel de noite, vazando a agoa, que os ajudava, podíão abocar o Estreito, e, tomando Tanjere, podia o capitão mandar recado por terra; e todas estas

1. *Este titulo f. em* A. — 2. [ah] *f.* A.

razões dava o conde em favor de poderem ir, com a muita vontade que tinha de Cepta ser avisada por ele.

Todas estas rezões érão contrariadas por muitos homens do mar, que presentes estávão, e muitos fidalgos e moradores; com estas contrariações estava o conde muito agastado e desconfiado, porque o levante era tanto que lhe parecia querer falar; e estando o conde nesta confusão, lhe foi dito que um marinheiro da caravela de Thomé Martinz dizia que pera ũa necesidade avíão d'ir por debaixo d'agoa até se afogarem, ou chegarem a dar o aviso, pois tanto relevava. O conde o fez logo chamar, dizendo-lhe: «Meu amigo, que é o que vos parece e me dizeis: podemos dar este aviso a Cepta, não se perca o capitão por nosa negrigencia?» O marinheiro, que Domingos Afonso avia nome, lhe respondeo mais brando do que o conde quisera, e lhe dise: «Senhor, eu digo que daqui a pola menhã ha vinte oras e que Deos pode abrandar o tempo e nos levar a Cepta». Ainda o pobre marinheiro não acabou de falar em Deos, quando o conde foi encendido com paixão, e, remetendo pera ele, lhe dise: «Ó vilão muito roim, em Deos me falais vós? não sei eu que com levante e com ponente me porá em Cepta e tornará a pôr em Arzila?» O Domingos Afonso, vendo-se injuriado e casi espancado, com grande animo respondeo: «Não digo eu asi, senão que, ainda que pese a Eolo e a quantos ventos tem a seu mandar, levarei voso recado a Cepta, ainda que me afogue» [1].

O conde, vendo a detriminação e reposta do Domingos Afonso, logo ficou sem paixão, e, deitando o que dise em graça, o abraçou; e dizendo a Thomé Martinz que por aquela viaje deixase fazer e mandar a Domingos Afonso, Thomé Martinz, como ele e seu primo João Martinz érão do conde, rindo-se, se foi embarcar, e o conde com todos os barcos e barcas e jente da vila levárão o navio á toa até o Rio Doce com muito trabalho, e, fazendo-se á vela, se coseo com a terra de maneira que antes d'anoutecer tomou o cabo d'Espartel, e dahi voltejando a agoa que os ajudava, ao outro dia pola menhã fôrão em Cepta; e, dadas as cartas do conde e tomada reposta, com o mesmo levante com que foi tornou aquele dia, e antes que fose noite entrou no arrecife todo embandeirado, de que o conde e todos fôrão muito espantados e descontentes e tristes, parecendo-lhes que se tornávão por não poderem pasar do cabo d'Espartel, mas desembarcando e beijando a mão ao conde lhe dérão as cartas e reposta do capitão de Cepta.

Foi tanto o prazer do conde que, mandando pagar a Thomé Martinz o trabalho e frete da caravela á custa d'el-rei, de que fôrão contentes, ao Domingos Afonso tomou pera ficar na vila, e logo lhe deu dous portugueses [2] e um seu vestido, e lhe mandou comprar ũa caravela com que ser-

1. ...] Não digo eu asi, senão, ainda que Deos não queira, eu levarei voso recado a Cepta, ainda que me afogue: e isto ainda com mais feas palavras das que se aqui escrevem B N L M. *Estas palavras explicam as que se lêem na p. 110, nota 1.* — 2. portugue-

vio muitos anos em Arzila, trazendo-a armada, a qual eu vi perder no boqueirão do arrecife d'Arzila, saindo com muita présa trás ũa fusta que saio a ũas caravelas; e depois dele servio muito tempo seu filho Roque Fernândez, que todos conhecemos, e tãobem servio e serve seu neto Domingos Afonso, filho de Roque Fernândez [1].

ses: *a) moeda d'ouro cunhada por D. Manoel, a maior que se cunhou em Portugal até D. João V: do valor de 4.000 reais; b) moeda de prata cunhada pelo mesmo soberano, em 1504: do valor de 400 reais. Veja-se T. de Aragão, Descripção geral das moedas, I, p. 251–2.*

1. *Continua assim* L: asi que por Domingos Afonso dizer palavras irosas e contra Deos, a que toda obediencia, serviço, adoração é divido, lhe fez o conde honra e mercê, não já polas palavras, senão por a obra com que foi avisado o capitão, e vendo ser palavras acidentais, das quais os homens e toda criatura devem de fujir, não tão sómente vir a memoria, porque diz o proverbio: nem .... um blasfemador que morrese d'entrevado .... senhor chamado justo juiz não fica nada se .....to e serviço, merecimento sem galardão p........ [*o papel está corroido da tinta*].

Continuam logo B N L M: ainda que Deos usou deste com misericordia em lhe não dar logo o castigo que merecia em o conde deitar em graça por não ser tempo pera mais. Não se fie ninguem niso que a muitos castigou logo e a outros castigará quando for sua vontade, que diz o Salmista *Juditium suum abisus multa* e a capitula do sabado das domingas: *O altitudo divitiarum etc.*

Deo gratias.

LIVRO SEGUNDO

Da primeira capitania de Dom João Coutinho, conde do Redondo[1]

CAPITULO I

De como e em que tempo o conde Dom João Coutinho tomou a capitania de Arzila e algũa cousa que mais aconteceo em a entrada deste ano de mil e quinhentos e catorze e da morte de Dom João de Meneses

TANTO que o conde de Borba, Dom Vasco Coutinho, foi embarcado e partio pera Portugal, leixando todavia a condesa sua molher e suas filhas e Dom Bernardo seu filho em Arzila, com muita alegria e contentamento de toda a vila foi recebido e obedecido Dom João Coutinho, seu filho, por capitão, porque era tanta sua conversação, nobreza, umanidade, que todos desejávão viver e estar debaixo de sua governança e mando, por lhes parecer que, asi como Deos o fizera cheio e comprido de toda nobreza, vertude, umanidade, o não desempararia em o oficio de capitão, pois muito poucas vezes temos visto, nem ouvido, ser homem bom e capitão bom, senão neste valeroso capitão, que, sendo comprido de todas as nobrezas e vertudes, que um nobre senhor deve de ter, foi o mais eicelente capitão de nosos tempos, asi pera os seus como pera os imigos, como em muitas partes desta sua cronica ou memoria se verá; e

1. Livro segundo ... conde do Redondo] Lembranças das cousas que pasárão em Arzila no tempo que o conde do Redondo Dom João servio de capitão da dita vila do ano de 1514 que o conde de Borba seu pai se veio pera Portugal e ele ficou no mesmo carrego do dito ano até o ano de 1525 que Antonio da Silveira servio de capitão na mesma vila B N L M. *O conde de Borba foi o 1.º conde do Redondo, de 1500 a 1522, ano da sua morte. Sucedeu-lhe no condado seu filho D. João Coutinho, que foi, pois, o 2.º conde do Redondo. O 3.º conde do Redondo foi D. Francisco Coutinho, seu filho, que herdou o título e capitania de Arzila por morte de seu pai em 1548. No ano seguinte era ordenado o despejo da vila, tendo ele sido, pois, o seu último capitão. Foi nomeado vice-rei da India em 1561 e lá faleceu em 1564. Veja-se Braamcamp Freire, Brasões da sala de Cintra, II, p. 407-8; 441; 461.*

posto que no mar de seus grandes feitos eu seja lembrado e nos mais deles me achase, todavia o muito tempo que ha não dará lugar que posa contar muitas particularidades, sómente ir polos anos contando as forças dos casos de que for lembrado, ousando-o fazer por serem ainda muitas pesoas vivas, asi neste reino como em Tanjere, que nelas se achárão, com quem eu ei muitas vezes praticado, asi estando em Arzila, como depois que nosa desaventura nos lançou fora dela; e porque minha entencão é fazer e deixar em memoria as cousas que em meu tempo pasárão em Arzila, e porque neste ano primeiro da capitania do conde Dom João Coutinho, o grande Dom João de Meneses, seu tio, e aio que foi do principe Dom Afonso, sendo capitão d'Azamor, depois de ter havido uma asinalada vitoria dos mouros, desbaratando a Mulei Naçar, irmão de el-rei de Féz, que com muita jente de cavalo e de pé vinha senhoreando toda a Enxouvia e á Duquela, e por ser este um feito asinalado, e muito mais a morte de tão afamado capitão, farei ũa breve relação deste caso e logo tornarei a meu intento, que é contar o que em Arzila pasou.

Já ei apontado e declarado como, depois da cidade d'Azamor ser tomada aos mouros polo ilustrissimo duque de Bragança Dom James, entregou a capitania daquela ilustre e insigne cidade d'Azamor a Dom João de Meneses, como por rejimento d'el-rei Dom Manoel seu tio levava; e ficando Dom João por capitão em Azamor, ficárão com ele muitos e mui honrados fidalgos, asi por serem seus parentes e amigos, como por servirem a el-rei noso senhor, e outros muitos que por averem repartimentos de casas e terras quisérão ficar e povoar a cidade, de maneira que Dom João ficou bem acompanhado, avendo na cidade mais de oitocentos de cavalo cristãos, e asi outros muitos mouros que se fizérão de pazes com um homem mouro muito principal, que se chamava Jacó[1] bem Gariba, que em serviços e lealdades mostrou ser muito servidor d'el-rei noso senhor; pois sendo Dom João capitão d'Azamor, e Nuno Fernândez de Taide capitão de Çafim, e Martim Afonso de Melo de Mazagão, e tendo aquele reino de Marrocos enfreado, ou, por milhor dizer, casi senhoreado, porque todos os mais dos mouros érão de pazes, e os que o não érão érão tão lonje que se não avíão por seguros senão da outra parte de Marrocos ou dos Montes Craros; — pois estando as cousas d'Azamor e de Çafim no ser em que ei apontado, Mulei Naçar, irmão d'el-rei de Féz, e senhor de Mequinez, desejando senhorear aquelas cabildas e tirá-las do poder dos cristãos, tirando do reino de Féz muita jente de cavalo e dous mil bèsteiros e espingardeiros, saindo de Mequinez e pasando por Tedola, veio carregando sobre Azamor, recolhendo asi todas as mais cabildas e alarves de toda aquela terra, de maneira que trazia ũa alhela[2] que tomava tres ou

1. Jacó] yaço, yaco L. — 2. alhela: *a*) arraial, acampamento de gente de guerra; *por extensão* exército, *como* almahala *de que se falou na p. 72, nota 2.* *b*) tribu, *i. é, os*

quatro leguas de muitos aduares, muitos camelos, muito gado de toda sorte, groso e meudo. Com a fama da vinda de Mulei Naçar tão poderoso, algũas das cabildas das pazes se recolhêrão junto da cidade d'Azamor e Çafim com todos seus aduares, gados e molheres e filhos, favorecendo-se com os capitães e pedindo-lhe ajuda e favor pera se defenderem e empararem de Mulei Naçar, querendo ser mais vasalos e servidores d'el-rei noso senhor que sojeitos a Mulei Naçar. Era um destes xeques e senhores Jacó bem Gariba, e outras duas cabildas, de quem se tinha muita confiança por serem muito leais ao serviço d'el-rei noso senhor e serem em quem os capitães muito confiávão, érão as duas cabildas de Aubdá [1] e Algaravia.

Praticado o negocio antre Dom João de Meneses e Nuno Fernândez de Taide e Martim Afonso de Melo, capitão da torre ou fortaleza de Mazagão, e vendo o muito dano que os mouros de pazes receberíão e o pouco credito em que eles ficávão, leixando-os levar e apartar do serviço d'el-rei noso senhor, se detriminárão de os favorecer e dar batalha a Mulei Naçar; e tomando arrefens dos mais principais, pondo suas molheres e filhos em poder dos capitães d'Azamor e Çafim, se viérão ajuntar no campo d'Azamor, donde já Mulei Naçar era entrado. Juntos estes eicelentes capitães com toda a jente de cavalo que pudérão tirar d'Azamor e Çafim e Mazagão, a qual era a milhor e mais luzida e de mais fidalgos que se vio nos lugares d'alem, em que avia mil e trezentos e cincoenta de cavalo, cristãos, convem a saber, quinhentos de Çafim, cujo capitão era aquele valeroso Nuno Fernândez de Taide; Dom João de Meneses tirou d'Azamor oitocentos de cavalo, cristãos, entre os quais avia muitos e mui honrados fidalgos, cujo adail era o noso Fernão Caldeira, d'Arzila; Martim Afonso de Melo tirou de Mazagão perto de cincoenta de cavalo, de maneira que os cristãos érão mil e trezentos e cincoenta de cavalo, e os mouros de pazes que d'Azamor e Çafim vínhão em companhia dos nosos pasárão de oito mil, antre os quais avia Aubdá e Algaravia, duas cabildas avidas por mui leais, e asi Jacó bem Gariba, que suas molheres e filhos tinha dentro em Azamor. Pois juntos estes capitães com tanta e boa jente, com muito boa ordem abalárão pera onde soubérão que Mulei Naçar estava com toda sua alhela e arraial. Os capitães fizérão asentar seu arraial e os de pazes em a milhor ordem que pudérão; e tanto que alguns mouros de pazes se estendêrão e ouvérão vista da alhela e arraial

aduares que a compõem. Aduar, *que se menciona a seguir, é um grupo de tendas da população dos campos, formando povoação temporária: opõe-se-lhe o* adixar, *aldeia, povoação permanente, feita com materiais de construção. A alhela é, pois, formada de aduares, quer se trate de um exército, quer da população de uma tribu disseminada no seu território.*

1. Aubdá] Aubda B N L M. *Cremos errada a acentuação de* A, *como se vê da forma árabe e aljamiada:* Abda, Abda, Abida *em transcrição: o* u *representa a vocalização do* b.

de Mulei Naçar, ficárão espantados da grandeza dela e da multidão dos aduares, que parecia tomávão duas legoas de campo. Os capitães tendo muito boa enformação do arraial e jente de Mulei Naçar, por muitas espias que antre eles trazíão, e enformados muito bem do que devíão de fazer, se detriminárão virem [1] em batalha com eles; e porque não érão bem confiados em alguns dos mouros de pazes, asentárão que, avendo de vir em batalha, rompesem os mouros primeiro, e Dom João com duas batalhas da sua jente os favorecese, e Nuno Fernândez com sua jente estivese sempre quedo sem pelejar, porque alguns mouros não ousasem fazer roindade. Com este asento e concerto, ao outro dia pola menhã, que foi sesta feira d'Endoenças do ano de mil e quinhentos e catorze, os nosos, asi mouros como cristãos, se pusérão todos a cavalo, e ordenadas suas batalhas Dom João apartou a Fernão Caldeira seu adail com cento de cavalo e deu outros tantos a Martim Afonso de Melo; e ao adail Fernão Caldeira mandou que favorecese ao Jacó bem Gariba, que diante dele avia de dar em os mouros ou travar escaramuça; e com esta ordem se fôrão chegando aos imigos, os quais já estávão todos a cavalo com mais de quinze mil alarves; e Mulei Naçar, por favorecer os alarves, mandou dous mil de cavalo fecís [2], e mil bèsteiros e espingardeiros, todos granadins, que por antre os de cavalo fizesem o mais dano que pudesem, e com esta ordem se viérão ajuntar uns e outros; mas como Jacó bem Gariba se apartase com mais de quinhentos de cavalo seus, começou travar escaramuça com os alarves da outra parte e pouco a pouco veio a crecer, acodindo da parte de Mulei Naçar tantos que muitos dos nosos alarves acodírão, de maneira que foi necesario aos capitães darem licença ás cabildas pera entrarem na escaramuça mais d'ametade deles, e sendo já travada da parte de Mulei Naçar, não ficávão senão tres bandeiras inteiras, convem a saber, ũa de Mequinez e a de Tedola e a de Çalé; e vendo Dom João a cousa travada, mandou dizer a Nuno Fernândez se lhe parecia tempo pera romper, que a ele lh'o parecia pera dar com sua jente nas batalhas, pois os alarves todos érão mesturados. Nuno Fernândez, tanto que ouvio o recado de Dom João, respondeo: «Dizei ao senhor Dom João que já tarda, que me parece que deve de dar e logo, e que me dê licença que eu darei pola outra parte, e que não é tempo de leixar pasar o dia». Como Dom João teve este recado, mandou logo a Fernão Caldeira, seu adail, que, tomando alguns dos fidalgos, dése e rompese a batalha do alcaide Latar de Tedola, e a Martim Afonso de Melo pusese sua bandeira com a de Çalé, e ele Dom João com obra de seiscentos cavaleiros, cristãos, tomando um grande batalhão de mouros de pazes, pasando polos da escaramuça e polos bèsteiros e espingardeiros

1. virem] verem A. — 2. fecís: *i. é*, de Féz; feçis feçis A; fieis B N M.

de pé, que vendo a detriminação de Dom João se quisérão recolher ás batalhas, mas não pudérão porque a nosa bandeira foi logo junta da de Mulei Naçar; mas não pode ser com tanta presteza, pola ordem que os nosos levávão, que os mouros de pazes não desem todos primeiro e diante dos nosos; mas como Dom João chegou com sua batalha, em que levava mais de mil de cavalo com alguns dos mouros principais que fez ficar junto de si, logo a de Mulei Naçar foi aberta e rota e os espingardeiros e bèsteiros desemparados, porque já ao alcaide Latar de Tedola tinha dado e roto Fernão Caldeira, adail. Neste tempo, os alarves, tanto que vírão as batalhas rotas, não curando mais da escaramuça, se pusérão em fojida caminho [1] de seus aduares e alhela, donde se pusérão em defensa de suas molheres e filhos, dizendo que por força os trazíão ali. Os nosos mouros de pazes, tanto que vírão o desbarate, os seguírão até as tendas e alhela, onde se detivérão roubando e recolhendo o muito despojo que ouve, por ser seu, e esta detença foi causa da vitoria não ser muito mór; e vendo-se Dom João no alcanço sem os mouros das pazes, se foi detendo, não deixando espalhar os seus, não confiando na ficada dos mouros; e porque Nuno Fernândez, posto que tãobem deu com sua jente nos do campo, lhe viérão cair os de pé nas balsas [2], donde polos de Çafim e alarves fôrão todos mortos, e seguindo o alcance, vendo que os mouros de pazes ficávão roubando, não querendo que deles saise algum desmancho, se leixou ir em corpo, por não dar azo que, vendo-os ir derramados e sem ordem, fizesem algũa roindade. Foi causa esta detença da morte de muitos fidalgos, que neste alcance morrêrão, os quais, como vírão os mouros rotos e postos em desbarate, se pusérão no alcanço com cinco ou seis guiões, indo Aires Télez dizendo: «Até Féz, apesar dos mouros»; e seguindo estes fidalgos asi o alcance, se metêrão tanto antre os mouros que, vendo-os sós, fizérão volta sobre eles, e pelejando como bons cavaleiros fôrão todos mortos em dia de tamanha vitoria, entre os quais morrêrão muitos sobrinhos de Dom João, especialmente Dom Garcia, filho do conde de Cantanhede, seu irmão; de maneira que falecêrão neste dia por seu desmancho vinte e sete fidalgos e outros corenta homens dos seus e dalguns dos moradores d'Azamor, de que Dom João foi tão triste e anojado, depois que o soube, que, tanto que tornou a Azamor, não saio mais de casa, nem se ergueo de ũa cama, até que faleceo, não querendo ver ninguem [3].

Dizem que sabendo el-rei Dom Manoel esta grande vitoria, e asi a morte de tão honrados fidalgos e a tristeza de Dom João, o mandou visitar com palavras de eicelente principe, mandando-lhe titulo de conde d'Alja-

1. da escaramuça se posérão em fojida caminho] *f.* A. *Foi evidentemente um* lapsus calami. — 2. balças] lanças B N L M. — 3. *Continuam assim* B N L M: que com o nojo teve lugar a sua doença de malenconia de reinar nele até o acabar.

zur, a qual visitação o tomou na cama [1], e a ela fez um vilancete e trovas, que ândão no cancioneiro português, que dizem:-

«Tirai-vos lá desenganos
não venhais
a tempo que não prestais.» [2]

Esta memoria quís escrever brevemente por muitas vezes a ouvir contar a Fernão Caldeira em Arzila, e a Inacio Nûnez, lingoa d'el-rei noso senhor, que nesta batalha se achou, sendo moço e paje de Martim Afonso de Melo, capitão da fortaleza de Mazagão, a qual batalha se deu quinze legoas d'Azamor, onde se chama a fonte de Bolião: iso fiz polo costume que levo d'escrever algũa cousa asinalada, se no ano aconteceo.

CAPITULO II

No qual se côntão duas almogaverias que na entrada deste ano de catorze se fizérão

Muito bem sei que da ordem que levo ei saido, pois ficando de contar sómente as cousas d'Arzila e esas as de meu tempo, saltei um salto de sesenta legoas que ha d'Arzila a Azamor; mas por ser esta tão asinalada batalha feita e alcançada por capitão que foi d'Arzila e adail d'Arzila, e por ser este ano de catorze a morte de tão eicelente capitão, como Dom João de Meneses, a pus em memoria, e asi entendo fazer de algũas cousas asinaladas deste tempo e as pôr no principio e entrada de cada um ano dos que ouver d'escrever; e agora tornarei a Arzila, e contarei o de que for lembrado que em o tempo que Dom João Coutinho governou e teve a capitania da vila d'Arzila, que foi em janeiro do ano de mil e quinhentos e catorze, não côntando outros quatro ou cinco meses que [ele ficou por capitão] [3], em tanto que o conde de Borba seu pai foi á tomada d'Azamor, como fica apontado no ano atrás.

Sendo o conde de Borba embarcado e partido pera Portugal, leixando a condesa sua molher e filhas em Arzila, e asi Dom Bernardo seu filho, o conde Dom João seu filho foi logo obedecido com muita alegria dos moradores, por sua muita umanidade e nobreza, as quais cousas até [a]gora [4] não tenho visto, nem lido, as ouvese juntas em homem e capitão,

1. *Continuam assim* B N L M: já muito doente, e em si sentia alguns sinais de morte; e a reposta que deu a tantas mercês e consolações d'el-rei fez aquele vilancete que nas suas obras anda no cancioneiro geral. — 2. *Garcia de Resende, Cancioneiro geral, I, p. 132-3 (ed. de Stuttgart).* — 3. [ele ficou por capitão] *f.* A: *todo o parágrafo f.* B N L M. — 4. [a] *f.* A.

sómente neste ilustre conde, que tudo o que se requere a um bom homem e cavaleiro teve, e muito mais a um eicelente capitão, como em seu tempo muitos podem dizer. Tanto que os alcaides nosos vezinhos soubérão como o conde de Borba era embarcado, cada um per si mandou logo visitar ao capitão novo e tratar a ordem que se avia de ter nas cafilas e outros recados d'alfaqueques, o que se asentou como milhor lhes pareceo, que viesem e fosem as cafilas seguras, porem que as cafilas grandes, em que viesem vinte mouros ou dahi pera cima, em tanto que estivesem na vila não pudese correr jente grosa; o capitão tirou este partido pera que nestes dias os da vila pudesem aver proveito em se darem guardas largas e montes, mas o alcaide contraminou este ardil, e, sempre que vínhão cafilas grandes, as partia em duas e em tres e mais, não deixando vir em nenhũa mais de dezanove mouros, e asi nunca tinhamos dia seguro, senão quando o alcaide queria alargar as cafilas; mas sempre que as cafilas vínhão tinhamos novas e muitos avisos, asi deles como de muitos mercadores cristãos e judeus que nelas vínhão, ou por muitas vezes virem nelas cristãos cativos, ou pesoas que os capitães lá mandávão, com os quais avisos os da vila se aproveitávão do campo, ou se guardávão; não deixávão porem de correr almogavares da ũa e da outra parte, especialmente Arroaz, cavaleiro ousado e atrevido do Farrobo, que já neste tempo dava muito trabalho a Arzila e Tanjere, correndo-lhes muitas vezes e cativando muitas atalaias e outras pesoas com ardis, metendo-se em lugares de muito risco, donde mais dano nos podia fazer; e desta maneira se veio um dia mesturar com o adail Fernão Galego, como jente que se vinha recolhendo, e vendo tempo lhe ficárão dous moços e um de cavalo nas mãos. Os d'Alcacere e Larache não deixávão de lhe fazer companhia, correndo e armando ás atalaias na Atalaia Alta ou na Ruiva, lugares pera seus saltos e entradas mais seguros.

Neste tempo, á entrada deste ano, Pero de Meneses e Gonçalo Vaz não leixárão de ir fora a entrar com almogavares, de maneira que Gonçalo Vaz, entrando polo pé .... [1] da outra parte de Benagorfate, veio a sair ao pé d'Agoní, sem ser visto nem sentido; e como os mouros tivesem as bocas de Capanes e Benamares atalhadas e seguras, achárão o campo largo de muitos lavradores e gado, e correndo a medo, por verem o campo tão desmandado, fizérão ũa boa presa de mais de cento e cincoenta bois d'arado e cinco mouras e dous mouros, e tomando lingoa recolhêrão um bom fato de gado meudo; e pola boca de Capanes saio ao noso campo, e chegando á vila foi do capitão muito bem recebido, por ser a primeira de seu tempo e em principio de sua capitania.

Pero de Meneses, como era homem sesudo e calado, desimulando esta presa de Gonçalo Vaz, por ser grande e de proveito, não pode estar

1. ...] *em branco em* A L; entrando da outra parte B N M.

que não pedise licença pera ir fora, e avendo-a se foi com vinte cinco de cavalo a meter dentro da serra d'Alião [1], donde Jorje Vieira era quando se perdeo; e saindo ao campo d'Algarrafa fez outra presa, de que não ouve enveja a Gonçalo Vaz, porque tomou quatro mouros e mais de cem cabeças de gado vacum, e leixou mais de mil de gado meudo, asi por ser inverno, como por os mouros darem nova que cide Zião, xeque de Benabiziquer, era pasado ao Farrobo com sesenta de cavalo; e dizíão que ia alçado ou fojido d'el-rei, e com esta nova Pero de Meneses se recolheo a muito bom recado, mandando todavia um de cavalo, que se chamava João Rodríguez o Tojo [2], que trabalhase por chegar á vila, e dando recado ao capitão o saise a favorecer d'Almenara, duas legoas d'Arzila, o que o capitão fez sem rebate, por não averem os que com ele saisem parte do trabalho e risco que Pero de Meneses avia pasado, mas quando o capitão chegou a Almenara já Pero de Meneses era no Furadouro com todo seu gado e presa; e chegado Pero de Meneses á vila lhe foi posto demanda polos que fôrão com o capitão, dizendo que tínhão parte da presa, polos irem a favorecer, mas o capitão como magnifico atalhou esta deferença, dando-lhes meia duzia de bois que antre todos repartisem, e dahi por diante fez lei que em todas as almogaverias e corridas, avendo repique ou rebate, todos os que saisem ao rebate ou repique ouvesem igoal parte: esta lei se guardou sempre, verdade é que sempre se tirava ũa boa parte pera os almogavares, como quem mais trabalho e risco corria e pasava.

CAPITULO III

Em que se conta o desbarate do porto das Pedras feito e alcançado polo conde Dom João Coutinho

Destes mouros, que Pero de Meneses tomou, soube o capitão Dom João Coutinho como no Farrobo era vindo o xeque de Benabiziquer, muito parente do alcaide d'Alcacere, o qual vinha muito agravado de Mulei Naçar, irmão d'el-rei de Féz; e a rezão de seu agravo era porque este xeque, que cide Zião Alcocé [3] avia nome, criara dous poldros irmãos, os quais saírão muito grandes e fermosos cavalos, e á fama deles Mulei Naçar lh'os mandara pedir, mas cide Zião se escusou de lh'os dar, dizendo que ele o servia na fronteira dos cristãos, e que neles espe-

1. Alião] Liam A: *na p. 96, l. 33, é* Aliom. — 2. o Tojo] Torrão A; *f.* N; *como no texto* B L M. *Assim tambem era* A *no cap. a seguir.* — 3. Alcocé] Alaroce L; Alarose B N M. *A forma de* L *parece ser a mais correcta. O xeque era próximo parente do alcaide de Alcácer: ora Talha Laroce se clama em* L, *Talha Laróz em* A *o alcaide de Alcácer que foi feito prisioneiro pelo conde de Borba. Veja-se p. 101, l. 18.*

rava de fazer muita guerra; e sobre estes recados pasárão alguns dias, mas, como Mulei Naçar era muito cruel e aspero, cide Zião se quís afastar destes enfadamentos, e tomando os dous cavalos, dos quais era um deles Ruço Rodado e outro Amame, e [com] [1] muitos parentes e amigos se veio ao Farrobo, mostrando que dali queria fazer aos cristãos a guerra, e que por iso lhe não dava os cavalos.

O conde, como teve esta nova e aviso, esperou que lhe correse ou armase com almogavares, e logo lhe armou indo-lhe esperar alguns dias; e sabendo que avia corrido a Tanjere duas vezes, lhe pareceo esperava por almogavares d'Arzila, detriminou de lhe armar; e praticado o negocio com os principais da vila, em que avia muitos e mui honrados cavaleiros, e asi com os almocadens Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, mandou dar ás trombetas e se foi lançar junto do Farrobo, ao penedo que está ao pé d'Almeida, e apartando a Gonçalo Vaz com dezoito de cavalo, lhe mandou que correse Arrehana, ũa das aldeas do Farrobo; o qual se foi meter em outro penedo que está em a ribeira dos Aloendros, que é um corrego dentro da serra, lugar e parte donde pudese ser sentido, como o foi; e como foi dia craro, vio polo pé d'Aljebila vir a jente que o vinha atalhar e tomar na cilada, e como as guardas levárão recado que érão almogavares entrados e tão perto, os quís vir tomar na cilada; mas como Gonçalo Vaz, que sobre aviso estava, os vio, saio da cilada, tornando-se a sair como homens que saíão fojindo; mas tanto que fôrão vistos da serra e das aldeas d'Aljebila e do Farrobo, levantando grande grita, dérão rebate a cide Zião, que por encubertas vinha demandar a ribeira; e tanto que cide Zião sentio que os nosos almogavares se saíão ou fojíão, como homens afoutos e que sabíão tínhão os alcaides no Castelejo, junto da ribeira do Farrobo e muito perto de si, sem nenhũa ordem nem regra, viérão demandar a ribeira, a qual os nosos pasárão sem contenda; mas como fôrão na varzia e começárão a sobir Almeida, posto que Gonçalo Vaz quisera vir de vagar, polos trazer junto de si e os meter antre o conde e a vila, os mouros lhe não dérão ese vagar, porque cide Zião com o favor dos alcaides, vendo diante todos os seus, que pasávão de oitenta de cavalo, chegou a eles em cima de um dos cavalos da contenda, e lhes deu tanta présa que os fez apartar mais do que quisérão, de maneira que, quando fôrão em Almeida, Luís Machado, criado do conde, por lhe cansar o cavalo, vinha bradando por volta, dizendo: «Volta companheiros, que me perco»; a cujos brados o conde Dom João, que diante dos seus estava, saio e pondo a lança em cide Zião o lançou fora da sela muito mal ferido, pasando-lhe ũa saia de malha de ũa parte a outra, e logo o seu cavalo Ruço Rodado ficou antre os nosos, e asi o fez o Amame, em que um sobrinho seu vinha, que logo foi morto e pasado de muitas lançadas, e asi

1. [com] *f.* A.

o fôrão outros seis dos de cide Zião, de maneira que logo em Almeida ficárão seis mortos e dois vivos, um o xeque cide Zião e outro dos seus, e logo os nosos tomárão lingoa e soubérão como os alcaides estávão ao longo da ribeira e no Castelejo.

Com esta nova tão acelerada, o conde Dom João não seguio o alcance, que certo estava que até a ribeira derribara os mais deles; e como teve a nova dá jente estar tão perto, recolhendo os seus, se começou de recolher caminho do Pedregal, por ser o mais perto caminho, o que não pode fazer sem contenda, porque alguns dos mouros, que se lançárão pera o Castelejo, por se acolherem á jente dos alcaides, tras os quais fôrão cinco de cavalo, os quais íão tão embebidos tras os mouros que fôrão dar com a jente, que já vinha com rebate, e caindo-lhes nas mãos fôrão logo os dous mortos e os outros dous cativos: os cativos fôrão João Coelho o velho e Gômez Soárez, irmão de João Soárez, o clerigo, e marido de Lianor Álvarez, que oje é viva e tem ũa mercearia na sé de Lisboa, das d'el-rei Dom Afonso o quarto; os mortos João Rodríguez o Tojo e outro.

Um caso aconteceo dino de escrever: um destes cinco, João Coelho o moço, sobrinho do alcaide-mór Estêvão Coelho, o qual vindo fojindo e a jente após ele, chegando um mouro de cavalo a ele se lançou fóra da sela, por que o não alancease, pois já chegara a ele; e sendo em pé com a lança na mão, lhe dise o mouro: «Arme almizerac» [1], que quer dizer: «Deita a lança e não te matarão»: ele respondeo que como cavaleiro o não matase; o mouro lhe tornou que não ouvese medo. O João Coelho remesou a lança por ũa ladeira abaixo; o mouro, vendo-o sem lança, saltou logo do cavalo e, chegando a ele, lhe tomou o barrete da cabeça e a espada da cinta, e leixando o cavalo junto do cristão correo a tomar a lança. O João Coelho, como homem acordado, se lançou em cima do cavalo do mouro e pondo-lhe as pernas se alongou dos que já chegávão; e não podendo tomar o caminho d'Almeida, donde o conde era, se veio ao longo da ribeira do Farrobo e veio demandar a Darbufez [2], e polas Aldeas se veio á vila, o qual não soube dar mais nova do conde do que ele vio, que era ver perder os quatro companheiros e ver muita jente, os quais vínhão demandar ao conde com duas ou tres bandeiras.

Esta nova meteo em muita revolta toda a vila, acodindo toda a jente [homens] [3] e molheres á porta da vila, como é costume quererem saber ás portas as novas do campo, pois por elas ha d'entrar na vila [4]. A condesa velha e suas filhas, e asi a condesa nova, Dona Isabel, com as mais das honradas se fôrão á igreja de Sam Bertolameu e ordenárão ũa solene pro-

1. arme almizerac: *significa só* deita (fora) a lança. — 2. Darbufez] Darbu A. — 3. [homens] *f.* A. — Acodindo todos asi homens como molheres B N L M. — 4. pois por elas ha d'entrar na vila] *(a jente que anda fora) f.* B N L M.

cisão, rogando a Noso Senhor Deos e a Santa Maria os guardase e lhes dése vitoria; não tardou muito que não fizesem sinal, e era Francisco do Rego que com dous homens de pé trazia o mouro cativo, o qual o conde mandou diante á vila; e, logo que o entregou á porta, se tornou com outros outo ou dez de cavalo que na vila ficárão, ou doentes ou mancos, os quais ainda chegárão a tempo de se acharem na peleja, por ser muito perto da vila, como logo se dirá.

E tornando aos alcaides, que no Castilejo estávão, o qual Castilejo está ao pé d'Almeida, junto da ribeira do Farrobo, tão perto do conde que não ha um quarto de legoa, os quais, tanto que de João Coelho tomárão lingoa e soubérão que tinhão o conde com a jente d'Arzila tão perto, encaminhando sua jente e bandeiras, o viérão demandar, parecendo-lhes que aquele dia o tinhão nas mãos, mas Noso Senhor o ordenou ao contrairo do que eles cuidávão; mas primeiro contarei a causa de como estes alcaides se ajuntárão e por acerto se achárão neste lugar. Fica dito e apontado como cide Zião, pesoa principal e primo do alcaide Laróz, se foi ao Farrobo muito agravado, mostrando que no Farrobo, como lugar da fronteira, servia a seu Mafoma e seu rei, e por mostrar a Mulei Naçar, que com muita jente de cavalo e de pé ia sobre os mouros de pazes da Enxouvia e da Duquela, junto d'Azamor e Çafim, e que pera fazer a guerra aos cristãos criava e tinha os milhores cavalos que podia aver: pois os alcaides d'Alcacere e o de Jazem, seus parentes e amigos, tratárão com el-rei e com Mulei Naçar o mandase tornar a sua casa e cargo, o que eles concedêrão; e com este recado os alcaides d'Alcacere e Jazem detriminárão de se ajuntar com cide Zião e correrem a Tanjere e Arzila e o acompanharem até Benabiziquer, tres legoas acima d'Algarrafa, pola ribeira da Ponte acima; e pasando polo pé d'Algarrafa viérão aquela noite dormir á ribeira do Farrobo, caminho dereito de Tanjere, donde eles detreminárão correr ao outro dia. Aquela noite tivérão ali e de todas aquelas serras de Benahamede e Benarróz lhes acodio muita jente [1]; e aquela menhã tinhão novecentos ou mil de cavalo, afora oitenta do Farrobo e d'Arraihana e Benamares.

Os alcaides com esta jente viérão demandar o conde Dom João a mais andar e o alcançárão antre o Pedregal e Almesus [2], mas, como chegárão e alguns derramados começárão d'arremesar algũas lanças, o capitão, não tendo conta com estes derramados, e que sem cabeça se metião antre os nosos, fez andar os seus em boa ordem, mandando ao adail Fernão Galego que com corenta ou corenta e cinco de cavalo fizese caminho, vindo diante, por que os derramados não lhe fizesem fazer algũa detença; e pondo-se ele com o guião na traseira com outros cincoenta de

1. Aquela noite... muita jente] aquela noite tiverão de todas aquelas serras de Beheneamede e Behnaroz L; *f.* B N M. — 2. Almesus] Alemacus B N M; Alemasus L.

cavalo, mandou a Artur Rodríguez com a bandeira vir no meio, mas, como vise que os que com ele vínhão todos queríão ficar de trás, e que levava muito trabalho em os fazer andar, trocou os lugares com o adail, fazendo-o ficar na treseira e ele se pasou á dianteira, mandando ao adail que nenhũa conta tivese com mouro derramado; e desta maneira andárão mais rijo, que quando as bandeiras chegárão érão dentro do Pedregal. Os alcaides, como tivérão sua jente e bandeiras junta, e vendo a ordem que o conde trazia, recolhêrão os derramados e se fizérão em tres batalhas, e, pondo-se ás ilhargas da nosa jente, se deixárão vir sem os acometerem, parecendo-lhe ao conde que, por ser terra algũa cousa apertada, o leixávão de fazer, ou o leixávão pera o pasar da ribeira do Amame, por ser a varzia muito larga da ũa parte e da outra; deixando o caminho do Amame tomou o do porto das Pedras, por ser terra mais apertada, e desta maneira chegou ao porto das Pedras sem serem acometidos; mas o cide Zião, que muito mal ferido vinha de tres lançadas, em cima de ũa azemela do conde, e um homem de pé que o vinha tendo, tanto que á fonte do Pedregal vio as bandeiras e jente derredor da nosa, pedio ũa pouca d'agoa que se desmaiava, e como a présa era muita e lhe não acodisem senão com ũa borracha de vinho, á qual não quís sómente tomar na mão, por não quebrar sua religião ou seita, enxemplo pera todo fiel cristão, que por piqueno bioco ou interese fazem mil mudanças em sua consciencia e alma: pois cide Zião, ou por causa das feridas, ou por ver a jente e bandeiras tão perto de si, se leixou desmaiar de todo, e não se podendo ter em cima da azemela se deixava cair, fazendo nisto algũa pequena detença. Soube o conde o que era e tornando a bandeira onde ele ia e vendo que com trabalho o trazíão, bradou que o alanceasem, e logo no meio do caminho do Pedregal foi alanceado e pasado de muitas lançadas e o leixárão nele, que foi grande magoa aos alcaides e jente que logo se pusérão ao derredor dele; ainda que vírão morto e alanceado cide Zião não fizérão por iso outro movimento, senão leixar-se vir até o porto donde ao conde parecia que avia de pegar com eles, e até que a ele chegase detriminava de não pelejar com eles, mas os mouros entendendo-o, ou polo tomarem no caminho d'Alecasapo [1], terra muito larga, o leixárão pasar sem nenhũa contenda; e visto polo conde como lhe dávão o porto, chamando por Pero Jusarte, espingardeiro de cavalo, e por outros cinco ou seis bèsteiros e espingardeiros, os fez pôr sobre o porto e, leixando o adail junto deles, pasou o porto das Pedras, pasando sua bandeira diante, e trás ele pasou o adail; mas, como os nosos fôrão pasados, os mouros, sem ordem nem concerto, se lançárão ao porto, e uns per cima de outros pasárão todos derrador dos nosos; e como [a]hi [2] fôrão parecíão abelhas em os arremesarem e cercarem por todas partes, e sua detriminação era

1. Alecasapo] Alecaçapo B N L M. — 2. [a] *f.* A.

trazerem-nos cansados por aquelas ladeiras acima até o caminho, que por ser terra muito larga s'aproveitarĩão milhor e os nosos porĩão em desbarato, pois era muito perto da vila; e o conde entendendo-os se leixou estar quedo no meio da ladeira que vem do porto das Pedras pera cima, a ver o que eles detreminávão; e vendo que os já pasados e que as bandeiras estávão em ordem, preguntou aos seus o que lhes parecia. O alcaide-mór Estêvão Coelho, como bom e acordado cavaleiro que era, dise: «Ah senhor, que fazemos, que agora é tempo, e não espereis que se mêtão em ordem». O conde vendo as palavras do alcaide-mór dise: «Senhores e amigos, oulhai por mim e não dígão que, como o conde meu pai deixou de ser capitão, não fomos pera os desbaratar; e olhai que aveis de dar conta de dous filhos que vos leixou ha um mês, e não vos peço senão que façais o que eles fizerem», e dizendo: «Santiago»! e: «Ajuntai esta bandeira com as duas» que ainda vínhão juntas, deu d'esporas ao cavalo, o que não pode fazer tão cedo que Dom Bernardo Coutinho seu irmão não fose o primeiro que entrou na batalha, e travesando-se-lhe um mouro de ũa saia de malha, o pasou de ũa parte á outra, e foi ele o primeiro que pôs lança em mouro, e junto com ele Pero López Mualho, morador da vila, que tendo metido a lança em outro lhe dérão tres ou quatro lançadas, de que veio ferido; mas como o conde e bandeira com todos os mais dérão em cheio, e não ouve algum que não derribase e pusese lança em mouro, os levárão por a ladeira abaixo até darem com eles na varzia, donde muitos caírão nas caldeiras que na varzia ha, e logo se começárão a derramar ao longo da ribeira, donde muitos deixando os cavalos se metêrão nela, e os mais, como não fôrão trás eles, se salvárão caminho d'Alecasapo e do porto do Amame; mas os alcaides com as bandeiras e a mais da jente ao porto que chamamos das Pedras, por uns caneiros antigos de pedras movediças que nele ha, mas como o porto era estreito e a jente muita e os nosos que os apertávão, muitos mouros morrêrão nele, e outros, leixando os cavalos na agoa, se deitávão ao rio; e como neste instante o conde Dom João estivese dentro no porto, e fose o primeiro que quisese pasar a ribeira e fizese por trepar pola barranca acima, donde estávão muitos mouros defendendo o porto e recolhendo os seus, entre os quais era o alcaide d'Alcacere, que muito mancebo e valente cavaleiro era, o qual, vendo ao conde na barranca e que fazia por pasar á outra parte, lhe pôs a lança nos peitos com tanta força que, levando-o por cima das ancas do cavalo, deu com ele na agoa; mas como junto com ele se achase Cristóvão da Fonseca, seu veador, o levou logo nos braços e o tornou a pôr a cavalo, apesar de muitas lanças que na barranca estávão, com as quais já Dom Bernardo Coutinho estava aos botes, estando junto dele muitos cavaleiros e criados do conde de Borba, como Estêvão Coelho, alcaide-mór, Francisco do Soveral, Pero Godinho, Pero López, escrivão; mas como o conde foi posto a cavalo e se pôs

diante todos, logo os que defendíão o porto lhe fizérão lugar, porque os alcaides, vendo-se sós, e que a jente, não tendo conta com eles, os desemparávão e se púnhão em salvo, fizérão outro tanto, os quais o conde seguio até pasar a Caniceira, donde alcançárão o cavalo que levava os atabales, polos quais até oje se chama o porto dos Atambores; e vendo que o campo se ia alargando e os mouros érão espalhados, e que muitos dos nosos ficávão embaraçados com alguns mouros vivos que tínhão tomado, e outros que ao longo da ribeira andávão á calçada com muitos que a ela se lançárão por escapar, dos quais alguns se afogárão e outros se salvárão, e indo o conde com sómente trinta de cavalo, junto do Pedregal, indo mais de cento e cincoenta com as bandeiras, Pero López d'Azevedo, morador da vila e muito parente do conde, o fez deter, dizendo-lhe que se contentase com a mercê que Deos lhe tinha feita em lhe dar tamanha vitoria; e trazendo os adais d'Alcacere e de Jazem se tornou ao porto dos Atambores, e fazendo-os sobir no mesmo cavalo tirou do corrego alguns mouros, e ali se juntárão muitos dos nosos que contra o Amame seguírão os mouros que pera aquela parte se lançárão, e depois se veio ao longo da ribeira, mandando primeiro esta tão boa nova á vila, com a qual foi muito alegre, dando muitas graças a Deos por tamanha vitoria e em tempo tão desejada.

Pois não avendo mais que fazer e não parecendo mouro algum, o conde Dom João fez juntar os mouros e cavalos, e asi muito despojo de capuzes, saias de malha e muitas adargas e lanças, e fazendo despojar todos os mortos, asi das armas como dos vestidos, pera a qual obra fôrão da vila muitos homens de pé, que despojárão os mortos, e junta toda a cavalgada se veio caminho da vila, donde o saírão a receber com ũa mui solene procisão, em a qual saírão todos os clerigos e cruzes da igreja de San Bertolameu e da Misericordia, por ainda neste tempo não aver mosteiro, nem outra algũa igreja na vila. Entrado com sua cavalgada, foi entregar a bandeira de noso senhor Jesu Cristo ao bem aventurado apostolo Santiago, e diante do altar-mór, tomando juramento a Estêvão Coelho, alcaide-mór, e a Fernão Mazcarenhas, seu amo, os fez quadrilheiros, e os mandou que fosem poer em recado a cavalgada com Alvaro Velho, que, como escrivão das cavalgadas, á porta do Albacar ficava recolhendo os cavalos, selas e todo o despojo. Fôrão os mouros que neste desbarate se tomárão vivos corenta e quatro mouros cativos, antre os quais ouve honrados cavaleiros, e neles vinha um mouro muito principal de Féz, dos xarifes, o qual vinha pasado de tres lançadas: este xarife comprou a condesa velha, e posto que vinha ferido á morte e era seguro pola cavalgada, era tanta a sua nobreza e umanidade que estava [1] sempre ás suas curas e em sua ante camara, tratando-o com muita umanidade

1. estava] estando A.

até ser são. Tãobem fôrão cativos os dous adais, o d'Alcacere e o de Jazem; fôrão mortos neste desbarate pasante de dozentos e cincoenta de cavalo; tomárão-se noventa e oito cavalos, os outros se salvárão, indo-se trás os que fojíão, por os nosos não irem trás eles. Érão os nosos cento e corenta ou cento e corenta e quatro de cavalo; os mouros afírmão que érão novecentos ou mais; os alcaides érão o alcaide d'Alcacere, cide Hamete Laroci [1], e o alcaide Alharte de Jazem, o alcaide Amim de Larache, ainda que este não levava jente, pola não ter, mais que os seus com que se achou em Alcacere sobre o negocio de cide Zião; e posto que dos nosos ouve alguns feridos não morreo mais que um mancebo, sobrinho de Francisco Gonçálvez Gamenho, que se achou afogado no rio, que pareceo vir a braços com algum mouro, e caindo na agoa se afogárão ambos. O conde usando de sua muita liberalidade, asi a este como aos outros quatro que naquele dia se perdêrão, dous cativos e dous mortos, mandou pagar os cavalos e dar suas partes, e dahi por diante ficou por lei que todos os que saíão da vila, ou chamados ou [com] [2] rebate, ouvesem suas partes, como de primeiro era [3] ordenança, e se usava, que o que não ajudava a meter a cavalgada na vila não levava parte: verdadeiramente parecia contra rezão e justiça que ficando um companheiro cativo ou morto perdese sua parte: pareceo esta ordenança, que o conde fez, justa e razoada, que depois de todas as perdas pagas ájão suas partes igoalmente, asi os vivos como os que morrêrão ou cativárão por tomar a presa ou fazer a cavalgada. Ouve nestes cavalos muitos e mui estremados jinetes das pesoas dos alcaides Laroce [e] [4] Alharte, dos quais o conde se proveo pera sua pesoa, e doutros [5] que mandou a Portugal a el-rei noso senhor e ao conde seu pai; os dous cavalos da contenda avida ouve Diogo do Soveral, almoxarife d'Arzila, por dar por eles tanto preço quanto agora valem dous rocins não muito bons, que sómente por serem grandes e mouriscos e de boas cores valíão muito dinheiro, e ele os ouve por pouco mais de cem cruzados, valendo no tempo em que estamos muitos centos de cruzados: estes fôrão causa de custar a vida a cide Zião, cujos fôrão; não é d'espantar porque daquele tempo a este, em que estamos, em tudo ha a mesma deferença, como parece polos preços tão excesivos que oje ha. Diogo do Soveral trouxe estes dous tão afamados cavalos a Portugal, e o Amame deu a el-rei Dom Manoel, e o Ruço Rodado deu a Dom Nuno Manoel, por naquele tempo ser senhor de Salvaterra, e ele ter certos moios [6] em Coruche.

Levei isto tanto ao cabo por apousentar estes dous cavalos, que fôrão

1. Hamete Laroci *era filho de* Talha Laróz; *deles se fala nas pp. 42-44 e 101.* Laróz, Laroci e Laroce, *que ocorre algumas linhas adiante, são o mesmo nome. Sempre* Laroce *em* L; *os outros mss. alteram este nome.* — 2. [com] *f.* A. — 3. era] fose A. — 4. [e] *f.* A. — 5. doutros] asi outros B N L M. — 6. moios: *isto é,* moios de terra. *Veja-se Viterbo, Elucidario, s. v.*

causa da morte de quem os criou, e quiçais do desbarate do porto das Pedras, de que á terra nomeada ficou: o qual aconteceo em dia da catedra de Sam Pedro, que cai a vinte dous dias de fevereiro, do dito ano de mil e quinhentos e catorze, e logo aos vinte quatro dias do bem aventurado Sam Matias se fez·ũa muito solene e devota procisão, levando todos os corenta e quatro mouros nela, e diante todos íão os dous adais d'Alcacere e de Jazem, com suas saias de malha vestidas e suas adargas e espadas na mão, e antre eles íão os quatro atambores que se tomárão, indo os moços tanjendo neles; e asi como a procisão ia polas ruas, asi ia desparando toda a artelharia cada um dos baluartes por sua ordem, e este costume ficou até o despejo da vila, fazendo-se por aquele dia da catedra de São Pedro ũa solene procisão por lembrança daquele dia. Pois acabada aquela procisão, o conde se pôs a vender os mouros, e acabados de vender se vendêrão os cavalos, donde ouve muitas alças, e asi se vendeo todo o despojo; pagas as perdas se repartio por igoais partes, de maneira que todos ouvérão o seu.

Não é pera leixar de se contar um caso notavel do cavalo em que João Coelho escapou, o qual era ruão e argel; á fama de muito lijeiro o comprou um Francisco Colaço, atalaia, o qual ũa menhã estando-o alimpando á sua porta se lhe soltou das mãos e, dando algũas carreiras polo terreiro, tomou pola porta da Ribeira, e a praia na mão pasou o Rio Doce; e posto que logo todalas atalaias saírão fora e o adail mandou descobrir e deu lugar o fosem buscar e fôrão até a ribeira do Farrobo, e dahi tomase pola boca de Benamares, nunca o pudérão tomar, que, como ia em oso e se punha a comer, tanto que chegávão a ele tornava a rinchar de novo, de maneira que se meteo com os mouros, e asi, depois de salvar um cristão, se tornou pera seu dono.

CAPITULO IV

Em que se conta como depois do desbarate do porto das Pedras os alcaides se juntárão e tornárão a Arzila e do pouco dano que fizérão

Muitas cousas se pasárão logo trás este desbarate, que se pudérão escrever, mas como o tempo se pasa tãobem, não é muito que fiquem algũas delas por contar, sómente aquelas que antre nós outros são lembradas contarei. Logo ao outro dia que este desbarate do porto das Pedras pasou, se deu um bravo rebate que ás atalaias [fez] [1] estarem curtas e a boiada andar no vale do Facho. Pareceo que os

1. [fez] *f. em todos os mss.*

alcaides, tornando-se a ajuntar, queríão mostrar não ficarem de todo quebrados, mas não foi asi, porque o rebate era a dous mouros de cavalo que os alcaides mandárão com seu recado ao conde e saber os que érão vivos. Fôrão estes dous mouros de cavalo bem recebidos do conde e falando com os mouros cativos os levárão em rol; e posto que o conde lhes deu seguro, que podíão vir ou mandar polos mortos, por ser tão perto da vila, o não fizérão; os mouros fôrão bem contentes do conde por lhes dar a cada um seu capuz de pano azul.

A vila se melhorou e creceo em jente de cavalo, melhorando-se os moradores em bons cavalos; e á fama do conde fôrão servir a Arzila muitos fidalgos e fronteiros, com os quais em pouco tempo fôrão dozentos e cincoenta de cavalo, aos quais os alcaides nosos vezinhos receávão de nos vir correr; mas por nos mostrarem que não ficávão quebrados, tornando a ajuntar sua jente nos viérão correr todos tres alcaides, trazendo mil e quinhentos de cavalo; e saindo de Tendefe se viérão a pôr com suas bandeiras no tabuleiro do Facho, sem fazerem [1] outro dano, por virem mais por se mostrar e parecer que queríão pegar com o conde que não matar ou tomar ũa atalaia; mas o conde, deixando-os pasear á sua vontade, se leixou estar á tranqueira de Baixo e esperou que entrasem a pegar com ele; mas lembrando-lhe que naquela tranqueira avia o conde seu pai morto dez ou doze mouros nas barbas d'el-rei de Féz, o dia que Dom Diogo Coutinho morreo no adro, como já fica apontado, não querendo entrar se recolhêrão; e depois desta corrida se tornárão a ajuntar com Barraxe e Almenderim e armárão ao conde com almogavares, ũa das oitavas de Pascoa florida, e cativárão ũa atalaia, que João Machado avia nome; e vendo que não avia desmancho, e que o campo andava recolhido, se mostrárão, correndo Barraxe e Almenderim pola parte do Rio Doce, e eles alcaides pola Atalaia Ruiva, e sem outro dano se fôrão. Com estas duas corridas favorecêrão as serras e os almogavares, os quais nos corrêrão algũas vezes, em que levárão algũas atalaias; e com isto pasarei a ũa aldea que o conde tomou junto d'Alcacere Quebir em companhia de Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere.

1. fazerem] fazer A.

CAPITULO V

Em que se conta a tomada d'Almazcar [1], junto d'Alcacere Quebir, por o conde Dom João e por Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere

Depois destas cousas apontadas e a vila favorecida com mais de dozentos de cavalo, sómente moradores, e outros muitos fronteiros e fidalgos, que em suas pesoas e criados avia outros cincoenta, de maneira que a bandeira d'Arzila tirou pera este feito, que entendo de contar, dozentos e cincoenta de cavalo, e ordenou-se desta maneira. Fôrão tomados quatro mouros na ribeira da Ponte, dous de pé e dous de cavalo, os quais Pero de Meneses, como almocadem sabedor e manhoso, falsando os guardas, deu com eles ao longo da ribeira com vinte de cavalo; e achando-os carregados de saveis e salvando-se alguns na ribeira da Ponte, ficárão quatro mouros nas mãos e dous cavalos, e carregando os dous cavalos de saveis e os companheiros as cevadeiras, posto que érão fora do tempo, por ser no mês de junho, se viérão á vila; e como estes quatro mouros falasem todos por ũa boca, dizendo os alcaides estarem todos em suas casas, e afirmarem a nova e desbarate de Mulei Naçar em Azamor, e como estava em Tedola, donde os alcaides o fôrão ver e visitar; parecendo ao conde que era tempo aparelhado pera poder entrar, pois tinha tanta e tão honrada jente, mandou logo aquela noite dous de cavalo a Tanjere, pasando-os por [2] Tagadarte, pedindo a Dom Duarte de Meneses, pois avia tão boa ocasião e tão boa nova, viese logo ao outro dia pera ambos entrarem ao campo de Alcacere Quebir, o que Dom Duarte logo concedeo, por já antes estarem concertados; e mandando dar ás trombetas se veio logo caminho de Tagadarte, donde por barcas pasou o rio e veio amanhecer á vila, donde se ajuntárão quinhentos de cavalo, convem a saber, de Tanjere e Arzila; e tanto que a bespera foi tanjida, os capitães e bandeiras e jente saírão pola porta da vila e, tomando o caminho d'Almenara, fôrão cear antes da noite perto da ribeira de Taliconte, donde esperárão um pedaço da noite; mas como Pero de Meneses vio oras deu a andar, guiando-[o]s [3] a um porto secreto da ribeira da Ponte, e pasada a ribeira sem serem sentidos, pasárão aquela grande varzia de duas legoas que ha da ribeira da Ponte á ribeira da Pontinha, e entrando no grande campo d'Alcacere dérão em amanhecendo sobre ũa aldea grande, chamada Almazcar, junto d'Alcacere Quebir, a qual, posto que

1. Almazcar] Almascar L; Almastar B N M. — 2. pasando-os por] apando-os a A; *f.* B N M. — 3. [o] *f.* A.

estivese asentada em terra chã, junto das casas ha um corrego de grande arvoredo e silvado, donde muitos, tanto que sentírão o rebate, se acolhêrão, e outros, avendo os cavalos e egoas ás mãos, se pusérão em sàlvo; e a causa de tomarem o rebate ante tempo foi a jente de Tanjere que, como sempre é sua a dianteira, por serem ospedes, fôrão fazendo mais grita e matinada do que a guerra requere; e rodeada a aldea e saqueadas as casas, fôrão mortos na defensa delas mais de vinte mouros, e tomados cativos noventa e seis almas, homens e molheres e crianças; e tirado das casas e currais muito infindo gado, groso e meudo, se começárão a recolher, vindo demandar a estrada d'Alcacere; mas como esta aldea d'Almazcar está pouco mais de meia legoa d'Alcacere, e o rebate fose logo asi em Alcacere, como por outras aldeas, que ao derredor estão, a jente começou a acodir e recrecer, de maneira que, quando chegárão ao corrego da Pontinha, o alcaide trazia mais de quinhentos de cavalo.

Os capitães, parecendo-lhe bem, alargárão todo o gado meudo, o qual era tanto que impedia o andar do gado vacum, e tãobem porque neste tempo avia grandes ervaçais e cardais, que da estrada não podíão sair. Da leixada deste gado meudo fizérão os mouros muito grande matinada, dizendo que de medo o alargávão, mas não que por iso ousasem apegar com os nosos; ainda que como fôrão na varzia se começárão a espalhar, ficando sómente com o alcaide um batalhão de dozentos de cavalo, e os mais se chegárão a tom d'arremesar, especialmente á pasada do ribeiro [1] da Pontinha, a que eles chãmão Oim. Os capitães ordenárão que, por o gado ser muito, os mouros o viesem tanjendo e as molheres e crianças viesem em cima das egoas e asnos, de que avia mais de cento, e os adais cada um com sua parte de jente e seu guião com cincoenta de cavalo viesem em corpo, um da parte dereita e outro da ezquerda, e outros cento, de dous em dous, viesem tanjendo. Repartido o gado em magotes, os capitães com suas bandeiras, em que podia aver trezentos de cavalo, em dous corpos, se deixárão vir na traseira.

Vendo os mouros esta ordem que os capitães trazíão, logo se leixárão ficar; os capitães nesta ordem pasárão as duas legoas que são da Pontinha á Ponte Grande, de ũa larga e comprida varzia, em a qual se não pode esconder ũa pequena ave [2]; mas tanto que fôrão em vista da Ponte, alguns dos mouros, tomando um [troto] [3], pasárão adiante, e se abraçárão com a ribeira, parecendo que sua entenção era quererem tomar a Ponte, mas os capitães mandárão pasar á dianteira oito ou dez bèsteiros e espingardeiros de cavalo que antre os nosos avia; mas estes espalhados, que com tanta présa fôrão tomar a ribeira, não ousárão chegar á Ponte, á qual logo os capitães mandárão decer trinta ou corenta de cavalo, e com

1. ribeiro] rio L; *f. nos outros mss: talvez* ribeira, *como nos outros passos.* — 2. pequena ave] cotovia L. — 3. [troto] *em branco em* A; *f.* B N M.

muita présa toda a madeira e pedra, com que tapada a tínhão, foi toda lançada da ponte abaixo e desembaraçada da pedra com que já tínhão feita ũa muito grosa parede de pedra em soso: ficou ũa rua muito larga por onde toda a cavalgada pasou, sem impedimento algum; mas como a calma era muito grande, muitos dos nosos buscando por onde furasem o muito mato e silvado da ribeira, por buscar agoa e beberem, [fôrão causa] [1] que alguns dos mouros da cavalgada, com achaque de pedir agoa e beberem, se lançárão á ribeira, donde se alguns salvárão sem os poderem aver, por a ribeira ser muito forte e muito guardada e de muito grandes arvores e asi de grandes freixos, como aquela que depois que Arzila foi de cristãos nunca nela se cortou um pao. Os capitães pasárão a Ponte sem nenhum estorvo, porque os mouros espalhados, vendo ficar o alcaide, não ousárão pasar a ribeira, nem chegar a ela ou á Ponte, [e] [2] se tornárão pera o alcaide. Os capitães, vendo que pasárão a ponte sem nenhum contraste, se ouvérão por seguros, e bebendo e descansando um pouco começárão a caminhar sem mais aver mouro que pasase a ponte, nem parecese; soube-se depois que aquele dia se ajuntárão com o alcaide mais de oitocentas lanças, com as quais não ousou pasar, nem chegar á Ponte Grande, tanto [3] escarmentados ficárão do porto das Pedras. Os capitães trazendo a ordem que já apontei e o gado repartido em magotes, não leixando [4] de andar, mas, como o gado era muito e o campo por queimar, ouve muita detença, de maneira que andárão toda a noite e não chegárão á vila senão ao outro dia já menhã; e aquele dia se gastou em avaliar e partir as almas e o gado, e achárão noventa e seis almas e mil e quatrocentas cabeças de gado vacum, e corenta ou cincoenta egoas e poldros, e mais de um cento de asnos.

Já fica dito como esta aldea d'Almazcar é junto d'Alcacere Quebir e está em terra chã, e a mór força que tem é um corrego forte, donde alguns mouros e mouras se salvárão. Agora torno a afirmar o que muitas vezes ouvi. Era esta aldea tamanha e de tanta jente que avia nela cento e cincoenta casas, donde pudérão sair mais de quatrocentas almas; como o tempo que foi tomada era por São João, e já avia muitas eiras, ou por ser verão e dormirem nas eiras, ou por receio que tínhão dos cristãos, todos dormíão fora de suas casas, polo campo, asi nas segadas como nas eiras, e por esta causa, quando dérão nas casas, se não tomárão senão muito poucas almas; mas como pola menhã o rebate fose grande e o campo raso não se avíão por seguros nas camas, onde não parecíão, e querendo buscar outra mais segura guarda, érão vistos e alcançados dos nosos, pola qual causa os mais dos que se tomárão fôrão dos que se levantárão das suas camas. Os capitães, o dia que fôrão em Arzila, gastárão em partir

1. [fôrão causa] *f. em todos os mss.* — 2. [e] *f.* A. — 3. tanto] tão B N L M. *Assim tambem adiante, p. 135, l. 2.* — 4. leixando: *por* leixávão.

almas e gado e o mais da cavalgada, e logo ao outro dia pola menhã Dom Duarte se partio levando ametade da cavalgada e indo polo porto d'Alfeixe, sendo primeiro descuberto e atalhado noso campo, o qual pasou á serra do porto d'Alfeixe, sem nenhum empedimento; a qual cavalgada foi partida polo meio, não sendo os de Tanjere tantos como os nosos, e sempre que os capitães se ajuntávão sua era a milhor parte, asi por serem ospedes, como polo saberem requerer e deitarem sempre mão do milhor. Eles chegárão com sua cavalgada a suas casas. O conde fez vender e partir a sua, ficando a vila muito bem provida e bastecida de muitos mouros e mouras e gado, asi vacum como meudo, mas não tardou muito que não pagasemos este contentamento com os mouros nos levarem todo o noso gado, sem ficar vaca nem cabra, como logo se verá.

CAPITULO VI

Em que se conta como el-rei de Féz armou á boiada d'Arzila e a levou toda, sem leixar boi, nem vaca, nem cabra

Muito prospero e contente estava o conde Dom João em o principio de sua capitania por ter muita jente de cavalo, asi dos moradores como dos fronteiros, e com o suceso do desbarate do porto das Pedras e tomada d'Almazcar, e outras muitas almogaverias, que cada dia se fazíão por Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, de maneira que um só alcaide dos nosos vezinhos nos não ousava correr só, posto que o d'Alcacere ajuntase mil de cavalo e o de Jazem outro tanto; e com esta fraqueza que el-rei de Féz sentia em nosos vezinhos, como guerreiro e imigo de cristãos, deceo abaixo com tanta presteza e resguardo que não se soube de sua vinda, nem os alcaides o soubérão, senão quando foi no noso campo, donde todos os alcaides se viérão ajuntar com ele; e praticada a maneira pera nos fazer o mór dano que pudesem, se detriminárão de nos armar á boiada e nô-la tomarem se pudesem, o que logo pusérão por obra, por terem muito bem espiado e sabido como a boiada d'Arzila ia os domingos fora, sem atalaias; e pera se milhor entender direi a ordem que se tinha naquele tempo.

Era costume em os domingos pola menhã sair o adail, e o descobridor corria o valo do Facho até as Pontinhas, e cerradas as tranqueiras se levantava o facho, e andava do Facho a dentro até a tarde, que as atalaias tornávão a sair e descobríão o Corvo e a Ruiva e Bugano, e parecia que estava a boiada segura, pois andava dentro dos valos. Tendo el-rei de Féz este aviso, detreminou de lhe armar, e pera este ardil veio abaixo, como ei já apontado, e entrando se veio lançar em Bugano e por toda

a varzia do Corvo um domingo do mês de setembro ante-menhã, mandando meter jente de pé ao longo do valo pera que, tanto que o descobridor tornase, leixando o valo seguro, o rompesem, pera a jente de cavalo poder pasar sem empedimento, o que muito bem pudérão fazer, por não aver deles sentimento; mas como ao meio dia fizese calma, e a boiada, com descuido dos boieiros que no Facho estávão comendo, se começase a alargar e decer ao vale, com muito pouco ou nenhum trabalho foi logo rodeada da jente de pé, que, como tivesem o valo roto e aberto, foi pasada da outra parte, donde foi logo rodeada da jente d'el-rei, que, como saise ao primeiro apupo do facheiro, foi logo desta parte do Facho e as lombas dele cubertas de jente e bandeiras, estendendo-se até as tranqueiras de Baixo, donde tãobem recolhêrão e levárão tres fatos de cabras, que ao derrador da vinha do Alcaide-mór andávão, um da condesa velha e outro do capitão e outro dos moradores, de maneira barrêrão todo o gado da vila que não ficou boi, nem vaca, nem cabra, sómente seis ou sete reses de Pero Afonso Homem, que em um cerrado seu andávão apartadas da boiada. Neste dia de tanta perda não matárão, nem cativárão pesoa algũa, porque o facheiro e vaqueiros, que no Facho estávão, vendo os mouros de pé antre o gado e as lombas do Corvo cubertas de jente, dando com o facho em terra se pusérão em salvo, por o caminho do Facho ser cerrado de fortes valos, e asi o fizérão os pastores ou cabreiros, que, vendo os mouros junto de si, se lançárão ao chão do Conde, donde ficárão salvos.

Dado o rebate e repicando, o conde e jente saindo ao repique, tudo foi um, mas não prestou nada, porque já se não vio senão muita infinda jente ao derrador do Facho e sobre as Pontinhas, de maneira que todas aquelas lombas érão cubertas deles; mas como as bombardas começasem a lançar polas bocas aquele espeso fumo e nele o fruito costumado, dando aqueles temerosos bramidos, não tão sómente desempárárão o Facho, mas todas as lombas ficárão despejadas deles, que, como não avia mais que fazer e o ardil lhes saio tanto a seu preposito, el-rei e os alcaides se retirárão defronte das bombardas e se pusérão nas lombas do Corvo, donde se pusérão em ala, e dando vista ao conde, que ao Facho se foi, esperou que todo o gado, que pouco avia que fora noso e já era seu, pasase o porto d'Alemoquique; o conde, tanto que vio o Facho despejado das bandeiras e jente, se foi a ele, donde vio toda a mais jente e conheceo que era el-rei em pesoa, pola muita jente que vio, a qual apodárão em cinco ou seis mil de cavalo. O conde se leixou estar no Facho até toda a jente ter pasada a ribeira d'Alemoquique e de Bugano, caminho dereito do Xercão; e vendo o dano ser sem remedio, com muito desgosto e descontentamento se recolheo e se veio asentar no terreiro, antre todos os fronteiros e moradores, donde praticando na perda recebida pasárão muitas cousas e praticas, e dando muitas rezões cada um como milhor

lhe pareceo. Nesta pratica, eu me lembro ouvir ao conde Dom João dizer que, se os mouros lhe pegárão na boiada ás tranqueiras, ou em parte donde o vira, folgara de pegar e travar com os mouros e fazer por lh'a tirar e defender, mas que jurava que sabendo que na tal tirada lhe avíão de matar alguns moradores, o que não podia leixar de ser, e tirando-lh'a lhe avia de custar seis ou oito ou dez moradores, que muito mais lhe pesara com a morte dos moradores que com a perda da boiada, porque as vacas e bois e cabras se podíão cobrar, o que não podia ser dos mortos, e que lhes lembrava que todos aqueles bois e vacas e outros muitos avíão tomado aos mouros, e que em parte estávão donde esperava em Deos se tornaríão a encher de gado, e portanto folgasem e fosem alegres e contentes, pois aquele dia não avia naquela vila molher veuva, nem filhos sem pai: palavras certo de eicelente e umano capitão.

O gado que el-rei de Féz este domingo levou d'Arzila pasava de oitocentas cabeças de gado groso e mil de meudo. Aos tres dias depois do gado levado se tornou ũa vaca em busca de seu filho, que lhe ficou em casa, a qual vaca era de Alvaro Díaz, ferreiro, e a mesma que ei apontado, que o conde de Borba lhe fez dela mercê por duas ferraduras que lhe fez á sua vontade. Deste dia por diante nunca mais se tomou o Facho aos domingos e dias santos até dita a misa, nem a boiada saio fora sem as atalaias terem tomado o Corvo e a Ruiva e o mar; ficando por costume que, como a Ruiva era descuberta e segura, o facheiro levantava ũa bandeira e o do sino dava cinco badaladas, que era o sinal a que saise a boiada; era de notar ter o gado tanto conhecimento que ouvindo as cinco badaladas, logo estava em pé o que estava deitado e começava a balar [1], que se não ouvíão no terreiro [2]; e por isto não se terá em muito o que tão pubrico é de como ao rebate no campo ou bombardas ou apupos se recolhe o gado com tanta présa, como que entendese que o querem recolher, vindo-se correndo caminho das tranqueiras ou da vila.

CAPITULO VII

De como o conde Dom João e Dom Duarte, capitão de Tanjere, se ajuntárão e fôrão correr ao soco [3] de Benarróz

Muita perda e dano recebeo toda a vila em ficar sem gado, asi pola falta da carne, como polo leite, que como os mais ou todos moradores temos cada um sua vaca de leite, o qual é muita ajuda a quem o tem, por todos os anos virem paridas e se ordenharem duas vezes

1. começava a balar] berravã *(berrava?)* L; *f.* B N M. — 2. que se não ouvíão *(as pessoas que estavam?)* no terreiro] *f.* B N M. — 3. soco] campo B N L M.

ao dia, menhã e tarde; mas não pode o conde sofrer que a vila estivese muito tempo sem gado, porque, tanto que teve boa nova e soube como el-rei era em Féz e os alcaides em suas casas, mandou pedir a Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, se juntase com ele e irem correr o soco [1] de Benarróz, o que Dom Duarte fez de boa vontade; e, saindo de Tanjere e pasando o porto d'Alfeixe, se veio ajuntar com o conde na boca de Benamares, junto do Castelejo, ante-menhã, e logo ouvérão seu conselho [pera irem] [2] os adais e almocadens diante, os quais érão Pero de Meneses e Gonçalo Vaz e Francisco de Meneses, almocadem de Tanjere, e pesoa honrada, e todos asentárão de correr de fora e entrar pola boca de Benarróz dentro; e porque não podia leixar d'aver rebate e grande, pola corrida ser muito comprida e por antre serras e aldeas, que os dianteiros, que avíão de ser os guiões, não pasasem até chegarem ao soco de Benarróz, e porêm não ouvese desmando, nem saisem da ordem das guias, que érão os almocadens já apontados.

Asentada a ordem se fôrão meter na Ribeira Grande de Benahamede, donde esperárão que fose alto dia; e, por estarem muito dentro e podíão ser sentidos e o ardil desfeito, como foi ũa ora de sol, a jente arrincou, e tomando a boca se começárão a estender; mas como o caminho era pedregoso e de serra, primeiro que chegasem ao campo, fizérão muita detença, a qual toda lhe fora boa por não ser a este tempo o soco junto, antes os de Tanjere, que dianteiros érão, vendo a grande grita que já avia e algum pouco gado polas fraldas das serras, que pera se ajuntar ao soco ia, se detivérão nele; de maneira que, fazendo mais detença do que era necesario, alguns, que já érão no lugar do soco, tivérão lugar de se salvar, mas não de maneira que não ficasem cativos e mortos mais de vinte mouros e dozentas cabeças de gado groso, e muito meudo, o qual logo Pero de Meneses fez alargar, e, não com menos présa da entrada, fez recolher, parecendo mais fojir que recolher, o que tudo foi necesario, por serem ũa legoa dentro; e recolhendo o gado tomado, tornárão a demandar a boca, a qual muitos mouros de pé vínhão demandar, e érão tantos e com tanta grita que todas as serras retumbavão, e por muita présa que os capitães e almocadens dérão, já achárão mais de mil mouros de pé, mas, como o recolher foi com muita présa, os mouros não pudérão tomar um corrego ou ribeiro, donde cuidávão que podíão fazer algum dano; ajudou muito mandarem os capitães a Gonçalo Vaz com os bèsteiros e espingardeiros diante, que, fazendo muito dano nos mouros, lhes não dérão lugar a tomarem o ribeiro, mas todavia ouve alguns cavalos arremesados de lanças d'arremeso; mas os capitães, dando présa, saírão ao longo da Ribeira Grande e por ela com menos trabalho saírão ao campo de Benaha-

1. soco] çoco L: *é a forma correcta; em* A *ás vezes assim. Vocábulo árabe que significa* mercado, feira: *deu em português* açougue, *com sentido restrito.* — 2. [pera irem] *f.* A L.

mede; e vendo-se os capitães fora das bocas e no campo, dérão muitas graças a Deos por averem entrado duas legoas por serras e terra tanto riscosa e de tanto perigo, e com sua cavalgada, sem receberem dano, sómente alguns cavalos mancos e feridos, se viérão a descançar ao Castelejo, donde ha muitas e boas agoas. E partidos os mouros, que fôrão quinze ou dezaseis, e algũas eguas e asnos, os levou Dom Duarte, e o gado ficou na vila pola falta que avia de bois e vacas, de maneira que ficando o gado todo em Arzila todos os mouros e o mais foi a Tanjere; e levantados do Castelejo, donde se teve ũa pouca de folga, Dom Duarte com sua jente e bandeira tomárão por Darbufez, caminho de Tanjere, pasando a serra do porto d'Alfeixe; e sendo Dom Duarte despedido, o conde se veio com todo o gado caminho da vila, vindo demandar o Pedregal e o porto do Amame. Este concerto ordenárão os capitães pola falta que em Arzila avia de gado, o qual gado se vendeo muito bem e a vila se começou a remedear de vacas e bois. Afirmávão que se a corrida fora mais tarde, que o soco estivera cheio de jente, se fizera grande presa, ainda que desta vez os nosos não chegárão a ele pola muita detença que fizérão em recolherem algum gado que polas fraldas das serras achárão; e posto que algũas almogaverias se fizérão na fim deste ano de catorze, em que Gonçalo Vaz trouxe algum pouco de gado, por se não contarem tão meudamente com o que está contado deste ano, pasarei, Deos querendo, ao de quinze, em o qual foi aquela tão asinalada perda da Mamora, em a qual este reino perdeo muita jente e muita artelharia, da qual brevemente direi o acostumado, que é fazer na entrada do ano memoria do que nele pasou, e isto não fazendo impidimento aos que muito milhor o saberão contar.

CAPITULO VIII

Em que se faz menção como neste ano foi o [feito] [1] da Mamora, donde tanta perda este reino recebeo

El-rei Dom Manoel, que santa gloria aja, vendo-se posto no mais alto estado dos reis seus antepasados, asi em muitos filhos, como em estados e riqueza, parecendo-lhe que oito lugares que, apesar dos reis de Féz e Marrocos, tinha na costa d'Africa era pouco, querendo mostrar a grandeza de seu animo, e por opremir e apertar os mouros e aos reis de Féz, detriminou de mandar fazer ũa fortaleza e lugar dentro daquele grão rio da Mamora, que pasa por junto da grande cidade de Féz, donde os seus fidalgos e cavaleiros, saindo daquela vila e fortaleza, cor-

1. [feito] *f.* A. *Assim tambem na p. 69, l. 10.*

resem a terra, roubando-a e atalhando-a até junto de Miquinez, cidade insigne e grande daquele reino, a qual está dez legoas de Féz; e com esta detreminação mandou fazer prestes ũa grosa armada de muita jente e de muitos navios, grandes e piquenos, em que entrávão muitas caravelas taforeas; e asi mandou fazer ũa vila de madeira cerrada com seus baluartes e torres necesarios, pera que dentro dela se pudese armar e fazer ũa vila de pedra e cal muito forte, pera a qual mandou levar muitos navios carregados de cal e cantaria, e por capitão desta obra nomeou a Dom Antonio de Noronha, que depois foi conde de Linhares, irmão do marquês de Vila Real; e tudo feito, e ordenado seu alardo, em o qual se achou pasarem de doze mil homens e alguns de cavalo que fidalgos levávão pera derrador da fortaleza descobrirem e verem o necesario, — e tendo bom tempo se fizérão á vela do rio de Lisboa, aos vinte dias do mês de junho do ano de mil e quinhentos e quinze anos, e aos vinte e quatro, que foi dia do bem aventurado São João Bautista, fôrão amanhecer sobre a barra e rio da Mamora; e tanto que a maré veio, o piloto-mór, que era Estêvão Rodríguez Berrio, com outros pilotos foi ver e sondar [1] a barra, e achando-a muito larga e alta, posto que em algũas voltas pondo sinais por onde era o canal e donde se avíão de guardar, começou a armada de entrar, de maneira que sem aver risco toda foi dentro no rio, e por chegarem a ele em dia de Sam João posérão [2] nome á vila de São João, e logo o capitão-mór mandou ver e considerar o lugar e asento donde a vila se fundase e se fizese; e por a boca da barra ser area a começárão asentar polo rio dentro, um grão pedaço ao longo do rio, em ũa varzia, donde ũa ladeira vinha acabar, a qual saia de um alto e redondo outeiro, e asi ele como toda a ladeira era cheio de muita pedra, e destas ladeiras saem [3] ũas fontes de muito boa agoa, e por se aproveitarem desta agoa e pedra a começárão a fundar em aquele lugar, por lhes parecer mais soficiente a vila ficar asentada.

E asentada sua vila de madeira, dentro dela se começárão a abrir os alicerces da vila Sam João, e começou a crecer a obra e muros da dita vila; mas como alguns mouros alarves viérão á fala dos nosos, e outros, que tãobem na vila se lançárão, disérão que aquele lugar era alagadiço e as cheias cobríão todas aquelas varzias, e sómente as cheias a avíão d'alagar e fundir, sem el-rei de Féz trabalhar por os lançar fora, o capitão Dom Antonio, tendo este aviso, ouve seu conselho, em o qual asentárão [4] que quando ouvese cheia e o rio saise da madre seria já o muro tão alto que poderia defender a agoa não lhes fazer dano, e que da vila á ponta da ladeira era tão perto que com ũa alta calçada se podíão aproveitar da terra e do campo; e com este parecer procedêrão com sua obra adiante,

1. sondar] soldar A. — 2. posérão] puserão L. — 3. saem] saião B N L M. — 4. asentárão] se asentarão A; se asentou B N M.

mas como logo Mulei Naçar, irmão d'el-rei de Féz, chegase com muita jente, e cada dia crecese seu arraial de jente de cavalo e de pé, detriminou de os apertar e pôr em necesidade, como os pôs, e asentando seu arraial ao pé daquelas ladeiras, donde avia muita agoa, e mandando pedir a el-rei seu irmão lhe mandase toda a artelharia e jente que pudese, o que logo el-rei fez, mandando a todos os alcaides e cavaleiros se viesem a seu irmão, e asi lhe mandou a mestre João, artilheiro, português, que com ele era lançado, com muita artelharia, da que ele mestre João tinha feito, e asi lhe mandou a espera que d'Arzila tinha levado; e tanto que mestre João chegou com a artelharia, Mulei Naçar mandou pôr a espera ao longo do rio, no mais estreito e donde mais dano fizese aos navios que entrávão e saíão, de maneira que não entrava nem saia navio que não fose arrombado oú metido no fundo; e pera remedear este dano mandárão fortalecer ũa nao de muita madeira e pôr-lhe muita artelharia, que sempre estivese defronte da estancia da espera ás bombardadas, e favorecese os navios que pasávão; a outra artelharia mais meuda, e alguns tiros de ferro que lançávão grandes pelouros de pedra, pusérão [os mouros] [1] na ponta da ladeira sobre ũa barranca, da qual senhoreava toda a vila, de maneira que [os nosos] [2] não érão senhores de andar dentro na vila, nem servir á obra, que não recebesem muito dano, matando-os e ferindo-os com as bombardas e espingardas e béstas, e tolhendo-lhe a pedra e a agoa, que érão as mais necesarias cousas que avíão mester.

O capitão Dom Antonio, vendo o muito dano que das estancias recebia [qu]e [3] sobre a barranca estávão, avendo conselho [4] que as fosem desfazer e tomar a artelharia que nelas estava, — isto asentado, ao outro dia, que foi dia da Madanela, aos vinte dous dias do mês de julho, mandou dar nas estancias, o qual cargo deu a .... [5], que por capitão de quatro mil homens e muitas bandeiras de soldados [foi; e] [6] saírão [7] da vila, e sobindo a barranca se apoderárão das estancias e bombardas com morte de muitos mouros, dos que por guarda delas estávão; mas como nunca cristãos guárdão a ordem de seus capitães, nem se contêntão com fazer o que podem, não se contentando de destroirem aquelas estancias, e trazerem ou quebrarem ou cravarem a artelharia, de que tanto dano recebíão, se não [8] quisérão ir tomar a espera, que estava um grande tiro de bombarda da vila, e com esta detriminação começárão a caminhar pera a espera, indo ao longo do rio; mas como os mouros fosem muitos, asi de

1. [os mouros] *f.* A. — 2. [os nosos] *f. em todos os mss.* — 3. [qu] *f. em todos os ms.* — 4. vendo ... avendo conselho] vendo o muito dano que recebia dest..... [*ilegivel*] avendo seu conselho L; vendo o muito dano que recebia destas estancias asentou em conselho B N M. — 5. ...] *em branco em* A L. *Goes tambem não dá o nome do capitão.* — 6. [foi; e] *f. em todos os mss.* — 7. mandou dar nas estancias ... saírão] mandou dar nas estancias com quatro mil homens que saírão B N M. — 8. se não: *i. é*, se não que; *f.* B N M.

cavalo como de pé, e viesem por cima das ladeiras, ficando-lhe os nosos ao pé delas, os começárão a carregar de tantas pedradas e lanças d'arremeso que desatinados os fizérão tornar acima; mas como já a este tempo a jente de cavalo era muita, e desem neles e os rompesem, desordenadas as bandeiras e batalhas dos nosos se pusérão em desbarato, deitando-se polas ladeiras abaixo com tanta desordem que uns se metíão polas lanças e piques dos outros. Vendo os mouros esta desordem carregárão com tanta furia que, posto que a artelharia da vila os sacudia, não prestou, que os mais se não perdesem, de maneira que dizem que de quatro mil homens, que saírão fora, se perdêrão mais d'ametade.

O capitão Dom Antonio fez saber esta perda a el-rei Dom Manoel, com a mais enformação que da vila e da terra tinha; el-rei Dom Manoel, vendo o negocio da fortaleza ou vila não lhe sair como lhe parecia, mandou recado a Dom Antonio que, tornando-se a embarcar com a milhor ordem que pudese, alargase a vila e se recolhese aos navios e se viese ao reino, o que Dom Antonio fez, que, embarcando toda a artelharia dia de Sam Lourenço, se recolheo aos navios, e vindo a maré se começárão a sair do rio, o que não se pode fazer sem que recebesem muito dano dos mouros, que, vendo-os recolher, apertárão de maneira que muitos matárão em terra; e a espera meteo alguns navios no fundo, e outros se perdêrão, dando uns polos outros, de maneira que enjenhou outro segundo desbarato. Dom Antonio com o resto da armada, que da vila saio, se veio ao reino, donde d'el-rei recebido e consolado foi deitando a culpa do suceso á fortuna e ao tempo, que não a ele: os mouros recolhêrão muito despojo e muitos cativos, e algũa artelharia que dos navios perdidos tirárão, e desta vitoria ficou Mulei Naçar contente e soberbo.

CAPITULO IX

Em que se conta a tomada de Tintaix, junto d'Alcacere Quebir, que o conde Dom João Coutinho tomou

Leixando as mais particularidades que neste feito da Mamora acontecêrão [1] aos que nele se achárão e aos que milhor que eu o saberão contar, me tornarei a Arzila, a contar o que nela este ano aconteceo, pois o feito da Mamora não foi pera mais que pera fazer menção como foi neste ano de mil e quinhentos e quinze anos. O conde Dom João, como nesta entrada do ano de quinze ainda estivese falto de gado e desejoso de tornar a encher a vila dele, tanto que teve boa nova detriminou

1. acontecêrão] aconteceo A L.

ir tomar ũa aldea muito junto d'Alcacere Quebir, por nome Tintaix, a qual aldea está antre Almazcar e Alcacere, cidade grande, donde dela e doutras aldeas saem trezentos e quatrocentos de cavalo com o primeiro rebate; e com esta rezão foi ordenado que na aldea se dése de noute, e colhendo o que se pudese tomar fizesem por vir amanhecer á ribeira da Ponte, por que, quando o alcaide acodise e os viese demandar, os achase já pasados a ribeira; e ordenado desta maneira, saio o conde da vila com sua bandeira e jente, em que avia perto de dozentos e cincoenta de cavalo, e tomando polo Furadouro d'Almenara fôrão cear a Taliconte; e parece que Deos noso senhor ordenou que, não avendo chovido senão pouca agoa, aquela tarde começou a chover e cair agoa dos ceos, de tal maneira que em toda a noite não escampou, não chuiva ordenaria, mas parecia que as frestas dos ceos érão abertas pera lançarem agoa sobre a terra e sobre os nosos, que no campo érão; e caindo a agoa da maneira que digo, Pero de Meneses fez andar nosa jente, e chegando ao porto d'Algarrafa o achárão sem gota d'agoa, de que fôrão muito contentes, e pasando-o sem nenhum impedimento dérão a andar dereitos a Alcacere; e durando ainda a lũa, de que algũa craridade tínhão, chegárão á aldea, que ao longo dum forte ribeiro está asentada, sobre o qual ribeiro está um ingreme outeiro, o mais alto do campo d'Alcacere, em o qual não deixa d'aver riscos e pedregais, aonde algũas das casas estão arrimadas; e tanto que Pero de Meneses conheceo estar junto da aldea a fez rodear e decer cincoenta de cavalo, com os quais cometeo as casas, dando asi ele como os outros grandes gritas, mas a tormenta e chuiva e escoridão era tanta que nenhũa cousa se via, e ás apalpadelas se tomárão alguns mouros e mouras, que das casas saíão a ver o que era, e outros que dentro das casas se tomárão, de maneira que o conde, vendo-se tão perto d'Alcacere, e a agoa e tormenta sem comparação, temendo-se da ribeira encher e se embaraçar com a jente d'Alcacere, fez dar ás trombetas e recolher a jente, tirando da aldea cincoenta e cinco almas e mais de mil cabeças de gado vacum e algũas egoas e asnos e seis ou sete cavalos e poldros; mas a escoridão era tanta que os almocadens, desatinados da muita agoa e escoridão, encaminhávão com os rostos pera Alcacere; e estando Francisco do Soveral na traseira com o adail Fernão Galego, esperando polo cabo da jente, a Luís Valente, que um dos traseiros era, disérão, reprendendo-o, porque não andava, o qual, embaraçado, respondeo: «Pera donde que cá nos fica o noso caminho?» Logo Francisco do Soveral correo adiante, e caindo no erro fizérão volta, dizendo a Pero de Meneses e a Gonçalo Vaz que caminho levávão, e asi viérão caminho d'Algarrafa; mas como em amanhecendo pasasem um ribeiro ou esteiro que, quando o pasárão, ia seco, e agora ia fora da madre e dava polas acitaras [1], pôs ao conde em

1. acitara] acitarra A; citara B N L M.

muita confusão, e chamando a Pero de Meneses e a Gonçalo Vaz, com os principais da vila, ouvérão conselho se poderíão pasar a ribeira polo porto d'Algarrafa; e Pero López d'Azevedo e Francisco do Soveral e o alcaide-mór era seu parecer virem demandar a Ponte, mas Gonçalo Vaz e Pero de Meneses dizíão que [a ribeira d'] [1] Algarrafa vinha de muito lonje, e que não podia em tão pouco espaço trazer agoa que lhes tolhese a pasada; e com este parecer cometêrão de ir ao porto, mandando diante oito ou dez de cavalo que com muita présa visem a ribeira, os quais não tardárão muito que não tornárão, dizendo que ia por cima dos arvores e que era por demais cometê-la, nem ir ao porto.

Com esta nova, que a todos pôs espanto, leixando o caminho que levávão pera o porto d'Algarrafa, travesando polo meio da varzia, viérão demandar a Ponte com maior présa do que os cavalos e gado avíão mester, por trazerem por toda a varzia a agoa por meia perna, ou em cada barranco e atoleiro lhe ficar muito gado e alguns cavalos, de maneira que, sendo já dia, vínhão mais de trinta ou corenta dos nosos a pé, trazendo os cavalos polas redeas e outros ante o gado á vara; mas como alguns mouros chegasem, vindo já de repique, o conde se leixou ficar atrás, fazendo andar os cansados com o gado, e isto por que a jente d'Alcacere, que sobre as Pontinhas se ajuntava, vendo-o vir em corpo, não ousase pôr-se-lhe diante, ou lhe vir tomar a Ponte; mas como eles tínhão muito caminho que andar e a varzia levase tanta agoa e a chuiva não cesase, com a qual eles são muito acubiatos [2], por rezão dos seus trajos e armas, não ousárão acometer a varzia, e a principal rezão foi parecer-lhes que um só capitão não ousaria cometer feito tão quente, como tomar aldea junto d'Alcacere, que por rezão seríão os dous capitães, o de Tanjere e o d'Arzila; e com este parecer, posto que depois de ter a jente junta veio polo caminho da Ponte, veio tão largo que nunca ouve vista dos nosos, pola muita cerração e chuiva que fazia; mas como lhe fose a nova [não ser mais que ũa bandeira] [3] e que era a jente d'Arzila, e estes muito cansados, como aqueles que já lhe ficávão alguns cavalos, — a qual nova ouvérão desta maneira.

Alguns derramados, que aos nosos chegárão, que seríão até cento e cincoenta, ou dozentos, se pusérão espalhados derrador da cavalgada e da bandeira. Vinha antre os cansados um João Pírez, amo de Maria d'Azevedo, molher de Diogo do Soveral, o qual, trazendo o cavalo á vara, se leixou ficar um pouco fora do fio do gado, tanjendo o cavalo, que já não podia dar paso, mas logo foi cercado de sete ou oito mouros de cavalo que, vendo não fazer resistencia algũa, o não quisérão alancear, e dando-lhe as ancas as tomou e se afastárão com ele, sem lhe poderem

1. [a ribeira d] *f.* A. — 2. acubiatos] acubiados B N L M: *agoniados, enfadados. Não sabemos explicar este vocábulo* — 3. [não ser mais que ũa bandeira] *f.* A.

valer. Era este João Pírez um vilão tão desenjenhoso e desazado que nunca prestou pera outra cousa senão pera aquela que foi mostrar e delijentemente tomar as ancas. Este foi logo levado ao alcaide, e sabendo dele não ser mais que a jente d'Arzila, e que ficávão pola varzia mais de vinte cavalos, — esta nova animou ao alcaide a andar mais de présa; mas como tãobem a dita chuiva lhe fizese muito dano, quando fôrão á vista da Ponte já os nosos érão pasados, porque o conde e almocadens, não tendo conta com alguns cavalos cansados, nem com gado atolado, não deixou de andar até chegar á Ponte, a qual achárão descuberta, mas a ribeira vinha tão cheia que, sendo os olhos [da Ponte] [1] cheios, trasvertia por fora. Como o conde teve pasado sua cavalgada e jente, ficou tão contente que lhe pareceo não ter pasado nenhum trabalho, e desta parte da Ponte deu folga aos seus, e os cavalos e gado enchêrão as barrigas, e outro tanto fez o gado. O alcaide, sabendo ter o conde pasado a Ponte, não ousando ví-lo demandar, carregando polo caminho que os nosos trouvérão, recolheo muita parte do gado que caido e nos atoleiros ficou, e asi recolheo sete ou oito cavalos dos nosos que atolados e cansados ficárão, afora outros tres ou quatro alanceados, que seus donos, vendo que os não podíão trazer e que os avíão de leixar aos mouros, metêrão as lanças neles. O conde esteve á ponte d'Alcacere dando folga á jente e cavalos e gado até pasado o meio dia, por descansarem do trabalho pasado, que foi muito, por toda a noite andarem por atoleiros e escurana [1], que fazia andar duas vezes o caminho; mas vendo já os cavalos fartos de boa erva, dando ás trombetas, se pôs a cavalo, mandando ao adail diante com a cavalgada, e ele com os moradores da vila e sua bandeira se leixou vir em corpo; e não pudérão andar tanto que não se gastase aquele meio dia e toda a noite, de maneira que já menhã crara chegárão á vila, fazendo todavia tanta tormenta e agoa que todos vínhão como espantados. O gado ficou no adro, donde não ficou mouro na vila que o não fose ver, mais por conhecerem alguns bois ou vacas da vila que por outra cousa, e eu fui um deles.

Foi esta cavalgada de Tintaix muito nomeada, por ser feita tão perto d'Alcacere Quebir, e feita pola jente d'Arzila; viérão sómente nesta cavalgada cincoenta e cinco ou cincoenta e seis almas e mais de quinhentas reses, bois e vacas, as mais fermosas que se vírão, asi por serem criadas em aquele campo d'Alcacere, como polo mais dele ficar da outra parte da Ponte, como já ei apontado. Nesta cavalgada ficárão tres homens, um deles o João Pírez, vilão já dito, que os mouros derramados tomárão; os outros dous érão João Álvarez, pedreiro, e outro cujo nome m'esquece,

1. [da Ponte] *f.* A. — 2. escurana: *escuridão. Veja-se Viterbo, Elucidario, s. v. Em Gil Vicente ocorre* escurar: *em Candido de Figueiredo, Novo dicionário da lingua portuguesa.*

os quais, trazendo seus cavalos muito cansados, se vínhão ao longo da ribeira, por ser terra mais enxuta, e, como topasem um ribeiro ou esteiro de muita agoa, se embaraçárão de tal maneira que, leixando os cavalos, se metêrão na ribeira, donde se embaraçárão, de maneira que se não pudérão aver com a nosa jente; e tãobem podem dizer que se embrenhárão de medo, e estivérão todo aquele dia na ribeira, e a outra noite saírão e, vindo-se pera a vila, fôrão vistos da cafila, que d'Arzila ia, a qual ficou na vila ao tempo que o conde foi fora, mas tanto que tornou a leixou ir, e que levava nova dos cativos e quantos érão; estes mouros da cafila, vendo os dous cristãos a pé, parecendo-lhe serem cativos que vínhão fojidos d'Alcacere, apartando-se quatro ou cinco, fenjindo que érão crestadores, os tomárão e os levárão a Alcacere, dizendo que andando a crestar topárão com eles. Esta nova teve o conde, ou por os cativos lh'o mandarem dizer, ou por algum mouro lh'o descobrir; e tanto que veio cafila, o conde a deteve, e mandou dizer ao alcaide que lhe mandase os dous cristãos que fôrão tomados e levados da cafila, que, pois a cafila ia segura e não podia receber dano, nem agravo dos seus, tãobem era rezão que os seus o não recebesem dela. O alcaide, vendo a rezão que o conde tinha, lh'os mandou ambos, sendo tão roins vilãos que de medo se leixárão ficar; o conde repetio sobre os cavalos, mas como disérão que os deixárão alem da ribeira e eles fôrão tomados em Taurete, muito diferente um lugar do outro, o conde leixou de mais falar neles. Tomárão-se nesta tomada de Tintaix mouros e mouras honradas; meu pai ouve duas delas, ũa Axa Namecia e outra Bahota, que vendeo a Dom Pedro de Castro, conde de Monsanto, com duas filhas muito fermosas, que todas se fizérão cristãs e são pesoas honradas, e oje em dia vivas em casa de Dom Luís de Castro, filho erdeiro do dito conde de Monsanto.

CAPITULO X

Em que se conta como Fernão Caldeira foi cativo ũa sesta feira d'Endoenças e o mais de seu resgate

Por não levar enfiadas tantas meudezas d'almogaverias, pasando por algũas deste tempo, pasarei a ũa corrida que os mouros fizérão, depois da tomada de Tintaix, que por cativarem desta vez a Fernão Caldeira, pesoa tão principal e honrada, não tão sómente em Arzila, donde avia muitos anos que morava, e donde tinha sua molher e suas filhas, mas em todo este reino era o mais conhecido homem dele, por sei muita cavalaria e aspereza, e por aquela carta que um tão grande rei, como el-rei Dom João o segundo, por ele escreveo ao conde de Borba,

estando por capitão d'Arzila, encomendando-lhe que o tratase e favorecese por aver feito um feito de homem, como se mais craro pode ver na cronica do dito rei Dom João, donde esta carta e o mais está escrito [1]; — pois Fernão Caldeira, estando em Arzila e em sua casa, depois de ser vindo d'Azamor, depois da morte de Dom João de Meneses, e depois daquela tão asinalada batalha em que ele foi adail, como no ano de catorze ei apontado; — pois pasados todos os oficios que a santa madre igreja celebra com a semana santa no encerramento do Senhor até ser desencerrado á sesta feira, como era costume em Arzila, á quinta feira, pola menhã, dar-se guarda á erva, e meterem na vila um e dous caminhos [2] antes de entrarem [a]o [3] oficio, e recolhendo-se o capitão com toda a jente se entrava ao oficio; e, sendo encerrado o Senhor, se não abríão as portas, nem pesoa, nem boiada saia da vila, até o outro dia de sesta feira, á tarde [4], que o capitão com toda a jente saia a dar de comer á boiada, e a recolherem a mais erva que podíão, pera os dias da Pascoa escusarem sair fora, mandando as atalaias tão largas que os da erva e boiada não pudesem receber dano, ainda que os mouros estivesem pera lhe correr, como este dia estávão; — pois esta sesta feira d'Endoenças, sendo já oras de se dar a guarda acostumada, o capitão a mandou tanjer, e saindo mandou descobrir o Malhão de Tendefe e o rosto d'Alfomar e o Pereiral, atalaias acostumadas pera se dar a guarda em a varzia de Bugano. Fernão Caldeira, que um furão levava, desejando de matar um par de coelhos pera a Pascoa, se apartou do conde, caminho das Furnas, donde esteve esperando até ver as atalaias seguras, e vendo o Malhão descuberto, asi ele como Gonçalo Vaz, alfaqueque, que com ele era, fôrão a pé, e começando a tratar sua obra, que era foroar algũas covas, fôrão ter com eles outros dous ou tres de cavalo, que não ousando demandar a vila, íão demandar as Furnas; e dando-lhe o rebate se pôs logo a cavalo, mas foi já a tempo que os mouros se víão e cortávão da Ruiva pera o Facho, e vendo-se atalhados se lançárão polo caminho das Furnas abaixo, com entenção que, pasando o Cabo Branco e o rio de Çael, pudesem tomar o Soveral. Os mouros, que na Atalaia Alta estávão, vendo as atalaias que não pasávão do Malhão e que a guarda era em Bugano, saírão com muita furia, por serem tres alcaides com muita jente, que pasávão de dous mil de cavalo, e pondo o rosto no Facho o viérão demandar com tres bandeiras despregadas; mas como o conde com sua jente se viese recolhendo, trazendo toda sua guarda diante, a meteo do Facho a dentro sem contenda, por-

1. *Garcia de Resende, Chronica de D. João II, cap. 92.* — 2. caminhos: *este vocábulo não faz sentido; f. em todos os outros mss., como se vê da nota 4.* — 3. [a] *f.* A. — 4. celebra... até o outro dia de sesta feira á tarde] celebra no dia de sesta feira de Endoenças era custume na vila a quinta ao encerramento do Senhor até a sesta o oficio acabado estarem as portas a bom recado e por elas não sair ninguem a sesta á tarde B N L M.

que os corredores, posto que a ele chegárão, não ousando chegar-se tanto que fizesem dano, antes se espalhárão polo Laranjal abaixo e cortárão ao mar, donde fizérão muito pouco ou nenhum dano.

O conde, vendo sua guarda recolhida sem nenhum dano, não quís que os mouros se mesturasem com ele senão em lugar donde a ele lhe estivese milhor, e parecendo-lhe que por os mouros virem com suas bandeiras cerradas não deixaríão de entrar polas tranqueiras a dentro, se veio á tranqueira de Baixo, donde já tinha consigo toda sua jente; mas vendo que as bandeiras não entrávão, antes carregávão pera as vinhas, se pasou ao Cano Quebrado, donde soube como faltava Fernão Caldeira e Gonçalo Vaz; e apartando ao adail Fernão Galego com trinta de cavalo o mandou até a vinha de João Pegado, donde andou ás voltas com alguns mouros derramados [e] [1] lhes matou dous, de que os cavalos viérão á vila. Fernão Caldeira tomou o rebate a tempo que, antes que tomase o caminho, lhe matárão um dos companheiros, que avia nome João Albernoz, porque tanto que fôrão a cavalo fôrão vistos de muitos mouros, asi dos que íão após o João Albernoz, como doutros muitos que polo rosto abaixo íão, os quais, vendo que não podíão pasar senão pola agulha do Cabo Branco, carregárão por cima d'Alhajana [2] e lhe saírão diante, de maneira que, não podendo tomar o caminho, se fôrão embarrancar na agulha do Cabo Branco, donde logo fôrão cercados de muitos mouros de cavalo, que de trás deles íão, asi pola praia, como polas terras d'Alhajana, e tãobem de muitos mouros de pé que, com o favor dos de cavalo, que érão muitos, andávão a crestar naqueles corregos do Cabo Branco, dos quais fôrão tomados Fernão Caldeira e Gonçalo Vaz, levando Fernão Caldeira um muito fermoso cavalo mourisco dos alarves d'Azamor, que, como adail que foi de tanta jente, o podia bem aver, e asi ia armado de ũas ricas couraças.

Não sei como, nem porque maneira, fizérão os alcaides a repartição, porque Fernão Caldeira ficou em poder do alcaide Xacorão, de Larache, que por ser muito bom homem o pôs em resgate, que caindo em poder de cada um dos outros alcaides d'Alcacere ou de Jazem o não pusérão, por sua fama e aspereza, que estando cativo em poder dos alcaides nunca leixou perante eles de chamar perrinhos a muitos mouros que o fôrão ver; porque foi tão soado o cativeiro de Fernão Caldeira que não ouve fidalgo em Portugal que o não soubese, nem antre os mouros ouve poucos que o não viesem ver, asi por fama de ser pesoa principal, como pesoa abastada; sempre tinha mouros cativos, os quais não érão bem tratados dele, nem em sua casa leixávão de moer e trabalhar; e por isto se agastava tanto com as vesitações destes, que logo os desonrava, e lhes chamava de perrinhos, cães, até que se enfadava; mas ele não esteve dous meses em

1. [e] *f.* A. — 2. Alhajana] Alhazena B N L M.

cativeiro, porque o conde, confiando em Francisco Gonçálvez, mercador, o mandou a terra de mouros, e Francisco Gonçálvez, como descreto e servidor do conde, se deu tal manha que o tirou por mil e dozentos cruzados, ou por cincoenta e cinco peças de pano azul de Ingraterra, nas quais Fernão Caldeira aproveitou muito polas comprar em Cáliz a quinze cruzados aquele tempo, e mais deu Fernão Caldeira um mouro e uma moura de Tintaix; e vindo Fernão Caldeira a Arzila foi toda a vila muito alegre, mais pola honra de sua molher e filhas que por sua condição; ele pasou a Portugal, e el-rei Dom Manoel lhe fez grosa mercê pera o resgate, e asi lh'a fizérão muitos fidalgos, em especial Diogo López de Sequeira, que por ser muito seu amigo do tempo que foi capitão d'Arzila, de maneira que foi pera Cáliz e levou seus panos com que pagou seu resgate; e foi fama que não tirou nada de sua casa, antes lhe ficárão muitas peças, que de Portugal levou, e dinheiro, e não tardou em negocear seu resgate tres ou quatro meses, a meu parecer, e neles se tornou pera sua casa, o que no tempo d'agora é polo contrairo, que sai um pobre cativo por dozentos cruzados e fazem-lhe d'esmola noventa, cem onças, e primeiro que lh'as paguem se pasa um e dous anos, e as come por estalajens, e os fiadores as mais das vezes págão por eles o resgate, pola qual causa não ha cativo que ache quem por ele fique.

CAPITULO XI

Como os alcaides armárão com almogavares e as atalaias lhe matárão um mouro de cavalo

Contado tenho como os tres alcaides corrêrão Arzila em ũa sesta feira d'Endoenças, e achando Fernão Caldeira desmandado, por ser á caça de coelhos, foi atalhado, e quando tomou o rebate e se quís recolher, achando os mouros diante, ele e Gonçalo Vaz, alfaqueque, se lançárão ao longo da praia, donde fôrão cativos. Os alcaides, como tínhão desejos de se tornarem a topar com o conde, por lhes parecer soldaríão a quebra do porto das Pedras, tornárão a entrar em o noso campo, e lançados em Mijeleo, mandárão correr almogavares de Tendefe, os quais se metêrão tanto trás as atalaias que, pasando o ribeiro de Jil da Mota, as atalaias favorecidas das outras da Atalaia Ruiva e doutros tres ou quatro de cavalo, que do monte das Porcas lhes acodírão, fizérão volta, e, derrubando um mouro, o matárão á vista dos companheiros, que parecendo-lhe que, pois os nosos não ouvérão lingoa do mouro, se poríão em desmancho trás eles, o que os nosos fizérão, que sem ordem os seguírão, em especial as quatro atalaias, que logo se pusérão junto dos

mouros, os quais érão João Cordeiro, Francisco Barreiro, João Correa o moço, e Afonso Gonçálvez, castelhano, todos homens do campo; mas como Afonso Gonçálvez vise de Tendefe ao adail Fernão Galego não pasar dos Forninhos, e que o conde com seu guião estava ao Facho, começou a requerer muito rijo que não pasasem de Tendefe, pois não érão mais que quatro de cavalo, e os outros tres ou quatro não chegávão por os cavalos não se poderem ter com eles. O João Cordeiro, como homem asomado e amigo de vinho, posto que valente homem, o começou a desonrar, dizendo que de judeu não queria ir adiante; o Afonso Gonçálvez, que muito falador era, lhe respondeo que seu oficio era descobrir e fojir, e que não ia trás trinta de cavalo com quatro homens, sem costas; e dizendo isto se leixou ficar, que foi causa que os tres companheiros não pasasem adiante, e tornando-se muito menencorios de Afonso Gonçálvez, se viérão pera o adail, queixando-se que por não levarem jente não se perdêrão os mais daqueles mouros. O adail louvou a Afonso Gonçálvez e aos outros tres reprendeo, dizendo que as atalaias não avíão de fazer desmancho, nem fazer mais que descobrir sua atalaia e não a desemparem sem rebate; e estando nesta pratica vírão a jente em Mijeleo, que vendo os seus almogavares aver perdido homem, e que o conde não se bolia do Facho, saírão da cilada, e tomando as lombas de Mijeleo se mostrárão com suas bandeiras despregadas.

O adail Fernão Galego estando todavia nos Forninhos, o conde paseando se foi pera ele, donde achou as atalaias na referta d'Afonso Gonçálvez, e soube todo o que pasara, e louvando Afonso Gonçálvez reprendeo ao João Cordeiro, que de doudo ouvera de fazer aquele dia perder a quantos se achárão com ele, e que a atalaia não tinha outra obrigação senão fazer o que o adail lhe mandase, que era descobrir sua atalaia e a não leixar sem rebate, e que Afonso Gonçálvez fizera o que devia e que o cavalo do mouro morto era seu, por se tomar á vista da vila, mas que ele lh'o dava, que o partisem antre todos, e isto por o dar a Afonso Gonçálvez, e que a ele o agardecesem e que a ele só o dava; o João Cordeiro e os companheiros conhecêrão que naquele dia se pudera fazer algum desmancho, se o adail Fernão Galego se alargara, ou pasara o ribeiro de Jil da Mota. O conde vendo ir polas lombas de Mijeleo os mouros, e considerando o caso e perigo em que os seus aquele dia pasárão, deu muitas graças a Deos, e mandando descobrir as atalais acostumadas e leixando o campo seguro, se recolheo á vila. As quatro atalaias vendêrão seu cavalo e o partírão antre nove companheiros que pasárão o ribeiro de Jil da Mota, convem a saber, as quatro atalaias e cinco moradores de cavalo, de maneira que Afonso Gonçálvez, que neste dia foi muito louvado, logo fez outro escandalo ao capitão, por onde ficou descontente dele, como neste capitulo se dirá.

CAPITULO XII

Como o conde Dom João com espias tomou ũa quadrilha de almogavares de oito mouros de Tetuão

Por estas duas e más entradas que os alcaides fizérão em o noso campo, [pera] [1] desasombrar os mouros que no porto das Pedras ficárão quebrados, mas ainda lhes deu ousadia, que muitas vezes nos corrêrão almogavares, asi d'Alcacere Quebir, como da serra e de Jazem, dando-nos tantos e tantas vezes rebates e levando-nos algũas atalaias, em especial os do Farrobo, que como todos érão muito cavaleiros, e neste tempo tínhão por almocadem e guia Arroaz, muito ousado e atrevido cavaleiro, os trazia tão fragueiros, armando tantas e tão diferentes ciladas, como é costume, com as lanças nos olhos, mas com cepos, que nos caminhos lhes armava, tomou muitas, e ordenando outras artes e ardis, metendo-se polos valos, mesturando-se com as guardas, asi em Tanjere como em Arzila, que não tão sómente tomava as atalaias em seus postos, saindo-lhes das ciladas, mas antre as guardas tomou homens e moços, de maneira que já em Arzila e Tanjere jurávão que asi Deos os guardase de Arroaz; e juntamente com estas manhas e ardis era tão estremado cavaleiro que, sendo o primeiro que alcançava ou punha lança em cristão, os que tomava e cativava érão dele tão bem tratados que não consentia que lhes tirasem ũa só ataca do que levávão, antes quando de cativeiro saíão e vínhão polo Farrobo os banqueteava e os provia de galinhas e pasas e do mais que na serra avia, polo que todos dizíão muito bem dele; mas o conde, vendo a opresão que estes almogavares lhe dávão, querendo segurar suas atalaias e ver se podia tomar ũa quadrilha deles, ordenou de mandar espias que de noite ficasem fora e amanhecendo ao través dos postos visem quem entrava; e mandando chamar as atalaias e outros homens do campo, escolheo doze, convem a saber, que os seis fosem ũa semana fora, de dous em dous, e os outros fosem a outra semana, e o concerto foi este: que se sentisem jente grosa lhes daria cincoenta cruzados á custa d'el-rei, e se entrasem almogavares e os tomasem lhes daríão um mouro até cinco, e não tomando mais que um fose das escuitas, e se fosem dous escolhesem elas, e de tres pera cima tirase o capitão um, e eles escolhesem antre os outros, e asi fose dos cavalos, e o conde lhes mandou fazer os alforjes á sua custa; e isto ordenado, que a meu

1. [pera] *f.* A.

parecer fôrão as primeiras escuitas que eu vi, começárão a servir pola ordem que o conde lhes ordenou, mas não pasárão dous dias que as duas escuitas, que no Corvo estávão, vírão entrar oito ou dez de cavalo no meloal de André da Capela, e furtando-se viérão dar esta nova ao conde, que com muito contentamento os recebeo, as quais escuitas érão Afonso Gonçálvez, castelhano, e Cristóvão Rodríguez Chamiço, ambos vezinhos.

O conde se pôs logo a cavalo, e praticando a ordem que se avia de ter pera que sem nenhum risco os pudesem tomar, e praticando este negocio com o adail e Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, almocadens, e asi com outros honrados moradores da vila, pareceo que não estávão em lugar pera terem costas, por estarem antre as ribeiras do porto d'Alemoquique, que é Bugano, terra apertada, que, ainda que antre os nosos ouvese desmancho, não podíão receber muito dano; e com esta segurança, mandou a Pero de Meneses e a Gonçalo Vaz que com vinte cinco de cavalo fosem ao longo do Rio Doce, e que, tanto que ouvisem o rebate, corresem até o Palhegal, e não achando nada se fosem poer sobre o porto do Canto, por que não tomasem a ribeira de Redemoinhos, e ao adail mandou com vinte de cavalo que polas Pontinhas se fose milhorando pera a varzia do Corvo, que se os mouros corresem pera as atalaias se lhes pusesem diante; e o conde se leixou ficar no vale do Facho, tomando a melhora polas Pontinhas, e mandou ás mesmas escuitas os fosem descobrir, por Afonso Gonçálvez e o Cristóvão Rodríguez serem abastados e terem sempre muito bons cavalos, os quais, fazendo seu oficio acostumado, lhes saírão os mouros e os seguírão até sobre o vale, aos quais o conde saio de rosto com mais vagar do que os seus quisérão, com lhes mandar que nenhum não pasase por ele, e que fose certo que o que por ele quisese pasar o avia de encontrar, ainda que fose seu irmão, Dom Bernardo; isto fazia por que os seus tivesem lugar de se porem diante dos mouros, e se por ventura tivesem costas se achase inteiro e pudese recolher os seus: certo, ordem e aviso de eicelente capitão que, podendo derrubar todos os mouros, antes que chegasem ao Corvo, o não quís fazer, por não desmanchar sua jente, e por que, tendo estes mouros costas, vendo-o em [1] corpo, não seguírão os seus, e os podia, se algũa présa tivesem, recolher e aver consigo. Os mouros, vendo a jente sair do vale, logo se dérão por perdidos, e posto que muito bem pudérão voltar com as duas atalaias, por logo voltarem com eles, mas eles vendo que da nosa jente não apertávão com eles, todos oito que érão, juntos, tomárão pera o porto do Canto, por ser terra apertada e de muitos corregos, e ao longo da ribeira de Redemoinhos se poderem salvar; mas como visem os da outra banda do Rio Doce no Palhegal e decerem a lhe tomar o porto do

1. vendo-o em] vendo-se com A.

Canto, quisérão levar o caminho que levávão e pasar a ribeira de Bugano, cuidando tomar antre ambas as varzias, mas, quando fôrão na varzia, achárão ao adail Fernão Galego junto de si, e vendo que por nenhũa parte podíão escapar se leixárão estar quedos, pasando todavia a ribeira; e posto que alguns quisérão molhar as lanças, eles se defendêrão até o adail chegar, e sabendo que era o adail se entregárão todos oito, chegando logo Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, que pasando polo porto do Canto se viérão ajuntar com o adail, e preguntando-lhe quantos érão e se tínhão costas e donde érão, respondêrão todos por ũa boca que não érão mais dos oito que ali estávão e não tínhão costas e todos érão de dentro de Tetuão, e vínhão todos como amigos a tomar ũa atalaia pera tirar um cativo; e com isto os trouxérão ao Corvo, donde o conde estava com muito contentamento, polos ver todos tomados sem nenhum risco nem trabalho; e posto que o conde todo seu desejo era tirar de seu estorvo um tão perjudicial imigo como era Arroaz, folgou muito por ficarem castigados estes florasteiros [1], e por serem de Almenderim, tanto imigo do nome cristão, e por vir antre eles um mouro honrado, que foi resgatado por João Coelho o velho, que se perdeo no dia do desbarate do porto das Pedras, que, posto que o conde neste desbarate tomou dous mouros pera sairem polos dous cristãos, que aquele dia se perdêrão, um deles saio logo por Simão de Seixas, que com João Coelho ficou cativo, e a João Coelho não quisérão dar polo outro, e depois o dérão por um destes de Tetuão.

Ua cousa muito pera notar não é pera se leixar de apontar, e é que estes oito cavalos, que se tomárão, todos podemos dizer que érão arjeis, convem a saber, os sete arjeis e um murzelo ou indrino [2] fito, sem ter cabelo branco. Outra como esta nos aconteceo em tempo de Dom Manoel Mazcarenhas, sendo capitão d'Arzila, que em um recontro que ouvemos no porto d'Alfandequim, em que os nosos matárão seis homens e se perdêrão sete cavalos, todos arjeis, como em tempo e lugar, Deos querendo, se dirá.

Tornando ao conde, tanto que soube dos mouros que não érão mais de oito, e que todos érão perdidos, dando licença a Gonçalo Vaz, que com trinta de cavalo entrase e levase os vestidos dos mouros e os oito cavalos, e indo outros dous cristãos, como que os levávão cativos, levando duas bandeirinhas, enganase alguns mouros, como de feito enganárão, que entrando pola boca de Benamares, deixando em Benamendux os vinte de cavalo, por não serem vistos, se fôrão caminho da boca de Benar-

1. florasteiros] estrangeiros ou forasteiros L; frosteiros B N M. — 2. indrino : *só em* A *e* L (*neste apenas legível* —rino) : *por* andrino, *da cor da ameixa, como* murzelo *da cor da amora, e* árjel *com o pé direito branco. Veja-se Antonio Galvão, Arte da cavalaria de gineta, cap. 19 e 20.*

róz, donde logo que os vírão os viérão demandar dous mouros de cavalo, parecendo-lhe serem os seus; mas, como érão homens de recado, vínhão tão percatados que foi necesario correrem após eles um bom pedaço, primeiro que os tomasem, e fôrão alcançados por Francisco Colaço e João Mealho, e espalhando-se tomárão outros dous mouros de pé; e por esta detença, e o campo andar largo e se tomar o rebate, logo se ajuntárão alguns de cavalo, de maneira que, quando emparelhárão com o Tojalinho de Benamares, érão já com eles dez de cavalo, e se vínhão ajuntar com outros quatro ou cinco de Benamares, os quais não ousárão decer, nem sair das tranqueiras, porque, tanto que os nosos, que em Benamandux ficárão, saírão da cilada, corrêrão ũa grande legoa a favorecer os nosos, que casi vínhão á vara os mais dos cavalos mouriscos, asi polo muito trabalho que avíão pasado, como por serem magros; mas tanto que os mouros, que de Benahamede e d'Arraihana vínhão, vírão ser mais que os dez, tomando a ribeira acima, se afastárão e tomárão a ponta da serra, e Gonçalo Vaz se veio caminho da vila com quatro mouros e dous cavalos, enganados com os vestidos e cavalos dos outros, e viérão á vila já noite, de que o conde e todos fôrão muito contentes em sair ao ardil tanto a seu preposito, como saio.

O conde Dom João, tanto que foi na vila, quís logo contentar as escuitas, e, tirando um dos oito mouros almogavares, lhe deu a escolher em os outros sete, o que eles fizérão, e que outro tanto faríão dos cavalos que o conde escolheria um sómente, e eles escolhesem outro; e isto feito o conde lhes rogou e mandou tornasem a ir fora, ao que eles repetírão que érão agravados, em lhe não darem dous mouros por pasarem de cinco, e sobre isto pasárão muita referta, e o que mais nisto insistio foi o Afonso Gonçálvez, castelhano, que como mais rico e mais falador, insistio tanto e deu tantas rezões que o conde agastado lhe dise que não danase os outros companheiros que queriāo servir, e que fosem eles fora, que se Deos lhes dese outra quadrilha ele os contentaria, e que olhasem que, posto que aqueles pasasem de cinco, tãobem não pudérão tomar mais de um sómente, e este avia de ser seu, e de dous avíão as escuitas de escolher o milhor, que podia valer o dobro, e muito mais que o outro, e que tãobem ele pudera de oito mouros escolher dous e tres, os milhores, e asi não tirando mais que um ficava o seu de mais valia que dous, de maneira que nunca pode com eles que fosem fora, senão que lhes avia de dar de um até cinco um deles, e de cinco até dez dous; e deste insistir se agastou o conde de Afonso Gonçálvez, por ser o que mais falava, e os espedio dizendo que os não queria mandar fora, e que verdadeiramente lhe parecia que lhe avíão de entrar almogavares d'Alcacere; e foi asi, que ao outro dia, sem os d'Alcacere terem nova dos oito perdidos, viérão a entrar e se lançárão antre ambas as varzias, donde atalhárão ás atalaias do Pereiral, e embarrancando na ribeira de Redemoi-

nhos a ũa delas a tomárão, que foi João Correa o moço, de que o conde ficou muito escandalizado das escuitas, e muito mais do Afonso Gonçálvez, por nestes almogavares virem dous elches muito perjudiciais, um Vasco da Silva, e outro o arjel [1] de Tanjere, que o conde dera vinte mouros por colher cada um deles e mandar fazer deles justiça; mas como o conde era manifico e nobre, deitando-o a que tudo vinha por Deos, não tão sómente pôs culpa ás espias, mas não lhes falou mais no caso; mas nós outros, asi pequenos como grandes, tivemos muitos dias em que falar, até que o tempo o foi pondo em esquecimento, como faz a todas as cousas. De João Correa soubérão os mouros como os oito mouros de Tetuão érão todos vivos, e não viérão saber deles como outras vezes fazem; e com isto, que foi asaz largo, pasarei, Deos querendo, a outra cousa.

CAPITULO XIII

Em que se conta como Pero de Meneses, sendo entrado aos fachos d'Alcacere, foi sentido e escapou ao alcaide d'Alcacere, não lhe ousando os mouros cometer

NÃO faltárão neste tempo muitos rebates á vila, correndo muitas vezes almogavares, em especial os do Farrobo, trazendo por sua guia e almocadem aquele afamado e bom cavaleiro Arroaz, que com suas manhas e ardis e muita ousadia trazia os de Tanjere e Arzila tão apertados, correndo-lhe tantas vezes e tão a meudo, levando-lhe as mais das atalais e outras pesoas, asi homens de cavalo, como moços, que, como por algũa via se desmandávão, logo lhe caíão nas mãos; e pasando por Arroaz irei dar e contar ũa entrada de Pero de Meneses, em a qual se salvou, pelejando com a dianteira do alcaide d'Alcacere, não sendo os nosos mais que dezasete de cavalo, a qual pasou desta maneira.

Era Pero de Meneses entrado no campo d'Alcacere com sómente dezasete de cavalo, escolhidos, como os ele sohia levar; e, pasando a ribeira da Ponte d'Alcacere, fôrão amanhecer ao pé do facho, que estava sobre o porto d'Algarrafa, e sendo menhã logo se receou em não ver vir ninguem ao facho, nem ver outra cousa por todo o campo d'Almazcar, e parecendo-lhe mal, leixando a Pedro Eanes na atalaia, com a lança polo alvado e a barriga polo chão foi tomar ũa ponta que descobre a ribeira d'Algarrafa, donde vio ao longo dela ir jente de cavalo; e, parecendo-lhe que não era tempo de mais esperar, se veio pera os seus, e sem dizer

1. arjel: *este vocábulo ocorre neste mesmo capítulo varias vezes, mas referido a cavalos.* *Veja-se p. 149, nota 2.*

nada se pôs a cavalo, dizendo a Diogo Botelho e a João Fernândez d'Abreu: «Compadres, ponde-vos nesta traseira e não leixeis ficar homem detrás e todos me segui, sem mais preguntardes até pasarmos a ribeira», e tomando o caminho da Ponte deu a andar; mas, como foi na varzia, logo foi visto da jente do alcaide que, pola fralda da Pontinha, íão tomar a Ponte, que parece que ao pasar da ribeira fôrão sentidos, e as guardas fôrão ante-menhã a Alcacere, e dando o rebate o alcaide se pôs a cavalo, e mandando cincoenta de cavalo ao porto d'Algarrafa, por que se não lançasem áquela parte, ele se vinha dereito á Ponte, mas, como ouvérão vista dos nosos, no meio daquela grande e larga varzia de duas legoas de largo, logo se apartárão mais de cento de cavalo e os viérão demandar; mas Pero de Meneses encomendando a seus companheiros não fizesem outra cousa mais que ir na ordem que ele trazia, que era um cerrado galope, fazerem por tomar a ribeira e a pasarem sem contenda, como pasárão, porque parecendo aos mouros que tomando-lhe a Ponte se iríão embarrancar na ribeira, donde lhes parecia que Pero de Meneses ia demandar, e que deixando os cavalos se embrenharíão e os tiraríão um e um com muita jente de pé que d'Alcacere podia vir; mas Pero de Meneses, que a ribeira sabia muito milhor que nenhum deles, foi demandar um porto asaz escuso, que ele tinha pera semelhante necesidade, e chegando a ele, posto que estava bem embalsado, saltando a pé, com as espadas cortando o silvado e algum mato, fizérão caminho de ũa parte e da outra por onde pasárão, e sendo da nosa banda apertárão os cavalos quanto pudérão por tomar a estrada d'Alcacere, primeiro que os mouros, os quais vínhão bem espalhados pola varzia, parecendo-lhes que não pasaríão a ribeira, por ser muito forte e larga; mas, tanto que os vírão da outra parte, se lançárão á ribeira aos portos sabidos e á Ponte, de maneira que pasando fôrão logo na sua esteira mais de dozentos de cavalo, dos quais alguns dianteiros chegárão a ele antre a Figueira e o poço de Fernão de Xira, mas não que apegasem com os nosos, porque até [a]li [1] viérão com receio se teríão costas, porque tanto que o alcaide vio que Pero de Meneses vinha demandar a estrada e não se afastava dele, tomando por Taliconte, lhe pareceo que os nosos tínhão costas, e que o conde estava á Figueira, ou na ponta do Soveral, e com a mais da jente se leixou ficar á Ponte, e os que érão pasados, vendo o alcaide não pasar da Ponte, tãobem se leixárão vir de vagar; mas tanto que descobrírão a cilada da Figueira e a ponta do Soveral, lugares donde se podíão temer, e vendo não aver jente, capeando e fazendo sinal aos que detrás vínhão, fôrão logo mais de cincoenta de cavalo com os nosos; e como a este tempo quebrase um loro a Diogo Botelho, e lhe ficase o estribo no pé, chamando por Pero de Meneses lhe dise: «Compadre, eu vos entrego a

1. [a] *f.* A.

traseira que me entregastes, e vos peço que por mim vos não percais, porque eu não levo estribo, que me quebrou o loro», e lh'o mostrou no peito do pé: «Não solteis o estribo, lhe respondeo Pero de Meneses, e tomai-o na mão, que eu o remedearei», e chamando a Pedro Eanes, que muito bom homem do campo era, lhe dise: «Compadre, nós avemos de fazer ũa pequena volta, a qual não ha de ser pera mais que pera vós concertardes este estribo a Diogo Botelho, porque se os mouros nos áchão cousa de despojo, como abelhas nos acometerão. Pedro Eanes, que bom cavaleiro era, visto o perigo que era saltar a pé, respondeo: «Compadre, não é tempo de me mandardes decer, senão de me mandardes levar um destes mouros fora da sela»: «O tempo se não perde» [1], dise Pero de Meneses, e dizendo a João Fernândez d'Abreu e aos outros companheiros: «Vós outros aveis de voltar, e a volta não ha de ser mais que canto virardes os cavalos, e Martim Vaz terá o meu cavalo entanto que eu lh'o concerto com um cabrestilho». Logo João Fernândez d'Abreu lhe dise: «Eu me decerei e vós, compadre, fazei o rostro» [2]. Não quís Pero de Meneses, porque, posto que João Fernândez era muito bom cavaleiro, era a pé muito atado e inhato, e tomando Pero de Meneses um bom cabrestilho fez voltar os seus, e como ele dise: «Volta, Santiago!» os mouros todos voltárão e se afastárão, e Pero de Meneses foi logo a pé, e encadeando o cabrestilho no arriaz [3] lhe deu meia duzia de voltas com que o estribo ficou forte e fixo, e Diogo Botelho seguro; e posto Pero de Meneses a cavalo se ajuntárão todos os seus, e vendo os mouros afastados, Pero de Meneses lançou mão da sua cevadeira e tirando a borracha dise: «Não aja companheiro que não beba e coma um bocado», e asi o fizérão todos, estando com os rostos pera os mouros, de que eles ficárão espantados, dizendo uns aos outros: «Este Benarróz é encantado, pois que estando dentro da Ponte d'Alcacere se salva, e todas as vezes que voltar nos ha de matar quatro e cinco de nós outros». Por este nome Benarróz o chamávão os mouros. Zanaca, almocadem velho e honrado, que com aqueles dianteiros vinha, dise: «Oje não podem escapar, que á longa lhe não cansem os cavalos, e o alcaide vem perto, e trazem os cavalos mais folgados», mas o alcaide, como se vio pasado a Ponte, não alargou mais nenhum de si, e tãobem vinha com receio de não ter nova dos cincoenta de cavalo que pola banda d'Algarrafa mandou, os quais esperava que desem vista em Taliconte.

Pero de Meneses, tanto que ele e os seus bebêrão, mandando a Pedro Eanes se pusese diante e guiase, se pôs na traseira, pondo junto de si a

1. *Acrescentam* B N L M: que quem não é pera ũa cousa não é pera a outra. — 2. e a volta não ha de ser... fazei o rostro] e a volta não ha de ser pera mais que pera concertar um estribo a Diego Botelho. Respondeo-lhe João Fernândez: «Eu o concertarei e vós fazei o rosto e voltai» L. — 3. arriaz] arricaz *ou talvez antes* arriaaz A; *f.* B N L M.

Diogo Botelho, João Fernândez d'Abreu, Bertolameu Rodríguez, do conde, Pero López Mualho, dizendo-lhes: «Eu vos não ponho junto de mim nem na traseira pera voltar, nem pelejar, sómente pera fojirmos, polo que vos peço que nenhum queira fazer rosto, que muita honra oje ganhamos em nos salvarmos»; e com seu galope cerrado viérão demandar a varzia de Taurete, vindo sempre mais de cincoenta de cavalo apegados com eles e outros tantos trás eles, e ao pé de Taurete, por ser a terra muito larga, os começárão a cercar, pondo-se ás ilhargas, mas não que nenhuns pasasem diante, tanto era o medo que de chegarem aos nosos tínhão. Zanaca, o almocadem, falou algũas vezes a Pero de Meneses, dizendo-lhe: «Benarróz, oje é o teu derradeiro dia, em que has de pagar quantos males has feito á patria donde naceste». Pero de Meneses lhe respondeo: «Tu és cabeça dos teus e eu destes que comigo vão: pon-te diante e encontremo-nos». Respondeo o mouro: «Tu estás já como desesperado e não te dá nada de morreres, e tanto te faz aqui como no Zambujeiro, que é o mais lonje donde podes chegar, porque Celema Laiate é já em Almenara e te está esperando diante, e o alcaide vem detrás e até as portas d'Arzila ha de ir oje». Com todas estas praticas, os nosos não leixárão de ir quanto podíão; os mouros quando emparelhárão com Alhadra, e não vírão nenhuns dos seus que esperávão os achasem diante, começárão de afroxar, de maneira que antre Taurete e o Zambujeiro não levávão algũa présa, e começárão a dar algum folego aos cavalos, que o avíão bem mester, por averem corrido grandes quatro legoas, convem a saber, perto de duas, donde estávão á ribeira, e outras duas ou mais a Taurete; e outras tantas e mais corrêrão os mouros, que corrêrão outro tanto caminho e a saida d'Alcacere, de maneira que os cavalos dos nosos não avíão enveja aos seus. Os nosos muito contentes, vendo ficar os mouros, quisérão vir de vagar e folgárão descansar, mas Pero de Meneses lhes não consentio fazer nenhũa detença até não chegarem ao Zambujeiro, donde chegados bebêrão da fonte, eles e seus cavalos, e lhes contou Pero de Meneses como vira os cincoenta de cavalo pola menhã pasar a ribeira d'Algarrafa, e que sempre lhe pareceo os acharem na Alhadra; e por lhes fazer o caminho mais comprido se chegou tanto á jente do alcaide, e trabalhou pôr-se-lhe diante, como pôs, e os trouxe após si, e leixando dous de cavalo á vista de Taurete e d'Almenara se veio caminho da vila; e sabendo o conde o pasado, e como escapárão polo aviso e manha de Pero de Meneses, e asi a muita ousadia e ardideza com que se deceo e concertou o estribo de Diogo Botelho, em tempo mais pera desejar bom cavalo que pera remedear outrem, o conde os louvou muito; e por que não ficasem sem galardão mandou a Pero de Meneses um vestido seu, e a cada um dos companheiros dez tostões, inda que já a este tempo Diogo Botelho era tão honrado e estimado que dava do seu, antes que tomar tão piquena mercê, a qual e muito mais gastou em um banquete que a

Pero de Meneses e aos companheiros deu. O alcaide chegou a Taurete, donde se ajuntou com os seus, e soube como Pero de Meneses era salvo, e com muita magoa e descontentamento se tornou por lhe escapar, tendo-o tanto dentro da Ponte, e pôs muita culpa a Zanaca por não apegar com ele, tendo a terra tão larga e descoberta, como é a da Ponte até o Zambujeiro, que são quatro legoas todas de campo raso e descuberto; e parecendo-lhe que não faltaria outro dia em que Deos tivese ordenado seu dia, se consolou e se tornou pera Alcacere, asaz cansado, asi ele como os seus.

CAPITULO XIV

Como Pero de Meneses escapou outra vez á jente de Alcacere e lhes matou dous mouros e lhe tomou dous cavalos

NESTE capitulo atrás fica contado como e da maneira que Pero de Meneses com dezasete companheiros de cavalo escapou ao alcaide d'Alcacere, por muita manha, saber e valentia, estando duas legoas alem da Ponte d'Alcacere, e sendo sentido e tendo-lhe o alcaide armado, e o corrêrão mais de quatro legoas, como muito bem está apontado; e por lhe acontecer outra semelhante desta e casi desta parte da Ponte, escapando e pelejando com outra tanta e mais jente, a porei neste lugar, junto destoutra, posto que de ũa á outra ouve muitos dias, sómente por parecer ũa á outra e serem ambas em numero de dezasete de cavalo, com o qual numero de dezasete Pero de Meneses tinha muita devação, por se achar com dezasete o dia do Xercão, e com dezasete esta pasada do alcaide, e esta que agora contarei com dezasete, e foi desta maneira.

Era Pero de Meneses entrado com dezasete de cavalo, seus compadres e amigos, em os quais ele muito confiava, e quando Pero de Meneses entrava com poucos érão os que ele escolhia e chamava; o qual este dia, que entendo contar, estava no Funchal, sobre a ribeira e lugar donde foi a Graciosa, esperando se via algũa cousa ao longo da ribeira, e quando não vise a que correr cuidava sobre a tarde pasar a ribeira e ao longo dela ir buscar as guardas; mas ele foi sentido e visto dalguns crestadores, que com o favor do alcaide, que aquele dia era pasado a correr Arzila, andávão polo campo, em especial pola fralda do Soveral, que nós chamamos Taquixene e Alvalate, porque indo Pero de Meneses por dentro do Soveral foi visto destes crestadores, e tornando a dar consigo na ribeira, fôrão ter com as guardas de cavalo, e dando-lhe recado, ũas o fôrão dizer ao alcaide, que já a este tempo tinha pasado o Zambujal d'Algarrafa e ia demandar a ribeira de Mençara, donde ele e o alcaide de Jazem, que já érão juntos, detriminávão esperar pola jente que a seu chamado

vínhão, uns a demandar o porto d'Algarrafa e outros a Ponte; as outras guardas dando recado como érão almogavares no Funchal, chegou este rebate até Alcacere, e com ele viérão demandar a Ponte bem dozentos de cavalo, entre os quais vínhão uns xeques dos colotos [1] e um amel [2] muito honrado do alcaide, o qual era amel e xeque de Caução e doutras aldeas, que até o soco d'Alhamiz [3] ha, o qual amel, dando-lhe recado que o alcaide era ido a correr Arzila e que avia cristãos, não querendo entrar em Alcacere, pasou e se achou á Ponte com os outros, e parecendo-lhe que o alcaide era já diante, detriminou de ir demandar os nosos, e como pasárão a Ponte fôrão logo vistos de Pedro Eanes, que sobre a trilha ficara, o qual se foi juntar com Pero de Meneses; mas como os mouros soubérão de outros crestadores que sobre os nosos estávão, como já íão com rebate, e como não érão mais que dezasete ou dezoito de cavalo, os fôrão demandar, e logo no caminho d'Alvalate se topárão, porque Pero de Meneses, por dar vista ao campo, não quís deixar o caminho, e tãobem polos afiar trás si; e como os mouros os vírão, por não lhe escaparem como da outra vez, trabalhárão por se lhes pôr diante, e uns polo pé do Soveral, outros vindo demandar a aldea de Taquixane, os seguírão de maneira que logo chegárão aos nosos; e vendo Pedro Eanes e alguns homens do campo que os mouros érão muitos, e que os que por baixo íão lhes era forçado sairem-lhe de diante, pedírão a Pero de Meneses, que diante vinha, que se lançasem dentro do Soveral e, perdendo os cavalos, trabalhasem por se embrenhar e salvar as pesoas, ao que Diogo Botelho dise: «Compadre, eu não ei de leixar meu cavalo, e se vós detriminardes leixar o caminho dizei-m'o, porque eu, rompendo por todos estes mouros, irei demandar o campo, e se me não matarem em cima dele não lhes ei medo, e espero em Deos que aqueles que nos vão sair diante que nos dem lugar, e quando o não quiserem fazer me ofereço a lh'o fazer dar por força». Pero de Meneses lhe respondeo que dos de baixo não avia medo, que, quando fosem em cima, seríão tão cansados que os não avíão d'ousar esperar; mas os que detrás íão [4], vendo quão poucos os nosos érão, os começárão a apertar de tal maneira que alguns se lhe pusérão diante, mas não que esperasem a furia dos nosos, e lhes remesárão algũas lanças de tal arte que ferírão a Gonçalo Moniz, atalaia, e o cavalo a João Díaz o Negro, criado do conde, polo qual alguns começárão a bradar por volta, do que muito a Pero de Meneses pesou, e deixando a Pedro Eanes na dianteira lhe mandou que guiase dereito á aldea d'Alfandux [5], requerendo-lhe não deixase o caminho, emquanto ele via o que os mouros fazião; e pondo-se antre Diogo Botelho e João Fernândez d'Abreu e Bertolameu

1. colotos: *tríbu do campo d'Arzila e d'Alcácer.* — 2. amel: *vocábulo árabe que significa* governador *(de distrito).* — 3. soco d'Alhamiz] çoco do Alhamis L: *i. é,* mercado da quinta feira. — 4. íão] vínhão B N L M. — 5. Alfandux] Alhandas A.

Rodríguez, do conde, e Diogo López Galego, irmão do adail Fernão Galego, lhes dise que não ouvese homem que falase em volta, e que fosem prestes pera quando ele voltase; mas os mouros vendo-o na traseira e que o João Díaz pedia volta, e que Pero de Meneses não podia deixar de voltar, e dizendo: «Compadres, agora é tempo: volta», voltárão casi todos, mas Diogo Botelho, que no seu Ruço Rodado vinha, que dos milhores cavalos que em Arzila avia era, pôs a lança no amel com tanta força que, pasado de ũa mortal lançada, o mandou dar conta ao alcaide do inferno, e Pero de Meneses, posto que derribou outro, foi já tanto dentro dos seus que com duas lançadas foi recolhido, e o cavalo ficou antre os nosos. O amel, posto que pera o caminho do inferno bastase o encontro de Diogo Botelho, ele foi servido de muitas lançadas, mas como Bertolameu Rodríguez, do conde, bradase a João Díaz que no cavalo do amel cavalgase, ele o fez logo, decendo-se do seu. Os mouros ficárão tão espantados em ver morto o amel, sendo a principal pesoa que ali vinha, que enfraquecendo não ousárão mais chegar aos nosos, e os que por baixo vínhão, quando vírão ficar aos seus, não ousárão a pôr-se-lhes diante, e Pero de Meneses, recolhendo os dous cavalos, o de João Díaz e o do mouro que ele derrubou, se veio sem mais contenda.

O alcaide sentio muito estas duas vezes que Pero de Meneses se salvou dantre os seus, e mais por lhe matarem este amel seu, da qual morte o milhor livrado [1] foi João Díaz, por recolher ũa cevadeira em que vinhão quatrocentas onças de prata amoedada, que o amel avia cobrado da garama [2], e com o rebate não entrou em Alcacere; da qual moeda ouve sospeita que o conde ouve parte dela, e eu me lembro ouvir queixar-se Pero de Meneses de João Díaz ao conde, e João Díaz negar com juramento que tal não ouve, mas a Pero de Meneses sempre lhe ficou sospeita pola muita deferença que se vio em João Díaz, melhorando-se muito em fazenda e honra.

1. livrado: *i. é*, pago. — o milhor livrado] o que milhor livrou L; o que milhor alcançou B N M. — 2. garama: *contribuição, imposto. É a forma correcta em árabe; hoje diz-se em português* garrama.

CAPITULO XV

Como el-rei de Féz ordenou de vir pôr cerco a Arzila, e dalgũas cousas que se pasárão antes do cerco

Caminhando por minhas certas jornadas, dou muitas graças a Deos que me chegou a esta, da qual sou muito bem lembrado, por já neia ser eu entrado na infancia, e pasarmos um notavel cerco de muita jente e artelharia, e nele matarem os mouros a meu pai em cima do muro, defendendo a vila, que ele ajudou a ganhar, vindo com el-rei Dom Afonso o quinto, sendo asaz velho e honrado; e por estas rezões darei desta jornada inteira e verdadeira relação, e começando direi no principio como neste ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e dezaseis anos, aos vinte dias do mês de janeiro, faleceu el-rei Dom Fernando de Castela e d'Aragão, que dizem o Catholico, depois de aver reinado corenta anos, contando o principio de seu reinado do ano de mil quatrocentos e setenta e cinco, em que foi a batalha de Touro; erdou seus reinos Dom Carlos, seu neto, que a este tempo estava em Frandes, donde tinha outros cinco estados: Frandes, Brabante, Olanda e ũa das Borgonhas, o qual foi logo eleito emperador, em cujo tempo socedêrão muitas e mui grandes guerras, e isto baste pera memoria, sómente tornarei a contar o que em Arzila este ano pasou.

El-rei de Féz soube do falecimento d'el-rei de Castela, e que o reino estava sem rei, e que a governança ficou ao arcebispo de Toledo: pôs logo em sua vontade de nos cercar, e ajudou-lhe muito a vitoria que na Mamora ouvera dos nosos, em que ouve muitos cativos, muitas bombardas, muito despojo dos navios que ao sair da barra se perdêrão; e com esta detriminação se começou a prover, mandando fazer bombardas grosas pera bater o muro, entre as quais lhe fez mestre João, artilheiro, noso natural, ũa que botava cincoenta e sete arrateis de ferro coado, e asi outras de ferro, tão grosas, em que avia bombarda que lançava nove arrobas e meia de pelouro, e que tínhão de roda sete palmos; deste mestre João falarei largo em tempo que dele será necesario, polo muito risco em que pôs a pesoa do conde D. João Coutinho, porque neste lugar abasta sabermos que a mais da artelharia que el-rei de Féz tinha e trouxe ao cerco foi feita por mão de mestre João.

Pois fazendo-se el-rei de Féz prestes, e aviando as cousas necesarias a um exercito, tão grande como trouxe ao cerco d'Arzila, o que não se pode fazer que o conde não fose sabedor e avisado de muitos mercadores cristãos, que por Arzila em Féz tratávão, e asi de muitos cativos, espe-

cialmente do mesmo mestre João, que, posto que no serviço d'el-rei de Féz estava e dele recebia honras e mercês, pola artelharia que lhe fazia, todavia usava como bom cristão em muitos avisos que os capitães dele tínhão, e o muito gasalhado e favor que os cristãos cativos dele recebíão, asi em sua casa como em muitas ajudas de resgates, de maneira que eu o conheci em fama de muito bom homem; e tãobem o louvara de muito bom cristão se o conhecera sofrer e pasar muito mao e trabalhoso cativeiro, por não querer usar do oficio que sabia, pois era em desserviço de Deos e d'el-rei noso senhor: o mais se contará dele adiante, quando se diser que veio a este reino com sua molher e se tornou a ir, levando sua molher outra vez a Féz, e depois se tornou a vir, e veio a morrer nesta cidade velho e cansado, e se mandou enterrar em Sam Vicente de Fora; e sua molher, Caterina Fernândez, está oje viva nesta cidade em casa de Luis Felipe, feitor da alfandega desta cidade, que tãobem foi cativo em seu tempo d'el-rei de Féz, e por esta antiga amizade a recolheo em sua casa, onde está asaz honrada e acatada dele e de sua molher. Leixo mestre João pera seu tempo.

O conde, posto que muito bem sabia os aparatos e aparelhos d'el-rei de Féz que érão pera o cercarem, como seu animo era grande, não quís dar opresão ao reino em mandar pedir socorro até de todo não ser cercado, e o mais que mandou pedir ao feitor de Andaluzia foi carvão, ferro e madeira, cal e cousas que se podíão prover sem alvoroço, nem sem dar opresão ao reino; e asi entendeo o conde em alimpar a cava, com trabalharmos nela todo jenero de homens, asi fidalgos, que muitos avia, como todo morador da vila; avia mouros de nova que muitas vezes vínhão a falar com o conde, e quando tardávão mandava tomar lingoa por Gonçalo Vaz, o qual tomou alguns mouros, e, concertando com os da nova, se tinha a vinda d'el-rei por muito certa, quanto mais que o desejo d'el-rei era vir abaixo a efectuar um ardil e trato que trazia concertado de muitos dias com ũas escravas mouriscas da condesa de Borba, o qual trato era que um dia asinalado correria el-rei Arzila, e fazendo uns certos sinais, que era cortar o pao do facho, el-rei mandaria pola praia jente de cavalo ao pé das janelas da sala e camara da condesa, e lançando-se elas polas janelas, seríão recolhidas da jente de cavalo que em baixo as esperava.

Este trato e concerto tratou um mouro velho e honrado, que por alfaqueque vinha muitas vezes de Féz a Arzila, o qual era muito conhecido da condesa, e junto de sua mesa lhe mandava dar de comer, sendo servido de todas as molheres mouriscas de casa. Esta conversação e amizade deu causa a esta traição, e o pior era oferecerem-se a levar consigo a Dom Vasco, filho maior do dito conde Dom João, que com a condesa sua avó se recolhia e dormia, sendo guardado de ũa das mouriscas, que Lianor Rodríguez avia nome, que como sua aia tinha cargo dele, o que muito bem pudérão fazer se Deos o nao estorvara, de maneira que indo-se

todas elas, como se fôrão, não quís noso senhor que levasem o inocente e sem culpa, nem que aquela vila recebese tanto nojo e pesar, como em levarem Dom Vasco seu pai e mãe e avó receberíão, e depois todo jenero de pesoa daquela vila, polo muito amor e afeição que todos ao conde tínhão, desejando vender suas molheres e filhos polo servir, como em muitas partes e lugares desta cronica se dirá.

CAPITULO XVI

Como el-rei de Féz correo Arzila em sesta feira d'Endoenças, e não fazendo nenhum dano lhe matárão dous mouros de cavalo á tranqueira do Facho, sendo a licença e volta de Fernão Caldeira

Pois el-rei de Féz, vendo chegar-se o tempo das ervas e soficiente pera nos cercarem, leixando todo o cargo a seu irmão Mulei Naçar, senhor de Mequinez, pera que fizese trazer toda a artelharia de Mequinez e de Féz, se veio abaixo, mandando tomar todos os caminhos, de maneira que nos não pudese vir nova, nem pudesem sair almogavares da vila que não fosem sentidos; mas contudo não deixávão de vir mouros de nova, polos quais o conde sabia tudo o que antre eles se ordenava, e as mais certas novas érão de um mouro, de que o conde muito confiava, o qual era mandado por el-rei de Féz, afim de enganar alguns dos almocadens, Pero de Meneses ou Gonçalo Vaz, como enganou, o qual foi tão solicito que nunca se descobrio senão ao conde e a Gonçalo Vaz e a Estêvão Coelho, alcaide-mór, em cuja casa se recolhia, entrando de noite pola porta do Albacar, da qual porta o alcaide-mór tinha as chaves; e como em tudo o que dizia falava verdade, era tanto o credito que dele se tinha que a nenhum dos outros não dávão credito se com ele não concertávão em tudo, asi que se confiasem dele e pudese ir algum dos almocadens com ele, como fôrão, e como se logo adiante dirá; pois este mouro foi causa da morte e perdição de Gonçalo Vaz, cousa tão desejada d'el-rei de Féz e de todos os seus.

Com este trato se veio el-rei de Féz chegando á vila, a qual correo á sesta feira d'Endoenças, á tarde, sendo toda a jente fora, dando o conde sua guarda á erva e dando de comer á boiada, como é costume sairmos fora, como já ei contado, na sesta feira d'Endoenças, no cativeiro de Fernão Caldeira. Como o conde andava já recolheito, estava este dia dando sua guarda ao longo da ribeira do porto d'Alemoquique, e como a jente saio d'Alecasapo, ouve tempo pera se recolher sem nenhum perjuizo, nem trabalho, sómente correo risco Fernão Caldeira de se perder aquele dia, porque, estando em cima das lombas do Corvo, pacendo com seus bois

apartados, ele e Pedro Afonso Homem e João Fernândez Torres e outros quatro ou cinco de cavalo, e tomando-se o rebate, com a grande grita que os nosos trazíão, recolhendo os moços ao longo da varzia das Pontinhas, fojírão os cavalos aos mais deles, e se pasou muito espaço primeiro que os tomasem; e o cavalo de Fernão Caldeira tardou tanto em se tomar que foi necesario a Pedro Afonso Homem tomar nas ancas a Fernão Caldeira, por serem já os mouros ao porto d'Alemoquique, e a dianteira da jente ao Rio Doce, e quando já os outros tomárão o cavalo se não pudérão recolher polas Pontinhas e fôrão demandar o Facho, e Fernão Caldeira chegou ao adro, donde o conde estava, ás ancas com suas couraças, lança e adarga, e o conde lhe mandou logo dar seu cavalo de destro, em que ele sobio tão agastado que ninguem lhe ousava falar palavra, nem o conde o ousava reprender; mas como João Fernândez Torres e os outros chegasem com o cavalo ele se pôs em cima, e, lançando-o pera ũa parte e pera a outra, fez rir a quantos ali estávão derrador; e sabendo o conde que todos érão recolhidos deu muitas graças a Deos em desarmar tanta jente, como parecia, sem fazerem nenhum dano, e travando pratica com Fernão Caldeira lhe dise que as sestas feiras d'Endoenças d'Arzila não se lhe dávão como as d'Azamor: «Tãobem, respondeo ele, na d'Azamor eu perdi muito mais do que ninguem cuida, em perder a Dom João de Meneses voso tio e a Dom Garcia voso primo e a outros muitos fidalgos, que me nomeávão por meu nome; mas eu vos juro por este abito que em sesta feira d'Endoenças ei de vingar minhas injurias, e ha de ser em esta em que estamos, se vós me dais licença que com cincoenta de cavalo dê nestes perrinhos que ândão brincando ante vós, porque eu os conheço, que tudo são algazaras, e como lhes móstrão os dentes móstrão eles as costas».

A este tempo estava el-rei com todas suas bandeiras em cima do Rio Doce, e outra muita jente andava derramada pola praia e polo outeiro de Fernão da Silva e por cima das Pontinhas, que por ser terra sem valos, andávão mui espalhados, porque a artelharia não leixava de jugar; mas, como cento de cavalo fosem demandar o Facho, logo cortárão o pao, leixando um pedaço em que enforcárão um mouro que el-rei trazia tomado, dos que á vila vínhão com nova, e o mandou enforcar no pao do Facho á vista da vila, por que o visem. O conde conheceo que avia de ser algum dos mouros da nova, mas Fernão Caldeira, que não estava em si com a muita sobejidão da colera, e por fazer certo o oferecimento daquela ora, não se pode ter que não pedise licença pera ir com trinta de cavalo ao Facho e lançá-los fóra das tranqueiras, e ver o que era o que estava pendurado. O conde, mais polo satisfazer que por ter vontade d'alargar jente de si, lh'a deu, mandando-lhe e rogando-lhe não saise fora da tranqueira, e se a jente fose muita se recolhese, porque ele queria aquele dia contentar-se com a mercê que lhe Deos fizera em não ter rece-

bido nenhum dano d'el-rei, a quem se devia ter acatamento por estar com sua pesoa vendo e considerando a vila. Foi tanta a jente que se apartava com Fernão Caldeira que o conde teve trabalho em os fazer deter e lh'a quisera negar, porque logo Rui Díaz de Sousa, d'alcunha o Cide, lhe pedio o leixase ir com aquela licença; o conde lh'a negou, dizendo que nenhum fidalgo, nem fronteiro, se apartase dele, e que muitos mouros estávão diante com os quais se podíão mostrar, se tempo e aparelho tivese. Tãobem a negou a Dom Manoel Mazcarenhas e a Dom Antonio, seus cunhados, que ambos pedírão licença pera irem com Fernão Caldeira; o conde ouve menencoria e os deteve, dizendo que nenhum fronteiro se avia d'apartar dele, e que mandava a todos moradores que não avíão de pasar seu mandado. Fernão Caldeira se apartou polo caminho velho, levando perto de corenta de cavalo, e se foi á tranqueira do Meio, donde logo os mouros o viérão demandar e travar escaramuça com ele, sendo os mouros mais de cento de cavalo, de maneira que, fazendo alguns rostinhos, quisérão os mouros apegar com os nosos; e vendo Fernão Caldeira tempo e aparelho deu santiago neles, e os levou até os lançar fora da tranqueira do Facho, ficando dentro dela tres mortos e quatro cavalos, e outros muitos feridos. Fernão Caldeira, como cavaleiro e homem de recado, não consentio pasar nenhum dos seus a tranqueira, por não pasar o mandado de seu capitão, posto que claramente conheceo pudera até o vale do Facho alancear e derrubar os mais deles, e despojando os tres mouros mortos, os trouxérão os rapazes, arrastando, á vila, com grande alegria deles e das molheres. Fernão Caldeira fez cortar a corda ao enforcado, que foi aos mouros grande bofetada, e chegando a nova a el-rei lhe pesou muito, parecendo-lhe que era tomado algum dos mouros vivos e podíão dele saber algum de seus tratos; e logo se pasárão polo porto d'Alemoquique alguns alcaides e se viérão ao Facho e se estendêrão polas vinhas até o mar, e viérão falar com os nosos e soubérão como os tres mouros érão mortos.

O conde se foi ás tranqueiras e louvou muito a Fernão Caldeira não pasar a tranqueira do Facho, e que avia comprido bem sua palavra, e que mais estimava aqueles tres mouros mortos e cavalos tomados diante d'el-rei e todos seus alcaides que matar-lhe vinte ou trinta, perdendo um só cristão. Fernão Caldeira foi envejado dos fidalgos e fronteiros, desejando cada um que o feito fora seu. Tanto que o conde foi á tranqueira do Anjo, que é a primeira das tres que vão ao Facho, e tendo os quatro cavalos consigo, Fernão Caldeira se veio pera ele e lhe dise: «Senhor, oje pudera vingar ũa injuria se ousara pasar voso mandado»: «Eu o ei por muito bem feito, dise o conde, ainda que não fora mais que tirar-lhe o enforcado, quanto mais leixarem tres ou quatro em voso poder, e eles ficarem escarmentados pera não ousarem entrar connosco»; e asi se pasou este dia de sesta feira d'Endoenças, fazendo os sinais que concertados tínhão

com as mouriscas até se recolherem caminho do Xercão; o conde se recolheo á vila muito contente, por aquele dia não ter recebido nenhum dano d'el-rei e lhe matar tres ou quatro mouros e lhe tomar os cavalos; mas esta alegria e contentamento não lhe durou muito, porque tanto que foi noite ouve ũa grande perda a condesa sua mãe, em se lhe irem seis escravas mouriscas e muito fermosas, que com el-rei tínhão concertado, como atrás fica apontado; e fora o dano muito mór se ouvera efeito poderem levar a Dom Vasco, filho erdeiro do conde, como elas tínhão concertado, mas Deos o ordenou doutra maneira, que se fôrão por donde direi aqui.

CAPITULO XVII

Como e em que maneira, por um trato que as escravas da condesa trazíão com el-rei de Féz, em ũa sesta feira d'Endoenças se fôrão seis todas cristãs

Neste capitulo atrás, ei apontado e contado como a vinda d'el-rei abaixo era polo trato e concerto que o seu alfaqueque tinha com as mouriscas da condesa velha, do qual trato e concerto era a principal ũa Lianor Rodríguez, camareira da condesa e aia de Dom Vasco, seu neto; a qual Lianor Rodríguez, sendo escrava e muito privada da condesa, a deu por molher a João Coutinho, mourisco, sendo muito bom homem e fazendo muitas presas, entre as quais fez as d'Arraihana [1], em que trouve [2] cento e vinte almas, todas mouras muito fermosas. Este João Coutinho foi um dos dous mouriscos que Vasco da Silva matou, quinze dias antes que os mouros saqueasem Arzila, quando cativárão a Leonardo Alemão; e depois de morto o marido, a condesa a recolheo pera sua casa e a um filho seu, per nome Fernando, o qual ela levou consigo, como logo se verá.

Recolhido o conde na vila com toda sua jente e sendo já noite, como sabia que el-rei não podia estar mais lonje que no Xercão, e se mandase espiar ou ver a vila, se estava avisada e a bom recado, os achasem e os visem espertos, mandou a jente ir toda ao muro, e ele o correo todo com muitas trombetas e atambores, e asi mandou acender em cada baluarte um fogareo de ferro com paveses d'alcatrão; e depois de tudo provido, se veio pôr á mesa com muitos fidalgos e fronteiros, pera tomarem a derradeira consoada da coresma; e em casa da condesa não faltárão ás [3] molheres e damas fazerem alegrias e danças, por onde a casa toda andava

1. Arraihana] Pisana A; Rainha B N M. — 2. trouve] trove A; trouxe B N L M. — 3. ás] *f.* B N L M.

em revolta, que foi causa que, vindo os mouros ao pé das janelas ao longo da praia, como estava concertado, a Lianor Rodríguez, que era a autor e atalaia deste trato, tanto que os sentio, dando o aviso ás outras, atárão ũa corda na janela da ante-camara e botando a seu filho Fernando por ela foi recolhido dos mouros de baixo, e asi o foi ela que logo após ele se foi; e vendo as outras o aparelho que pera serem forras da sojeição que tinhão, que era serem damas da mais nobre senhora que neste reino avia, que era Dona Caterina da Silva, condesa de Borba, a qual as tratava, não como escravas, senão como filhas, fazendo ũa sua camareira e outra aia de suas filhas, e outra de seu neto, quisérão ir meter-se na prisão do demonio, seguindo a seita de Mafamede, e negando a fé e bautismo que avíão tomado; — pois vendo estas molheres a Lianor Rodríguez e seu filho em baixo, tãobem se lançárão pola corda abaixo, a tempo que já do Miradouro os mouros érão sentidos e vistos, e bradando: «Repica, repica», começou o sino a repicar, e os mouros, não tendo mais que fazer, se recolhêrão ao adro, donde outros muitos mouros estávão. Dizem que a Lianor Rodríguez nunca pode levar Dom Vasco á janela tão embebecido andava com a dança das molheres, dizendo que não queria ir-se lançar [na cama] [1] tão cedo. Tãobem dizem que não ousou apegar com Dom Vasco e levá-lo nos braços por ser já de oito ou nove anos, e tãobem por que quís ela ser a primeira que se lançase, como se lançou. Pois repicando e dando rebate e achando-se as cordas nas janelas foi todo um, e acodindo uns ao muro e outros a casa da condesa e vendo as cordas, não sabendo quem por elas se avia lançado, sómente parecendo-lhes que seria algũa moura ou mouras que ficárão por recolher na mazmorra, se lançárão logo polas janelas dez ou quinze homens de casa, e o primeiro que se lançou foi Nuno Álvarez, veador da condesa, e outros criados de casa; e logo acodírão ao terreiro muitos a cavalo, em especial os almocadens Pero de Meneses e Gonçalo Vaz, como se costuma, pera estarem prestes se os ouvesem mester; mas o conde tanto que soube que as escravas mais principais da condesa, sua mãe, érão idas, pesando-lhe muito dos que érão fóra e tendo-os por perdidos, estorvou que mais se não lançasem fora, dizendo que molheres tão avisadas não cometeríão irem-se se não com terem feito concerto, o que logo pareceo, porque os que érão fóra vírão os mouros na praia indo por ela e os outros no adro, e não ousando ir por diante se recolhêrão á porta da Ribeira. O conde, vendo muitos que já estávão a cavalo, os mandou decer, dizendo que não avia de dar licença, nem leixar ir homem fora, porque estando el-rei tão perto não leixaria [2] de ser sabedor da ida das tais molheres; e sabendo que os seus estávão á porta, lhes fez abrir com muito recado, e vendo-os entrar deu muitas graças a Deos, e logo lhe contárão como a praia ia

1. [na cama] *f.* A. — 2. leixaria] leixaraa A.

cheia de mouros, e asi saíão outras batalhas do adro, por donde mais craramente parecia [1] vir toda aquela jente por elas, por algum trato feito. Todos os da vila estivérão aquela noite mui espantados pola ousadia daquelas molheres, tão privadas e honradas, e sobretudo namoradas, e a que mais espanto pôs foi a Lianor Rodríguez, que em fama e vertude parecia cristianisima, e por tal era avida e tida em casa da condesa, e de toda a vila. O conde e as condesas, posto que aquela noite não soubérão do trato que tivérão em levarem Dom Vasco, todavia dérão graças a Deos, em não ententarem algũa mór traição contra algũas pesoas de casa, pois o podíão fazer por todas terem cargos de camareiras, e de darem de vistir á condesa, como a suas filhas, Dona Maria da Silva, que depois foi molher de Dom Pedro d'Almeida, e de Dona Joana, sua irmã; mas, quando soubérão o trato e risco em que Dom Vasco esteve, ficárão muito espantadas e conhecêrão a mercê que Deos lhe fizera aquela noite. Não ficou molher que não acompanhase a condesa, polo muito sentimento que pola ida das escravas tinha, não pola valia delas, que muitas outras lhe ficávão, senão porque as tinha como filhas e como tais as trazia em sua casa, como damas pera delas serem suas filhas acompanhadas, e o que mais sentia érão as almas que por aquele feito se perdíão.

Aquela noite se pasou com muita vejia, e ao outro dia de sabado, bespora de Pascoa, o conde deu sua guarda á erva, ao longo da varzia do porto d'Alemoquique até o porto do Canto, donde dérão dous ou tres caminhos. Os mouros se recolhêrão ao Xercão, donde el-rei estava apousentado, e folgou em estremo com as mouriscas, por serem muito fermosas, e irem vestidas como damas ao uso noso; e dizem que lhes preguntou quantas mais ficávão em casa da condesa e na vila, e que sómente polas tirar de poder de cristãos vinha cercar Arzila, e se queríão ir pera Féz as tomaria em sua casa; elas, posto que érão barbaras e as mais criadas naquela serra do Farrobo, sabíão tanto do paço que quisérão antes tornar á serra, donde se criárão, por logo ali virem os pais e mães e irmãos e parentes, querendo cada um levar a sua; mas el-rei e os alcaides, vendo-as tanto damas, as cobiçárão, e el-rei levou a Lianor Rodríguez e outra, e Barraxe outras duas, por serem do Farrobo sua terra, e o alcaide d'Alcacere levou outras duas, das quais eu conheci ũa delas casada com Isa [2] Xicara, alfaqueque d'Alcacere Quebir, pesoa muito principal e honrada, em cuja casa eu tive muita conversação e de sua molher, que tão português falava como eu, e dela soube as mais das meudezas; e afirmo que nomeando e contando algũa cousa daquele tempo virem-lhe as lagrimas aos olhos, e nomeando a condesa era dizendo: a condesa minha senhora, tal e tal cousa, e afirmava nunca saber do trato que Lia-

1. parecia] parece A. — 2. Isa] Iha L; Ihi B N N: *i. é,* Jesus (*mais correctamente* Içа) *ou* Iahia, *nomes muito usados dos muçulmanos.*

nor Rodríguez trazia em levar Dom Vasco, até não serem diante d'el-rei. El-rei de Féz ficou muito contente da troca deste dia, levando por cada um dos mouros mortos duas molheres muito fermosas, e em cima Fernando, por contrapeso.

CAPITULO XVIII

De como el-rei de Féz tornou a correr Arzila, pasadas as oitavas da Pascoa, e se recolheo recebendo dano

Pasado esta tarde e noite de tanta confusão, e que tanto deu em que falar, asi da vinda dos mouros como da nosa, falando uns da morte dos tres mouros, e outros do cometimento e ousadia das escravas, e quanto a seu salvo se fôrão, saindo com o que ordenado e tratado tínhão, sem aver nenhũa delas que o quisese descobrir, guardando-se lealdade ũas ás outras; — pois vindo o dia de sabado, vespera de Pascoa de Resorreição do dito ano de mil e quinhentos e dezaseis, e pasados os oficios que nosa santa madre igreja usa e celebra até se cantar Aleluia, e vinda a tarde, o conde se pôs a cavalo com toda sua jente, e mandou ver o rastro da jente que polas escravas veio, e achando ser muita, e que entrárão polo porto d'Alemoquique, e o fizérão largo e aberto, e asi mesmo entrárão polas Pontinhas e se recolhêrão polo Rio Doce, todavia deu sua guarda ao longo do porto d'Alemoquique, e deu de comer á sua boiada; e asi pasou o dia de Pascoa, mandando ao adail Fernão Galego que com trinta de cavalo lhe dése de comer dentro dos valos, donde não pudese receber dano; mas a segunda feira á tarde, o conde, pondo-se a cavalo com toda a jente e com muitos de pé, detriminou de ir tapar e embarrancar o porto d'Alemoquique, por onde os mouros pasárão, e mandando descobrir o Palhegal, os mouros saírão dele e outros muitos dantre ambas as varzias, e pasando a ribeira de Bugano e o porto d'Alemoquique fôrão logo no Facho; mas o conde, que conheceo a detriminação que os mouros trazíão, que era pegarem com ele, se veio recolhendo pera a tranqueira do Anjo, pedindo-lhe Rui Díaz de Sousa, d'alcunha o Cide, licença pera com alguns de cavalo ficar na tranqueira do Meio, mas o conde por então lh'a[1] não concedeo, dizendo-lhe: «Senhor Rui Díaz, quando for tempo eu serei contente de vos poer em voso lugar, mas estes mouros não trazem outro desejo senão de se mesturarem com nós outros, e nenhum pesar lhe podemos fazer mór que não lhe conceder, nem sair ao que eles trazem detriminado; e se todavia nos quiserem acometer seja donde nos posamos aproveitar deles»; e com estas rezões ninguem lhe

1. lh'a] lh'o A.

ousou mais falar, posto que muito bem entendêrão que o conde não queria apartar nenhum dos fidalgos de si; porque pola mór parte os desmanchos que se fazem os mais são por eles, que, como mais desejosos de honra, não guárdão a ordem que devem, nem a de seus capitães, e por aver muitos fidalgos em Arzila não queria o conde que acontecese algum desastre a algum deles. Os mouros, tanto que fôrão no Facho, logo ũa das bandeiras entrou até a tranqueira do Meio, e entrando alguns vinte ou vinte cinco de cavalo, viérão até o meio dambas as tranqueiras, e escaramuçando desejávão levar os nosos acima, mas o conde os leixou desenfadar, asi ali como derredor da vila, donde érão visitados dos tiros dos baluartes; e vendo os mouros que o conde não fazia movimento, nem mostra de querer aquele dia com eles nada, começárão a fazer muitos portais polos valos, afim de não terem empedimento de se ajuntarem uns com os outros, e com isto sómente se recolhêrão ao Xercão, donde el-rei tinha seu arraial; e o conde se meteu na vila, mandando primeiro meter a boiada em um pão, que ao pé do Tambalalão estava espigado, e asi mandou aos de cavalo que cada um segase do trigo, que já neste tempo era espigado, ao derredor das ortas.

Pasado este dia de segunda feira e terça, á quarta nos tornárão a correr com muita furia por todas as partes, e quís Noso Senhor que não fizérão nenhum dano, sómente dar-nos muito trabalho, por não podermos ir por erva [1], nem a boiada saia mais que antre as ortas; e desta maneira pasamos estes dias, provendo o conde algũas cousas que lhe pareceo faríão dano aos mouros se corresem, mandando estar os bombardeiros prestes nos baluartes, e em cada um certos homens, moradores e mercadores, que lhes ajudasem á artelharia; e asi enjenhou ũa carreta, em que pôs um berço com cinco camaras e o [2] entregou a João Correa, bombardeiro, português, e muito bom espingardeiro, que com dous homens [o] [3] levasem, o qual carretão foi tão necesario e fez tanto proveito, levando-o ás tranqueiras e tirando dantre a jente, que sempre se costumou [4] até o despejo da vila, fazendo sempre muito dano nos mouros. Tãobem ordenou um barco dos de pescar, que estivese prestes com seus remeiros e dous bombardeiros, que, com dous berços, que no barco mandou poer, varejasem a praia, de maneira que os mouros não fosem senhores de andar por ela, o que tãobem foi muito necesario, porque logo á sesta feira, pasadas as outavas da Pascoa, os mouros tornárão a correr por todas as partes, vindo Barraxe e Almenderim pola praia, e el-rei e os outros alcaides a demandar o Facho e as tranqueiras, saindo d'Alecasapo

1. erva] ella A. — 2. o] as B N L M. — 3. [o] *f. em todos os mss.* — 4. que com dous homens... se costumou] que com dous homens levasem o carretão ás tranqueiras e dantre a jente tirasem; o qual enjenho de carretão foi tão necesario e fez tanto proveito que sempre se costumou B N L M.

e do Pereiral e dantre ambas as varzias com tanta furia e presteza que todo o noso campo foi cuberto deles; e como já estávão de caminho, não ficou no arraial cavaleiro que não viese ver a vila, e como achárão o conde na tranqueira de João Vaz o Anjo e quisesem pegar com ele, João Correa os começou a servir com o tiro que no carretão tinha, de tal maneira que, primeiro que se tornasem a abrigar no valo da tranqueira, ficárão tres cavalos mortos; e asi recebêrão muito dano em suas pesoas, de tal maneira que ficou despejado todo o espaço que ha de ũa tranqueira á outra, polo dano que João Correa fazia com o berço que no carretão tinha, de maneira que os mouros, que muito detriminados vínhão de pegar com a nosa jente, se começárão a afastar dela, espalhando-se polas vinhas e Laranjal, ficando o conde bem desabafado. Tãobem Barraxe e Almenderim, que o Rio Doce pasárão, achando aos Mastos o barco com os dous tiros, com os quais os começou de servir de pelouros de chumbo, dos quais, recebendo tãobem dano, foi o medo tamanho neles que, apartando-se da praia, tomárão o outeiro de Fernão da Silva e o de sobre as Pontinhas, donde tãobem fôrão visitados e requeridos de muitos tiros que no baluarte da Praia e no de Santa Cruz estávão, pola qual causa o mais encubertamente que pudérão, pasando a Pontinha, se fôrão ajuntar com el-rei, que na Atalaia Gorda á vista da vila estava, de maneira que este dia, recebendo muito dano, não fizérão cousa que de contar seja, e asi se tornárão ao Xercão, donde seu arraial tínhão.

Do pouco dano que os mouros este dia levárão o conde foi muito contente, posto que não foi a poder de lançadas, como outras vezes acontecia; e o mais do contentamento que o conde este dia ouve foi não receber algum dano, vindo os mouros com tanta detriminação de pegar com ele, e tendo para isto os valos rotos por muitas partes, e por a envenção do carretão e barco ser inventada por ele, a qual se usou até o despejo; e louvou muito a João Correa e a Simão Varela, seu criado, e fazendo-lhes mercê lhes encarregou tivesem cuidado de ter prestes o carretão com seu tiro e camaras armadas e bem aparelhadas pera quando repicasem. Tãobem Bastião de Rojas, mestre do barco, não ficou sem louvor e paga, e os que com ele fôrão, de maneira que os da vila ficárão aquele dia contentes; e o que mais se falava era em quantos mouros Bastião de Rojas fez alevantar do Rio Doce e do longo do mar, sem os leixar fazer sua çalá, tornando-se com os corpos tão çujos, como tínhão as almas. Dizia o conde Dom João que mais prezava, quando el-rei lhe corria ou os alcaides, desmanchar-lhe o ardil que trazíão, matando-lhe algum mouro, ou fazendo-lhe algum dano, por piqueno que fose, que sendo o ardil seu fazer ũa grande presa, dando por rezão que os ardis dos capitães an de ser cometidos com grande enformação e muito bem sabidos, e cometidos com muito resguardo e aviso, e os que são tomados de sobresalto dar muitas graças a Deos e contentar-se quando não recebem dano; e por ser

nesta semana acometido quatro vezes, posto que de todas foi avisado por mouros de nova, contentou-se com se defender e lhe matar os tres mouros, que Fernão Caldeira matou, e com o mais dano da artelharia, como está contado.

CAPITULO XIX

Em que se conta o que se mais pasou depois destas quatro corridas até a artelharia chegar e o cerco ser asentado

Muito cuidado tinha el-rei de Féz, em quatro vezes que correo Arzila, não poder fazer nenhum dano, e como de sua condição era guerreiro e muito imigo de cristãos, preguntava muito meudamente ás mouriscas pola ordem e pesoa do conde, e asi por sua condição e manhas; e como delas soubese ser verdade a fama que antre os mouros andava de sua nobreza e vertude, e como não avia pesoa na vila que não desejase morrer diante dele, não podia levar em paciencia aver antre cristãos pesoa em que tanta vertude ouvese, e muito mais o indinávão os alcaides e mouros, que todos concordávão com elas, e dizíão ser asi, uns por fama e outros de vista; e dizia el-rei que se espantava sair de homem tão aspero, como o conde, seu pai, filho tão contrairo á aspereza do conde de Borba; e posto que lhe pareceo muito deficultoso tomar Arzila, tendo tão bom capitão e defensor, asentou de a cercar com a muita confiança que tinha em sua artelharia, em especial em um pasamuro que mestre João lhe tinha feito, que lançava cincoento e sete arrateis de ferro coado, e em outros tiros e esperas, ainda que nenhum era milhor que a espera que d'Arzila levou; tinha tãobem outros tiros de ferro, em que avia um de nove arrobas e meia de pelouro, e com estas esperanças asentou não se levantar do noso campo até Mulei Naçar, seu irmão, não ser vindo, que a Mequinez pola artelharia e monições e todo o necesario era ido; e por ser necesario aos alcaides irem por sua jente e fazerem-se prestes, se ouve de levantar do Xercão e ir-se pera a Pontinha d'Alcacere, donde esteve todo o que restava do mês d'abril, não deixando o conde de ter os mais dos dias novas de tudo o que el-rei fazia de mouros de nova, que por ganhar seu premio e interese vínhão á vila, falsando as guardas que el-rei sobre nós tinha; em especial, o mais certo era um mouro que fora cativo de Estêvão Coelho, alcaide-mór, o qual se ofereceo a ũa notavel façanha, dizendo a el-rei de Fez e ao alcaide d'Alcacere que ele entregaria ao alcaide a Pero de Meneses ou a Gonçalo Vaz com ũa boa quadrilha de cristãos, e pera o fazer viria com nova do que no arraial se fazia, e tãobem descobriria os outros que trazíão as novas á vila.

El-rei lhe prometeo grandes mercês se algum destes almocadens pudese enganar; de maneira que isto asentado se veio á vila, e entrando pola porta do Albacar, cuja guarda e chaves érão encomendadas ao alcaide-mór Estêvão Coelho, chamando por ele se foi a sua casa, tão cuberto e tapado que dalgũa pesoa não fose visto, quanto mais conhecido, donde o conde em muito segredo e de noite foi falar com ele; e polas novas certas que deu, asi do arraial como da vinda da artelharia, e asi doutras meudezas que não se podíão leixar de saber, polo qual ficou em tanto credito que o alcaide-mór confiara sua pesoa dele, e o mouro se ofereceo a vir muitas vezes avisar de tudo o que mais pasase até o cerco ser asentado, pedindo ao conde que nenhũa pesoa fose sua lingoa senão Pero de Meneses ou Gonçalo Vaz; e com este credito usou[1] vir muitas vezes de noite a dar as mesmas novas que por outros mouros o conde sabia, mas não que vendese, nem descobrise nenhũa quadrilha d'almogavares, posto que muitas vezes corresem trás as atalaias, escusando-se que ele vinha de noite e que o campo era todo cheio de guardas, e que não érão mandados a mais que a rebater nosas atalaias, pera que nos não aproveitasemos trazer lenha, nem erva; e posto que com estes rebates nos desem muita opresão, por em todos os dias aver dous e tres rebates, as atalaias andávão tão recolheitas e o adail Fernão Galegó tanto sobre aviso que não pudérão tomar nenhũa atalaia, posto que muito fizérão por aver lingoa de nós.

O alcaide-mór trabalhou muito com este mouro polo omiziar, que dése ũa quadrilha d'almogavares ou espias, o que ele prometeo; e correndo alguns dias e sendo já a artelharia da Ponte a dentro, o mouro tornou com nova, como el-rei pasara a Ponte d'Alcacere e dormira em Taliconte, e as guardas da Atalaia Alta se ajuntárão com as d'Alfomar, e que as podíão tomar em amanhecendo, esperando-os antre as Atalaias Altas, donde agora chamamos a cilada do Alcaide; e praticando isto com os almocadens lhes não pareceo bem, e asi a Pero López d'Azevedo e a Fernão Caldeira, o qual requereo ao conde que por quatro barbaros não quisese aventurar trinta de cavalo, pois era necesario, pera os segurar, ter descuberto antre ambas as varzias e Tendefe e as Furnas, o que não se podia fazer polas Atalaias Altas d'Alfomar e Tendefe serem sempre tomadas e povoadas de mouros, e por estas rezões se leixou esta vez d'ir fora; tendo os mouros vendidos, e visto como os não podia levar a parte donde os pudese entregar a seu salvo, ordenou outro ardil, concertando com o alcaide d'Alcacere o esperase junto da vila em parte donde, saindo de noite, como as mais das vezes fazião, os pudese atalhar; e como já el-rei era no Xercão e as nosas atalaias todos os dias se víão com as dos mouros, o mouro fenjio não ousar sair da vila de dia, e

1. usou] ousou B N L M.

pedio ao alcaide-mór o pusese de noite donde não correse risco, todo afim de os poder entregar a seu salvo, e como o alcaide-mór tivese nele confiança, facilmente pedio ao conde lhe dése licença, que com trinta de cavalo o pasase em anoitecendo ás Furnas, indo Gonçalo Vaz por guia; e dando-lh'a se veio a ordenar um trato donde se causou a morte de Gonçalo Vaz, com pasar um dos móres martirios que os bem aventurados santos pasárão, como em o lugar de sua morte se dirá, e o alcaide-mór se ouvera de perder com todos os que com ele érão, como logo se verá.

CAPITULO XX

Em que o alcaide-mór Estêvão Coelho foi enganado de um mouro de nova e se ouvera de perder, e Gonçalo Vaz se lançou das Furnas abaixo e quebrou ũa perna que foi causa de sua morte

PROSEGUINDO este mouro de nova seu trato e concerto adiante, não leixava de vir as mais das noutes á vila, de maneira que, polas novas que este mouro dava, já se avia por muito certo não tardar a artelharia dous ou tres dias; e com esta certeza o conde mandou encampar as ortas, e que toda pesoa cortase e metese na vila o que pudese, de maneira que as casas e quintais e telhados todos érão cheios de trigos espigados; e ũa quinta feira, vinte e seis d'abril, sendo já menhã, o mouro saio do vale do Facho, e chegando ao adail dise como em Bugano leixava vinte um de cavalo, que el-rei mandava tomar ũa atalaia, pera por ela saber o socorro que a vila tinha e esperava. O adail o fez logo saber ao conde, que sobre as Pontinhas já era, por fazer recolher o pão daquela parte, e, sabendo que os almogavares estávão ali, ordenou de lhe armar; apartando trinta de cavalo, os mandou polo vale acima que se sobacasem e metesem no[1] pé da Atalaia Gorda, mas os mouros, que sua atalaia tínhão na Atalaia do Lião, se fizérão sentidos e se descobrírão, sendo mandados o fizesem asi, afim que o mouro ficase mais acreditado, como ficou, dizendo que os nosos fôrão vistos.

Logo aquela noite o mouro requereo que o pusesem em lugar seguro; logo o alcaide-mór e Gonçalo Vaz fôrão postos a cavalo, e asi o fizérão até vinte cinco de cavalo, e sendo ás ave marias, o alcaide-mór, com seu mouro nas ancas do seu cavalo, saio pola porta do Albacar, mandando-lhe o conde que o pusesem nas vinhas, donde avia muitos caniçaes e silvado; mas tanto que nas vinhas fôrão, o mouro dise que não ficava seguro, por ser dali ás Furnas tudo rasos, e Gonçalo Vaz pasou adiante

1. no] ao B N L M.

e dise que o poria no ribeiro de Jil da Mota; mas, como ao ribeiro chegárão, o mouro pedio o pusesem nas Furnas, o que Gonçalo Vaz não quís fazer, dizendo que mais seguro ficava no ribeiro de Jil da Mota, por ser muito forte e cheio de mato; mas o mouro, como tinha a traição armada da outra parte do ribeiro, não foi contente de ficar ali, e o alcaide-mór rogou a Gancalo Vaz pasase adiante, pois dali ás Furnas não avia um tiro d'arcabuz. Gonçalo Vaz pasou o ribeiro, e, como fôrão da outra banda, o mouro saltou das ancas do cavalo abaixo e começou ir diante os de cavalo e caminhar escontra o mar, dizendo que se podíão tornar, e dando ũa carreira o perdêrão de vista, polo muito escuro que fazia; e sendo apartado dos nosos deu dous ou tres muito grandes asovios, mas já a este tempo o alcaide d'Alcacere, que esperando-o estava ao pé do monte das Porcas com seiscentos de cavalo, vinha ao longo do ribeiro quanto mais podia a lhes tomar o porto. Os nosos, posto que polos asovios lhes pareceo roindade, logo sentírão o mormulho da jente, posto que a não visem, polo muito escuro que fazia, e tomando um troto cerrado, viérão dar no meio da jente; e vendo a grosidão da jente e sentindo a grande matinada que trazíão, como trazião o rosto na vila, o tornárão pera onde trazião as costas, espalhando-se uns pera as Furnas, e outros pera o monte das Porcas, o que não pudérão fazer que logo ali não ficasem muitos a pé, dos quais fôrão mortos dous dos nosos, um João Rodríguez, irmão de Martim Anes, e João Gonçálvez, ferrador, e outros se lançárão ao ribeiro, donde, perdendo os cavalos, se salvárão a pé.

Deste desbarate ou desmancho ouve tres ou quatro maneiras de fojida, as quais irei contando pola milhor maneira que puder, posto que de tudo sou bem lembrado e o tenho muitas vezes praticado. Alguns dos nosos, que a cavalo rompêrão os mouros e pasárão o ribeiro, viérão á vila, e dando o rebate a pusérão em grande confusão, os quais abrindo-lhe a porta da Ribeira entrárão. Um era João Fernândez Ocanha, cavaleiro honrado e antigo da vila e tio de João Vaz Aljofarinho, que esta noute escapou muito mal ferido, como logo direi; os outros érão Francisco Colaço e Antonio Fernândez Lamezinho, atalaias, os quais dérão as novas que vírão, fazendo a todos perdidos, o que esta noite os da vila sentírão muito. Bem se pode crer que foi noite de muita confusão e choro e tristura, posto que não tardou muito que pola Couraça, de pedra em pedra, não começárão a vir alguns que, leixando os cavalos, se lançárão ao mar, uns polas Furnas abaixo, outros polo ribeiro de Jil da Mota e pola volta das canas, de maneira que destes viérão aquela noite nove ou dez. O primeiro que á vila veio foi Antonio Vaz, filho de Vasco Lourenço Aljofarinho, que ás vezes a nado e outras de pedra em pedra chegou á Couraça; este caminho fizérão outros que aquela noite viérão, e outros se leixárão estar dentro no ribeiro de Jil da Mota,

e alguns saindo-se dele se viérão meter nas vinhas, não ousando vir demandar as tranqueiras, por sentirem toda a noite jente. Gonçalo Vaz se lançou nas Furnas, confiando sabê-las, mas ele ia tão apresado de muitos que o seguiam e a noite muito escura que, errando a vereda, caio da rocha abaixo e quebrou ũa perna por cima do artelho, e asi como pode se meteo em ũa das furnas, donde esteve com a agoa pola cinta até dia craro, que um barco, de dous que o conde aquela noite mandou, foi dar com ele e o recolhêrão asaz maltratado; e asi recolhêrão outros cinco homens. Em se achar Gonçalo Vaz vivo, já se não sentia a perda dos dous homens, nem dos cavalos, porque o alcaide-mór já era na vila, como logo direi. Vendo o alcaide-mór toda a jente diante de si ir correndo ao longo do ribeiro, correo ao longo dele polo carreiro[1] acima, pera o monte das Porcas, querendo encabeçar o ribeiro e tomar as lombas de Bugano e do Corvo, por ser terra larga; e o caminho e detriminação sua levou tãobem João Vaz Aljofarinho, indo na sua isteira; e vendo-se João Vaz desapresado dos mouros, sentio diante de si um de cavalo e, pondo os olhos polo escuro, vio branquejar ũa adarga nova, que o alcaide-mór levava, e fegurou-se-lhe ser camisa mourisca, e, correndo a fantesia polos nosos, vio que nenhum a levava, e asentou ser mouro de camisa mourisca, e apertando o cavalo das esporas fez muito polo encontrar, e dizendo: «Orraem[2], perro», lhe pôs a lança; mas o alcaide-mór, que junto de si o sentio, como era ezquerdo, o tomou na lança polo bucho do braço dereito, e pasando-lh'o lhe pasou o corpo de ũa parte á outra, o que não pode fazer sem ele ser encontrado na adarga com tanta força que ambos fôrão ao chão, e tomando o alcaide-mór sua adarga, porque a lança foi quebrada e o pedaço metido em João Vaz, se apartou dele, e, tomando o corrego do Lião, veio demandar o vale do Facho, donde esteve esperando a menhã; e não vendo reboliço se mostrou ás atalaias que já ião fora em busca dalguns embrenhados, e tanto que chegou ao adail, logo dise donde se encontrara com um homem que lhe parecia ser cristão. O conde mandou logo descobrir a Ruiva e o mar, e tomando o alcaide-mór um cavalo foi mostrar donde se encontrárão e donde lhe parecia o outro ficava, e não no achando achárão o rastro caminho da vila e as ervas cheias de sangue, e asi achárão os mais homens que faltávão, e alguns cavalos que, polo grande escuro, os mouros não topárão com eles; mas João Vaz, tanto que se vio no chão e muito mal ferido, tirando o troço da lança de si, se esforçou a tomar seu cavalo; e não o podendo topar, nem ver, quís vir demandar a vila, o que não pode fazer por se esmorecer muitas vezes, e tornando em si,

1. carreiro] corrego B N L M. — 2. orraem] arraem L; atrahe? B N M. *Não sabemos explicar êste vocábulo. Não parece ser árabe, porque sendo-o o autor costuma traduzir. Será:* ó roim *ou* ah! roim?

a pedaços, como pode, com sua lança na mão, veio demandar as vinhas, donde esteve embrenhado bom pedaço da noite, sentindo sempre a matinada que os mouros fazíão, andando polo escuro em busca dos nosos e dos cavalos que soltos andávão; e não ouvindo os mouros e sentindo-se muito fraco, quís demandar a vila, parecendo-lhe que, sendo-lhe tomado o sangue e curado, lhe seria milhor[1], e esforçando-se chegou a um valo da vinha de Lourenço Velho, e não o podendo pasar, enfraqueceo de todo e esteve até que foi menhã, que sendo o conde fora em busca dele e dos outros, forão topar com ele homens de pé e o trouxérão á vila, donde foi recebido de sua mãe e irmãs, mais por morto que vivo, que seu pai Vasco Lourenço e seus irmãos érão com o conde a buscá-lo; e sendo curado polo bacharel Francisco Gotérrez, muito bom fisico e cerugião, se teve esperança de sua vida, de que o conde, quando veio de fora, muito folgou, e muito mais de saber que era vindo Gonçalo Vaz, e os foi logo visitar, encomendando ao bacharel a cura deles.

O alcaide-mór polos sinais que se dérão, ele e João Vaz conhecêrão que ambos se encontrárão, e o dano que recebeo João Vaz foi por o alcaide-mór ser ezquerdo, e polo escuro se foi meter na lança, mas Deos o quís fazer de maneira que, sendo esta ferida de João Vaz grande, foi em solaio, de maneira que sarou e oje é vivo, tendo pasado muitos trai balhos e dous cativeiros, como em seu tempo se dirá, ajudando-me Deos.

CAPITULO XXI

De como por um ardil do conde fôrão tomados cinco mouros honrados e mortos outros tantos que vinhão ver a vila

Com muito contentamento e alegria a vila pasou o dia de sesta feira do que se avia pasado a noite dantes, por o dano ser tão pouco, como foi, em se não perderem mais de dous homens e se salvarem os mais principais, que érão o alcaide-mór, Estêvão Coelho, pesoa muito honrada e muito cavaleiro e de muito conselho, e Gonçalo Vaz cuja fama e credito era muito, asi por seus merecimentos e serviços, como por ter mostrado muita bondade, conversação com todos os moradores da vila; e com o conde achar estes homens vivos e os outros salvos, não sentio perder quinze ou dezaseis cavalos, que se aquela noite perdêrão; e parecendo-lhe que o contentamento dos mouros seria muito, e que o conde sentiria esta perda, e com trabalho de todo o dia estar no campo recolhendo erva e lenha se recolheria, e podíão vir ver e requerer

1. milhor] remedio B N L M.

a vila, e considerar o que mais a seu preposito fizese, recolhendo-se já noite ás ave marias, mandou a Pero de Meneses, almocadem, que com trinta de cavalo se leixase ficar á boca do Rio Doce ao longo do valo, e lhe mandou que entrando algũa jente pola praia, com que ele pudese, lhe dése nas costas e os tanjese pera a vila; e asi mandou ao adail Fernão Galego [que][1] com outros vinte cinco de cavalo ficase á tranqueira do Adro, e que entrando algũa jente polas ortas ou polo adro desem tãobem neles, de maneira que sentisem que não estavamos desacoroçoados[2].

Não foi o acordo e ardil do conde em balde, porque, tanto que a noite cerrou, se leixárão vir vinte cinco ou trinta de cavalo, e postos na boca do Rio Doce, muito seguros, mandárão quatro de cavalo ao longo do valo, que viesem descobrindo ao longo dele, os quais, tanto que aos nosos chegárão, fôrão logo mortos e alanceados, e dando nos outros que ao rebate lhes quisérão acodir, os pusérão em desbarate; mas como Pero de Meneses não consentise a nenhum dos seus pasar o Rio Doce, por o conde lhe ter asi mandado, os mais deles se salvárão, pasando a agoa do Rio Doce, e alguns que o não pudérão tomar, vindo pola praia, viérão dar com o adail, donde uns fôrão mortos e outros tomados, cativos, de maneira que se perdêrão dez ou doze, ficando cinco mouros cativos e os outros mortos, e se tomárão nove cavalos: e asi se vingou a noite pasada, que por dous ficárão doze, entre os quais avia muito honrados homens de Féz, de quem adiante farei menção. O conde, tanto que ouvio o rebate, foi logo á porta da Ribeira com muito cuidado de saber o que era, mas não tardou muito que não chegárão muitos, pedindo alvixaras, dizendo que avião morto vinte mouros, o que o conde não creo até os não ver; e abraçando a Pero de Meneses os recolheo á vila e, levando-os á torre, lhe fez as preguntas costumadas, mas achando-os todos conformes não lhes fizérão mal, por serem os dous deles de Féz e pesoas multo honradas, um deles mancebo muito jentil homem e que parecia pesoa de muita gravidade, o qual contentou tanto ás condesas, sogra e nora, que ambas asentárão de comprar este mouro, e outro um pouco baço, o qual era tão português como eu, por ser nacido na Mouraria desta cidade de Lisboa, o qual era dos principais mouros que nela avia em tempo deles, e em Féz era juiz dos orfãos; e parece que, por ter algum conhecimento de pedreiro, quís vir ver a vila, como antre os mouros os oficiais sejão os mais estimados e os mais ricos; mas deste mouro Fernão Caldeira levou o milhor dele, como logo se dirá. O conde foi muito alegre desta boa dita e sorte, com todos os da vila, tomando-o por bom sinal, que pois a fortuna tornou tão cedo com sua roda, em não pasar mais de ũa noite e um dia, que não fez todos os da vila de tristes alegres: oficio é da fortuna não leixar estar as cousas muito tempo

1. [que] f. A. — 2. desacoroçoados] desacordados A.

em um ser, e isto se mostra muito mais na guerra que em outra nenhũa cousa, fazendo muitos balanços e mudanças em pouco tempo, prendendo reis, perdendo-se reinos, e tornando-os a soltar e ajudando-os a que cobrem o perdido e ganhem outros, como em noso tempo temos visto nestes reis de Féz e Marrocos, quantos balanços hão feito, asi entre eles, como em tantos e tão eicelentes lugares, como por nosos pecados lhes hão leixado, acrecentando-lhe o campo da Duquela e Enxouvia, que são duas eicelentes provincias, que Çafim e Azamor tínhão despovoado, e, por nosa parte, tirando-lhe aquele tão bravo freio que o reino de Féz em Arzila tinha, não sendo senhores das portas d'Alcacere Quebir, afora tirarem os freios dos seus cavalos com medo de nós outros os d'Arzila. Mas tornando a minha ordem e cerco d'Arzila: recolhido o conde e muito alegre desta vitoria, por certo teve que ao outro dia logo seria cercado, como de feito foi; mas, antes que na ordem do cerco entre e nas meudezas dele, quero contar o que a Fernão Caldeira aconteceo com um destes mouros, e como se logo resgatou, estando ainda cercados.

Com a présa que logo ao outro dia tivemos, em amanhecermos cercados, ficárão alguns dias os mouros por vender, mas logo, como as cousas forão postas em ordem, o conde mandou vender os cinco mouros em leilão, como sempre foi costume, prometendo primeiro suas alças, e depois dando-os a quem os queria tomar forros, que se entenda pagar o mais alto preço á cavalgada e pagar as alças ás partes que as tômão. Este mouro português, de que ei feito menção, comprou Fernão Caldeira, que, como mais abastado da vila, tinha junto honrado casamento pera suas filhas, e não faltava em sua casa dinheiro pera comprar e emprestar, o qual mouro comprou por setenta ou oitenta mil reais; e mandado a sua casa, foi tratado de sua molher e filhas honradamente, mas como foi noite e o metesem em ũa bésta de ferro, em que os mouros de Fernão Caldeira dormíão em casa, e não íão á mazmorra da vila, vendo-se o mouro na bésta, se agastou, e logo ao outro dia dise a sua senhora: «Senhora, meu senhor, Fernão Caldeira, não deu tanto por mim pera me ter a ũa mó e lhe moer um alqueire de trigo, nem lhe alimpar um cavalo, que iso faz um barbaro que custa dez ou doze mil reais, mas a mim não me comprou senão pera lhe dobrar seu dinheiro e me resgatar: o que ei de fazer ao tarde quero-o fazer logo: vosa mercê seja minha ajudadora, não pera me tirar do que for rezão, senão pera que seja resgatado». Logo ela e suas filhas lh'o prometêrão, e vindo Fernão Caldeira a casa, que capitão da estancia do Miradouro era, e sua molher e filhas lhe contárão o que o mouro lhes requerera. Respondeo: «Olhai a présa que o perro tem, e ele está mais de vagar do que cuida», e chamando-o lhe dise: «Maçoude [1], muita présa tens: sabe que estás de vagar e que me

1. Maçoude] Macomde A; f. B N M.

has de dar seiscentos cruzados, do que te tu has de rir, que cuidas que estes perrinhos nos hão d'entrar e que te has de ir de graça». O mouro lhe respondeo: «Eu sou português e nacido na Mouraria de Lisboa e ei nome Bençude, e o que dise farei sem falta; e se os perrinhos, que vosa mercê chama, entrarem a vila, quero-me achar com eles, por que me caiba milhor parte». Respondeo Fernão Caldeira: «Pois esa esperança tendes, eis-me de dar seiscentos cruzados, e pois tendes vosa casa em Féz aveis de dar a cada ũa de minhas filhas um arratel de seda». Respondeo o mouro: «Não quero mais testemunha pera vosa palavra que minha senhora e as senhoras suas filhas», e pedindo tinta e papel fez ũa carta e, dando-a a Fernão Caldeira, lhe pedio a pusese na praia, pera que os mouros a visem e a levasem. Fernão Caldeira a levou ao conde, e, vendo que nela não ia mais que pedir-lhe trouxesem logo os seiscentos cruzados, a mandou pôr em ũa cana na praia, donde logo veio um mouro por ela e a levou; e dahi a tres dias um mouro levantou ũa bandeira e, respondendo-lhe que viese seguro, dise que lhe não tirasem, que queria vir á vila, e veio; e diante do conde dise que trazia o resgate de Bençude, e logo entregou a Fernão Caldeira seiscentas dobras de Féz, as quais Fernão Caldeira não quís receber, dizendo que valíão menos que os cruzados d'el-rei Dom Manoel dez reais, e logo o Bençude dise que ele mandaria polas faltas, que érão seiscentos meios vintens, que notava seis mil reais. O conde vendo a pouca referta do mouro, o tomou sobre si, dizendo a Fernão Caldeira que recebese as seiscentas dobras, porque ele ficava polas faltas. O mouro beijou as mãos ao conde e dise que recebia muita mercê, mas Fernão Caldeira não quís que o conde ficase polo mouro, e que se fose muito nas boas oras; mas o mouro pedio licença ao conde pera ir beijar as mãos ás condesas e lhes resgatar o mouro honrado que elas comprárão, e asi os outros seus companheiros, o que fez primeiro que se fose, leixando resgatado o da condesa por mil e dozentos cruzados, e asi os outros tres companheiros; e isto feito se foi, dando-lhe o conde licença, por já neste tempo estar na vila muito socorro do Algarve e asi de Cáliz e Xerez e do Porto de Santa Maria; o qual Bençude, tanto que o cerco se levantou, e el-rei foi em Alcacere, mandou logo ametade do resgate dos mouros e fiança pola outra ametade, como ficou concertado, e asi mandou a seda em dobro, que prometeo ás filhas de Fernão Caldeira, e pera sua senhora ũa carga de sabão e outra d'azeite e outra de manteiga; e depois, no ano de vinte quatro, estando el-rei no Palhegal, comendo-nos os pães, indo Fernão Caldeira com recado a el-rei de Féz, foi agasalhado deste Bençude, e veio á vila com Fernão Caldeira, sómente por ver e beijar as mãos a sua molher e a suas filhas, e lhes trouve alguns brincos de Féz, asi como avanos e outras cousinhas de seda. Tudo isto contei por dizer o agardecimento que este mouro teve, não estando mais que

quatro ou cinco dias cativo em poder de Fernão Caldeira, tendo fama antre os mouros de aspero e imigo deles, sómente polo bom tratamento de sua molher e filhas, e tãobem por ser nacido e criado em Portugal, e nesta cidade de Lisboa, cujos costumes em aquele tempo tão diferentes da ingratidão dos barbaros érão; e com isto leixarei este mouro e tornarei a contar a ordem que el-rei de Féz teve neste cerco, e o que o conde fez e a ordem que teve, e como repartio suas estancias, e quem érão os capitães delas.

CAPITULO XXII

Em que se conta como e de que maneira os mouros chegárão á vila e pondo suas bandeiras polas tranqueiras o conde mandou sair a Pero de Meneses com trinta de cavalo e matando muitos deles acodírão muitos mouros e o trabalho em que se vírão por salvar o pai do almoxarife João Álvarez

Esta noite de sesta feira se pasou com muita alegria e festa, muito diferente da pasada, pois o Senhor Deos em tão pouco espaço avia dado tão bom sinal de vitoria, e por dous cristãos que a noite dantes perdêrão, indo com o alcaide-mór, o pagárão com dez, como fica contado. Pois pasada a noite com muitos atambores e trombetas, que toda a noite soárão polo muro, avendo em cada baluarte um fugareo de ferro aceso com muitos novelos de fiado cubertos d'alcatrão, que toda a vila alumiávão de mar a mar, mas como foi menhã que o conde mandou dar ás atalaias, querendo ir fora e mandar ver o rastro dos mouros que a noite dantes se perdêrão, e saber e ver quantos érão e ao que vínhão, e se conformava com os ditos dos mouros tomados; mas ainda o adail Fernão Galego não era no Facho quando a jente d'el-rei se leixou vir em batalhas e com suas bandeiras despregadas, asi por da outra banda do Rio Doce, como pola Atalaia Ruiva e por Tendefe, de maneira que em pouco espaço o Facho e valos e ortas foi tudo cuberto de jente de cavalo e de pé, pondo suas bandeiras nas tranqueiras e lugares mais asinalados, como fôrão as bandeiras de Barraxe e de Almenderim na tranqueira do Adro, no chão de João Tavares, tiro de bésta do muro, e a bandeira do alcaide d'Alcacere na primeira tranqueira do Facho, e as bandeiras de Mulei Naçar e de seus irmãos fôrão postas nas Pontinhas e no Facho. El-rei mandou asentar e armar sua grande e real tenda em cima da fonte de Bugano, muito perto do Facho, e asi os outros alcaides se estendêrão polas vinhas até o mar, pondo o alcaide Alharte de Jazem sua bandeira no outeiro de Pero Cão, e asi o Xacorão de La-

rache pôs a sua na vinha de João Pegado, de maneira que de mouros e tendas e bandeiras a vila ficou bem rodeada e os olhos tínhão bem que ver; e desta maneira se pasou o dia de sabado e o domingo até tarde, chegando por antre os valos das ortas a tirar aos do muro com muitas béstas e espingardas com que começárão a fazer algum dano, ferindo algũas pesoas que polo muro e baluartes estávão; e outros entendíão em trazer rama e em fazer muita soma de cestos pera asentarem suas estancias; e porque no chão de João Tavares, que está á ponta do valo que vem do Rio Doce, estava muita jente de pé, ordenando ũa estancia grande, e a jente andava abrigada com o valo que cerca o adro e com o que vem do Rio Doce, o conde mandou a Pero de Meneses que com trinta de cavalo dése neles, e até em dereito dos Mastos alanceasem os que pudesem, indo todavia dez de cavalo da parte da praia pera que da ũa e da outra parte não tivesem acolheita; e sendo postos a cavalo e á porta do Albacar pera por ela sairem, se pôs a cavalo pera ir com eles, como foi, Gonçalo Álvarez d'Oliveira, pai de João Álvarez d'Oliveira, recebedor e almoxarife d'Arzila, que sendo muito velho e pesado, achando-se em Arzila com seu filho João Álvarez d'Oliveira, quís achar se em aquela volta, pedindo ao conde o leixase ir fora, e por muito que o conde o quís estorvar não pode, e por pouco esteve de se perder aquele dia, ou se leixou de fazer ũa boa volta por lhe valerem.

Pois estando todos prestes, as[1] portas do Albacar forão abertas[2], e Pero de Medeses foi posto no adro diante todos, e, tomando a tranqueira com os que o avião de seguir, foi alanceando, ele e os companheiros, muitos que, como carneiros brancos, íão fojindo, e os dez ou doze que da parte da praia íão não tivérão pouco que fazer, porque os que fojíão por dentro, vendo os nosos consigo, se lançárão da outra parte do valo, de maneira que, antes que aos Mastos chegasem, matárão vinte cinco ou trinta deles; mas o socorro foi tão prestes que em dando-se o rebate saírão da fonte d'Alvaro Gabriel e das Pontinhas mais de mil de cavalo que, com Barraxe e Almenderim, ao Rio Doce tínhão suas tendas, os quais acodírão tão desconcertados que, quando Pero de Meneses se ouve dentro da tranqueira, já alguns mouros de cavalo érão dentro do adro; e querendo-os apartar de si, o Gonçalo Álvarez, que velho e pesado era, foi ao chão, o que deu tanto animo aos mouros que, ainda que poucos, fizêrão muito polo alancear, mas Pero de Meneses e os que com ele íão, apartando os mouros, lhe fizérão tomar o cavalo, mas por muito que fizérão não no pudérão poer em cima dele; e vendo Pero de Meneses a necesidade grande e os muitos mouros que acodíão, chamando por João Fernândez d'Abreu e por Diogo Botelho, lhes dise: «Compadres, tende-

1. as] ás A. — 2. Pois estando... forão abertas] pois estando prestes saírão pela ordem que estava ordenada B N L M.

me estes mouros, que quero salvar este homem, não se nos perca», e chamando a .... [1] barbeiro, que valente e rijo era, o tomárão polos braços e arrastrando[-o] [2] o pusérão com muito trabalho e risco dos nosos á porta do Albacar, sendo já mais de dozentos ou trezentos de cavalo derrador dos nosos; e por muito que do baluarte da Praia e do de Santa Cruz os servíão de muitas béstas e espingardas e lanças d'arremeso não leixárão de os meterem ás lancadas pola porta do Albacar a dentro, com alguns dos nosos e cavalos virem feridos de muitas lançadas que sofrêrão, e, vendo os mouros os nosos recolhidos, e que não avia que fazer, um mouro remeteo com a porta do Albacar e pregou a lança nela, o que vendo Francisco do Soveral, que por guarda da porta estava, vestido com ũa saia de malha e cuberto de ũa adarga, se lançou fora da porta, e metendo com ambas as mãos a lança no mouro se saio [o mouro] [3] com ũa mortal ferida, ao parecer dos que o vírão.

O conde, que no baluarte da Praia estava e vira toda a revolta e mestura dos seus, e vendo-os dentro da porta salvos, deu muitas graças a Deos, e louvou muito a Pero de Meneses e aos companheiros na deligencia que na salvação de Gonçalo Àlvarez pusêrão, dizendo muitas vezes que mais folgou em salvarem a um homem velho e honrado que com matarem muitos mouros, e mais tirando-o de antre tantos, como já derrador dos nosos êrão. Alguns dos nosos viérão feridos de lanças d'arremeso e de mão tinente, mas não que morrese nenhum, e asi ouve muitos cavalos feridos e alguns mortos, entre os quais foi o cavalo Ruço Rodado de Diogo Botelho, de que já ei feito muitas vezes menção, por ser o milhor que em Arzila aquele tempo avia, em o qual Diogo Botelho se avia achado em muitos e mui asinalados feitos, e nele lhe avia feito Deos muita mercê e muito bem; e podemos-lhe chamar o grande Diogo Botelho, porque indo neste cavalo nenhũa pesoa pôs lança primeiro que ele, como em muitas partes destas lembranças se ha contado, ganhando muita honra e muita fama. Das muitas feridas que o cavalo de Diogo Botelho este dia trouxe veio a morrer, de que Diogo Botelho foi muito pesaroso e anojado; e mandando-lhe fazer ũa cova ao longo do muro no baluarte dos frades de São Francisco, de que ele era capitão, o mandou enterrar: certo, bem empregada sepoltura em alimaria que tanta guerra ajudou a fazer, e que tantos mouros ajudou a matar e ferir, e que tanta fama e honra deu a seu senhor.

Pasado este dia de domingo, em que esta saida pasou, logo á segunda feira amanheceo ũa grande e funda cava a derrador da vila, que a cercava de mar a mar não [4] mais [lonje] [5] que um tiro de arco da vila [6];

1. ...] *em branco em* A; *f.* B N L M. — 2. [o] *f.* A L. — 3. o mouro] *f.* A. — 4. não] no A. — 5. lonje] *f.* A. — 6. não mais... da vila] não mais lonje da vila que um tiro de arco L M.

e isto pera defender que os nosos não saisem, e saindo não podesem chegar a dar neles, nem lhes pudesem fazer dano, e tãobem pera que por fora desta larga e funda cava pudesem armar suas estancias e fazer seus baluartes e asentar sua artelharia.

CAPITULO XXIII

Em que se conta como o conde ordenou e repartio sua jente e os capitães quem fôrão e asi a ordem que os mouros tivérão em asentar sua artelharia

Pois ei contado todo o mais que os mouros fizérão até chegarem a cercar Arzila, e como ordenárão fazer cavas e estancias em que pusesem sua artelharia, parece rezão contar meudamente a ordem que o conde Dom João teve em ordenar capitães e repartir sua jente polas estancias, e que cada um conhecese a quem o avia de mandar e o lugar a que avia d'acodir; e porque até este tempo não avia nenhum socorro de fora, nem soldados, sómente os moradores da vila e alguns fronteiros, entre os quais érão Rui Díaz de Sousa o Cide e Antonio de Brito, filho do caçador-mór [1], ambos casados e com suas molheres e filhos, e outros fidalgos fronteiros, como Dom Manoel Mazcarenhas, que depois foi capitão d'Arzila, e Dom Antonio, seu irmão, que morreo cativo, ambos irmãos da condesa, e asi estava Eitor da Silveira, filho do coudermór e outros.

Pois o conde não lhe ficando nada por fazer, pois estava provido d'artelharia, de polvora e das monições necesarias, e com os fidalgos nomeados e com muito honrados moradores, por não dar opresão ao reino não quís pedir jente de socorro, sómente ao feitor d'Andaluzia que lhe mandase carvão, ferro e madeira, e que depois de ser avisado que de todo estava o cerco asentado lhe mandase dozentos homens. Dizia este eicelente capitão que mais queria sofrer um trabalhado e apresado cerco com dozentos homens pera sua defensa, e que cada oito dias lhe fosem cincoenta de socorro, que tendo quinhentos ou mil dentro sem esperar mais outro socorro; e dava rezão que qualquer socorro por piqueno que fose anima muito aos que o espérão; enxemplo muito grande temos ser asi nos grandes e mui espantaveis cercos que os nosos portugueses pasárão na India, na fortaleza de Dio, em tempo que a defendêrão de tantos milhares de turcos e mouros e de tanta soma d'artelharia os eicelentes capitães Antonio da Silveira e Dom João Mazcarenhas, que,

1. caçador-mór] *f.* B N L M.

em tão largos cercos, não havendo já cem homens de peleja, e estes muito cansados e feridos, em chegando um catur com sete ou oito homens de socorro, se animárão todos tanto que de novo lhes parecia começávão os trabalhos e não lhes lembrava os que avião pasado.

Tornando á ordem que o conde teve em repartir sua jente, foi desta maneira: o Miradouro, que se entende da porta da Ribeira até o baluarte de Perna d'Aranha, encomendou e deu o cargo de o guardar a Fernão Caldeira, morador muito honrado e principal, de que já ei feito menção, e farei em muitas partes desta istoria, ao qual deu cem homens, asi cavaleiros como moradores de pé, e com ele era Pedro Afonso Homem e seus irmãos e outros vezinhos do terreiro, como João Fernândez Torres, Fernão Meirinho, Gaspar Caldeira, Antão Rodríguez e outros; do baluarte da Praia deu o cargo a João Álvarez d'Oliveira, recebedor e almoxarife, que nele vevia nas casas do Albacar, com oitenta homens; o baluarte de Santa Cruz deu ao alcaide-mór Estêvão Coelho, com outros oitenta homens, mandando-lhe e rogando-lhe socorresem uns aos outros, por estarem juntos; a torre do Sino tomou pera si, com os fidalgos que com ele avião de ser sobresalentes; o baluarte da porta da Vila encomendou a Pero López d'Azevedo, seu parente e morador muito principal da vila, ao qual deu cem cavaleiros e moradores de cavalo e de pé; o baluarte de Antonio da Fonseca encomendou a ele mesmo Antonio da Fonseca, pesoa muito honrada e contador da vila, a que [1] deu oitenta homens, todos moradores; o baluarte do Tambalalão encomendou e deu a guarda dele a Antonio de Brito, que em Arzila vevia casado com sua molher Dona Breatiz: e por ser baluarte de muita importancia e por ele se esperar a bataria, por ser por ele a vila entrada, quando a saqueárão, como fica apontado em tempo do conde de Borba: e porque o baluarte estava já muito forte e a cava mui larga, todavia mandou que o guardasem cem homens, moradores de pé e de cavalo, e asi os seus; o baluarte da Couraça, por ser algum tanto mais fraco, e o pano do muro ser comprido e largo até o Tambalalão, e se esperar a força da bataria nele, como cousa mais riscosa e perigosa, deu ao Cide Rui Díaz de Sousa, que em Arzila em aquele tempo vevia, servindo ũa comenda com sua molher Dona Branca Coutinha, a qual em nobreza e vertudes não era menos que Rui Díaz de Sousa, seu marido, com cento ou cento e vinte homens, e mais os de sua casa; e porque neste perigoso cerco estas duas eicelentes e nobres pesoas se asinalárão muito mais que as outras, pondo Rui Díaz sua pesoa no muro muitas vezes descuberto ás bombardadas e ás setas e espingardas, por ajudar aos seus a concertar ũa bombarda, ou ũa manta, ou ũa amea, como ao diante direi, e Dona Branca,

1. a que] ao qual B N L M. *Forma correcta, por* quem. *Goes (L. IV, cap. 31) diz:* homem de que muito confiava.

sua molher, tendo sempre molheres providas com panos, ovos, azeites e cousas necesarias ao remedio dos feridos, e porque disto ao diante se fará mais longa relação o leixarei pera seu tempo e lugar, e irei correndo pola ordem dos baluartes; e por aver neste tempo antre estes dous baluartes da Couraça e Tambalalão duas torrinhas antigas, do tempo de mouros, as deu em guarda a Pero Godinho, morador muito honrado e da criação de seu pai, o conde de Borba, com quinze ou vinte homens; outras duas torrinhas, que antre a Couraça e o baluarte dos Frades, ou por milhor dizer de São Francisco, estão, deu cargo delas a André Lionárdez, juiz da vila e criado do conde seu pai [com dezoito ou vinte homens][1]; o baluarte dos Frades, por ser estancia principal, antre a Couraça e o Miradouro, fez capitão dele a Diogo Botelho, de que já ei feito muita menção, com cincoenta ou sesenta homens.

Repartida toda a jente polos baluartes e estancias, e postos os capitães nomeados, a vila começou a arder com bandeiras e fugareos, que postos polos baluartes toda a noite ardíão novelos d'alcatrão neles; tãobem trombetas e atambores não faltávão com os atabales que no porto das Pedras se tomárão, de maneira que a jente toda fazia muitas alegrias; e por não ficar nada por fazer, o conde mandou ao almoxarife João Álvarez d'Oliveira que todo o gasto do pão, carne e pescado e vinho fose á custa d'el-rei, dando a cada pesoa pera cada dia dous arrateis de bizcoito e arratel e meio de carne e quartilho e meio de vinho, que mais de tres são de Lisboa, pola medida ser muito mór; e pera isto se poder bem fazer se ordenou em cada ũa estancia um homem que, como mordomo, recolhia toda a soma do pão, carne, vinho e pescado, e o repartia polos de sua estancia, de maneira que cada um avia sua parte, o qual gasto el-rei noso senhor o ouve todo por bem gastado e o mandou levar em conta a seus oficiais. Com esta ordem que ei contado ficamos cercados, e os mouros fizérão suas cavas e asentárão suas estancias pela ordem e maneira que agora direi.

Primeiramente fizérão de mar a mar ũa funda e larga cava, com a qual cercárão toda a vila, afim que não pudesem receber dos nosos dano, a qual era tanto afastada do muro quanto um tiro de arco; desta principal cava nacíão outros braços que vínhão entestar no alambor da nosa, e feitos muitos buracos neles continuadamente lançávão por eles muita infinda pedra á mão, a qual por outras ruas e cavas trazíão em muita soma de camelos, os quais descarregávão nas estancias muitas fieiras de homens na cava, e asi muitos feixes de rama verde á mestura da pedra, tudo afim de a encherem; as suas estancias, posto que érão armadas sobre grandes cestos de canas érão tão fortes e seguras que a nosa artelharia fazia pouco dano nelas, as quais érão postas pola ordem seguinte:

1. com dezoito ou vinte homens] *f.* A L.

no adro avia duas mui bravas estancias, ũa no Barreiro, tiro de pedra do baluarte da Praia, em a qual tínhão posta a espera que da vila avíão levado, e outros dous ou tres falconetes, e um tiro de ferro que lançava pedra; com estes tirávão á porta da Ribeira e ao baluarte da Praia, mas o principal intento era tolher e defender aos navios de socorro não entrarem, nem estarem no arrecife; logo junto desta estancia, á tranqueira de João Tavares, fizérão outra muito grande e de muita jente, em a qual estava a bandeira vermelha de Barraxe e Almenderim, pesoas principais e alcaides de Xexuão e Tetuão, que, com toda sua jente de barbaros e andaluzes, as guardávão; na orta de Fernão Caldeira estava outra estancia, em que avia alguns tiros piquenos, que tirávão á porta da vila, com que fizérão algum dano: esta tinha [em guarda][1] o Alharte, alcaide de Jazem; toda a outra força das estancias e artelharia tínhão posta na vinha de Alvaro Velho e na d'Artur Rodríguez, que ambas estão antre a Couraça e o Tambalalão, nas quais estancias tínhão posto um pasamuro esforçado, que o pelouro pesava cincoenta e sete arrateis de ferro coado, e asi tínhão outros dous companheiros mais piquenos; e junto deste pasa-muro tínhão tres tiros de ferro, um dos quais tinha sete palmos e meio de roda, e nove arrobas e meio de peso tinha o pelouro que lançava. o qual dando no muro o atroava e a amea levava de raiz, e caindo na vila fazia muito dano, derribando casas e matando e escalavrando muitas pesoas; por estas cavas e valos era tanta a espingardaria e bèstaria que não avia buraco no muro, que fizese luzença, donde não ouvese muitos apontados a ele, com que fazíão muito dano.

CAPITULO XXIV

Como a vila se começou a bater e da vinda do capitão dos jinetes e Dom Nuno Mazcarenhas seu irmão

ORDENADAS todas as cousas asi e da maneira que ei contado, asi pera ofender a vila, como pera a defender, logo a artelharia começou a fazer seu oficio, lançando polas bocas muitos pelouros de ferro coado e outros de chumbo, pedra, com que uns atormentávão o muro, outros descoroávão[2] os baluartes, outros tirávão ás ameas, leixando o muro raso, de maneira que se não podia andar por ele sem serem logo encravados de muitas setas e espingardas. Tãobem a nosa artelharia não estava de vago, lançando muitos pelouros contra suas estancias, e pera onde parecia que mais dano lhes podíão fazer; e tãobem

1. [em guarda] *f.* A. — 2. descoroávão] descoravão A; abalavão B.

os bèsteiros e espingardeiros não leixávão asomar mouro que logo não era encravado, em especial dos antigos espingardeiros, como Alvaro Díaz, ferreiro, e seu filho Fernão Díaz, Domingos d'Amores, Pero Jusarte, João Correa, posto que ambos érão bombardeiros sempre se aproveitárão das espingardas, das quais érão mui destros; e começando asi esta obra, tão soficiente a consumirem-se[1], asi os de dentro como os de fora, não leixando muitos cavaleiros de se aproveitarem das béstas e espingardas, como João de Deos, Francisco Homem, seu irmão, ainda que clerigo, Alvaro Pírez, tabalião, e outros, que, por não enfadar, não conto; e porque logo no principio começou a vir algum socorro, e por ser o primeiro de pesoas tão asinaladas como o capitão dos jinetes e Dom Nuno, seu irmão, direi como viérão, aventurando suas pesoas, em duas caravelas rasas, não temendo encontrar algũa fusta que por acerto de Tetuão ou Bélez podíão encontrar e achar em a nosa costa; mas como então as fustas, ou galeotas, não tínhão tanta força como agora, não érão nada temidas, e mais de tais pesoas.

Pois sendo asi cercados, e a artelharia fazendo seu oficio, dando os acostumados bramidos, e sendo ouvida em Tanjere, logo o capitão Dom Duarte de Meneses proveo de nos mandar visitar, mandando dous barcos de remo, em que viérão alguns moradores de Tanjere, e veio mestre Diogo, que foi o milhor socorro que em tal tempo nos podia vir, por ser o milhor cerugião que em seu tempo se sabia, porque o bacharel Francisco Gotérrez, posto que o fose muito estremado, não podia acodir a tantos casos como socederão. Parece cousa de riso o que agora direi. Trouxérão de Tanjere tres ou quatro cães, aos quais, quando compria mandar recado a Tanjere, tomávão um deles, e, pondo-lhe ao pescoço ũa carta, ou mais, cuberta de cera, e açoutando-o muito bem, lhe abríão a porta da Ribeira, e saindo escandalizado não parava até Tanjere, e desta maneira o capitão de Tanjere sabia o que pasavamos sem aventurar-se homem.

Pois tornando á vinda do capitão dos jinetes, não sendo pasado mais de dous ou tres dias que o cerco era asentado, chegárão duas caravelas com asaz calma e vagar, e, lançando um barco ao mar, mandou o conde saber quem vinha nelas, e revogando-as[2] e trazendo-as ao arrecife desembarcárão delas o capitão dos jinetes e Dom Nuno Mazcarenhas, seu irmão, da qual vinda o conde e a condesa fôrão muito alegres, e asi o fôrão Dom Manoel Mazcarenhas e Dom Antonio, e asi se achárão neste cerco quatro irmãos da condesa; o qual capitão, achando-se em Mertola, sua comenda, mandou logo com a primeira nova buscar dous navios a Tavila, querendo-se meter neles com alguns homens de Mertola, o que não pode fazer sem que Dom Nuno, seu irmão, o não soubese, e par-

1. a consumirem-se] pera se consumirem B N L M. — 2. revogando-as: *i. é.*, rebocando-as.

tindo se foi ajuntar com ele, e asi o fizérão os seus e muitos cavaleiros da Guarda, de que ele era superior e capitão, de maneira que viérão com ele cento e vinte ou cento e trinta cavaleiros, asi da Guarda, como alguns de Montemor o Novo e Mertola, em que entrárão alguns bèsteiros, que por ser no principio, fôrão muito necesarios e fizérão muito proveito. Desembarcada esta jente do capitão, e muito mantimento e provisão que trazíão de trigo, farinhas, queijos e outras provisões necesarias, os navios tornárão logo, um com cartas pera el-rei, e outro pera o feitor d'Andaluzia, o qual, como era Nuno Ribeiro, pesoa muito honrada e valida em Andaluzia, fez logo dozentos homens, os mais bèsteiros e homens do campo, e com eles viérão dous comendadores, que d'el-rei noso senhor tínhão tenças com o abito, chamados, um Benavides e outro Bertolameu Rodríguez, os quais viérão por capitães desta jente.

Tãobem viérão outros cavaleiros de Xerez e Cáliz e do Porto de Santa Maria, em que entrárão os filhos do alcaide Carles do Porto de Santa Maria, os quais o conde recebeo com muito amor e gasalhado, dando-lhes por apousento e estancia o baluarte do Sino, que ele pera si tinha; mas como logo começou a aver necesidade de trabalhadores pera fazerem da banda da Couraça um contramuro, todos de mestura andávão na obra, da qual era o mestre e enjenheiro Franco Doria, mercador jenoês, que em Arzila morava, o qual neste cerco se mais asinalou que outra algũa pesoa, dando ordem a este contramuro e pondo sua pesoa muitas vezes em cima do muro, dando ordem aos bombardeiros como tirasem, e as mantas e defensas como avião de servir e defender aos nosos, que, como as bombardeiras érão já rotas e as mantas desfeitas e caidas, e os bombardeiros deles mortos e outros feridos, ele e o capitão Rui Díaz de Sousa érão os que mais arriscados andávão, pondo-se muitas vezes descubertos a concertar as mantas, fazendo emparos, pondo carretas, esforçando e ajudando os bombardeiros, de maneira que sendo já muitos mortos e feitos pedaços dos pelouros e pedras das ameas e rachas das mantas, não avia quem ousase chegar a ũa bombarda e pôr-lhe o fogo sem o capitão desta estancia, que Rui Díaz de Sousa era, não ser a tudo presente, e o primeiro que em toda parte lançava mão.

Pois continuada a bateria, sendo o muro por muitas partes roto e pasado do pasa-muro e atroado dos pelouros de pedra, em especial do grande que dando no muro o atroava e derrubava muita parte dele, levando as ameas, de maneira que por ele não se podia andar, pera o remedio do qual o conde proveo muitas pipas, as quais postas por ameas as fez encher de terra, e asi ficávão em lugar d'ameas, e como algũa era levada, logo era posta outra em seu lugar.

Tãobem proveo muitas mantas feitiças pera os baluartes, detrás as[1]

1. as] das B N L M.

quais a jente andase emparada; tãobem proveo, pera escusar algũa parte do dano que os tiros grosos fazíão, ũa campainha que mandou poer em ũa das torrinhas, que Pero Godinho guardava, a qual entregou a João Correa o velho, encomendando-lhe tivese vejia nas estancias dos mouros, e vendo levantar as mantas, que por emparo estávão do pasa-muro e [do][1] pedreiro, a tanjese, e fose sinal que o tiro queria tirar, e os nosos, que polo muro andávão trabalhando e tirando, se abaixasem ao pé do muro.

Proveo mais pera o contramuro mandar chantar[2] defronte, donde o muro se batia, duas vigas e muita madeira liadas e pregadas, e, por o tavoado do almazem não bastar, se tirárão as vigas e tavoado do cileiro do bizcoito, de maneira que do cural[3] das vacas até as casas de Pero Godinho se fez um muro, ou emparo de fortes vigas, entulhado de terra, pera que, sendo caso que o principal muro fizese portal, achasem de dentro outra resistencia e defesa, o qual se fez pola industria, saber e arte de Franco Doria, não tão sómente o contramuro, mas todos os outros arteficios e mantas e artes defensivas que neste cerco se fizérão, todas se ordenárão por ele, não tão sómente de fora, antes sua pesoa era sempre o primeiro que se punha nos maiores perigos, ou donde tal arteficio e enjenho se avia de poer, de maneira que o que ele ordenava se avia por bem mandado. Tinha Franco Doria muita experiencia na guerra de Italia e da industria do conde Pero Navarro. Ouvi dizer ao conde Dom João em seu louvor que com muito menos jente defenderia Franco Doria ũa cidade ou fortaleza que outro capitão: louvor, certo, grande pera mercador estranjeiro, posto que ele era dos mais nobres e principais cidadãos de Jenoa, como primo com irmão que era do eicelente principe André Doria, que já neste tempo, sendo senhor e capitão de suas galés, era temido em todo levante, e o rei ou senhoria que de sua parte o podia aver a soldo, ou por amizade, avia que tinha bom partido.

Tornando ao noso cerco, trabalhando os mouros por encher nosa cava e por derrubar o muro, e que a pedra que dele caise caindo na cava fose ajuda a topir[4], não deixava a artelharia de sempre bater, asi da sua parte, como da nosa, tirando eles ao muro e aos baluartes da Couraça e Tambalalão, por desfazer e desmanchar as bombardeiras e mantas, afim que ficando rasas e desfeitas a nosa artelharia não pudese servir, nem os bombardeiros a pudesem rejer, nem governar; e não se enganávão, porque com esta ordem e aviso os mais dos bombardeiros érão mortos e mal

1. [do] *f.* A. — 2. chantar] tanchar B M; tanxar N. — 3. cural] curral B N L; *mas* M *como no texto. Adiante p. 190, l. 23, cural e l. 32 curral, mas aqui* L cural. *Por isso conservamos as duas formas.* — 4. a topir] pera entupir B N L M. *O dicionário de Moraes regista o particípio* tupido; *e no castelhano* tupir *siginfica* entupir *(ou* atupir, *que tambem existiu). Veja-se adiante, p. 202, l. 14.*

feridos, e os que mais dano recebíão érão eles e os que os ajudávão a calhar e carregar a artelharia, em especial nestes dous baluartes da Couraça e Tambalalão, nos quais morrêrão neste cerco mais de vinte pesoas, os mais deles bombardeiros.

Um tiro sinalado [1] deu em ũa manta do Tambalalão, que, fazendo-a em rachas, ferio mais de dez homens, que com Antonio de Brito, seu capitão, estávão, e ele não ficou sem parte; mas como tomase em cheio a Simão Godinho, filho de André Godinho, medidor, detrás da manta, que apontando ũa bèsta estava, com a qual tinha feito em todos aqueles dias muito dano aos mouros, asi ele, como seu pai, o qual foi levado diante da manta com a cabeça feita pedaços, de que ao outro dia morreo, sendo mancebo em que avia muita esperança de homem de bem, por sua mansidão e boa criança [2], sendo sua mãe Violante Gonçálvez, a molher que nos cercos pasados e neste mais trabalhou, servindo de molher e homem, estando sempre no castelo, no tempo que os mouros [3] saqueárão e entrárão a vila, junto de seu marido e filho, armando-lhe e concertando-lhe as setas e metendo-lhe as bèstas nas mãos, e neste cerco andando sempre carregada de panos, ovos, azeite, pera com presteza acodir aos feridos; e nela Violante Gonçálvez se achava ũa necesaria botica, mandando-lhe as outras molheres a sua casa estes remedios tão necesarios. Desta morte de Simão Godinho ouve toda a vila muito sentimento, asi por ele, como por sua mãe, que de todos era amiga e avida por molher honrada, e não tinha outro filho, nem filha. Destes acertos e desastres ouve muitos nestes primeiros quinze dias que fomos cercados, e muito mais nos outros seguintes, que, como o muro e o baluarte íão sendo de cada vez mais quebrados, avia mais lugar a recebermos mais dano; e com isto pasarei aos outros quinze dias que ainda o cerco durou, em os quais chegou Rui Barreto, provedor do reino do Algarve, com um muito honrado socorro de muitos fidalgos e cavaleiros e pilotos e mareantes do Algarve.

1. sinalado] civalado A. — 2. criança] e ensino e criação L; e ensino B N M. — 3. estando... que os mouros] estando no cerco do ano de oito que os mouros B N L M.

CAPITULO XXV

De como proseguindo o cerco chegou o socorro do Algarve em que veio Rui Barreto e Garcia de Melo e outros muitos fidalgos daquele reino e o que mais socedeo em algũas saidas que os nosos fizérão fora

Avendo quinze ou dezaseis dias que eramos cercados, e outros tantos do mês de maio, sem nunca da ũa e da outra parte os foriosos e infernais tiros leixarem de fazer seu acostumado oficio contra as vidas humanas, noso senhor Deos nos quís alegrar com um muito bom socorro, o qual foi de doze caravelas, que do reino do Algarve viérão, carregadas de muitos e mui honrados fidalgos e muita e boa jente, e asi de muito trigo de Mertola, bizcoito, carvão, madeira, lenha, ferreiros, carpinteiros, oficiais de toda sorte, nas quais vinha Rui Barreto, provedor e veador da fazenda no Algarve; e com ele vínhão todos os mais fidalgos do Algarve, e asi muitos e mui bons pilotos e muitos mareantes daquele reino, que, por servir a Deos e a el-rei noso senhor, sem outra premia [1] viérão; veio mais Garcia de Melo, alcaide-mór de Castro Marim, o qual trouxe quinhentos ou seiscentos bèsteiros e espingardeiros, de que ele era anadel-mór e superior.

Pois chegado este socorro, com grande alvoroço todos os navios se metêrão no arrecife, sendo o primeiro e guia dos outros Thomé Martinz Alpoem, que, carregada de trigo trazia sua caravela, com a qual, não querendo estar á ventura que na descarga lhe matasem alguns homens, pois avia d'estar á [2] barreira aos espingardeiros e bèsteiros que nas cavas da praia estávão, veio com sua caravela a varar á porta da Ribeira, donde logo á formiga foi descarregada. Asi o fizérão outras duas caravelas, ũa de carvão, outra de madeira; as outras, tanto que fôrão dentro do arrecife, fôrão tão bem servidas e visitadas do fruito da espera que em pouco espaço fôrão os tres pasados e metidos no fundo, os quais o conde mandou trazer e varar junto dos outros; os quais navios, asi varados á porta da Ribeira, fizérão muito proveito, ficando por amparo aos que das barcas entrávão e saíão; e depois servindo o tavoado e madeira deles pera as estancias e amparos dos baluartes e roturas do muro, e o tavoado pera o contramuro; e porque pera a descarga dos navios que estávão de fora do arrecife, que continuadamente íão e vínhão barcas e barcos com jente e outra carga dos navios, de que a porta da Ribeira era

1. sem outra premia] sem outro interense L; *f. todo o capítulo nos outros mss.* — 2. á] por L.

necesario estar aberta, o conde deu cargo dela a Francisco do Soveral, dando-lhe vinte moradores das estancias e outros vinte da jente do capitão dos jinetes, seu cunhado, todos de couraças, lanças e adargas, os quais estávão em guarda da porta, de maneira que a porta da Ribeira esteve aberta todo o tempo que o cerco durou.

Como os navios estávão de fora, as barcas e barcos sempre servíão, indo e vindo, asi pola jente, como polo mais que nos navios vínhão; e porque estes caminhos não se podíão fazer sem muito risco, por os tiros do Barreiro e espingardões sempre lhes tirarem, de que recebíão dano, posto que levávão pavesada da banda de terra, todavia, lhe matárão alguns homens e ferírão outros, polo qual os marinheiros e jente dos navios não queríão servir. O peso de tudo ficou aos pescadores da vila, em especial a Diogo Martinz, piloto da vila, e a Bastião de Rojas e a seu sogro Lopo Afilhado, por estes tres terem armações de cações [1] e barcas; tãobem Lourenço Afonso e Lourenço Anes, com seus barcos, não leixávão de servir, entrando polo boqueirão que se faz ao longo do Miradouro; e quando lhe o mar dava lugar íão sair ao baluarte dos Frades; e desta maneira se recolheo todo o socorro de jente e o mais; mas como os mouros não leixasem de ir por sua obra adiante, tirando continuadamente ao muro, e tendo feito muito abalo nele, por ser o que fez Francisco de Lenzina d'empreitada, e não ter mais que seis palmos no andar e dous das ameas, e como era visitado a meudo do pasa-muro e do atroador pedreiro, era já o lanço do cural [2] das vacas tão descoroado e roto que, por muitas partes, se trasluzia de ũa á outra parte; e como a pedra que dele caia na cava ajudava muito á entenção dos mouros, que era enchê-la, ao que o conde acodio, mandando á cava seis ou oito padiolas com jente de remuda, mandando-lhe que, sem fazer matinada, nem bolicio, espalhasem a pedra e rama, desfazendo o monte e ajuntamento que era feito, espalhando-a, uns pola cava acima, e outros lançando-a fora dos baluartes da Couraça e dos Frades, de maneira que o ajuntamento grande, que era feito, não crecese; e pera se aproveitar desta pedra mandou abrir duas portas pequenas, ũa no baluarte de Antonio da Fonseca e outra no curral [2] das vacas, por donde á formiga se recolhia na vila, repairando com ela alguns lanços do muro, e estorvando que a que contino lançávão não entulhase a cava, de maneira que esta arte e manha fazia que a cava não fose entulhada da muita pedra e rama que continuadamente nela lançávão.

Vendo os oficiais das minas a muita pedra que era lançada e que por razão já os buracos não avião de servir, por já a pedra aver de chegar a eles, ou sospeitando o que era, ou querendo ver a soma que fazia, um

1. cações] caçoáes A. *Veja-se p. 61, l. 17 e nota 1.* — 2. *Veja-se ante p. 187, l. 12 e nota 3.*

dia pola sesta saírão das cavas dous mouros, armados de saias de malha e adargas e capacetes nas cabeças, e, paseando um de ũa parte da cava e outro da outra, chegárão á borda do alambor, e olhando pera o fundo da cava vírão craramente os homens que na cava andávão, e dando ũa grita se tornárão logo a recolher. Do muro se deu logo um grande rebate e grita, fazendo acodir a jente ás estancias, e asi acodírão muitos mouros de cavalo e de pé, com os quais nosa artelharia teve um pedaço de desenfado. Tãobem os dous mouros não se recolhêrão sem que lhes tirasem com muitas bèstas e espingardas, posto que o espaço da nosa cava a donde eles saírão fose muito pouco; os quais mouros pusérão tanto espanto e medo aos que na cava trabalhávão que, leixando as padiolas, se recolhêrão sem quererem mais andar na obra, parecendo-lhe que os mouros avíão de saltar na cava com eles, e asi o tínhão os homens do Algarve tão crido que a [1] não quisérão tomar, e foi necesario ao conde mandar vinte cinco homens de lanças e adargas a estar com eles, da parte do baluarte de Antonio da Fonseca, e outros tantos da outra parte da Couraça, favorecendo-os, pera que se os mouros intentasem entrar com eles achasem resistencia; e pera mais craramente saberem o que nas cavas ia e o que nelas avia, o conde mandou dar nelas, mandando sair pola portinha, que estava feita da banda da Couraça, corenta homens, todos de lanças e adargas ou rodelas, e que cada um levase ũa panela de polvora, e que, remetendo ás cavas, as lançasem dentro, e que o fogo que o material fizese não perdoase a nenhum que ouvesse alcançado, e que eles com as lanças compridas alcançasem aos que do fogo ouvesem escapado; e pera mais segurança destes corenta, mandou ao capitão dos jinetes, seu cunhado, que com seus irmãos e todos os seus, que seríão perto de dozentos homens, estivesem fora do baluarte da Couraça, á boca da cava, esperando se os mouros, querendo vingar o dano feito do fogo e das lanças, se mesturasem com os nosos corenta. Mandou mais aperceber toda a artelharia, e que todo bèsteiro e espingardeiro estivese no muro com sua bèsta e espingarda; e, ao tempo que pareceo, mandou sair os das panelas, e, sendo descubertos, remetêrão ás cavas, não sendo mais que um tiro d'arco, e chegando [2] ás cavas, que cheias de mouros estávão, começou a obra das panelas a fazer seu oficio, levantando tamanha fumareda que não parecia nenhum dos nosos; mas, pasada aquela furia, as lanças começárão a fazer seu oficio, derramando muito sangue dos que trabalhávão por se afastar do fogo.

Foi o rebate tão bravo, asi da nosa parte, como da sua, que as guardas das estancias estivérão em as desemparar, o que fizérão se o capitão dos jinetes alargara os que com ele estávão, porque mestre João, artilheiro, e mestre [3] daquelas bombardas grosas, ele e seus companheiros,

1. a] as A. — 2. chegando] cegando A. — 3. mestre] muitas A.

desemparando as estancias e artelharia, se pusérão em fojida; mas como os nosos não levávão mais licença que ver o que nas cavas avia e as queimar, sendo a licença e ardil de Dom Manoel Mazcarenhas, que com eles foi, a quem o conde muitas vezes encomendou e pedio não pasase um paso da ordem que lhe dava, por saber ele ser tão cavaleiro que em seu coração não entrava nenhum medo, [se tornárão a recolher]. [1] Feito este tão bom concerto, logo nas estancias se descobrírão mais de mil homens de pé e de cavalo, que por guarda delas estávão, cuja guarda era do alcaide Xacorão, que naquele tempo era de Larache, o qual [2] não fez mais que recolher os que das cavas e fogo escapárão e guardar suas estancias, donde tirávão contra os nosos muitas setas e espingardas, com que alguns viérão feridos. De todas as outras estancias e partes, acodio [3] muita infinda jente, asi de cavalo como de pé, vindo muito desatinadamente até as estancias e cava, e asi todas as bandeiras fizérão abalo, mostrando-se com suas batalhas, com as quais e com a jente, a nosa artelharia teve um pedaço de desenfado, indo-os receber muitos pelouros de ferro coado e outros de chumbo e pedra, com os quais muitos érão feitos pedaços e outros cheios de pó; destes, alguns, pasando as cavas e estancias, viérão ter com os nosos, que já estávão na ponta da cava, mas como das estancias á cava tudo é chão e descuberto, e do muro e couraça os começárão a escarmentar das bèstas e espingardas, se tornárão a recolher ás estancias com mais desgosto de Dom Manoel que o do conde, porque o conde foi muito contente do que se fez, e Dom Manoel não se contentara com lhe tomar toda a artelharia.

Com este feito os trabalhadores que na cava andávão ficárão desamedrentados, mas os mouros não leixárão de seguir sua obra, reforçando as estancias com muito mais jente, não mingoando neles dozentos que dizem que fôrão mortos aquele dia, e logo ao outro dia amanheceo muito mais fundas as cavas e feito um alto valo da nosa parte, de maneira que as lanças não pudesem chegar a eles, e as mais das cavas cubertas com taboas e madeira, de maneira que ficávão como de baixo de sobrado. Tãobem fizérão outra estancia, ou amparo, de cestos cheios de terra, detrás dos quais pusérão jente de cavalo, afim que se os nosos saisem, como tínhão feito, darem logo neles; e fizérão outro valo que das estancias chegava ao mar, donde estávão muitos bèsteiros e espingardeiros, do qual fizérão muito dano no baluarte da Couraça, tirando aos que nele trabalhávão, que como estava já sem amea, nem bombardeira, os que nele andávão era com muito risco, por andarem descubertos. Desta saida ficou o conde muito contente, polo dano que os mouros aquele dia recebêrão, asi das cavas e minas, como da artelharia, e muito mais por não aver antre os nosos dano.

1. [se tornárão a recolher] *f. em todos os mss.* — 2. o qual] os quais A. — 3. acodio] acodindo A.

Outra saida se enjenhou de jente de cavalo, a qual foi, sendo aguas vivas e a prea-mar, desmanchase muita parte do valo que pola area solta os mouros tínhão feito, que, do Barreiro, donde a espera estava, vinha até baixa-mar, que é em dereito do baluarte da Praia; e vendo o conde que ficava grande espaço antre o valo são e o mar, mandou por trinta ou corenta homens de cavalo, com os quais tãobem saio Dom Manoel e Dom Antonio, seu irmão, e, mandando-os sair pola porta do Albacar, lhes mandou que alanceando os mouros, que na cava ou valo achasem, se recolhesem pola porta da Ribeira, o que muito bem fizérão; mas como os mouros daquela saida estávão temerosos, os que no valo estávão se acolhêrão com muita presteza á estancia do Barreiro, donde alguns fôrão alanceados; mas como na estancia e cavas estivese muita jente fôrão mui rijamente resistidos, e muito mais com a muita presteza com que da outra estancia, donde a bandeira de Barraxe e Almenderim estávão, saírão logo dozentos de cavalo, que, por guarda da espera, Barraxe nela tinha com muitos andaluzes, muito bons bèsteiros e espingardeiros; e asi foi logo com os nosos Barraxe, que na fonte d'Alvaro Graviel tinha sua tenda, e sendo na praia com os nosos viérão de mestura até a porta da Ribeira, donde Pero de Meneses não consentio Dom Manoel fizese volta, conhecendo a vontade que os mouros trazíão pera se mesturar, o que todavia fizérão, sendo da porta do Albacar a dentro pera a porta da Ribeira, donde por força os nosos pusérão as lanças nos mouros, de tal maneira que derrubárão tres ou quatro de cavalo, e dos nosos foi morto Nuno Vilão, trombeta; e recolhidos os nosos antre as caravelas, que á porta da Ribeira estávão varadas, e ficando os mouros desembaraçados dos nosos levárão ũa ruciada de setas e de espingardadas de muitos que o conde fez poer antre as caravelas e no Miradouro, e tãobem do baluarte da Praia, que sendo os mouros muitos lhes ficávão debaixo, os quais fôrão servidos até de muitas pedras; e posto que os mouros recebêrão este dia muito dano, nós não ficamos sem muita parte, pola perda de Nuno Vilão, que morador era, e por muitos que este dia viérão feridos de lanças e setas; e asi ouve muitos cavalos feridos, das quais feridas morrêrão oito ou dez, que foi muita perda pera seus donos, polo qual o conde escusou quanto pode as saidas, porque os cercados por pouco dano que recêbão se sinte muito, o que os cercadores não fazem, por serem muitos e cada dia lhes vir jente, o que aos cercados não pode vir.

CAPITULO XXVI

Em que se côntão algũas particularidades que durando o cerco pasárão

Com a chegada deste tão bom socorro e com as saidas que os nosos fizérão, nenhũa cousa os [1] mouros afroxárão do que tinhão começado, antes cada dia se esforçava mais a bateria e crecíão as cavas e minas, e asi o fazia a pedra e rama que na cava lançávão, porque érão tantos os buracos e as minas, por donde a pedra se lançava, que, por muito que os nosos tirávão com as padiolas, não deixava de crecer o monte com a muita ajuda que lhe fazia a pedra que do muro caia com os tiros que nela dávão, em especial com o tiro da pedra que, como era grande e pesado, atroava muito e fazia grande abalo; e já a este tempo se trasluzia por muitas partes, e as ameas todas érão de pipas cheias de terra; o baluarte da Couraça todo o emparo que tinha érão mantas de vigas; os carpinteiros não entendíão em outra obra senão fazer mantas e pô-las no baluarte, as quais, como não podíão ser muito cerradas, recebíão os nosos muito dano, que não avia dia que não ouvese morto e muitos feridos, de maneira que se não fora a muita ousadia do muito esforçado capitão Rui Díaz de Sousa, e asi a industria de Franco Doria, não avia quem quisese sobir ao baluarte, nem quem tirase e governase tres esperas que neste baluarte da Couraça estávão, que, como se levantava a manta pera tirar cada ũa das esperas, érão logo mais de dozentas setas e pelouros no baluarte, por estarem apontados nele; mas contudo nunca Rui Díaz de Sousa faltou d'estar presente donde era necesario, sofrindo [2] muitos pelouros e setas que a ele tirávão, e junto deles fôrão muitos mortos e feridos, dos quais um foi meu pai mestre Antonio, fisico muito antigo, e sendo de mais de setenta anos, e morador daquela vila do tempo que foi tomada aos mouros por el-rei Dom Afonso o quinto, com quem foi á tomada da dita vila, e estando em cima do muro com Rui de Sousa e Rui de Fárão e outros dous Melos, de Tavila, ordenando como poríão um camelo em ũa das torrinhas de Pero Godinho, foi mortalmente ferido de ũa seta polo meio da maçã do rosto, tendo um capacete na cabeça e ũa adarga ante si; foi tal a ferida que dahi a tres dias faleceo, cuja morte fez muito sentimento em toda a vila por sua bondade

1. os] nos A. — 2. sofrindo] sofrendo B N L M. *Esta forma verbal já ocorreu na p. 50, l. 18, e foi emendada indevidamente. Tambem Gil Vicente disse* soffrir *(obras, III, p. 281). A outra forma no entanto é a mais corrente em* A.

e anteguidade. Um sinal aconteceo, que aquele dia pola menhã um pelouro de pedra dos mouros, vindo já cansado, deu no telhado das casas de meu pai e caio donde ele sohia a dormir, sem fazer algum dano; asi que foi em ajuda de ganhar Arzila e morreo ajudando-a a defender, servindo e vivendo nela corenta cinco anos, que avia que era ganhada por el-rei Dom Afonso o quinto.

CAPITULO XXVII

Em que se côntão outras mais meudezas que pasárão depois da vinda do socorro do Algarve até a vinda do socorro de Lisboa

Muita delijencia e trabalho púnhão os mouros em fortalecer suas cavas e em lançar pedra na nosa, e em crecerem e levantarem suas estancias, pera que sua artelharia fose mais senhora do noso muro, o que muito bem podíão fazer, porque os cestos, posto que érão de cana, como quer que érão muitos e grandes e altos, tamanhos como pipas e toneis, ainda não érão asentados como e donde queríão, logo érão cheios de terra, de maneira que sua artelharia ficava emparada como em um forte e guardado baluarte, que, posto que nosas vejias e atalaias tínhão muito boa vejia no tempo que descobríão e alevantávão as mantas, pera suas bombardas grosas averem de tirar, e tocávão as campainhas, que era sinal pera que uns se guardasem e as nosas bombardas, que prestes e apontadas estávão contra a boca ou portal, tirasem contra elas, a fim de as desfazer e quebrar e estorvar o dano que delas recebiamos, e posto que algũas vezes lhe acertasem e quebrasem as mantas e carretas, e estivesem um dia e dous em as concertar e sem tirar, logo tornávão como de antes, fazendo sempre muito dano no muro e na vila, de maneira que os [1] baluartes da Couraça e Tambalalão érão derrombados [2] e o muro roto e desfeito e sem ameas, e por algũas partes se trasluzia, não leixando Rui Díaz de Sousa o Cide de levar todo o trabalho e risco sobre sua pesoa, como ei dito, em poer pipas cheias de terra e em outros repairos, em cuja obra não avia já quem quisese sobir, nem andar, se o a ele não vião diante, trazendo ao ombro a viga e a corda na mão.

Por outra parte Dona Branca Coutinha, sua molher, não leixava d'acodir com sua muita vertude e nobreza e liberalidade, ajudando mui largamente com as cousas necesarias ao remedio dos feridos e dos trabalhadores, trazendo molheres ao longo do muro com ovos, azeites, panos,

1. os] nos A. — 2. derrombados] arrombados B N L M.

pera remedio dos feridos, por fazer outro tanto como as condesas fazíão, que era terem em cada um dos baluartes provido ovos, panos, azeite, pera os feridos, que muitos érão, serem logo remedeados; e asi andávão muitos homens com vinho, pão, carne cozida, requerendo os trabalhadores e provendo-os á sua custa, e asi o fazia Dona Branca Coutinha, de maneira que não ficava cousa por fazer e prover; mas como neste tempo todo o trabalho era entulhar e acabar o contramuro, e este trabalho fose todo dos bèsteiros do Algarve, e andasem sempre com a enxada na mão, parecendo-lhe que os mareantes e cavaleiros e homens honrados do Algarve que por virem com Rui Barreto e outros fidalgos os mandávão e os fazíão andar no trabalho, tomando ceumes disto, se queixárão a Garcia de Melo, seu anadel-mór, dizendo alguns que vínhão pera pelejar e matar mouros e merecer que os fizesem cavaleiros e ganharem honra pera si e seus filhos; e junto este queixume com a condição de Garcia de Melo, que tudo era honra e cavalaria, dise ao conde lhe dése ũa estancia donde pelejase com os seus, e donde el-rei noso senhor soubese quem o servia e pera o que cada um era; e que via que os seus érão os que andávão com a enxada na mão, e, por não terem estancia, como iríão ao muro, por não saberem donde se avíão de poer e tirar, érão logo asi tirados e feridos.

Posto que ao conde lhe pesou desta enovação de Garcia de Melo, todavia lhe respondeo brandamente que ele lhe entregava aquele contramuro, lugar donde se esperava que os mouros, caindo o muro e avendo portal, avíão de entrar e dar o salto, com tal condição que, asi ele como os outros cavaleiros de lanças e adargas, tivesem lugar de naquele lugar pelejar, pois intentando os mouros de entrar por força, a resistencia avia mais de ser de lança e espada que de bèsta, nem espingarda, nem outra arma. Desta resposta não foi contente Garcia de Melo, antes consentio que alguns se saisem da obra, de que o capitão dos jinetes ouve muita menencoria, e respondeo a Garcia de Melo com algum desgosto, dizendo que o avia com seu cunhado, que se o ouvera com ele soubera donde o avia de poer a ele e aos seus; mas o conde logo ali acodio, dizendo ao capitão: «Senhor, bem sabeis que o senhor Garcia de Melo não quer amparos pera nos defendermos, senão que no muro os vamos receber, se nos quiserem cometer; mas nós fazemos o que compre a mil molheres e crianças que detrás deste muro estão, e que el-rei noso senhor nos tenha em conta de guardadores e defendedores desta vila, e não de cavaleiros aventureiros, e vos lembre o parentesco que tendes com a senhora sua molher e filhos»; e tomando ao capitão com ũa mão e a Garcia de Melo com a outra se meteo na obra, e, deitando mão dum cesto cheio de terra, fez que todos fizesem outro tanto, sem mais lembrar desgosto algum, antes repartindo os bèsteiros por quadrilhas, uns andávão na obra e outros nas estancias, donde fazíão muito dano nos mouros, e deles ouve

muitos feridos e outros mortos, por ser tanta a bèstearia [1] dos mouros que em cada ũa amea ou buraco, por piqueno que fose, avia muita soma de apontados a ela.

Asi corrêrão e pasárão alguns dias, não afrouxando de ũa parte, nem da outra, avendo neste tempo alguns rebates falsos, aos quais uns acodíão e outros se descobríão, donde a nosa artelharia, bèsteiros e espingardeiros fazíão muito dano nos mouros; mas como em toda parte detrás das estancias se trabalhase em carretar pedra, cavar terra, amasar cal, e tãobem neste trabalho andasem os mouros cativos da vila, e neles andase um muito ladino e esperto, por ser de Lopo Barbudo, alcaide do mar, e andar com o carro ao carreto das botas [2], e andar como mestre em o mandar aos outros, entrando no vão do baluarte de Antonio da Fonseca se lançou na cava por ũa bombardeira asaz piquena, em que um berço estava, o qual não servia senão pera a cava, e foi com tanta presteza que, posto que na cava andávão homens com as padiolas, não lhe pudérão tolher que se não lançase fora da cava, por ũa das quebraduras do alambor, que, como antes do cerco andasemos todos a alimpar a cava e a tirar a pedra e terra que nela estava caida do alambor quebrado, ficou nele o caminho feito por onde decíão e sobíão; e posto que o mouro levase ũa grosa braga de ferro, por ser mancebo e solto, foi logo posto em cima e dentro da orta do mesmo contador Antonio da Fonseca, donde foi recolhido de outros muitos mouros, que, com muito contentamento, o levárão aos alcaides e dahi a el-rei, que ao Facho os mais dos dias sempre estava, o qual o recebeo muito bem, e mandando-lhe tirar os ferros o mandou vistir e lhe começou a preguntar mui meudamente por todas as novas e desposição da vila, e quem e donde era o socorro, e polo dano que tinhamos recebido, asi da artelharia como do mais, ás quais preguntas o mouro satisfez como homem pratico e descreto, pondo cada cousa em seu lugar; e bem podemos dizer que de dentro da vila não pudera sair pesoa mais ladina, nem mais avisada, nem que mais meudezas soubera, nem que milhor rezão pudera dar, de maneira que nenhũa cousa ficou, de que não dése mui boa e verdadeira relação; e como el-rei soube que o socorro era do Algarve, e como o capitão dos jinetes e seu irmão érão os [3] primeiros, e do alvoroço e o pouco medo que tinhamos, e da fortaleza do contramuro, logo perdeo a esperança de poder tomar a vila, e desconfiado se recolheo a sua tenda; e se não fora por seu irmão, Mulei Naçar, logo se quisera erguer, mas Mulei Naçar, por os seus não afloxarem, tornou a dobrar as guardas e os das cavas e veio em pesoa ver as bombardas e preguntar aos artilheiros o que era necesario, mas

1. bèstearia] bèstaria B N L M: *assim tambem correntemente em* A. — 2. das botas] *f.* B N L M. Bota *aqui tem o sentido da especie de recipiente de levar agua ou vinho, como em castelhano.* — 3. os] dos B N L M.

por muito que desimulou não se pode leixar de saber polo arraial, e logo ouve alguns fojidiços, asi elches como negros, que se lançárão connosco.

CAPITULO XXVIII

*Em que se conta do socorro e armada que Diogo Lópe*z* de Sequeira levou de Lisboa pera nos socorrer*

Muito bem apontado e larga e meudamente e o milhor que soube e em mim foi ei contado toda a ordem que neste cerco se teve, e a ordem que o conde teve em pôr seus capitães e ordenar as estancias e em repartir sua jente pera defender a vila, e pelo contrairo o que os mouros fizérão e ordenárão pera a tomar, pondo e asentando sua artelharia no lugar donde mais dano nos pudese fazer, e abrindo suas cavas, e enchendo-nos a nosa, tudo afim que, derrubando-nos o muro, nos entrasem a força d'armas; e asi ei contado muita parte das meudezas que nele pasárão, em trinta ou trinta e um dias que sua artelharia sempre tirou contra nosos baluartes e contra o muro, mas como em dia da festa, que em toda a cristandade se celebra, do Corpo de noso senhor Deos e a armada de Lisboa chegase tudo em um dia, que foi ao primeiro dia do mês de junho do dito ano de mil e quinhentos e dezaseis, logo os mouros perdêrão toda ou algũa esperança, se a tínhão, de nos entrarem; e nós outros a tivemos não tão sómente de defendermos a vila, mas de sair fora e pelejar com eles nas suas estancias; a qual armada mandou el-rei noso senhor fazer a muita présa, a qual pasava de trinta velas, em que entrava ũa nao grosa e dous galeões e dez caravelas armadas, em que vínhão muitos fidalgos, muitos criados d'el-rei, e outra muita e boa jente a soldo, e por capitão-mór de toda esta armada e jente [foi] [1] Diogo López de Sequeira, que já fora capitão d'Arzila, e depois foi governador da India, pesoa muito principal e pera mores cargos; e chegado e surto de fora do arrecife, em dia tão asinalado, como em dia de Corpo de Deos, logo quís honrar a festa, salvando com muita e mui fermosa artelharia, que por ordem começou a desparar ũa trás outra, o que fez asomar e pôr-se a ver toda a jente do arraial, asi de cavalo como de pé, pondo-se á vista dos navios, estendendo-se polo outeiro de Fernão da Silva, Pontinhas, Facho, até o mar, o que era ũa fermosa cousa de ver; porque afírmão que neste cerco trouxe el-rei de Féz mais de cem mil homens, em que avia corenta mil de cavalo, e não é pera se espantar quem o ouvir, porque estes todos se consumírão e morrêrão de peste e

1. [foi] *f* A.

fome no ano de mil e quinhentos e vinte um, e ficou aquele reino e o de Marrocos [tão] [1] desbaratados que em todo o reino de Féz não ficárão tres mil cavalos [2] e egoas, e no de Marrocos muito menos; e depois pera cá hão multiplicado e crecido tanto que ao tempo do noso despejo avia pasante de trinta mil de cavalo, como em seu tempo se dirá.

Pois fazendo esta jente cumiada, dando vista aos nosos navios, a nosa artelharia, por honrar a festa e dia, como por salvar e fazer honra á nosa armada, e tendo donde apontar, começou um bom: Deos vos salve, tirando contra os que parecíão, ajudando-lhe com muitas gritas; mas como as barcas começárão a vir carregadas de jente, logo seus espingardões começárão a tirar contra elas, e a espera contra os navios de fora' de tal maneira que alguns dos navios, asombrados do vento que o pelouro lançava, que por cima deles pasávão, deixárão os lugares, donde primeiro estávão, e se mudárão a outra parte, que fez aos mouros darem muitas e grandes gritas, capeando com as adargas e espadas, fazíão sinal que estivesem quedos. Mas com tudo isto, como foi prea-mar, algũas caravelas pescaresas, carregadas de jente que dos outros navios tomárão, fazendo-se á vela, metendo-se polo boqueirão, viérão ter á porta da Ribeira, e, saindo a pé enxuto, fôrão bem recebidos do conde e doutros seus conhecidos; de maneira que aquele dia foi tanta a présa do desembarcar que, vindo as barcas tão carregadas de jente, e querendo cada um ser o dianteiro, algũas corrêrão muito risco de se perderem, e se alagarem e afogarem quantos nelas vínhão, mas quís Deos dar o mar tão [3] bonança que por cima das pedras vínhão ter ao baluarte dos Frades, sem o mar quebrar; mas como o conde fose disto enformado, avisou a Diogo López de Sequeira não consentise vir barca com [tanta] [4] jente por evitar [morte de] [5] alguns homens [6]; mas como em todos era o desejo de sairem em terra e ver mouros e pelejar, peitando e contentando os marinheiros, todavia vínhão a terra; asi que naquele dia primeiro foi desembarcada a maior parte da jente, a qual se agasalhou na igreja, castelo, e por algũas casas de homens honrados, que, recolhendo-se e apertando-se, lhes dávão suas casas, em especial o contador Antonio da Fonseca, em cujas casas se apousentárão muitos fidalgos, e os mais criados d'el-rei.

Ao outro dia, que fôrão dous de junho, o capitão-mór Diogo López de Sequeira, saio em terra em ũa das caravelas pescaresas, mui bem acompanhado das outras caravelas e barcas, todas cheias de jente armada, e grande estrondo de trombetas e bandeiras, e sendo mui bem servido dos pelouros da espera e doutros tiros que [os mouros] [7] trouxérão pera

1. [tão] *f.* A. — 2. cavalos] de cavalo B N L M. — 3. tão] tanta B N M. *A forma de* A *é correcta, porque* bonança *se emprega por* bonançoso. *Já a encontramos na p.* 50, *l.* 5. — 4. tanta] *em todos os mss.* — 5. morte de] *f. em todos os mss.* — não consentise... alguns homens] que não consentise virem as barcas tão carregadas de gente porque se perderião com a gente e se afogaria B N L M. — 7. os mouros] *f. em todos os mss.*

o efeito e pasárão pera aquela estancia do adro [1], dos quais tiros levárão as velas a ũa das caravelas, e em outra ouve dous ou tres homens mortos e alguns feridos; mas, chegando á porta da Ribeira, foi Diogo López recebido do conde e do capitão dos jinetes e dos outros fidalgos com muito gasalhado, e ele lhes pedio perdão pola tardança, dizendo não fora mais em sua mão, por o levante aver ventado muito; e logo foi levado a mostrar a desposição do muro, e tudo o que mais era pera ver. Aquele dia se não entendeo senão em apousentar jente e em botar as caravelas pescaresas fora do arrecife, as quais sempre entrárão e saírão polo boqueirão que defronte das janelas está.

Aquela noite se pasou com muita alegria, por não aver já pesoa que temese, andando toda a noite polo muro muito estrondo de trombetas, atambores, pandeiros, dando muitas gritas, ás quais os mouros respondíão com outras muito mores; mas os mouros, aquela noite que Diogo López desembarcou, não entendêrão senão em tirar a espera da estancia do Barreiro, temendo-se que o conde, pois tinha muita jente de refresco, lh'a mandase tomar, ou ao menos quebrar-lhe as rodas ou carreta e pô-la no chão, donde, por ser muito perto do muro, a não pudesem levar sem morte de muitos dos seus, e asi fizérão a toda a mais artelharia e moniçóes, que naquela estancia do Barreiro avia, não leixando ahi mais que os cestos cheios de terra.

Ao outro dia, posto que alguns tiros fizérão com a artelharia outra, mas fôrão tão poucos que não fôrão pera mais que gastarem os pelouros de pedra e lançá-los dentro da vila, fazendo algum dano nas casas, donde acertávão a cair, — vendo o conde como a espera não jugava, parecendo-lhe ser já tirada da estancia do Barreiro, quís saber o que nela avia, e mandando ao adail Fernão Galego que com trinta de cavalo fose ver o que na estancia avia, e achando bèsteiros e espingardeiros se recolhese, por lhe não asetearem os cavalos: posto o adail a cavalo, e saindo pola porta da Ribeira, foi logo no Barreiro, donde achou a estancia e cavas cheias de jente de pé, que parece que os estávão esperando, dos quais ouvérão ũa ruciada de setas, e achando-se antre eles os levárão nas lanças a muitos deles; mas como da outra estancia da tranqueira saisem mais de dozentos de cavalo, os trouxérão tão apresados que se não conhecíão uns dos outros, até os meterem nas caravelas e barcas, que com as proas á porta da Ribeira estávão, com deixarem alguns cavalos dos nosos feridos se tornárão a recolher. Desta vez foi a jente tanta que veio ao rebate que os que viérão tivérão mui bem que ver, que, como já estávão de levanto, quisérão fartar a vista de ver a vila e os navios que, por muito que nosa artelharia tirava contra eles, se uns se escondíão outros se aso-

1. doutros tiros... estancia do adro] doutros tiros que aquela noite pasarão pera aquele efeito aquela estancia do adro B N L M.

mávão, de maneira que as lombas e outeiros érão cheios de mouros, e na praia e Rio Doce não faltávão.

Pasado aquele primeiro dia, em que não faltárão mortos e feridos de ũa e de outra parte, logo aquela noite, que foi aos tres dias do mês de junho, levantárão toda sua artelharia, tirando-a das estancias e pondo-a no caminho d'Alcacere, começárão a caminhar com ela, e levantando suas tendas com suas ordenadas batalhas, dando vista á vila, uns caminho da Ruiva e outros por Tendefe, outros da parte do Rio Doce, tomávão o caminho d'Alcacere e do Xercão; o que vendo o conde, que as cavas e valos érão desemparados todos, e as tendas levantadas, pondo-se a cavalo, saio dar ũa vista á jente, mandando primeiro descobrir e tomar o Facho, Atalaia Gorda e o mar, e, mandando dar aos mais dos fidalgos cavalos, lhes foi dar ũa cevadura, pondo-se em ala no outeiro de Fernão da Silva, dando vista ás bandeiras de Barraxe e Almenderim, que com outros alcaides íão caminho do Xercão, e outros, que por o caminho do Pereiral e Almenara íão. Mandou o conde lançar fora no adro ese pouco de gado que avia ficado, o qual levou ũa boa tarde, enchendo as barrigas de muita e boa erva, que no valo e ao derrador dos valos avia, que, como não foi pisada em todo o mês de maio, estava crecida, porque toda a outra do Facho a fora era abrasada e queimada do esterco dos cavalos e das tendas e choças, que não avia d'Alfandequim e Bugano e a Ruiva a dentro cousa verde e que não fose pisado, e ás duas legoas não avia erva que não fose segada.

Não pode o conde ter á porta a jente de pé, que não saise toda fora, e que não fose dar vista aos mouros que se íão, os quais todos tornamos carregados de madeira e paos das estancias e choupanas, o que durou muitos dias, gastando-os em desmanchar as estancias, tirando delas muita madeira e paos de sovero e rama d'azambujo, dárão [1], da [2] qual teve a vila muitos dias que gastar. Achamos os cestos de cana liados com a madeira e rama tão fortemente entulhados de terra que um muro de cal e pedra não lhe fazia ventajem, e os pelouros das nosas esperas e outros mais grosos achamos antre a terra, não pasando mais que um só cesto, érão postos em tal ordem, uns em cima dos outros, e de tres em tres, e a lugares de cinco em cinco, que muito bem podíão levantar um baluarte ou ũa torre neles, tão fortes e cravados estávão.

Ũa cousa poso afirmar e contar e alegar, com muitos que o vírão e oje são vivos, que foi tanta a mosca que se criou no arraial, nas esterqueiras que se nele fizérão dos muitos cavalos e camelos e outras bestas, que meia legoa ao derrador da vila não avia homem que vise outro um tiro de bèsta, e da vila não parecia o Facho com elas, parecendo por toda a parte um muito cerrado enxame d'abelhas, e antre as portas da vila, das

1. dárão] e daro L; *f.* B N M: *é o lentisco: d'aqui* daroeira. —2. da] do B N L M.

que de fora vínhão pegadas nos homens, as sacudíão com ramos que pera iso trazíão; érão tão espesas que os de pé as não podiamos romper, e sendo esta importuna praga tanta nos deu muito trabalho casi todo o verão, que pouco a pouco se fôrão consumindo; e não é muito d'espantar o que as cronicas de Castela dizem que tendo el-rei Dom Afonso...... [1] de Castela cercada Niebla e posta em muito aperto, fôrão tantas as moscas no arraial que se não podíão valer, e de necesidade se levantárão e a deixárão, tendo-a já casi tomada á fome.

CAPITULO XXIX

De como levantado o cerco se deu ordem em se alimpar a cava e tapar as que os mouros fizérão e Diogo López de Sequeira despedio a jente e navios e ficou em guarda do Estreito com sete caravelas d'armada

LEVANTADO o cerco e os mouros idos, o conde deu logo ordem em alimpar a cava e tupir as que os mouros fizérão e em fazer os valos, trabalhando nesta obra toda a jente, asi de fora como a da vila; e asi deu ordem na descarga dos navios, que os mais fôrão carregados d'artelharia, polvora e monições, pera o almazem de armas, adargas, lanças, pelouros, muitas panelas de polvora, muito ferro, carvão, vigas, muita madeira de toda sorte, e asi navios de cal, de maneira que a vila ficou mui bem provida de todas as cousas necesarias; e com Diogo López foi ũa paga, a qual pagou Diogo Machado, escrivão dos contos de Tanjere, e depois que pagou aos d'Arzila pagou aos de Tanjere e aos d'Alcacere Ceguer e Cepta. Feito tudo isto que se ha contado, ao conde e a Diogo López de Sequeira pareceo bem despedir os navios e jente, e asi o fez, que deixando sete caravelas d'armada pera aquele verão andar [2] [em guarda no Estreito] [3] despedio todos os [outros] [4] navios e jente, ficando não [5] mais que Diogo López por capitão de sete navios d'armada; de quão pouco fruito esta armada fez ao diante se verá, que agora mais [não direi] [6].

Nestes dias chegou nova como Nuno Fernândez de Taide, capitão de Çafim, era desbaratado e morto polo xarife, ou mouros de Marrocos, perdendo-se com ele pasante de quatrocentos de cavalo, entrando neles

3. ...] *em branco em* A; *em* L *está o espaço correspondente corroido da tinta; f.* B N M. *Trata-se de D. Afonso X, o Sabio.* — 2. andar] andarem A. — 3. em guarda do Estreito] *f.* A. — 4. outros] *f.* A. — 5. não] no A. — 6. não direi] *f.* A. — despedio todos ... não direi] despedio todos os outros navios e gente ficando com as sete caravelas e do que fizerão este verão ao diante se contará B N L M.

mui honrados fidalgos e cavaleiros; a qual nova fez logo embarcar e partir o capitão dos jinetes e a seu irmão, Dom Nuno Mazcarenhas, o qual, ou foi chamado, ou tinha recado pera ir ser capitão da cidade de Çafim, e chegando a ela reformou a jente que do desbarate de Nuno Fernândez de Taide avia ficado, e outra que com favor d'el-rei Dom Manuel acodio á cidade, com a qual em pouco tempo tornou a enobrecer aquela nobre cidade de Çafim de muita e boa jente de cavalo; a qual durou pouco nesta prosperidade, porque o capitão Dom Nuno Mazcarenhas foi tãobem desbaratado e cativo em poder do xarife, que já neste tempo, fazendo guerra aos cristãos, se chegávão a ele algũas cabildas d'alarves e outras jentes que, como érão muitos, e os nosos os tínhão em pouco, e querendo Deos castigar-nos, ouvérão estas duas vitorias destes dous capitães, que causou que estes dous irmãos [1] se acreditasem de tal maneira que, fazendo-se reis de Marrocos e de Suz, viérão depois, correndo o tempo, a desbaratar el-rei de Féz e prendê-lo e tomar-lhe o reino, e depois, como tiranos e maos, lhe mandárão cortar a cabeça e ficárão reis absolutos de Marrocos, de Suz, de Féz, de Dará, Tafilete, até chegarem a tomar Tremecem, como em seu tempo se dirá, querendo Deos.

Tornando a Dom Nuno Mazcarenhas, ele saio de cativo e se veio perder e afogar na barra de Vila Nova de Portimão, no Algarve. Não pasárão muitos dias depois que Dom Nuno Mazcarenhas partio d'Arzila, donde estava, e o tomou a morte de Nuno Fernândez de Taide, quando outro recado d'el-rei noso senhor chegou a Rui Díaz de Sousa, o Cide, em que havia por seu serviço o fose servir de capitão d'Alcacer Ceguer.

Tendo Rui Díaz este recado e mandado d'el-rei, se fez logo prestes, e nos navios da armada de Diogo López de Sequeira se embarcou com muito sentimento dos moradores d'Arzila e muito mais do conde, e sendo posto em Alcacere, donde foi recebido com muita alegria dos moradores daquela vila, em o cobrarem por capitão, pola muita fama e vertude que dele e de sua molher se pubricava, o qual tãobem durou muito pouco em sua capitania, por lhe ser tirada a vida com um pelouro de chumbo, que, saindo de um espingardão, lhe pasou um coxete e lhe fez a cana da coxa em pedaços, da qual ferida não pode ser remedeado e morreo dela; a qual mortal ferida lhe dérão correndo-lhe jente grosa, [que érão] [2] os alcaides de Xexuão e Tetuão, e chegando ás tranqueiras, donde ele com sua jente estava diante dos seus, dizíão que com detriminação de os lançar fora do lugar que aquele dia os mouros e bandeiras avíão tomado, e, andando olhando e vendo a ordem que teria, lhe dérão esta mortal ferida, a qual não sómente lhe tirou a vida, desfazendo ũa tão nobre casa, antes leixou muita tristeza aos que dele tínhão conhecimento. Deste nobre capitão Rui Díaz de Sousa, que por sua muita vertude lhe pusérão

1. estes dous irmãos: *i. é, os xarifes sádidas.* — 2. que érão] *f.* A.

nome de Cide, ficou Aires de Sousa Coutinho, seu filho, porteiro-mór que foi do principe Dom João noso senhor, que santa gloria aja, do qual dizem não falta vertude e nobreza.

Quis trazer isto destes tres capitães, ainda que pareça fora de preposito, sómente por[1] os dous sairem d'Arzila a tomar as capitanias e cargos de governar outros, e que pareça que, de um lugar de guerra tão honrado como Arzila, fôrão chamados dois eicelentes capitães; e com isto tornarei á ordem de guerra que em Arzila se fez, depois de levantado o cerco.

CAPITULO XXX

Como Pero de Meneses tomou quatro mouros estando Mulei Naçar na Ponte d'Alcacere

Emquanto pude fiz por trazer á memoria as mais das cousas que pasárão no cerco que el-rei de Féz pôs á vila d'Arzila, no ano da salvação de mil e quinhentos e dezaseis, sendo capitão o mui ilustre conde Dom João Coutinho, como atrás fica contado; e, vendo-me desembaraçado deste cerco e socorro, tornarei á acostumada e comprida guerra, correndo mouros muitas vezes a vila, asi muitos como poucos, e polo contrairo entrando os capitães, mandando almogavares e espias, avendo rebates, dando repiques, algũas vezes verdadeiros e outros falsos, tudo afim de consumir e cativar uns aos outros e lhes roubar seus cavalos, gados e fazendas, sem outra causa, nem razão, sómente que, estando um piqueno braço de mar antre nós e eles, cúidão ir ao paraiso por caminho que a santa madre igreja não manda.

Pois pasa asi que, sendo o conde avisado por alguns fujitivos e mouros de nova que el-rei com toda sua almahala e jente era pasado á Ponte d'Alcacere, Pero de Meneses pedio licença pera ir fora, e, avida a licença, com dezasete de cavalo, com o qual numero ele tinha devação, mandando primeiro descobrir as Atalaias Altas de Tendefe e Alfomar, se leixou ficar antre elas, e, afastando-se dos caminhos, se foi por antre o Zambujal e Alfandux, e polo pé de Taurete foi amanhecer no Funchal, abaixo da Ponte, sobre a Graciosa, e, pondo atalaias sobre si, dava dali vista á Ponte e á estrada d'Alcacere; e porque lhe pareceo que os mouros terião guardas por todas partes, não quis entrar da banda da serra e se veio meter no mais quente, donde aos mouros parecia não era siso de cristãos entrarem, e estando a bom recado vírão ir ao longo da ribeira quatro mouros, dous de cavalo e dous de pé, os quais levávão os cavalos

1. por] pois A.

carregados de odres de mel. Pero de Meneses lhes armou de maneira que, sem aver rebate, nem os mouros se recearem deles, posto que Pero de Meneses e Pedro Anes lhe saírão na sua isteira, que, como não vírão mais que dous, não se arreceárão deles, os quais se deixárão[1] ir detrás deles, paseando até diante, donde estávão outros quatro, que diante se fôrão meter na ribeira, os quais érão Jusarte d'Almeida, João Cordeiro, bons cavaleiros e ousados, todos juntos, os mouros não tivérão poder pera se defender e sem bolicio se entregárão.

Tomada lingoa deles, e sabendo que Mulei Naçar estava ainda na Ponte com toda sua almahala, esperando que a artelharia acabase d'entrar em Alcacere, e que pera segurança dos mouros da serra d'Algarrafa, Benabeziquer, Alexarif, que todos os dias vínhão com a diefa[2], que é trazerem de comer, tínhão postas guardas em Taurete e Taliconte, e em todas as partes por donde cristãos podíão entrar, e que eles estávão espantados por donde viérão, e que eles érão dos de Taurete, e que crestárão em Alvalate e Taquixane, e os de cavalo avíão de tornar a seus companheiros, —avida esta lingoa, Pero de Meneses fez descarregar os cavalos, e, tomando os dous mouros nas ancas dos outros dous, se veio ajuntar com seus companheiros, e por dentro do Soveral viérão demandar Çael, e ao longo do mar viérão pola Mezquita e polo Cabo Branco, donde logo fôrão vistos das atalaias que na Atalaia Alta estávão, os quais, vendo-os asomar com duas bandeiras e por parte donde os não esperávão, parecendo-lhe érão mouros, dérão um bravo rebate, fojindo até o rosto de Tendefe.

O conde, que na Atalaia Ruiva estava com toda sua jente e guarda, esperando por seus almogavares, com o rebate asaz agastado se recolheo á Atalainha da Atalaia Ruiva, e, vendo as atalaias quedas no rosto d'Alfomar, mandou saber delas a que foi o rebate, e de que fujírão. Tornou o recado que vírão na agulha do Cabo Branco jente e bandeiras. Desta nova foi o conde e os que com ele érão muito tristes, parecendo-lhe que érão mouros que vínhão após Pero de Meneses, ou a tomar-lhe os pasos; e estando nisto asomou polas Furnas Francisco Barreiros e Pero Fernândez, o Torto, trazendo cada um ũa bandeirinha, ou trapo na lança, e, vindo polo monte das Porcas, chegárão ao conde e, pedindo-lhe alvixaras, [lhe dérão nova como trazíão quatro mouros: o conde ficou muito ledo, e, prometendo-lh'as][3], se foi pera as Furnas, donde recebeo a Pero de Meneses com muito gasalhado e amor, e, dando-lhe as novas que dos

1. os quais se deixárão] o qual se deixou A. — 2. diefa: *o mesmo que* diafa, *ou em castelhano* adiafa. *Vejam-se os glossários das palavras espanholas e portuguesas oriundas da língua árabe de Dozy e Engelmann e Eguíiazy Yanguas. Alem das significaçoes ahi apontadas tem a de obrigação de trazer viveres ás tropas reais durante a sua permanência no território da tribu, como é aqui o caso.* [*Dozy, Supplément aux dictionnaires arabes*]. — 3. [lhe dérão nova... prometendo-lh'as] *f.* A.

mouros soube, se viérão á vila, donde os mouros fôrão vendidos e o dinheiro repartido polos companheiros, que não saírão a piquenas partes, por os cavalos serem muito bons e se venderem muito caros, pola falta que deles avia.

Da tomada destes quatro mouros se sentio muito Mulei Naçar, por se tomarem tão perto donde ele estava, e tendo postas tantas guardas ao derrador da vila, donde lhe parecia que das atalaias a fora não podiamos sair que o ele não soubese, e pôs muita culpa aos que o cargo tivérão de poer e mandar as guardas; e fez que o xeque Benaravia, almocadem velho e antigo d'Alcacere, viese armar ás atalaias, e ver se podia tomar algũa, da qual vinda não fez mais que descobrir-se e tornar-se da Atalaia Ruiva, que como eles andasem enfadados de andar tanto no campo, e nós não tinhamos nele que fazer, por ser a boiada muito pouca e ter que comer no adro e nos valos, que todo o outro era gastado, como ei dito, e lenha tinhamos nas estancias, de maneira que as atalaias não pasávão do Rio Doce e o mar, que bastava [1] pera se a vila servir.

Tãobem Arroaz, almocadem do Farrobo, mui sabio, mui manhoso e ousado, com favor de Alé Barraxe que, emquanto que á Ponte esteve [2], não pasou da ribeira de Benahamede, favorecendo os seus ao recolher das cevadas e trigos, o qual duas vezes entrou no noso campo e intentou saltear as atalaias do Corvo, e, não podendo fazer nada, se tornou. E outra noite se veio meter antre as ortas, sendo já noite, e remetendo a duas atalaias, que cada ũa trazia dous grandes feixes de paos das choupanas diante, chegou a dar duas lançadas a Diogo Vaz, atalaia; mas, como se desembaraçasem dos feixes e ouvese rebate, voltárão com ele polo adro acima, e polas Pontinhas fora o seguírão até o porto d'Alemoquique, donde o adail, Fernão Galego, chegou aos nosos, e sabendo a que o rebate era e como era Arroaz, fez deter alguns que já ahi érão juntos, por ser de noite, e terem já perdidos de vista os mouros; e tãobem por o conde ter avisado ao adail não seguise almogavares do Farrobo sem seu mandado, por ter nova que Barraxe leixava no Farrobo a Martinho Elche, irmão de sua molher, Lelazara, com cincoenta de cavalo, ou sesenta, do qual Martinho adiante se fará menção. Nós lhe chamamos Martinho por se chamar, sendo cristão, Martim Fernândez, e em mouro Alé Fernando. Era natural de Bejer e irmão de Lelazara, molher de Barraxe, e mãe de Mulei Abrahem e Citalforra, molher que foi d'el-rei de Féz, pesoas nobres e de muita fama, das quais em nosos tempos ha muito que dizer deles.

1. bastava] bastávão A. — 2. esteve] estivese A.

CAPITULO XXXI

Como o conde entrou e tomou Agoní, aldea de Benagorfate, e nela lhe matárão a João Touregão e a Rodrigo da Fonseca

Como a artelharia foi em Alcacere e el-rei em Féz e a jente toda derramada, cada um em seu lugar e casa, o comercio e trato começou a bulir, indo e vindo muitos mercadores cristãos e judeus, trazendo suas cafilas carregadas de muitas mercadorias de couros, anil, cera, tamaras, das quais mercadorias todas as mais das semanas vínhão muita soma de camelos e bestas carregadas, e os capitães érão avisados de muitos avisos necesarios á guarda dos seus, asi polos das cafilas, como por cartas; e como o conde tivese nova certa d'el-rei ser em Féz e os alcaides em suas casas, e que Martinho Elche ficava com guarnição no Farrobo, por parte de Barraxe, e Celema Laiate em Benarróz, polo alcaide d'Alcacere, pera favorecerem e guardarem as bocas de Capanes e Benamares, não lhes quís armar polos não asombrar, leixando-os favorecer no cargo em que ficárão; e tanto que Diogo López de Sequeira tornou do Estreito, de Tanjere, Cepta e Alcacere, donde levou ao capitão Rui Díaz de Sousa o Cide, e visitou os outros lugares, o conde mandou dar ás trombetas e foi tomar ũa das mais principais aldeas de Benagorfate, chamada Agoní, que em cima da boca de Capanes está; e saindo da vila, levando a Pero de Meneses por guia, faldrejando a serra polo pé d'Alicototo, ante-menhã chegárão junto da aldea; fazendo decer cincoenta de cavalo, homens do campo, com os quais Pero de Meneses avia de dar na aldea, começou d'andar com eles, e o conde com toda a mais jente trás eles; e sendo já menhã Pero de Meneses com os homens de pé deu na aldea, e soando a grita, asi dos nosos como dos mouros, o conde com toda sua jente chegou ás casas, mas como estas aldeas estão em lugares mui fragosos, e as casas mui separadas e apartadas ũas das outras, os nosos homens de pé não abranjêrão senão a quatro ou cinco delas, as quais fôrão logo entradas e saqueadas, e tomados os mais dos que nelas estávão; e asi o fizérão os nosos de cavalo que, trepando pola serra a cavalo e a pé, chegárão a algũas das outras, e não se contentando de lhe tirarem os gados, que nelas e nos currais tínhão, se metêrão a as saquear e tirar delas algũas pobres alcatifas que por camas tínhão e alguns foles de fiado de lã; mas como Pero de Meneses sentio acudir jente de rebate das outras casas e aldeas, dando muita présa, começou a lançar fora a jente, fazendo com o conde que, dando ás trombetas, se começase a sair da aldea; mas, por muita présa que o conde e ele se dérão, não pode ser

sem que algũa jente das outras aldeas não chegase, das quais aldeas avia muita jente de pé, como já ei dito na de Dom Francisco Portugal, conde do Vemioso, ainda que sua entrada foi pola outra banda da serra, que chamamos antre Zahara e Aliom.

Pois tiradas as almas que se tomárão, que serião até trinta, e o gado, asi groso como meudo, e tocando as trombetas a recolher, vírão sair de ũas daroeiras ou silveira a Francisco Barreiros, atalaia, e a Rodrigo da Fonseca, filho de Antonio da Fonseca, criado do conde, os quais trazíão dous mouros, que da brenha ou silvado avíão tirado; mas como dos mouros fôrão vistos, saltando como gamos de pedra em pedra, os viérão alcançar antes que com os nosos se ouvesem, e remesando-os derrubárão a Rodrigo da Fonseca, já tão junto dos nosos que, vendo o João Touregão, ainda que vinha a pé armado e com ũa rica e lustrosa rodela no braço, parecendo-lhe que era vergonha não lhes acodir, se lançou antre os mouros e Rodrigo da Fonseca, dizendo a Francisco Barreiros o fizese levantar e o ajudase; mas como os mouros visem soltos os dous que eles trazíão tomados, e a Rodrigo da Fonseca mal ferido, que se não podia ter, apertárão rijo com o João Touregão que mais de vinte lanças d'arremeso cravárão nele, o qual querendo-se defender como bom cavaleiro foi cercado deles e derrubado, e tirando-lhe as couraças e rodela lhe cortárão a cabeça; e Francisco Barreiros escapou asaz mal ferido, por alguns de cavalo voltarem e o recolherem, mas não que chegasem a Rodrigo da Fonseca e a João Touregão, porque, vendo-se os mouros com algũa vitoria, parecíão gamos saltando de pedra em pedra e de mouta em mouta, por molharem as lanças no sangue daqueles dous corpos, que já em seu poder ficávão, os quais em muito pouco espaço fôrão feitos em muitos pedaços.

O conde sentio perderem-se estes dous homens sem algũa necesidade, por ser Rodrigo da Fonseca seu criado, e João Touregão morador honrado e novamente casado na terra, do qual direi algũa enformação. Era Toão Touregão português de nação; e como andase em Italia de muito moço, e se achase no exercito e deceprina do conde Pedro Navarro e o ouvesem por valente soldado, veio a ter cargos honrados, e com o mesmo conde veio ter a Arzila, no ano de oito, donde ficou por capitão de ũa bandeira de soicios, que naquele tempo era o nome dos soldados; e d'Arzila foi chamado d'el-rei noso senhor pera se servir dele na tomada d'Azamor e na ida da Mamora, dando-lhe bom acostamento, fazendo-lhe honra e mercê, e tomando-o por seu; e como neste tempo Caterina Afonso, molher que foi de Antonio Cordovil, fose á corte e ela fose ũa valerosa molher, asi de grande corpo, como de muitas forças, como irmã de Pedro Afonso Homem, que dos maiores homens deste reino era, a pedio a el-rei noso senhor por molher; e pera o ela Caterina Afonso fazer, el-rei o acrecentou e a ela lhe tomou tres filhos, que de Antonio Cordovil

lhe ficárão, e casado com ela se veio na armada de Diogo López de Sequeira a morar em Arzila, donde ela tinha mui boas casas e fazenda, e pai e mãe e irmãos, do qual casamento não lográrão tres meses, nem em Arzila não vivêrão dous.

Tornando á nosa cavalgada e ao recolher dela, com muita opresão que os mouros dérão, arremesando muitas azagaias, lanças, pedras e algũas setas, os fizérão vir e sair da serra e tomar o campo jnnto dos fachos de Capanes, e recolhendo sua cavalgada achárão trinta almas e perto de dozentas cabeças de gado vacum e grande golpe de gado meudo, e sete ou oito cavalos e egoas e poldros; e caminhando com muita présa, por fazer calma e não aver agoa até chegar á volta da ribeira, donde todos descansárão e bebêrão, e sem outro impedimento, tanjendo sua cavalgada, chegárão á vila com muito prazer daqueles a quem os mortos não doíão, nem lhes avíão nada; e vendidos os mouros e gado, foi todo repartido, como é costume, dando a cada um sua dereita parte. Esta tomada d'Agoní, por ser aldea tão principal, e mais que as outras daquela serra de Benagorfate, pôs tanto medo nas outras, posto que não foi toda tomada, que fez despovoar outras muitas e pasarem-se muitos deles a Benarróz e a Benahamede e a Fiquer, donde lhes pareceo seríão mais seguros, e os que ficárão se pusérão em partes e lugares fragosos e arriscados; e por esta causa dizia o conde Dom João que milhor e mais proveito era ter as aldeas povoadas, donde cada dia repelávão, tomando mouros, gado, que não tomá-la e destroí-la de ũa vez, e que um dia que a vila estava apertada e sem saber nova não era comprada ũa lingoa por nenhum preço, o que facilmente se tomava estando Benamares e Benagorfate povoadas, que de necesidade avíão de sair de suas casas e dar de comer a seus gados e fazer suas sementeiras e recolhê-las: palavras érão como de senhor que queria trosquiar seu gado cada ano, antes que tirar-lhe o couro e matá-lo.

CAPITULO XXXII

Como o conde tornou a entrar e correo as milharadas pola parte de Zahara em que tomou dez mouros e muito gado meudo e o que mais pasou

Desta entrada que o conde fez a Benagorfate e tomada d'Agoní, como ainda vise alguns pães por recolher, e estes postos em medas, e visem de cima da serra toda a Ribeira Grande, de ũa e da outra parte grandes e muito boas milharadas, logo asentou de lhes correr o campo, porque de necesidade as avíão de recolher, e o campo avia de andar largo; e pasados quinze dias tornou a mandar dar ás trombetas, e

sendo fora da vila foi cear a Alecasapo, e dahi foi dar outra folga á fonte de Barrumeda, e ante-menhã se foi lançar antre Sinete e Julefe, fora das bocas e dos lugares por donde os atalhadores atalhávão, porque dos mouros d'Agoní soube o conde como os atalhadores de Celema Laiate se vîão cada dia com os de Martinho, e os d'Algarrafa e Liom com os de Zahara, e não quís entrar dentro por lhe não darem no rasto, e quís antes tomar a corrida de fora, donde atalhávão; no qual lugar esteve até as dez ou onze oras que, despregando ou desenrolando a bandeira de Cristo, mandou a Pero de Meneses e ao adail, Fernão Galego, que com cento de cavalo polo pé de Zahara pasasem polo campo de Mençara, e ele com a bandeira rodou polo pé de Zahara e Xem e outras aldeas daquela parte; mas como a corrida foi de muito lonje, que pasou de ũa grande legoa, e fizese mui descompasada calma, não ouve mouro que já não estivese á sombra; todavia, fôrão tomados dez ou doze mouros e algũas cem vacas e muita soma de gado meudo, mas não foi sem muita perda, por nesta corrida rebentarem muitos cavalos, que, como a corrida era comprida e a calma muito grande, muitos cavalos açafrárão; e foi de maneira que nesta corrida açafrou e se afogou um homen dos nosos, o qual era jenro de Diogo Álvarez, ferrador, e por ser novo na terra e ir armado de ũas couraças e na cabeça um capacete encaixado, se soube dar tão pouca manha que primeiro que lhe desabrochasem as couraças ispirou, cousa nunca vista, nem acontecida em Arzila; posto que os levantes trágão grandes calmas, são tantas as fontes, ribeiras, breijos que donde a um homem lhe tomar vontade de comer mel e beber agoa o achará, se o souber buscar.

O conde recolheo sua cavalgada e saido pola boca de Capanes tomárão o caminho da vila, ainda que, como o rebate foi grande e a corrida comprida, tivérão tempo de acodir ao rebate os de Benarróz e os de Benahamede e Fiquer, de maneira que alguns espalhados leixárão algum gado que trazíão, vendo acodir jente de cavalo, os quais tomando a faldra de Benarróz viérão demandar a boca de Capanes, donde Celema Laiate, vendo a bandeira e jente, os teve que não viesem á escaramuça com os nosos, antes pondo-se á nosa vista estivérão oulhando até toda a jente da cavalgada pasar a boca e todo o estreito daquelas serras de Benamares e de Benagorfate, ficando espantados do conde entrar em quinze dias duas vezes; porque tínhão detreminado que sendo almogavares de pegarem com eles, e por iso acodírão de todas partes, vindo Celema Laiate de Benarróz, grandes duas legoas da boca de Capanes; e foi certo, se aquele dia o conde armara com almogavares, Celema Laiate se perdera; e tãobem pudera ser que ficando o conde de fora das bocas, os nosos almogavares não ousárão entrar tanto como entrárão, e entrando que primeiro que se pusérão fora da boca os mouros chegárão e pegárão com eles, ou os de Benagorfate mandárão segurar o lugar, donde se podíão temer, de

maneira que se não perdeo nada em o conde entrar, porque os mouros pagárão as perdas dos cavalos, e o gado abastou e deu ũa boa fartadega aos da vila de carne de muitos carneiros e ovelhas e cabras muito gordas, valendo um carneiro, muito gordo e velho, sete, oito vintens, e ũa ovelha dous vintens, e meio tostão, e ũa cabra de leite ou prenhe um tostão.

O conde pasou a boca de Capanes, ficando Celema Laiate com setenta ou oitenta mouros de cavalo da banda de Benamares com seus cavalos asaz cansados, e muitos de pé que, cuidando serem almogavares, viérão favorecer os seus, ou por aver partes, e tãobem da parte de Benagorfate avia mais de trezentos de pé e os mais adargados. O conde pasou por antre eles até sair fora de Alecototo, e por ser grande calma, e o gado meudo ser muito e andar de vagar, se deteve no caminho, e não chegárão á vila senão ao quarto d'alva, ou ante-menhã, trazendo cada um dos de cavalo um cabrito ou borrego ou cabra diante de si, que fazia muito alvoroço na vila. Este gado meudo, ainda que valeo pouco, por aver pouco pasto donde comese, deu muita abastança e fartura aos da vila, e avendo muita carne de carneiros e ovelhas e cabras, que casi não valião nada, por se venderem polos preços que ei díto.

CAPITULO XXXIII

Dalgũas entradas que Pero de Meneses fez em que tomou dous atalhadores de cavalo

Depois destas duas entradas que o conde fez com sua bandeira e jente, tão perto ũa da outra, metendo-se na vila corenta almas, mouros e mouras e crianças, e muito gado e carne, e os moradores providos de cavalos, que, pagos os seus á custa da cavalgada, uns pasárão a Castela, trazendo-os muito bons daquela eicelente casta de Xerez da Fronteira, entre os quais veio aquele mui afamado cavalo que se chamou o Ravenga, por ser muito tempo de Roque Ravenga, atalaia, que depois foi almocadem; e depois trouve Diogo Mêndez, mercador, ũa caravela carregada de potros de Çafim, que todos saírão muito bons cavalos.

Pois bem enformado o conde das guarnições da serra, e por donde os atalhadores atalhávão [1], e como o campo servia, posto que Dom Manoel Mazcarenhas e Eitor da Silveira, filho do coudel-mór, e Antonio da Silveira, que depois foi capitão da vila, pedisem licença pera armarem a

1. atalhávão] atalhava A.

estas guarnições, todos juntamente e cada um por si, o conde não quís por então, parecendo-lhe os asombraria, antes com Pero de Meneses e outros mouriscos da vila mandou armar aos atalhadores, mandando-lhe não entrasem das bocas a dentro, das quais entradas tomárão alguns dos atalhadores, armando-lhe ante-menhã por donde de necesidade avíão de pasar pera ficarem as bocas seguras, das quais entradas Pero de Meneses, que não levava menos de trinta de cavalo, temendo que se encontrase com Celema Laiate, ou Martinho, ou fose sentido em tempo que cada um deles estivese em Benamares ou Benagorfate, e o viesem demandar á cilada, ou correndo indo espalhados; — e indo com esta ordem ũa das vezes, leixando vinte de cavalo ao pé d'Alecototo, levou doze de quatro em quatro, espalhados uns dos outros, por não fazerem rasto, e armando-lhe desta maneira viérão os dous atalhadores de Benamares dar com ele, tendo já pasado por sua trilha, e saindo-lhe os quatro, que mais perto estávão, os lançárão fora do caminho que eles íão demandar, e faldrejando a serra fôrão ter com os que ficávão, e fôrão ambos tomados; e parecendo-lhe a Pero de Meneses que estes dous atalhadores se tomárão sem aver rebate, e que podia enganar aos outros dous de Benagorfate, que por força avíão d'aver fala destoutros dous, pera que todos quatro juntos e conformes fizesem o sinal costumado aos fachos, e levantados ouvesem as bocas por seguras; e pondo dous homens nos cavalos dos mouros e vestidos com as aljaravias, tornárão a tomar o caminho que os atalhadores trazíão, o mais desimuladamente que pudérão, mas não foi asi como cuidávão, porque os outros dous atalhadores ouvérão vista dos nosos, que corríão pera fora, e, sospeitando que íão trás os dous atalhadores, estivérão quedos olhando; e como os visem tornar polo caminho mansos e seguros, dando rebate ás aldeas mais perto, ajuntárão consigo oitenta ou cem homens de pé e sete de cavalo, e metidos em um daroal esperárão a que os dous nosos chegasem á fala, e chegando lhes começárão a bradar que pasem, porque ali achávão rasto, e logo respondeo Antonio Coutinho, mourisco, que leixávão toda aquela parte segura, e estando nisto ouvérão vista dalguns de pé que, sem saberem nada, vínhão descubertos, e não ousando se tornárão aos seus.

CAPITULO XXXIV

Dalgũas corridas que os almogavares do Farrobo fizérão sendo Arroaz seu almocadem

Materia ouve neste ano de dezaseis pera dizer tudo o que ei dito e escrito nele, pois ouve que dizer no cerco e socorro e na guerra, e em tudo, parece, ei favorecido noso partido, asi no alevantamento do arraial e cerco, como nas entradas e almogaverias, pois em todas, parece, fizérão presa, tomando mouras e mouros e gado. Parece rezão que se conte algũa parte do que os mouros fizérão, asi por terra, como por mar, pois tanta perda e dano recebemos na morte de Francisco do Soveral e de Gonçalo Vaz, almocadem; da maneira que Gonçalo Vaz foi tomado e levado a Tetuão, e marterizado, direi em seu lugar, e agora direi algũa parte do que por terra pasou, e porque neste tempo os cavaleiros do Farrobo érão nomeados e governados por Arroaz, e como mais ousado e sabedor era seu almocadem e capitão, o qual dava e deu muitos rebates e repiques a Tanjere e Arzila, tomando e matando muitas atalaias e homens de cavalo e de pé, tão ousadamente e com tais ardis que era muito temido, não ousando desmandar-se, nem descuidar-se nenhũa pesoa no campo.

E antre outras muitas corridas e entradas que no noso campo fez, neste ano em que vamos falando, se veio lançar a Redemoinhos, e rebatendo ás atalaias que íão descobrir o Pereiral as lançou caminho d'Alfomar, e seguindo-as tomou ũa delas, e a outra, que Rui de Sá era, se salvou até se juntar com as outras duas d'Alfomar, que Gômez Anríquez e João Correa, pescador, érão; e como Rui de Sá se vio acompanhado, não se contentando com ser salvo, voltou com os dianteiros, de maneira que Gômez Anríquez e um mouro fôrão ao chão, ambos mal feridos; e posto que os mouros érão vinte, e todos vínhão á longa, Rui de Sá e seu companheiro estivérão quedos com as lanças varadas até Gômez Anríquez se pôr a cavalo, sendo já com Arroaz dez de seus companheiros, os quais, vendo a ousadia de tres de cavalo, tornárão a apertar com eles e os trouvérão até o rosto d'Alfomar, sem os tres de cavalo se apartarem, nem os mouros ousarem a pôr-se-lhe de diante, e Arroaz ouve por seu barato de os leixar e se recolher caminho d'Almenara; mas ele neste dia se não pode ajuntar com os outros seus companheiros, que com a outra atalaia ficávão, os quais, como homens de recado, vendo ir Arroaz travesando trás da outra, querendo segurar-se, tornárão a tomar a atalaia do Perei-

ral, donde vendo as atalaias d'alem irem caminho d'Alecasapo, temendo-se de mais jente, dando vista aos seus, fôrão demandar o Furadouro d'Almenara. O que fez a seis atalaias d'alem ir tanto adiante foi que, ajuntando-se nos caminhos, e vendo ao adail Fernão Galego, que no Corvo se ajuntou ao rebate, ir por antre ambas as varzias, que, como vio os mouros ir travesando e os contou, conhecendo que era Arroaz, quís atalhar-lhe diante, mas Arroaz, vendo que os companheiros não esperávão por ele, sospeitando o que era, não os querendo seguir, por se afastar dos nosos carregou sobre o Zambujeiro e tomou o caminho da Ponte, e os dez apertárão tanto que lhe rebentárão os dous cavalos. Na vila se teve as quatro atalaias por perdidas, as quais seguírão os mouros até o Zambujeiro, e o adail foi até Almenara, donde não avendo vista dos mouros, por terem pasado o Furadouro do Xercão, se tornou asaz cansado e se veio ajuntar com o conde no Pereiral, donde Rui de Sá lhe contou todo o pasado.

Dise o conde este dia que se os mouros fôrão juntos levávão rodeo pera os ir esperar ás bocas, o que não podia ser, por os mouros irem espalhados e com rebate; e por esta vez e outras Arroaz cometeo muitas cousas e se salvou; [outras muitas vezes entrou Arroaz, fazendo muito dano] [1] e logo [2] trás esta se veio lançar no porto d'Alimoquique, muito perto da vila, e saindo após Galiote Pereira, que os foi descobrir, o seguio até pasar a ribeira das Pontinhas, mas como o Galiote Pereira viese em um potro castanho, que foi o milhor cavalo que de Castela pasou a Arzila, o qual se chamou o Ravenga, por Roque Ravenga andar muito tempo nele na atalaia, este dia, posto que potro e novo, mostrou quem era, porque nenhũa conta Galiote Pereira fez dos mouros, vindo antre eles mui bons cavalos.

O adail com o rebate acodio ao Corvo, e tomando fala de Estêvão Fernândez, companheiro de Galiote Pereira, que por cima das lombas ia, dando favor ao companheiro, e sabendo que os mouros érão sobacados debaixo do Furadouro das Pontinhas, posto que se não achou com mais que com cinco ou seis de cavalo, os foi esperar á varzia do porto, mas Arroaz vendo-os diante, ajuntando os seus, todos adargados, fôrão demandar o porto, o qual pasárão, por serem mais de vinte e o adail não se achar senão com seis, e estes desarmados, e logo trás os mouros pasou o porto, e indo após eles tomou o Palhegal, parecendo-lhe que o conde soltaria alguns de cavalo, sabendo que ia já junto dos mouros; mas o conde, como era imigo de seguir almogavares á longa, não quís, antes defendendo que não pasasem do Facho fez sinal se tornasem, porque na guerra destes lugares as mores pancadas e perdas que recebêrão

1. [outras muitas vezes... dano] *f.* A. — 2. e logo] e porque logo A.

foi irem trás almogavares, como adiante se verá: o conde reprendeo ao adail, que mais não seguise almogavares sem o ele mandar.

Outras vezes, afora estas, Arroaz correo, e entrou até nas ortas alancear sobre noite um homem de cavalo, que vindo bem descuidado e com dous feixes d'erva lhe saio do Caminho Velho da orta do conde, e cuidando de o atalhar antes d'entrar antre as ortas de Fernão Caldeira, mas achando-o já na rua dantre as ortas não pode mais que dar-lhe duas lançadas, o qual ero Diogo Vaz, atalaia, de que esteve á morte; e posto que esta vez escapou das mãos d'Arroaz, tanto que foi são destas feridas caio em poder doutros almogavares d'Alcacere, tornando a ser atalaia, de que tãobem farei algũa menção e darei algũa conta.

CAPITULO XXXV

Doutras entradas dos almogavares d'Alcacere e ũa corrida do alcaide

Os d'Alcacere não estávão neste tempo de folga, nem de vagar, que tãobem nos corrêrão muitas vezes, em especial Vasco da Silva e seu companheiro João Coutinho, os dous mouriscos e elches de que já dei larga conta, que, antes da entrada d'Arzila, se fôrão, matando os outros dous mouriscos, e levárão a Lionardo Alemão, os quais com dez e doze e quinze de cavalo se lançávão em lugares e parte donde podíão fazer dano ás atalaias, como ladrões de casa que sabíão as entradas e saidas ao derredor da vila, os quais por mostrarem estar arrependidos do dano que tínhão feito, matando e cativando cada um deles mais de cem almas, e serem imigos mortais de cristãos, se aventurávão muitas vezes, como ei apontado; e pasou asi que, sendo já Diogo Vaz são das feridas, que de Arroaz ouve, começando a servir, lhe saírão estes dois elches e maos cristãos de um través, e, carregando ás atalaias, as embaraçárão no corrego de Lião, de maneira que o Diogo Vaz lhes ficou nas mãos com um muito bom cavalo; o Galiote Pereira se salvou no potro que já dise, que depois se chamou o Ravenga, dando já mostras da fama que depois teve. Estes almogavares, que poucos érão, se recolhêrão com levar esta atalaia e um muito bom cavalo.

Tãobem o xeque Benaravia, que o principal almocadem d'Alcacere era, e Zanaca, ambos juntos e cada um por si, entrárão duas vezes em Tendefe, e quis Deos que não fizérão nada; das quais entradas os dous mouriscos elches andávão tão soberbos que presumíão de com cinco de cavalo virem, como viérão, correr algũas vezes as atalaias, e o fizérão até que se perdêrão e pagárão o que devíão, pois tanto andou Vasco da Silva com o alcaide d'Alcacere, dando-lhe ardis, que chamando seus vezinhos,

o de Jazem e o de Larache, veio correr a vila, e quís Deos que estando em cilada em Alhazana com preposito de, estando as atalaias seguras, se melhorarem ás Furnas e correrem ao longo do mar a cortarem e talharem o campo, ardil em verdade de que sempre nos tememos e donde receavamos receber dano e degolarem aquela vila: e é desta maneira que estando as atalaias de Tendefe no Malhão e na Atalaia Alta, que é sobre Alhazana, dão vista a um pequeno pedaço da praia, que não será mais comprido que um piqueno tiro de pedra, o qual espaço se a jente pudese pasar, estando as atalaias descuidadas, ficávão sobacados com as ladeiras das Furnas e não podem ser vistos senão depois que pasarem a atalaia do Mar e forem sobre a vila; e com este receio as atalaias tem muita vejia e tento em aquele pedaço de praia; e aconteceo que vendo os mouros ũa só atalaia no Malhão, que depois se chamou de João Mealho, por este dia ser ele o que vio os mouros, os quais esperárão que as atalaias se apartasem, ou fizesem algum movimento, como fizérão, que sendo o companheiro de João Mealho ido a fazer erva, ou rabo d'asno, que no verão é natural, de que as atalaias se aproveitão por ser erva enxuta e leve, e ficando João Mealho só, como homem de bom recado que era, vio a jente que começava a pasar, e pondo-se em seu bom cavalo, chamando a seu companheiro, deu o rebate, de maneira e a tempo que o campo se recolheo sem perigo, nem risco de ninguem, sómente dous homens que pescando estávão á volta das canas, que não ouvindo o rebate, fôrão vistos e tomados, e outros dous escapárão a nado, posto que tãobem ouve mouros que se despírão e lançárão ao mar, atalhando-os; mas como o conde mandase o adail escontra o mar, a recolher alguns que desmandados andávão, posto que as bandeiras e jente tudo vinha por aquela parte, os mouros, que á agoa se lançárão, se tornárão a recolher, e os mouros e bandeiras, espalhando-se polas vinhas, viérão demandar o Facho, donde o conde esperou que alguns entrasem dentro das tranqueiras; e mandando a Pero de Meneses que com eles falase e travase, e apartando trinta de cavalo, se lhes pôs diante.

Dom Manoel, seu cunhado, e Eitor da Silveira e Antonio da Silveira, pedindo lhes não negase leixá-los ir com Pero de Meneses, o que o conde não quís conceder, dizendo-lhes que pera travarem com mouros e os fazerem entrar dentro das tranqueiras avíão de ser os apartados moradores e não fidalgos; e porque Dom Manoel e Eitor da Silveira insistírão os leixase ir, ele mandou recolher Pero de Meneses e deu a andar da tranqueira de [1] Baixo até a do Meio, dizendo: «Se entrarem connosco e nos vierem demandar a esta tranqueira do Meio, olhe cada um polo que eu fizer»; mas os mouros, vendo o conde á tranqueira do Meio, fôrão tão poucos e ralos os que entrárão do Facho a dentro que o conde, por dar vista á

1. de] a A.

jente, se foi ao Facho, donde conheceo a jente que era, a qual toda esteve em ala; mas como João Correa com seu tiro, que no carretão levava, os vesitou com alguns pelouros de chumbo, dos que o berço pola boca lançava, pasando alguns por cima das cabeças, e outros levantando o pó do chão, parecendo-lhe aos mouros ser outra cousa mais espantosa, não lembrando já as outras vezes com que antes do cerco lhes fazia leixar as tranqueiras, tomando o caminho da Atalaia Gorda, se fôrão afastando do Facho; e porque este dia as atalaias do Pereiral e as d'Alecasapo, não ouvindo o rebate e repique, vendo a jente e bandeiras no Facho, não ousando tomar, nem cometer a vila, se lançárão ás Aldeas, donde estivérão até noite, com muito risco d'Arroaz ser da outra parte do Rio Doce e aver vista deles e os ir demandar, o que não fez por não saber desta jente, e ao tempo que ao noso campo pasou ser entrado em Tanjere; as quais atalaias nosas viérão depois de ser bom pedaço da noite pasada.

Sua vinda fez muito alegre ao conde, por os mouros não levarem homem de cavalo; e deste dia por diante o conde ordenou o tiro do rebate, que tão costumado e necesario é em todos os lugares d'Africa, ordenando que cada um dia estivese um dos bombardeiros da vila em um baluarte e com ũa bombarda grosa cevada e atacada e ele com o murrão aceso; e tanto que o Facho caise, ou se dése o repique, pusese fogo á bombarda, de maneira que, desparando, fose ouvida dos que no campo estivesem, o que foi necesario e bom costume e dura até agora, e durará em tanto que ouver lugares d'Africa. Tãobem deste dia por diante se chamou o Malhão de João Mealho, por se achar nele só, e dar o rebate em tempo que os mouros não fizérão dano, como está contado; e durou o nome até o despejo da vila, e durará em tanto que vivermos os que dele tivermos conhecimento e lembrança.

CAPITULO XXXVI

Como duas fustas á vista da vila tomárão ũa caravela em que matárão a Francisco do Soveral e cativárão a Pero Lópes, escrivão do almoxarifado

Mui largo e meudamente ei contado o que se pasou este ano de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e dezaseis, asi no cerco como em todas as outras cousas de guerra que por terra se fizérão em Arzila, asi polo conde e seus almogavares, como em algũas entradas d'Arroaz, almocadem do Farrobo, e em outras corridas do alcaide d'Alcacere e dos seus; e porque neste ano os mouros tomárão duas caravelas carregadas de jente e molheres e crianças, em que a vila d'Arzila

recebeo mui grande perda e dano, perdendo nelas a Francisco do Soveral, pesoa mui honrada e dos mais principais d'Arzila, e a Gonçalo Vaz, almocadem, parece [razão] [1] contar como e da maneira que estas duas caravelas se perdêrão, vindo a cair em poder de mouros; e por contar a estoria e suceso, contarei como pasou.

É certo que se este ano os mouros lavrárão noso mar com algũas fustas, no tempo que estivemos cercados, como depois o fizérão, que não leixárão de fazer muito mais dano do que fizérão, segundo andavamos descuidados, sem nos lembrar aver mouros por mar, nem fusta que de Tetuão ousase pasar o Estreito. Pois pasa desta maneira que, andando Diogo López de Sequeira por guarda do Estreito com sete caravelas d'armada, e estando em Arzila com as cinco metidas todas dentro do arrecife, acertou a vir ũa caravela de Tavila, e, sendo meia legoa da vila, lhe saírão do Cabo Branco duas fustas e a viérão alcançar debaixo das bombardas da vila, e chegando a mais piquena a quís abalroar, mas os que dentro vínhão, posto que poucos fosem, animados e esforçados de Francisco do Soveral e de Pero López, escrivão do almoxarifado, que dentro vínhão, os fizérão afastar a poder de muitas lançadas e cuitiladas; mas como a outra fusta chegase e balroase com a caravela e achase resistencia nestes dous homens, Francisco do Soveral e Pero López, quisérão antes segurar a presa e o dano que deles lhes podia vir com a morte deles, que não estar em risco de receberem dano e se salvar a caravela; e com alguns bèsteiros e espingardeiros, que nas fustas vínhão, detreminárão de matar estes dous que a caravela defendíão, e tirando-lhe muitos tiros derrubárão morto a Francisco do Soveral, e a Pero López mal ferírão; e vendo os mouros estes dous derrubados tornárão a envestir e entrárão[-na] [2], já tão perto da vila que os pelouros das nosas esperas pasárão por cima deles, e vendo do muro as espadas nuas, asi dos nosos como dos mouros, sem lhes poderem socorrer, por ser baixa-mar e as caravelas não poderem sair do arrecife, por muito que pera [3] iso fizérão, nem as barcas e barcos, que fora saírão, não ousárão, nem era rezão que chegasem ás duas fustas, as quais, rendida a caravela, dando-lhe ũa toa [4], a tirárão pera fora, donde lhes nosa artelharia não fizese dano, e levando-a se tornárão pera Larache.

O conde com toda a jente se foi ás Furnas, por aver fala dos mouros, os quais, como íão muitos feridos da primeira entrada, não tivérão conta senão ir-se ao longo da terra, caminho de Larache. O conde se tornou já noite pera a vila, mui pesante, e muito mais Diogo López de Sequeira, que por não ter os navios fora, ou ao menos um deles, não valeo ao navio. O conde, tanto que foi menhã, mandou logo a Pero Vaz, cerieiro,

1. [razão] *f.* A.. — 2. [-na] *f.* A. — 3. que pera] a pera A; que por B N L M. — 4. toa] cabo B N L M.

a Larache, com ũa carta ao alcaide Xacorão, pedindo-lhe lhe mandase dizer o navio donde era e as pesoas que nele vínhão; o qual, logo aquele dia á noite, tornou com a reposta, e achando o conde á mesa, ceando com todos os fidalgos e fronteiros, lhe meteo ũa carta do alcaide na mão; e porque a jente era muita, que por saber novas acodio á sala, dizendo o conde: «Deixemos de comer e satisfaçamos a tantos como deséjão saber o que neste papel vem», e abrindo-a, dizia asi: «Senhor, muito quisera não mandar reposta da carta de vosa mercê, por lhe não dar desgosto, mas como a guerra dá um dia mao e outro bom [1], a nós o deu ontem, e a vós o contrairo, porque asi o quer Deos, que todos, sua feitura, aja antre nós deferença, que quando se mostra de ũa parte pese á outra [2]. A caravela vinha de Tavila; nela vinha Francisco do Soveral, o qual é morto e lançado ao mar, por defender seus companheiros; vinha Pero López, escrivão, fica cativo e ferido de duas setas, mais a molher e filhos de Rodrigo Afonso, de Fárão»; e asi vínhão os nomes do mestre e marinheiros, e a molher de Fernão Barriga, e Afonso Barriga, seu filho, de maneira que vínhão na caravela vinte oito pesoas, antre homens e molheres.

O conde, com asaz paixão de todos, deixou a mesa, sentindo muito a morte de Francisco do Soveral, por ser pesoa honrada e dos mais principais d'Arzila, a qual morte e desastre socedeo por esta via. Francisco do Soveral, filho deste Francisco do Soveral, era casado com Caterina Ifante, muito criança, a qual Caterina Ifante tinha quinze ou vinte moios de renda em Coruche, e, tanto que se o cerco levantou, o Francisco do Soveral veio a Portugal tomar pose da renda e moios; e indo de Lisboa a Salvaterra em ũa muleta, das com que o rio do Tejo se serve, andando volteando com o vento contrairo, querendo lançar mão da poja, deu a muleta um pendor com que se foi ao fundo, em que o Francisco do Soveral o moço se afogou e outros muitos; e indo logo esta triste nova a seu pai, Francisco do Soveral o velho se embarcou e veio pedir a el-rei Dom Manoel de mercê lhe dése a dita Caterina Ifante, por ser criança, pera Antonio do Soveral, seu filho, tãobem moço, o que sua alteza lhe concedeu; e, isto negoceado e a pose dos moios tomada, se tornava pera sua casa, e chegando á vista dela lhe tirárão a vida por caminho não esperado, como está apontado e contado.

Era tanta a segurança que a pasajem pera Arzila e Tanjere tinha que não receávão homens honrados de se meterem em barcos e caravelas mancas, e só levarem ũa lança, como esta caravela, que sómente eles dous levávão suas armas, as quais lhe prestárão se não acertárão duas fustas juntas, porque Larache não tinha mais que ũa, e a outra acertou de

1. a guerra dá um dia mao e outro bom] a guerra de um dia mao é outro bom A. — 2. L *acrescenta:* e bezmile: *i. é*, em nome de Deus.

ser de Tetuão, donde Almenderim, alcaide e senhor dele, tinha muitas, em que trazia muitos bèsteiros e espingardeiros, todos granadins, donde ele era natural; e tãobem deu ousadia a Francisco do Soveral a pasar tão sem consideração o favor das caravelas d'armada, que no Estreito andávão, que, a não estarem encerradas dentro no arrecife, donde não pudérão sair, por ser agua baixa, [o defenderíão] [1]; e daquele dia por diante se costumou não entrarem os navios d'armada dentro do arrecife, e ficarem de fora, o qual costume valeo depois a muitos navios, que por esta causa se salvárão de mouros e franceses. Não se contentou a fortuna de favorecer aos mouros por mar nesta caravela só, porque logo adiante tomárão outra que vinha de Tanjere, na qual vinha Gonçalo Vaz, em que a vila recebeo mui grande perda, como logo se verá.

CAPITULO XXXVII

Como Gonçalo Vaz almocadem foi tomado em ũa caravela vindo de Tanjere pera Arzila e levado a Tetuão

Já ei contado da maneira e como o alcaide-mór, Estêvão Coelho, e Gonçalo Vaz, mourisco e almocadem, fôrão enganados e vendidos por um mouro de nova ũa noite antes do cerco asentado, e a maneira que perdendo os cavalos se salvárão, e como Gonçalo Vaz, deitando-se das Furnas abaixo, quebrou ũa perna, da qual se lhe causou a morte e o martirio que em Tetuão lhe dérão, sofrendo-o como bom e fiel cristão; o qual pasou asi que vindo com a perna quebrada, tres dedos ou quatro acima do artelho, e como toda a noite estivese metido na agoa do mar até a cinta, com a qual frialdade os nervos se encolhêrão, de tal maneira que o pé não pode tornar a seu lugar, e posto que foi curado polo bacharel Francisco Gotérrez, mui eicelente fisico e çolorjião, e da quebradura foi são, todavia lhe ficou o pé torto, pera não poder andar sem muita manqueira; e como os fisicos e çolorjiões sempre querem emendar as curas que os outros fazem, foi asi que mestre Diogo, de Tanjere, que o mais eicelente çolorjião de seu tempo era, veio a Arzila ao socorro, como está apontado, o qual dizendo a Gonçalo Vaz que com branduras e unturas, que lhe faria em aquele verão, faria que o pé ficase mais dereito; e ajuntando-se a este dito de mestre Diogo os desejos que Gonçalo Vaz de ser são tinha, se detreminou ir a Tanjere e gastar os tres ou quatro meses do verão debaixo da cura e ordenança de mestre Diogo, e pondo-o por obra se embarcou com Diogo López de Sequeira e

1. [o defenderíão] *f. em todos os mss.*

se pasou a Tanjere, donde esteve todo o verão, fazendo-lhe Dom Duarte de Meneses, capitão, muita honra, visitando-o e requerendo-o muitas vezes, e asi era dos fidalgos e fronteiros e moradores da cidade, e muito mais de mestre Diogo que, por ser pesoa muito honrada, e por servir ao conde, que muito lhe encarregou a cura de Gonçalo Vaz, teve muito cuidado, asi na cura como no que de sua casa lhe era necesario, de maneira que todos os remedios, que se pudérão fazer a um principe, se lhe fizérão; mas como a quebradura foi com lhe cortarem dous dedos da cana, junto ao artelho, não podérão tanto os remedios e branduras feitas por mestre Diogo que, todavia, não ficase muito manco; e vendo-se Gonçalo Vaz que pera andar lhe era necesario ũa muleta, ou um bom bordão, não conhecendo a mercê que lhe Deos fez em o salvar, nem que lhe era necesario muito tempo pera os nervos arrijarem e tomarem força, embirrou de maneira que, vendo que partia ũa caravela de Tanjere pera Arzila, se foi meter nela pera tornar por mar, da qual embarcação ouvi muitas vezes dizer que fora requerido de mestre Diogo e de Francisco de Meneses e do mesmo Dom Duarte não quisese vir por mar em navio manco e sem artelharia; e pois Diogo López de Sequeira era já em Portugal, que ele, capitão, mandaria trinta ou corenta de cavalo que o trouxesem a Arzila, o que ele não quís fazer, por o levante ventar muito rijo e aver alguns que dizíão que com tal tempo em tres oras érão em Arzila: descuido, certo, muito grande, e não sei que desculpa os capitães pudérão dar neste tempo, em o conde não ter avisado e requerido a Dom Duarte o não consentise embarcar e vir por mar, e, já que ao conde não parecese, ouvese tanto descuido em Gonçalo Vaz que leixase de vir por terra, pois estava certo não lhe negarem a licença, quando ouvese nova desposição pera lh'a darem, e o avíão de mandar acompanhado de muita jente, e corenta e mais de cavalo, pois era costume acompanharem um fidalgo e morador quando lhe compria pasar de Tanjere a Arzila, ou d'Arzila a Tanjere, quanto mais um almocadem de quem tanta necesidade os capitães tínhão, e a quem tanto desejávão a saude e fazer a vontade.

O capitão Dom Duarte de Meneses o não ouvera de consentir, por muito que Gonçalo Vaz perfiara, pois tanto se perdia nele; mas as cousas que por Deos são ordenadas as não podem os homens tirar, que se não cûmprão, como foi esta de tão grande cegueira e erro, quanto ao deste mundo, pois vemos que por Gonçalo Vaz se embarcar perdeo a vida, e segundo nosa fé temos que foi igual no martirio aos santos martires pasados, que sofrendo com muitos tormentos, paciencia, segundo afírmão muitos mercadores e cativos, que presentes estivérão; pois pasa asi que Gonçalo Vaz, com os desejos de se vir pera sua casa, e com lhe dizerem e ver que o levante ventava rijo, e que em tres oras era em Arzila, e que não avia nova ser fusta fora de Tetuão, e que Diogo López de Sequeira avia pasado pera Arzila a tomar a condesa de Borba e a trazer a Por-

tugal com toda sua casa, sem mais olhar o que compria se embarcou, e João de Deos, irmão de Pedro Afonso Homem, com ele, que poucos dias avia que saira de cativo, donde avia estado cinco anos, desde o tempo que se perdeo com Jorje Vieira; e vindo a caravela fretada por Gaspar Caldeira, jenro do dito Jorje Vieira, e metendo nela sua molher e filhos e sogra se fez á vela, e ele Gaspar Caldeira com Fernão Meirinho, seu cunhado, tomárão o caminho d'Arzila, donde viérão amanhecer; e dando nova como Gonçalo Vaz era partido na caravela pôs logo em confusão ao conde e a toda a vila, e logo aquela noite seguinte fez tornar a Gaspar Caldeira, e que sendo a caravela tornada a Tanjere lhe fizesem sinal com fogo na serra de São João, o qual Gaspar Caldeira, quando tornou, trouve nova como estávão todos em Tetuão cativos, o que pasou desta maneira.

Partida esta mofina caravela da bahia de Tanjere, e dando[1] as velas ao levante, em pouco espaço pasou pola agulha do cabo d'Espartel, donde duas fustas de Tetuão estávão, que por dita aquela menhã avíão chegado, pasando aquela noite por Cepta, Alcacere, Tanjere, e vendo vir aquela caravela, parecendo que era das da armada, que Diogo López trazia, não ousando sair ao largo, polo muito vento que fazia, se sobacárão em terra, antre as pedras, com entenção de se lançarem em terra, e perdendo os navios salvarem-se na serra do Cabo, que muito forte e de muitas brenhas e arvoredo é; mas tanto que vírão pasar a caravela e conhecêrão ser merchante e pasajeira, á muita présa, recolhendo-se ás fustas e dando á vela, se pusérão na sua isteira, com esperança que, quanto mais fosem na enseada d'Arzila e fora do Estreito, lhes seria o vento mais bonança, e não se enganárão, por ser jeral em aquela costa ventar muitas vezes levante no Estreito e não chegar a Arzila, e quando chega a Arzila não chegar ás Furnas, menos de meia legoa da vila. Pois desta maneira aconteceo, que, sendo antre Tagadarte e a lagoa do Conde, o vento começou a afracar, de tal maneira que as fustas, metendo os remos e velas, se vínhão chegando, de maneira que já Gonçalo Vaz e João de Deos não tínhão esperança de se salvarem na caravela, e fazendo com o mestre, que João Vaz Pedradas avia nome, que lançase o batel fora, sem lhes lembrar a resistencia, nem prouxemidade de trinta molheres e crianças, que na caravela vínhão, se metêrão dentro nele o mestre e marinheiros e Gonçalo Vaz e um filho seu, de idade de oito anos, e João de Deos, e remando pera terra se apartárão da caravela, á qual as fustas não ousárão de chegar; mas como um mouro, cativo de Gonçalo Vaz, que a Tanjere levou pera o servir, e ficou na caravela, lhes bradase, dizendo que acodisem á barca, porque nela ia Gonçalo Vaz, almocadem d'Arzila, as quais novas fizérão que, não tendo conta com a caravela, se lançárão ao batel, que já

1. dando] dado A.

no rolo do mar ia. Os do batel, vendo as fustas consigo, não lhes ficando nada por fazer, se lançárão ao mar, donde fôrão todos alcançados das fustas e de muitos mouros granadins que após eles se lançárão á agoa; e recolhidos dentro das fustas a Gonçalo Vaz e a João de Deos e a todos os mais do batel, com grande alegria e vitoria se fôrão á caravela, donde achárão pasante de vinte molheres e crianças, todas as mais de ũa casa sómente, que foi ũa das móres desaventuras que morador d'Africa recebeo, por cativarem nese navio a molher e quatro filhos de Gaspar Caldeira e a sua sogra, molher de Jorje Vieira, e ũa sua cunhada, irmã da molher, e ũa sobrinha da sogra, que Simoa avia nome, e ũa irmã dele Gaspar Caldeira, que se chamava Joana Díaz, que oje é molher de Bastião Rabelo, morador em Tanjere, que naquele tempo e depois era a mais fermosa molher que em Tanjere e em Arzila avia, a qual vinha desposada pera casar com [um homem] [1], adargueiro, a qual gozou pouco dele, porque ele morreo primeiro que ela saise do cativeiro; outras molheres e homens de Tanjere e Arzila fôrão cativos nesta desaventurada viajem, as quais todas se remedeárão, saindo de cativeiro, sómente [não] [2] Gonçalo Vaz, em quem fôrão feitas grandes justiças e martirios; e João de Deos esteve desta vez outros dous anos e meio cativo, alem dos cinco que da outra vez esteve em poder do alcaide d'Alcacere.

CAPITULO XXXVIII

Da morte e martirio de Gonçalo Vaz mourisco e almocadem d'Arzila que lhe dérão em Tetuão

Tornando a continuar com Gonçalo Vaz, que em poder dos mouros ficava, tanto que o nas fustas tivérão, a poder de remos aquela noite se tornárão ao cabo, donde estivérão esperando que o levante abonançase, pera tornarem a abocar o Estreito, não ousando pasar por Arzila, donde lhes parecia que as caravelas da armada estávão, por não darem lugar á fortuna lhes poder tirar a vitoria que lhes tinha dado; e tanto que pudérão, com as proas no vento, pasando por Tanjere e Cepta, chegárão a Tetuão, donde fôrão recebidos com a mór festa e alegria do que nunca presa foi recebida, saindo todo Tetuão, asi de cavalo como de pé, homens, molheres, crianças; e logo se estendeo a fama por todo o reino, não ficando mouro em todas as serras que não acodisem a Tetuão, uns a vê-lo, e outros a fazerem gazua nele, dando-lhe ũa lançada, ou aguilhoada, ou porrada que fizese sangue, parecendo-lhe, segundo eles

1. [um homem] *em branco em* A. — 2. [não] *f. em todos os mss.*

cúidão, que sálvão as almas em tirarem a vida a um tão mortal imigo de Mafamede.

O mór louvor que ao martirio de Gonçalo Vaz lhe podemos dar é a paciencia com que o sofreo, que eu afirmo ouvir contar a João de Deos, que a tudo foi presente, que, ao tempo que na fusta vínhão, lhe disera Gonçalo Vaz: «Eu muito bem me podera afogar, primeiro que me tomárão, ou meter a espada em mim e me matar, primeiro que a mim chegasem, mas quero antes ver e salvar minha alma, vendo o contentamento que estes perros terão em me marterizarem, e em mim fazerem gazua, vingando seus corações em mim, e sofrer o que em mim hão de fazer com paciencia, que não morrer desesperado, por medo do que em mim hão de fazer», o que muito é pera lhe louvar; mais conta João de Deos que, se matárão o mouro de Gonçalo Vaz e o lançárão ao mar, ou o metêrão no batel, de maneira que não dera aviso ás fustas, em aquele pequeno espaço que [tivérão] [1] em tomar fala e lingoa dos que na caravela ficárão, eles chegárão a terra e se pudérão salvar, por ser sobre noite e os mouros não avíão d'andar buscando-os polas brenhas e daroais; mas como de cima era ordenado que ali pagase a divida que a este mundo devia, e quiçais polo achar Deos em tempo de receber com paciencia o martirio, como o recebeo, se ordenou de maneira que se não pode escusar de se pasar o que se nisto pasou. Pode-se crer isto de mim, porque toda Arzila sabe que João de Deos, com quem alego, e eu tivemos e temos muita estreita amizade, asi no tempo de nosa mancebia, como agora, e se eu pudese e em mim fose remedear seu cativeiro que o faria com mui boa e sam amizade, a qual ele sempre achou em mim.

Mas tornando a Gonçalo Vaz que em poder d'Almenderim, alcaide e senhor de Tetuão, estava, que o mais cruel imigo de cristãos de noso tempo era, logo mandou ordenar ũa grade, donde o pusérão no meio da praça ou soco, atado e aspado, sem se poder bulir com as mãos, nem pés, e sendo juntos mais de vinte mil almas, antre os quais era sua mãe e irmãos e parentes, rogando-lhe quisese negar [2] a fé de noso senhor Jesu Cristo, mas ele, com muito fervor de morrer por ela, não tão sómente dezia de não [3], antes os deshonrava e dizia muitas injurias e blasfemias contra eles e contra [a] [4] regra de Mafamede, dizendo que por Jesu Cristo e por Santa Maria morria, e que não sentia, nem avia de sentir martirio, nem tormento de cousa que lhe fizesem; e logo os menistros do demonio começárão a obrar o pera que estávão juntos, não avendo um só algoz, como antre nós, antes sendo todos juntos [algozes] [5], começando cada um a tratar das carnes do paciente; e porque os brados que ele dava todos érão chamando por Santa Maria e por seu Glorioso Filho, e [dizia muitas] [6]

1. [tivérão] *f.* A. — 2. negar] guardar A. — 3. de não] não L; que não B N; senão M. — 4. [a] *f.* A. — 5. [algozes] *f.* A. — 6. [dizia muitas] *f.* A.

blasfemeas contra sua relijião e Mafamede, o que eles não podendo sofrer intentárão em lhe arrincar e despedaçar a lingoa, porque não pudese falar, e asi o fizérão, trabalhando por lh'a arrincarem; travando-lhe dos beiços e dentes, com tinazes e mordaças lh'os fizérão todos em pedaços, e depois de não poder falar, chegando-se mais a ele, lhe tirárão as unhas dos dedos dos pés e das mãos, e trás elas os dedos e os pedaços da carne, guardando-lhe todavia os olhos, por mandado do alcaide Almenderim, por que vise os tormentos que lhe dávão; e neste trabalho e tormento o tivérão dous dias e duas noites, sem nunca leixarem de o atormentar, até que não tendo sangue em todo o corpo acabou d'espirar e dar a alma a noso senhor Jesu Cristo, por cuja fé ele padeceo e sofreo tudo o que se ha contado; e porque estes e outros muito maiores tormentos e martirios me podem pasar pola memoria, por aver corenta e cinco anos que isto pasou, me remeto á enformação que os capitães de Cepta, Tanjere e Alcacere tivérão desta morte, porque todos neste tempo tínhão em Tetuão cativos de seus lugares e mercadores, de quem o mui bem pudérão saber e se enformar; os quais capitães érão, neste ano de mil e quinhentos e dezaseis, em Ceita o marquês de Vila Real, que então era conde d'Alcoutim, e d'Alcacere era aquele valeroso Cide Rui Díaz de Sousa, de que já fiz menção no cerco d'Arzila, e em Tanjere Dom Duarte de Meneses, filho do conde-prior do Crato, que depois foi governador da India, os quais todos e o noso conde ouvérão enformação verdadeira; das quais [cousas] [1] eu não tenho visto mais que o de que sou lembrado daquele tempo, e o que ouvi contar algũas vezes a João de Deos, estando eu bem fora deste trabalho em que estou, d'escrever cousa tão velha, porque, se diso tivera lembrança, de muitos pudera ter enformação inteira.

Já que ei contado algũa cousa deste eicelente [almocadem] [2], Gonçalo Vaz, e de sua morte e martirio, parece razão fazer ũa descrição breve de sua naturaleza [3] e pesoa, e de sua vinda a tornar-se cristão. Era Gonçalo Vaz barbaro, nacido e criado naquelas serras nosas vezinhas de Benagorfate, e por ser traveso e brigoso, e andar de ũas em outras omiziado, as soube todas, não avendo aldea a que não soubese as entradas e saidas; e namorado de ũa mui fermosa molher, que oje é viva e casada com Anes Dei, contestabre dos bombardeiros d'Arzila, e polo despejo se fôrão pera Tanjere, a qual, tirando-a de Benarróz e dizendo-lhe a levava a Larache, a trouve dentro a Arzila, donde ela esteve alguns dias sem se querer tornar cristã, em casa da condesa Dona Caterina da Silva, molher do conde de Borba; e tornada cristã se chamou Maria Díaz, como oje em dia se chama, a qual usou sempre como boa e vertuosa molher cristã. Ficárão[-lhe] [4] dous ou tres filhos de Gonçalo Vaz, que todos morrêrão de peste, que no

1. [cousas] *f. em todos os mss.* — 2. [almocadem] *f.* A. — 3. naturaleza] natureza B N L M. — 4. [-lhe] *f.* A.

ano de vinte dous em Arzila ouve. Ficou João Vaz, seu irmão, o qual tanto que foi pera a guerra a[1] fez mui cruelmente, cortando cabeças, mãos, pernas, a quantos mouros podia chegar, em vingança de seu irmão; o qual tãobem foi tomado e marterizado á vista d'Arzila, como foi no ano de vinte e quatro. Era Gonçalo Vaz branco, e na acatadura parecia de casta de mouros, polas feições serem robustas e polo cabelo ser muito e crespo; no de mais era alegre e prazenteiro, e muito conversavel com os companheiros e vezinhos, em especial quando vinha de fora e trazia presa, e folgava de os chamar a sua casa e os banqueteava, tirando sempre dela com que os regosijava. Fez ũas honradas casas e tinha sua molher provida d'escravos e escravas e todo o necesario.

CAPITULO XXXIX

Dalgũas cousas que neste ano de dezasete acontecêrão com a morte da rainha Dona Maria

Em este ano de mil e quinhentos e dezasete faleceo desta vida a rainha Dona Maria, molher d'el-rei Dom Manuel e mãe d'el-rei Dom João, o terceiro deste nome, que santa gloria aja.

Tãobem neste ano el-rei Dom Manoel mandou fazer ũa armada de sesenta ou mais caravelas, e por capitão dela a Diogo López de Sequeira, que depois foi capitão e governador da India, e com jente de pé e cento de cavalo lhe deu por rejimento, tomando de Arzila cincoenta de cavalo, e outros tantos de Tanjere, se fose ajuntar com o marquês de Vila Real, capitão de Cepta, e ambos juntamente fosem tomar Targa, dez legoas alem de Cepta, levando o marquês toda a jente de cavalo e de pé que avia em Cepta; e por deferença que antre o marquês e Diogo López de Sequeira ouve, não fizérão nada, e, deixando o marquês em Cepta e em Tanjere os cincoenta de cavalo, se veio a Arzila com entenção que faríão algũa entrada, como fizérão, que foi o conde com Diogo López tomar Arraihana, aldea do Farrobo, e fizérão pouco mais de nada; e dahi se veio pera o reino. Dos cincoenta de cavalo que de Arzila fôrão foi Fernão Caldeira, de quem já tenho feito menção, o qual ia por adail de Diogo López, e tãobem foi Pedro Afonso Homem, pesoa principal.

Em este ano ouve por toda a costa d'Africa muita cantidade de gafanhotos que não leixárão cousa verde; da cantidade e dano que fazem direi, Deos querendo, no ano de corenta, que tãobem viérão e destroírão

1. a] o A.

toda cousa verde, e tinhamos pazes, e os vimos, e ha muitas pesoas que me ajudarão ao que diser deles.

Em este ano veio ao Estreito Barba Roxa com catorze navios de remo, e, feitas algũas presas e tomados alguns navios, se meteo no rio de Larache; logo após ele veio ũa armada de vinte naos taforeas, caravelas, e as quatro galés d'el-rei de Castela, de que era capitão micer Berinjel de Olmos [1], e duas fustas de Malaga, ũa de Cherinos e outra de Pero Bentes, e um bargantim de Matheo, vezinho de Gibaltar, todos muito eicelentes capitães que tínhão feito e tomado muitas presas. Vinha por capitão-mór desta armada o marquês de Mondejar, conde de Tendilha e viso-rei do reino de Granada.

Chegados a Arzila fôrão recebidos polo conde com toda a artelharia e solenidade que a tal pesoa se requeria, e logo pedírão ao conde seu conselho e parecer pera entrarem em o rio de Larache, e o conde mandou logo a Pero de Meneses e ao adail Fernão Galego que com trinta de cavalo fosem ver o rio de Larache, e a ordem que Barba Roxa tinha com seus navios; e depois de muitos conselhos se detreminárão não cometerem o rio, por os seus navios serem grosos, e tãobem porque naquele tempo não se tinha tanta noticia daquele rio, como se agora tem: por certo, ele é o milhor pera entrar e sair que em toda aquela costa ha. E asi se tornou o marquês muito contente do conde, porque, alem da muita honra e gasalhado que o marquês e capitães recebêrão, estivérão sempre as mesas postas na sala do conde com pão, carne e vinho, pera todos os que saíão em terra. O conde levou ao marquês mostrar-lhe o campo e a ordem que se tinha na guerra, e a ordem das atalaias; e visto por ele e por todos os capitães, que com o marquês íão, foi muito louvada e muito mais a presteza com que a jente saio a repique, porque estando fora mandou o conde derrubar o facho, e em nada vio junto consigo dozentos e cincoenta de cavalo, bem armados e adargados, os quais o marquês gabou muito; e quando se partio lhe deu o conde um muito bom cavalo e um mouro que lh'o levou. Partido o marquês e os capitães muitos satisfeitos com muita obrigação ao conde, Barba Roxa se tornou pera Arjel, donde avia muito pouco tempo que se avia apoderado.

Com esta vinda de Barba Roxa ao Estreito, e Larache começar [a] [2] ter algum navio [3] de remos, se perdeo a pescaria das praias, que costumávão todos os anos ir muitos navios de Lisboa, do Algarve e de Castela, e asi muitas chalupas a pescar as pescadas, desde o rio de Larache até o rio da Mamora, que são dezasete legoas; a qual pescaria que fazíão abastava a mór parte d'Espanha, e os mais destes navios vínhão ao domingo ouvir misa a Arzila, e eu me lembro ver em o arrecife d'Arzila

1. Olmos] Lemos A. Veja-se p. 21, l. 35. — 2. [a] *f.* A. — 3. e Larache... algum navio] Larache começou a ter algum navio L. M; Larache... alguns navios B N.

cincoenta e mais navios destes, e valer ũa pescada fresca dez reis, e ũa duzia de buchos cinco reis: deste ano pera cá não ousárão de ir a esta pescaria.

Em este ano de mil e quinhèntos e dezasete faleceo em Arzila Estêvão Coelho, alcaide-mór, e Antonio da Fonseca, contador, ambos criados antigos do conde de Borba, a quem o conde sempre deu a cada um deles vinte mil reais de tença, cada um ano; érão ambos muito cavaleiros e muito vertuosos, como parece em a noite antes do cerco, que falei nela quando se perdeo o freio a João Vaz Aljofarinho, como fica dito; e Antonio da Fonseca era tão nobre e cheio de tantas vertudes, asi ele como sua molher Breatiz de Meira, que não me parece bem leixar de falar em algũas delas, e ficar enxemplo e lhe imitarem os que de suas vertudes e casa tiverem enveja. Eu me lembro conhecer em sua casa cinco ou seis criados, e outras tantas criadas, todos muito bons cavaleiros, e que tivérão e oje tem o abito de noso senhor Jesu Cristo, e as criadas casadas com outros homens não somenos que estes; e, porque a alguem não lhe pareça que ponho mais do que é, nomearei os que em um tempo vi em sua casa: Fernão de Xira, de quem ficou memoria o poço de Fernão de Xira, que está no noso campo; e Diogo da Costa, Francisco Fernândez, Gaspar de Meira, Luís Valente, que oje é vivo e tem o abito de noso senhor Jesu Cristo. Fôrão suas criadas Breatiz da Fonseca, molher de Francisco de Gouvea, a molher de Jorje Manoel, à de Luís Valente, pesoas honradas e do abito: nomeei estas pesoas porque, asi como érão pesoas vertuosas e honradas, tínhão em sua casa pesoas honradas.

Agora contarei de Antonio da Fonseca algũas cousas que lhe acontecêrão, servindo de alcaide-mór d'Estremoz, polo conde de Borba. Era costume aquele tempo estarem os presos em poder dos alcaides-móres; e estando em seu poder um preso, per nome Jil Maio, homem de bem e pobre, lhe deu licença que fose trabalhar e aproveitar sua fazenda, em tanto que seu feito corria na corte, tomando-lhe segurança e juramento que viria á prisão quando o chamase. Este bom homem foi avisado que sua sentença saira contra ele, que fose açoutado e degradado pera Africa, e podendo-se salvar e fojir não o quís fazer e se foi meter nas mãos de Antonio da Fonseca, dizendo-lhe: «Senhor, eu soube que minha sentença saio contra mim, que me avergonhasem e fose degradado; não quero que vosa mercê me tenha em roim conta, e antes quero esperar a ventura em vosas mãos que fojir a quem me tanto bem faz». Antonio da Fonseca o consolou, dizendo-lhe que não ouvese medo, que ele não seria avergonhado, e logo se partio pera a corte e se foi a el-rei Dom João, o segundo, e lhe contou a bondade de Jil Maio, e lhe dise as palavras que lhe disera. El-rei, avendo respeito á bondade de Antonio da Fonseca, que lhe pedia perdão pera o Jil Maio, lhe perdoou os açoutes e que fose comprir o degredo, o qual Antonio da Fonseca comprou; e sabido por el-rei como

comprara o degredo tãobem lhe fez mercê dele, e asi ficou livre Jil Maio pola vertude de Antonio da Fonseca.

Não deixarei de contar outra sua. Estando em Portugal, pouco tempo antes que falecese, lhe dise el-rei Dom Manoel: «Antonio da Fonseca, eu sou enformado que pasais meu rejimento, e asentais moços de menos idade»; ele respondeo: «Senhor, é verdade, e esa é a milhor candea que vosa alteza ha de levar á gloria, porque eu asento filhos de homens que morrem em voso serviço e os trazem sem pés e mãos e sem cabeça, e vosa alteza paga a sua molher com ũa fanga de trigo que dá a seu filho, que tãobem vai velar ao muro, como um homem» [1]. Parecêrão a el-rei estas palavras tão piadosas que com lagrimas lhe dise que folgava muito, e lhe encomendava que asi o fizese. Morto Antonio da Fonseca foi sentida sua morte por toda a vila, e el-rei deu a contadoria a Pero López d'Azevedo, muito parente do conde, e morador em Arzila, de que aos moradores muito pesou, por lhes parecer não teríão nele as boas obras e favor de Antonio da Fonseca e de sua molher; o que foi polo contrairo, que, tanto que se vio contador e começou a servir, logo começou a usar da nobreza donde vinha, asentando filhos de moradores de menos idade, e filhos de veuvas, escrevendo a el-rei noso senhor por elas e favorecendo-as, asi nos contos, como no celeiro, com as quais cousas o conde era muito contente, de maneira que não dizíão dele menos bem que de Antonio da Fonseca. Tudo isto, ainda que fora da materia, escrevi por duas razões: ũa por serem d'Arzila, de quem eu escrevo e sou afeiçoado, e por ser exemplo, e não ficar em esquecimento tanta bondade e vertude.

CAPITULO XL

Como João Coutinho deu ũa cavalgada e ele saio mal ferido

AGORA tornarei ás cousas da guerra, socedidas em Arzila ao conde, e irei com João Coutinho, almocadem, ao cabo, até sua morte, que não durou muito, pois foi neste ano de dezasete. Posto que algũas cousas acontecêrão neste meio tempo, esperava o conde que João Coutinho mourisco fose muito bom homem e bom almocadem, e desejava de

1. «Senhor... como um homem»] «Senhor é verdade e este é o melhor serviço que poso fazer a vosa alteza porque eu asento filhos d'omens que morrem em voso serviço e de Deos e seus pais || trouxerão sem cabeças e sem mãos com muitas lançadas e vosa alteza paga sua molher com ũa fanga de trigo que dá a seu filho que tambem vai velar ao muro como um homem e criam-se na guerra e nela morrem e são os milhores fronteiros que lá ha» L; *f.* B N M.

o ter omiziado; e com esta vontade foi tomar ũa aldea dentro da boca de Benarróz, a qual João Coutinho deu, e os levou por dentro da serra, por lugares e parte [1] muito escusos [2], ainda que muito trabalhoso [2], até os pôr junto das casas; e ahi pedio ao conde mandase decer trinta de cavalo, pera com eles a pé dar na aldea, e que o conde, tanto que ouvise a grita, acodise com toda a mais jente. O conde fez decer cincoenta de cavalo e com eles a Rui de Sousa, pai de Lourenço de Sousa, apousentador-mór deste reino, a quem mandou por capitão destes cincoenta homens de pé, por lh'o[3] ele Rui de Sousa pedir, o qual, indo o almocadem João Coutinho diante, deu na aldea, a qual érão [4] as casas tão apartadas ũa da outra que a mais perto avia um tiro d'arco, e estas metidas em rochedos e silvado tão forte que, chegando a ũa casa, furávão os que dentro estávão por minas e buracos feitiços, por donde se salvávão. Chegado o conde com toda a jente, e vendo a aspereza da terra e a fortaleza dela, deu logo muita présa a se sair fora, e recolhida a cavalgada, que fôrão trinta e cinco almas e perto de trezentas cabeças de gado vacum e muito gado meudo, se saírão fora da aldea, o que não pudérão fazer sem muita contenda, pola muita jente de pé que já acodia doutras muitas aldeas e serras, os quais apegárão tão rijo que, pasando um porto ou ribeiro, matárão um fidalgo que se chamava André d'Azevedo, parente do conde, e matárão Bras Afonso, morador da vila, e asi matárão o cavalo a João Coutinho, almocadem, e o ferírão muito mal, e lhe furárão as tripas de ũa lançada que lhe dérão por cima de um quadril, de que esteve á morte; e matárão o cavalo a Rui de Sousa, e o derrubárão e se salvou, não fojindo, senão pelejando a pé quedo, estando junto dele João Coutinho, ainda que desarmado; e posto que carregárão muitos mouros sobre Rui de Sousa, ele se defendeo tão valerosamente que, ainda que as muitas pedradas o atordoárão, nunca perdeo a lança da mão e a adarga do braço, até ser socorrido de Dom Manoel Mazcarenhas e de Dom Antonio, seu irmão, e de Antonio da Silveira, que depois foi capitão d'Arzila, e doutros moradores, os quais recolhêrão a Rui de Sousa e a João Coutinho, e se ajuntárão com o conde, e se recolheo com alguns feridos; e chegado á vila teve o conde muito cuidado da saude de João Coutinho, e posto que em Arzila avia o bacharel Francisco Gotérrez, muito bom letrado e muito bom fisico e cerujião, todavia mandou a Tanjere por mestre Diogo, por ser o milhor cerujião que naquele tempo avia; e vindo mestre Diogo estivérão ambos muito dovidosos da sua saude, e em condição de o abrirem. Aconteceo nestes dias acanavearem dous mouros cativos, por matarem a seu senhor e a sua senhora, os quais abrírão e fizérão [neles anotomia] [5]; [e asi fizérão em João Coutinho] [6], e achárão ser a tripa grosa furada [7],

1. parte] partes L. — 2. escuso... trabalhoso L; escusos... trabalhosos B N M. — 3. lh'o] lhos A. — 4. érão] tinha B N L M. — 5. [neles] *f.* A. — 6. e asi fizérão em João Coutinho] *f. em todos os mss.* — 7. tripa grosa furada] tripa furada grosa A B.

e o leixárão á natureza, e obrou tanto que veio a soldar e foi são, que foi grande dano pera a vila, porque não tardou muito que se não perdeo com vinte tres de cavalo, como logo direi, e contudo primeiro contarei o porque fizérão justiça destes dous mouros, em que fizérão anotomia.

CAPITULO XLI

Como fôrão justiçados dous mouros em que se fez anotomia

É tão diferente a bondade e lealdade dos bons á maldade e treição dos maos que nunca se vem a conformar, nem concertar, como parece no que aconteceo a Isabel Arráiz, mãe de Simão Vaz Arráiz, que oje é veador de Dom Alvaro Coutinho, com dous mouros seus, um muito bom e honrado, e outro muito roim e tredor. Já fica atrás dito como Gonçalo Vaz, almocadem d'Arzila, tomou oito mouros granadins, que por desastre matárão a Antonio Cordovil. Um destes mouros, granadim, comprou Lopo Vaz, criado do conde de Borba, e almotacel d'Arzila; depois do desbarate do porto das Pedras comprou outro mouro honrado, que era adail d'Alcacere Quebir, os quais dormíão em casa em um tronco, e érão bem tratados de sua senhora Isabel Arráiz. Este adail se regastou como é costume, e antes que se fose dise a sua senhora: «Eu comi teu pão em tua casa, fui bem tratado, não queira Deos que te venha mal por mim. Sabe que Caceme me cometeo muitas vezes que te matasemos e a meu senhor e a todos os de casa, que por estar junto do muro nos podiamos salvar; eu lh'o tenho estorvado muitas vezes, e agora que fica só, ou tiver companheiro, logo ha de pôr por obra o que lhe tenho estorvado; por iso o tira de casa, ou não durma em casa, e o manda á mazmorra»; e Isabel Arráiz lh'o agradeceo, dizendo que ela não tinha merecido ordenar Caceme contra ela algũa maldade; e não deixou o adail de o dizer ao conde, o qual fez com ela que o mandase á mazmorra; e pasados alguns dias Lopo Vaz comprou outro mouro da serra, e, como Caceme teve companheiro, logo pôs por obra de matarem a todos os de casa, e, em anoutecendo, com duas machadinhas, matárão ao dito Lopo Vaz e a sua molher, e matárão a ũa negra e a um moço, que se chamava Francisco. Simão Vaz fojio ao sobrado e Brianda Vaz se encerrou em ũa camara gritando, e logo acodio jente e fôrão tomados os mouros, que já íão pera se lançar polo muro fora, e logo se fez justiça deles [1]; e Lopo Vaz esteve trinta dias sem falar, atordoado das feridas da cabeça, e veio a ser são.

1. deles] neles B N L M.

CAPITULO XLII

Como socedeo a morte de Vasco da Silva, elche

Atrás fica dito como no ano de oito o conde de Borba mandou quatro mouriscos e um cristão tomar ũa lingoa, e como os dous mouriscos matárão os outros dous e levárão cativo o cristão que avia nome Lionardo Alemão; um destes dous mouriscos, que sendo cristão se chamava Vasco da Silva, é o que agora pretendo contar sua morte, a qual foi desta maneira. Vindo Vasco da Silva com sete de cavalo a tomar ũa atalaia, se lançou na Atalaia Ruiva, lugar acostumado a se descobrir todos os dias, por ser candea do noso campo; e leixando dous de cavalo na mesma Atalaia, com os cinco correo após as duas atalaias, e viérão matar ũa delas, que avia nome Lourenço Durão, na carreira do Almirante, junto com o Facho, a tempo que chegava o conde de repique; e vendo o desavergonhamento de cinco de cavalo, soltou oito ou dez de cavalo, que no Facho se ajuntárão, mandando-lhe que logo apegasem com aqueles mouros e fizesem por tomar lingoa até [a] [1] Atalaia Ruiva, e dahi não pasasem, as quais pegárão com os mouros, que lhe foi forçado fazerem ũa volta, na qual derrubárão um mouro velho e honrado, que se chamava o xeque Benaravia; e sabido que não érão mais, se soltárão após os outros, e vendo o conde que os seus tínhão tomado lingoa e íão por diante, soltou mais jente, e até Alfomar matárão os outros, em que entrou Vasco da Silva, o qual os rapazes trouxérão á vila e foi feito pedaços e depois queimado, e ainda se não avíão por vingados dele. Avia este Vasco da Silva trazido, no tempo que foi cristão, cento e tantas almas em cavalgadas e presas que avia feito, e foi perdoado por um cristão que levou. Dos sete não escapou mais que um só; o xeque Benaravia veio ferido e saio por Pero López, escrivão do almoxarifado, que foi cativo na caravela donde morreo Francisco do Soveral.

1. [a] *f.* A L.

CAPITULO XLIII

Como se causou a morte de Cristóvão da Fonseca criado e veador do conde Dom João

Por Cristóvão da Fonseca, criado e veador do conde Dom João, se perder nesta cavalgada, em que João Coutinho foi ferido, contarei como, primeiro que torne a falar nele. Indo a nosa jente a fio, como é costume, antes que chegasem á aldea quebrou o fio, cousa que muitas vezes acontece, por um homem ir descuidado e não levar tento no que vai diante dele, ou por ir dormindo. Qebrado o fio, Cristóvão da Fonseca, confiado, dise que estivesem quedos, que ele faria deter a dianteira; e como se apartou foi logo enleado, de maneira que não chegou á dianteira, nem soube tornar á traseira; e como logo amanheceo viérão ter com ele mouros, que já acodíão ao rebate, e o tomárão cativo e o levárão ao alcaide d'Alcacere, o qual o teve em muita estima e pedia por ele quinhentos ou seiscentos cruzados. Estando cativo um mouro, se ofereceo ao conde de o furtar e o trazer a Arzila, o qual mouro, quando vio tempo, o escondeo em parte e lugar que lhe pareceo mais secreto. Tanto que as guardas o achárão menos e dérão [1] rebate ao alcaide, saio logo até a Ponte, tres legoas d'Alcacere, e não achando por todo o rio da Ponte rasto de ser pasado, pôs muitas guardas por toda aquela ribeira da Graciosa até Algarrafa, de maneira que não pudese pasar sem ser tomado; e tãobem mandou tomar os caminhos ao noso campo, e, por se mais certeficar, mandou um de cavalo a Arzila com achaque de falar em um cativo, e que soubese se era pasado e chegado [o mouro] [2] a Arzila; e visto polo conde o pouco fundamento a[o] [3] que o mouro vinha, sospeitou o que era, e logo aquela noite mandou um de cavalo a Tanjere, e dizendo-lhe o que avia de fazer tornou ao outro dia e pedio alvixaras, que Cristóvão da Fonseca estava em Tanjere, que o levara um mouro por dentro da serra, por fojir das guardas que no noso campo andávão; e devulgada esta nova, polo mais afirmar, mandou armar ás guardas. Despedido o mouro, e chegado diante do alcaide, tivérão a nova de Cristóvão da Fonseca por certa. O mouro, que o tinha escondido, vendo recolhidas as guardas e tudo sosegado, ũa noite, tirados os ferros [ao Cristóvão da Fonseca] [4], e cada um com sua lança se fôrão lançar polo muro d'Alcacere, e logo deitou a Cristóvão da Fonseca, o qual veio dar junto com tres mou-

1. dérão] derrão A. — 2. [o mouro] *f.* A. — 3. [o] *f.* A. — 4. ao Cristóvão da Fonseca] *f.* A.

ros, que acertárão estar ali; e vendo-o saltar do muro abaixo, preguntando-lhe quem era e donde ia, e como ele foi mais prestes em se defender que em responder, por não saber a lingoa, meteo a lança em um dos mouros, e os outros metêrão as lanças nele, e ali, ao pé do muro, matando um mouro, ficou morto; vendo o mouro que vinha com ele o reboliço, se tornou sem ser descuberto. Pesou muito ao conde, porque, alem de ser muito bom cavaleiro, era muito bom homem. Este foi o primeiro que no desbarate do porto das Pedras se deceo e ajudou a pôr o conde a cavalo, e estando na barranca mais [1] de cento de cavalo lhes fizérão alargar a barranca e se pusérão em fojida, como atrás fica dito; e por ser esta ũa aventura mais verdadeira [2] que as dos tempos pasados [3] a escrevi.

CAPITULO XLIV

Como João Coutinho almocadem se perdeo com vinte quatro de cavalo e foi morto

TORNANDO a João Coutinho, que leixamos ferido e com ũa tripa furada, a qual lhe soldou e foi são; e tanto que foi são o conde o casou com Maria Díaz, molher de Gonçalo Vaz, de que já falei, e tanto que se achou pera poder andar a cavalo pedio licença pera ir fora; o conde lh'a deu, e tãobem a Pero de Meneses, que já de antes lh'a tinha pedido, e ambos fôrão fora em um dia, Pero de Meneses com trinta de cavalo, e João Coutinho com vinte quatro de cavalo, o qual entrou pola boca de Capanes pera correr a Mençara ou Alenacar [4], aldeas de nosa fronteira; e em amanhecendo foi ter com eles um moço, que se ia tornar mouro, o qual foi causa de se não sairem em tempo que se pudérão salvar ao menos alguns. O conde aquela noite mandou atalhar o campo, e que lhe segurasem da estrada d'Alcacere até o Soveral de Larache, os quais em amanhecendo tomárão tres mouros que vínhão a crestar, e, preguntados disérão como em aquele dia se ajuntávão os alcaides no Castelejo, ao pé do Farrobo. O conde mandou logo fazer sinal aos seus, com tirar muita artelharia, a qual João Coutinho ouvio estando na cilada; e querendo logo deitar-se da boca fora, lh'o estorvárão os companheiros, dizendo que as bombardas érão ao cristão que tínhão tomado, que se achava menos; e pois o tínhão que estivesem até ver mais algum sinal, e com isto fizérão a João Coutinho esperar até que vírão a jente que os íão buscar, e não tivérão mais vagar que darem consigo na serra de Bena-

1. mais] mas A. — 2. verdadeira] verdadera A certa; B N L M. — 3. tempos pasados] livros d'estoreas B N L M. — 4. Alenaçar] Almenaçar A.

mares, donde se embrenhárão, de maneira que se não salvou mais que Afonso Barriga, pedreiro, que depois foi bom homem de campo e tomou muitos mouros, polo saber e servir de almocadem; este Afonso Barriga escapou a pé. Aqui foi morto João Coutinho com alguns e os demais cativos; dizem que todos os que a jente de Mulei Abrahem, filho de Barraxe, desembrenhou fôrão todos vivos, e não morreo nenhum, o que não fizérão os d'Alcacere. Aqui[1] foi cativo Antonio Rodríguez, que depois foi alcaide do soco, criado do conde, e Simão Queimado, da criação do capitão dos jinetes, sogro do conde, e João López do Pombal e outros muitos. Dizia Antonio Rodríguez que se se saírão, quando ouvírão as bombardas, pola boca de Benamares, que, ainda que topárão com a jente que os ia a buscar, que pera Tanjere se salvárão muitos. Foi esta muita perda pera a vila, porque se perdêrão todos homens casados e filhos de moradores; morreo João Coutinho, em quem se tinha esperança que seria homem de bem.

Tornando a Pero de Meneses, que estava em Benamacoma, outo legoas d'Arzila, e pasou a jente d'Alcacere por cima de sua trilha sem a verem, por ser de noite, escuro, e ser verão; e tãobem porque Pero de Meneses em muitas partes fazia espalhar os seus, por não fazerem rastro. Tanto que ouvio as bombardas logo saio fora, ao campo, e topou com a trilha dos mouros, e travesando o campo se lançou no Soveral; e tendo muito boa vejia sobre si esteve até noite, e logo se tornou ao campo; e botando-se fora de todos os caminhos veio tomar Almenara e o Zambujeiro, e veio sair antre as varzias; e em amanhecendo tornou á vila sem topar mouro, nem perder homem, nem cavalo. Com sua vinda foi o conde e toda a vila muito contente, por se ter por mais perdido e ser mais dentro, e não pasar a jente d'Alcacere sem poder pasar por cima da sua trilha. Era tanta a autoridade de Pero de Meneses, e era tão temido dos mouros, que sabendo os alcaides que a outra quadrilha ia mais dentro, e[2] não podia ser outrem que[3] Pero de Meneses, dizem que Mulei Abrahem dise ao alcaide d'Alcacere, seu cunhado, que fose ele em busca de Pero de Meneses, pois era entrado em sua terra, e ele iria demandar a João Coutinho, pois estava dentro das bocas, donde se não podia salvar. O alcaide d'Alcacere respondeo que não perdesem o que tínhão antre as mãos, que pera Pero de Meneses érão pouco ambos pera ele, e que já outras vezes com dezasete de cavalo se salvara e lhe matara em suas barbas jente, quanto mais que a trilha parecia de mais de trinta [de cavalo][4]; e com estas palavras tomárão o caminho de Benamares e fôrão dar com João Coutinho.

1. aqui] aque A. — 2. e] e que B N L M. — 3. que] senão B N L M. — 4. [de cavalo] *f.* A.

CAPITULO XLV

Da vinda de João de Sousa de Tanjere a Arzila pola qual Dom Duarte se ouvera de perder

Pasada a morte de João Coutinho, foi ter a Tanjere João de Sousa, irmão de Rui de Sousa, que em Arzila estava servindo sua comenda, como já fica dito. Sabido polo conde, mandou dizer a Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, que como tivese boa nova mandar-lh'ia recado, e iria por ele a Tagadarte; e esteve esperando até chegar ũa cafila grande de Féz, em que viérão muitos mercadores cristãos, e veio micer Ambrosio, pesoa muito honrada, casado em Arzila com Juliana de Oliva, e Lourenço d'Oliva, seu cunhado, que servia d'alfaqueque, e veio Jorje Grimaldo, tãobem jenoês honrado, e todos dérão nova que el-rei ficava em Féz, e os alcaides cada um em sua casa. Com esta tão boa nova mandou o conde recado a Dom Duarte que mandase João de Sousa a Tagadarte, donde o ele ia esperar. Como Dom Duarte teve recado do conde, mandou aquela noite atalhar seu campo da parte d'Alcacere até o Porto Largo, e ele, como foi menhã, se veio com toda a jente, e mandou a Francisco de Meneses que, com trinta de cavalo, pusese a João de Sousa em Tagadarte, indo Dom Duarte com toda a jente, guarda e carros até Bojima, legoa e meia de Tanjere, e d[ah]i [1] mandou poer João de Sousa em Tagadarte; e Dom Duarte, por se achar mal sentido, depois de ter recado de campo seguro, iria contra Almadrava a pescar.

Partido Francisco de Meneses e chegado a Tagadarte, donde o conde estava com um barco, chegou rebate de muita jente que corria Tanjere. Entre alguns que viérão ter a Tagadarte foi João Português e seu companheiro [2] Guevara, que, não podendo tomar Tanjere, se lançárão caminho de Tagadarte, por dar rebate a Francisco de Meneses. Vendo o conde o rebate ser certo, que tanto afirmárão verem muita jente e bandeiras irem caminho da cidade, fez pasar a Francisco de Meneses da parte d'Arzila, e, mandando que tomasem de novo o outeiro das Vinhas e o Pedregal e os Barreiros e a Aldea Velha, se recolheo com muito desgosto pola roim nova que tinha de ser feito em Tanjere muito dano, e a pesoa de Dom Duarte não deixar de correr muito risco, por ser metido na Almadrava, donde não podia tomar o rebate senão muito tarde; e Francisco de Meneses e os de Tanjere e todos os d'Arzila pasárão aquela noite com muito cuidado até o outro dia pola menhã, que chegou um barco de Tan-

1. [ah] *f.* A. — 2. companheiro] compalheiro A.

jere que Dom Duarte mandou a saber se Francisco de Meneses era salvo, porque o tinha por perdido e a todos os que se salvárão por Arzila.

Chegado o barco, estando todos os d'Arzila na praia esperando por boas novas, sabendo que Dom Duarte era salvo, foi a alegria muito grande, porque se perdêrão perto de vinte de cavalo e mais de corenta homens da guarda, em que morrêrão vinte negros e levárão cem juntas de bois dos carros, e tudo por culpa de duas atalaias que estávão no facho de Magoga, que deixárão o facho só e se fôrão a montear, as quais atalaias érão João Conde, que polo despejo d'Arzila lhe lançárão o abito e lhe dérão ũa mercearia na Sé desta cidade de Lisboa; e outro era Antão Vaz, sogro de Artur Rodríguez, de que ao diante se fará dele menção; estas duas atalaias fizérão este desmancho, como logo direi.

Chegado o barco a Arzila, o conde mandou, como foi noite, fazer na torre da menajem um grande fogo, pera que fose visto de junto de Tanjere, como sinal que o barco era chegado, e Francisco de Meneses salvo; e logo aquela noite se tornou o barco com recado de como Francisco de Meneses com os seus e outros dez de cavalo estávão todos em Arzila, com a qual nova Dom Duarte ficou desabafado, porque, alem dele pasar o risco que pasou, tinha por perdidos corenta de cavalo que fôrão a Arzila, e outros dez que fôrão a Alcacer Ceguer, e outros que, não podendo tomar a cidade, ficárão aquela noite fora.

Da maneira que Dom Duarte se salvou contarei da maneira que o ouvi contar a João Português e a Artur Rodríguez, que neste dia se salvou, e cativárão a seu companheiro, o Adibe Velho, que depois foi seu sogro; e tãobem ao escrever disto me fôrão alumiando Jorje Fernândez Peçanha, que agora nesta cidade vive, que diz que escapou neste dia pola muita valentia de Diogo Jil, sogro de João d'Oribia, que nunca o leixou, ainda que achárão já mouros de diante; e tãobem me alumiou Antonio Correa, a quem o preguntei meudamente, e ainda que naquele tempo era moço, todavia, soube por donde a jente entrou e o dano que fez.

Tornando a Dom Duarte que ficou em Bujima, legoa e meia de Tanjere, como ficava mal desposto e dado sinal de campo seguro, se quís tornar pera a cidade, ficando monteando toda a mais jente e a guarda e carros, todos e cada um fazendo seu proveito; e indo caminho da cidade o tomou o rebate, e, como o facho da Magoga estivese sempre em pé, todos os outros estávão erguidos até a jente ser dentro dos Fachos. A muita jente que andava monteando tomou o rebate, e vendo as bandeiras ir caminho da cidade, e vindo fojindo, chegárão ao capitão, que vendo os fachos, que em pé estávão, embaraçado e sabendo que a jente era muita e saia da Çafa Grande, tres legoas da cidade, e que todas as bandeiras íão pera a cidade, recolhendo a mais jente que pode, se acostou á serra do Cabo e foi sair aos Pomares, sendo já muita jente nos Fachos e diante dele, a qual, por vir muito cansada com corrida de tres legoas, lhe dérão

lugar a chegar ás vinhas, que em aquele tempo érão muitas derredor de Tanjere, e ali se salvárão muitos que vínhão cair com os mouros.

Côntão muitas cavalarias que neste dia muitos homens de Tanjere fizérão, antre os quais diz Jorje Fernândez Peçanha que, quando chegárão aos Pomares, que achárão mais de vinte mouros de diante, e lhes tomárão quatro bois e ũa vaca que trazia [1] este Diogo Jil; e como chegou á jente de Tanjere topou um seu jenro, filho de Martim Vaz, cavaleiro, e pedio a um homem que saia ao ripique ũa adarga, e ele e o jenro tornãrão donde lhe tomárão os bois e dérão em mais de vinte de cavalo, e lhes tomárão os bois e os trouxérão á cidade.

Salvo Dom Duarte, contarei a culpa que as atalaias de Magoga tivérão, e logo contarei a muita delijencia e muita presteza que el-rei de Féz pôs nesta corrida, e quanto fez por enganar a micer Ambrosio e aos que viérão na cafila, como os enganou, como já tenho dito. Este dia érão [as atalaias] [2] de Magoga Antão Vaz e João Conde. O João Conde levava um criado seu a cavalo, e vendo como já os atalhadores tínhão seguro até a Çafa [3] e até o Porto Largo, dise João Conde: «Companheiro, vamos ambos matar um porco e ficará no Facho meu criado». Antão Vaz lhe respondeo: «Vós podeis ir com voso criado, que eu ficarei na atalaia, que não é bem que a leixemos»; e contudo ambos fôrão e deixárão o moço no Facho, o qual, como se vio só, deixou ũa aljaravia que trazia sobre um feixe de cardos, e se foi a caçar com um forão que levava, e quando quís tornar ao Facho vio a jente que já corria e as bandeiras junto de si, o qual se lançou por donde João Conde e seu companheiro [fôrão] [4], e foi dar com eles; e sabendo o que pasava, e como não avia remedio de tornar ao Facho, logo João Conde se lançou caminho d'Alcacere Ceguer com seu criado, o qual se meteo em ũa serra até esperar a noite; e estando asi vio ir, caminho de Anjera, um mouro a cavalo que levava ũa mula que avia tomado a algum moço ou negro de Tanjere, e por ser ele de Anjera a levava pera sua casa, por lh'a não tomarem el-rei ou os alcaides. Vendo-o João Conde lhe saio, e chegando ao mouro o matou e se foi pera Alcacere, levando o cavalo do mouro e a mula o seu companheiro. Antão Vaz, por não lhe poerem ũa culpa sobre outra, não quís leixar de cometer a cidade, a qual não pode tomar até noite, por ser já toda a jente de diante; e como foi na cidade Dom Duarte o mandou logo prender, jurando que se João Conde fose vivo de os fazer ou mandar enforcar. Depois, o capitão d'Alcacere, que me parece era Rui Díaz de Sousa o Cide, alcançou perdão ao João Conde, e me dizem que um Pero Vaz da Cunha ouve perdão ao Antão Vaz, o qual dizem que era homem de muito recado, e que não se fez este desmancho por sua culpa; o qual, como foi solto, logo foi morto por Arroaz, que neste tempo florecia e fazia a guerra,

1. trazia] trazião A. — 2. [as atalaias] *f.* A. — 3. Çafa] casa A. — 4. [forão] *f.* A.

como adiante direi dele. Tudo isto ouvi contar a João Português e a meu compadre Artur Ortiz e a Jorje Fernândez Peçanha, que ao escrever disto me alumeou, como já tenho dito.

Tornando a el-rei de Féz, porque não fique nada por dizer, contarei o caminho que trouxe até entrar no noso campo de Tanjere, e a muita delijencia e presteza que neste caminho pôs. Era Mulei Mafamede, rei de Féz, tanto imigo de cristãos, e tão desejoso de fazer a guerra e dar trabalho aos lugares d'Africa que sempre imaginava como lhes daria opresão e trabalho, não leixando de poer sua pesoa em risco e trabalho, como pareceo na delijencia com que fez esta corrida; que estando em Féz sosegado, ao tempo que micer Ambrosio partio e os outros, que com ele viérão, logo que soube que érão partidos pera Arzila saio logo de Féz e e se pôs a caminho, mandando que todos viesem após ele, e donde micer Ambrosio partia pola menhã vinha el-rei dormir, e o dia que a cafila chegou a Arzila veio dormir a Algarrafa, tendo já mandado recado ao alcaide se viese ajuntar com ele, e asi a Mulei Abrahem; e d'Algarrafa chegou a Benarróz e se meteo pola boca de Benarróz e foi por detrás do Farrobo e por Benamaçoar, e foi aquele dia sair ao campo de Tanjere, donde já estava Mulei Abrahem com a jente de Xexuão e Tetuão esperando-o, e chegou á Çafa Grande depois que os atalhadores avião pasado, e vendo o campo desmandado e cheio de monteiros, ainda que vínhão muito cansados, e que não vínhão pera correr aquele dia, não quisérão perder aquela aventura, pois lhe vínhão á mão, e da Çafa, donde vínhão descansar, que são tres legoas da cidade, corrêrão e fizérão o dano que fica dito. Dizem os de Tanjere que Mulei Abrahem, quando vio o facho em pé e que não caia, ia dizendo: «Derruba o facho, vilão roim»: o facho ficou em pé, que não ouve quem o derrubase. El-rei se botou fora do noso campo, parecendo-lhe que podia ser sentido dalguns monteiros, e por iso se meteo por dentro das serras, e dahi a dous [dias] [1] nos correo por ambos campos; e como o conde trazia seu campo recolhido, ainda que armou da parte do Rio Doce e lhe matárão um mouro de cavalo, o qual lhe matou Pero Godinho em ũa volta que fez, junto com o Cano Quebrado, não fizérão nenhum dano, posto que tãobem armou em Tendefe. Recolhido el-rei de Féz, o conde teve toda a cafila até que Francisco de Meneses se tornou polo porto d'Alfeixe, e de caminho tomou não sei quantas guardas na serra do porto d'Alfeixe.

1. [dias] *f.* A.

CAPITULO XLVI

Como o conde e Dom Duarte corrêrão Alcacere Quebir

NÃO tardou muito depois d'el-rei de Féz recolhido que Pero de Meneses não foi entrar por mandado do conde, e falsando as guardas da ribeira da Ponte, e entrando até o Rur [1], ũa legoa d'Alcacere Quebir, tomou tres mouros de cavalo, com a nova dos quais o conde mandou chamar Dom Duarte, e vindo com sua jente fôrão entrar ao campo d'Alcacere, e pasando a ribeira da Ponte, polo pé d'Algarrafa, corrêrão o campo de Alexarif, á mão ezquerda d'Alcacere, e tomárão trinta e sete mouros e matárão alguns, e tomárão mil e setecentas cabeças de gado vacum e mais de cinco mil de meudo, o qual logo alargárão; e recolhendo sua cavalgada, caminho do porto d'Algarrafa, que são grandes tres legoas de Alcacere, chegou logo o alcaide e asi outra muita jente de toda a serra de Alexarif, e viérão após os capitães até o Zambujal d'Algarrafa, ũa legoa desta parte do porto, e dahi se tornárão a tempo que os capitães esperávão que chegasem mais pera voltarem com eles; e sem nenhum contraste chegárão á vila com toda sua cavalgada, e aquele dia descansárão, e partírão os mouros e o gado, tudo polo meio, ainda que a jente de Tanjere era menos que a d'Arzila; e ao outro dia pola menhã tomárão o caminho do porto d'Alfeixe, e antes que chegasem ao outeiro das Vinhas, duas legoas d'Arzila, tivérão rebate de jente que os esperava na serra do porto d'Alfeixe, e Dom Duarte se tornou com toda a cavalgada pera Arzila, donde esteve tres ou quatro dias. Ao outro dia veio um barco de Tanjere a saber da tardada de Dom Duarte, e com o barco mandou que lhe atalhasem todo o campo de Tanjere, e asi o conde tãobem mandou segurar todo o campo d'Arzila até a Ponte; e como tivérão nova de tudo seguro, se foi com sua cavalgada em paz, sómente a noite que Dom Duarte ficou em Arzila metêrão a sua parte do gado, que érão oitocentas e cincoenta cabeças, antre as portas da vila, e como estávão apertadas morrêrão, ou se derreárão, corenta ou cincoenta reses; e posto que o conde mandava não se matase res até se gastarem aquelas, não foi Dom Duarte contente, se não que lhe desem outras tantas reses vivas, e como os de Tanjere sempre pedião e levávão o milhor d'Arzila, o conde, ainda que era sem razão, confiando na jente d'Arzila serem todos seus, lhe mandou dar outras tantas reses vivas; e asi se foi Dom Duarte contente com sua cavalgada, e o conde mandou repartir a carne morta por arrobas.

1. o Rur] Huhur L; Hurhur B N M.

Pasadas todas estas cousas contadas atrás, não leixava d'aver muitas corridas d'almogavares d'Alcacere e da serra do Farrobo, em a qual avia trinta de cavalo, com outros que se juntávão de Benamares, e antre eles avia muitos e bons cavaleiros e muito bons almocadens, os quais érão Alé Benaix, que neste tempo estava cativo em Tanjere, do qual se fará adiante muita menção, e avia Mafamede Iúnez e Timão Hurrax, entre os quais neste tempo florecia Arroaz, e sobrepujava a todos em ser muito cavaleiro e muito manhoso e muito ousado, e fazer a guerra com tanta manha e ardis que não avia semana que de Tanjere ou Arzila não levase homens de cavalo ou de pé, armando ás atalaias e monteiros, até se lançar, sendo noite, ás portas de Tanjere e d'Arzila, e esperar os que se recolhíão tarde e os tomar, e tomar homens de mestura com os que sobre noite se vínhão recolhendo, com as quais cousas fazia muita guerra e dava muito trabalho e muita opresão; e com isto deixarei este ano e, Deos querendo, entrarei no ano de mil e quinhentos e dezoito, por aver que fazer com dous almocadens novos que neste ano se tornárão cristãos, que fôrão muito bons homens.

CAPITULO XLVII

De cousas que acontecêrão no ano de mil e quinhentos e dezoito e de como Artur Rodríguez se tornou cristão sendo cativo

Na entrada deste ano de mil e quinhentos e dezoito anos se tornou cristão um mouro de Artur Rodríguez, alférez da bandeira, o qual se chamou como seu senhor Artur Rodríguez; e primeiro que venha a falar nele me pareceo bem contar como foi cativo, por mostrar e contar ũa grande valentia que tres homens de pé, por milhor dizer, tres rapazes fizérão, como contarei. Na era de mil e quinhentos e doze, sendo o conde de Borba capitão d'Arzila, fojírão d'Arzila tres homens de pé, mancebos, que vivíão por soldada, pera Tanjere, um deles criado de Gonçalo Vaz, alfaqueque, que se chamava Mateus Fernândez, e por ter o pescoço a ũa parte era chamado Pescoço, o qual Mateus Fernândez levava ũa bésta armada e os outros cada um sua lança, e entrando pola serra do porto d'Alfeixe, que é ũa legoa de travesa antre Tanjere e Arzila, fôrão salteados de sete mouros de pé, e pondo os dous as lanças aos peitos o Mateus Fernândez pôs a bésta no rosto e meteo a seta polos peitos a um, e seus companheiros com as lanças ante si cada um tomou seu mouro nela, e os outros [mouros] [1], vendo um morto e os dous feridos, se detivérão e dérão lugar que Mateus Fernândez Pescoço tornase a

1. [mouros] *f.* A.

armar a bésta; e posto que os mouros lhes dávão présa, e lhes requeríão que se entregasem, senão que os mataríão, não quisérão, e tornando-se se saírão da serra sem os mouros ousarem mais cometê-los e se tornárão pera a vila contentes e com vitoria. E sabido polo conde o que lhes acontecera, mandou logo a Gonçalo Vaz que os fose esperar ao pé do Farrobo, donde lhes fôrão cair nas mãos; e tomou Gonçalo Vaz seis mouros, em que vinha um ferido, e contárão como ficava outro morto. Nestes seis veio este Artur Rodríguez, de que agora entendo falar, e porque vim a falar em Mateus Fernândez Pescoço quero contar o que mais dele sei.

Depois muito tempo que isto lhe aconteceo veio a ter cavalo, e servindo de atalaia se fez homem do campo e se casou e estava avido em boa conta, e foi cativo em sua atalaia no ano de vinte nove anos, e foi levado a Féz e servio ao alcaide Alé Xacorão, que a este reino veio com el-rei de Bélez, e um filho seu se tornou cristão e el-rei noso senhor lhe pôs nome Dom João, e com boa moradia o mandou aprender a Coimbra, e agora é na India. Este Pescoço Fernândez foi resgatado, e depois de pago seu resgate e estar nesta cidade em casa de Pero Barriga, alcaide da moeda, que era filho de seu amo Gonçalo Vaz, e sem lhe faltar nada se tornou pera Féz a servir a seu amo Alé Xacorão, e se fez ortelão em ũa orta sua. Eu o vi em Féz no ano de mil e quinhentos e corenta e dous, estando Lourenço Pírez de Tavora, que agora está por embaixador em Roma, tãobem por embaixador em Féz; o reprendi de quão mal feito era estar antre mouros e quanto lh'o estranhávão, e que nenhum bom cristão estava em terra de mouros podendo se vir; e me respondeo que estava lá por amor de ũa cativa de seu amo que lhe prometeo de lh'a dar pola primeira esmola; e porque lhe dizíão que em Cepta estávão esmolas de Castelã, que esperava por elas, e que era bom cristão; mas ele nunca se veio, nem sei se é vivo, e esta má conta deu de si por derradeiro. Algũas pesoas dirão que antre tão ilustres e eicelentes capitães fora escusado escrever cousa tão civil e baixa; mas como de um tronco de um arvore saem ramos, e são uns bons e outros roins, e tãobem, como muitos fólgão de ouvir mentiras estoreadas, me pareceo não lhes desprazeria estas verdadeiras, pois ha oje muitas pesoas vivas que as sabem tãobem como eu.

Tornando a Artur Rodríguez, mourisco, ele se tornou cristão, ou por o ter na vontade, ou por ver quanto honrados os outros mouriscos érão; e posto a cavalo e em ordem começou a fazer a guerra com algũas entradas, asi levando o conde fora, como com almogavares, em que tomou alguns mouros e gado, dando mostra de bom homem. Entre algũas entradas que fez foi ũa ao Farrobo, em que tomou dous atalhadores de cavalo, um deles moço, que não chegava a vinte anos, o qual, tanto que foi diante do conde, dise que queria ser cristão, e que fose logo o conde

com ele e lhe entregaria a Martinho, alcaide do Farrobo, ou destroiria o Farrobo.

Era este Martinho um elche irmão de Lelazara, molher de Alé Barraxe, e mãe de Mulei Abrahem, e érão naturais de Bejer, lugar grande e abastado do duque de Medina Cidonia, na fronteira de Andaluzia, oito legoas de Cádiz e dez legoas de Tanjere. Muitos parentes de Mulei Abrahem, sabendo sua nobreza e liberalidade, se fôrão pera ele, e a todos agasalhava e fez grandes mercês, antre os quais foi este seu tio, que, sendo cristão, se chamava Martim Fernândez, e se tornou mouro; e polo honrar o mandou por alcaide do Farrobo com cincoenta de cavalo pera favorecer Arroaz e segurar a boca de Benamares pera dentro, e nós outros sempre lhe chamamos polo primeiro nome, chamando-se ele entre os mouros [Alé] [1].

O conde, vendo este moço de tão pouca edade e sua filosomia, e ser muito alvo e jentil homem, e a eficacia com que pedia o fizesem cristão, mandou dar ás trombetas, e sendo noite saio fora da vila e se foi meter em cilada, donde o moço o levou falsando atalhadores e guardas; e como fôrão oras e tempo saio, e achando o campo largo fez ũa muito grande e boa presa, porque tomárão trinta e tantos homens e molheres, em que entrou a mãe de Arroaz, almocadem, e dozentas e cincoenta cabeças de gado vacum e muito meudo, e Martinho escapou pola serra acima até pasarem por sua casa, que é de pedra e cal, um pouco abaixo da aldea; e com esta boa presa se recolheo o conde muito contente da viveza do moço, o qual vínhão os mouros e mouras espantados de o verem; e sabendo que ele era cristão e que os vendera, o vínhão mal dizendo, sendo todos os mais seus parentes e vezinhos e amigos de seu pai e mãe e seus conhecidos. O conde lhe deu do monte mór ũa moura e cincoenta cruzados pera cavalos e armas, e o tornou cristão, e lhe pôs nome Antonio Coutinho e o recolheo pera sua casa, e não tardou muito que o casou com ũa filha de Luís Vaz Gailão [2], tãobem mourisco antigo e bom homen; o qual Antonio Coutinho começou a se fazer honrado, acompanhando com Pero de Meneses e com outros homens honrados, e começou a fazer a guerra com tanta delijencia e viveza que espantava aos que com ele íão fora, e em pouco tempo tomou tanto conhecimento do noso campo que era um dos que mais sabíão dele; e alem de levar o conde a muitas cavalgadas a Benarróz e a Benahamede, donde tomou muitas presas e muito gado, foi muitas vezes fora com vinte e trinta de cavalo, donde fez muitas presas, e tomou muitos atalhadores, como adiante se dirá, por onde o veio a ter em tão boa conta que lhe fez dar seis mil reais de tença, que vagárão por morte de Gonçalo Vaz, e o pôs á sua mesa antre muitos e

1. [Alé] *em branco* A; *f.* L. — 2. Gailão] Galião A.

mui honrados fidalgos que com ele comíão, e de todos era honrado e olhado.

Esta honra e favor que se fazia a Antonio Coutinho criou tantos ceumes em Artur Rodríguez, mourisco, que se veio a danar de todo, não nas obras, pois não chegárão a efeito, mas em seu peito criou tanta peçonha que pudera fazer algum notavel desconcerto, se o conde com sua muita prudencia a não temperara, como a temperou, e veio a fazer dele um muito bom homem e muito bom cristão. Vendo-se Artur Rodríguez, mourisco, cristão, e homem que prestava pera muito, e que avia mostrado de si bom principio, e que avia feito boas presas, e ele aver tomado a Antonio Coutinho, e que sendo moço era perferido a ele e honrado de todos, e sobretudo pô-lo o conde á sua mesa, não pode levá-lo em paciencia; e, certo, cuidou em si de entregar ũa quadrilha d'almogavares, ou outra maior façanha, matando ou ferindo ao conde; e com este pensamento andou tão fora de si que foi entendido do conde; e posto que algũas vezes pedio licença pera ir fora, o conde se escusou, dizendo não ter boa nova, e que quando a tivese ele teria lembrança de o mandar; e asi andando temporizando com ele até que um dia conheceo craramente sua má vontade, em um monte em que o conde estava só, esperando um porco, o vio junto de si tão infiado como homem que trazia mao preposito. O conde o desagastou, dizendo-lhe: «Artur Rodríguez, ajudai-me a matar este porco e faremos ventaje a meus cunhados, que cúidão levar a cabeça», e falando com ele, e preguntando-lhe donde detriminava de ir a primeira vez que fose fora, e asi o desagastou; outra vez estando o conde pescando na ribeira do Freixo, e a jente espalhada pola ribeira, o vio da outra parte em cima da barranca em tom de o remesar, e lhe dise: «Artur Rodríguez, pasai-vos desta parte, porque fazeis sombra á ribeira», e conhecendo o conde qne tudo nacia de desconfiança e enveja, o quís conservar, fazendo-lhe honra e pondo-o á sua mesa; e quando Pero de Meneses era chamado o mandava chamar, e com isto se começou a desagastar e veio a conhecer nele andar emendado e contente.

E um dia que ele não esperava o mandou fora com trinta de cavalo, e lhe mandou fose correr a Benagorfate e não pasase da ordem que ele lhe dava, e alguns homens, em que o conde confiava, lhes encomendou levasem o olho em tudo o que Artur Rodríguez fizese. Nesta entrada mostrou Artur Rodríguez ter desejo de fazer a guerra, e posto que entrárão por lugar que não avia atalhadores e vírão aparelho de fazerem grande presa, e os companheiros lhe requererem estivese mais um pouco na cilada e acabaria de sair o gado e a jente da aldea, dise que não avia de pasar o mandado do conde, que mandava que não estivese na cilada mais que até aquelas oras, e que mais queria debaixo da ordem do conde tomar um mouro que pasando-a tomar dez, e com isto correo e tomou quatro

mouros e ũa moura [1] muito fermosa e cincoenta cabeças de vacas e bois e trezentas de gado meudo, e com esta presa se veio pera a vila e foi muito louvado do conde, e acabou de se omiziar, e o conde ficou satisfeito, e logo o casou com ũa Lianor Rodríguez, mourisca, que a condesa tinha em casa, a qual saio muito honrada molher e muito sesuda, com a qual Artur Rodríguez foi muito contente, por ser ela muito sesuda e vertuosa; e como começou a ter filhos foi tão sojeito á molher e aos filhos que foi um dos milhores casais que naquela vila ouve, e com isto acabou d'asentar com tanta segurança e lealdade que, quando iamos com ele fora, nos parecia levavamos seguridade, por sua boa cristandade e bondade.

CAPITULO XLVIII

Como Arroaz com receo de Antonio Coutinho fazia muita guerra a Tanjere

Tornando ás cousas que neste tempo pasárão em Arzila, posto que Pero de Meneses [era] [2] pesoa muito honrada e de muito siso e prudencia, e que avia muitos anos que tinha o abito, e fazia muita guerra, correndo muitas vezes [a Alcacere, pasando muitas vezes] [3] a ribeira da Ponte por lugares escusos e que não se guardávão, donde tomava [4] muitos mouros de cavalo e guardas; e asi corria outras aldeas, fazendo sempre muito dano, como muito mais largo se pode achar em um livro que meu pai, mestre Antonio, que Deos aja, escreveo das cousas de Pero de Meneses, o qual o conde Dom João recolheo [5] depois da morte do dito meu pai; por outra parte, Antonio Coutinho dava tanta guerra ao Farrobo que Arroaz deixava de andar tão fragueiro, como andava em o noso campo, e se pasava ao campo de Tanjere, e o trazia tão apresado que não ousava homem a se desmandar, nem a ficar na traseira, porque logo era tomado.

E antre outras cousas que em Tanjere Arroaz fez foi que, em anoitecendo, indo-se chegando ás portas, deu com tres ou quatro homens que se íão recolhendo com um golpe de bois apartados, os quais, tanto que conhecêrão que érão mouros, deixárão os bois e, dando rebate, se pusérão em fojida até as portas de Tanjere, donde estávão outros muitos de cavalo; e indo Arroaz após eles topou com ũa molher e ũa negra que vínhão da fonte de Lonje com duas talhas cheias d'agoa, que é um tiro de

1. moura] muira A. — 2. [era] *f.* A. — 3. [a Alcacere, pasando muitas vezes] *f.* A. — 4. tomava] tomavão A. — 5. No arquivo dos srs. Marqueses de Borba não existe este ms., segundo nos informaram.

bésta da cidade, e com esta molher e negra ia um homem de pé e um moço. Chegando os mouros a eles tomárão o homem [1] ás ancas e asi ao moço, e por a molher e [a] [2] negra se embaraçarem matárão a negra, e a molher deitou mão de ũa lança e a teve tão rijo que, ainda que lhe dérão tres lançadas, nunca a soltou; e vendo-se os mouros tão perto das portas, e que acodião ao rebate, a deixárão, ficando-lhe a lança na mão e viveo das lançadas; e ainda que os da porta acodírão e achárão os bois, por ser de noite os perdêrão, e levárão das portas de Tanjere duas pesoas e matárão a negra que èra de .... [3], e deixárão a molher por morta; e destas fez muitas, asi em Tanjere como em Arzila, com tanta ousadia e ardileza que, quando um homem ou moço jurava, era que asi o guardase Deos das mãos de Arroaz.

CAPITULO XLIX

Como Mulei Abrahem armou a Arzila com almogavares e matou ao adail [4] Fernão Galego com vinte de cavalo e cativou a Dom Antonio Mazcarenhas irmão da condesa

NESTE tempo o conde armou muitas vezes a este Arroaz, dando costas ás atalaias, e asi mandando-as esperar de largo, sem nunca o [5] poder acolher polo muito recado que Arroaz trazia em si, e por milhor dizer pola desordem e desmancho que antre nós ha, que nunca nos parece que avemos de achar outra cousa senão a que vamos buscar, e nunca guardamos a ordem e mandado dos capitães, porque se se guardase não ouvérão acontecido tantos desmanchos como nos lugares d'alem ha acontecido; e eu sou testemunha de muitos que, por não guardarem a ordem que nosos capitães lhe dávão, se perdêrão, como logo direi do adail Fernão Galego. O que mais é de notar é que, quando um capitão aparta ou manda trinta ou mais ou menos de cavalo, e os entrega a um almocadem ou capitão, e lhes manda aonde ha d'ir, e a ordem que ha de levar e fazer asi pera correr e estar e tornar, e isto pola muita experiencia e pola nova e avisos que tem, e sabendo o capitão ou almocadem que, não fazendo o que lhes mândão, os ha de reprender e castigar, nunca os vi acertar, nem guardar o mandado que lévão, como em muitas partes direi; e, polo contrairo, se ajûntão vinte ou trinta mouros cada um de sua aldea e se concértão a vir correr ou tomar ũa atalaia, não trazendo licença, nem mandado do alcaide, nem de pesoa a que ájão vergonha, trazem tanto

1. o homem] os homens A. — 2. [a] *f.* A. — 3. ...] *em branco em* A; *f.* B N L M. — 4. adail] adais A. — 5. o] os A.

recado e ordem em si que nunca os vi [1] perder por desmancho que fizesem. Trouxe isto porque, ainda que o conde muitas vezes armou a este Arroaz e a Amelix, que o socedeu, nunca os pode colher, andando sempre ele e sua quadrilha aventurado no campo; e muitas vezes, recolhendo-se os que o íão esperar, trazia ele atalaias sobre eles, e como algum se desmandava logo era tomado e cativo ou morto.

Fazendo-se a guerra desta maneira, foi tão asombrado Martinho, tio de Mulei Abrahem e alcaide do Farrobo, que não ousou estar no cargo e, desemparando as serras do Farrobo e a de Benamares e as outras que a seu cargo tinha, se foi pera Xexuão, donde Mulei Abrahem estava como cabeça de seu estado; e ido Martinho e recebendo as serras muito dano, polo muito dano que de Antonio Coutinho e de Artur Rodríguez recebíão, polo qual foi necesario a Mulei Abrahem ví-los favorecer e a correr Arzila, da qual vinda fez muito dano, como se verá. Posto que Mulei Abrahem em Xexuão e Tetuão e Targa juntase setecentos até oitocentos de cavalo, esta vez não trouxe mais que quinhentos de cavalo, com os quais entrou em noso campo e se veio lançar da parte das Aldeas, caminho de Tanjere, as quais hão nome Hanalhaire, que em aravigo quer dizer fonte dos cavalos, polos muitos que em aquelas aldeas se criávão; e defronte de ũa destas aldeas, que chamamos do Alcorão, em uns corregos, que agora chamamos do Adail, se pôs em cilada, e mandou ao almocadem Arroaz que viesce [2] correr ás atalaias de Alfandequim, a mais escusa atalaia de todas, e segura por ser perto e terra descuberta e chã. O conde neste tempo, por segurar suas atalaias e por armar a Arroaz, mandou ao adail Fernão Galego que com trinta ou corenta de cavalo dése costas ás atalaias d'Alfandequim e d'Alecasapo e do porto das Pedras, que são tres postos que cada dia se descobríão da outra parte do Rio Doce, mandando-lhe e avisando-lhe que, correndo almogavares após as atalaias, as favorecese e fizese por tomar lingoa, e sabendo não serem mais que almogavares os seguisem, e sem lingoa não pasasem do rio de Alfandequim, nem do porto das Pedras, lugares até donde sem sospeita podíão chegar.

Avia tres dias que o adail Fernão Galego dava estas costas, saindo da vila ao longo do valo do Rio Doce, e ao longo do rio se ia meter no vale da fonte de Pero de Meneses, lugar donde as atalaias com rebate avíão de vir demandar de todos os tres postos, por serem em triangulo. Os mouros, que estávão em Alfandequim, tínhão sua atalaia em um pontal donde parece a porta da Ribeira, e vio sair a todos os de cavalo, e logo avisou a seus companheiros como as atalaias trazíão costas, que era o que eles queríão; e quando a atalaia os descobrio, que era um João Mealho, muito piqueno homem de corpo e que sempre trazia muito bons cavalos,

1. vi] sei A. — 2. viesce] viese *nos outros mss.*

os mouros saírão após ele com muito bom concerto, e como chegárão á Alagoa, que é ametade do caminho, pasárão todos. O adail saio, e vendo os mouros juntos, bastava[1] pera conhecerem que tínhão jente, pois não se desmanchávão após a atalaia até a encerrar, como é costume fazerem os almogavares; o adail[2] apertou com os mouros até Alfandequim e dahi até o porto sem derrubarem mouro e, tendo-lhe mandado o conde que daquele porto não pasase, [ele][3], por ir já mesturado com os mouros, pasou, e logo pasando o porto derrubárão um mouro, e podendo-lhe preguntar que jente era e quantos, foi tanto o açodamento do adail e dos que com ele íão que, entregando o mouro a um Roque de Fárão, muito moço, pasárão adiante até irem dar na jente, a qual saio da cilada com as lanças nos olhos aos dianteiros, e logo matárão ao adail Fernão Galego e viérão em alcanço até o porto, no qual alcanço matárão dezaseis homens de cavalo, todos mui bons cavaleiros e muito bons homens; e é certo que do porto até Alfandequim matárão outros tantos se não fora pola muita valentia e sosego de Luis Valente, que oje é vivo e tem o abito de noso senhor Jesu Cristo, o qual esperou sobre o porto até todos os nosos pasarem por ele e dando o caminho aos que vínhão fojindo até ficar antre o derradeiro dos nosos e os mouros, que foi causa pera muitos se salvarem: polo que direi dele se verá ser asi.

Aquele dia se achou Luis Valente nas lombas do Corvo com Pero Pinto, atalaia, o qual era muito ardido homem; e vendo sair os mouros de Alfandequim, ele e seu companheiro arrancárão correndo e, pasando polo porto d'Alemoquique, fôrão sair aos Caminhos, e vendo que os nosos pasávão o porto d'Alfandequim, dise Pero Pinto: «Companheiro, pasemos polo porto das Pedras e iremos atalhando estes mouros». Respondeo Luis Valente: «Se estes mouros tem costas hão de estar da parte da Beleta, e se as não tem ão-se de lançar ao porto d'Alfeixe; e nós temos bons cavalos e avemos de enfiar a todos os que vão diante», e com isto pusérão o rosto no porto; e pasando o porto vírão o mouro que Fernão Galego, adail, deixara andar aos braços com Roque de Fárão, que parece que via já vir os nosos fojindo e cuidou de sojigar ao Roque por ser muito moço; e derredor deles andava um cristão de cavalo, que d'alcunha se chamava Cú de Chumbo, ao qual o adail disera no caminho que dése a nova ao conde, quando saise de repique, o qual se foi trás do adail e se escusou que não o entendera. Este Cú de Chumbo não ousava dar no mouro por não dar em Roque de Fárão; conhecendo Pero Pinto o que era bradou ao Cú de Chumbo: «Mata o mouro vilão muito roim». O mouro, como ouvio falar jente de repique, deixou ao Roque e se virou ao Pero Pinto, dizendo: «Nom matar, senhor»; e contudo Pero Pinto foi pera o levar da lança e o errou, e, por se o mouro afastar dele, veio a

1. bastava] bastara B N L M. — 2. o adail] o adais A. — 3. [ele] *f.* A.

cair na lança de Luis Valente, e metendo a lança nele lhe quebrou dous palmos da aste; tornando Pero Pinto o acabou de matar e, saltando a pé pera lhe tirar um cinto mourisco, vírão os nosos que vínhão fojindo, e o primeiro que chegou foi João Mealho, que sendo dos dianteiros tornou dos primeiros, tão bom cavalo trazia, o qual lhe eu conheci ruço. Chegando a Luis Valente, dizendo: «Muita jente», Pero Pinto dise contra Luis Valente: «Vamos adiante e favoreceremos os nosos»; ele lhe respondeo: «Eu não quero ir donde torne fojindo; aqui espero que Deos me ha d'ajudar a derrubar um mouro», e, dando o caminho aos que vínhão fojindo, esteve quedo até pasarem todos, e por derradeiro viérão seis de cavalo já perdidos de todo, por os cavalos já não poderem ir atrás, nem adiante, os quais um era Duarte da Rosa, fronteiro, Bertolameu Rodríguez, do conde, Francisco López Galeguinho, João Fernândez das Alcacevas, Antonio Vaz, seu cunhado, e detrás destes vinha João Fernândez de Borba, pai de Lopo Barreto, que nesta cidade vive, o qual pasando por Luis Valente lhe deu um mouro ũa lançada no colar das couraças, tirando-lhe ao pescoço, e o debruçou [1] sobre a sela. Vendo Luis Valente isto, encontrou o mouro com a lança quebrada e deu com ele do cavalo abaixo e fez parar mais de quinze que vínhão junto com ele, os quais, vendo que não érão mais que um, tornárão a apertar com ele; com esta pouca detença tivérão estes nosos lugar pera pasar o rio sem opresão. Pasado o rio e chegando Luis Valente aos nosos e vendo que os mouros pasávão com eles, pedio ũa lança, dizendo: «Quem me dá ũa lança, que, pois tenho bom cavalo, eu derrubarei um destes mouros». A estas palavras virou Bertolameu Rodríguez, do conde, como valente homem que era, e dise: «Voltemos com eles»; e ouvindo os mouros falar em volta se detivérão e deixárão de os seguir. Eu muitas vezes ouvi dizer a Bertolameu Rodríguez e a João Fernândez de Borba que nenhum dos seis pasárão[2] o rio se Luis Valente não se achara donde se achou. Com tão grão vitoria, Mulei Abrahem fez muito depresa despojar os mortos e, com muito medo do conde não fose após ele, tomou o caminho do Farrobo, muito contente da vitoria que por nosos pecados Deos lhe avia dado, e ainda não contente sua boa fortuna com o que aquele dia lhe avia dado lh'a acrecentou muito maior, que foi dar-lhe no caminho, indo casi fojindo, a Dom Antonio Mazcarenhas, irmão da condesa e irmão do capitão dos jinetes, com outros quatro de cavalo, como logo direi.

Tornando ao conde, que da vila saio ao rebate, como é costume sairem os capitães primeiro que ninguem, por terem os cavalos selados e não fazerem mais detença que vestirem ũa saia de malha e pôr-se a cavalo, e por muito prestes que o conde saio da vila primeiro saio Dom Antonio, seu cunhado, e, tanto que foi sobre o Rio Doce, não parou até o porto das

1. debruçou] derrubou B — 2. pasárão] pasara B N L M.

Pedras, donde achou a Domingos Gonçálvez Ratinho, caçador do conde, o qual se achou fora, por ir ver fios que tinha armado a perdizes e a lebres; e topando com este caçador e sabendo que o adail não era diante e lhe ficava de través, lhe dise : «Vinde comigo e pasemos por este porto das Pedras e cortemos a Beleta e achar-nos-hemos com eles»; e como fôrão da outra parte e como apertárão rijo, o cavalo de Dom Antonio cansou de todo, e tomou o cavalo a Domingos Gonçálvez, e dando-lhe o seu o leixou, indo já com ele um Fernão Cerveira, de Santarem, se fôrão direito á torre de Beleta, e com esta detença e não verem a que correr os alcançárão outros tres de cavalo, um seu criado que ia em sua isteira, que lhe levava as armas, e um moço do conde, que avia nome Simão, e Simão Arráiz, criado do conde e filho de Isabel Arráiz, que o ano atrás os seus mouros matárão, como fica dito na cuja de João Coutinho, que tãobem era muito moço e oje é veador de Dom Alvaro Coutinho. Indo Dom Antonio com estes quatro de cavalo, vírão a seu través a Mulei Abrahem, que se ia já recolhendo; e como vírão muita jente, cuidou que era o conde que pasara polo porto d'Alfandequim, e se fôrão chegando a ele até conhecerem a bandeira vermelha da casa de Xexuão; e como fôrão vistos de Mulei Abrahem, apartou cincoenta de cavalo e os mandou tomar, e conhecendo a Dom Antonio, fazendo-lhe muita honra, se lhe acrecentou a alegria que levava; e parecendo-lhe que, asi como achara a Dom Antonio, que tãobem o conde podia pasar polo porto das Pedras diante, se deu muita présa a chegar e pasar a ribeira do Farrobo, levando sempre suas atalaias detrás e através de si.

O conde, tanto que saio ao repique e foi nas Alagoas e não achou recado do adail, nem homem que o alumiase, e vendo sobre o porto das Pedras alguns de cavalo, que érão estes que se perdêrão com Dom Antonio, se foi pera lá, e chegando soube das atalaias como o adail ia após os almogavares polo porto d'Alfandequim, e logo mandou descobrir a Aldea Velha e os Barreiros, e tomou caminho d'Alfandequim, levando toda sua jente consigo; e não avia andado muito quando vio em a atalaia d'Alfandequim os seus que avíão escapado, e logo lhe pareceo mao sinal; e tanto que soube o pasado e a perda do adail se foi pera lá com boa ordem e chegou até a torre da Beleta, e não vendo já jente algũa, e as atalaias que levava diante lhe dizerem que já a jente era pasada, se tornou, e, fazendo trazer o adail e todos os mortos, com muito desgosto se recolheo á vila, e muito mór recebeo quando soube de Domingos Gonçálvez Ratinho como Dom Antonio, seu cunhado, pasara polo porto das Pedras e o caminho que levava, polo que não podia leixar de se perder e lhe acontecer o que já está dito; mas, como os casos da guerra são mui diferentes do que os homens cúidão e estão mais na vontade e ordem que Deos quer que na prudencia dos capitães e sua ordem e de quem a reje, o conde se conformou com a vontade de Deos, pois sendo o adail pesoa muito esperi-

mentada na guerra, por aver muitos anos que a usava, e mui percatado, o cegou de tal maneira que, dando-lhe Deos um mouro, não o apertar, como é costume, que lhe disese a verdade, e lhe dar credito em tempo em que tanto se aventurava em o crer com sómente dizer que era Arroaz; e a outra desordem e cegueira, não leixar um homem de muito recado que disese ao conde e aos que saíão a repique como e por donde ia, porque temos por muito certo que, se o conde fora dereito ao porto d'Alfandequim, não leixara Mulei Abrahem de se perder ou correr muito grande risco, porque quando os mouros chegárão ao porto já o conde ouvera de ser nele com a mais de sua jente e não pudera leixar de se mesturar com ele, porque em aquele tempo avia em Arzila perto de trezentos de cavalo; e digo que se se achara o conde no porto se levara o caminho dereito, porque outro tanto aconteceo a Dom Manoel Mazcarenhas, seu cunhado, sendo capitão d'Arzila, com Mulei Mafamede, irmão de Mulei Abrahem; e quando Mulei Mafomede chegou ao porto já Dom Manoel estava nele e favoreceo a muitos que vinhamos perdidos, que não puderamos chegar ao porto, e nele pelejou Dom Manoel com Mulei Mafomede e com Acem, alcaide de Tetuão, e o de Targa, donde eu sai com duas setas metidas pola testa, como, querendo Deos, contarei no ano de corenta e quatro, que isto aconteceo; e Dom Antonio foi levado a Féz a poder d'el-rei e de Mulei Naçar, seu irmão, e foi deles muito bem tratado, até que lá faleceo de peste, no ano de vinte um.

CAPITULO L

De como Artur Rodríguez e Antonio Coutinho fôrão a entrar e o que fizérão ambos juntos

Por esta desordem e acontecimento da morte do adail e cativeiro de Dom Antonio, não deixou o conde de fazer a guerra, com sua pesoa ir fora e com mandar almogavares, e não tardou muito que Artur Rodríguez e Antonio Coutinho, ambos juntos, pedírão licença e o conde lh'a deu, e ambos de companhia fôrão entrar com corenta de cavalo, e dentro das bocas de Capanes tomárão seis homens e tres mouros de cavalo, em que trouxérão ũa moça tão fermosa que toda a vila falava em sua fermosura, a qual moça comprou João Fernândez das Alcaçovas por sesenta cruzados, e de então até agora não poso achar razão porque a não comprou a condesa, ainda que tivese muitas, como tinha, ou algum dos jenoeses e fronteiros que em Arzila avia; e sem duvida afirmo que depois em tempo do conde e de Dom Manoel, seu cunhado, e em tempo do conde, que oje é rejedor, vi vender muitas mouras, que não érão igoais

a esta, por corenta, cincoenta e sesenta mil reais; mas, como de então pera cá fôrão todas as cousas crecendo, tãobem creceo a valia dos escravos, como parece nos negros que eu vi esta semana pasada darem por ũa negra a Jorje Rodríguez, mercador, sesenta e quatro moedas de mil reais, preço não visto. Tornando aos almogavares, tãobem tomárão cento e vinte cabeças de gado vacum e mais de oitocentas de meudo. Com esta presa folgou muito o conde, e muito mais por ver a Artur Rodríguez asentado de todo e muito amigo de sua molher e casa e amigo de Antonio Coutinho.

Desta almogavaria o conde mandou dar a cada um deles parte de almocadem, não sendo costume senão partirem-na ambos, ou lh'a deu do seu quinto, não sou bem lembrado; mas sei que ficárão contentes e amigos e nunca se apartávão, de que os moradores muito mormurávão, mas era tanta a confiança que todos tínhão em Antonio Coutinho que não deixava dele se tivese sospeita má; e tãobem porque Antonio Coutinho era muito traquejado e conselhado de Pero de Meneses, de quem não se esperava senão toda boa doutrina, e não ia fora que o não levase consigo e o aconselhase como a filho; e tãobem já neste tempo Artur Rodríguez era muito louvado, por ter sua lavoura e vir sempre carregado pera sua casa, e por outra parte Pero de Meneses não leixava de ir fora, e fez muitas presas, entre as quais ũa foi entrar em Algarrafa, e tomou sete ou oito almas, e cento e cincoenta cabeças de gado vacum e muito gado meudo, ainda que era trabalho trazer gado meudo de tão lonje, como é Algarrafa; e não tardou muito que não tornou a ir á Ponte e, pasando a ribeira, tomou dous de cavalo e outros tres que íão carregados de saveis pera Alcacere, e com eles se veio á vila, ainda que o alcaide saio ao rebate e veio após ele até Taurete, quatro legoas d'Arzila, e não avendo vista dos almogavares se meteo polo Soveral, e ao outro dia mandou correr ás atalaias de Tendefe, e não tomando ninguem, vendo o alcaide alguns de cavalo na Atalaia Ruiva, que com o rebate se ajuntárão nela, o alcaide se mostrou em Mijeleo, legoa e meia da vila. O conde, que neste tempo estava na Atalainha da Atalaia Ruiva e vio os almogavares que se íão recolhendo pola Atalaia Alta acima e vio a jente em Mijeleo, logo conheceo o que era, e detreminou de ir após ele e mandou pola bandeira e se foi caminho do Zambujeiro, duas legoas da vila, donde podia aver vista da jente, porque de necesidade o alcaide avia de sair antre o Zambujeiro e Taurete; e parece que o alcaide ouve vista das atalaias que o conde levava e não quis sair ao campo, e por dentro do Soveral se foi até Alvalate e dahi foi sair junto da Ponte; o conde, do Zambujeiro não vendo por toda aquela varzia, que é ũa grande legoa a Taurete, entendendo que o alcaide ia por dentro do Soveral, se tornou já muito noite.

CAPITULO LI

De como um barco de pescar se salvou duas vezes de ũa fusta e como duas fustas tomárão um navio de Tavila

Tãobem neste tempo não faltárão rebates por mar de fustas, como foi sair ũa fusta do Cabo Branco aos barcos de pescar e veio alcançar um deles junto com a Couraça, o qual era de um Lourence Anes e trazia quatro homens, tres que remávão e o Lourence Anes que governava; e chegando a fusta a ele e pondo-lhe o esporão em cima lhe furtou a volta e o vimos sair dantre os remos por popa da fusta; e como a fusta vinha aviada, primeiro que fizese ciavoga, se saio o barco um bom pedaço ao longo da costa e, tornando a fusta a virar com ele, o tornou a alançar, e chegando a ele lhe tornou a furtar a volta outra vez com o rosto e proa na vila, e a fusta ficou como gavião que se lhe vai o pasarinho das unhas, tão cansada que não virou mais, e tãobem porque já da vila tirávão com artelharia e da Couraça e do Tambalalão as esperas pasávão por cima; a fusta com os remos nas mãos, afastando-se da artelharia, se foi na volta de Tagadarte, donde se meteo no rio, que está duas legoas d'Arzila, donde achou outra fusta de Tetuão, que já ahi estava, e ambas fizérão ũa boa presa, como logo direi.

Salvo este barco de tamanho perigo deu muita alegria a toda a vila, por escapar como escapou e por virem nele quatro moradores, homens honrados e casados, os quais se fôrão encomendar a Nosa Senhora da Misericordia, indo um deles ferido de ũa seta e outras pregadas no barco.

Depois que a este barco aconteceo esta aventura, não pasárão tres dias que, vindo um navio de Tavila, pasando por Tagadarte, duas legoas da vila, lhe saírão as fustas e o viérão alcançar a tiro de bombarda da vila, indo-lhe já dous barcos de pescar carregados de jente da vila, em que ia Pedro Afonso Homem, a quem o conde pôs muita culpa em não chegar ao navio primeiro que as fustas, porque se chegárão muito bem o pudérão defender. Pedro Afonso, como cavaleiro que era, mostrou não poder chegar ao navio e, se as fustas viérão demandar os barcos, com a palação [1] dos remos os pudérão meter no fundo, por nenhum dos barcos pasar de cinco remos e irem em cada um doze ou quinze homens armados; e, posto que desta vez o conde pusese culpa a Pedro Afonso, outras muitas vezes o louvou, por ser muito cavaleiro e muito honrado e leal a seus amigos. Tornando ao navio, chegando as fustas a ele e rodeado e

1. palação] *só em* A: *do castelhano* palazo: golpe dado com a pá do remo (*castelhano e italiano* pala; *francês* pale).

entrado todo foi um, o qual levárão a Larache. Era este navio de Antonio Fernândez Moreno, que em Arzila morava, ainda que ele não vinha nele; o qual navio vinha de Tavila e nele vinha Lopo Mêndez, criado do conde, que pouco avia que era casado com Maria Cordovil, filha de Antonio Cordovil e de Caterina Afonso, dos quais tenho feito menção; e depois este Lopo Mêndez fol adail d'Arzila: vinha mais João de Sousa, mourisco e criado do conde de Borba, com sua molher e tres filhos, e tãobem Christóvão López, meu cunhado e sobrinho de Jorje López e de Francisco Gonçálvez, muito moço, e mais vinha Alvaro Pírez, mercador, que oje vive [1] em Xerez da Fronteira, muito rico e honrado, e outras pesoas que todas pasávão de vinte. Levados a Larache os metêrão antre as portas do castelo, em que estão dous arcos que servem de meter debaixo enxarcia, cordas, velas, remos das fustas.

Metidos os cativos neste lugar, donde estávão asaz seguros, por cima do muro dormíão alguns mouros das fustas que os guardávão. João de Sousa, como homem que mais se aventurava, por já se aver ido pera os mouros, e intentou de vender o alcaide Amim, alcaide de Larache, como fica dito em tempo do conde de Borba, e esperava que com tormentos o matasem, como sentio as guardas sosegadas, tomou um dos remos que ahi avia e, arrimando-o ao muro, vio que chegava acima, e dise a Lopo Mêndez: «Subamos por este remo e eu sei por onde o muro é mais baixo e, deitando-nos por ele, nos poderemos salvar». Lopo Mêndez lhe respondeo que era cousa imposivel, pois estávão muitas guardas em cima, e que não intentase cousa com que não podia sair. Alvaro Pírez respondeo que o trouxese consigo e que lhe prometia um seu mouro, que em Arzila tinha, porque lhe dávão cem cruzados pera o resgate de sua molher. Vendo João de Sousa como Lopo Mêndez punha duvida, desimulou com ele, dizendo-lhe: «Deixai-me ir acima e verei como estão [2], e asi como virmos asi faremos». Trepado polo remo e sobido em cima, foi logo sentido e, pasando por antre as guardas, correo polo muro e se pasou fora, e, pasando o rio a nado, veio, antes que amanhecese, a Arzila, e por certo temos, os que o conhecemos, que se depois do rebate pasara jente de cavalo após ele e o seguírão o não pudérão alcançar por sua muita lijeireza.

Chegado a Arzila e sabido os que érão cativos, a requerimento de Caterina Afonso, sogra de Lopo Mêndez, o conde mandou logo a Gonçalo Vaz, alfaqueque, e rogou a Francisco Gonçálvez fosem a Larache e fizesem por resgatar a Lopo Mêndez, e asi a molher e filhos de João de Sousa, por quinhentos cruzados em tostões ou prata quebrada, e, mandando recado ao conde, Caterina Afonso andou pola vila até ajuntar este dinheiro, e mandado veio Lopo Mêndez e a molher de João de Sousa,

1. vive] vinha A. — 2. estão] estas A.

Isabel Monteira, que oje está nesta cidade, molher despota e mais rija que eu [1], com seus filhos.

Ũa cousa, de que uns rirão e outros se espantarão, aconteceo no ajuntar deste dinheiro, que andando a Caterina Afonso buscando dinheiro, como molher rica e abastada pola vila, por ter muitas casas e fazenda, a molher de Gaspar Díaz, atalaia, se lhe ofereceo que lhe emprestaria cem cruzados, mas que os tinha em ouro; Caterina Afonso deitou mão da palavra, dizendo que ela não buscava senão tostões ou prata, e contudo lh'os dése; ela lhe deu certos cruzados com cruz e quinas d'el-rei Dom Manoel e, levados a casa e depois de tornados a ver, os achou que érão de papel, feitos de cartas de jugar, do metal que chãmão douros [2]: do que mais socedeo não sou muito lembrado, sómente mandá-la chamar o conde e lhe preguntou donde os houvera.

Tornando a Francisco Gonçálvez, que ficou em Alcacere Quebir, tanto que mandou a Lopo Mêndez e a molher de João de Sousa, se foi pera Xexuão, donde Mulei Abrahem estava, a lhe falar em Cristóvão López, sobrinho de sua molher, que caira na parte da fusta de Tetuão. Chegado a Mulei Abrahem e sabendo ao que ia, posto que Cristóvão López não era seu, que era de Almenderim, seu sogro e alcaide de Tetuão, usando de sua muita liberalidade e vertude, mandou logo por ele e lh'o deu sem resgate. Francisco Gonçálvez, como era muito honrado e fumoso, mandou logo a Arzila por um moço, filho de um homem honrado mouro, e lh'o deu, o que Mulei Abrahem não quis receber sem lh'o pagar, e queixando-se o Francisco Gonçálvez o recebeo; e quando se dele partio lhe fez mercê de um muito bom cavalo e um bedem e quatro vacas, que valia tudo mais que o mouro; e desta maneira satisfazia Mulei Abrahem os serviços quando lh'os alguem fazia. O cavalo conheci eu muito tempo a Francisco Gonçálvez; e tãobem deixou resgatado o Alvaro Pírez por dozentos cruzados e por o seu mouro, e asi fez a ida de Francisco Gonçálvez muito fruito, por ele ser muito descreto e muito servidor do conde; e posto que ele era d'el-rei, e pesoa que el-rei ocupava em mandar com os pagamentos aos lugares d'alem, sempre se chamou Francisco Gonçálvez, do conde.

1. molher despota e mais rija que eu] rija e sã e bem disposta L. — 2. douros] *só em* A. *Não sabemos explicar este vocábulo.*

CAPITULO LII

Como Arroaz tomou á porta da Ribeira tres cavalos de tres atalaias

Com esta tão boa jornada de Francisco Gonçálvez quisera sair deste ano de dezoito, e porque sou lembrado que, antes que este ano saise, acontecêrão duas cousas, contarei ao menos ũa, a qual foi que ũa noite, estando á porta da Ribeira tres atalaias com os cavalos carregados de carne, esperando que lhes abrisem, vírão vir ao longo do muro jente a fio e logo começárão a preguntar: «Quem vem lá?» Arroaz, que era o dianteiro, remeteo, e asi outros, sentindo que estava jente de fora, e chegárão á porta e, como eles estávão a pé com as lanças na mão, tomárão ao longo do Miradouro e defendendo-se se salvárão; e tãobem os mouros não podíão seguí-los, por ser lugar de penedia, e asi se salvárão a pé, e Arroaz levou tres cavalos muito bons; e as atalaias érão Francisco Colaço, sogro de Vilhalva, e Pero Nûnez e Pero Fernândez o Torto, os quais, ficando seus companheiros nas atalaias, eles todos tres fôrão a montear e não se pudérão recolher senão estando já as portas cerradas, e a virem um pouco mais tarde se perdêrão todos tres, porque achárão os mouros á porta e os tomárão todos na praia. Acodindo o conde ao terreiro com o rebate, que se logo tomou, Artur Rodríguez e Antonio Coutinho pedírão licença pera com trinta de cavalo irem após eles. O conde, depois de muitas praticas que ouve com Pero de Meneses e com Fernão Mazcarenhas, que era adail, lh'a não quis dar, ainda que Antonio Coutinho e Artur Rodríguez dizíão que os iríão esperar ás tranqueiras do Farrobo, donde eles avíão de ir demandar. Gastou-se tanta parte da noite que ao conde pareceo escusado mandar jente após eles, polo muito saber e manhas de Arroaz, o qual não avia de levar caminho dereito, nem lhe dava mais ir ter ao Farrobo que a Benamares, nem a Benagorfate, que tudo era sua casa, pois os companheiros, que com ele vínhão, érão de todas estas aldeas [1] e ahi tínhão suas casas; e asi se fôrão com tres cavalos, como está dito. Todavia, fôrão pola carne que ahi deixárão, a qual foi proveito de Rui Carvalho, porteiro da porta, que recolheo a mais dela; e com isto pasarei, Deos querendo, ao ano de mil e quinhentos e dezanove, por neste tempo e ano acontecer um caso semelhante ao outro que já avia acontecido, os porei ambos juntos, posto que um foi algum tempo antes que o outro; e contando o primeiro socedeo desta maneira.

1. érão de todas estas aldeas] érão todos destas aldeas B N L M.

Francisco do Soveral, de quem já tenho feito menção, que morreo no ano de dezaseis, este Francisco do Soveral tinha ũa moura com duas filhas, que ouve de Tintaix, aldea que o conde tomou junto d'Alcacere Quebir. Era esta moura molher de um cavaleiro chamado Alé Rondim, o qual escapou em um cavalo em oso e levou um filho diante de si, ao tempo que a aldea foi tomada, e, vendo este Alé Rondim sua molher e filhas cativas, ajuntou trinta de cavalo, seus parentes e amigos, e quis vir tomar ũa atalaia ou duas pera com elas tirar de cativeiro a sua molher e filhas, e se foi lançar em Tendefe; e, indo as atalaias a descobrir, lhes saio e se enlevou tanto atrás elas que chegou ao ribeiro de Jil da Mota, donde achou ao adail Fernão Galego com oito ou dez de cavalo, o qual se achou aos Forninhos, e, vendo sair os mouros atrás as atalaias, as foi receber e favorecer ao ribeiro, e, vendo-se junto com sete ou oito mouros de cavalo, apegou logo com eles, e, primeiro que os dianteiros se juntasem, derrubárão tres ou quatro, em que tomárão ao Rondim mal ferido. Sabido como não érão mais de trinta os seguírão e não pudérão alcançar mais que outros dous e estes dous que vínhão trás as atalaias, porque os traseiros, vendo o adail sair dos Forninhos, se detivérão e dérão ao Rondim por perdido, e, posto que o adail os seguio até Alfandux, duas legoas da vila, não lhe pudérão fazer dano, por os nosos serem poucos e os mouros irem juntos e com bom concerto; e, quando o conde soube o que o adail tinha feito e alargou jente de si, foi já tão tarde que não pudérão chegar aos mouros, e o adail se recolheo com tres mouros vivos e dous mortos e cinco cavalos.

Chegados á vila e vendidos, como é costume, Francisco do Soveral comprou a este Alé Rondim, ainda que vinha mal ferido, e tinha em sua casa marido e molher e filhas; asi usou a fortuna de suas obras, que, vindo este buscar com que tirar de cativeiro a sua molher e filhas, perdeo parte de seus parentes e amigos e ficou cativo; enxemplo muito grande se pode daqui tomar: os que nas bonanças deste mundo confíão, parecendo-lhe que sempre lhes ha de durar, como parece neste mouro, que avendo menos de seis meses que se vio em sua casa com sua molher e filhos e com seu gado, bois e vacas e cavalos e egoas e ás portas d'Alcacere Quebir, cidade populosa, e agora via tudo dentro em Arzila em poder de seus imigos e em cima sua pesoa em cativeiro. Depois muitos anos que isto pasou, eu conheci este Alé Rondim e pousei em sua casa e ele na minha, quando eu ia por mandado do capitão a Alcacere e ele quando vinha a Arzila; e, não tendo mais que um filho muito bom cavaleiro, lh'o cativárão em tempo de Dom Manoel Mazcarenhas e lhe morreo em cativeiro, a qual morte do filho ele levou em sofrimento e paciencia, tendo ainda neste tempo a molher e filhas em cativeiro, donde acabárão sua vida, que eu lhe ouve enveja e o notei pera o contar, não me parecendo que avia de chegar a o escrever, sómente pera reprender algum cristão impaciente com um mouro falto de fé.

Tornando donde fiquei, Rondim, tanto que foi são das feridas, o levárão a dormir á mazmorra; e, levando-o um homem de Francisco do Soveral polo terreiro, em sendo noite, indo sem ferros, se lançou ao Miradouro e, deitando um cabrestilho á boca da primeira bombarda, se lançou por ele fora sem lh'o poderem defender, porque o homem que com ele ia ficou com outro mouro, e aos brados e rebate acodio jente, e, sabendo o que era, se pusérão a cavalo muitos homens, por Francisco do Soveral ser pesoa honrada e bemquisto de todos, e ele por ũa parte e Pero de Meneses por outra tomárão todos os caminhos por onde lhes pareceo iria demandar; mas o mouro, como homem sabedor, se soube afastar de tal maneira, asi dos caminhos como dos nosos, que não foi achado e se salvou, e Francisco do Soveral, por tratar a seu mouro como homem ferido e doente, o perdeo, não querendo deitar-lhe ferros até não ser bem são.

Posto Alé Rondim em salvo, não deixou de buscar todas as maneiras e artes que pode pera tirar de cativeiro sua molher e filhas, vindo muitas vezes a Arzila a tratar no resgate delas, asi em vida de Francisco do Soveral, como depois dele falecido, pousando sempre em casa da molher de Francisco do Soveral, sua senhora, nas quais vindas tratou com Inês do Soveral, moça mourisca e escrava da molher de Francisco do Soveral, que tinha cargo de encerrar de noite sua molher, que ũa noute sinalada se lançasem polo Miradouro com as filhas, e que ele as esperaria com cincoenta de cavalo e as levaria sem correrem risco. Isto concertado logo Inês do Soveral o descobrio ao conde, o qual lhe prometeo que a forraria e lhe faria mercê se o concerto se fizese. Feito o concerto e chegada a noite sinalada, o conde lhes armou o milhor que pode, mandando a Pero de Meneses e a Fernão Galego que cada um com cincoenta de cavalo estivesem nas mais escusas ortas, e a outros que estivesem a pé nas tranqueiras do Facho, na de João Coelho e na do Cano Quebrado, pera que, sendo os mouros dentro, corresem os paos das tranqueiras e ficasem os mouros de dentro e se perdesem todos, ou os mais deles.

Estando tudo concertado desta maneira, os mouros viérão ao concerto com tão bom recado que não se perdeo nenhum, porque, tanto que entrárão das nosas atalaias pera dentro, se afastárão dos caminhos, e, por antre ambas as varzias e por Bugano, viérão sair ás lombas do Corvo, e sendo da outra banda do Facho se decêrão tres ou quatro de cavalo e a pé viérão ver as tranqueiras e ortas, e ver se sentíão algum bolicio; e chegando ás tranqueiras, abaixo do Facho, sentírão falar dous homens, e chegando com as lanças polos alvados e as barrigas polo chão e não ouvindo mais bolicio remetêrão com os que falávão, e pegando em um deles acodírão outros que ao longo do valo estávão, e vendo que érão mais o alargárão com duas lançadas, o qual era Gonçalo Moniz, atalaia, e os mouros se lançárão logo na vinha do Anjo e dahi se salvárão, por ser de noite e não serem vistos. Ao rebate destes acodio o adail Pero

de Meneses e, posto que logo acodírão aos caminhos, não topárão com alguem, porque os mouros, que ficávão da outra parte do Facho, ouvindo o rebate, dérão por descuberto o ardil e por perdidos os deixárão; e logo, tomando um troto, se afastárão da vila e de todas [as][1] estradas e caminhos, e os de pé aquela noite se fôrão embrenhar a Almenara, duas legoas da vila, e [a]hi[2] estivérão todo o outro dia, e vinda a noite tomárão a serra, donde se salvárão. Gonçalo Moniz chegado á vila com duas lançadas [contou o pasado][3], e, sabido polo conde o que lhe avia acontecido, mandou tirar duas bombardas pera que os seus se recolhesem. Vendo o conde o ardil desmanchado, deu por Inês do Soveral vinte cinco mil reais e a forrou, e agora vive em Tanjere, e anda nesta cidade requerendo mercê pera um seu filho, João do Soveral, que tãobem vive em Tanjere.

CAPITULO LIII

Como Jeronima Lópeẓ, mourisca, descobrio ao conde como seu pai avia de vir por ela e o conde lhe armou e o tomou e lh'o deu e ela o mandou livre

TORNANDO á ordem que levo de contar em cada um ano o de que sou lembrado que nele aconteceo, pasando ao ano de mil e quinhentos e dezanove, contarei outro caso semelhante ao de trás que nele aconteceo. Avia em Arzila um mercador jenoês, casado, com sua molher e filhos, que se chamava Pascoal de Majolo. Ũa escrava sua, mourisca, chamada Jeronima López, tratou com seu pai, que vinha algũas vezes a Arzila, que viese ao pé do Miradouro com vinte de cavalo e que ela se iria com ele. Isto concertado e sinalada a noite, Jeronima López o fez saber ao conde, o qual lhes armou, e, por que não lhe acontecese outro tanto como o de Inês do Soveral, não mandou jente fora, sómente antre as portas do Albacar, por donde os mouros avião de pasar, pôs a Pero de Meneses com trinta de cavalo, que estivese prestes e saise como lhe fizesem sinal, e ele mesmo conde se pôs no Miradouro com a Jeronima López, esperando que seu pai chegase ao pé do muro; o qual veio como tinha ficado [concertado][4] com vinte de cavalo, todos cavaleiros do Farrobo, com seu almocadem Arroaz; e tanto que chegárão ao Rio Doce, tiro de bombarda da vila, não pasárão dele, sómente o pai de Jeronima López e outros dous de cavalo, e estes tres de cavalo chegárão ao pé do Miradouro, e a este tempo saio Pero de Meneses dantre as portas do Al-

1. [as] *f.* A. — 2. [a] *f.* A. — 3. [contou o pasado] *f. em todos os mss.* — 4. [concertado] *f. em todos os mss.*

bacar, e vendo-se os mouros cercados pusérão o rosto pera romperem os nosos, donde logo matárão um dos tres que trabalhou por pasar e tomárão ao pai de Jeronima López, e o outro, não podendo tomar a praia, se lançou por dentro do valo e polo pé do outeiro de Fernão da Silva, e, como ia seguido dos nosos, se lançou ao rio donde se afogou; e destes tres mouros que chegárão ao muro morrêrão os dous, e o que os trazia ficou cativo, ainda que o conde o deu a Jeronima López logo aquela noite, como avia ficado [concertado] [1], com seu cavalo e sela, e Pascoal de Majolo o levou pera sua casa, fazendo-lhe muito gasalhado, asi ele como sua molher, Caterina López, dizendo-lhe como o conde, usando de sua muita magnificencia, o dera a sua filha, e ela o fazia forro com seu cavalo, e que se alegrase, que ao outro dia iria pera sua casa. Ele se mostrou tão triste e anojado que dizia que mais quisera morrer ou ficar cativo pera toda sua vida que aver pasado por ele perder sua filha, pois acabava de saber que de cristã fizera contra ele o que fizera, e perder seus parentes e amigos, os que morrêrão por amor dele; e tãobem lhe lembrava a honra e gasalhado que tinha recebido em aquela casa e a traição que contra ela ordenara; e ao outro dia se partio em cima de seu cavalo, com asaz desgosto que amostrava levar.

O conde, tanto que soube que Arroaz ficava ao Rio Doce, mandou logo a Pero de Meneses que com os trinta de cavalo o fose esperar ás tranqueiras do Farrobo, parecendo-lhe que amanhecese de fora; o qual Arroaz, ouvindo o rebate, deu por perdidos os tres de cavalo, e dali donde estava tomou caminho de Tanjere, ou por sospeitar que o conde teria lingoa e mandaria após ele, ou por lhe parecer ordem de guerra. Ao outro dia pola menhã correo as atalaias de Tanjere e foi sentido e saírão após ele, e a jente de Tanjere o seguio até o Farrobo; e a estar Pero de Meneses mais um pouco se perdera [Arroaz] [2], porque os de Tanjere lhe tomárão a serra de Jerjis e os carregárão ao porto d'Alfeixe, e vindo Pero de Meneses com dous mouros, que avia tomado ás tranqueiras do Farrobo, o viu trepar polo Burro acima, e os de Tanjere tomando rebate dos nosos foi [iso] [3] causa que Arroaz se salvou, ainda que com perda de dous ou tres de cavalo, que os de Tanjere lhe alcançárão.

1. [concertado] *f. em todos os mss.* — 2. [Arroaz] *f.* A. — 3. [iso] *f. em todos os mss.*

CAPITULO LIV

Como Arroaz tomou duas atalaias indo buscar atuns ao longo da praia

NÃO ficou muito amedrentado Arroaz destes dous socesos, que em Arzila e Tanjere lhe acontecêrão, porque não pasou muitos dias que, estando ele em Brias, ũa legoa piquena da vila, tomou a João Nûnez, de Mertola, e a Pero Nûnez, seu filho, que sendo atalaias e sendo aquele dia de folga, ou indo outros em seu lugar, quisérão ir ao longo da praia a buscar algum atum que saem [1] á costa, e pasando o rio de Brias lhes saio e os tomou a ambos, sem aver rebate na vila, e não se soube até que foi noite, que ao recolher os achárão menos; aos quais Arroaz levou aquele dia ao Farrobo, e sendo noite se ajuntárão todos os companheiros em sua casa e outros vezinhos seus, e comendo e bebendo toda a noite, como tinha [2] de costume, se deixárão dormir meios bebados ou de todo carregados, tendo antre si aos dous cativos, fazendo-lhes comer e beber juntamente com eles, os quais tínhão mais o cuidado em sua desaventura e cativeiro que na comida e bebida deles, e contudo os atárão e pusérão a recado, ainda que ao João Nûnez, por ser velho, deixárão mais largura; e como eles gastasem neste comer e beber casi toda a noite, quando veio contra a menhã caírão todos dormidos com a carga que avíão tomado. João Nûnez, que tinha a prisão mais larga e o sentido em como se salvaria, se desemburilhou das ataduras com que estava atado, e arrojando-se polo chão chegou á porta e com as mãos fez ũa cova e metendo-se por ela se deitou fora, e não como homem de sesenta anos, mas como mancebo, se pôs em o noso campo, e, sendo de dia e tomando atalaia sobre si, se veio dar com as atalaias, que o trouxérão á vila; e não tardou muito que seu filho Pero Nûnez não saio por um mouro dos dous que Arroaz perdeo em Tanjere. Com a vinda de Pero Nûnez o conde folgou muito, por ser homem de bom recado na atalaia e sempre tinha bons cavalos. Este costume tinha Mulei Abrahem que não leixava de dar um cristão, por honrado que fose, por um cavaleiro do Farrobo.

1. saem] sãe B N M. — 2. tinha] tem A.

CAPITULO LV

Como o conde tomou oito almogavares de Tetuão

Desejava o conde de aver Arroaz ás mãos e buscava todas as artes e maneiras pera lhe armar, asi com jente de cavalo, como com espias de pé; e parecendo-lhe que era tempo mandou chamar homens do campo e lhes mandou que dormisem fora através dos postos acostumados, porque lhe parecia que em aquela semana não podião leixar de entrarem almogavares d'Alcacere, ou Arroaz, os quais concertados começárão a ir fora com entenção de o fazerem toda a semana, e não pasárão duas ou tres noites que Francisco Barreiros e Afonso Gonçálvez, castelhano, vírão em amanhecendo entrar oito de cavalo e meterem-se em Bugano; e vindo com o recado ao conde, [ele][1] mandou logo ao adail Fernão Mazcarenhas que por o vale do Facho se fose meter no corrego de Lião, e a Pero de Meneses por as Pontinhas, de maneira que, saindo os mouros após os mesmos que os avião sentido, fôrão cercados de muitos de cavalo e tomados todos oito vivos, sem escapar algum deles, os quais todos oito érão de Tetuão e os mais deles granadins, entre os quais vinha um mouro honrado, que logo saio pola molher e filhos de Gaspar Caldeira, que avíão cativado vindo de Tanjere com Gonçalo Vaz, como fica dito atrás.

O conde, muito contente com estes mouros, por serem de Almenderim, polos escarmentar, que outro dia não tornasem ao noso campo, gastou todo o dia em contender e contentar as espias que não se contentávão com um mouro e um cavalo que o conde lhes dava; e depois de muitos debates e contendas e perfia, o conde apartou um, e dos sete escolhêrão eles o milhor, ficando ainda oito espias que érão agravados, porque o concerto era que, tomando um só mouro, fose das espias, e tomando até tres e quatro escolhesem elas, e de cinco escolhese o conde um e dos outros avíão eles d'escolher; e como não ficárão contentes não quisérão tornar fora, porfiando o conde muito não quisesem perder aquela ocasião, porque Arroaz não tinha nova da perda destes, e, ainda que soubese que tardávão e sospeitase que érão perdidos, por saber como, avíão de vir tomar ũa lingoa; e por muito que o conde aperfiou não quisérão, e o que mais reguroso se mostrou foi o Afonso Gonçálvez, castelhano, que, como ele foi o que os vio entrar e era abastado e tinha casas e atafona, não quis tornar, e o conde agastado o despedio; e muito mais se

1. [ele] *f. em todos os mss.*

anojou Dom Manoel Mazcarenhas, seu cunhado, que se polo seu fora os mandara por força, ou os mandara prender.

Foi isto causa pera que Arroaz se não perdese logo ao outro dia, porque, como os mouros e cavalos estávão pera o outro dia se venderem e as espias tínhão que fazer com seu mouro e cavalo, não cavalgárão mais que seis atalaias, as quais o adail mandou curtas, que não pasasem do Corvo ou da Atalaia Ruiva e a do mar. Indo as do Corvo descobrir o porto d'Alemoquique, lhe saio Arroaz com vinte de cavalo, que nele estava esperando por elas; as atalaias érão Cristóvão Rodríguez Chamiço e Estêvão Fernândez, bons homens e de bons cavalos; e posto que os mouros saírão ao Cristóvão Rodríguez Chamiço, por aquele dia lhe cair descobrir a ribeira, Estêvão Fernândez esperou até meter-se antre seu companheiro e os mouros, os quais chegárão depois eles até o vale do Facho, que como não vírão ninguem no Facho chegárão muito perto dele. Saido o conde a repique e chegado ao Facho e vendo ir os mouros paseando polas lombas do Corvo e pasar o porto d'Alemoquique e que já lhes não podia fazer dano, conheceo que não era chegado o dia que Arroaz se avia de perder, e que a salvação daquele dia esteve em o adail não cavalgar aquela menhã, como é costume, que, achando-se no Facho com alguns de cavalo, pudera apegar com os mouros e os ir detendo até chegar jente de repique; e posto que o conde se mostrase anojado das espias, foi tanta a colera que Dom Manoel Mazcarenhas e Eitor da Silveira, filho do coudel-mór, tomárão que não tínhão paciencia, dizendo ao conde porque não mandava castigar dous vilãos, pera castigo doutros. O conde, rindo-se do pouco sofrimento de seus cunhados, se veio rindo, e deitando o cavalo se veio á Carreira e a correo, e asi outros muitos fidalgos e moradores, sem Dom Manoel, nem Eitor da Silveira o quererem fazer de anojados. Aquele dia, em acabando o conde de jantar, se vendêrão os mouros e cavalos, e Arroaz com seus companheiros se recolheo caminho do Farrobo.

Bem se pudera dizer que a salvação de Arroaz e de seus companheiros esteve no descontento de Afonso Gonçálvez Ribaldo e de seus companheiros; e logo, conhecendo que por sua culpa errárão de tomar aquela quadrilha de Arroaz, fizérão concerto com o conde que espiando algũa quadrilha d'almogavares ou de jente grosa e tomando um só mouro fose das espias, e tomando dous até quatro escolhesem elas e de cinco pera cima escolhese o capitão.

CAPITULO LVI

Como Dom Manoel Mazcarenhas foi a ũa almogaveria e cativou e matou a todos os homens de Benamares

Não podia Dom Manoel Mazcarenhas, cunhado do conde, que depois foi capitão d'Arzila, levar em paciencia salvar-se Arroaz por culpa das espias não quererem ir fora, mandando-os o conde e rogando-lhes ele; e, sem duvida, se o castigo estivera nele, os castigara, ainda que depois o vi capitão d'Arzila e desimular outras semelhantes a esta, como eu direi a seu tempo, Deos querendo; o qual, por estar já de caminho pera Portugal, como pola vontade que tinha de se topar com Arroaz, pedio licença pera ir fora, a qual lhe deu o conde, e mandou a Pero de Meneses que fose com ele, e asi foi Artur Rodríguez e Antonio Coutinho, e lhe deu sesenta de cavalo, que foi a mais jente que em aquele tempo o conde costumava a mandar fora, ainda que correndo o tempo todas as cousas crecêrão, principalmente neste reino. Eu sou lembrado valerem ũas botas seis vintens e oje valem seis tostões, e Pero de Meneses fazer a guerra com quinze até dezasete de cavalo e com eles ir junto d'Alcacere Quebir e duas vezes se topar com o alcaide e pelejar com ele e se salvar sem perder nenhum dos seus, como atrás fica dito; e ao tempo que saimos d'Arzila não ia fora Diogo da Silveira sem levar oitenta e cento de cavalo. Não trouxe esta comparação pera reprender o tempo pasado, nem o d'agora, sómente pera lembrar que o tempo pasado que dava causa que Pero de Meneses fizese a guerra com dezasete de cavalo, ese mesmo dava ocasião a Diogo da Silveira não levar menos de oitenta de cavalo, como em seu lugar se dirá.

Tornando á ida de Dom Manoel Mazcarenhas, ele saio d'Arzila com sesenta de cavalo, levando consigo por almocadem a Pero de Meneses, e asi a Antonio Coutinho e Artur Rodríguez, e todos mostrávão vontade de o levar donde pudesem fazer algũa cousa asinalada; mas como Pero de Meneses, por sua idade e autoridade, fose pesoa que todos esperávão de seguir seu parecer e conselho, antes que o contrariar, esperávão o que ele detreminase. Ele, conhecendo que a vontade de Dom Manoel era chegar-se junto do Farrobo, por se topar com Arroaz, e tãobem porque Antonio Coutinho tinha espiado a boca de Benamares, o levou a meter na Ribeira Grande de Benarróz, travesando a serra por parte donde não avia atalhadores, pera da ribeira correrem aos que mais se desmandasem, pois estávão antre aldeas de ũa parte e da outra; e asi estivérão até sobre a tarde que não vírão a que correr, sómente da parte de Benamares um

pouco de gado, ao qual corrêrão e o tomárão em cima da serra [e asi tomárão cinco mouros] [1]; e, recolhendo-se com esta presa, que érão os cinco mouros e setenta cabeças de gado vacum e quatrocentas de gado meudo, viérão por junto ás casas de Benamares, aldea mais principal daquela serra, a qual está mais á ponta dela. Logo fôrão com eles alguns mouros de pé que se ajuntárão de outras duas aldeas que avia em aquela serra, e asi se ajuntárão com os de pé seis de cavalo daquelas aldeas, vindo apegando com os nosos até chegarem os nosos ao Tojalinho, donde estivérão esperando por alguns dos nosos que ainda não érão recolhidos; e nesta pouca detença se ajuntárão cento e dez mouros de tres povoações que em Benamares avia e seis de cavalo, [os de pé] [2] todos os mais deles adargados. Pero de Meneses dise a Dom Manoel que estivese quedo e que mandase pasar o gado um ribeirão que estava diante, muito mao de pasar, por os mouros o terem travancado com muitos arvores cortados, de maneira que pera o pasarem era necesario detença. Dom Manoel o fez asi, mandando a dez de cavalo que pasasem o gado e fizesem caminho pera quando ele fose. Os mouros, entendendo o que os nosos fazíão, dérão tanta présa que fizérão aos nosos deixar o Tojalinho, polo dano que recebíão de quatro ou cinco béstas que antre os mouros avia; e tanto que os nosos deixárão o Tojalinho logo foi tomado polos mouros, e vendo Pero de Meneses a présa que os mouros trazíão por chegar ao ribeirão, e que não podíão deixar de receber muito dano ao pasar, dise a Dom Manoel: «Senhor, estes mouros hão de pegar conosco ao pasar deste ribeirão, e ha de ser forçado voltar com eles; e pois a volta ha de ser quando eles quiserem, meu parecer é que voltemos quando nós quisermos»: ainda as palavras não érão ditas, quando Dom Manoel, dizendo que todos fizesem como ele, e dizendo: «Volta!», se pôs em um cavalo ruço, o milhor que em aquele tempo se sabia, que lhe mandara Dom Nuno Mazcarenhas, seu irmão, capitão de Çafim; e, como era ladeira acima, pôs o rosto nos seis de cavalo e, levando um na lança, os outros todos o esperárão e pusérão as lanças nele, e asi o fizérão muitos dos de pé, metendo as lanças no cavalo; e quando Pero de Meneses e Antonio Coutinho com outros cincoenta chegárão e vírão que mais de cincoenta tínhão postas as lanças nele e em seu cavalo, começárão em chegando a matar neles, sem nenhum virar as costas, e ahi, donde Dom Manoel deu neles e os rompeo, morrêrão mais de setenta deles e asi os seis de cavalo, e tomárão vivos corenta e dous, e, o que mais é de notar, que sendo apegado com as casas, e vendo-os suas molheres e filhos, nenhum virou as costas pera fojir; e, posto que o cavalo de Dom Manoel logo caio com mais de vinte lançadas, logo ouve outro cavalo. Não sou lembrado de quem lh'o deu, nem a Luis Valente lhe

1. [e asi tomárão cinco mouros] *f.* A. — 2. [os de pé] *f.* A.

lembra, que neste feito se achou e em outros muitos, e a ele tenho por candea e guia no que escrevo; sómente diz Luis Valente que ũa carreira de cavalo deu Dom Manoel, primeiro que nenhum homem, e que, quando chegárão, tinha derrubado dous ou tres de cavalo, e que, como ia muito armado, não recebeo dano dos muitos que em ele pusérão as lanças, e que os mouros todos se fizérão ũa pinha com suas adargas de diante e que os rompêrão, e voltando se tornárão a cerrar. Alcançada esta grande vitoria por Dom Manoel e os que com ele íão, tomadas mais de cincoenta adargas e com corenta e sete mouros, se viérão recolhendo, deixando aquela serra de Benamares destroida da milhor jente de pé que em toda a nosa fronteira avia, e o que se trazia em dizer [1], gabando [2] algũa jente, asi antre mouros como antre nós, era [3]: «Cavaleiros do Farrobo, galantes de Benamares»; e desta vez se despovoárão todas aquelas tres povoações que em Benamares avia, e as molheres e filhos que ficárão viérão a povoar outro Benamares, junto com Larache, e desta vez ficou despovoado por muito tempo; e ainda que depois tornárão a o povoar não foi como de primeiro.

Posto que neste feito se [achárão] [4] muito bons cavaleiros, que pudera nomear e merecíão fazer deles menção, o leixo de fazer por não nomear todos ou os mais, pois não ouve nenhum que não matase ou tomase mouro, pois avia dous pera cada um dos nosos; mas como é natural perderem todos os ribeiros e rios seus proprios nomes em entrando em outro maior, asi comparo em que estes bons cavaleiros fizérão com a façanha de seu capitão e com a prudencia de Pero de Meneses. O conde foi mui ledo com tão boa dita de seu cunhado, e vendida a presa e repartida por todos, como é costume, se deu algũa avantaje a Antonio Coutinho e a Artur Rodríguez, e Dom Manoel partio mui largamente com Pero de Meneses, dando-lhe um capuz d'ezcarlata, e mandando-lhe, quando se veio, sua cama e o mais de sua casa, e a parte sua e a dos seus deu a Antonio Coutinho e a Artur Rodríguez, que as partisem ambos.

1. e o que se trazia em dizer] e o que se trazia em refrão L M; que se trazia em refrão B; que se trazia em rifam N. — 2. gabando] agabando L M. — 3. era] dizerem L M; *f.* B; dizendo N. — 4. [achárão] *f.* A.

CAPITULO LVII

Como el-rei de Féz correo Arzila com muita jente e Arroaz foi morto por desastre de um tiro d'espingarda

Não tardou muito tempo, depois desta tão asinalada almogaveria, que el-rei de Féz não veio em pesoa correr Arzila com muita jente de Féz, e mandou aos alcaides de nosa fronteira se juntasem com ele em o noso campo e se veio lançar na Aldea Velha, ũa legoa da vila, pondo-se Mulei Abrahem em lugar e parte donde saise primeiro que outro algum de cavalo, tendo junto de si Arroaz, e asi todos os cavaleiros do Farrobo, pera que todos o guiasem, como homens que cada dia andávão por aquela terra e a sabíão; e por acontecer aquele dia ũa cousa notavel e pera escrever, a direi, que sendo com el-rei tres mil cavalos escolhidos, os milhores e mais lijeiros, pera sairem ás atalaias que os avíão de descobrir, e sendo o mais dianteiro Mulei Abrahem, muito mancebo e com vontade de chegar primeiro que outrem ao cristão e defendê-lo, que o não matasem, e ele por seu braço o tomar vivo, como muitas vezes lhe aconteceo não consentir que morrese cristão donde ele chegava, antes se avíão por salvos quando érão alcançados dos de Mulei Abrahem, o que não fazíão os d'Alcacere, ou os d'el-rei, ou dos alarves, — pois estando na cilada, esperando polas atalaias que os fosem descobrir, chegárão duas atalaias, um chamado Romeiro e o outro Gômez Anríquez, moços d'esporas, que fôrão do conde, em cima de dous muito bons cavalos, e sendo Gômez Anríquez o que ia de diante e lhe caia aquele dia o descobrir, lhe saio Mulei Abrahem e Arroaz com as lanças nos olhos, e dizem que Arroaz se lhe pôs diante e o Gômez Anríquez o afastou de si, pondo-lhe a lança; e tãobem Arroaz quis dar lugar a Mulei Abrahem, que junto com a atalaia vinha, [que] [1] fose o primeiro que o derrubase e ganhase aquela honra diante d'el-rei; e tanto que Gômez Anríquez teve o caminho despejado e se pôs nele, juntando-se com o Romeiro, seu companheiro, nunca mais ninguem chegou a eles, sendo a corrida de ũa grande legoa e o caminho muito chão e a terra larga, quero dizer que em tres mil cavalos não ouve cavalo que alcançase a estes dous, posto que a terra não lhes fazia estorvo por ser chã; e quando chegárão ao Rio Doce, donde já achárão ao conde com alguns de repique, e vendo o fio da jente vir ao longo, se deteve e esperou a jente; [e] [2] vendo vir as duas atalaias diante, açoutando os cavalos, se deteve até as pôr diante de si, as quais quando chegárão ao conde já os cavalos não podíão ir atrás, nem adiante. O conde se pôs em ala ao Rio

1. [que] *f.* A. — 2. [e] *f.* A.

Doce, parecendo-lhe que, pois os mouros vínhão cansados, o não pasaríão. Mulei Abrahem, que diante todos vinha em seu cavalo, que não se podia bolir, quando vio o conde ao Rio Doce e a praia cheia de jente, se deu por perdido e parou em cima do rio; e como a jente era muita e todos íão á longa, em pouco espaço se ajuntou [muita jente e] [1] grã [2] batalha, e, como as bandeiras, sua e a do alcaide d'Alcacere, chegárão, logo cometeo o rio, e o conde, ao longo do valo, se recolheo até o adro, junto da vila, vindo a praia toda cheia de jente, e as bandeiras ao longo do valo, pola artelharia lhe não fazer dano; e desta maneira chegárão até os Mastos, um tiro de falcão da vila, e dahi não pasou bandeira, temendo que o conde ao longo do valo não voltase com eles, e tãobem porque a artelharia lhe fazia dano.

Eu tenho pera mim que, segundo vínhão grosos e junto com o conde, não leixárão de apegar com ele, se o não estorvara a morte de Arroaz que, vindo junto de Mulei Abrahem, foi pasado de um pelouro d'espingarda, de que logo morreo, e nunca se soube quem tal tiro fez, ainda que todos [3] pusérão boca em um Pedro Álvarez, çapateiro, que junto com o conde vinha, ou na traseira, por ser espingardeiro de cavalo; o qual Pedro Álvarez aquele dia morreo pasado de outro pelouro, como logo direi; ao longo do valo vínhão dous espingardeiros de pé, um negro forro, que chamávão Alexandre, e João Correa, e seu cunhado, Fernão Varela. Recolhidos os mouros com este dano de Arroaz morto, e pasado o rio, o conde se foi ao outeiro de Fernão da Silva, que é desta parte do rio, pera ver toda a jente que ao longo do rio se ia recolhendo. O Pedro Álvarez, como era espingardeiro de cavalo, contente do tiro que avia feito, ainda que não se sabia o dano que os mouros levávão, se foi ao longo do rio e, por antre uns carriços [4] que o rio leva, foi tirando alguns tiros; e vendo-o algum espingardeiro dos mouros, o esperou e o pasou com um pelouro d'espingarda e logo caio morto, e logo se lançárão dous mouros a nado e lhe levárão o cavalo e a espingarda, primeiro que os nosos fosem do outeiro abaixo, e isto foi tão depresa polo rio ser tão estreito, que com duas vigas pregadas ũa na outra o pasavamos, e tãobem do outeiro, donde o conde estava, é muito ingreme pera o rio e avia mester algum rodeo, e os que acodírão e chegárão ao Pedro Álvarez o achárão pasado o corpo e as couraças de ũa parte á outra. Outro dano não fizérão desta vez mais que matarem este Pedro Álvarez, homem casado e morador, e levárão Arroaz morto, que foi o maior feito que um capitão pudera fazer, ainda que aventurara muito por alcançar esta vitoria.

Neste lugar pudera dizer algũa cousa bem dita, se meu enjenho e saber fora pera elo [5], pois avia materia, sómente darei a entender o que

1. [muita jente e] *f.* A. — 2. grã] grão A. — 3. todos] tudos A. — 4. carriços] corisos B N L M. — 5. elo : *veja-se p. 33, nota 6.*

quisera dizer: ordena e quer Noso Senhor que as cousas feitas por ele que, ainda que as vejamos, não entendamos o porque são feitas. Andava Arroaz tão aventureiro e aventurado que por razão não podia durar muito, e por isto trazia ele presunção que, quando se perdese, faria algũa asinalada sorte de que ficase maior fama da que em sua vida tinha, que não era pouca. Tãobem antre nós outros não avia fidalgo ou fronteiro e morador que não desejase, não tão sómente de se achar á sua morte, senão de lhe poer a lança, ou o alcançar, ou encontrando-o pera com este feito se fazer mais ufano. Foi a morte de Arroaz de calidade que ele não fez mais que ver-se pasado de um pelouro, de que logo caio morto, e antre nós não ouve saber quem fizera aquele tiro, quero dizer, que foi a morte de Arroaz de maneira que ele não fez sorte, nem antre nós ouve quem se ensoberbecese, porque se o pelouro saio dantre a jente de cavalo não avia outro que Pedro Álvarez, çapateiro, que aquele dia foi morto, e se foi dos de pé não foi outrem que Alexandre, homem preto, por ser a este tempo só.

Tornando ás cousas de Arroaz, eu pasei muitas, asi por não ser lembrado, como por não escrever tanta meudeza, e, pois já cheguei a sua morte, antes que pase a outra cousa, direi dele e de sua ousadia algũa piquena parte de que muito bem sou lembrado. Antes de sua morte, estando com seus companheiros no Palhegal, e não indo aquele dia atalaias áquela parte, por ser domingo, e vendo na varzia do porto d'Alemoquique pacendo alguns de cavalo, com muita ousadia tomando cinco companheiros consigo os veio saltear a pé e matou a Simão de Seixas e lhe levou o cavalo; e desta maneira outras vezes, e de ũa matou a Fernão Díaz, marido da molher que depois foi de Fernão de Matos, que oje anda nesta cidade. Fazendo estas e outras muitas sortes, era a sua fama tanta que dizíão que de noite se mesturava com o conde, quando se recolhia tarde; [e asi era fama que entrara ũa noite na vila][1] e dera de beber a seu cavalo na Açacaia e se tornara a sair, o que eu não creio, sómente ouví-lo [2] dizer a Rui Carvalho, porteiro da porta, que ũa noite, cerrando a porta da Ribeira, se ouvio chamar: «Rui Carvalho, esperai», e preguntando quem era, lhe respondeo: «Sou Afonso Gonçálvez e meu companheiro», e o porteiro lhe respondeo: «Mentis pera perro, que já são dentro».

Tãobem é razão que de tão eicelente capitão e almocadem se diga de sua filosomia e desposição: era homem alvo e revolto em carnes, mais piqueno que grande; falava aljemia [3]. Pouco antes de sua morte veio a Arzila a resgatar sua mãe, que foi tomada na cavalgada que Antonio Coutinho deu no Farrobo. Entrou vestido em um capuz de Londres azul e saio com um capuz de grã que o conde lhe deu. Foi muito bem aga-

1. [e asi era fama que entrara ũa noite na vila] *f.* A. — 2. ouví-lo] ouvi B N L M. — 3. aljemia: *isto é português ou castelhano.*

salhado do conde, pondo-o á sua mesa antre muitos e honrados fidalgos; e o que mais honra lhe fazia era Dom Manoel Mazcarenhas, sendo o que mais desejava topar-se com ele, mas era tão afeiçoado aos bons cavaleiros que pode mais a nobreza sua que o odio e inmizade que lhe tinha. Eu o vi á mesa do conde ás chaças com Rui Carvalho, e, antre muitas praticas, dizer Arroaz: «Rui Carvalho, eu tenho de fazer muito por vos alancear com as chaves na mão», e Rui Carvalho dizer-lhe que primeiro veria trazer sua cabeça aos rapazes por Arzila. A isto respondeo Arroaz, rindo-se: «Eu não tenho duvida a minha cabeça não andar polas ruas d'Arzila, que com esa condição tomei oficio d'almogavare e de almocadem; e, quando for chegado o meu dia, eu não mereço aos cavaleiros d'Arzila que tratem minha cabeça como a de Vasco da Silva ou doutros elches, que, não contentes com venderem sua lei ũa vez, tórnão e fazem muitas treições, e os que caem em minha mão os trato como cavaleiros e companheiros». Fôrão estas palavras ditas com tanta seguridade que ao conde e a todos parecêrão sairem de homem de grande animo, e Dom Manoel o abraçou, gabando-o muito, dizendo que Arroaz falava como cavaleiro. Nestes tres ou quatro dias que esteve em Arzila foi das atalaias requerido e acompanhado, cada um desejava lhe mostrar sua casa e pobreza e o contentar, não porque, quando se ouvese de perder ou cativar, Arroaz o avia de favorecer, ou deixar de o seguir até o encerrar, sómente porque, entanto que Arroaz fose vivo, não se avia nenhũa atalaia por segura; e tãobem Arroaz tinha por costume, quando levava algum cativo, o festejar no Farrobo, ajuntando-se com os companheiros, e beberem tres ou quatro dias primeiro que levasem o cativo a Mulei Abrahem. Este costume ficou depois a Amelix, que o socedeo e ficou por almocadem no Farrobo, o qual não foi menos nobre e cavaleiro que Arroaz, como se verá polo que diser dele daqui por diante, em que se verão cousas muito asinaladas feitas por ele, as quais direi em seu lugar.

Despedido Arroaz d'Arzila, muito contente da muita honra que recebeo do conde e de todos os fidalgos e moradores, e com dadivas que o conde lhe fez mercê, e asi Dom Manoel, que polo honrar saio com ele e sua mãe até alem do Rio Doce, rogando-lhe que quando viese correr trouxese vestido aquele capuz de grã que levava, pera ser milhor conhecido [1], Arroaz entendeo a Dom Manoel e respondeo que mais conhecido o fazíão suas obras que a grã, e bem o podíão conhecer polo cavalo ruço e por vir sempre diante de seus companheiros; e com muita cortesia se despedio de Dom Manuel, o qual se tornou com mais desejos de se topar com ele que de o honrar.

1. e por lhe estar bem, que o fazia gentil homem *acrescentam* B N L M.

CAPITULO LVIII

Como o conde foi tomar ũa aldea com jente de Tanjere e nela lhe matárão quatro homens honrados e no caminho foi alcançado da jente d'el-rei de Féz e não recebeo dano

Pasada a morte de Arroaz e recolhido el-rei e os alcaides em suas casas, e correndo ainda o ano de mil e quinhentos e dezanove, Artur Rodríguez, mourisco, se ofereceo a dar ũa aldea, a que chamamos Aldea dos Negros, e a foi espiar; e tendo-a vista dise ao conde que, quando tivese boa nova, podia ir tomá-la; e, porque ainda neste tempo o conde não estava dele bem seguro, Pero de Meneses a quis por sua pesoa ver e espiar, e, tomando quinze de cavalo, ũa noute, pasou a Ribeira Grande e pasou junto de uns arrifes de pedras, e, sentindo cães e algum gado, que neles dormíão, asentou ser aqueles arrifes a aldea, a qual estava um tiro de bombarda dos arrifes, e com este engano dise ao conde que ele o levaria quando quisese.

Como o conde teve esta certeza de Pero de Meneses, mandou chamar a Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, pera que ambos fizesem este feito; e, porque algũas pesoas dizíão que Pero de Meneses furtara este ardil a Artur Rodríguez, o conde o mandou a Tanjere, pera que dése a enformação a Dom Duarte como almocadem, que ele dava aquela aldea e era seu aquele ardil. Visto por Dom Duarte as cartas do conde e a enformação de Artur Rodríguez, por algum impedimento que sua pesoa tinha, ou por dar aquela honra a Dom André Anríquez das Alcacevas, que em Tanjere era casado com ũa irmã de João Coelho, alcaide-mór de Tanjere, o mandou por capitão de cento de cavalo, pera que fose em aquele feito com o conde. Era Dom André muito piqueno do corpo e grande de esforço, porque não pasava cousa em Tanjere em que ele se não achase, até nas almogaverias ir como companheiro, e queria ser o primeiro que pusese lança; e por ter outras muitas calidades e nobreza lhe deu Dom Duarte esta honra, o qual do conde foi muito bem recebido e agasalhado, como parente da condesa que ele era.

Avido seu conselho do caminho e ordem que avíão de levar, em o qual conselho se picárão de palavras Dom André e Pero López d'Azevedo, contador d'Arzila, dizendo Dom André que logo avíão de ir nomeados os homens que se avião de decer a pé pera dar na aldea, e estes avíão de ser dos milhores e mais principais, e Pero López o contradise, dizendo que aos homens do campo era dado decerem-se e darem nas aldeas e casas, e sabíão tirar o mouro da cama e entrar por ũa brenha e correr por ũa serra milhor que os fidalgos, que não érão costumados, nem

sabíão mais que, estando em seus cavalos, pôr a lança quando se lhes oferecia tempo. Respondeo Dom André que os que aquilo dizíão era por se poupar, de que Pero López ficou escandalizado; e, porque logo ao outro dia pola menhã o matárão os mouros na aldea, quisérão dizer alguns que as palavras de Dom André fôrão causa de sua morte.

Asentada a ordem que avíão de levar e fazer, partírão da vila, levando o conde da vila pasante de dozentos e cincoenta de cavalo, e com a jente que Dom André trouxe pasárão de dozentos e sesenta de cavalo, e asi outros cincoenta homens de pé, e fôrão cear á fonte d'Almenara, duas legoas da vila; e, pondo-se o sol, tomárão o caminho de Sinete, deixando á mão ezquerda a serra de Benagorfate, pasárão a Ribeira Grande, e, metidos por dentro da serra com muito trabalho, por a serra ser muito fragosa e de roim caminho, chegárão junto dos arrifes, e Pero de Meneses fez decer cincoenta de cavalo e com alguns dos de pé esteve esperando que amanhecese pera dar na aldea, ainda que Artur Rodríguez dise que estávão lonje; todavia, em rompendo o dia dérão nos arrifes, e não achando casas, sómente ũas poucas de cabras. Achando-se Pero de Meneses enganado, pasárão adiante, guiando-os Artur Rodríguez, e chegando á aldea era já despejada com o grande rebate que ia diante dos nosos por todas aquelas serras, e não tomárão sómente [1] dez ou doze molheres e crianças que se não pudérão salvar, e fôrão alcançadas dos nosos; e logo chegou o conde com toda a jente de cavalo e com os cavalos [dos] [2] que estávão a pé, que de cansados não se podíão bolir; alguns de cavalo, dos que fôrão com o conde, vendo algũas casas afastadas e nos currais algum gado, fôrão por ele, o qual custou caro.

O conde, tanto que chegou á aldea, e vendo o caminho que trouxera, e que lhe era forçado tornar por ele, por recolher alguns cavalos e homens cansados que polo caminho podíão ficar, deu muita présa a se recolher, porque tãobem via fundir-se aquelas serras com gritas, e primeiro que os lançase fora lhe ferírão muito mal a Fernão Coelho, alcaide-mór d'Arzila, de duas lançadas d'arremeso, das quais, chegando á vila, morreo. Mandando o conde a Fernão Coelho com alguns de cavalo diante, dise a Pero López que recolhese alguns de cavalo que com algum gado vínhão, e fazendo-lh'o leixar se ajuntasem com ele e não fizese detença, pois os mouros acodíão muitos, e tínhão muito que andar pera sair de tão má terra. Dizem que Pero López dise ao conde: «Quisera que neste lugar ficara Dom André e vira como nestes lugares me sei poupar», e o conde o quisera trazer consigo, e ele respondeo que não era tempo de leixar perder aqueles homens que vínhão muito apertados. A este tempo chegárão com obra de sesenta reses mais de trinta de cavalo, com muita jente de pé que os vínhão arremesando. O conde bradou e mandou

1. sómente] mais que L. — 2. [dos] *f.* A.

dizer a Pero López que leixase aquele pouco de gado e se viese pera ele; ao que respondeo que não era tempo de dar animo áquela jente, que com lhe leixarem ũa só res tomarião animo pera os não leixarem; e, começando a pasar um ribeirão seco, derrubárão a Alvaro Vaz, homem fidalgo e honrado, criado do mestre de Santiago, ao qual dérão ũa lançada na cabeça d'arremeso, e fazendo presa no capacete lh'o pasou e a cabeça, e logo caio morto, e querendo Pero López recolhê-lo, por não ficar em poder dos mouros, lhe matárão o cavalo, e, caindo primeiro que dele saise, carregárão tantos mouros de pé que o não pudérão recolher, e ficou vivo antre eles; e porque os mouros que ali se achárão o quisérão matar e outros da aldea dizião que o não matasem, que por ele averião todas aquelas almas que o conde trazia da aldea, e sobre isto ouvérão deferença, a qual foi á custa da vida de Pero López, e metendo as lanças nele o matárão; tãobem morrêrão neste recolhimento dous cavaleiros de Tanjere, um chamado João López Garcia e outro .... [1].

Com este grande dano se saio o conde daquela roim terra, trazendo muitos cavalos mortos e feridos; e sendo fora da serra, com perda de dous homens de Tanjere e tres principais d'Arzila, em que entrava Fernão Coelho, filho de Estêvão Coelho, alcaide-mór d'Arzila, e Pero López d'Azevedo, muito parente do conde, de quem já tenho feito menção, quando lhe dérão a contadoria d'Arzila; outro era Alvaro Vaz, natural de Tavila, e comendador da ordem de Santiago, o qual avia dez anos que estava em Arzila, servindo muito honradamente com dous cavalos e homens; e foi ter a Arzila por matar um correjedor de Tavila, pasando de Setuvel pera Lisboa, por aver injuriado a seu pai, e o matou, saindo de Setuvel, donde oje está ũa cruz; e em todo o tempo que esteve em Arzila viveo muito honradamente, quieto e bemquisto, e neste tempo tinha alcançado perdão ou licença pera vir a Portugal, e avia quinze dias que seu pai, Domingos Álvarez, mandara um navio de Tavila em que viese, e estava esperando por ele e tinha todo o fato embarcado, e com nova desta ida esteve esperando por se achar neste feito, donde ficou com seu cavalo, e o navio tornou com trazer seus homens e fato e a nova de sua desestrada morte.

Tornando ao conde, que vinha com mór desgosto do que trazia de présa, e já sobre a tarde chegou á Pedra Alta, duas legoas d'Arzila, e chegando se deceo, e, como vinha desgostoso e cansado, se asentou ao pé da pedra, e tãobem se deceo Fernão Caldeira e se asentou ao pé da pedra, e o conde se arrimou a ele, tirando o capacete, e começárão a falar no suceso daquele dia, entanto que a cavalgada ia andando, e derrador do conde estávão vinte cinco ou trinta de cavalo.

E por ser esta Pedra Alta ũa das cousas sinaladas do campo d'Arzila, direi o que é, ainda que nunca pude saber o porque foi. Ha d'Arzila a

1. ...] *em branco em* A; *f.* L.

ela duas legoas, não grandes, terra chã e alta, por ir de ũa parte o rio d'Algorrife, que leva grandes varzias, e da outra parte um ribeirão, que chamamos ribeiro dos Moinhos, porque nele tivérão e tem os mouros moinhos. Da Pedra Alta pera o campo vão grandes varzias. Parece de lonje; está dereita pera cima, que parece ser metida á mão; é de grosura de um tonel e vai afusada e dereita; o que está em cima da terra são trinta e cinco ou trinta e seis palmos. Eu estive muitas vezes ao pé dela a cavalo, e com ũa lança de vinte dous palmos, que eu costumava a trazer, e não chegava acima com outros cinco ou seis palmos. Muitas vezes preguntei a mouros antigos que dizíão dela e nunca me satisfizérão; o que dela sospeito parece ser algum juramento ou pazes feitas por alguns reis antigos, e por memoria fôrão metidas duas, e outra está caida junto dela, que, ainda que está cuberta de terra, descobre mais de trinta pés, e ao derredor delas, um tiro de pedra, vão outras postas á mão, muito mais piquenas, que parecem testemunhas. Cada um tenha o que milhor lhe parecer, porque esta decraração não fiz pera mais que pera os que a não vírão saberem porque se chama Pedra Alta.

Tornando ao conde, que ao pé dela estava arrimado a Fernão Caldeira, e os [1] outros vinte cinco de cavalo ao derredor dele, e as duas bandeiras com esa pouca cavalgada polo caminho da vila, em a qual estava já Fernão Coelho morto e alguns de cavalo ás portas, e outra jente a fio, e querendo-se poer o sol, da Pedra Alta, donde o conde estava, vírão polo Furadouro d'Almenara asomar, através da Pedra Alta, dous e tres e quatro de cavalo; e, parecendo ao conde que alguns dos seus se avíão apartado a montear, ouve menencoria, dizendo que não tínhão vergonha, pois em tal dia íão a montear, e logo mandou a João Díaz, seu criado, os fose conhecer; e, partido João Díaz pera os que pareciáo no Furadouro d'Almenara, logo o conde se pôs a cavalo, e posto a cavalo vírão outros mais, e tomando um troto vírão a jente que toda vinha á longa, e vendo alguns homens, de que não fazia muita conta, os mandou na dianteira, dizendo-lhes: «Não pareis até a vila e dizei que me acúdão e tornem pera mim» ; e, chegando ao adail Fernão Mazcarenhas, o leixou na traseira e foi andando até chegar ao gado; e vendo-se já groso com obra de cento e cincoenta de cavalo, mandou a Francisco Lionárdez, seu criado, com recado ao adail que andase e se ajuntase com ele. Chegando e dando o recado ao adail, lhe respondeo: «Iso será, em que nos pés, porque esta jente chega muito brava e faz-nos andar mais do que eu queria; e contudo dizei ao conde que eu farei o que manda, e que esta jente vem de muito lonje e muito cansada, porque trazem os rabos dos cavalos muito compridos e vem aparelhados pera cobrarmos o desta menhã» : palavras ditas de pesoa em que bem cabia o cargo de adail que tinha. Francisco Lio-

1. os] aos A.

nárdez não tornou com o recado, antes ficou com o adail, lugar dos semelhantes, porque já a este tempo vínhão com o adail mais de cento de cavalo, mouros, e quando se ajuntou com o conde érão já mais de dozentos, e quando o conde chegou á Aldea Velha, posto que ja tinha mais de trezentos de cavalo, e os mouros érão bem quinhentos, e como o conde fez algũa detença, por que a cavalgada andase, os mouros começárão arremesar e ferírão tres ou quatro cavalos. Não sei quem dise ao conde: «Senhor, tempo é já pera volta», ao que respondeo: «Não tenho de voltar sem bandeira, deixai chegar a bandeira e eu vos fartarei de pelejar». Vendo Dom André Anríquez dous homens de Tanjere feridos, dise: «Senhor, que fazemos que não voltamos com esta jente?» Respondeo-lhe o conde: «Já tenho dito que sem bandeira não poso fazer nada, dai-me as bandeiras desta jente e eu vos fartarei de pelejardes». Não lhe soubérão bem estas palavras a Dom André, e apartando-se começou a chamar pola jente de Tanjere: «Cavaleiros de Tanjere, chegai-vos a mim». A estas palavras o conde começou [a] [1] chamar por ele: «Senhor capitão, ah [2] senhor capitão!» ás quais palavras Dom André não acodio, por não ouvir, ou por não querer. Vendo o conde que não lhe respondia, cheio de colera se chegou a ele, remetendo, e, com palavra aspera, lhe dise: «Não creio em tal, se homem se aparta da ordem que levo, se a vós não encontre polos olhos, e logo vos metei na jente». Dom André, vendo o conde agastado, sem dizer palavra, se meteo com ele na ordem da jente.

Tãobem a este tempo chegou Diogo Botelho, o qual por ser já homem carregado vinha na dianteira em ũa sua azemela e um seu escravo Francisco, que depois foi barbeiro, lhe trazia o cavalo a destro, e tendo o rebate se pôs a cavalo e tornou em busca do conde, e, chegado a ele, lhe dise: «Senhor, aqui me tendes junto convosco». O conde lhe respondeo: «Diogo Botelho, não quero senão que façais o que eu faço, que é andar, que quando for tempo eu vos chamarei; que o dia d'oje não ha d'aver cousa furtada, que o dia é de todos; e vendo que vós andais nenhum deixará de andar e não se perderá o tempo»: «Em nome de Deos», dise Diogo Botelho, «que todos faremos o que mandardes». A este tempo cerrou a noite, e o conde pôs toda sua jente em duas batalhas e, com sua cavalgada diante, vínhão a paso cheio, caminho da vila.

Estes mouros, que chegárão ao conde, érão d'el-rei de Féz, o qual vindo sem algum o saber a correr Arzila e Tanjere, como muitas vezes o fazia, chegou aquela noite á Pontinha, ũa legoa d'Alcacere pera Arzila; e, estando esperando polo alcaide d'Alcacere, lhe dérão rebate que os capitães érão entrados e levávão toda a aldea e muito gado, e sem mais esperar se pôs a cavalo e partio caminho d'Arzila a tomar-lhe a dianteira; e afírmão que naquela corrida de sete ou oito legoas arrebentou el-rei tres

1. [a] *f.* A. — 2. ah] há A L.

cavalos e se rebentárão mais de dozentos na corrida, e estes que chegárão ao conde fôrão todos os que pudérão chegar, e vínhão tão cansados que se o conde voltara com eles nenhum se salvara e todos se perdêrão por falta dos cavalos; mas o conde, como eicelente capitão, não quis dar em jente sem bandeira, nem sem cabeça, pois parecia dianteira de mais jente, e não quis romper naqueles e ir dar na força da jente, como aconteceo a Luis de Loureiro, quando se perdeo em Tanjere com oitenta de cavalo que consigo tinha, deu em dozentos que a ele chegárão, sem resguardar que podia ser mais jente, e rompendo aqueles em que deu foi dar nas bandeiras que vínhão cerradas com a mais jente, donde se perdeo com sesenta de cavalo, e destroio Tanjere e deu animo aos mouros pera cometerem e desbaratarem a Luis da Silva, como depois desbaratárão. Tornando aos mouros, tanto que vírão ser noite e a ordem que o conde trazia, e vírão que não chegava mais jente e que seus cavalos não podíão consigo, e que se o conde pelejase não avia neles resistencia, se leixárão ficar e não pasárão da Aldea Velha; e o conde com sua ordem chegou á vila, sem deixar vaca, nem boi, dos que trazia, ainda que era muito pouco, porque seríão até cento e cincoenta cabeças maiores e quatrocentas de gado meudo, e dez ou doze mouras, que todas não valíão ametade de um dos que lá ficárão.

El-rei, tanto que vio os capitães em salvo e que não pode mais do que fizera, se foi apousentar no outeiro das Vinhas, caminho de Tanjere, pondo suas guardas derrador da vila e derrador de si, donde esteve vinte dias; e, entrando o inverno e chovendo, os alcaides lhe disérão que por de mais era estar esperando, porque o conde não avia de deixar ir jente de Tanjere sem ter nova que ele era tornado pera Féz e os alcaides estávão em suas casas, e de tudo avia de ter lingoa e mandar atalhar o campo d'Arzila, e outro tanto fazíão os de Tanjere, e que entre tanto que isto não fizese não avíão de sair d'Arzila; el-rei, com isto e com o inverno entrar, se recolheo; e, tendo o conde nova que el-rei era ido de um mouro de nova, mandou atalhar o campo, e por Tagadarte [com dous barcos] [1], que da vila fôrão a os pasar, se fôrão em salvo, tendo já mandado Dom André as almas que da sua parte caírão em ũa nao francesa que de Arzila foi pera Tanjere.

Desta cavalgada recebeo Arzila muito grande perda, em perder tres pesoas tão principais e honradas, porque Alvaro Vaz o aviamos já por natural, e Fernão Coelho, por ser filho de Estêvão Coelho, alcaide-mór da vila, de quem já tenho feito menção, e por ser pesoa muito honrada e muito cavaleiro, e já casado, era de todos muito bemquisto e amado, e Pero López d'Azevedo, morador antigo, que com o oficio todos recebíão dele boas obras, como atrás fica dito, ao tempo que lhe dérão o oficio.

1. [com dous barcos] *f.* A.

Sabida a morte de Pero López, el-rei deu o oficio de contador a um seu filho de pouca idade, e que por ele o servise Fernão Caldeira, o qual como era muito cavaleiro e muito asparo, asi o foi no oficio de contador; e por esta causa muitas pesoas não devem tomar carregos e oficios em que mostrem suas condições e fiquem mal com seus amigos, ainda que a mim me parece que em tempo de Fernão Caldeira não era o rejimento de contador tão largo e favoravel como o tivérão os contadores em tempo d'el-rei Dom Manoel, que santa gloria aja. Pasadas estas cousas tão asinaladas, como a morte de Arroaz e de Pero López d'Azevedo, não se leixou de fazer a guerra com almogavares, em que acontecêrão algũas cousas, as quais não se podem todas escrever por aver muita meudeza nelas, sómente direi como neste tempo começou Amelix, o qual sobrepujou Arroaz.

CAPITULO LIX

Dalgũas cousas que acontecêrão feitas por almogavares de ũa parte e da outra

Em este tempo começou a florecer Amelix, natural do Farrobo, polo qual se pode muito bem dizer que em noso tempo se não vio cavaleiro de ũa lança mais ousado, nem mais liberal, nem que mais guerra fizese a todos quatro lugares, especialmente a Arzila e a Tanjere, dos quais ha fama antre nós que levou cativos mais de cem homens de cavalo e outros de pé no tempo que viveo, e fez a guerra seis anos; e não levou homem cativo que o não tivese dous ou tres dias em sua casa, e o banqueteava, e, depois que os levava a Mulei Abrahem, todo o que lhe cabia de sua parte e lhe dávão el-rei e Mulei Abrahem e outros alcaides partia polos cativos cristãos, especialmente polos que ele tomava, polas quais obras não vinha cativo que não disese bem dele; e contudo não deixava o conde de buscar todas as artes e maneiras que na guerra avia pera o tomar, sem o poder aver, escapando-lhe muitas vezes dantre as mãos; e depois veio a se perder em tempo de Antonio da Silveira de muito cavaleiro, cometendo cousa sem rezão, como em seu lugar direi, Deos querendo.

Começando Amelix a fazer a guerra, logo começou a ter fama polas muitas vezes que vinha entrar, asi a Arzila como a Tanjere, tomando atalaias e correndo-lhe quando íão descobrir e salteando-lhes estando já em seus postos; e muitas vezes, andando o conde a monte, se vinha de milhora, e como se homem apartava logo era tomado; e isto podia fazer, por do Farrobo não aver á vila pouco mais de quatro legoas, e tinha suas atalaias e atalhadores sempre largos; e como o noso campo andava largo,

logo tinha aviso e, por encubertas, se melhorava, de maneira que sempre se recebia dano dele e dos que em sua companhia andávão, que nunca pasávão de vinte de cavalo, com os quais avia poucas semanas que não entrase em noso campo ou no de Tanjere. E querer escrever todas as cousas de Amelix seria enfadamento, e tãobem seria imposivel lembrarem, pois pasa de corenta anos, sómente irei contando algũas cousas asinaladas feitas por ele, asi como vou polos anos; e porque logo no principio, correndo um dia após as atalaias d'Alecasapo e não podendo tomar nenhũa, se enlevou tanto trás elas que, quando se quis recolher, érão já junto com ele mais de quinze de cavalo, e com favor do adail Fernão Mazcarenhas, que era daquela parte, os quinze de cavalo voltárão com ele e o seguírão e pasando o porto do Amame e os Barreiros; e, vendo Amelix que os nosos íão á longa, voltou [com] [1] os dianteiros, na qual volta matou duas atalaias, que érão os dianteiros, ũa chamávão por alcunha o Grou, muito valente homem e com muitos filhos, o qual presumia tanto de valente homem que em quantas cousas se achava era o primeiro, e avia pouco tempo que viera de Tanjere, e dizia que não viera por mais que por se topar com Amelix, e daquela volta matou a outro seu companheiro, que avia nome Luis de Veiros; e, mortos estes dous homens bons cavaleiros e das milhores atalaias que em Arzila avia, lhes levou os cavalos, sem lhes poderem ser bons os companheiros, porque vendo fazer volta aos mouros todos virárão fojindo, e o Grou e seus companheiros, vendo voltar Amelix, lhe pusérão as lanças na adarga e, por irem sem armas, todos pusérão as lanças neles. Com este feito se recolheo Amelix, sem receber dano, e com este feito lhe ficou animo e ousadia pera cometer outros maiores, que ao diante se dirão.

Tãobem os d'Alcacere Quebir não estávão de vagar, que tendo almocadens velhos e de muito saber, que era o xeque Benaravia, que avia estado cativo e se perdeo o dia de Vasco da Silva, elche, e outro que avia nome Zanaca, os quais, vindo ambos e cada um por si dávão muito trabalho, porque não entrávão senão com muita segurança; e ũa vez, estando as atalaias tomadas e todo o campo seguro, porque depois de estarem as atalaias em seus postos não podia entrar jente por antre ũas e outras; antre as atalaias avia dous primos, os quais se chamávão os Araujos [2], e, por serem parentes e amigos e casados com duas irmãs, andávão ambos juntos na atalaia, os quais, por serem homens de muito recado e trazerem os milhores cavalos que em Arzila avia, muitas vezes avíão escapado, saindo-lhe muitas vezes mouros, asi em tempo de Arroaz, como de Amelix, de maneira que andávão em fama; — estando estes dous primos na Atalaia Ruiva, um dia deste verão pasado, se veio Zanaca, almocadem d'Alcacere, melhorando ao Jiestal, lugar donde bem podia ver

1. [com] *f.* A. — 2. Araujos] Caraujos B L M; Caravios N.

aos que estávão na Atalaia Ruiva, e, conhecendo polos cavalos ruços que érão os Araujos, não quis esperar a que na melhoria da tarde os fose descobrir e detreminou de os vir saltear a pé; e, vendo o campo todo sosegado, fez decer oito homens e com duas espingardas se viérão com as barrigas polo chão, e tomando o corrego da Fonte se viérão por ele até se poerem no sobaco da Atalaia; e vendo os Araujos andar paseando sosegados, e, virando as costas, remetêrão a eles com ũa grande grita e, desparando as espingardas, lhe fizérão fojir os cavalos, e ficando a pé se não pudérão valer das lanças e fôrão tomados ambos de dous; e, vendo o campo sosegado e os cavalos que logo estivérão quedos, os fôrão tomar, e dando o facho rebate e saindo o conde a repique não lhes pode valer, e asi os mouros se fôrão muito contentes por levarem duas atalaias das milhores e de mais recado que na vila avia e os milhores cavalos da vila. Esta perda se sentio muito e as atalaias ouvérão muito medo, por lhes parecer que estes dous cavalos érão bastantes pera os alcançarem, e não correrem atrás atalaia que não tomasem, mas Deos o fez milhor, que, como fôrão antre mouros, ficárão como os outros; e viemos de [1] ter por certo que cavalos de trigo tem mais força que os de cevada, e depois a estes tão afamados cavalos lhe fojíão outros que não érão tão lijeiros como eles.

Pola perda destes Araujos ordenou o conde meios dias. No verão costumávão as atalaias, depois que descobríão seus postos, estar neles até que á tarde se recolhia o campo; e no verão, posto que todo o campo se recolhese, todavia, ficávão as atalaias fora. O conde ordenou que viesem ter a sesta á vila e, posto que era mais perigo seu, avíão por milhor tornar ás tardes a descobrir que estar toda a calma aos atabões [2] e ás moscas, e com vir tres e quatro oras de sesta á vila folgávão, e seus cavalos estávão descansados e não sentíão o risco, nem o trabalho, e, quando vinha a [3] tarde, íão acompanhados de muita jente, que tãobem ia polas tardes fora.

1. de] a BN L M. — 2. atabões] taváos B N L M. — 3. a] á A.

CAPITULO LX

De cousas feitas polos nosos almogavares e alguns mais que neste tempo socedêrão

Já tenho contado duas cousas que almogavares mouros neste tempo fizérão; parece-me razão contar outras duas feitas polos nosos pera os igualar e sobrepujar; e começando em Pero de Meneses, tomando dezasete de cavalo, em que ele tinha devação, quando ia a Alcacere ou á Ponte, e, com estes dezasete, pasando a ribeira da Ponte, por parte onde não avia guardas, foi ter ante-menhã á Pontinha, ũa legoa d'Alcacere, e rompendo a alva se veio polo descuberto, nem sem fazer rebate; e alguns que o víão ir da cidade, parecendo-lhe que era jente que o alcaide mandava a algum negocio á Ponte, se deixárão estar; desta maneira chegárão á Ponte, donde o saírão a receber tres de cavalo, que avíão ido tomar fala das guardas de pé, e, achando que não avíão sentido nada, avíão feito sinal, e com este sinal érão já levantados os fachos até Alcacere, e todas estas tres legoas estávão já seguras. Chegados os tres de cavalo junto com Pero de Meneses fôrão logo tomados e, com algum reboliço que se fez, os mouros de pé dérão consigo na ribeira. Pero de Meneses, tanto que vio que as guardas de pé se lançávão á ribeira com rebate, se lançou a eles, e da ribeira tirárão outros dous, e, andando buscando os outros, ouvio a bombarda do rebate em Alcacere, porque outras guardas, que ao longo da ribeira andávão, estávão esperando por tomar lingoa destes que cuidávão que vínhão d'Alcacere; e, vendo o reboliço e andar ao longo da ribeira, sospeitárão o que era, e, tomando o rebate, fizérão os fogos acostumados, e logo os fachos, que estávão á vista da Ponte, fôrão derrubados, e os da Pontinha e outros que estão á vista d'Alcacere, e tomando em Alcacere o rebate tirárão a bombarda de rebate, a qual Pero de Meneses, como ouvio, posto que de Alcacere á Ponte ha tres legoas, fica Algarrafa e outras aldeas ao través, em as quais podia estar guarnição e com o rebate lhe sair diante; e, como pesoa esperimentada neste negocio, fez tomar os dous mouros nas ancas e, tomando um troto, depois que pasou a Ponte, não parou até a varzia de Taurete e dahi até a fonte do Zambujeiro, duas legoas da vila, donde dérão folga a seus cavalos, e eles descansárão e comêrão, e muito de vagar se viérão á vila com tres mouros de cavalo e dous de pé. O alcaide saio ao rebate até chegar á Ponte, e, sabendo o que avia pasado e como Pero de Meneses levava cinco mouros e tres cavalos, e o espaço que avia levado, se tornou pera Alcacere.

Não se contentou Pero de Meneses com este feito de trazer cinco

mouros d'Alcacere, dos quais tendo boa nova, e que não avia guarnição, pedio licença ao conde pera tornar fora; e logo ao outro dia com trinta de cavalo, vindo em sua companhia Antonio Coutinho e Artur Rodríguez, ambos mouriscos e almocadens, foi entrar na boca de Lião [1], aldea que o conde de Borba tomou, e em aquela boca tomou duas mouras e um golpe de gado vacum e meudo, que o vacum pasava de cento e cincoenta cabeças e o meudo mais de quatrocentas; e com esta boa presa se recolheo sem contraste.

Neste tempo, antes ou depois, pasando estas cousas, Artur Rodríguez, já casado, requeria licença pera ir fora; e, alcançada, se foi caminho da Ponte, e, chegando á fonte do Zambujeiro com vinte de cavalo, donde ceárão, e sendo ainda muita parte do dia por pasar, partio pola estrada d'Alcacere; e, por aver da fonte a Taurete ũa grande varzia de mais de ũa legoa, toda descuberta, e os podíão ver de muitas partes e de todo o Soveral, o qual dava vista á estrada, todos os que com Artur Rodríguez [vínhão] [2], não pudérão sofrer-se que lhe não disesem que íão muito mal, por irem tão descubertos, e que se devíão de tornar. Artur Rodríguez se mostrou muito agastado, pedindo-lhes, polo amor de Deos, não se tornasem, porque era deshonrá-lo; e polo não descontentarem fôrão adiante, e, sendo de noite e fazendo luar muito craro, chegárão ao poço de Fernão de Xira, ũa legoa da Ponte, e estando junto com o caminho alguns de cavalo chegárão ao poço a beber, e não achando agoa pera beber se ajuntárão alguns dez de cavalo, entre os quais foi Francisco Lionárdez, filho de André Lionárdez, juiz d'Arzila, e criado do conde, que oje tem ũa comenda junto d'Aveiro; o qual Francisco Lionárdez, vendo que a agoa não estava boa, saio á mão ezquerda diante todos os do poço, e como foi só ouvio a Gaspar Caldeira, de quem já tenho feito menção, que lhe cativárão molher e filhos com Gonçalo Vaz, o qual ia diante, dizer: «Santiago!» e, pondo Francisco Lionárdez os olhos num cardal, vio ir branquejando por ele, e dizendo: «Santiago!» remeteo, e, indo polo cardal, conheceo que érão homens de pé e, chegando a eles, tomou um mouro, e [a]hi [3] tomou outro Bertolameu Rodríguez, do conde, e outro tomou Gaspar Caldeira, de maneira que de quatro mouros que érão tomárão os tres e um se quebrou [4] no cardal, de maneira que o não achárão.

Preguntados estes mouros o que fazíão e donde érão, disérão que estava á Ponte cide Bojima Benhaulá, meio irmão do alcaide, com cento de cavalo, e avia tres dias que esperava por Pero de Meneses que fose entrar, e que eles érão guardas que, estando sobre o caminho em Taurete, os vírão e, por se afirmar e saber o caminho que levávão, os viérão

1. de Lião] d'Alião BM; do Leam N; *ilegivel* L. *Na p. 96, l. 33 e p. 208, l. 4, chama-se-lhe* Aliom; *mas p. 215, l. 27* corrego de Lião. — 2. vínhão] *f.* A. — 3. [a] *f.* A. — 4. se quebrou] se escondeo B; foi escondido NM.

esperar áquele poço, donde os achárão. Artur Rodríguez tendo esta nova, tomando os tres mouros nas ancas dos cavalos, [ele e os companheiros] [1] se dérão tanta présa que chegárão á vila antes que fose menhã.

Esta almogaveria, posto que saio bem, pôs a Artur Rodríguez em muita sospeita, dizendo muitas pesoas contra ele que os levava vendidos, e que não pasara aquela varzia de Taurete de dia senão porque os visem. O conde o desculpou, dizendo que a ida fora foi por seu mandado e que Artur Rodríguez não sabia de sua ida, e que ele o mandou poer a cavalo quando lhe pareceo tempo, e o desagastou louvando o que outras vezes tinha feito; e, postos os mouros em pregão, os comprou todos tres um castelhano, que se chamava Chinchila, que tinha um filho cativo em poder do alcaide d'Alcacere, donde estes tres mouros érão; e o alcaide o não quis dar, antes lhe pedio o proprio resgate e os tres mouros em cima, e os teve muitos anos e depois os resgatou e tirou o filho por resgate de dinheiro: o que se devem de guardar todas as pesoas que tiverem em cativeiro algum de não comprarem mouro pera o tirar por ele, porque logo pedem o propio resgate e em cima o mouro; e desta maneira sei acontecer a algũas pesoas que, tendo cativos pera tirar, comprárão mouros e depois lhe pedíão o mouro que comprávão em cima do que antes pedíão, como aconteceo a Afonso Pírez que, tendo a seu filho, João de Deos, cativo, comprou um mouro honrado que podia dar por João de Deos e nunca lh'o quisérão dar por o mouro, e foi necesario dar dinheiro em cima; e outro tanto aconteceo pouco tempo ha á sogra de Bras Pinto, criado de Dom Manoel Mazcarenhas, capitão d'Arzila, que pera o resgate do dito Bras Pinto comprou um mouro honrado por nome Altaci, o qual muito bem pudera dar e nunca o quisérão dar por ele, e esteve cativo quatorze anos, como adiante direi. Trouxe isto asi que quem tiver cativo não compre mouro pera dar por ele, antes o tire a dinheiro.

CAPITULO LXI

De como se veio um sobrinho ou parente de Pero de Meneses tornar cristão e dise que almogavares érão entrados e o conde lhes armou e os tomou

Pasando todas estas cousas atrás contadas, se veio tornar cristão um moço, parente de Pero de Meneses, o qual era natural de Benarróz; e, chegando ao conde, dise que de Benarróz érão entrados quinze ou dezaseis de cavalo, os quais se concertárão no çoco de Benarróz e dele

1. [ele e os companheiros] *f. em todos os mss.*

partírão a vir tomar ũa atalaia, e que ele viera á vista deles todo aquele dia e noite e os deixara do Xercão pera dentro. O conde mandou logo chamar ao adail Fernão Mazcarenhas e a Pero de Meneses e, dando-lhe a nova do moço e falando com ele, Pero de Meneses conheceo quem era e que era seu sobrinho; e, tomada a enformação do moço e dando-lhe credito, o conde ordenou logo com o adail e Pero de Meneses como lhe armasem, e, polo caminho que o moço dise que eles trazíão, pareceo ao conde que podião estar em Alecasapo ou no Pereiral; e, com a milhor ordem e maneira que lhe pareceo, mandou ao adail que com trinta de cavalo fose dando costas ás atalaias d'Alecasapo e da Aldea Velha, e a Pero de Meneses que fose com os outros trinta pola varzia do Corvo e tomase a ribeira de Redemoinhos, e quando desem o rebate fizese por se poer diante dos almogavares; e com isto ordenado mandou ir as atalaias diante, e o conde com toda a mais jente se foi trás Pero de Meneses, por ser aquele caminho mais encuberto; e indo as atalaias descobrindo por sua ordem, como tínhão de costume, lhe saírão os mouros de antre ambas as varzias, e, pasando após elas a ribeira de Bugano, se achárão com Pero de Meneses, que era tanto avante como eles, e logo caminho do porto do Pereiral fôrão alcançados os mais deles, e alguns que fojíão pera Almenara fôrão atalhados polos do adail, o qual, como ouvio o rebate e vio donde era, correo até os Codesos e, carregando á ribeira de Redemoinhos, lhe saírão diante, de maneira que todos se perdêrão, e o conde se recolheo muito contente em não escapar nenhum. Antre estes veio um mouro honrado de Xexuão, e não sou lembrado do nome dele, nem m'o sabem dizer, porque, neste feito Luis Valente, de quem eu me ajudo, não foi nele por ser em Tanjere.

Tornado o conde á vila e vendidos os mouros e cavalos, o moço tornou o conde cristão e lhe pôs nome de Pero de Meneses, como a seu tio e padrinho, o qual sobrenome de Meneses logo se lhe perdeo, por ninguem lhe chamar senão Pero da Nova, e com Pero da Nova foi chamado até que morreo, e lhe deu um cavalo dos mouros tomados e cincoenta cruzados, e Pero de Meneses o recolheo pera sua casa, donde esteve honradamente como sobrinho de tal homem, até que faleceo a poder de mouros, como direi.

E pois falei em Pero da Nova irei com ele até o cabo o mais breve que puder. Pero de Meneses o recolheo pera sua casa e o trazia consigo, asi na vila como no campo, levando-o consigo ás almogaverias, das quais avia sua parte, e andava bem vestido e luzido e de todos bemquisto; e, pasando dous ou tres anos que em Arzila estava, se veio a fazer robusto e rijo, e das cores era pretelhão, e se veio ajuntar com outros dous ou tres negros que em Arzila andávão, mouriscos, e com estes negros se foi fora; e achado menos pôs muito espanto a todos, dizendo que se fora pera os mouros, o que se não podia crer, por muitas rezões, ũa por ser sobrinho

de Pero de Meneses e por ser muito omiziado, e a outra por deixar o cavalo e vestidos e mais de cincoenta cruzados em poder de seu tio. Desaparecido ele e os negros, depois de quatro ou cinco dias tornárão com dous mouros que avíão tomado, com a qual vinda toda a vila folgou e o conde mais que ninguem, e todavia os prendeo por irem sem sua licença, e Pero da Nova se desculpou, dizendo que avia pedido licença e que lh'a não quisera dar o conde, e que, por mostrar a vontade que tinha de fazer guerra aos mouros, se confiara dos negros, dos quais conhecia terem a mesma vontade, e o conde os mandou soltar e lhes deu licença que vendesem seus mouros, e vendidos repartírão seu dinheiro antre si; e não contentes com este só feito, pedindo licença, fôrão outras vezes fora e em algũas delas tomárão presa, trazendo um mouro, outras nada, de maneira que, seguindo este oficio mais de um ano, viérão a cair e se perdêrão, porque, estando já os mouros escandalizados e avisados de como Pero da Nova e dous ou tres negros avíão trazido cinco ou seis mouros, andávão tão sobreaviso, especialmente da outra parte do rio de Larache, donde eles mais continoávão ir, fôrão sentidos, e tomando um, que andava espiando, dise donde os outros estávão e fôrão dar com eles e os tomárão todos quatro e os matárão; e desta maneira se perdeo Pero da Nova, depois de tres anos que avia vendido os almogavares pasados.

Neste meio tempo correo jente grosa pola parte do Rio Doce, a qual jente érão os alcaides, e, não fazendo por aquela parte nada, fôrão dar na praia com Roque Ravenga, criado da molher d'Estêvão Coelho, alcaide-mór, do qual Roque farei ao diante muita menção, por ser homem do campo e muito bom almocadem, o qual vinha com o rebate de Santa Caterina, e com ele vinha João de Sousa, de quem já tenho dito que fujira de Larache, quando o cativárão com sua molher e filhos. Vinha Roque Ravenga a cavalo e o João de Sousa a pé, e vendo já os mouros ao Rio Doce, e que érão diante deles, o Roque tornou pera trás pola praia e se foi embrenhar no daroal de Tagadarte, donde escapou, ainda que lhe levárão o cavalo, e o João de Sousa se lançou ao mar, e por andar o mar picado e ser o vento da vila, e por não poder trazer o rosto na vila, por o mar lhe dar nele, como navio que não podendo ir por diante e arriba á popa, asi arribou ele caminho de Tanjere, indo os mouros pola praia á sua vista até Tagadarte, donde polo rastro fôrão dar com o cavalo de Roque Ravenga, e João de Sousa pasando o rio saio em terra e descansou e esteve até noite, que tornou a pasar o rio e se veio á vila, e outro tanto fez o Roque, com a vinda dos quais toda a vila folgou, porque já Roque neste tempo andava na atalaia e mostrava o pera que foi.

Amelix, que na dianteira desta jente vinha, pasando-se da outra parte do Facho com alguns companheiros, foi ter ao mar e de cima da rocha vio dous homens que estávão pescando ás çalemas e decendo-se com quatro ou cinco foi ter com eles, sem serem vistos, até os tomarem polos

cabelos; e dizem que, chegando a eles, disérão [a]os[1] mouros: «Abaixai-vos, não façais sombra». Tomados estes dous homens e trazidos acima da rocha, donde os outros estávão com os cavalos, querendo-os atar com um cabrestilho, um deles, que era João Fernândez Rapa-pelo, deu um tirão e, deixando um golpe de cabelos na mão do mouro que o tinha, se deitou pola rocha abaixo, e chegando ao mar se lançou nele; e, posto que alguns mouros se lançárão trás ele, nenhum ousou chegar a ele e vindo nadando até a vista da vila, donde se salvou; os mouros se recolhêrão pera suas bandeiras, levando o outro cativo, que era João Godinho, medidor do celeiro, muito bom homem e bemquisto, e mais por ter ũa honra da molher, que se chamava Violante Gonçálvez, que nos cercos pelejava e servia mais que outros homens, asi com as armas como em outros beneficios de molher, acodindo com ovos, azeite e cousas necesarias em tal tempo, por amor da qual o conde o mandou resgatar, e dera por ele muito mais do que dérão, por ele ser abastado pera aquela terra, e por ele e sua molher serem tão bemquistos como érão. Desta vez, Deos seja louvado, não fizérão outro dano que levarem este João Godinho e o cavalo de Roque; e com isto pasarei, Deos querendo, ao ano de vinte.

CAPITULO LXII

Como no ano de vinte se fizérão em Portugal quatro galés que andárão naquele verão no Estreito, e asi da feitoria que aquele ano foi a Arzila

Antes que nas cousas da guerra entre e nas entradas e corridas feitas em Arzila, asi da nosa parte como da dos mouros, costumo contar algũa cousa que no tal ano pasou; e, porque neste ano de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e vinte el-rei Dom Manoel, que santa gloria aja, mandou fazer quatro mui poderosas galés e providas de muita e boa artelharia e de muito boa jente, asi fidalgos como criados de sua casa, e por capitão jeral delas ordenou Dom Pedro Mazcarenhas, irmão do capitão dos jinetes, o qual aquele ano andou nelas por guarda do Estreito, trazendo outras cinco caravelas d'armada no Estreito, [direi a razão][2]. O porque el-rei, noso senhor, mandou esta armada tão grosa, foi por aver nova certa que Barba Roxa, turco, avendo-se apoderado da cidade d'Arjel, no reino de Tremecem, se avia feito poderoso cosairo no reino de Valença e Catalunha e em outras partes da cristandade, tomando muitas presas, saqueando muitos lugares, levando muitos cativos, homens

1. [a] *f.* A. — 2. [direi a razão] *f. em todos os mss.*

e molheres e creaturas [1], com que fazia aquela cidade nobre e rica, e intentava vir aquele ano ao Estreito, como já outra vez viera no ano de dezasete; o qual tendo nova desta grosa armada não ousou de vir, porque neste tempo a força sua era pouca, por seus navios e os de Bélez e Tetuão serem todos galeotas e fustas e bargantins, e não aver uso de galés grosas, como agora úsão e trazem. Pois Dom Pedro Mazcarenhas, andando todo o verão no Estreito e sem lhe soceder cousa que se posa escrever, se veio invernar a Lisboa.

Tãobem neste ano de vinte, el-rei noso senhor mandou a Arzila ũa mui grosa feitoria de mui grosas mercadorias, asi de panos, lenços, sedas, barretes, pera os moradores de todos quatro lugares se pagarem, como de muito lacar, alaquecas, bordates [2], especearia, pera se vender [3] aos mouros e judeus que á vila quisesem vir mercar, e mandou que Francisco Ribeiro fose feitor dela, o qual Francisco Ribeiro já a este tempo servia de almoxarife dos mantimentos, e por escrivão foi Thomé Rodríguez, moço da camara d'el-rei, e por provedor da feitoria e de todos os quatro lugares Arzila, Tanjere, Cepta, Alcacere foi João Queimado, pesoa muito honrada e sesuda, irmão de Vasco Queimado, feitor da casa da India, e pera serviço da feitoria foi Vasco Fernândez Cesar, por capitão de ũa caravela d'armada, que foi a primeira que no Estreito andou servindo aos lugares, e depois que vírão ser cousa necesaria provêrão outra caravela, em que que foi João de Valadares, criado do conde de Borba, e dahi pera cá sempre servírão no Estreito duas caravelas d'armada, as quais dúrão até oje.

E porque no serviço e ordem dos capitães daquele tempo aos d'agora ha muita deferença, muito quisera poder louvar os primeiros e segundos e outros que os socedêrão sem praguejar dos d'agora, porque eu pasei muitas vezes nestas caravelas d'armada, que pera serviço dos lugares e pera segurança dos navios de trigo e dos que pasasem pasajeiros que no Estreito andávão, asi na caravela de Vasco Fernândez Cesar, a quem nenhum se igualou, e em Bastião Nûnez, Pero da Costa, Bastião Coelho, Lopo Mêndez Berrio, os quais todos e cada um deles, os pasajeiros que em seu navio pasávão á sua taboa e mesa comíão um pouco de bizcouto e ũa posta de carne salgada ou pescada, e asi eles capitães como os pilotos e mestres das caravelas recolhíão um saco ou dous de trigo ou bizcoito, e o morador ou pasajeiro levava sua provisão, érão tão sómente isto senão outras cousas de mór trabalho e risco, que a mim pasou Bastião Nûnez um cavalo e outro a João Vaz Aljofarinho, meu compadre,

1. creaturas] crianças B N L M. — 2. bordates: *capas de lã grossa para agasalho ou manta para cuberta da cama. Veja-se Dozy, Dictionnaire détaillé des noms de vêtements chez les Arabes,* p. 59-64. — 3. lacar... pera se vender] lacar, a...... bordates, especearia...... casa da India pera se venderem L; lacar, canequins, caças e açucares, especearia, drogas da casa da India pera se vender B N M.

tomados no porto de Santa Maria, ajudando ele capitão e os mais da caravela a os guindar e pôr em cima da cuberta, e chegando a caravela junto do arrecife, pera que com menos trabalho saisem os cavalos, sem por isto esperarem ũa galinha de peita, nem um jantar de carne de monte, que era o mais com que os podiamos servir; e os capitães que oje servem, primeiro que o pasajeiro entre ou embarque um saco de trigo lhe fazem pagar o frete, e o pior que é que sendo eles capitães d'el-rei, noso senhor, e as caravelas d'el-rei e os lugares d'el-rei e os pasajeiros d'el-rei e o serviço que vão fazer a el-rei, eles os trátão como a estranhos, não se contentando de levar a um homem um tostão, como sempre foi e é costume, lhe lévão um cruzado, e por um fardo quinhentos reais e outro tanto de peita ao mestre e piloto, por que os tomem, e aos marinheiros que o guindem e ao dispenseiro que o agasalhe e ponha em bom lugar e donde o não ábrão e lhe furtem o que dentro vai, porque até o soldado, se lhe pôs a mão, pretende o interese e paga, e se lh'a não dão vêjão ao tempo do desembarcar o que áchão; finalmente, entendo que aos capitães destas caravelas, no principio lh'as dávão pera que, servindo nelas, merecesem muita mercê a el-rei, noso senhor, e aos que agora lh'as dão é pera lhes pagarem algum serviço, se o tem feito, á custa dos cuitados moradores d'Africa, ou dos mercadores, que tudo redunda á custa dos moradores que as ditas mercadorias hão-de comprar; e porque isto tudo, aos que em Lisboa estamos, é pubrico, e será notorio aos que o pásão e o vem á sua custa e de suas bolsas, — e com isto me torno á nosa feitoria, que foi causa desta materia e pratica [1].

E, tornando a ela, digo que el-rei proveo que Francisco Gonçálvez, morador honrado, podese tomar da feitoria as mercadorias que lhe parecese que se podíão bem gastar em Féz, como lacar, alaquecas, bordates, barreteria, especearia, e do que por sua mão se vendese ouvese o dito Francisco Gonçálvez tres por cento pera si, e por escrivão deste negocio de Francisco Gonçálvez servise Sancho Rabelo, seu moço da camara e irmão de Simão Rabelo, filhos de Lopo Rabelo, que os mouros matárão

1. *Todo este pargráafo vem assim em* B N L M: E porque no serviço e ordem dos capitães daquele tempo e os d'agora destas caravelas ha muita diferença, porque no principio todos os que andávão nas caravelas fazíão muita honra e gasalhado aos homens que íão pera os lugares, embarcando-lhe seus cavalos e mantimentos, como a mim fizérão sem por iso levarem um jantar, e aos pasajeiros pũnhão a sua mesa e não avia pagar frete de nada, pois tudo era d'el-rei, asi capitães como pilotos, mestres e marinheiros de maneira se lhe dava os cargos que servindo-os esperávão fazerem-lhes mercê; e os d'agora entrégão-se nos fretes de todos, como se lhe fosse dado a caravela a cargo pera fretarem e se enriquecerem com ela e asi todos os dos navios, de maneira que todos pretendem furtar ao pobre do pasajeiro e mercador. Vede quantas diferenças ha nas cousas em 43 anos; muito mais meudesas diria neste caso, mas porque é praguejar o deixo, e me torno á feitoria que foi causa desta materia. *Em* L *só se pode ler parte deste texto.*

no saco e entrada d'Arzila defendendo ũa torre ou cobelo, como já fica apontado no ano de oito; e, porque deste feitor Francisco Ribeiro farei ao diante menção, por crecer em honra e soberba, e querer competir com o conde Dom João, capitão d'Arzila, dizendo que na fazenda d'el-rei não avia de mandar, nem do cileiro do trigo levar mais de seu ordenado, não faltando quem estas palavras afease, não sendo ditas com tão má entenção como ao conde fôrão presentadas, que lhe fizérão fazer o que não era da sua condição, que por ũa piquena culpa se lhe levantou achaque, por onde o prendeo e tomando-lhe conta o mandou preso a Portugal e morreo preso e destroido, — e isto leixarei pera seu tempo e tornarei á guerra, cuja entenção é minha.

CAPITULO LXIII

De como el-rei de Féz correo Arzila saindo da Aldea Velha e não fazendo dano lhe matárão tres mouros ao Rio Doce

E porque neste ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e vinte, em que entendo falar, el-rei de Féz, correo em pesoa duas vezes Arzila, posto que ouve entradas e almogaverias de ũa parte e da outra, e se tomárão presas e atalaias primeiro [1], antre ũa e outra corrida, porei as corridas d'el-rei de Féz primeiro, as quais pasárão desta maneira. El-rei de Féz, com muita vontade de nos danar e fazer dano a Arzila e a Tanjere, deceo abaixo e, como suas vindas érão com muito segredo e manha e artes novas, poucas vezes era sentido, nem se sabia de sua vinda, até nos correr, como fez desta vez que, entrando em noso campo, se meteo em cilada na Aldea Velha, legoa e meia da vila; e, acertando o conde aquele dia querer dar a guarda na aldea d'Alecasapo á lenha e ás canas [2], mandou descobrir a dita Aldea Velha, como é costume ordinariamente, quando se daquela parte dá a guarda, descobrir-se a dita Aldea Velha e os Barreiros, e não pasar o capitão ou o adail dos caminhos ou do porto das Pedras, mandou ás atalaias de Alecasapo se melhorasem e descobrisem a dita Aldea Velha, as quais fôrão por diante fazendo seu acostumado oficio, as quais érão Gômez Anríquez e Pero Pinto, bons homens e bons companheiros; e, chegando á dita atalaia, lhes saio a jente tanta e tão junta e de tão perto que escasamente pudérão virar os cavalos, mas, pondo-se no caminho, como a terra toda é chã e os cavalos bons e bem fartos, tivérão tal manha que nenhum mouro chegou a eles, o que é muito de notar e d'espantar que em tres mil cavalos, que da cilada saião, e sendo a corrida tão comprida e a terra

1. primeiro] *f.* B N M; L *não se pode ler.* — 2. canas] ervas B N L M.

toda larga, não ouve cavalo que os alcançase, e ambas atalaias se mesturárão com o conde ao Rio Doce, vindo ambos os companheiros juntos e os mouros á fala com eles: dizem que o dianteiro era aquele valeroso alcaide Mulei Abrahem, que diante todos saio, trazendo os cavaleiros do Farrobo consigo e em sua guarda, mas que nunca consentio que nenhum pasase por ele, desejando chegar ele ás atalaias e as tomar ambas vivas e as dar de sua mão a el-rei de Féz; o qual dizião que trazia ũa rica saia de malha em cima de ũa marlota azul e ũa adarga de muitos cordões e seu capacete na cabeça, e que vinha dizendo ás atalaias: »Hermanos, no aver miedo de morir oy», mas elas, não curando das ofertas, de quando em quando, dando um açoute aos cavalos, os fazíão ir por diante, de maneira que o conde [1], deixando ao adail Fernão Mazcarenhas na traseira pera favor d'algũa atalaia, se se salvase, — o qual [adail] [2] vendo o muito peso da jente que polo caminho vinha, não lhe parecendo tempo de esperar, se veio pôr sobre o Rio Doce, donde mandou dizer ao conde que a jente era muita e o campo era todo recolhido, e que esperava no Tojalinho até ver se algũa das atalaias érão salvas, — o conde, parecendo-lhe que a jente vinha á longa e que por força avíão de chegar cansados e delgados, e por dar lugar á boiada, que ainda vinha na praia, se deixou estar ao Rio Doce, tendo já consigo mais de dozentos de cavalo, donde lhe pareceo que podia fazer algũa boa sorte; mas, como o adail chegase e o conde vise as duas atalaias salvas e junto de si, foi tanto o contentamento com que os recebeo que logo dise que não queria aquele dia pendença, pois Deos lhe salvara as atalaias, que por perdidas tinha, e sabendo delas e do adail o muito peso da jente que era, e vendo já na praia mais de quatrocentos mouros de cavalo, e que o Tojalinho e caminho todo vinha cheio deles, abrigando-se com o valo se começou a recolher, o que vendo os mouros quisérão logo pegar com ele, mas o conde, vendo-os tão bravos e desejosos de pegarem com ele, não bradava outra cousa senão que andasem, polos tomar no adro ou dos Mastos a dentro, o que mui bem se pudera fazer; mas como Eitor da Silveira, filho do coudel-mór, os vise tão desmandados que chegávão a arremeso, virou contra um mouro e o foi derrubar antre os outros, e asi fez João Fernândez d'Abreu a outro, que vendo virar a Eitor da Silveira, ainda que sem licença do conde, voltou a mór parte da jente e levárão aqueles que mais azedos andávão até os fazer pasar a agoa do Rio Doce, ficando tres mouros na praia; mas já a bandeira de Xexuão era no rio, e junto dela a de Tetuão e a d'Alcacere, e com elas muita jente estivérão quedos, e os nosos parárão e, por não ser tempo de fazer detença, e virando, fôrão tão apertados que foi necesario ao conde acodir com sua pesoa e pôr-se na traseira a muito risco de sua pesoa, e, porque

1. o conde] *f.* B N L M — 2. [adail] *f. em todos os mss.*

todos queríão mostrar-se e ficar com ele, os desonrou, dizendo que ninguem se vendese a ele, que andasem, porque os conhecia a todos, e que andando era o milhor lugar que os cavaleiros aquele dia podíáo tomar; mas com tudo isto os mouros crecíão e os nosos não queríão andar e foi forçado ao conde, mais como bom capitão que como bom cavaleiro, chamar por Diogo Botelho, que já era velho e carregado, e por Fernão Caldeira, e lhes dise: «Ponde-vos nesta traseira, e o que vos encomendo é que não encontreis mouro, senão um par destes fidalgos que se me querem vender», e chamando por Eitor da Silveira e por Dom Manoel, seu cunhado, se pôs na dianteira até pasar os Mastos, donde avia ũa parede de pedra ensosa de um ao outro, e ficou a rua mais estreita, donde o conde tornou á traseira, e dali pera dentro os mouros começárão anteparar, porque a nosa artelharia começava já a mandar contra eles os fruitos acostumados, dos quais ficárão na praia dous cavalos, e despejando a praia se abrigárão trás a nosa jente e ao longo do valo, mas não de maneira que viesem tão grosos que o conde podese dar em ũa bandeira, porque, como achasem portais no valo, pasando-se da banda de dentro, se espalhárão saindo ao outro campo, que, como a jente era muita, em pouco espaço ficou a vila cercada de mar a mar. O conde se pôs no Barreiro, mui contente por não receber dano, sómente alguns cavalos e homens feridos, e ahi pôs culpa a Eitor da Silveira em voltar sem sua licença, porque se a volta fora mais no estreito pudera ser que ficárão meia duzia deles. Dous cavalos se recolhêrão dos que morrêrão ao Rio Doce. El-rei esteve aquele dia no Tojalinho, á vista da vila, e sentio muito não fazer dano, tendo entrado sem ser sentido e tendo o conde a guarda daquela parte, que era o que desejava.

Aquela noite foi Tanjere avisado, asi pola artelharia que prima-noite se tirou e ante-menhã, como por um barco que aquela noite mandou o conde; e, posto que el-rei lhe correo com muita furia e ardil, não fez dano, por Dom Duarte estar avisado e estar a recado.

CAPITULO LXIV

Como el-rei tornou outra vez abaixo e correo a Tanjere e Arzila e levou os vestidos dos que andávão lavando os cavalos ao Rio Doce

Muito descontente foi el-rei de Féz em não fazer dano [a] [1] Arzila, tendo entrado sem ser sentido, nem o conde ser avisado; e, com este descontentamento não tardou de tornar abaixo e, entrando pola faldra das serras e por antre Benamares e Benarróz, pasou a correr a Tanjere; e, posto que os tomou descuidados e desapercebidos e sem terem nova, não cuido que fez dano, por Dom Duarte andar a recado e não ser tempo de lavoura, nem de sega, e se algum dano se fez foi alancearem alguns bois de carro; e, posto que não tivemos nova, nem sentimento da pasada desta jente, polas muitas guardas que el-rei mandou poer, mandando ao alcaide d'Alcacere lhe tomase os caminhos e lhe segurase que não pasase nenhum mouro da nova, mas como aquela semana as cafilas tardasem, e ao sabado á noite, que correo a Tanjere, se ouvio a artelharia e tivesemos que nos fazíão sinal, asi por isto como por ser domingo, todos estavamos recolhidos e sem cuidado daquele dia ir fora. Dom Duarte não nos avisou por mar por as atalaias do Cabo lhe dizerem que estava nele ũa fusta e, por não aventurar um barco com seis ou sete homens, pareceo-lhe que bastava a artelharia que aquela noite mandou tirar, asi á prima [2] como amanhecendo.

Aconteceo asi que estando doente Diogo Pírez, porteiro dos contos, da enfermidade comprida de tisica ou etego, e dizerem poder-lhe fazer beneficio com carne dos cagados ou tartarugas, como ele era natural da terra e bemquisto, logo se pusérão a cavalo dez ou doze amigos seus e, tomando ũa rede de pé, fôrão-se ao Rio Doce a pescar e tomar os cagados; e, por fazer levante e o mar muito bonança ser, com alvoroço de pescarem na praia aos linguados se pusérão mais de vinte a cavalo e, indo-se ao Rio Doce, começárão a lançar sua rede; e, não se contentando com a pescaria que íão fazer, tirando as selas aos cavalos, se metêrão todos na agoa a nadar e lavar os cavalos, pola grande calma que aquela tarde fazia; e, andando todos na agoa com grande alvoroço e grita, aconteceo asi que a jente d'el-rei estava já em Alfandequim, não pera correrem aquele dia, que bem sabíão que ao domingo não avia a que correr; e como d'Alfandequim parece toda a praia e a porta da Ribeira, Amelix, almocadem, que por atalaia estava no Pontal, vio sair pola porta da Ribeira os vinte de cavalo e, contados, esteve até os ver sobacar com o

1. [a] *f.* A. — 2. prima] pima A.

Tojal e meter no Rio Doce, donde já os não podia ver; e, parecendo-lhe que érão almogavares que íão entrar, com muita alegria o foi dizer a el-rei, como vinte de cavalo íão entrar, e alvoroçado o arraial, el-rei deu logo cargo ao Amelix que com dozentos de cavalo lhe tomase o Rio Doce e ao longo dele o porto d'Alemoquique, e mandou outros dozentos de cavalo que, com Martinho elche e tio de Mulei Abrahem, pola varzia fose sair ao vale de Jorje Vieira, pera que uns da ũa parte e outros da outra os tomasem no meio; e, com esta ordem, o Amelix veio por encubertas até o Tojalinho aver vista do caminho que levávão e, não tendo vista deles, se chegou tanto, parecendo-lhe que íão ao longo do Rio Doce, que ouvírão a grita e matinada que no rio trazíão e, correndo ás cegas, viérão ter sobre o Rio Doce, os quais logo fôrão vistos da vila e dado rebate começárão a repicar.

Os que na agoa andávão, uns com a rede, e outros nadando e lavando os cavalos, ouvindo a bombarda e repique, querendo sair da agoa, vírão os mouros tão junto de si que nenhum teve lugar, nem tempo, de tomar as camisas, nem enfrear o cavalo, e com os cabrestilhos sómente e em oso e os mais em couros se salvárão, porque os mouros, tanto que pasárão a agoa, os mais deitárão mão do fato. Os nosos como tínhão as lanças chantadas os mais as levárão nas mãos com as quais se defendêrão e alguns se asinalárão, entre os quais foi Antonio Coutinho, mourisco e almocadem, que vendo que João Martinz, filho de Diogo Martinz, carpinteiro, vindo-se recolhendo, caio do cavalo, e, tendo-o polo cabrestilho, não esperava que tornase a cavalgar, e que já os mouros chegávão, virou asi em oso e, metendo a lança em um, fez deter os outros, e com ajuda dalguns que tãobem virárão, de cujos nomes não sou lembrado, tomou ao João Martinz nas ancas, e, alargando um cavalo ruço muito bom, o João Martinz se salvou, que é ũa das milhores sortes que se em tal tempo pudérão fazer, que foi matar ou ferir um mouro e salvar um cristão, estando em oso e em carnes. Andárão este dia todos muito bem, ainda que todos perdêrão as selas e freos até ficarem em camisa e os mais em couros, e sómente se perdeo o cavalo de João Martinz.

O conde saio a repique ao adro, donde soube todo o pasado, e foi mui alegre em os não alancearem a todos dentro da agoa, e a Antonio Coutinho abraçou e fez muita honra, e logo ali mandou trazer de sua guarda-roupa um capelar de grã e com ele o cobrio e lh'o deu; e, vendo que os mouros érão poucos e se recolhíão, se foi ao outeiro de Fernão da Silva, donde vírão os outros dozentos de cavalo que ao rebate, saindo do vale de Jorje Vieira, corrêrão e pasárão o porto d'Alemoquique e érão já nas lombas do Corvo, os quais vendo o guião e a nosa jente no outeiro de Fernão da Silva, sem saber nada do pasado, se tornárão a pasar aos caminhos e ajuntar em Alfandequim com os de Amelix.

O conde ficou tão contente do que os nosos fizérão e em não se perder

nenhum dos nosos que, usando de sua muita nobreza e vertude, os quis vistir á sua custa, dando a cada um duas camisas, um jupão de fustão preto, um caçote de canhamaço e um cotão de fustão branco pera em cima do caçote e um barrete vermelho, de maneira que todos andávão sinalados e conhecidos, e isto da feitoria; e asi lhes mandou dar, pera ajuda das selas, quinhentos reais a cada um, e ao João Martinz mandou dar vinte cruzados da bolsa, pera ajuda de se encavalgar.

Esta bolsa ordenou o conde em Arzila desta maneira: que cada um homem de cavalo dése cada um ano um tostão, e ele dava dez cruzados, e ouve d'el-rei vinte mil reais pera esta bolsa, a qual estava nos contos, pera que dela se ajudasem os moradores a encavalgar, morrendo-lhe ou matando-lhe os cavalos, donde não ouvesem partes de que se pagasem. Isto veio a tanto que os homens monteiros aventurávão seus cavalos aos porcos, por terem que da bolsa lh'os avíão de pagar, ou ao menos dar ajuda, o que sentindo alguns moradores, que não érão monteiros, se queixárão, em especial Fernão Caldeira e Diogo Botelho e outros que mais aventurávão seus cavalos ás lançadas dos mouros que aos porcos, pola qual rezão se desfez, e o conde ouve estes vinte mil reais cada um ano pera homens do campo, os quais repartio por cinco homens de serviço e velhos e que servíão d'atalhar e espiar o campo, e que não receávão ir donde os mandávão: certo, bem ordenado se durara asi como se começou e se pedio, mas socedeo doutra maneira, que dando-os o conde logo no principio a homens desta calidade, como [a] [1] Antão Rodríguez, a Pedro Anes, ferrador, a João López do Pombal, a Pero Fernândez o Torto, depois se viérão a dar a criados dos capitães, e, como tínhão quatro mil reais, logo pedíão acrecentamento ou o abito, de maneira que todos viérão a parar em homens que os capitães quisérão favorecer, que não nos homens do campo. Esta pratica trouve polo cavalo que se pagou a João Martinz, que me parece foi o primeiro que da bolsa se pagou.

Os mouros desta vez levárão um só cavalo, mas levárão vinte ou mais selas e outros tantos pelotes e jubões e botas e camisas e algũas lanças dos que as não tínhão erguidas, e com isto se recolhêrão por aquele dia, mas logo ao outro, posto que érão sentidos e sabíão muito bem que não avia d'aver guardas, nem atalaias largas, sómente as que bastasem pera que a boiada pudese pacer dentro do valo, todavia armárão a pegar nela ou entrarem polas tranqueiras a dentro, e, pera isto poderem fazer, armárão em ambos os campos; mas o conde não mandou dar ás atalaias até depois de comer, afim de os enfadar, se no campo estivesem, e, vendo oras e tempo, se pôs a cavalo com toda sua jente, o milhor armada que pode, e o João Correa com seu carretão saio até as ortas, mandando aos bombardeiros estar todos nos baluartes prestes e suas bombardas atacadas, e os moradores e

1. [a] *f.* A.

oficiais que tãobem estivesem no muro com suas armas pera que parecesem de fora, e com esta ordem se pôs no Facho, mandando ao adail Fernão Mazcarenhas que com trinta de cavalo dése costas ás atalaias e as mandase descobrir o Corvo e a Ruiva; mas os mouros não esperárão que as atalaias as descobrisem, porque, antes que chegasem a Bugano, saio da fonte ũa grande batalha de jente, e asi outra da Ruiva e das Furnas, e em pouco espaço de tempo fôrão no taboleiro do Facho de mestura com o adail, ao qual o conde avia mandado que, em nenhũa maneira, se mesturasem com os mouros, sómente favorecendo as atalaias e as recolhese a si e se viesem pera ele, o que o adail fez, que quando foi ao tabuleiro já as do Corvo érão diante a se ajuntar; mas o conde vendo a jente sair de tantas partes e conhecendo que tudo era afim de se mesturarem com ele, dando-lhes a tranqueira de Cima se vei[o] [1] á de Baixo, porque a este tempo os valos érão todos rotos. Logo os mouros entrárão pola tranqueira do Facho e não parárão até entrarem pola do Meio, donde alguns bèsteiros e espingardeiros de pé, que na vinha do Anjo ficárão, empregárão seus tiros, entre os quais Fernão Díaz, filho de Alvaro Díaz, ferreiro, metendo a seta polos peitos a um mouro caio no meio do caminho, e Alexandre o Negro derrubou outro com um pelouro da sua espingarda, e posto que alguns dos nosos quisérão remeter a eles e os despojar, o conde os deteve a poder de trochadas. A este tempo era tanta a jente que cruzava polo Laranjal e polos chãos de Fernão Caldeira e de Bras Simões que nos parecia queria pasar polo Cano Quebrado ou polo chão do doutor meu irmão, mas, como a artelharia era muita e estava prestes e no muro muita jente que ajudava, os começou a sacudir de tal maneira que os fez espalhar, não se ousando ajuntar em batalha, e por esta rezão as bandeiras ficávão sós e não ousou nenhum apegar com o conde, porque ele esperava que se bandeira chegase a pegar ou travar com ele de a levar até a tranqueira do Meio, porque sempre foi sua condição de não dar em mouros desfarrapados, porque estes tais não fazem senão fojir e lévão os que trás eles vão até os meter no groso da jente. Pola outra parte do Rio Doce, Mulei Abrahem com toda sua jente e a de Tetuão, e vindo ao longo do valo, chegou até o adro, e, espalhando-se por aquele grande chão, que da vila até o outeiro de Fernão da Silva ha, se fôrão ajuntar sobre as Pontinhas, donde sempre fôrão visitados e requeridos dos pelouros das bombardas que estávão no baluarte da Praia e no baluarte de Santa Cruz; e, vendo o conde que já começávão a vir dantre os mouros alguns pelouros perdidos, se veio abrigar á orta do doutor meu irmão, e tãobem por dar lugar á artelharia, que por cima dele não podia tirar á jente do Facho, nem aos que dentro das tranqueiras andávão, mas eles, tanto que vírão o conde abrigado com o valo e canaveais, começárão-se

1. [o] *f.* A.

a recolher e tirar-se donde a artelharia os pudese pescar, e o conde este dia ficou sem receber dano, o que não fez a boiada, que quem não levou seu boi e vaca a casa e lhe deu de comer e de beber, de outra maneira não comeo aquele dia.

Os homens de pé que aquele dia andárão ás tranqueiras, posto que poucos érão, que não chegárão a dez, o fizérão tão bem que foi certo derrubarem quatro ou cinco mouros e ferirem mais de dez. Os de cavalo não fizérão este dia nada, porque o conde se contentou com os mouros não se mesturarem com ele, como trazia ordenado el-rei de Féz; como seu desejo era fazer-nos dano e molestar-nos, se leixou estar no Xercão outros dous dias, nos quais Amelix nos correo do Corvo e veio até o vale do Facho após Pero Fernândez o Torto, e carregando a Estêvão Fernândez, seu companheiro, pera as Pontinhas, o meteo pola tranqueira dentro com tanta ousadia que, estando o conde ao Facho e o adail da outra parte do vale, ficávão tão avante com os mouros, os quais se tornárão a ajuntar no Corvo e paseando tomárão o caminho do Pereiral, o que fez grande murmuração antre nós outros, dizendo que aqueles mouros estivérão perdidos, antes que fôrão socorridos, ainda que estivesem na Ruiva ou em Bugano. O conde dise este dia muitas vezes que jurava polas reliquias que não tínhão costas aqueles mouros e que não érão mais que os que se mostrárão, e que entendeo muito bem que o chegar e desimular era ardil de Amelix, e que soltando trinta de cavalo que, antes que pasasem a ribeira, os avíão de derrubar, mas que não queria dar que falar a alguns diabretes de Portugal, nem tinha tanta confiança nos seus que deixasem de fazer desmancho, e que Amelix era vezinho de cada dia e não lhe avia de faltar dia em que se perdese, ainda que não fose nas barbas d'el-rei, e que ele folgava de ter acatamento a el-rei e se contentava, quando el-rei vinha abaixo e lhe corria, não receber dano.

Este mesmo dia tornou Amelix a se lançar no Jiestal e, com sete companheiros de pé, se veio polo corrego da Fonte com as lanças polo alvado e as barrigas polo chão a meter na silveira da fonte da Atalaia Ruiva e esperou que algũa das atalaias fose beber ou fazer algum rabo d'asno, erva de verão, e indo Antonio Fernândez Ramirão a beber o salteárão e o tomárão, sem se poder valer, ainda que era homem de bom recado e das milhores atalaias da vila, casado e com filhos e filhas, do que muito pesou ao conde e em mui pouco tempo o mandou resgatar. Com esta atalaia foi Amelix muito contente por lhe custar muito trabalho e risco, e muito mais o foi el-rei em levar aquele homem e morador d'Arzila; e, desta vez deu a Amelix um cavalo castanho, o milhor e mais lijeiro que no reino de Féz avia, e o Ramirão ficou a Mulei Abrahem.

CAPITULO LXV

De como el-rei de Féz depois que não fez dano se tornou pera Féz e a guerra se fez com almogavares

Recolhido el-rei de Féz ao Xercão, donde tinha seu arraial, e vendo que em duas vezes que entrou no noso campo sem ser sentido, nem sermos avisados por mouro de nova, os quais andávão tão escarmentados, e el-rei e o alcaide d'Alcacere tínhão tanto aviso e trazíão tantas guardas que nenhum ousava a vir com nova, pois logo era descuberto [1]; e, despedindo-se dos alcaides, se foi [2] pera Féz com toda sua jente, e os alcaides nosos vezinhos, cansados de andarem tantos dias no campo e com tanto gasto, em darem de comer a tanta jente [de] [3] pão, carne, cevada pera tantos cavalos, se foi cada um a sua casa, e nós outros ficamos alguns dias desapresados de jente grosa, ainda que os almogavares não dérão lugar, nem sosego, porque não pasárão muitos dias que Amelix não levou ũa atalaia, chamada Antão Vaz, á qual armando-lhe nos caminhos a seguio até o porto d'Alemoquique pera donde carregou, e depois, dando outros rebates e corridas, veio a levar a Pero Fernândez o Torto, que ũa das milhores atalaias d'Arzila era; mas estas e outras o conde não leixava estar muitos dias cativos, porque logo as resgatava, em especial as que caíão em poder de Mulei Abrahem, que, como era nobre e não sabia dizer de [4] não, logo as dava, ou por resgate, ou por qualquer mouro de sua terra, o que o alcaide d'Alcacere não fazia, que nunca por mouro deu cristão, se o cristão não valese quatro tanto [5], de maneira que neste tempo não receávão d'ir homens de bem á atalaia, polo cuidado que o conde tinha de os favorecer e tirar de cativeiro.

Pois continuando Amelix a guerra, como bom almocadem e milhor cavaleiro, trazia as atalaias tão apertadas, asi as d'Arzila como as de Tanjere, que não avia semana que não levase ũa ou duas, de tal maneira que já Arroaz não lembrava, até lhes armar com cepos, travesando-os nos caminhos, de tal maneira armados que, pondo o cavalo a mão ou pé, cerrávão com uns dentes de ferro com os quais lhe travesávão a mão ou pé e ficava preso, e saindo-lhe os de cavalo os tomava, e desta maneira tomou algũas atalaias em Tanjere na serra do Cabo, nem mais, nem menos do que em Portugal ármão aos porcos monteses; e desta maneira em Arzila tomou, em pasando o porto d'Alemoquique, ũa atalaia, que Galiote Pereira avia nome, e não no cavalo Ravenga, de que já tenho feito menção, que por

1. descuberto] descubeito A. — 2. foi] fou A. — 3. [de] *f.* A. — 4. de] *f.* B N M; L *não se pode ler.* — 5. tanto] tantos B N M; L *não se pode ler.*

ser bom e leal escapara nele, o qual vendera a Tomé Rodríguez, que por escrivão da feitoria foi; o qual cavalo, no tempo que em poder de Tomé Rodríguez esteve, perdeo muito de sua fama, por o Tomé Rodríguez não ser jinete, nem cavalgar nele, mas depois que caio em poder d'Estêvão Fernândez, atalaia, e de Roque Ravenga bem mostrou quem era, e depois correo outras mãos de fidalgos, de tal maneira se afamou que, sendo de quatorze ou quinze anos, deu Dom Felipe Lobo, filho do barão d'Alvito, Dom Diogo Lobo, sesenta ou setenta mil reais, e o levou a Tanjere ao socorro da morte dos filhos de Dom Duarte de Meneses.

Pois tornando ao almocadem Amelix, ele fazia a guerra com tanto saber, ardideza e ousadia que as atalaias andávão tão percatadas e tanto sobre aviso que não ousávão fazer nenhum descuido, nem com ele jugarem de bicos, porque depois que, indo fojindo matou o Grou e a Luis de Veiros, duas atalaias que já dise, e em Tanjere por aquela maneira avia ferido ao adail Antonio do Couto e levando cativo a Diogo Pereira, fidalgo e morador que foi d'Arzila, o temêrão mais, e no conde creceo os desejos de lhe armar e o desfazer, o que não pode em seu tempo, e veio acabar em tempo do valeroso capitão Antonio da Silveira, como em seu tempo e lugar se dirá.

CAPITULO LXVI

Como o alcaide d'Alcacere correo Arzila
e depois seus almogavares salteárão a pé duas atalaias e as tomárão

Os almogavares d'Alcacere neste tempo não estávão de vagar, nem o alcaide leixou pasar o tempo debalde, que tãobem quis mostrar a el-rei, seu senhor, que, sem ele vir abaixo e trazer tanto estrondo de jente, ele fazia a guerra e nos podia opremir e meter por dentro; e, chamando ao alcaide de Larache, Xacorão, e ao de Jazem, nos veio correr, e, saindo de Tendefe, foi tão presto nas vinhas e no Facho que alcançou e matou ũa das atalaias, que seu nome era Pedro Afonso, e tomou cativo Antonio d'Evora, seu companheiro, o qual Antonio d'Evora depois fojio de dentro d'Alcacere Quebir sem resgate, e tãobem levou doze ou quinze bois que alcançou dos lavradores; e com isto se fôrão muito contentes por acertarem a fazer este pouco de dano, sendo os alcaides sem el-rei, e por se venderem mandárão logo a nova a Féz, fazendo saber a el-rei como avíão tomado duas atalaias e muito gado e morto alguns homens, tudo afim de darem a entender a el-rei que eles bastávão a fazer a guerra com sua jente, e estrovarem que el-rei não viese tantas vezes abaixo, polo muito trabalho e custo que lhes dava em os trazer quinze dias no campo, comendo á custa dos pobres barbaros da serra, trazendo-lhe

todos os dias a diefa, duas vezes ao dia, gastando o alcaide d'Alcacere todolos dias quatro ou cinco mil almudes de cevada; mas el-rei não fazia estas vindas sómente pola muita vontade que de nos anojar e danar tinha.

Pois recolhidos os alcaides, logo os almogavares d'Alcacere começárão a nos molestar, correndo-nos muitas vezes, e dia que ouve dous [1] rebates, um dos almogavares d'Alcacere e outro d'Amelix, com que nos dávão muito trabalho, e, continuando estas entradas, levárão um dia duas atalaias das milhores e de milhores cavalos da vila, o qual pasou asi. Vendo os almocadens d'Alcacere que as atalaias andávão mui percatadas e que, saindo-lhe de rosto, as não podíão tomar, por trazerem mui estremados cavalos de bons e lijeiros, e que os homens que neste oficio andávão érão de muito recado e valentes homens, e [2] que trazíão o ponto em esperarem por seus companheiros e os traveses irem favorecer aos que vínhão apresados, e que já algũas vezes os dianteiros se achárão antre os nosos, detriminárão de lhes armar com homens de pé, e pera isto ordenou Zanaca, almocadem, e pesoa principal d'Alcacere, um ardil desta maneira: veio a entrar com trinta de cavalo e se veio lançar no Jiestal, defronte da Atalaia Ruiva; e, vendo as atalaias que tínhão feito todo seu oficio e que estávão já sosegadas, e, por os traveses estarem já em seus postos, elas se decêrão de seus cavalos e, pondo-lhe os cabrestilhos em cima do freio, os tínhão pola ponta do cabrestilho; e, como estas atalaias érão dous primos com irmãos, chamados ambos os Araujos, e ambos casados com duas irmãs, naturais da terra, e por ambos terem os milhores cavalos da vila e serem de bom recado, se ajuntárão a ser companheiros, na qual companhia avíão escapado muitas vezes e dado de si muito boa conta, e este dia não estávão a mao recado, pois avíão descuberto sua atalaia com todo o resguardo que compria e não avíão tirado os freios aos cavalos; e tudo não prestou a estrovar o que a fortuna tinha ordenado, que foi naquele dia que eles seguros e sosegados estávão, tendo sua atalaia segura e eles em cima de bons cavalos, eles perdesem suas molheres e as molheres moças e fermosas perdesem seus maridos pera sempre, porque, levando-os cativos a Alcacere, ambos falecêrão de peste e suas molheres ficárão veuvas e pobres, e ũa delas está oje em dia nesta cidade de Lisboa, a qual se chama Isabel Marim, a qual criou os filhos que lhe ficárão com a agulha, de que ela era grande oficial de lavrandeira.

Pois tornando ao almocadem Zanaca, que no Jiestal com seus companheiros estava, o qual esteve quedo, esperando o que as atalaias faríão de si, parecendo-lhe que se apartaríão, ou iria algũa delas a fazer erva de dentro do descuberto, e trazida a erva a dávão aos cavalos, e ás tardes tãobem tornava ũa delas a fazer a erva que ambos hão de trazer; mas os

3. dia que ouve dous] ouve dia de dous B — 2. e] o A.

Araujos não tínhão conta com erva, que seus cavalos andávão fartos de bom trigo de Malaga, com que el-rei, noso senhor, mandava aos feitores de Andaluzia que provesem todos os sete lugares que na costa de Féz e de Marrocos tinha, com tanta avondança e fartura que sempre avia trigo no celeiro; e no tempo d'agora, por nosos pecados, tres lugares que hão ficado, de trigo e centeo podre os não podem fartar, e não ha ano que cavalos e crianças não môurão á fome, sem aver feitor d'Andaluzia que posa socorrer a ũa necesidade com cem moios de trigo, por não ter dinheiro pera os comprar, nem credito pera lh'os fiarem, nem emprestarem, como em tempo dos feitores pasados se fazia, mandando cada um deles todo o mais de Andaluzia, como pareceo em tempo de Nuno Ribeiro e de Luiz Ribeiro depois muitos anos até o tempo de Francisco Botelho, por serem liberais e honrados e saberem tratar e negocear com os cavaleiros e correjedores de Xerez da Fronteira e de Malaga, que, tendo-os contentes, não púnhão peita, nem duvida, ás provisões de sua majestade [1], mas como [os que govérnão a terra] [2] não tem [o] [3] gosto dos feitores, os quais não préstão pera mais que encerrarem-se no porto de Santa Maria, a esperar que de ano em ano lhe venha ũa provisão de sua majestade, á qual [os que rejem] [4] lhe poem [5] dozentas duvidas, dizendo que tem necesidade e que não ha trigo na terra, e que o povo crama e não consente, e os mal aventurados padecem. Tudo isto trouve polos cavalos destas duas atalaias estarem fartos de trigo de Malaga.

Pois vendo os mouros que as atalaias não fazíão movimento de si e que se avíão desapeado e que os cavalos tínhão polos cabrestilhos ou redeas, o Zanaca detriminou de os vir saltear a pé e, tomando consigo oito ou nove mouros e dous espingardeiros, se veio meter no corrego das Pontinhas, e, entrando no da fonte da Atalaia Ruiva, se viérão por ele com as barrigas polo chão e as lanças polos alvados, e, chegando á silveira da fonte, vendo tempo, se sobacárão debaixo do sombreiro [6] da Atalaia, e chegárão tão perto que muito bem pudérão remeter a eles e os embaraçar, primeiro que a cavalo se pusesem; mas os mouros por se mais asegurar desparárão os dous espingardões por cima das cabeças dos cavalos, e remetendo com ũa grande grita, asombrárão os cavalos, de maneira que por muito que os tivérão polos cabrestilhos não pode nenhum deles cavalgar, nem tomar as lanças, por não soltarem os cavalos, e chegando os mouros a eles lhe pusérão as lanças nos peitos, de maneira que, vendo-se rodeados de oito ou dez mouros, se rendêrão, soltando-se porem um dos cavalos, trás o qual os mouros andárão um pedaço até que o tomárão. Não faltou saber e ardil aos mouros, que logo um se pôs a cavalo pera

1. sua majestade] emperador B L M; *f.* N. — 2. [os que govérnão a terra] *f.* A N. — 3. [o] *f.* A N. — 4. [os que rejem] *f.* A N. — 5. poem] pou A; *f.* N. — 6. sombreiro] sovreiro B N M; ...breiro L.

asegurar a atalaia que não ouvese rebate e, não o avendo, podíão mui bem entrar até a Atalaia Gorda e tomar outra mór presa de homens, que seguros andávão, tendo as atalaias diante si; mas o facheiro, que o fumo dos espingardões vio e ouvio o trom [1] e vio o cavalo andar correndo ao derredor da Atalaia, derrubando o facho, deu rebate á vila. Os mouros, tomando ás mãos estas duas atalaias e os dous cavalos, se pusérão no caminho d'Alcacere, ficando as outras atalaias amedrentadas destes dous cavalos.

O conde saio ao rebate e, chegando ao Facho, soube que o rebate fora aver jente de pé na Atalaia Ruiva e que ouvira dous espingardões e que lhe parecia serem as atalaias salteadas, e pasando se foi á Atalainha das Palmas, donde soube o que era e como levávão ambos os Araujos, e pondo outras na Ruiva se tornou á vila.

CAPITULO LXVII

De como Antonio Coutinho tomou dous atalhadores de cavalo

Muito bem fica contado e apontado todo o mais que fizérão os mouros neste ano de mil e quinhentos e vinte, asi em duas vindas d'el-rei de Féz abaixo, como algũa parte das entradas de almogavares, asi os do Farrobo como d'Alcacere; e porque em todo este tempo não contamos cousa algũa das que o conde e os seus fizérão, asi ele com ũa bandeira, como seus almogavares, e por serem muitas e em desvairados tempos deste ano, as irei contando, ainda que não tantas como se fizérão, nem pola ordem que levárão, sómente pola lembrança que do ano tenho.

Começarei por Antonio Coutinho que, como mais mancebo e favorecido, andava muito mais metido nas almogaverias, conversando todos os mais mancebos, afim de os levar sempre consigo, como é costume granjearem-se os almocadens e tê-los por amigos, em especial os mancebos e homens do campo; o qual Antonio Coutinho no principio deste ano foi fora com vinte cinco ou trinta de cavalo e, como ladrão de casa e que sabia como e por onde armávão, de tal maneira armou aos atalhadores que ambos os do Farrobo lhe ficárão nas mãos. A ordem que teve pera tomar ambos juntos, como cada um deles fose por sua parte e não se juntarem senão depois das bocas atalhadas e feito sinal de campo seguro, foi que metendo-se na serra, que chamamos o Burro, donde se leixou estar tanto espaço que, vindo-se já ambos juntos, lhes saio por tal maneira que

1. trom] tom A; *f.* N.

fôrão atalhados, alcançados e tomados, e posto que Amelix os seguio até pasarem Benamares, donde se leixou estar, e Antonio Coutinho com os dous atalhadores se veio á vila, dos quais o conde teve larga nova, com a qual mandou dar ás trombetas pera ir fora, e ao outro dia mandou estar suas atalaias curtas e a bom recado, temendo-se que Amelix lhe não levase algũa; e, tãobem mandou ao adail Fernão Mazcarenhas que, se da parte do Rio Doce lhe corresem almogavares, os encerrase e os seguise até o Farrobo, por lhe parecer, pois Amelix ficava em Benamares, não deixaria de ver se podia tomar algũa atalaia pera com ela tirar algum dos atalhadores; mas Amelix soube tanto que, sospeitando que tendo boa nova dos mouros e correndo da parte do Farrobo, sospeitando que era ele o podíão seguir sem receio, detriminando contrafazer o ardil do conde, aquela noite se pasou da parte da Atalaia Ruiva, donde se lançou em cilada e se recolher polo caminho d'Alcacere, por dar a entender ao conde, ou ao adail, que érão d'Alcacere, donde o conde não tinha nova, nem os seguiríão; mas como aquele dia as atalaias não chegárão á Ruiva e ficávão [1] na Gorda e, vendo Amelix que não pasávão da Atalaia Gorda, espantado daquela enovação, apalpou se as podia saltear, o que não pode fazer, por a Atalaia Gorda ser um outeiro ingreme e ser afastado da Atalaia Ruiva, donde os companheiros e socorro ficava, e, desconfiado de fazer aquele dia nada, se mostrou na Ruiva; e, dando-se o rebate ou repique, ele, por dar vista ao noso campo e ver aquela enovação d'atalaias curtas, tomou caminho da Farroubeira e de Tendefe e, muito de vagar, se foi ao Malhão de João Mealho, donde esteve considerando nosa jente e vendo o conde e seu guião no Facho sosegado; e com toda sua jente e ao adail na Atalainha das Palmas se recolheo pola Atalaia Alta e, por Mijeleo e polo Soveral, foi demandar a Ponte e dahi a Alcacere, sem ousar travesar o noso campo, temendo-se o não fosem os nosos esperar ás tranqueiras do Farrobo ou ás bocas de Capanes ou de Benamares, o que muito bem se pudera fazer, sabendo-se que érão os almogavares do Farrobo, mas isto não se podia saber, vendo o caminho tão afastado que eles levávão do Farrobo. O conde, vendo que os mouros não levávão lingoa e que tudo tinha prestes, todavia, asentou ir fora, e tornando á vila mandou que sómente tomasem os alforjes e se pusesem a cavalo.

1. ficávão] ficárão B N M; L *não se pode ler.*

CAPITULO LXVIII

De outros dous atalhadores de cavalo que Antonio Coutinho tomou e o mais que socedeo

Posta a jente toda a cavalo e tomada a benção do padre priol, como é costume, já noite saírão polas portas da Ribeira e sem parar fôrão tomar a folga á fonte d'Almeçús, e, guiando Pero de Meneses e Antonio Coutinho dali por diante, os foi Antonio Coutinho junto do Castelejo meter em ũa piquena cilada, que, como aquele dia não avia atalhadores, nem os cavaleiros de todas aquelas aldeas não érão como os de Benahamede e Benamares, os quais não érão vindos, que aquele dia estávão em Alcacere, e como não avia nova deles, estávão todos tão recolheitos que o gado não saia dantre as casas; e, vendo todo o campo só e deserto, estivérão em se sair da cilada, por dizer Pero de Meneses e Artur Rodríguez que érão sentidos, o que Antonio Coutinho contradise, dizendo que não, pois não avia grita e rebate, mas que por não aver atalhadores não ousávão sair, até os não aver andávão recolhidos, e que lhe dése cincoenta de cavalo que ele queria correr a boca de Benamaçuar; e, depois de muitas praticas detriminárão de correr, e saindo da cilada logo a grita começou, asi de ũa parte como da outra, mas os nosos, não tendo conta com a grita, nem rebate, se estendêrão, faldrejando as serras que vão pera a boca de Benahamede e outros o Zambujal de Benamaçuar, e metendo-se uns e outros polo Soveral fôrão desencovar um atalho de gado, em que avia oitenta ou noventa reses, vacas, e quatrocentas de gado meudo, e duas ou tres mouras, que com ele andávão, e asi tomárão outros dous mouros, de maneira que tocando as [1] trombetas a recolher e vindo-se o conde ajuntar na Atalaia do Tojal de Benamares, donde esteve até os seus serem juntos, e recolhida sua cavalgada, que fôrão cinco almas, dous mouros e tres mouras, e noventa reses, vacas, e quatrocentas de gado meudo, com a qual presa á vista das casas de Benamares se veio a Benamendux, sem ver mais mouro de cavalo, e polo caminho de Moliana e porto dos Alcaides veio demandar a Pedra Alta, donde chegou já noite, e trazendo sua presa diante chegou á vila, donde foi recebido com muito contentamento e alvoroço, porque nenhũa presa, nem cavalgada regosija e alvoroça mais a vila que quando trazem gado meudo, porque êntrão bradando, e os de cavalo sempre trazem cabras, cabritos, borregos diante de si, com os quais se alvoroça a casa de quem os traz e asi a dos vezinhos. Pois feita esta cavalgada não se pasou muito tempo que o conde

1. as] ás A.

com sua bandeira não fez outra milhor, asi de mouros como de gado, e, porque é necesario pera o conde ir fora ter outra nova, prosiguiremos as almogaverias até chegarmos a ela.

Tornando a Antonio Coutinho, ele tornou a ir outras vezes fora, nas quais não fez nada, por lhe fojirem os atalhadores a unha de cavalo; e, porque Antonio Coutinho neste ano tomou outros dous atalhadores de cavalo com dous mui bons cavalos, e posto que neste tempo Pero de Meneses e Artur Rodríguez entrárão e fizérão algũas cousas boas, pois o tenho antre as mãos o quero levar ao cabo com estoutra almogaveria em que trouve os outros dous atalhadores, os quais érão os de Benamares. Pois avendo licença pera ir fora com trinta de cavalo e tendo já nova que os atalhadores tornávão á ordem primeira e que não podíão segurar-se, nem apanhar seu pão e seus milhos sem atalharem as bocas, sendo de tudo bem enformado, asi pola experiencia que cada dia via, como pola nova dos mouros e mouras tomados, que sempre dizem verdade, ou per força, ou por se congregarem, Antonio Coutinho detreminou de lhes armar, deitando-se em Almançora, junto de Benamares, lhe viérão ambos cair nas mãos, saindo-lhe de tal e de tais lugares que, desconfiados de se poderem salvar, nem tomar a serra, se lançárão pera o campo, donde um deles, que muito bom cavalo trazia, deu asaz trabalho, porque tres de cavalo o fôrão tomar ao pé d'Alicototo, depois de aver corrido grandes duas legoas, os quais tres de cavalo se não ajuntárão com os companheiros senão aos cabeços de Brumede. Este cavalo ouve Jorje Manoel, que poucos dias avia que perdera outro, trás uns almogavares, o qual pagou muito bem e saio muito bom e fermoso, e nele se perdeo, fazendo o cavalo todo o que pode por salvar a seu dono, como adiante se dirá. Estas entradas e outras fez Antonio Coutinho neste ano, que por não lembrarem não se escrevem, sómente que os mouros do Farrobo e d'Arraihana e de Benamares andávão tão amedrentados de Antonio Coutinho que os mais deles e mais principais se mudárão a outra parte e desemparárão aquela viçosa terra.

Tãobem Artur Rodríguez neste tempo, ainda que se não avia por seguro, como atrás fica apontado, com ceumes de Antonio Coutinho muitas vezes pedia licença pera ir fora, o que o conde desimulava, dizendo-lhe que não se agastase, que quando vise tempo ele o mandaria, e que não lhe lembrase Antonio Coutinho, que fazia a guerra ao Farrobo, donde não avia tanto risco como na sua, e que se contentase com saber a vontade que tinha pera o servir; e com isto e com o pôr a sua mesa o contentava e dava lugar que Pero de Meneses o conversase e aconselhase, e asi sua molher Lianor Rodríguez, em que o conde tinha esperança que seria boa cristã, como de feito saio; mas, como o conde o vio amigo da molher e dos filhos, logo o teve por seguro, mas primeiro se pasárão muitas cousas e trances até algũas cavalgadas que o conde fez neste tempo, por con-

selho e ardil de Pero de Meneses e de Antonio Coutinho as deitou a Artur Rodríguez, afim de o contentar: tanta era a vertude e bondade do conde [que] [1], com fazer honra e favor a este mourisco, que tão arroinado andou, o sosegou e o fez bom homem e bom cristão, o que outro capitão não sei o que fizera, pois vejo que por pouca sospeita prendem um homem e o destruem.

CAPITULO LXIX

De como Artur Rodríguez entrou e fez ũa grande almogaveria tomando mouros e mouras e gado, e asi de ũa grande cavalgada travesando ou pasando a serra de Benamares o conde com a bandeira e jente

Pareceo ao conde tempo e sazão pera Artur Rodríguez ir fora e, dando-lhe a entender queria seu parecer, se apartou com Pero de Meneses e ele, e a ambos juntamente lhes dise que desejava lingoa d'Alcacere ou da serra de Aliom ou d'Algarrafa. Pero de Meneses lhe dise que ele iria a Alcacere, ou ao menos ao Rur, que é, como muitas vezes ei apontado, ũa legoa d'Alcacere. O conde respondeo que não queria com tanto risco, e logo tornou a dizer que ambos iríão a Zahara, terra que Artur Rodríguez sabia, e que Deos lhes daria algũa presa. Tãobem dise o conde que não avia de aventurar dous almocadens, e logo Artur Rodríguez, com vontade ou sem ela, pedio licença pera ir só e que lhe fizese mercê de trinta de cavalo. O conde lh'a concedeo e, postos em rol, os mandou requerer, os quais, postos a cavalo, fôrão seu caminho, pola banda de fora de Benagorfate se metêrão em cilada [e] [2], com muita mormuração dos companheiros, os teve até depois do meio-dia, que, vendo um golpe de gado na faldra da serra, não os podendo Artur Rodríguez ter, saírão e, correndo dereito ao gado que víão, não ousárão de se espalhar, nem chegar á ribeira, donde pudérão fazer ũa das milhores presas que almogavares fizérão, porque os atalhadores e facheiros érão todos a crestar e não se tomou o rebate a tempo. Os nosos chegárão ao gado que víão e rodeado o tomárão com tres mouros e duas mouras que com ele andávão, e em mui pouco espaço dérão com ele em Sinete. Artur Rodríguez, avendo vista da muita presa que ficava ao longo da ribeira, não tinha sofrimento de leixar de bradar e culpar os nosos, que estando mais um pouco na cilada vinha toda a aldea ao campo: somos tão maos que, vendo craro ser asi, mormurávão e dizíão que fenjia, e contudo a presa foi muito grande pera almogavares, por se tomarem cinco mouros e mouras e cento e cincoenta reses, vacas, e mais de quinhentas

1. [que] *f.* A. — 2. [e] *f.* A.

de gado meudo. Artur Rodríguez vinha tão ledo que mandou dous de cavalo a pedir alvixaras ao conde de sua boa dita. Toda a vila foi alegre e contente por Artur Rodríguez fazer boa presa e o conde muito mais polo acabar de omiziar. Ao outro dia foi recebido com muita alegria e muito mais do conde polas rezões acima ditas, e o começou a louvar, que tudo fizera como bom almocadem, e como lh'o pintara na vila asi lhe saira.

Ficou Artur Rodríguez tão desacanhado deste feito que dali por diante parecia mui leve a todos e se fez conversavel, que em toda parte que nele falo desejo de o louvar, porque eu fui algũas vezes com ele fora, e ia tão leve que, asi a mim como aos outros, parecia que iamos tão seguros com ele como que estavamos dentro da vila. Esta almogaveria e a nova que estes mouros dérão fizérão ao conde tornar fora; e como soube certo que el-rei era em Féz e os alcaides em suas casas, e por levar a Dom Pedro [1] Mazcarenhas, se cunhado, fora, que em Arzila estava a este tempo com as galés, mandou dar ás trombetas e se pôs a cavalo; e, posto que o ardil a que ia era de Antonio Coutinho, que era travesarem a serra de Benamares e sairem ao campo de Mençara e Fiquer, todavia, deu conta a Artur Rodríguez, dizendo-lhe a vontade que levava de travesar a serra, se se estrevia a levá-los sem serem sentidos, ao que ele se ofereceo, e, logo dando conta a Pero de Meneses e Antonio Coutinho, asentárão todos tres almocadens de intentarem este ardil, que era pera degolarem todo o campo de Benahamede e Fiquer e Mençara e Alinaçar; e com esta detriminação saírão da vila e, fazendo seus ordenados e costumados pousos e folgas, fôrão amanhecer junto da serra, e não quisérão entrar nela senão já sol saido, por que, se fosem sentidos, não tivese tempo de se ajuntar jente de pé e lhe poderem fazer algum dano em um corrego ou paso roim, de muitos que ha por aquelas serras; mas, tanto que tudo vírão sosegado, fazendo outro pouso, se metêrão nela e guiando todos tres almocadens, indo Pero de Meneses como [marco] [2] com muito trabalho, cortando muitos paos, braços de sovereiros e de carvalhos, que os corregos travesávão, e fazendo em muitos lugares caminho á espada, levando os cavalos pola redea, primeiro que ouvesem vista da outra parte, gastárão a mór parte do dia com muito trabalho dos almocadens e dos que ás espadas íão fazendo o caminho, e muito mór dos cavalos, caindo em corregos e ribeirões, donde não podíão sair senão guiando-os ás mãos; mas todo este trabalho lançárão fora tanto que vírão o campo da outra parte andar largo e seguro, que foi tanta a alegria de todos, quando vírão Artur Rodríguez, que vinha pedir alvixaras, dizendo: «Senhor, Deos é connosco, que o campo está seguro e não somos sentidos, e Pero de Meneses diz que ande vosa senhoria», — o contentamento foi tão grande em todos que Dom Pedro Mazcarenhas, que espantado ia do trabalho pasado, se rio contra o conde,

1. Pedro] Pedero A. — 2. [marco] *em branco em* A; maioral BNM.

dizendo-lhe: «Parece-me que esta jente se alegra como quem corre tormenta no mar, que dizendo: «Parece terra!», donde mais certo está o perigo se alégrão: não ha cavalo que tenha ferradura, nem homem que se posa bulir, e já se alégrão com dizer que vem mouros; se os vós tomais com este trabalho, digo-vos que os não quero, nem cobiço vosa capitania». O conde lhe respondeo: «Senhor cunhado, bem tendes ouvido que a barba molhada toma a enxuta na cama; ũa cousa vos faço saber, que pasamos por terra e estamos em parte que, se foramos sentidos, cem vilãos de pé nos desbaratávão [1], e pois Deos nos chegou a este lugar, sem averem sentimento de nós, não ha de que temer»: e com estas e outras praticas chegárão donde Pero de Meneses e Antonio Coutinho estávão. Chegando o conde a eles e tomando atalaia sobre o campo, e chamando a Dom Pedro e a Dom Manoel, seus cunhados, e vendo o campo estar seguro, se detreminárão de correr, apartando primeiro setenta de cavalo com os almocadens, e outros tantos tomou pera si com seus cunhados e o guião, e o resto da jente mandou que acompanhasem a bandeira, e com esta ordem saírão da serra; e não érão ainda fora dela quando a grita e rebate se tomou com tamanho estrondo da ũa e da outra parte que parecia que [as serras][2] se vínhão abaixo, e, correndo os almocadens pera a parte de Mençara e d'Alinaçar, e o guião á boca de Benarróz, fôrão alcançadas e tomadas mais de trinta almas, homens e molheres, e mais de quatrocentas cabeças de gado vacum e muito meudo, e, recolhendo-se da ũa e da outra parte, se viérão saindo pola boca de Benamares com muito contentamento dos nosos e muita tristeza e desgosto dos contrairos, vendo trazer os pais e irmãos e parentes de muitos e doutros que bradando vínhão de outeiro em outeiro e de daroeira em daroeira, e asi foi o rebate tão bravo que os do Farrobo e os d'Arraihana e Benamaçuar o tomárão e se viérão a aver vista e aver parte do desgosto de seus proximos, mas não que chegasem donde pudesem travar com os nosos, que isto tem esta barbara jente que com piqueno favor se azédão e apégão como abelhas, e, polo contrairo, fícão quebrados vindo algum contrairo de sua parte. O conde veio recolhendo sua cavalgada, que em verdade que pera antre serras tão corridas e de penedias foi ũa das boas cavalgadas de noso tempo e ajudou a sostentar a vila o ano seguinte, pola muita necesidade que nele ouve em toda Espanha, como nele se dirá, e sem perder homem, nem aver perda, sómente dalguns cavalos, que da serra ficárão mal tratados, trouxe toda sua presa e cavalgada á vila, na qual metêrão pasante de trinta mouros e mouras e mais de quatrocentas cabeças de gado vacum e mais de mil de meudo. Posto que o ardil e ordem foi de Antonio Coutinho e de Pero de Meneses, a honra e prolfaça[3] se deu a Artur Rodríguez, e todos

1. desbaratávão] desbaratárão B N L M. — 2. [as serras] *f.* A. — 3. prolfaça] profaça B Ñ M.

tres fôrão louvados do conde e igoalados nas partes, mandando a cada um dar do monte mór ũa vaca prenhe e dous bois, com que Artur Rodríguez foi muito contente e se ouve por seguro, e daquele dia por diante se não temeu, nem o conde leixou de confiar nele, ajudando muito a Artur Rodríguez seu senhor que foi, que como velho e honrado não faltávão conselhos e vesitações.

Pois leixando a Artur Rodríguez seguro e fiel, mais pola nobreza e manhas do conde que por dele se esperar, tornarei a dar fim á nosa cavalgada, a qual, arrobando-se [1] o gado vacum, se repartio por igoais partes, e asi, depois de quintado o meudo, se vendeo asaz barato, dando os carneiros a escolher a dozentos reais, muito grandes e velhos e gordos, e as cabras a tostão e as ovelhas a meio tostão, e desta maneira se encheo e fartou a vila de carne, não ficando sem parte as galés, porque o conde de seu quinto as proveo, mandando a cada ũa dous pares de bois, velhos e gordos, pera carnajem, e asi mandou muitas ovelhas e chibarros aos forçados, com o qual convite todos ficárão contentes e disérão bem da cavalgada. Com tudo isto, Dom Pero Mazcarenhas, como seu animo era grandioso, não ficou contente de se fazer a guerra com tanto trabalho e manha, não querendo senão que as bandeiras despregadas fôrão buscar os mouros.

Esta cavalgada tão grande e asinalada fez a el-rei de Féz tornar abaixo a segunda vez, quando foi o [feito] [2] do Rio Doce, e o conde se detreminou a ir nas galés com seu cunhado a Cepta, em romaria a Nosa Senhora de Africa, e ver e visitar Cepta, Alcacere e Tanjere, na qual ida aconteceo algũas cousas que nela se dirá, e com isto pasarei a outro capitulo e direi algũas cousas das muitas e fieis de Pero de Meneses.

CAPITULO LXX

De duas entradas e almogaverias de Pero de Meneses

PASADA esta grande cavalgada, em que as mais das aldeas ficárão despovoadas de gado, e muitos mouros, naturais de Benamares e doutras aldeas, nosas vezinhas, vendo-se furados, e que os muros que a natureza lhes deu pera sua guarda e defensa érão rotos e cada vez o seríão mais, leixando suas casas de palha metidas em grandes riscos de penascos e silvados, se pasárão antre Alcacere e Larache e fizérão e povoárão ũa aldea e lhe pusérão nome Benamares, a qual oje em dia permanece, e ao noso despejo avia nela mui bons almocadens e cavaleiros,

1. arrobando-se] arrõbando-se A. — 2. [feito] *f. em todos os mss.*

que nos fazíão muita guerra e nos dávão muitos repiques e rebates, como adiante direi, nomeando os feitos dos almocadens dela, em especial de Acem Nijar e Caret e Machique, os quais leixo até seu tempo.

E por aver contado de Antonio Coutinho e de Artur Rodríguez, direi de Pero de Meneses, o qual como sua querença [1] era fazer a guerra a Alcacere e anojar ao alcaide, por aver fama que mandara tirar os olhos a um seu irmão, com receio e sospeita que tinha dele se vir pera o irmão, e com este odio e o que dantes tinha sua inclinação era ir á Ponte ou Alcacere, donde dése trabalho ao alcaide, fazendo-o vir ao rebate; e com esta entenção foi correr Algarrafa e, tomando as atalaias no Zambujal sem rebate, correo até o porto da Ribeira Grande, antre Algarrafa e Alcacere, e, matando quatro ou cinco mouros e cinco ou seis cavalos [2] e egoas, com muita présa se recolheo, porque o rebate foi grande e alguns se salvárão pola estrada d'Alcacere e os seus fizérão muita detença em se ajuntar, que, como das atalaias tomadas no Zambujal tivérão boa nova e que o alcaide estava em sua casa, corrêrão tão largos e espalhados que fôrão pegar no gado junto das casas e, recolhendo-o, se vínhão caminho de Taliconte, o que Pero de Meneses não fez, que logo se tornou ao Zambujal, donde lhes mandou que se recolhesem e alargasem o gado. Gaspar Caldeira e Francisco de Gouvea, parecendo-lhes que eles sómente tomárão lingoa, o não queríão leixar até Pero de Meneses ir a eles, e, soltando o gado, se pusérão no caminho com maior présa do que os nosos quisérão, dizendo os mouros que de que [3] fojíão, que o alcaide estava em sua casa, e que não avia de vir após eles; mas não foi como eles dizíão, que, tanto que o rebate se tomou, logo foi em Alcacere, e o alcaide saio caminho da Ponte, donde já érão corenta de cavalo com Benganeme e Zanaca, aos quais o alcaide acodio, parecendo-lhe o rebate era deles, e eles esperárão no facho da Ponte por recado do alcaide, que se logo corrêrão a Taliconte, os nosos achárão estes corenta de cavalo diante; e porque Pero de Meneses isto sabia muito bem, que a salvação dele e dos seus companheiros estava em se afastarem da Ponte, o tinha por costume que, quando ia tomando-se de facho em facho, ele fazia por seguir sua presa, mas, ouvindo a primeira bombarda [da em Alcacere] [4], logo se recolhia, e era tão cauto e calado que o não dezia a ninguem, por não ser enganado, não tirando bombardas ao rebate, e por isto se recolhia com muita présa. Pois asi seguindo seu caminho, chegou á vila com muita boa presa pera vinte cinco de cavalo, com os quais ele costumava ir fora á banda da serra, que á Ponte não levava mais de dezasete, dezoito, com os quais tinha muita devação, do dia que lhe socedeo e aconteceo que-

1. querença] vontade B N L M. — 2. matando... ou seis cavalos] matando quatro ou cinco mouros trouxe seis vivos e outros tantos cavalos B N; *alterado em* M; L *não se pode ler*. — 3. que] quem B N M. — 4. [da em Alcacere] *f.* A.

brar o loro do estribo a Diogo Botelho; e era nestas recolhidas tão cauteloso que sempre se recolheo com tanta présa que muitas vezes alargava gado e se não queria embaraçar com ele, nem dava credito ás lingoas que trazia, do dia que foi o feito do Xercão, que dizíão cinco mouros e mouras que trazíão que não avia jente, nem guarnição, veio o alcaide dar sobre eles, como fica contado no ano de mil e quinhentos e dez; desta maneira Pero de Meneses foi recebido com cinco mouros e outras tantas egoas, de que saírão mui boas partes.

Outra fez, neste ano de vinte, á Ponte, donde trouve dous mouros de cavalo, tomados de noite, pacendo com seus cavalos, bem afastados da ribeira, a qual ele pasou sendo sentido; e os que o sentírão, afastando-se o milhor que pudérão, fizérão um piqueno fogo, o qual era o sinal que pera se tomar o rebate tínhão; e tomado o rebate, de guarda em guarda chegou a Alcacere e, dando fogo á primeira bombarda [1], as duas guardas se pusérão a cavalo e, como Pero de Meneses ia polo rastro da erva, que os cavalos pouco avia que fizérão, ouvérão vista deles e, seguindo-os, fôrão ambos alcançados, e, tornando a pasar a ribeira, antes que fose de dia, viérão amanhecer ao poço de Fernão de Xira, meia legoa da Ponte.

E, por esta maneira, temos contado duas almogaverias que os nosos fizérão neste ano de mil e quinhentos e vinte, e asi outras duas entradas que o conde com sua jente e bandeira fez, e tãobem outras duas vindas d'el-rei de Féz abaixo, com as quais vindas e corridas a guerra este ano andou mui acesa, entrando muitas vezes almogavares, asi da serra como d'Alcacere, os quais levárão algũas atalaias; e porque nestas vindas se perdeo ũa quadrilha d'Alcacere em Tendefe, leixarei as outras e direi sómente desta.

CAPITULO LXXI

De uns almogavares que neste ano se perdêrão em Tendefe

Proseguindo o que neste ano de vinte pasou em Arzila, eu ei contado entradas e corridas que os mouros fizérão e outras feitas polos nosos, como polos capitulos atrás se pode ver, e por se perder ũa quadrilha d'almogaveres em Tendefe, que foi o mais asinalado feito deste ano, nem doutros atrás, nem ao diante, o guardei pera o cabo, posto que no tempo em que se perdêrão foi no meio do verão, fazendo grande calma, o qual caso ou desastre deles pasou desta maneira.

Mui pubrico e sabido é irem as atalaias descobrir ás vezes perto, ás vezes largo, asi como as mândão, e como a vila tem necesidade do

1. dando fogo á primeira bombarda] dando-se a primeira bombardada B N L M.

campo, e asi como os capitães tem a nova. Um dos mais asinalados [1] e cotidiano posto e o que os mais dos dias se descobre é [2] a aldea de Tendefe, ás vezes se descobre sómente o rosto e outras vezes a aldea e outras o Malhão e outras a Atalaia Alta e outras o Arrife, e tudo se chama Tendefe, quero dizer que indo fora algum de nós outros, querendo saber donde as atalaias são e saber até donde podemos ir, preguntamos ou olhamos pera Tendefe, por se chamar asi ũa aldea grande que [a]hi [3] está, pola qual toda aquela parte toma o nome. Pois indo as atalaias fazendo seu oficio, que é ir descobrindo, ũa dando vista á parte do campo e as outras de seu través, que são as da Ruiva e Alfomar, e a outra dando vista ao mar e ás Furnas, —pois chegando ao rosto, donde por então o não avíão de pasar, tendo-o já descuberto, e ũa delas a pé e a outra estando sobre o mar, por comprir asi estar pera estarem mais seguras, aconteceo que aquele dia estávão almogavares no Malhão e, vendo que as atalaias não pasávão do rosto e que já estávão seguros em seus postos, mexendo ou bolindo a atalaia deles, querendo ver o que fazíão, ou se teríão maneira pera as vir saltear, foi visto o mouro, que por atalaia estava, de ũa das nosas atalaias, que João Mealho era, que o mais pervisto e percatado das atalaias de seu tempo foi, que dizia que sómente vira por antre ũa piquena palmeira a luzença, como dantes estivese cerrada e tapada, como que a tinha ocupada algum corpo; e, chamando ao companheiro, o fez vir á vila com o recado do que vira, sem que os mouros o visem, porque de seu posto tomou polas Furnas abaixo e, por encubertas, deu o recado ao conde, como seu companheiro via cousa viva na atalaia do Malhão. O conde se pôs logo a cavalo e, como que ia dar a guarda, se foi caminho da Atalaia Ruiva, mandando primeiro ao longo do mar a Pero de Meneses com trinta de cavalo, que, avendo á mão o ribeiro de Jil da Mota, se fosem por ele a Tendefe, e o adail Fernão Mazcarenhas dése sua guarda acostumada, e que as atalaias do rosto se melhorasem, como tínhão de costume, que, quando se dá a guarda, mândão um homem de cavalo ás atalaias que vão por diante, que era o que os mouros queríão e desejávão.

Tanto que o João Mealho teve o recado, logo foi por diante, fazendo seus pousos e ademães [4] acostumados, que, posto que ele trazia o milhor cavalo que em Arzila avia e era homem muito piqueno e leve e que o cavalo o não sentia, todavia, sempre andava a muito recado. Pois chegando á atalaia do Malhão lhe saírão os mouros e por aquela ladeira abaixo o trouxérão até pasar os canaviais da fonte, que conhecendo a João Mealho e que o cavalo vinha folgando, e quem vinha em cima travesado na sela, parárão todos, mas como já Pero de Meneses ia com o rebate e

1. asinalados] asinalado A L. — 2. se descobre é] se descobria era B N L M. — 3. [a] *f.* A. — 4. ademães] ademanes B N L M.

asomou sobre a Farroubeira, donde os mouros ouvérão vista dele, e tendo-se por perdidos, em especial os que chegárão á aldea, desesperados de tornar á Atalaia Alta, donde tínhão seu dereito caminho do Soveral, se lançárão caminho d'Alhazana, por uns arrifes abaixo, donde os mais caírão e fôrão ao chão, e, parecendo-lhes que se podíão salvar, se embrenhárão em ũa piquena brenha d'Alhazana, donde depois os tirárão um e um.

Pero de Meneses, tanto que deu vista ao caminho e vio os mouros que por ele se recolhíão e alcançados, [ele e os seus] [1] começárão logo a derrubar neles, e um dos que primeiro a ele chegou foi Antonio Rodríguez, filho de Artur Rodríguez e criado do conde, o qual pondo a lança em um mouro deu com ele no chão, pasado de ũa parte á outra, ficando nele ametade da sua lança e, arrincando de um grande e pesado terçado e levando-o na mão, se meteo antre os outros, que fojindo íão, e, igoalando-se com outro mouro, lhe deu tal golpe por cima da cabeça que um pedaço dela com ũa roda do casco, tamanha [2] como ũa fatia de [3] laranja, e, decendo o terçado ao pescoço, cortou até junto dos hombros e deu com ele aos pés seus. Isto em vingança da morte de seus irmãos, Diogo Rodríguez e Francisco Rodríguez, e tãobem por aver pouco que saira de cativo, de quando se perdeo com João Coutinho, como atrás fica apontado. Pois desta maneira, seguindo os mouros, os fôrão matando e derrubando, casi todos levando o caminho de Mijeleo e do Soveral, donde os que escapárão se salvárão.

O conde foi em corpo favorecendo os seus até sobre o Pego Redondo e, trazendo os mouros vivos e os cavalos dos mortos, carregou pola Malveira e veio sair a Çael, dando vista a alguns dos seus que trás alguns dos almogavares que [4] se lançárão á praia e ao Cabo Branco, dos quais os mais deles se perdêrão e quando chegou a Alhazana a achou tão buscada que os mouros que ahi ficárão érão já na vila todos, de maneira que de vinte cinco ou trinta de cavalo se perdêrão os dezaseis ou dezasete, ficando os mais cativos, antre os quais ficou o acogotado por de trás, que Antonio Rodríguez ferio e derrubou, o qual eu vi curar e tirar o pedaço do casco, tamanho como ũa palma da mão; e, como a carne do pescoço vinha encolhida, com muito trabalho lh'a coseo o bacharel Francisco Gotérrez, e o mouro sarou e lhe ficou a cabeça encostada atrás, e são foi vendido e o comprou Luis d'Atouguia, fidalgo da ilha da Madeira, que em este tempo em Arzila estava, servindo el-rei, noso senhor, com muitos cavalos e boa casa, como pesoa rica e abastada, que nesta corrida tãobem foi dos dianteiros, soltando-se da jente do conde. Tomárão-se nesta corrida dezoito ou vinte cavalos, dos quais Luis d'Atouguia, por serem mou-

1. [ele e os seus] *f. em todos os mss.* — 2. tamanha] tamanho B N L M. — 3. fatia de] mea B N L M. — 4. que *é expletivo como em muitos outros passos.*

riscos e como homem rico, comprou os quatro ou cinco. Tãobem se perdêrão muitos dos nosos cavalos, que, como a corrida foi grande e em dia de calma e saírão da vila folgados e fartos de trigo, uns açafrárão e outros augoárão [1], de maneira que se enjeitárão mais de dez ou doze, os quais se pagárão muito bem.

O João Mealho parece que o não satisfizérão como ele queria, que não sou lembrado mais que agravado da paga ou do conde se foi pera Tanjere, donde não tardou muito que os mouros o matárão, ainda que alguns dizem que cristãos, e os mouros asi o dizíão, que, correndo Amelix após ele, se embaraçou no rio de Tanjere o Velho, o tomárão e, levando-o nas ancas um mouro, saindo jente de Tanjere após eles, e vendo-se os mouros apertados, o mouro que o levava o lançou de si, e caindo no chão e cuidando os nosos que era mouro, por ir vestido em ũa aljaravia, lhe dêrão de lançadas; os de Tanjere dizem que os mouros o alanceárão. Disto já fiz memoria na morte de Amelix, quando dise que, indo desbaratado e perdido, fez ũa volta e derrubou a Diogo Pereira e o levou cativo e ferio ao adail Antonio do Couto. Fiz esta lembrança porque, sendo João Mealho causa de se perderem estes almogavares e tendo fama de homem de bom recado, não me lembro da causa porque se foi a Tanjere, donde acabou a poder de Amelix, em cima do milhor cavalo que em Arzila nem Tanjere avia.

Tornando aos almogavares, dos quais viérão muitos mal feridos, mas logo fôrão vendidos, segurando-os e curando-os á custa da cavalgada, entre os quais viérão homens de preço, dos quais Jorje López e Francisco Gonçálvez ouvérão os milhores em [2] sesenta mil reais cada um, que em aquele tempo era mais do que agora é dar por um mouro dozentos mil reais, os quais, dobrando o custo, fôrão logo resgatados; os que se salvárão por dentro do Soveral fôrão ter á Ponte bem espalhados e desfarrapados, e tomando as guardas o rebate, fazendo seus fogos e sinais, derrubando os fachos, foi tomado em Alcacere, ao qual o alcaide saio até a Ponte, donde recolheo os poucos que escapárão, e ficou com esperança de serem alguns salvos por Larache, porque os que se lançárão polo rosto de Tendefe abaixo se soubérão tomar o caminho da praia e do Cabo Branco, segundo o vagar tivérão e o rodeo que os nosos fizérão, em ir demandar a Atalaia Alta e em cavalgar á aldea d'Alhazana, muito bem se pudérão salvar; mas eles se embaraçárão, de maneira que lhes pareceo que, leixando os cavalos, a aldea os cobriria com o mato que nela avia de silvados e daroeiras e algũas romeiras, mas, como era perto da vila, foi tudo buscado e corrido, de maneira que, achando os cavalos soltos, não os deixárão de buscar até não serem seus donos achados, como fôrão.

1. augoárão] augárão B N M; agoárão L. — 2. em] em preço de B N L M.

Proseguindo o feito dos almogavares, dando-se o rebate em Alcacere, o alcaide acodio á Ponte, donde ouve fala dos que escapárão; e, parecendo-lhe que alguns ficávão polo Soveral, mandou a cide Bujima Benhaulá, seu meio irmão, que com cento de cavalo os fose recolher e favorecer, e chegase até Alvalate, ũa legoa da Ponte, e ele esteve recolhendo a jente que ao rebate acodia, asi d'Alcacere como das aldeas ao redor, dos quais se ajuntárão pasante de oitocentos de cavalo, com os quais o alcaide cide Hamete Laroce quis vir vingar a injuria daquele dia, ou, ao menos, mostrar que viera favorecer os seus; e aquela noite deu a andar e se veio lançar em Mijeleo, legoa e meia da vila, e mandou entrar outros trinta almogavares em Tendefe, mandando-lhes que corresem as atalaias até as encerrar, e fizesem polas matar ou tomar, afim que os nosos se soltasem após eles; mas, como as atalaias aquele dia não pasárão da Ruiva, nem do mar, que, como toda a vila estava ocupada no aleilão, asi dos mouros como dos cavalos e selas, não houve guarda, nem o adail saio fora; e, vendo os mouros como as atalaias não pasávão, nem chegávão a Tendefe, o fizérão saber ao alcaide, e porem que ali donde estávão as podíão saltear. O alcaide, com desejos que tinha de fazer algũa cousa e dar rebate á vila, lhe mandou que se melhorasem e visem se as podíão tomar ou alancear; e, alcançando o ribeiro de Jil da Mota, se viérão por ele abaixo e lhe saírão de tão perto que, sem nenhũa das atalaias poder enfrear, se pusérão a cavalo e, seguindo-os até as vinhas, tomárão ũa delas, que era Bastião Fernândez Medeiros, que poucos dias avia que saira de cativo, e o companheiro, que Pero Pinto era, se salvou; e com esta atalaia muito de vagar se fôrão recolhendo, indo alguns de cavalo pegados com eles, que se achárão fora.

O conde acodio ao rebate e repique e não parou até a Atalainha das Palmas, e, vendo ir os mouros por Tendefe acima, logo lhe pareceo que era o alcaide que acodio ao rebate, e não consentio que nenhum de cavalo se apartase dele, posto que o adail era já no monte das Porcas ao través dos mouros, os quais por seu caminho sobíão á Atalaia Alta; e, vendo o alcaide estar o conde quedo e os seus irem de vagar, dando mostra, se pôs em ala, estendendo-se pola Atalaia de Mijeleo, mostrando que vinha favorecer os seus. O conde, tanto que vio os mouros em Mijeleo, detreminou ir buscar o alcaide e pelejar com ele, parecendo-lhe que, como o dia dantes saio ao rebate, não podia ajuntar tanta jente como ele tinha e podia, e, mandando pola bandeira e que se viesem armar, se foi pôr na Atalaia Ruiva. O alcaide, tanto que teve nova da atalaia e soube quantos mouros érão vivos, em achaque de saber quais e quais érão os mortos, despedindo a Benganeme, cavaleiro seu e pesoa honrada, o mandou com recado ao conde, fazendo-lhe saber como ele estava ali, pedindo-lhe leixase falar a Benganeme com os mouros cativos e levar a nova dos que érão vivos e dos mortos.

Esta vinda de Benganeme fez mais[1] alvoroço ao conde e mandando-o[2] com dous de cavalo á vila, e que com muita présa Antonio Rodríguez, filho de Artur Rodríguez, e seu veador, levase a bandeira, o qual, por seu cavalo o dia dantes vir mal tratado da corrida, não saira a repique, mas vendo o recado do conde logo se pôs a cavalo, a que Eitor da Silveira, filho do coudel-mór, não deu espaço, que, parecendo-lhe que Antonio Rodríguez faria mais tardança da que queria, veio da Atalaia Ruiva á vila e entrando na igreja de São Bertolameu tirou a bandeira, e, tendo-a na sua mão, lhe deitárão agoa benta, e com ela nas mãos saio pola porta da vila fora, indo já Antonio Rodríguez com ele e outros que na vila ficávão, tanta foi a présa de Eitor da Silveira de se achar em aquela peleja e que o conde se ajuntase com o alcaide; mas o alcaide, que pouca vontade tinha de se ver, nem ajuntar com o conde, o estrovou, porque, tanto que despedio a Benganeme, se pôs no caminho do Soveral, leixando suas atalaias sobre a estrada d'Alcacere, asi em Mijeleo, como em Alfandux e Alvalate, que vendo ir o conde caminho do Zambujeiro lhe dávão o recado; e tomando um troto ou galope não parou até pasar a ponte d'Alcacere com todos os seus. O conde, posto que levou muita présa, polo rodeo que fez, afastando-se da estrada, indo por Almenara e Alhadra, quando chegou á vista da Ponte era já bom pedaço da noite pasada, e, mandando a Pero de Meneses fose ver a Ponte, foi logo sentido de muitas guardas que nela estávão, e, achando a trilha do alcaide, que já era recolhido, o conde, pola metade da estrada, se veio á vila, na qual entrou ante-menhã com muito estrondo de trombetas, por lhe o alcaide asi não esperar.

CAPITULO LXXII

Em que se conta ũa cilada que se lançou a Duarte López, çapateiro, em a qual se descobrírão dous mouriscos[3] *que se ião pasar a terra de mouros*

Ũa cilada ou graça aconteceo neste tempo, da qual o conde se[4] levou o milhor, por lhe ficarem trezentos cruzados[5]; se fôrão bem ou mal levados não me entremeto, porque já [a]gora[6] terá dado conta no verdadeiro juizo, sómente contarei como pasou.

Avia em Arzila um Duarte López, çapateiro e morador, homem despejado e gracioso e bemquisto, por ser alegre e prazenteiro e homem de bem. Acertou que indo de Portugal, donde fora aviar o que lhe compria,

1. mais] muito B N L M. — 2. mandando] mandou B N L M. — 3. mouriscos] mouros B N L M. — 4. se] *f.* B N L M. — 5. cruzados] cruzados nas mãos B N L M. — 6. [a] *f.* A.

acertou d'entrar o navio em que ele ia já noite, e com vontade de chegar a sua casa fez que o pusesem em terra, e asi o fizérão outros sete ou oito pasajeiros, que, desembarcados, se pusérão á porta da Ribeira, esperando que lhes abrisem; e, preguntando das janelas donde o navio vinha, lhe respondêrão que de Tavila, e que ali estava um foão e Duarte López, çapateiro; e pedindo as chaves ao conde, que ceando estava, como disérão que [era] [1] pera abrir a Duarte López, logo pôs em cobiça aos que estávão á mesa de rir com ele e lhe lançarem ũa cilada [2], e, levantando-se da mesa, pedírão licença ao conde pera em trajo de mouros sairem pola porta do Albacar e os cativar, ou os fazer deitar ao mar; e, cavalgando dez ou doze fidalgos a cavalo, vestidos em aljaravias e capuzes e camisas mouriscas, saírão á praia, mas, como logo do baluarte da Praia e do Miradouro desem um bravo rebate, dizendo: «Mouros na praia!», os que á porta estávão, parecendo-lhe o rebate verdadeiro, fizérão por se pôr em salvo, dizendo o Duarte López: «Por si ou por não, vamo-nos ao pé do Miradouro, donde jente de cavalo não pode chegar», mas os de cavalo viérão tão prestes que os mais dos que á porta estávão lhes ficárão nas mãos, o que não fez Duarte López, que, como homem que sabia as pedras e por donde se avia de salvar, se pôs em salvo, e dizia ele que logo lhe pareceo que era cilada, mas quis asegurar-se até saber a verdade; e, antre os que ficárão em poder dos nosos fôrão dous homens castelhanos, os quais vendo-se tomados dos mouros e que alguns falávão algaravia, sem mais consideração respondêrão que não lhes fizesem mal, porque érão mouros de Grada, e que se vínhão tornar mouros; e como Antonio Rodríguez, veador do conde, que aravia falava, e era um dos de cavalo e da cilada, travase fala com eles, os levou tão embebidos que, ainda que logo os metêrão no castelo e vírão que todos falávão português, não se queríão apartar dele Antonio Rodríguez, dizendo-lhe os levase ao alcaide, porque érão mouros, e a iso vínhão. Eu, vendo seu traspasamento, os tomei polas mãos e lhes dise: «Homens, tornai em vós, que não estais senão em terra de cristãos, que estais em Arzila, donde o conde Dom João Coutinho é capitão, que tudo isto é prazer e folgar». Com isto tornárão em si, mas, como ao conde disesem que dizíão ser mouros, os mandou chamar e lhes preguntou que homens érão e ao que vínhão a Arzila. Respondêrão que érão mercadores e vínhão comprar couros e cera pera levarem a suas terras. «Com que dinheiro vinheis comprar esta cera?» dise o conde. «Com dobrões [3] que trazemos», e logo tirárão dous correos [4] que ao redor de si trazíão, em os quais vínhão os trezentos cruzados. O conde lhes dise que não ouvesem medo, nem receio, que disesem donde

1. [era] *f.* A. — 2. logo pôs... ũa cilada] logo os fidalgos que á mesa estávão reinárão de lhe fazer algũa zombaria e deitar-lhe ũa cilada B N L M. — 3. dobrões] dobras B N L M. — 4. correos: *cintos? F. nos dicionários com esta significação.*

érão. Logo respondêrão que ambos érão naturais d'Aguilar, lugar do marquês de Prego, mas como acertase de estar á mesa do conde um criado do marquês, que em Arzila estava omeziado, por matar ou ferir um correjedor da cidade de Cordova, que Diogo de Heredia se chamava, e lhes preguntase se o conheciáo e como se chamávão e quem érão seus pais, com estas preguntas respondêrão que morávão em Aguilar, mas que êrão naturais da cidade de Granada. O conde lhes tornou a preguntar se érão mouriscos e, embaraçando-se e dizendo que não, mas que seus pais o fôrão, o conde por abreviar mandou chamar a um Duarte Fernândez, cristão novo, e lhe mandou os buscase se érão cortados, se fanados [1]; e, vendo-se apertados, apartárão o conde e lhe confesárão que érão mouriscos e que seu intento era pasar-se [aos mouros] [2], polo qual o conde os tomou por cativos e lhes tomou os trezentos cruzados; asi que o milhor da cilada ou da bulra [3] levou o conde.

Um deles era çapateiro e outro bom serralheiro, os quais usávão, o tempo que em Arzila estivérão, seus oficios, mas, como a peste viese no ano de vinte dous e dada nos mouros do conde ou na mazmorra, o conde, por serviço de Deos, lhes mandou tirar os ferros, e que se embarcasem pera Castela, o que não pudérão fazer por não aver navio em tal tempo, e andárão soltos até que um faleceo de peste e o outro se tornou pera Granada, donde o eu vi, e muito bem se pudérão ir ambos, ou um deles, pera terra de mouros, se o quisérão fazer.

CAPITULO LXXIII

Do feito e valentia que ao alcaide-mór de Tanjere e a seu irmão Aires Coelho aconteceo pelejando com ũa fusta vindo pera Arzila

Muito quisera sair deste ano de quinhentos e vinte, polo muito que nele tenho dito e escrito, e asi quisera fazer capitulo do ano de vinte um, mas vejo travar de mim e pedir-me não deixe d'escrever e pôr em memoria o feito do alcaide-mór de Tanjere e de seu irmão Aires Coelho, que, vindo de Tanjere pera Arzila em ũa piquena caravela, fôrão seguidos de ũa fusta de Tetuão e alcançados e entrados e, pelejando valerosamente como bons cavaleiros, se salvárão, matando e ferindo muitos deles; e, posto que este tão asinalado feito foi no mar, o não leixarei

1. se érão cortados, se fanados] se érão fanados B N M; se érão cortados e fanados L: *isto é, se eram circuncidados.* — 2. [aos mouros] *f.* A. — 3. bulra] bulrra A.

d'escrever e contar, pois foi neste ano de vinte, e portanto, querendo-o satisfazer, quis fazer neste maretino [1] capitulo o que pasa asi [2].

Nos capitulos atrás fica apontado como, depois da cavalgada do muito gado e da pasada da serra de Benamares, o conde se embarcou com seu cunhado, Dom Pedro Mazcarenhas, capitão das galés, pera ir a Cepta, donde se tinha prometido a Nosa Senhora d'Africa, e, abocando o Estreito, o levante os não leixou tomar a bahia de Tanjere e forçado[s] [3] tornárão de trás do [4] cabo d'Espartel e, pondo as proas das galés em terra, viérão as atalaias do Cabo a falar com elas; e, sabendo estar o conde ali, tornárão a dar recado a Dom Duarte de Meneses, capitão de Tanjere, o qual veio logo com sua jente a Almadrava, a levar o conde á cidade; e, porque neste caminho o conde pasou ũa piquena graça com um forçado, a contarei, ainda que não seja senão por falar nele.

Pois estando na Almadrava e junto de terra e já desenjoado, vio alguns forçados jugar as cartas e logo cobiçou fazer-lhes companhia, e, preguntando que jugávão, dise se queríão jugar com ele; e, jugando com uns e outros, veio a ganhar um capote de um forçado em um tostão [5] e, dizendo-lhe o forçado que ficava despido e lhe fizese mercê dele, dise que não queria, antes quereria mal a quem o cobrise ou lhe dése outro; e, tomando-o na mão, o deu a um paje, o qual de fidalgo e limpo dera duas valias polo não tomar na mão [6]. Outro forçado lh'o pedio, dizendo que não tinha capote, lhe fizese mercê e esmola dele; o conde lhe dise: «Dar-t'o-ei com tal que o não tornes a este que o jugou, se te não der dous tostões por ele». Logo respondeo o que o jugara, dizendo: «Corpo de tal, quereis ganhar com o meu capote, que lhe dizeis que o venda por mais do que o vós ganhastes: não abasta que o resgate da mão do companheiro polo preço que o comprastes?» Ao conde pareceo bem a graça com que o forçado isto dise e dizendo que dizia bem lh'o tornou.

Pois chegado Dom Duarte, o conde se foi por terra, e as galés fôrão dahi a dous dias, e dahi pasárão a Alcacere e a Cepta, donde o conde comprio sua romaria e esteve esperando que o levante tornase a ventar pera com ele tornarem, pois com outro vento não serve, nem podem tornar a abocar o Estreito; e, porque este capitulo me pedio o feito do alcaide-mór de Tanjere e de seu irmão, tornarei a ele.

Pasado o conde a Cepta e sendo certo a tornada por Tanjere, Antonia d'Azevedo, almoxarifa d'Arzila e molher que foi de Diogo do Soveral, que em Tanjere estava com suas irmãs e tias, querendo-se tornar pera Arzila, fretou ũa caravela e, embarcada sua frasca e fato, estava espe-

1. maretino: *forma popular de marítimo?* — 2. e portanto... pasa asi] e querendo satisfazer-me quis fazer esta lembrança L. *Todo o capítulo f. nos outros mss.* — 3. [s] *f.* A. — 4. do] ao A. — 5. em um tostão] que valia muito pouco L. — 6. o qual... na mão] que não lhe queria pôr a mão tal era ele L.

rando que as galés tornasem pera em companhia delas e do conde se tornar a Arzila, donde tinha sua casa e fora nacida, como filha d'Anibal Teixeira, almoxarife que foi d'Arzila. Pois estando asi prestes, esperando que as galés tornasem, socedeo tornarem com tanto vento e força de levante que, não ousando sorjir, nem deitar fatexa na baia de Tanjere, pasárão ao longo da couraça e muro de Tanjere e viérão ter a Arzila, donde com o levante ha mais abrigo, e a caravela em que Antonia d'Azevedo avia de vir ficou em Tanjere, que não pode sair do arrecife, por muito que trabalhárão de a lançar fora, por vir trás as galés, de maneira que por aquela vez ficou em Tanjere; e, como o conde tivese necesidade de avisar dalgũas cousas a Dom Duarte, mandou um barquinho de pescar que á força de remos tomasem Tanjere, ou ao menos Almadrava e desem as cartas ás atalaias do Cabo. Os do barco, achando o vento mais bonança, quisérão pasar o Cabo, donde fôrão tomados de ũa fusta de mouros que de Tetuão chegava. Tomado o barco e seis homens que nele íão, e tomando lingoa deles, e sabendo que as galés ficávão em Arzila, não ousando pasar a Larache, quisérão tornar abocar o Estreito e levar sua presa a Tetuão. Tomando os remos nas mãos, e pasando aquela noite por Tanjere, fôrão tomar trás Falmenar, ũa boa legoa de Tanjere, donde um mancebo dos do barco, que avia nome Antonio Grimaldo, lançando-se da fusta ao mar, se salvou, e em pouco espaço veio ter a Tanjere, donde deu nova que Lopo Afilhado, arráiz do barco, e seus companheiros íão cativos, e que a fusta que os tomara ia na volta de Tetuão, com a qual nova a caravela detriminou de partir, pois o Cabo ficava seguro; e, tendo favor de duas naos grosas de bizcainhos, que na Almadrava estávão, que pera levante ião, e posto a partida por obra, se embarcou a dita Antonia d'Azevedo, acompanhando-a o alcaide-mór de Tanjere e seu irmão Aires Coelho, seus primos com irmãos; e asi s'embarcou o Grimaldo, que a noite dantes fojira da fusta, e ao outro dia com a força do levante dérão á vela e, pasando por o Cabo, dérão com a fusta, a qual, ou por industria, ou por não poder mais, se tornou aquela noite ao Cabo e, saindo á caravela, a envestio e logo fôrão dentro sete ou oito mouros; mas, como visem ao alcaide-mór e a seu irmão armados de couraças e capacetes e adargas, e que cada um levou o seu mouro na lança, e o Grimaldo com ũa lança tãobem tinha travesado outro, mais prestes do que entrárão se tornárão a lançar na fusta e alguns no mar, ficando tres ou quatro mortos e os outros feridos.

Deste sobresalto de uns e dos outros a caravela foi andando e a fusta ficou por de ré; mas como os mouros tornárão em si e vírão que não érão mais que dous homens os que pelejávão, e que a caravela ia carregada de molheres e homens, e que a presa era grande, animados todos á ũa, detriminárão cometer a caravela e a entrarem e tomarem por força, e, tornando a tomar os remos e a vela, a tornárão a envestir; mas já a

este tempo os da caravela, animados com os dous irmãos, tínhão feito emparo dos colchões, atados em cordas ao longo do bordo, mas como os mouros vínhão detreminados, investindo com a caravela, fôrão dentro catorze ou quinze com suas lanças e rodelas, mas não achárão menos estorvo que da primeira vez, porque o Grimaldo, posto junto dos dous irmãos com ũa lança e um bernio no braço, ajudou tãobem e com tanto animo que os mais dos mouros, que pola proa entrárão, fôrão mortos e feridos, pois o mestre e marinheiros, com os que pola popa da caravela quisérão entrar, vendo o que o alcaide-mór e seu irmão o Grimaldo fazíão, se defendêrão de maneira que matando alguns não ousárão entrar, e asi os lançárão fora da caravela, ficando os mais deles mortos e feridos.

Afastada a fusta e não ousando a investir, porque o Grimaldo, ao tempo que os mouros tornárão a saltar na fusta, estando todos apinhoados e tendo a lança metida em um, ou por a ter quebrada, ou por lh'a os mouros levarem das mãos, tomando o fogão da caravela nos braços e pondo-o na cabeça o deixou cair dentro da fusta, tomou sete ou oito debaixo, escalavrando uns e queimando outros e cegando outros com o fogo e cinza do fogão, de maneira que os mouros ficárão com tanto dano que, não ousando investir, detreminárão de ás setadas os ir pregando, e asi de ũa espingarda que antre eles avia; e, porque já a este tempo as duas naos dos bizcainhos, vendo a fusta andar ao redor da caravela, alargando as ancoras com as barcas por diante, vínhão em favor da caravela e, vindo já perto, vendo que a fusta não ousava a investir, posto que das naos tirávão muitos tiros, pera que os da caravela, vendo os tiros, tomasem favor, asi era que, a cada tiro que as naos tirávão, os da caravela dávão ũa grande grita; e, chegando mais perto, metendo-se nas barcas muitos e bons bizcainhos, bem armados com alguns berços, viérão com entenção de investir a fusta, a qual, conhecendo sua detriminação, com muito dano que tínhão recebido se afastárão da caravela e, amainando, se tornárão na volta de Larache, levando dez ou doze mortos e os mais feridos. As barcas chegárão á caravela e dando-lhes cabos a levárão ás naos; e vendo os capitães dous [1] homens sómente, e a caravela e fato tudo cheio de sangue e os mais dos nosos feridos, em que o Grimaldo era o mais mal tratado, que como andava desarmado antre as lanças ficou bem ferido, e soubérão como da caravela sómente avíão lançado ao mar quatro ou cinco mouros mortos, não sabíão a honra que lhes fazer, louvando-os de bons cavaleiros, e, fazendo-os curar a seu barbeiro, os pusérão nAlmadrava, donde Dom Duarte veio por eles e os levou a todos a Tanjere por terra, e a caravela ficou antre as naos até a meterem em Tanjere.

O Grimaldo ficou deste feito tão ousado e valente que, sendo um pes, cador e filho de um requeredor da alfandega d'Arzila, comprando cavalo-

1. dous] dos A.

se fez atalaia, e saio tanto homem e tão bom cavaleiro que em todas as cousas em que se achava era um dos primeiros e punha a lança, e asi foi muitas vezes ferido; e, sendo cativo de Mulei Abrahem, por valente homem o resgatou e lhe fez mercê, e, indo á guerra do xarife, o levou consigo, donde fez cousas asinaladas; e asi na ida que o emperador Carlos Quinto fez a Túnez, morando ele em Tanjere, embarcou seu cavalo e se foi a Malaga e dahi foi com os jinetes a Túnez, donde nas escaramuças andou tão quente e se asinalou tanto que, perante o emperador e o ifante Dom Luis, derrubou um mouro de cavalo e lhe tomou o cavalo, do qual lhe fez mercê e deu cincoenta cruzados; e o ifante o encomendou a Dom Pedro Mazcarenhas, que o trouxese consigo, como o trouxe, donde pudera ser honrado; mas, como era taful e jugava quanto tinha, seu e alheio, fez tantos desmanchos que se tornou a Tanjere, donde acabou a poder de mouros, como todos fazem, que de mortos ou pobres ou mal aventurados nenhum de nós outros escapa. Parece que, como o oficio é matar e roubar e a entenção com que isto fazemos má, traz consigo pouca honra e pouca mercê e menos favor com que os d'Africa somos tratados nesta corte, como craro parece em nós outros, porque por muitos serviços e asinaladas obras lhe fazem piquenas ou nenhũas mercês.

Tornando a dar fim a este capitulo, direi da fusta que, mortos dez ou doze mouros, foi entrar em Larache, levando os mais feridos e escalavrados, donde se curárão e repairárão, mandando os cativos do barco a Tetuão por terra; e tomando jente e esquipando a fusta, tornárão a sair na volta de Castela, buscando algũa presa pera de caminho levarem a Tetuão, da qual ida lhe veio a cair na mão ũa caravela carregada de cal, que de Vila Nova de Portimão pera Arzila ia, na qual tomárão ao ferreiro d'Arzila Alvaro Díaz, de quem já ei feito menção em tempo do conde de Borba, quando contei [o caso][1] das ferraduras; e agora contarei agraciosa estoria que com Mulei Abrahem lhe aconteceo, fazendo-se paralitico e endemoninado, polo qual feito saio de cativo, dando enxemplo a muitos oficiais cristãos, que sendo fracos e inconstantes ficárão em serviço dos reis de Féz, usando de seus oficios, fazendo artelharia e armas e outras maneiras de monições, em perjuizo de nosa santa fé e em desserviço d'elrei noso senhor; e, por este caso d'Alvaro Díaz e seu cativeiro ser neste ano presente, farei dele um capitulo.

1. [caso] *f.* A L.

CAPITULO LXXIV

Em que se conta como Alvaro Díaz, ferreiro d'Arzila, foi cativo e como por se fazer doente e endemoninhado saio de cativo: é gracioso conto

Neste capitulo, que agora acabei d'escrever, contei quanto desbaratada a fusta de Tetuão foi ter a Larache, da peleja que com o alcaide-mór de Tanjere e seu irmão ouvérão; reforçando a jente e tomando outros em lugar dos mortos e, mandando os seis cativos por terra, tornou a ir e entrar, mais pera se ir a Tetuão que pera fazer presa, mas a fortuna nunca está em um ser, lhe trouxe ás mãos ũa caravela que de Vila Nova de Portimão ia a Arzila, na qual ia Alvaro Díaz, ferreiro d'Arzila, de quem já ei feito menção em tempo do conde de Borba, quando, por duas ferraduras que lhe fez á sua vontade, lhe mandou dar ũa vaca parida que valia dous mil reais. Pois [1] como Alvaro Díaz se vio em poder de mouros, pondo diante muitos e grandes inconvenientes que tinha pera não poder sair de cativo, detriminou de se fazer, como se fez, doente e paralitico e endemoninhado, pera que, avorrecendo e não no tendo em conta, o pusesem em resgate, e logo virou os olhos e se fez quebrado polo fio do lombo e paralitico, tremendo-lhe a cabeça e a fala e asi as mãos. E com esta presa tornou a fusta outra vez a Larache, donde todo o mais do reino de Féz foi cheio que levávão o ferreiro d'Arzila, não ficando mouro, nem moço em Alcacere que o não fose ver, por a imizade crecida e grande odio que os mouros lhe tínhão, por muitas e justas causas, que, como homem abastado, tinha o mais do tempo mouros cativos, os quais, sendo trabalhados em seu poder, pedia polos resgates o que não podíão soprir, nem dar [2]; não avia mouro que fose seu cativo a que não ouvese lançado braga de ferro, sem lhes dizer ũa só palavra de consolo ou de piadade; era de sua condição cru, e cujo por ter em sua casa um arco de pipa e ao derredor muitos pucaros e cascas de ovos pendurados com unto de homens que tirava aos mouros, que ao derredor da vila morríão, e o pior era que, pasando algum mouro pola sua

1. *Este capitulo, d'aqui em diante, vem, parafraseado, no fim do capitulo* XXVI *do Livro primeiro, formando corpo com ele* B N L M. — 2. *continuam assim* B N L M: Não se matava mouro darredor da vila que lhe não tirase o unto e asi fazia a toda cousa viva. Em sua casa tinha um arco de pipa pendurado como cirieiro e nele tinha postos muitos pucaros em os quais tinha untos de todo jenero d'omem e toda alimaria da terra e do mar; não avia cousa a que todo o homem tinha asco e nojo que ele não comese e que lhe não soubese a natureza e como se avia de guisar, de maneira qu'era um Plinio [Linio B N M]....

porta, forro ou cativo, o chamava e muito de siso lhe mostrava o sevo de foão, que prestava pera mezinhas aos doentes; os mouros, cospindo dele, fojíão de pasar por sua porta e não o queríão ver. Não tão sómente folgava de ter unto dos homens em sua casa, mas tãobem o tinha de cobra, lagarto, finalmente, de todo bicho, alimaria, ave: não avia ave na rejião do ar, nem pescado no mar que não soubese sua constelação, e como se avia de concertar e comer; e sobretudo fama de rico, que, quando o quisérão poer em resgate, foi em preço que se não pudera ajuntar, quanto mais por oficial ferreiro, era cousa escusada falar em resgate; mas Alvaro Díaz, como homem de grandes espritos, e querendo-o Deos ajudar e ouvir a sua molher e filhas, que honradas pesoas érão, lhe deu animo e saber pera contrafazer toda a natureza umana, trasfegurando-se, como verá quem este caso ler. Alvoroçado o reino de Féz com o cativeiro de Alvaro Díaz, Mulei Abrahem, por ser a fusta de Tetuão, donde já ele era senhor, mandou lhe levasem o ferreiro; e, chegado diante dele, foi muito espantado da desforme figura que levava, por ir trasfegurado em paralitico, tremendo-lhe a cabeça, mãos e corpo, e todo escalavrado, fenjindo ser atentado do demonio; de tal maneira foi posto ante Mulei Abrahem que, como era um dos mais nobres principes de seu tempo, ouve lastima e piadade dele e, querendo-o consolar, lhe falou em castelhano e lhe dise: «Herrero d'Arzila, yo holgara de vos tener preso y cativo por serdes el maior enemigo que los mouros tienem, pues por voestras manos son abiertos y despedaçados los cuerpos umanos y teneis en voestra casa su carne e sevo, de que estoy espantado como os lo consienten. Yo os hize traer para nunca salirdes de captivo, ni bolverdes mas a voestra casa, pues Dios os traxo donde pagueis tanta crueza, como de vos los mouros dizem, mas agora que os veo os digo que tengo lastima de vos; yo se que teneis mujer e hijas hermosas e que, por os quitarem de cativo, daran mucho rescate, que yo se que sois rico; lo qual yo no quiero si no que ensenheis a um moço, que yo os dare, a aher herraduras e clavos de voestra mano, y esto hecho os dare libertad, que os vais para voestra mojer e hijas».

A este tempo estava já Francisco Gonçálvez, mercador e pesoa muito honrada, com Mulei Abrahem, o qual o conde Dom João, tanto que soube do cativeiro de Alvaro Díaz, como pesoa descreta e que tinha amizade com Mulei Abrahem, o mandou com seu recado, encomendando-lhe o resgate e o não leixase por nenhum preço que por Alvaro Díaz pedisem. Ajudava muito a isto a muita magnificença do conde e a ser Alvaro Díaz abastado e bemquisto. Francisco Gonçálvez, sendo mandado do conde, se foi a Mulei Abrahem e, estando a esta pratica, beijou as mãos a Mulei Abrahem pola mercê, e dise a Alvaro Díaz: «Beijai as mãos ao senhor Mulei Abrahem, pois vos faz tanta mercê e esmola, que não fáltão ferreiros mais mancebos e milhores oficiais que vós e que fáção milhores

ferraduras que as vosas, mas quer o senhor Mulei Abrahem ter em sua casa de tudo». Alvaro Díaz respondeo que, depois que lhe viera aquele mal, não se chegava ao fogo, porque o demonio logo o lançava nele. Logo o levárão a casa de um ferreiro judeu, e mandou que o tratasem e curasem muito bem, e lhe mandou dar dous moços cristãos que o servisem e pera aprenderem dele, mas Alvaro Díaz [1] os tirou dese trabalho, porque, querendo a anotomia em si, fez de maneira que, sem os moços ficarem ensinados por ele, Mulei Abrahem o mandou a sua casa com pouco ou nenhum resgate, sendo muita parte a se isto fazer Francisco Gonçálvez, o que pasou desta maneira. Estando o ferreiro judeu tomando a ordem d'Alvaro Díaz, juntamente com os moços aprendizes, e tendo o ferro dentro no fogo de que avia de tirar a calda, e não se dando o enjenho que Alvaro Díaz lhe dizia e queria, remeteo ás tinazes e martelo, querendo tomá-las da mão ao judeu, e fenjindo tomá-lo o demonio se leixou cair em cima do ferro quente, deitando escuma pola boca, e, apanhando o ferro quente, asi o quis comer a bocados: de tal maneira o tinha abraçado que, primeiro que lh'o tirasem, fez nele tal obra que chegou á morte, ficando-lhe as mãos e barbas e beiços todos queimados, e nos peitos ũa grande queimadura, de que se lhe fez ũa espantosa chaga. Os moços e o judeu, vendo-o tão mal tratado, fôrão logo dar conta a Mulei Abrahem e lhe contárão como o demonio dera com ele no fogo, e que estava todo queimado. Mulei Abrahem o mandou levar a casa dos cristãos doentes e que o curasem o milhor que pudesem, mas Francisco Gonçálvez, que não lhe ficava nada por fazer, respondeo: «Faça-me mercê que o mande a sua molher e filhas e que vá lá morrer, e eu lhe dou por ele um mouro em que vosa senhoria me falou». Mulei Abrahem lhe dise: «Francisco Gonçálvez, o ferreiro tomaio-o e o mouro pague-vo-lo seu irmão». Francisco Gonçálvez lhe beijou logo as mãos pola mercê, mas que o mouro que ele lh'o dava e o servia com ele, e, mandando buscar o irmão, que requerendo o resgate andava, lhe dise: «Vai a Arzila por teu irmão e leva este ferreiro que o senhor Mulei Abrahem m'o deu por ele, e olha não te moura no caminho e cura muito bem dele, porque teu irmão não ha de sair de cativo senão por ele». Ainda as palavras não érão ditas já o tinha em cima de ũa azemela e, partindo de Tetuão, o trouxe a sua casa a Benarróz, donde os irmãos e parentes do mouro cativo o curárão e lhe ajuntárão ũa carga de galinhas, parecendolhes que a salvação do mouro cativo estava em sostentarem a vida a

1. Mas Alvaro Díaz, parecendo-lhe que, ensinando os moços, fazia o que não devia, ententou outra maior façanha, comparada á de Mucio Scevola, romano, porque tanto que foi em casa do judeo e que avia de ensinar os moços, mostrando que eles não fazíão como lhe ele ensinava, tomando com as tinazes o ferro da forja e pondo-o sobre a çafra se deitou sobre ele e lhe fez ũa grande chaga nos peitos e outra no queixo da barba, que até os osos queimou... B N L M.

Alvaro Díaz, até o poerem em Arzila; e ao outro dia, vindo tres ou quatro parentes do mouro com ele, o alvoroço que toda a vila com sua vinda recebeo não é pera se calar, que, tanto que chegou a Alecasapo e as atalaias o vírão, ũa delas veio correndo á vila a o dizer e a pedir alvixeras a sua molher e filhos e filhas; não ficou homem, nem molher que o não saise a ver á praia e á casa da Misericordia, donde primeiro foi decer, não cabendo a jente dentro; mas vendo-o tão maltratado, os beiços inchados e a barba toda queimada, estavamos todos espantados, que casi o não conheciamos, e mais o fomos vendo-lhe a chaga dos peitos por a qual lhe parecíão os osos. Os mouros que o trouxérão ficárão espantados do alvoroço que a vila com ele recebeo e, tomando o mouro que Francisco Gonçálvez mandava, se fôrão, e Alvaro Díaz foi curado e depois de muitos dias são, como o era dantes, e os mouros o vínhão ver espantados do que víão, e ele muito de siso lhes contava como fora milagre de Nosa Senhora, em lhe tirar o demonio e o tremer, e verdadeiramente asi é pera crer, que um dos milagres de noso tempo foi sair Alvaro Díaz de cativo e, se não fora dar-lhe Noso Senhor animo e ousadia pera fazer o que fez e queimar e marterizar suas carnes, não saira, nem viera a terra de cristãos, como veio; e o que mais é de notar o enxemplo tão craro e manifesto que deu a muitos artilheiros e oficiais d'armas e doutras monições, que ândão antre os torcos e mouros, fazendo tanto dano em perjuizo de nosa santa fé e d'el-rei noso senhor em seu desserviço; não falo em maos cristãos que pera eles se pásão, perdendo suas almas e corpos, se não em muitos oficiais que por acerto vem a ser cativos, que eles mesmos pubrícão seus oficios pera que, usando-os, sêjão milhor tratados e mais favorecidos que os outros, não oulhando suas conciencias, nem esperança de mais virem a terra de cristãos, como vemos e conhecemos muitos que oje em dia estão em poder d'el-rei de Féz e do xarife, de vinte e trinta anos, os mais fazendo bombardas e espingardas, béstas e outros petrechos necesarios á guerra; o que Alvaro Díaz é muito pera louvar e notar, que, sendo um cristão novo, e que avia menos de vinte cinco anos que leixou de ser judeu e tornou á fé de noso senhor Jesu Cristo, mostrar tanta fidelidade que, ainda que o primeiro de se transfegurar e se fazer doente e paralitico e endemoninhado fose pola pouca esperança de tornar a terra de cristãos e tornar a ver sua molher e filhos e filhas, e que não o tendo em conta o pusesem em resgate e pudese tornar a elas, o derradeiro de se queimar e lançar no fogo e queimar as mãos e rostro não foi senão por não insinar o oficio de ferreiro, como muitas vezes lhe ouvi jurar e dizer, e afirmava que o oficio não ouvera d'ensinar, nem usar, ainda que soubera que por iso avia de morrer, e, segundo a mostra de si deu de bom e fiel cristão, tudo se pode dele crer.

Depois disto viveo Alvaro Díaz muito tempo e muitos anos, usando seu oficio e vendo a morte de todos seus filhos e filhas, e por derradeiro

lhe cativárão a um só que lhe ficava, o dia que ferírão ao conde, que Fernão Díaz avia nome; o qual, ainda que espingardeiro, era muito necesario e tinha mortos muitos mouros ás tranqueiras com a espingarda, e era o primeiro a quem mandávão dar os capitães cavalo, quando íão ás cavalgadas, por ser muito bom espingardeiro e se pôr em lugares donde fazia dano. Foi tão mal tratado e levou tão mao cativeiro, lembrando a imizade e o odio de seu pai, que, posto que o conde mandou dar por ele quatrocentos cruzados e um mouro, que seu pai tinha, por que dávão dozentos, o não quisérão dar, e de mao tratamento morreo cativo em poder do alcaide d'Alcacere, depenando-lhe as barbas quantos mouros o topávão, em vingança do unto que seu pai e ele aos mouros tirávão; e asi ficou Alvaro Díaz sem filhos, e os estranhos viérão a erdar sua pobreza e fazenda.

Pois tornando a arrematar este conto e capitulo, idos os mouros diante de Mulei Abrahem lhe contárão o alvoroço com que foi recebido o ferreiro; e como todos dizíão que se fizera doente e que ele por sua vontade se lançara no fogo, o que Mulei Abrahem preguntou a Francisco Gonçálvez se era verdade, o qual respondeo, como descreto que era [1], que tudo se podia crer d'Alvaro Diaz, por ser muito gracioso, mas que ele o não podia crer até que o vise, posto que ao tempo que fora pera Portugal ia são; mas que, quanto era ao que dizia do abrir dos mouros mortos, que era mentira, que ele o contava por gracejar e fazer pesar aos mouros e rir com eles, e que, ainda que algum cujo iso quisera fazer, o conde o não avia de consentir; e desta maneira Mulei Abrahem, rindo-se, dise que, se aquele feito fora fenjido, que ele se dava por enganado do ferreiro, e que sempre que o viese buscar lhe faria mercê e folgaria de o tornar a ver são e sem tremer.

Trouxe esta estoria tão larga por me parecer aprazivel, e porque quisera ter saber pera reprender [a]os [2] outros oficiais que, sendo cativos, se convídão e oferecem aos oficios que sabem, como ei apontado, cuja materia avia pera poder dizer muito, pois por eles estão os almazens dos mouros cheios de muitas bombardas e outras monições, com que não sómente se defendem, tomando-nos uns lugares e fazendo-nos alargar outros com tanta infamia dos cristãos, como parece [3] polos lugares que nos

1. *Continuam assim* B N L M: Senhor, se iso asi é, como esses mouros dizem, eu sou o enganado, porque o conheço ha muitos anos; e, verdadeiramente, ainda qu'ele partio pera Portugal são, eu cuido qu'ele adoeceo, e até que o veja não o ei de crer. — 2. [a] *f.* A. — 3. Como parece pelo cabo de Gué e pelo Pinhão de Vélez e Bojia, que ao emperador Carlos Quinto tem tomado, e a ilha do Gozo e a cidade de Tripol de Berberia que por força, ou, por milhor dizer, fraca e vergonhosamente se entregárão com tanta infamia e vergonha da nação espanhola, tudo por culpa de seus capitães, infamando a si e pondo em perpetuo cativeiro tantos milhares de molheres e crianças em ventura... L; *com variantes em* B N M.

tem tomados, asi o cabo de Gué a el-rei noso senhor, como ao emperador e rei d'Espanha o Pinhão de Bélez, Caçaça, Bojia; tãobem a relegião de Malta não ficou sem ter recebido muito dano e perda, tomando-lhe a ilha do Gozo com tanta soma de molheres e crianças inocentes; e asi a cidade de Tripol de Berberia, a qual se entregou tão inuminiosa e vilmente, como se conta na tomada da cidade d'Africa [1], e porque isto não é pera mais que pera reprender os cativos oficiais e dar-lhe de rosto com o feito tão asinado, como foi o de Alvaro Díaz, e porque isto ei contado, como homem que me criei na sua rua e porta, e tive com ele muita conversação e amizade com seus filhos e filhas, e muitas vezes, alem de o ver vir de cativo e curar, me contava tudo isto e muito mais; e me lembra que Francisco Gonçálvez não pasava por sua porta sem se benzer, e dizia que ainda não podia crer que estava são e em sua casa, e Alvaro Díaz lhe dizia: «Senhor Francisco Gonçálvez, que vos parece deste milagre?» «Muito grande, dizia ele, se o souberdes conhecer»; e com este tão bom enxemplo pasaremos ao ano de mil e quinhentos e vinte um, que o mais pesimo e mais danoso foi, por nele pasar toda Espanha e Africa a maior fome e peste de nosos tempos, como nele se verá.

CAPITULO LXXV

Da estrelidade que ouve no ano de mil e quinhentos e vinte um e como os mouros se vendíão uns aos outros e pais a filhos e irmãos a irmãs

Muitos anos são pasados nesta nosa Espanha em os quais ouve muita falta de trigo, muita fome e peste, mas tão pesimo e mao como este em que entendo de falar e contar, que é o de mil e quinhentos e vinte um, nenhum se igoalou, porque, alem de nele aver em toda Espanha guerras, peste, fome, e valer ũa fanega de trigo tres, quatro cruzados, leixou caminho aberto pera que com pouca falta de agoas, ou com não responderem as novidades com tanta abastança, como logo queríão, logo quem tem trigo o poem em tanto preço que os pobres e necesitados o não podem, nem alcânção aver, nem comprar, como dantes deste ano, que não divera vir, estávão as jentes costumadas, que, por falta que ouvese de trigo, não pasava de cem reais o alqueire, como parece polo ano de sete, que, segundo os velhos do noso tempo, foi o pior que até ele se vio, de muita fome e peste; e por façanha contávão que chegou a valer um alqueire de trigo a seis vintens e, por cousa fora de todo cos-

1. *Não pudemos saber a que obra se quis referir o autor dos* Anais.

tume, perfiando e pelejando ũa molher com outra, se louvava, dizendo: «Eu criei meus filhos com pão de seis vintens o alqueire», e agora, por nosos pecados, com qualquer ameaço que os tempos fáção, tardando ou chovendo desmasiado, logo o pão é sobido em tais preços que não ha conciencia, nem proxemidade, senão quem mais pode mais o sube e mais o vende.

Foi neste ano de vinte um tantas as guerras das comunidades e peste e fome, posto que de Levante, de Cecilia, d'Apulha, de Nigroponte, de Torquia e doutras muitas partes acodio muito trigo, vindo cada dia naos grosas carregadas de trigo, não bastárão a que não perecese muita jente, e nunca o trigo abaixou em todo este ano até a novidade, ou por dizer verdade até o maio de vinte dous, de tres, quatro cruzados a fanega de trigo; e, posto que em toda Espanha ouve todo este trabalho, em que pereceo muita jente, foi tão sem comparação o trabalho, fome e peste que a Africa padeceo neste ano que perecêrão muitos e muitos milhares de jentes, em especial nestes dous reinos, nosos vezinhos, de Féz e de Marrocos, que, como não tivérão industria e maneira pera lhe vir algum socorro de fora, que de fome e peste morreo tanta cantidade de almas que sómente de corenta mil de cavalo, que el-rei de Féz trouxe ao cerco d'Arzila, não ficou em todo o reino tres mil, que todos os mais morrêrão, asi homens como bestas, camelos e gado; e isto foi muito pouco ou nada pera o que pasárão os d'Azamor e Çafim, que, como tudo érão cabildas e não avia rei que os governase e rejese, com a fome se vínhão muitos que os embarcasem e que lhe desem de comer, e se vendíão uns aos outros, e pais venderem os filhos e as filhas e irmãos aos irmãos, cousa nunca vista, nem ouvida; e, porque parece cousa que não pode ser, pois é contra natureza, direi o que vi, pois o poso dizer, em tempo que ha muitos centos de homens e molheres vivos de Çafim e d'Azamor, entre os quais é Inacio Nûnez, que vezinho de Çafim era, e ora é lingoa d'el-rei noso senhor e o foi muito tempo.

Depois que vindo nova a Arzila que de Çafim e d'Azamor vínhão muitos navios carregados de mouros e mouras fermosas, o conde com Jorje López, mercador e muito seu, ordenárão mandar ũa caravela a Azamor a comprar escravos, a qual caravela era do mesmo Jorje López e de Rodrigo Afonso, de Tavila, que, por andar na carreira de Tavila a Arzila, a trazia com quatro berços e um feixe de lanças e ũa duzia de peitos[1] d'almazem, e por capitão e comprador mandárão a Duarte Rodríguez, mercador, e, como homem honrado, conselhou a minha mãe, veuva, que me mandase em sua companhia e podia trazer um par d'escravas e lhe podia ficar ũa de proveito; e com este conselho me embarquei com corenta cruzados e dous sacos de bizcouto e farroba: trouxe cinco peças de muito

1. peitos] corpos de armas B N L M.

boas escravas. A ordem que se tinha em as comprar era esta, que logo direi. No navio foi tãobem Pedro Afonso Homem, comendador e morador muito principal d'Arzila, compadre e muito amigo de Duarte Rodríguez, e asi foi outro mercador d'Arzila, que João Estêvez avia nome; e tanto que chegamos a Azamor e Duarte Rodríguez e Pedro Afonso falárão ao capitão, Dom Alvaro de Noronha, logo respondeo que a ninguem devia tanto como ao conde de Borba e a seu filho, Dom João, pola muita honra e mercê que dele recebera, ele e seu irmão, Dom Garcia; que os d'Arzila fosem aos aduares e comprasem o que quisesem. Com esta licença fomos aos aduares, que andávão ao derredor d'Azamor, cinco e seis legoas; érão os aduares tantos que tomávão tres ou quatro legoas, e todos estes érão de pazes e sojeitos a um mouro muito principal, que avia nome Aco Bengariba, o qual Aco morava dentro em Azamor e dentro tinha suas molheres e filhos. Os mouros destes aduares de pazes ajuntávão-se e íão cativar a outros mais lonje, que érão de guerra, e, uns que trazíão por força e outros que se vínhão com eles, érão tantos os que trazíão que, quando fomos, avia no rio bem cem navíos, todos carregados de mouras moças, que molheres e homens não avia quem dése dinheiro por eles. Destes que os mouros trazíão pagávão o quinto ao xeque Aco Bengariba, e ele escolhia as mais fermasas e as que queria tomar e dar, e depois, quem comprava, pagava o quinto ao capitão, e se ajuntávão á porta do castelo, por donde todos entrávão e vínhão demandar cada dia mil almas, e estávão esperando por um judeu, feitor do capitão, e por um criado seu, e estes ao entrar lhe pûnhão os preços, [dizendo] [1]: «Desta pagai dez tostões e desta vinte», sem aver de quem se queixar; e, depois que entrávão daquela porta a dentro, as podieis embarcar. Outras muitas se vendíão, que as vendíão os pais e os irmãos, como já dise. A requesta e demanda era mui grande e Azamor estava cheio de mercadores e de dinheiro, e o rio cheio de navios, uns carregados e outros partidos, e não comprávão senão molheres moças de dez ou doze anos até vinte cinco; e estas, as mais fermosas e bem asombradas, valíão até corenta tostões, que outra moeda d'ouro não queríão senão tostões e reales de prata, e desta moeda de prata avia tanta que um dobrão não queríão por sete tostões.

Polo que eu comprei se pode muito bem ver outras milhores compras. Eu comprei, dentro em Azamor, de um morador ũa moura, moça de menos de vinte cinco anos, muito alva e fermosa, e mais alta do corpo que eu, com um filho de seis anos, por corenta tostões, e m'a teve em casa até a embarcar, dando-lhe eu de comer, que, como minha ida era buscar ũa boa escrava, achando esta, não curei de mais regatear. Esta levou a peste, sendo já cristã, chamando-se Lianor Rodríguez; o filho se

1. [dizendo] *f.* A.

criou em casa do doutor meu irmão e se fez bom cavaleiro, e o matárão os mouros com o capitão Luis de Loureiro, dando mostra de bom cristão; depois foi cativo e resgatado e, por isto, se chamou Antonio Rodríguez mouro santo. Tãobem andei nos aduares com meus companheiros, e neles comprei, de um senhor de ũa alhaima ou tenda, ũa filha e ũa neta, asaz bem asombradas, a filha por trinta e dous tostões, a neta por vinte oito; e, acabando de lhe contar sesenta tostões por duas moças, que ambas não pasávão de vinte cinco anos, me quis convidar com ũa pouca de carne de camelo asada, que em tasalhos tinha, a qual eu não ousei comer; e comprei um moço, muito jentil homem, por dezaseis tostões. Por estas compras se pode ver a fome e necesidade que esta jente pasou neste ano.

Outra cousa notavel poso contar: dous irmão viérão a mim e me disérão que comprase um deles, e em poucas palavras lhes mostrei tres tostões e, dando-os a um, levei ao outro ao navio, donde Duarte Rodríguez pelejou comigo, dizendo que o pão que avia de comer valia mais qu'ele; eu, pesando-me já, lhe roguei que o tomase, pois era mancebo e jentil homem. Duarte Rodríguez, como era bom e honrado, mais por lhe eu não dar de comer o mantimento que pera as escravas tinha que por outra cobiça, o tomou e me deu oito vintens de ganho, e lhe ficou o mouro em quatrocentos e sesenta reais. Este mouro comprou em Arzila micer Ambrosio, jenoês, que em Arzila vevia, e o tornou logo cristão e se chamou Ambrosio, como seu senhor, e todo o tempo que em Arzila esteve o servio de comprador, e o levou consigo a Jenoa, donde ficou forro e se fez rico e honrado, e asi esteve sua boa ventura na venda do irmão e na umildade com que se consentio vender. Desta maneira se consumio muitas vezes muitos milhares de jentes daqueles reinos, e neste tempo se meteo o xarife em Marrocos, andando já favorecido da fortuna com o cativeiro de Dom Nuno Mazcarenhas, achando a cidade casi despovoada, se casou com ũa filha d'elrei e se fez rei daquela tão nomeada cidade de Marrocos; e, correndo o tempo, cortando as cabeças aos mais principais, asi dos naturais parentes d'el-rei, como dos xeques, se veio a fazer tirano e rei absoluto, como oje em dia é.

Feita nosa compra e carga, tendo Duarte Rodríguez mais de cem almas e Pedro Afonso e eu e o João Estêvez e outras molheres outras vinte ou vinte cinco [1], nos fizemos prestes, trazendo os mestres e marinheiros outro golpe delas, de maneira que trouxemos naquela caravela bem cento e cincoenta almas, e o dia que saimos saírão cincoenta velas carregadas d'almas. Despedidos do capitão, o qual mandou duas mui fermosas escravas ao conde, viemos na volta d'Arzila e sobre Larache nos saio ũa fusta, com a qual pelejamos e estivemos em condição de nos perdermos, do qual suceso farei um piqueno capitulo, pois tudo é contar feitos d'Arzila.

1. e Pedro Afonso... vinte cinco] e as outras partes mais de vinte cinco B N L M.

CAPITULO LXXVI

Do que nos aconteceo com ũa fusta sobre Larache vindo d'Azamor

Pois ei contado a fome e necesidade dos mouros e como se vendíão uns aos outros, e da ida que fizemos a Azamor e como traziamos a caravela carregada de mouras, parece razão contar o risco em que estivemos em nos perder á vista de Larache, donde nos saio ũa fusta, e o que com ela pasamos. Partidos d'Azamor e tomando a via da boca do Estreito, viemos aferrar junto a Larache, donde o mestre, Rodrigo Afonso, e os marinheiros se enleárão e fizérão de Larache Arzila, sendo a terra tão conhecida e diferente que agora me corro de a não conhecer, posto que então era moço e pouco esprimentado, porque sobre Arzila está a serra do Farrobo, tão conhecida por ũa farroubeira, que em cima do cume da serra tem, que parecendo de quinze e vinte legoas ao mar se conhece.

Pois tanto que descobrimos Larache e o conhecemos e virando na volta do mar todo foi um, mas não tardou muito que trás nós não saio ũa fusta asaz grande com mais de cem homens, pola fusta ou galeota ser de dezaseis ou dezasete bancos, a qual, saindo a remos, furando o vento, que viração era, com muito trabalho se pôs na nosa isteira, donde tãobem soltou ũa grande vela ou artimão, e, com a muita força dos remos, nos vinha fazendo chegada; e querendo nós defender nosas vidas e corpos, e lembrando-nos o feito do alcaide-mór de Tanjere, que ele e seu irmão e Grimaldo defendêrão suas pesoas e matárão muitos mouros e salvárão ũa tão honrada molher, como sua prima Antonia d'Azevedo era, de cativeiro e infamia, animando-nos todos a pelejar e nos defender, mostrando a fusta aos mouros e mouras, lhe disemos que aquele navio era de franceses, que vinha a matá-los e comê-los, porque comíão homens, e que por iso se metesem debaixo da cuberta e não parecesem, nem falasem; e, recolhidos com este medo, ordenamos esta ordem: que dous marinheiros tivesem cuidado dos quatro berços e não tirasem senão depois que nos abalroasem e lhe tivesemos botado algũas panelas de polvora dentro; e que Rodrigo Afonso e os outros marinheiros guardasem e defendesem a popa e junto de si tivesem muitas panelas de polvora; e Pedro Afonso e Duarte Rodríguez, que armados de couraças e capacetes estávão, defendesem a proa; e eu e João Estêvez, com peitos e lanças e rodelas e dous ou tres mouros, estivesemos ao pé do masto grande, donde tãobem tinhamos muitas panelas de polvora, e que nos não mostrasemos até a fusta não nos abalroar, e balroando-nos não entendesemos senão em lhes botar as panelas de polvora dentro da fusta, e, depois de encendidos e espantados,

nos tornasemos ás lançadas com os que dentro entrasem, e de tal maneira nos ouvesemos com eles que mortos e lançados fora não ficase nenhum; e, por mui certo tinhamos que, vendo fogo e capacetes e adargas, meio espantados avíão de sair mais rijo do que entrasem.

Tãobem provemos que se pusese ũa panela d'azeite ao fogo e rompendo todas as mais camisas e feitas em tiras, pera que, sendo algum ferido, fose atado e remedeado; e com esta ordem nos leixamos ir ao longo da costa, que, como o vento era viração, não podia mais, e desta maneira andamos todo o dia; e, sendo já as ave marias, a fusta chegou a nós e dando-nos ũa volta por um bordo e depois por outro e vendo-nos todos calados e não vendo a ninguem polas arrombadas que tinhamos feitas de colchões e couros e alguns sacos de lã, dando ũa grande grita, investírão connosco, mas não que balroasem, senão dando-nos ũa boa ruciada de pedras, quisérão descobrir o que dentro da caravela avia, dizendo: «Amainai, senão todos sereis mortos ás setadas»; mas, vendo que nenhũa outra cousa fizemos senão calar, e vendo que a noite se cerrava, tornando a tomar os remos, nos tornárão a investir com muito mór grita e estrondo, e, ouvindo os remos quebrar no bordo, remetemos ao bordo, e com muita furia o João Estêvez e eu remetemos descobrindo os couros ou mantas, que por amparo tinhamos posto, e lhe lançamos seis panelas de polvora, das quais poucas alcançárão a dar dentro na fusta, por ainda estar um pouco afastada, que com os remos não pode abalroar e as panelas dérão nos remos e no bordo e, levantando ũa grande labareda, os fez alargar os remos e ficar por de ré sem nenhum chegar, nem pegar na caravela e, como nosa caravela se ia saindo com o vento terral [1], que já ventava, fomos um bom pedaço sem chegar a nós; mas, como eles vírão e conhecêrão que a caravela não era d'armada e que sómente trazia pera se defender aquele pouco de fogo, e vírão o muito reboliço que na caravela avia, porque [a]té [2] então não nos aviamos mostrado, nem avião visto as bombardas, asi por ser noite, como polas levarmos cubertas com mantas e couros, por que desparando todas juntas fizesem mór estrondo e medo; — mas não tardou muito que a fusta tornou a chegar a nós á vela e a remos, que tudo lhes era necesario, segundo o vento, depois que foi [3] a terra, refrescou, e chegando a nós nos começárão a ameaçar, dizendo que pois não queriamos amainar que, saindo a lũa, a todos nos avíão de matar, e de quando em quando com ũa grande grita nos dávão ũa ruciada de pedras, que parecia que chovia sobre nós, e tãobem nos servíão de muitas setas, todas contra Rodrigo Afonso, que ao leme vinha, mas, como sentimos as setas, logo [nos] [4] provemos de muito emparo de taboas e alguns paveses derredor da popa, de maneira que o que governava ia emparado e cuberto; mas, como a lũa saio bem crara e pudérão bem ver todo o navio e enten-

1. terral] terrenho B N L M. — 2. [a] *f.* A. — 3. foi] se foi L. — 4. [nos] *f.* A.

demos neles que se aparelhávão pera nos investir, nos fizemos prestes e descobrimos as bombardas ou berços, e tiramos outros tres ou quatro mouros de cima da cuberta, pera que parecesemos mais jentes, e lhe vestimos a cada um seu peito e ũa lança nas mãos, e asi ũa panela de polvora, e lhe disemos que matasem dos [1] franceses que os vínhão levar e comer; os quais, vendo em cima da cuberta um alguidar de vinho e muitos cestos de bizcoito e carne cozida, e que lhe davamos lugar que se fartasem, como até [a]li [2] vínhão esfaimados e comíão por regra, foi tanto o prazer neles em se ver fartos e bebados que os não podiamos fazer calar, senão chamando aos mouros que viesem e chegasem: tanto alvoroço vimos neles que já nos parecia eramos quinze ou dezaseis homens.

Tãobem pusemos duas mouras [em cima] [3], ũa delas a minha e outra, abraica, da condesa, e lhes mostramos e disemos que tivesem cuidado de queimar com o azeite quente aos feridos e com as tiras lhes atar as feridas. Era tanto o alvoroço dos mouros e mouras de se ver fartos, vendo o pão de sobejo, que a nós outros fazíão não temer os mouros, os quais vendo a lũa crara e tendo dous contrairos, que não saírão com mantimento e a fusta fazia agoa, se detreminárão invistirem e entrarem connosco e verem o que dentro da caravela ia, posto que já muito bem víão os berços, e, fazendo-se prestes, colhendo a vela, balroárão e, pegando no bordo, se pusérão em cima mais de vinte mouros, mas não que nenhum ousase d'entrar dentro, que, como visem a Pedro Afonso e a Duarte Rodríguez de capacetes e adargas, ficárão embaçados, e mais vendo que, asi eles como nós outros, lhes pusemos as lanças tão fortemente que, uns pasados delas e mortos e outros feridos e outros empuxados, demos com eles do bordo abaixo, saltando uns na fusta e outros na agoa, e juntamente lhe lançamos dentro mais de dez panelas de polvora, das quais muitas tomárão o fogo. Desta vez fôrão tão grandes as gritas e apupadas de nós outros, e asi desparárão os quatro berços, que fizérão o espanto e estrondo muito mór, mas, como a caravela ia andando e a fusta ficava manca, sem vela, nem remos, a leixamos, sem aquela noite mais avermos vista dela, e todo o tempo que a vimos, e o fogo que nela ficava, os bombardeiros ou marinheiros não leixárão de lhe tirar, asi com os berços, como com pôr fogo nas camaras, por mostrar que érão mais bombardas, e nós outros ficamos sem recebermos nenhum dano, e asi nos fomos saindo na volta do mar, e ela ficou remedeando o dano que lhe fizemos, que não foi pouco, segundo depois em Arzila soubemos. O arráiz desta fusta, que um mouro granadim era, que Quartão avia nome, vendo-se escandalizado de nós, e conheceo craramente que era a caravela, que fora a Azamor, de Jorje López, por ele vir muitas vezes a Arzila, se detreminou, contra vontade dos companheiros, esperar a menhã e nos tornar a

1. dos] aqueles B N; os M; L *não se pode ler.* — 2. [a] *f.* A. — 3. [em cima] *f.* A.

cometer e, dando á vela, se deixou vir na nosa esteira; e, como a menhã não tardou muito, logo ouvemos vista dela, mas, como já eramos amarrados e o mar era groso e o requerimento dos mouros [da fusta] [1] muito, tornando a pôr a proa na terra, virou caminho de Larache, e nós sem outra cousa chegamos a Arzila dahi a cinco dias, donde achamos recado que levou [a fusta] [2] cinco mouros mortos e outros feridos.

CAPITULO LXXVII

Que faz menção da armada que foi com a ifante Dona Breatiz filha d'el-rei Dom Manoel quando a levárão ao duque Carles de Saboia seu marido e em que tempo faleceo o dito rei Dom Manoel

JÁ que ei dito a fome e peste que o ano de mil e quinhentos e vinte um trouxe consigo a toda Espanha e em Africa, até se venderem uns aos outros e pais a filhos, como no capitulo atrás ei contado, o que não escrevo sómente por que fique em memoria ano tão pesimo e mao, parece-me bem contar o mais que nele pasou, pois, não se contentando com os trabalhos que trouxe, não saio sem levar desta vida e deste reino o mais cristianisimo e catolico e piadosisimo e vertuosisimo dos reis deste tempo, que foi o mui glorioso rei Dom Manoel, cuja alma noso senhor ponha na sua gloria, o qual, posto que o ano fose caro e de muito trabalho, como nele se acabase de concertar e efectuar o casamento da ifante Dona Breatiz, sua filha, com o duque Carles de Saboia, mandou fazer ũa grosisima armada de muitas naos grosas e galeões e caravelas, e asi as quatro galés e outros muitos navios de remos, fustas e bargantins, pera levarem a dita ifante ao dito duque seu marido, da qual armada foi por capitão-mór Dom Martinho de Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão, e asi outros muitos fidalgos por capitães de naos e galeões, e tudo prestes e aparelhado foi a dita ifante entregue ao arcebispo de Lisboa, Dom Martinho; e, embarcados em um cais, que pera elo foi feito, na muito poderosa nao Santa Caterina, que a maior e mais poderosa da carreira da India era, e todos os que avíão d'ir embarcados e recolhidos, com muitas saudades da ifante partírão da ribeira de Lisboa [3] e, siguindo

1. [da fusta] *f.* A. — 2. [a fusta] *f.* A. — 3. e, embarcados todos, a senhora ifante embarcou na nao Santa Catarina e foi entregue ao conde e ao reverendo arcebispo de Lisboa, Dom Martinho, que no ano de dezoito fora pela rainha madama Lianor, molher d'el-rei de Portugal; e asi embarcada a dita senhora com muitos prazeres e estrondo de artelharia, que nunca se vira neste reino, por ser armada grosa e muito rica e muito bem aparelhada, que até caravelas levávão grandes toldos de seda, que dávão pelo mar,

viajem, pasárão pola boca do Estreito e, indo por ele dentro, chegárão a Vila Franca de Niça, lugar do duque de Saboia, donde o duque a veio receber com menos fausto e aparato do que os portugueses esperávão e quisérão; e entregue da ifante e despedidos do duque, a mais da armada tornou na volta de Portugal, e outras naos fôrão a carregar de trigo a Cecilia e Apulha, como levávão por rejimento d'el-rei noso senhor; e desta vinda, chegando o arcebispo a Gibaltar, adoeceo e faleceo desta vida, e ahi foi enterrado com muito sentimento de seus criados e de todos os portugueses; e não contente este ano com as obras contadas, quis chegar ao vivo, porque, antes que saise, em dia de Santa Luzia faleceo el-rei Dom Manoel, deixando este reino com muita tristeza, mas como logo ao outro dia foi alevantado por rei el-rei Dom João, noso senhor, com o qual o reino se tornou a alegrar de tamanha perda e sentimento, como todo o reino ouve por tão triste morte, como a d'el-rei Dom Manoel; e, porque isto não é pera mais que pera lembrança, leixando de falar no ano, nem na morte d'el-rei, tornarei [a] [1] algũa parte do que este ano em Arzila pasou, e asi pola ordem acostumada, fazendo menção e contando as entradas e corridas feitas por nosos almogavares e capitães, e asi as que os mouros fizérão; e, porque tantas meudezas, como nosos almogavares cada dia fazíão, não se podem todas contar, irei contando algũas de que for lembrado e que forem mais asinaladas, pois neste ano com a falta de trigo e a muita fome os mouros andávão largos, buscando raizes e ervas pera comerem, em especial o jarrão, que nós temos que mata, mas eles, apanhando-o e secando-o ao sol, fazem pão dele e cuzcuz, e o tem por bom mantimento, não usando nós dele sómente pera os porcos; e em nosa terra ha muito deste jarrão, de que os porcos monteses se aproveitão da raiz dele, o qual é erva jeral e muito conhecida de nós outros, por deitar uns capelos de frade com seus badalos dentro, a que nós chamamos fradinhos.

como em outras partes será contado pelo coronista e outros curiosos que o escreverão BNLM.

1. [a] *f.* A.

CAPITULO LXXVIII

Como ũa mourisca que os mouros avião cativado se tornou pera Arzila e com a nova que deu foi Pero de Meneses fora e trouxe ũa moura muito fermosa e outros mouros

Costume mui antigo era em Arzila irem almogavares muitas vezes fora e tanto a meudo que muitas vezes se encontrávão indo uns e vindo outros, e outras vezes acontecia estarem dous e tres meses e mais sem irem fora; isto se fazia como os capitães tínhão nova e como os almocadens tínhão o aviso e ardil do que queríão fazer e sabíão a desposição da aldea ou do serviço do campo donde queríão entrar. Pois sendo isto asi comum, neste ano de vinte um o foi muito mais, que, como a fome era muita, saíão os mouros e mouras a buscar jarrão e outras ervas e raizes, que em aquela necesidade supria a sostentar a vida, e por este desmando érão muitos mouros e mouras tomados e trazidos cativos, asi por Antonio Coutinho, como por Artur Rodríguez, que mais correntes e a meudo entrávão; mas como na entrada deste ano se viese pera nós ũa mourisca criada em Arzila, a qual de primeiro foi muito moça cativa da molher de Fernão Barriga e mãe d'Afonso Barriga, que agora é cego e pede por esta cidade, e por ser alva e jentil molher e despejada, e por remedar a ordenança dos soldados do conde Navarro, quando ao socorro veio, lhe pusérão nome a Soiça; e, como esta Inês a Soiça fosse cativa na caravela em que matárão a Francisco do Soveral com sua senhora e com o Afonso Barriga, seu pai e mãe e seus irmãos e parentes acodírão e a levárão a Benarróz, donde era natural, e a casárão e a tivérão ante si como a natural moura, mas ela tanto que teve tempo e lugar pera se vir pera nós o fez, porque, saindo com outras mouras a buscar o jarrão ou ervas, tomando o caminho d'Arzila, se veio pera nós e foi recebida com muito alvoroço de todos nós outros, por ser criada antre nós outros, a qual vinha tão desconhecida e mudada, de preta e magra, que nos pôs espanto: ela se foi dereito a Nosa Senhora da Misericordia, como boa cristã, e não tardou muito que com ela não casou um homem de bem, çapateiro, de que tem oje filhos e filhas; — e, com a nova que esta Inês a Soiça deu de andarem mouros e mouras a catar jarrão e outras ervas, Pero de Meneses pedio licença e com trinta de cavalo foi fora, levando consigo os outros almocadens, Artur Rodríguez e Antonio Coutinho, que pera com Pero de Meneses nenhum tinha presunção, e o tínhão por cabeça e pai de todos, e polo ardil que levárão, que era correrem aos desmandados, se lançárão de largo e, vendo tempo, entrárão faldrejando a serra de Benamares e, saindo ao campo de Mençara, tomárão cinco ou seis

mouros e mais de quinhentas cabeças de gado meudo e outras cincoenta de gado groso, o qual gado era o mais do pai de um mouro moço e de ũa [moura][1] moça que com ele se tomou, a qual moura era a mais fermosa molher que em aquele tempo se tomou, de muito alva e de fermosas feições, na qual eu e outros muitas vezes falamos, como o conde e a condesa a não ouvérão, que pera dama não podia ser mais atilada e bem posta do que ela era, e porque sempre emos visto nas casas dos capitães terem e folgarem de ter escravas fermosas, e esta, pasando por elas, a ouve um morador, que João Fernândez das Alcacevas avia nome, por vinte mil reais, que pareceo em aquele tempo ser muito dinheiro; eu não creio que o fez senão a pouca valia das escravas, polas muitas que d'Azamor vínhão, estando já a condesa cheia delas, tendo-lhe vindo as d'Azamor, ou esperava por elas, mas soubemos que depois a cobiçou e fez muito pola aver da mão de João Fernândez, mas não pode tirá-la da mão de sua molher, ainda que a este desejo da condesa ajudou muito tê-la alguns dias em casa e ver sua muita vergonha e onestidade.

Aconteceo que tendo o dito João Fernândez uns chãos, em que colhia muito pão, ao derredor da vila, andando a moura com sua molher e companha, vendo tempo e lugar, parecé que requereo a moura ou pegou dela, a qual, sentindo-o, gritando, se veio á vila e se foi a casa da condesa, pedindo-lhe a tivese em sua casa até seu pai vir com o resgate, pois já estava resgatada. Pareceo tanto bem á condesa a onestidade da moura que, pagando todo o resgate, que seria dobrar os vinte mil reais da compra, a teve em sua casa, desejando que o pai não comprise o resgate, mas ele não tardou muito que não veio com o resgate e levou sua filha.

Esta almogaveria foi muito boa e de muito proveito, por o gado ser necesario pera ajudar a sostentar aos da vila, comendo muitas pesoas carne em lugar de pão, ainda que el-rei sempre nos proveo, não faltando todolos meses nosa dada no celeiro, ao menos meia dada era certa, e sempre a ouve tãobem a Soiça, pola nova que trouxe, não ficou sem parte, como cada um dos almogavares.

Trás esta presa se fizérão outras, asi por Pero de Meneses, como por Artur Rodríguez e Antonio Coutinho, almocadens; mas como neste tempo se viesem dous mouros de cavalo tornar cristãos, agravados do alcaide, os quais érão das guardas da Ponte, e, depois de tomarem alguns mouros, dérão ũa cavalgada muito grande e de muito gado, pasarei a eles.

1. [moura] *f.* A.

CAPITULO LXXIX

Como Alvaro Rodríguez se veio tornar cristão e outro mouro de cavalo e o que logo fizérão

Neste ano de vinte um se viérão dous mouros de cavalo tornar cristãos, os quais érão guardas da Ponte. O conde os recebeo muito bem e, porque um deles era amigo ou parente de Artur Rodríguez, se pôs nome Alvaro Rodríguez, o qual, por ter os dentes muito grandes, lhe chamávão o Dentudo; o outro se pôs nome João Coutinho. Estes dous, como érão homens do campo e guardas da Ponte, e sabíão muito bem as entradas e saidas daquela ribeira, quisérão logo ir fora, dizendo ao conde que tomaríão as guardas e faríão de maneira que as não ouvese na Ponte, mas o conde quis dar lugar ao tempo, posto que os capitães tem por costume, quando se os mouros vem pera eles, trabalharem polos omiziar, fazendo algũas presas com que ájão vergonha de se tornarem, mas com estes não usou desta maneira, por ter o tempo largo, pois era certo as guardas, asi de cavalo como de pé, avíão de andar temidas e mudar os postos e lugares acostumados; asi foi que, sabendo o conde que o alcaide os mandava requerer se tornasem pera ele e lhes perdoava, o que Alvaro Rodríguez o Dentudo logo descobrio ao conde, dizendo-lhe que, em tanto que não tivese feito algum dano, o alcaide sempre os avia de requerer se fosem, ou lhes levantar algũa cousa, pera que sua senhoria tivese algũa sospeita deles, o conde lh'o agardeceo muito, e lhe respondeo que ele tinha em cuidado de os mandar fora, e que lhes não dava licença, porque as guardas andávão todas d'alevanto; e quando o conde vio tempo e teve nova, tomando seu ardil perante Pero de Meneses, ao qual pareceo bem a ordem que Alvaro Rodríguez deu pera pasar a ribeira e ir buscar as guardas de cavalo, o conde os mandou que fosem em companhia de Pero de Meneses, e que de tudo lhe desem razão e conta, como a capitão e maioral, e tãobem foi Artur Rodríguez, por fazer honra e favorecer ao parente, e Antonio Coutinho não avia de ficar, que sempre foi com Pero de Meneses, e era de tanto enjenho que por donde ũa vez ia outra o não errava; e asi saírão da vila com trinta de cavalo e, guiando-os Alvaro Rodríguez, os levou a pasar um porto escuso que Pero de Meneses folgou de saber; e, sendo da outra banda e no meio daquela grande varzia, Pero de Meneses não quis andar sem deixar no porto cinco de cavalo e outros cinco sobre a Ponte. Isto feito, guiando Alvaro Rodríguez, foi buscar as camas donde lhe pareceo as guardas devíão estar e, não as achando, nem rastro que ali ouvesem estado avia muitos dias, com parecer de Pero de Meneses qui-

sérão esperar a menhã, a qual não tardou, e logo ouvérão vista das guardas que muito sosegadas estávão, esperando polo sinal que lhe as de pé avíão de fazer ao longo da ribeira, pera dali irem tomar e levantar seus fachos, e indo a elas as tomárão todas quatro, e sem rebate se viérão a pasar por um porto sabido e largo, donde as guardas de pé guardávão, as quais, tanto que os nosos pasárão a ribeira, logo fizérão muitos fogos, que érão sinal de darem o rebate, mas Pero de Meneses veio ajuntando os seus, que deixara sobre a Ponte, e, não se descuidando, nem dando a[1] vagar, se viérão polo caminho do Zambujeiro, donde mandárão um de cavalo á vila a pedir alvixaras; e, chegados á vila, fôrão muito bem recebidos do conde, porque quatro de cavalo em tal tempo foi muito boa presa, e mais sendo d'Alcacere, que mais istimavamos um mouro d'Alcacere que dous doutra parte.

Pero de Meneses louvou muito ao Dentudo e dise ao conde que sabia muito bem a ribeira da Ponte e que seria bom homem; e com este favor ficou o Alvaro Rodríguez tão contente que não cabia em si, porque logo começou a mostrar ser pera muito, indo fora e tomando alguns mouros, asi da ribeira como d'Algarrafa, com que se começou a ter nele algum credito; e não tardou muito que o casárão com ũa cristã, filha de um alfaiate Belchior López da Couraça, mas não pasárão muitos anos que ele e o companheiro não caírão em poder do alcaide d'Alcacere, o qual mandou fazer neles estranhas justiças, como ao diante direi.

CAPITULO LXXX

De como Alvaro Rodríguez tomou tres guardas da Ponte e o que mais pasou até o conde ir fora

O Alvaro Rodríguez ficou acreditado com esta entrada e tomada dos quatro mouros de cavalo, e outras vezes tornou a ir fora, em as quais idas tomou alguns mouros e outras veio sem nada, mas como na ribeira da Ponte era sabedor e manhoso, se deu tal recado que, indo demandar a ribeira a pé, leixando os cavalos desta parte, ele, com dez ou doze companheiros, se meteo na ribeira e em parte que, sem aver rebate, se saio tomando tres guardas de pé, e, pondo-se a cavalo, se veio por Taliconte á vila; e como estes tres mouros fosem preguntados e todos respondesem por ũa boca, conformando-se estarem os cavalos fracos e não comerem cevada, nem trigo, e os mais andarem ao longo da ribeira ao Almarje, e asi as boiadas andarem muito espalhadas[2] e [o campo][3]

1. a] *f.* B N L M. — 2. espalhadas] espalhado A. — 3. [o campo] *f.* A.

largo, e por o conde ser requerido e importunado de Alvaro Rodríguez que fose fora e corrcse o campo d'Alexarif, porque em Alcacere não avia jente que lhe pudese fazer dano, pola fome e falta dos cavalos, e que os que se podíão ajuntar érão poucos e andávão espalhados, posto que o conde sabia muito bem que pera poder correr o campo d'Alcacere ou d'Alexarif avia mester muita jente, ou ao menos duas bandeiras, por estes campos serem mui grandes e largos, por aver d'Alcacere [a] [1] Alexarif quatro e cinco legoas, todas de terras grosas e dobradas de muitos outeiros e corregos e ribeiras, e povoados de muitas aldeas, donde ao rebate d'Alcacere acudem em duas e tres oras dozentos e trezentos de cavalo, afora outros tantos que saem de dentro d'Alcacere; mas, como estes todos uns de fracos e outros de desapercebidos e outros desferrados e outros no Almarjem, pondo todos estes impedimentos diante e outras razões, se detreminou ir a correr Alcacere e, pera mais segurança, mandou requerer e chamar a Dom Anrique de Meneses, capitão que neste tempo era de Tanjere, o qual se escusou com justa razão, por os cavalos estarem fracos e averem mester pera ir e vir cinco dias inteiros, nos quais, ainda que outro contraste não ouvese, lhe avíão de ficar e perder muita parte dos cavalos.

Pois tendo o conde recado como Dom Anrique não vinha, como já estava prestes, mandou dar ás trombetas e saio da vila; mas primeiro contarei como os tres mouros se vendêrão e quem os comprou e se veja quem são mouros. Tanto que o conde lhe fez as preguntas ordinarias, que é saber deles a desposição da terra e a nova que tem d'el-rei, e os alcaides donde estão e se ha nova de se ajuntarem, e asi a ordem que tem na guarda, e as boiadas dondem pacem, tudo preguntado e sabido, o conde os mandou vender, como é costume, os quais todos tres juntamente comprou um castelhano estranjeiro, que em Arzila estava, meio mercador, o qual era vindo a tirar um filho, que em poder do alcaide d'Alcacere tinha cativo, que Frechilha se chamava, o qual Frechilha, ou polo enformarem, ou por lhe parecer que, sendo os tres mouros d'Alcacere, lhe daríão o filho por eles, os comprou todos tres, dando por eles mais preço que nenhum morador; mas não lhe saio como ele cuidou, porque o alcaide, como soube que o Frechilha tinha os tres mouros, pedio o preço que antes pedia e os tres mouros em cima do resgate, de maneira que, por este pobre homem comprar estes tres mouros, esteve o filho outros tres anos em cativeiro e o veio a tirar por mais preço do que dantes estava resgatado, e gastou em Arzila tres ou quatro anos, primeiro que tirase o filho; e com isto tornarei ao ardil e cavalgada que Alvaro Rodríguez andava ordenando.

1. [a] *f.* A.

CAPITULO LXXXI

Como o conde correo com sua bandeira e jente o campo d'Alcacere e Alexarif e tomou ũa grosa cavalgada de mouros e muita soma de gado

Muitos conselhos teve o conde sobre se iria fora com sua bandeira e jente sómente, pondo diante muitos inconvenientes, asi porque os cavalos não estávão fartos, como se avia mester pera tamanha corrida, que ao menos avia de ser de duas legoas, e o campo d'Alcacere é grande e os avia d'encobrir e acanhar, de maneira que com muito trabalho se avíão d'ajuntar; tãobem sabíão certo que, primeiro que pasasem a ribeira ou a Ponte, avíão de trazer o alcaide consigo com mais de quatrocentos de cavalo, e posto que, quando aos nosos chegasem, avíão de vir cansados, como jente que acude a rebate, os nosos não avíão de estar folgados; e tudo praticado se detriminou a ida e, por estarem prestes e os cavalos ferrados, se pusérão a cavalo, e, tomada a agoa benta e contados á porta, achárão que pasávão de dozentos de cavalo, e, guiando Pero de Meneses, fôrão cear á fonte d'Almenara e, sendo sol posto, tornando-se a pôr a cavalo, guiando todavia Pero de Meneses, fôrão tomar outra folga á ribeira de Taliconte e, pasada a ribeira, fôrão andando até chegarem á ribeira grande da Ponte, donde o Alvaro Rodríguez Dentudo quisera que fôrão pasar por um porto que ele sabia, dizendo que nele[1] não avia guardas e que era largo e bom, o que Pero de Meneses não consentio, dizendo que ele podia guiar aonde o gado dormia e pacia e donde as aldeas érão, mas que o porto ele o tinha guardado pera semelhante noite, porque em todos os que ele sabia por razão em todos avia d'aver guardas; e, parecendo bem ao conde, dise a Pero de Meneses que o levase por donde lhe parecese que mais escusos e sem guardas estávão. Pero de Meneses os levou a um porto que, antes que pera Arzila se viese, sabia, o qual chegando á ribeira se embaraçou e não topava com ele, e andou um grande pedaço da noite ribeira abaixo, ribeira acima, não se sabendo dar a conselho, tão embaraçado estava, por a ribeira lançar de si grande nevoeiro; mas vendo Antonio Coutinho que não andávão e que Pero de Meneses estava embaraçado, lhe dise: «Tio, por ventura buscais o porto que me disestes tal dia que ao longo desta ribeira pasamos?» «Si, busco, respondeo ele, que com este nevoeiro não parece arvore, nem sinal». Antonio Coutinho se pôs diante e os levou sem errar paso, do que

1. nele] nela A.

Pero de Meneses ficou muito espantado e o louvou muito, asi ali, como diante do conde, donde dise: «Senhor, se Antonio Coutinho vive será grande homem»; e lhe contou o que [lhe aconteceo, que][1] pasando ũa vez ao longo daquela ribeira lhe dise: «Sobrinho, debaixo daquele freixo está um bom porto, o qual tenho guardado pera ũa grande necesidade, e não ouso pasar por ele por que não pônhão nele guardas ou o embarranquem», e, mostrando-lhe o freixo, tomou os sinais da terra, de maneira que lhe ficou na cabeça; e, vendo que Pero de Meneses guiava a ele, o levou na memoria, de maneira que, vendo que Pero de Meneses se embaraçava, caio no que era. Pois tanto que ao porto chegou e Pero de Meneses o conheceo, e achando-o embalsado de muito silvado e mato, asi de ũa parte, como da outra, logo fez decer vinte de cavalo e ás espadas fizérão ũa larga estrada, asi de ũa parte, como da outra, e fazendo entrada achárão um porto, que per cima de ũa grande e larga lagia corria a ribeira, por onde toda a jente pasou sem impedimento; e, pasada toda a jente, Pero de Meneses dise a Alvaro Rodríguez, almocadem: «Vós sabeis donde estamos e por donde aveis de guiar». O Alvaro Rodríguez, posto que já estava bem resoluto no porto e ribeiro, todavia dise a Pero de Meneses que guiase até serem fora da Ponte á outra da Pontinha [2], a que eles chãmão o Rur, em que ha duas legoas por aquela grande varzia, a qual ribeira sempre que ha calma bota de si ũa nevoa espesa, em especial quando o levante quer vir, mas, como quer que ha qualquer outro vento, logo ficam as serras [a descoberto] [3] e a ribeira muito crara e limpa [4]; mas, como aquela grande varzia foi pasada e sendo já perto da menhã, dérão a andar com mais présa até pasarem Tintais, ũa legoa ao través d'Alcacere.

A menhã e o rebate foi todo a um tempo, e asi o foi a corrida e a grita, mas, como aquele campo é muito grande, os nosos fôrão logo consumidos e encubertos, sem parecerem, nem se verem uns aos outros; mas, como a présa era muita e os nosos poucos, logo se contentárão, parando com o que topávão, de maneira que o conde, que dos dianteiros era, parou em ũas alhaimas [5] donde Alvaro Rodríguez o guiou, donde tomou mais de trinta almas, ao derredor das quais mais de mil cabeças de gado vacum; e, mandando dar ás trombetas, pera que os seus se recolhesem, os esteve esperando sobre um outeiro, os quais o fizérão, trazendo outras vinte almas e outro tanto e mais gado; o meudo era tanto que não tinha conto; e, porque já a este tempo chegávão alguns de cavalo d'Alcacere,

1. [lhe aconteceo, que] *f.* A. — 2. até serem fora... Pontinha] até serem fora daquela grande varzea em que ha duas legoas da ribeira da Ponte á outra da Pontinha L; *f. todo o capítulo em* B N M. — 3. [a descoberto] *f.* A L. — 4. logo ficam... e limpa] logo fica crara com todalas serras e muito limpa L. — 5. alhaimas: *isto é,* tendas, *como se disse na p.* 329, *l.* 5.

que saíão ao rebate, e outros parecíão ir demandar o caminho da Ponte, o conde fez deixar todo o gado meudo, que era tanto que pera chegar a Arzila avia mester dous dias; o vacum, repartido em cinco ou seis rebanhos e com cada um quinze ou vinte de cavalo e outros alguns mouros de pé, o começárão a tanjer com a mór présa que podíão, vindo a bandeira e o guião com duas batalhas cerradas, em as quais avia cento ou cento e vinte de cavalo e, dando-se a mais présa que podíão, caminhárão ao porto d'Algarrafa, por ser muito largo e o mais perto do campo d'Alexarif; mas, por muito que se apresárão, como o gado era muito e os que o tanjíão poucos, não pudérão tanto que a jente e o alcaide d'Alcacere não chegou aos nosos, e poucos e poucos se fizérão mais de dozentos e cincoenta de cavalo. O conde se leixou ficar um bom pedaço por dar lugar que o gado e cavalgada andase; o alcaide, vendo a detreminação do conde, que era pelejar com ele, o não ousou cometer, ainda que ali tinha casi o dobro dos nosos, mas tãobem vínhão cansados de averem corrido duas legoas e mais, que d'Alcacere ali avia; e tãobem porque jente que sai a rebate não vem armada, nem apercebida, por os mais se proverem das armas em casa dos alcaides, e não vem providos de ferraduras; e tãobem porque caminho da Ponte érão idos alguns de cavalo com muita jente de pé a tomar a ribeira, parecendo-lhe a cavalgada iria pasar pola Ponte; e com esta detença que o conde fez e a muita présa que Pero de Meneses dava ao tanjer do gado, posto que de apartados e fracos ficárão mais de trezentas ou quatrocentas reses d'alem da ribeira, Pero de Meneses a pasou não sem ũa pouca de pendencia, porque alguns d'Algarrafa acodírão, que seríão até vinte cinco de cavalo, e de Bujidião e da ribeira de Benabiziquer, vendo os pegulhais do gado ir com tão poucos dos nosos, correndo-os uns e outros vendo tempo, cortárão dous dos pegulhais e, remetendo aos mouros de pé, que os íão tanjendo, os levárão consigo, leixando dous de cavalo mal feridos; e, com esta vitoria, foi o contentamento e grita tamanha que parecia que eles bastávão a tirar a cavalgada, mas Pero de Meneses lhes tirou logo este alvoroço, que, tomando outros quinze ou vinte de cavalo, se pôs antre eles e o gado e se leixou ir á fala com eles, dizendo-lhes que ali vinha o alcaide e não ousava travar com eles, e que eles como doudos cometíão o que o alcaide não ousava cometer; mas estávão já tão soberbos que dizíão que esperasem, que até Taliconte lhes avíão de tomar toda a presa, e que o feito que o conde fizera era de doudo, pois dous capitães o não ousárão cometer, e que ele que tal conselho dera pagaria aquele dia; e com estas e outras palavras os levou embebidos, de maneira que, em vendo tempo, deu neles e em pouco espaço derrubou dous deles, e, ficando mortos de muitas lançadas, lhe tomou os cavalos, e de tal maneira ficárão escarmentados que mais não ousárão estar á fala, quanto mais quererem tirar a cavalgada, e, leixando-se ficar, se viérão ajuntar com o alcaide, que mais sentio a morte destes

dous mouros que toda a cavalgada, por ser feito pola mão de tão mortal imigo seu, como Pero de Meneses era; e, todavia, a jente de pé vinha ao longo da ribeira a mais andar, e sem duvida não leixara de fazer dano se chegara a tempo, ou se fôrão buscar a Ponte ou outro porto da ribeira, donde os de pé pudérão chegar a embaraçar a pasada, mas, como fizérão grande rodeo, não pudérão chegar a tempo, porque o gado foi tanjido com tanta présa que, posto que muito ficou que não pode andar, nem ter, com o outro pasárão o porto d'Algarrafa, donde Pero de Meneses o leixou estender ao longo da ribeira e, leixando alguns de cavalo com ele, se tornou pera o conde, que de seu vagar vinha, asaz apresado por trazer o alcaide junto de si com mais de trezentos de cavalo, mas não tão perto que chegasem donde pudesem voltar ou dar neles, sómente alguns espalhados que ao longo dos nosos vínhão fazendo alguns arremesos, dos quais nos ferírão e matárão alguns cavalos; e esperava o alcaide que, com o dano que estes espalhados fizesem, e asi alguns bèsteiros, fizesem espalhar os nosos, e que, voltando, os tomase á longa e espalhados, mas o conde não teve conta com eles e os sofreo até chegarem a remesar as lanças, não leixando de receber dano dalguns espingardeiros e bèsteiros de cavalo, que o conde fez levar béstas e espingardas, os quais fez poer na traseira e, chegando aos que mais perto estávão, os fizérão afastar, mas ao porto chegárão tão abelhudos e bravos que os mais deles despedírão as lanças com que fizérão algum dano. Este acometimento foi com o favor de mais de dozentos mouros de pé que d'Algarrafa e Bujidião viérão ao longo da ribeira, mas pasando o conde a ribeira ficou tudo em calma e, apeando-se todos os nosos, comêrão e dérão de comer aos cavalos, os mais deles pão e bizcouto molhado em vinho, porque erva a não avia. Os mouros ficárão da outra parte mui espantados, esperando se acabasem d'ajuntar, que, como vínhão de lonje e os cavalos fracos, o fizérão muito de vagar; mas, como o conde vio tempo, mandou andar a cavalgada asi em magotes, encomendando cada magote a dez de cavalo, mandando-lhes que dali por diante não leixasem um só bezerro, e asi encomendou ao adail Fernão Mazcarenhas a traseira com cincoenta de cavalo e as atalaias atrás, pera que de noite não fosem cometidos, e com esta ordem começárão a caminhar, travesando a estrada d'Alcacere, por ser terra mais larga pera o gado poder milhor andar.

O alcaide, tanto que vio o conde abalar e a ordem que trazia, posto que tãobem pasou a ribeira e toda aquela tarde veio á ilharga do conde, [não o ousou acometer] [1], posto que ao pasar da ribeira de Taliconte ouve algũas lanças d'arremeso, em especial dos mouros de pé d'Algarrafa, que já nela estávão, mas, como este porto foi pasado, o conde ficou desabafado, por ser dali pera dentro terra larga, e porque de noite lhe pareceo

1. [não o ousou acometer] *f.* A.

o não avião d'acometer, como não acometêrão, porque o alcaide, vendo-se com pouca jente e os cavalos fracos e cansados, não sabendo a desposição e estado dos nosos, ouve por bem de nos deixar vir sem contenda, posto que a mais da noite ouve rebates, asi na dianteira, como na traseira, com os quais alguns mouros e mouras se salvárão dos da cavalgada. O conde ordenou que viesem atados e encadeados em cabrestilhos, e as mouras e crianças entregou a alguns de cavalo que os trouxesem nas ancas e ante si, mas, como ninguem queria dar a seu cavalo mais trabalho do que trazia, que não era pouco, todos ou os mais as pûnhão ante si, e, como os rebates érão muitos e impedião o caminhar, os mouros e as mouras e quem podia e avia tempo se punha em salvo, leixando-se ficar nos ribeirões por onde pasávão, de maneira que aquela noite algũas mouras e moços se pusérão em salvo. Com estes impedimentos caminhárão tão pouco que, quando amanheceo, não chegávão ao Zambujeiro, que são duas legoas da vila, e, vendo-se no meio daquela grande varzia, antre o Zambujeiro e Taurete, e não vio o alcaide, sómente n-Alhadra uns poucos de cavalo que, segundo parece, esperávão recolher algum gado que polo caminho ficase, o conde deu graças a Deos, por se ver com sua cavalgada já fora de trabalho, porque do Zambujeiro pera dentro já não tinha receio, por ser terra apartada, como já ei apontado.

Muita culpa este dia se pode dar e deu á nosa jente, que, vendo-se perto da fonte do Zambujeiro, que faz um grande vale de muita erva de verão, como junça, erva fedegosa e outra muita erva da agoa, em som de virem beber, desemparando o conde e a cavalgada, se viérão lançar a pacer, de que o conde ouve muita menencoria e os mandou apontar, jurando os castigar e levar a cada um um tostão de pena. Os cavalos levárão aquela menhã um bom banquete, porque, em todo o campo d'Arzila, não avia outro milhor brejio de verão que o da fonte do Zambujeiro. O gado neste espaço tãobem se estendeo por outras reboleiras de palha, carga e feno que ficou por queimar; e, descansados os cavalos, e o gado tendo comido alguns bocados, o conde o mandou em seus magotes ordenados, e, mandando descobrir Almenara, se leixou ficar até que teve nova que o gado avia pasado a Atalaia Alt d'Alfomar, e com este recado se veio trás ele e, pasadas as Pontinhas da Atalaia Ruiva, o entregou ao adail Fernão Mazcarenhas e aos quadrilheiros, que ordenou pera arrecadação da cavalgada, e, posto que noutras cavalgadas se soem fazer dous e quatro quadrilheiros, nesta ordenou dez, porque, alem de cada um ter duas partes, sempre cada um leva ũa res, boi ou vaca, polo trabalho que se leva até se vender e repartir e arrecadar; e, isto feito, se veio á vila com sua bandeira e jente, o qual foi recebido com muita alegria, tirando toda artelharia e saindo os clerigos e frades a o receber com as cruzes e precisão, cantando Te-Deum laudamus.

Chegada toda a cavalgada e recolhida na vila, era cousa fermosa de

ver a muita cantidade do gado que não cabia na vila, e os tres dias primeiros dormio fora da vila, na praia, antre a porta do Albacar e a da Ribeira, dormindo homens de cavalo e de pé com ele, que o guardávão até ser arrobado e repartido. As reses que á vila fôrão chegárão a duas mil reses vacũas [1], e corenta e sete ou corenta oito almas, antre mouros e mouras e crianças, as quais fôrão avaliadas, e o conde tomou o quinto delas pola avaliação, e as outras vendidas asaz barato, pola fome que já ei dito. O gado vacum se arrobou, como é costume, e postas as arrobas que cada ũa res tem, segundo a avaliação em que é avaliada, num dos cornos, e, feitas todas as arrobas em ũa soma, tira o capitão seu quinto, e as que ficão se repartem polas partes, e desta cavalgada ouve o conde mais de trezentas reses, bois e vacas, e cada um dos de cavalo ouve a sete e a oito reses, e polas arrobas saírão a mais de cincoenta arrobas, e mandou o conde que o arratel de carne não pasase de dous reais e meio, e todo este ano valeo uma boa vaca sete, oito tostões, sendo parida ou prenhe, e asi os bois por este respeito, de maneira que este ano sempre fomos fartos de carne, que nos foi muita ajuda á falta do pão, comendo carne em lugar de pão; e a mercê que nos Deos fez foi aver erva ao derredor da vila, em especial na varzia d'Alfandequim, donde a boiada todos os dias ia pacer, não sem muito risco de a levarem, por ser lonje e dela não se poder recolher, mas quis Noso Senhor que em todo este tempo nos não correo jente grosa, nem armárão a ela, pola falta dos cavalos que antre os mouros avia, como fica apontado.

Ficárão os mouros d'Alcacere tão quebrados desta pancada, ainda que não foi senão de gado, que, faltando a eles, nos sobejou, de maneira que em Arzila, Deos seja louvado pera todo sempre, se não sentio fome, pola muita abastança de carne, que, com meio vintem, se comprávão quatro arrateis d'Arzila, que érão cinco de Portugal. Ouvi afirmar que se Dom Anrique, capitão de Tanjere, viera, como foi chamado, e ouvera cavalos que sofrírão a corrida, não pudérão rodear o gado que no campo d'Alexarif avia, e que pudérão trazer cinco ou seis mil cabeças de gado vacum e mais de dozentas almas, mas isto ouvera de ser dar-nos Deos por quem ele é fartura e cavalos fartos, e a eles a necesidade e fome que antre eles avia, mas avemo-nos de contentar com o que ele faz, pois tudo é bem feito e nós não sabemos o porque o faz, nem tão sómente o que pedimos; e com isto pasarei deste tão asinalado feito e cavalgada.

1. vacũas] vaqumhas A; vacũus L.

CAPITULO LXXXII

Dalgũas almogaverias e como estando Francisco Gonçálvez e micer Ambrosio em degredo antre as portas do Albacar um mourisco quis fojir com um cavalo de Francisco Gonçálvez e foi tomado

Mui contente ficou o conde em lhe Deos dar tão boa cavalgada e em tal tempo e em que tanta necesidade avia de mantimento, e, por ser de gado, foi muito mais proveitosa á vila que outra nenhũa presa, por se repartir por todos, não ficando casa donde se não matase boi ou vaca, uns que lhe viérão de parte e outros avidos por pouco preço; e, por a boiada ser muita, o conde ordenou que todos os dias fosem em guarda dela vinte de cavalo, e os mais dos dias ia comer á varzia d'Alfandequim, porque tanta boiada em outra parte não podia pacer, e, pera mais segura andar, as atalaias ião todos os dias á Aldea Velha, ũa grande legoa da vila, querendo mais aventurar ũa e duas atalaias que não ũa tão grosa boiada, e por esta causa os almogavares do Farrobo e d'Alcacere levárão algũas atalaias, porque tão lonje, como ás Atalaias Altas são, correm muito risco em se salvar, por ser a carreira comprida e aver muitas partes donde lhes armar e se meter em ciladas; e nestes dias largos levárão a Pero Leal, que, sendo atafoneiro e tendo casas e atafona sua, a leixou e vendeo por se fazer atalaia; este foi levado a Alcacere, e Amelix levou outras duas atalaias, que levou a Mulei Abrahem, e asi tomou no rabo da guarda dous ou tres moços e homens, que, como as atalaias ião largas, por força avia desmandados.

Tãobem nosos almogavares fôrão algũas vezes fora, armando aos atalhadores e desmandados, donde tomárão por vezes muitos mouros e mouras, e asi o Alvaro Rodríguez e seu companheiro, como érão homens que muito bem sabíão a ribeira da Ponte, esas vezes que fôrão fora sempre tomárão mouros, de maneira que, cómo o ano era apertado e de muita necesidade, era tanto o desmando dos mouros que o conde era importunado de lhe pedirem licença os leixase ir fora; e tãobem se viérão e vínhão outros por sua vontade tornar cristãos, a fama dos cristãos terem que comer, mas, como já ouvese fama que antre eles andava peste, o conde teve mão e não consentio ir mais almogavares fora, nem quis acolher mais cafila até saber a certeza por Francisco Gonçálvez e micer Ambrosio, que em Féz estávão com a feitoria que a seu cargo tínhão, os quais não tardárão muito que não viérão, e, confirmando a nova da peste, afirmávão morrerem em Féz, e que em Alcacere ficava..............[1] mercador

1. ...] *em branco em* A; ficava um morador português L; *f. todo êste capítulo em* BNM.

português, natural d'Evora, doente e pesoa honrada, o qual vinha em sua companhia e lhes parecia ficava ferido de peste, e asi era verdade, porque logo faleceo dela; e, por esta nova de Francisco Gonçálvez e micer Ambrosio e Jorje Grimaldo e Sancho Rabelo, que escrivão da feitoria de Féz era, o conde os mandou apousentar antre as portas do Albacar, pera ali pasarem alguns dias em degredo, donde armárão duas boas tendas, ũa de Francisco Gonçalvez, donde se ele e Sancho Rabelo recolhíão, e outra de micer Ambrosio e Jorje Grimaldo.

E porque ao tempo que eles viérão estava antre as portas do Albacar um mouro que se veio tornar cristão, bem tratado, em cima de seu cavalo e com ũa espingarda rica e boa e bem lavrada, o qual, antes que de Féz se viese, o avia dito a Francisco Gonçálvez, e achando-o ali e conhecendo-o, folgou com ele e o louvou ao conde de muito bom espingardeiro, e, posto que já avia dias que ali estava, folgou o mouro de se leixar estar, pola honra e gasalhado que de Francisco Gonçálvez recebia, a qual ele mal lhe quis pagar, porque um dia [1] polo meio da calma, estando todos cinco ou seis ou sete cristãos á sombra da torre do Alcaide-mór, ao frescor do mar, e, vendo o mouro aparelho pera se poder ir e levar um bom cavalo e asi algum dinheiro, o pôs por obra desta maneira, que um dia pola sesta, estando o campo recolhido e a boiada na praia, com sómente duas atalaias no outeiro de Fernão da Silva e duas no Facho, e os degradados estando á sombra da torre do Alcaide-mór, junto do Albacar, tomando o frescor do mar, o mouro pôs a sela no cavalo de Francisco Gonçálvez, que um fermoso jinete era, e saio pola porta do Albacar e, tomando a [2] praia na mão, se foi correndo caminho do Rio Doce. Francisco Gonçálvez e os companheiros, bradando: «Repica, repica!» se lançárão aos cavalos, cavalgando Sancho Rabelo no seu e Francisco Gonçálvez no de micer Ambrosio, que por ser velho e muito gordo o não pode fazer, mas com esa pouca detença, que em lhe pôr as selas fizérão, o mouro ia já aos Mastos, e, posto que Sancho Rabelo e Francisco Gonçálvez se pusérão em a sua isteira, prestara pouco, polo cavalo em que ia ser muito milhor que nenhum dos outros; mas, como na vila repicasem, e as atalaias do outeiro de Fernão da Silva visem ir o de cavalo pola praia, parecendo-lhe que era algum arroido e se íão pera Tanjere, e acertando-se [3] ser dous valentes homens, um Domingos Martinz e outro Roque Ravenga, que érão companheiros e homens de muito recado, decendo do outeiro viérão demandar a praia, mas primeiro fizérão detença em pasar o valo que da vila vai até o Rio Doce, fazendo com os contos das lanças por onde sobírão em cima e, pasando o valo, alcançárão logo Francisco Gonçálvez e Sancho Rabelo, e, sabendo deles que o mouro era o que ia diante, se pusérão na sua isteira, e pasando o Rio Doce junto das Fontainhas de Pero de Meneses o alcançárão, e, chegando Domingos Martinz

1. dia] da A. — 2. a] á A. — 3. se] de L.

ao mouro, lhe deu tão grande trochada com a lança que deu com ele do cavalo abaixo, e Roque Ravenga foi tomar o cavalo. Isto feito, Francisco Gonçálvez tomou o mouro nas ancas e se tornárão ao Rio Doce, donde o conde chegou, que saio ao repique com a jente da vila; e, tornando-se o conde á vila, se tornárão os que em degredo estávão a seu lugar, mas Francisco Gonçálvez mandou por ũa bésta de ferro, donde o mouro esteve metido polos pés até serem recolhidos, e ao tempo do recolher o conde mandou deitar ũa braga de ferro ao mouro e o tomou por cativo, mas o mouro sempre chamou pola santa madre igreja, dizendo que queria ser cristão, e que tinha a vontade com que de Féz partira, e se ia á igreja pedir o fizesem cristão, até que Francisco Gonçálvez o levou a fazer cristão e foi seu padrinho e lhe pôs nome João Coutinho, o qual alguns dias servio ao conde como cativo, andando com ferros e indo de noite dormir á mazmorra com os mouros; mas, como perseverase em dizer que era cristão, e dizer que mais queria ser cristão e ser cativo que mouro forro, tanta mostra deu de si que o conde lhe mandou tirar os ferros e lhe mandou dar ũa espingarda, e que fizese de si o que quisese. Respondeo que o que queria era ser seu e o servir toda sua vida, e asi o fez, indo sempre ás tranqueiras com sua espingarda aos repiques, donde fez muitos asinalados tiros, matando mouros com sua espingarda, e era um dos bons espingardeiros que em Arzila avia.

Eu me lembro dele, que, quando lhe tirárão os ferros e andava com sua espingarda tirando ás aves, os moços o corríão, dizendo-lhe e chamando-lhe: «Tu te irás!» ele respondia: «Tu mentira, eu estar até morrer!» e asi o comprio, servindo muito tempo de espingardeiro e se fez homem de bem e de verdade; e, depois que o conde se veio a Portugal se meteo nas caravelas d'armada, que andávão no Estreito, donde servio muito tempo e cobrou tão boa fama que todos os d'Arzila, que algũa cousa avíão mester, a encomendávão a este João Coutinho, e asi o dinheiro se tínhão necesidade de o pasar lh'o dávão, e nunca fez rapazia, nem o que não disese, até que se perdeo no navio de que era capitão Duarte Casco, que, vindo de Tanjere pera esta cidade de Lisboa, nunca ouve nova dele, nem pareceo cousa que nele viese, no qual navio se afogárão ou perdêrão muitas pesoas honradas de Tanjere, asi homens como molheres, sem mais aver nova deles.

Tudo isto de João Coutinho trouxe á memoria, que, sendo um mouro que de Féz veio com vontade de ser cristão e vendo o buraco aberto, fez o furto com que não saio, e depois de cativo e com ferros nos pés teve tanta constancia e confiança em Deos que sempre dise que mais queria ser cristão e cativo que forro e mouro; e depois de ser solto e livre mostrou ser verdade a confiança que tinha em nosa santa fé, e foi sempre favorecido em casa do conde e asi de Francisco Gonçálvez, que pesoa muito honrada e principal era.

CAPITULO LXXXIII

Como Quartão arráiz da fusta de Larache veio entrar e correo após os barcos de pescar e o que mais lhe aconteceo

Neste verão e tempo em que pasava o que está contado e apontado, Quartão, arráiz da fusta de Larache, que já ei contado, nos correo quando vinhamos d'Azamor, veio a entrar por mar e do Cabo Branco saio aos barcos de pescar com sua fusta; e, sendo visto das atalaias e dado o rebate acostumado e feita sua fumaça no baluarte da Couraça, que era o sinal que avia navio de remos, os barcos, tomando rebate da bombarda e vendo a fumaça, conhecendo que era navio de remos, se viérão recolhendo, mas primeiro chegou a fusta a um deles e, pondo-lhe o esporão em cima, os do barco alevantárão o remo, dando-se por entregues. A fusta, como vinha aviada, pasou polo barco um grande pedaço; os do barco, vendo-se desapresados da fusta, tornando a apertar os remos, tornou a remar ao longo da Couraça pera a vinha de João Pegado; a fusta fez sua ciavoga e, quando tornou a endereitar com o barco, que ia um grão pedaço, com muita furia foi pera o investir e, pasando com os remos por cima dele, os espancárão casi todos; mas o barco tornou a pôr a proa em terra e, esforçando-se cinco homens que nele íão, remárão pera terra e, primeiro que a fusta tornase a chegar a ele, se meteo pola quebrança dos mares, que em o lajedo quebrávão, porque d'Arzila até as Furnas tudo é penedia; e, com muito risco de se alagarem, veio ter á Couraça, donde já o conde e toda a jente da vila estavamos; e ali fôrão recebidos Lourence Anes e seus companheiros com muito prazer de todos, por aver escapado[1] com tanta delijencia, vindo todos feridos e escalavrados das setas e pedras e dos remos. A fusta desta derradeira vez veio com tanta furia e tão rija, cuidando de o investir e meter no fundo, que, quando vio o barco andar em cima dos mares e quis fazer ciavoga, ao travesar lhe deu um mar que se viera quebrado ou quebrara nela a fizera vir a través; mas, asi este como outros, vínhão empolados e, posto que lhes fez perder alguns remos e os pôs em trabalho de cuidarem vir em través e lhe fazer a fusta em pedaços, tornou a sair pera fora, e muito cansados, como gavião que se lhe vai a presa das mãos, se começou ir[2] ao longo da Couraça pera as Furnas, sendo primeiro requerida do fruito dalguns basaliscos e esperas do baluarte da Couraça e do Tambalalão, que ao derredor e por cima dela a visitávão.

1. por aver escapado] por asi escaparem B N L M. — 2. ir] a ir B N L M.

O conde com todos nós outros nos fomos [1] sobre as Furnas, donde ela lançou ferro e esteve á fala com nós outros, e porque lhe preguntárão se os do barco se salvárão, por manha o Quartão, arráiz, que muito conhecido do conde era, por vir muitas vezes a Arzila por alfaqueque e ser granadim, respondeo: «Este año és malo de moros y bueno de cristianos»; e porque estando [a fusta] [2] nas Furnas podia fazer dano aos navios que viesem á vila, o conde mandou armar ũa caravela de Antonio Fernândez Moreno, mercador d'Arzila, e metendo-lhe quatro berços e um falcão se metêrão nela bem corenta homens, e, por ser a viração por diante, não pode sair do arrecife, mas, como não tardase muito que não parecêrão duas caravelas, que de mar em fora vínhão demandar a vila, acodio logo o conde á ribeira e, mandando esquipar cinco barcos de pescar e tomando a caravela á toa a força de remos e apesar do vento, que por d'avante era, a lançárão fora e, indo do primeiro bordo junto de Santa Caterina, tornou a virar e, ajudando os barcos, fez duas ou tres voltas ao longo do arrecife, e neste tempo as caravelas se viérão chegando.

Tanto que fôrão vistas da fusta e, indo dereito ao mar, onde ouve vista [3] da caravela, que da vila saia, e, posto que conheceo que era navio armado, como ela estava muito a balravento, não leixou de ir dereito ás caravelas, as quais, como a fusta ia a remos e levava a proa nelas, a não vírão senão de perto e, conhecendo ser navio de remos, pareceo-lhes que a caravela tãobem era de mouros, ou a levávão tomada, e espantávão-se como da vila lhe não fazíão o sinal acostumado, tirando-lhe bombardas e fazendo-lhe fumaça, e logo virárão na volta do mar; mas, como vírão que a caravela começou a tirar tiros, fazendo-lhe sinal não fojisem, e que da vila não tirávão bombardas, e conhecendo ser caravela armada e que íão em seu favor, tornárão a virar e, juntando-se ũa com outra, viérão dereitos a demandar a caravela de Antonio Fernândez Moreno, e, salvando-a, pasárão por ela e polos barcos e viérão entrar no arrecife, com muito contentamento de todos e muito desgosto dos mouros, que muito bem pudérão chegar e investir com ũa das caravelas, mas não ousárão a se embaraçar, por virem aviados e a viração entrar francamente; e, com muita magoa, tendo-se a balravento, deu á vela na volta de Larache. Os da caravela não se contentando em ter feito tão boa sorte, como salvar duas caravelas, ũa que de Tavila ia e outra carregada d'alfarroba e marmelos e romãs e outros mantimentos, que em aquele tempo em toda parte e lugar era bem necesario d'alfarroba, acodio aquele ano tanta de Levante e do reino de Valença que muitas naos viérão carregadas dela, — a nosa caravela seguio a fusta de tal maneira que lhe não deixou tomar o rio de Larache e a fez ir abaixo cinco legoas, aonde chamamos as Alagoas. A nosa cara-

1. nos fomos] se foi B N L M. — 2. [a fusta] *f.* A. — 3. Tanto que... ouve vista] Tanto que a fusta ouve vista delas e saindo dereito ao mar ouve vista B N L M.

vela sorjio ao rio de Larache e, como o falcão fez alguns tiros que, como os não avíão muito em costume, o ouvérão por estranho, e com o terral[1] se tornárão ao longo da terra, mas, como a menhã acalmase, não pudérão chegar senão com a viração e chegárão bem enjoados e cansados e mortos de fome, que, como lhes pareceo não era pera mais que pera espantar ou enxotar a fusta, não metêrão mais que dous sacos de bizcouto, que em duas horas foi gastado e consumido.

E porque dise que a fusta fora demandar as Alagoas e não pudera tomar o rio de Larache, e por ser muito comum antre nós outros o nome das Alagoas, e poucos as sabem, posto que já em tempo d'el-rei Dom João, o segundo, mandou ũa armada com cento e cincoenta de cavalo e dous mil de pé em taforeas e caravelas, em que foi por capitão Dom Diogo d'Almeida, e fôrão sair antre estas Alagoas e tomárão alguns aduares, de que[2] trouxérão mais de trezentas almas e alguns cavalos, e [do gado][3] fizérão muita carnajem, tornando a dar a entender que são as Alagoas do rio de Larache ao da Mamora, que é o mór e mais principal do reino de Féz, ha dezasete legoas, toda terra tão chã e rasa que em toda ela se não achará ũa pedra como um ovo; e antre estes dous rios ha duas alagoas grandes, ũa de quatro ou cinco legoas de comprido e de duas e mais de largo, esta se chama Bocelema, que quer dizer pai de Çulemã; a outra é maior, que tem mais de oito legoas de comprido e cinco ou seis de largo; são tão junto do mar que se não mete antre elas e o mar mais que uns medãos de area ruiva. Ha nestas alagoas muito pescado e muito gordo, em especial muitos linguados, e são tantos que os trazíão a Arzila salgados e nos dávão tres por meio vintem, e asi muitos e mui grandes eirós; ha douradas e em tanto estremo que se não podem comer se não forem cozidas em vinagre ou com muito çumo de limas, e estas são as tainhas, a que eles châmão aburros[4]; e deste pescado ha tanta avondança que em Alcacere êntrão no dia do çoco muita abastança e muitas cargas de muita sorte deste pescado e outro muito que se reparte pola terra; mas eu creio que, se cristãos entrasem nelas com tais maneiras de artes como úsão, em pouco tempo as abrasasem e gastasem, como fazem em todas as partes donde chêgão, consumindo e destroindo tudo o que áchão: o que em muitos anos e muita jente não podem gastar, eles poucos e em pouco tempo o gástão e o destruem e consumem.

1. o terral] o vento terrenho B N L M. — 2. de que] dos quais L; *f.* B N M. — 3. [do gado] *f.* A. — 4. aburros] *cremos que se deve ler* alburros, *ou antes* alburos, *por ser singelo o r da forma árabe. Esta parte final do capitulo f. nos outros ms.*

CAPITULO LXXXIV

Como o alcaide d'Alcacere correo Arzila e matou Alvaro Núnez fidalgo e outros cinco de cavalo e depois foi desbaratado e perdeo muitos dos seus

Apontado tenho nos capitolos atrás e contado como o conde Dom João entrou e correo o campo d'Alcacere e d'Alexarif e o roubou de duas mil cabeças de gado e cativou e matou mais de cem almas, e do muito nojo e pesar que o alcaide d'Alcacere ouve em receber este dano do conde com só sua jente e bandeira, e muito mór pesar teve por se achar em Alcacere e não lhe poder resistir, nem estorvar que o conde não pasase o rio da Ponte em salvo e trouxese toda sua cavalgada, asi mouros como gado; e, ficando com este nojo e pesar, pôs o sentido em como e de que maneira faria o mór dano e perda á vila d'Arzila; e, sabendo a maneira e ordem do noso campo, e como, por causa do muito gado que na vila avia, as atalaias íão todos os dias ás Atalaias Altas, o qual aviso teve por muitas espias e cafilas que á vila vínhão, e por almogavares e atalaias que tomávão, e, vendo tempo e desposição, o pôs por obra; mas, como o tempo fose apertado e de muita fome e necesidade, escolheo antre os seus cento e sesenta de cavalo, parentes e criados e pesoas que avíão de pelejar e morrer diante dele, e, partido d'Alcacere e pasada a Ponte, se meteo no Soveral d'Alvalate e por ele veio amanhecer [sobre] [1] Alfandux, duas legoas d'Arzila, e, por ser dia de Todos os Santos, esperou que alguns monteiros fosem ter com ele, tendo suas atalaias sobre a varzia do Zambujeiro e Almenara, e tãobem dava vista á palmeira de Çael; mas, como vise que as atalaias estávão sosegadas e nenhũa pesoa por elas pasava, detriminou-se de chegar á vila e por encubertas falsar as atalaias, e, por ser dia chuivoso e cuberto, se meteo por a Atalaia Alta d'Alfomar e de Tendefe, e tomando um corrego asaz piqueno, que vem pola varzia ter ao Jiestal, que é um outeiro asaz groso, que está junto das duas Pontinhas da Atalaia Ruiva, e vindo toda a jente a fio ao longo do corrego sem serem vistos, nem sentidos das atalaias, viérão ter com alguns de cavalo que ás Pontinhas estávão fazendo lenha, e o primeiro que os vio foi Francisco o Coloto, escravo de Gonçalo da Fonseca, que depois foi porteiro em Arzila, o qual Coloto chamando por Bras Fernândez, que junto dele estava, lhe dise: «Bras Fernândez, vós não vedes estas grulhas tão perto de nós»? parecendo-lhe verdadeiramente que o érão; e, levantando Bras Fernândez a cabeça, conheceo serem

1. [sobre] *f.* A.

mouros e, pondo-se a cavalo, pôs diante de si ao Francisco em cima do mulato, primeiro que os mouros arrincasem, e, dando meia duzia de grandes apupos, fez tomar o rebate aos que pola varzia andávão pacendo com seus cavalos; e, quando os mouros vírão serem sentidos, arrincárão trás o Bras Fernândez e o Coloto e, pasando acima ás Pontinhas, chegárão aos Pelouros, e alguns chegárão á Atalaia Ruiva sem os alcançar, nem fazerem dano algum, porque logo com estes dianteiros fôrão vinte cinco ou trinta de cavalo dos que no campo se achárão; e, acodindo ao rebate, fôrão ter com os mouros, os quais, vendo que a jente recrecia e o conde andava recolhendo a boiada das lombas do Corvo, muito de vagar se fôrão recolhendo pera as Pontinhas, donde o alcaide ficou com sua bandeira recolhendo os seus, e pasando as Pontinhas os nosos vinte cinco de cavalo érão com ele, aos quais tãobem chegárão alguns de cavalo de repique que, tomando o caminho da Ruiva, não parárão até chegar aos mouros, antre os quais era um fidalgo fronteiro, mancebo de muita esperança, por ser filho de Miguel Nûnez, tesoureiro do tisouro d'el-rei, noso senhor, e pesoa de muita confiança, o qual avia nome Alvaro Nûnez, e servia com mui bons cavalos e asaz custoso.

Chegado Alvaro Nûnez, logo alguns dos nosos, lisonjeando-o e louvando-o lhe começárão a dizer: «Senhor, oje é o dia que aveis de desbaratar estes mouros e a honra ha de ser toda vosa, que como a jente recrecer daremos neles». Isto dizíão porque já a este tempo o adail Fernão Mazcarenhas estava na Ruiva á sua vista com outros vinte de cavalo, que tendo recolhido o campo se pôs na Atalaia Ruiva, donde o rebate era, e vendo ir os mouros por o rosto d'Alfomar acima cerrados e com sua bandeira no meio, e vendo-se os nosos junto dos mouros e vendo que o Alvaro Nûnez, que seu vezinho era, e não se falávão, pasou por ele, e, posto que da parte do conde lhe requereo se detivese e não pasase adiante, o não quis fazer, nem outros que com ele fôrão. O adail mandou logo dizer ao conde que os mouros érão poucos e íão cerrados com sua bandeira, como jente que se ia fazendo forte e que se não queríão desmanchar e que já íão junto dos mouros. Com este recado que tomou o conde junto da Atalaia Ruiva, deu a andar e, chegando á Ruiva já o desmancho era feito, porque o adail mandou por um de cavalo dizer ao Alvaro Nûnez e aos que com ele estávão que da parte do conde se detivesem e não pasasem adiante até não ver[1] recado do conde, que já vinha polos Pelouros abaixo. Este recado alvoroçou tanto aos nosos que logo João de Sousa, de quem muitas vezes ei falado, que fora do conde de Borba e de casta de mouros, e fora cativo com sua molher e filhos e fojira de Larache, como está apontado, a noite primeira [que o cativárão][2], querendo engrandecer ao Alvaro Nûnez, dise que aquele recado do adail era pera lhe

1. ver] vir B. — 2. [que o cativárão] *f.* A.

tirar a honra que aquele dia Deos lhe dava e que, como o adail chegase, avia de dar nos mouros e a honra avia de ser do adail, por tanto que ele cometese os mouros que íão já meios fojidos.

Ajudou a isto que João de Sousa dizia [1] Simão d'Arrochela, criado do conde de Borba, e Sancho Rabelo, irmão de Simão Rabelo, que de repique avíão saido com o Alvaro Nûnez, e porque já a este tempo o adail era sobre as Pontinhas e os mouros começávão a enfiar polo rosto d'Alfomar acima, o Alvaro Nûnez com vinte ou vinte cinco de cavalo apegou tão rijo com os mouros que lhes foi necesario voltar, dizendo o alcaide cide Hamete Larróz: «Até Alcantara não fique nenhum!» e logo pusérão as lanças nos dianteiros e derrubárão e matárão ao João de Sousa e a Simão d'Arrochela, e ao Alvaro Nûnez, por estar muito armado, o não pudérão derrubar tão prestes, mas, como as lanças e encontros érão muitos e cide Abluchet [2], irmão do alcaide, lhe pusese a lança, o levou ao chão, tendo ele Alvaro Nûnez encontrado e metida a lança a um primo do alcaide, e carregárão sobre ele, de maneira que érão mais de cincoenta de cavalo derredor dele; e, posto que o alcaide cide Hamete Larróz bradase que o não matasem, porque era Dom Manoel, cunhado do conde, não pode estorvar que lhe não desem mais de cincoenta lançadas nas coxas e nos braços, que o mais do corpo defendêrão as boas armas, estando Sancho Rabelo sobre ele até ver que lhe não podia ser bom, e dali saio com tres feridas e outras muitas polas armas e cavalo, e, seguindo os mouros a vitoria, chegárão até perto das Pontinhas, matando outros tres de cavalo, que fôrão João Carrasco e Digo Vaz, atalaia, e outro; e, vendo o adail o desmancho, os quis favorecer e, recolhendo [os seus] [3], os levou com tanta présa, até lhes fazer leixar o Alvaro Nûnez, que ainda estava vivo, que não lhe avíão tirado capacete, nem peça algũa de suas armas, e sobre ele ferírão alguns de sua companhia, em que foi seu filho, Simão Soeiro, que, ainda que moço, foi o primeiro que da companhia do adail seu pai arrincou, de maneira empuxárão os mouros que os seis mortos ficárão com suas armas, sem despojarem nenhuns deles.

Foi a causa vir o conde á volta e mestura dos seus com os mouros, vindo decendo com seu guião polos Pelouros abaixo e, tendo nova dos feridos e como Alvaro Nûnez ficava em poder dos mouros, pesando-lhe muito, pasou ás Pontinhas e chegou aos mortos, donde achou Alvaro Nûnez ainda vivo, e dise-lhe: «Ah [4] senhor Alvaro Nûnez, porque quisestes dar-me tanto pesar como recebo com voso desastre [5]? Quisera dar milhor conta de vós a voso pai, mas eu espero em Noso Senhor vos dará vida; mas eu, por vos vingar, meterei oje o resto em seguir estes mouros; espero em Deos que amenhã vejais a vingança que Noso

1. dizia: *assim em todos os mss.* — 2. Abluchet] Abluhet L; Alvet B N M. — 3. [os seus] *f.* A. — 4. Ah] há A; a B N L M. — 5. desastre] morte A.

Senhor vos dará de quem vos esas feridas deu»; e deixando com ele Fernão Caldeira, contador d'Arzila, que muito sentio a morte de Alvaro Nûnez, por ser muito amigo de seu pai Miguel Nûnez e lh'o ter encomendado o conselhase e favorecese como amigo, o qual Fernão Caldeira foi logo a pé e, com alguns homens que com ele ficárão, o milhor que pudérão o começárão a trazer pera a vila, não o ousando a desarmar, parecendo-lhe que era milhor, vindo-o Fernão Caldeira consolando e dizendo-lhe se esforçase até chegar á vila e ser curado e tomado o sangue se acharia milhor; e, com muito trabalho, viérão estes que o trazíão até acharem alguns de pé e, tomando-o nos braços, o pusérão ao Facho, donde já estava um escano da Misericordia pera com menos trabalho o trazerem; e, porque algũas vezes se esmorecia com a falta de muito sangue, que das muitas feridas se lhe fora, Fernão Caldeira o ouvio de confisão em lugar de sacerdote, e, chegando ao Facho, acabou de ispirar; e Fernão Caldeira, com muito sentimento e lagrimas, o leixou em poder de quem o trouxese e se veio á vila pôr cobro em sua fazenda e casa, donde logo foi com André Lionárdez, juiz, e Alvaro Pírez, tabalião, e, tomando as chaves das caxas e cerrando as camaras, fôrão dar ordem no enterramento e, por ser já noite, ficou, como ao diante direi, pera o outro dia, ao qual o conde esteve com muito sentimento, depois da vitoria que lhe Deos aquele dia deu.

Não é pera leixar de contar um pronostico que aquele dia ouvi ao dito Alvaro Nûnez, que, estando são e muito contente e com esperança de viver muitos anos, desejou de trocar a vida com o bacharel Francisco Gotérrez, que já a este tempo estava muito enfermo e idropico com a barriga inchada, que por razão natural não podia viver muitos dias, o qual pronostico, dito por sua boca, pasou desta maneira. Aquele dia de Todos os Santos, a que a Alvaro Nûnez tirárão a vida, do ano de vinte um, sendo já as vesperas tanjidas e o dia chuivoso, estando ele asentado em cima de ũa bombarda grosa, que no Miradouro estava, com outros muitos moradores, debaixo de um alpendre ou telhado, que sobre a bombarda estava, pera guarda dela ou pera defender a carreta da chuiva, chegou ahi, onde eles estávão, o bacharel Francisco Gotérrez, fisico e pesoa muito honrada, o qual andava doente de infermidade perigosa e trabalhosa, por ser de idropesia doente; e, como vinha bem vestido e com um barrete de grã na cabeça, todos lhe quisérão fazer lugar e Alvaro Nûnez mais que todos, dizendo-lhe: «Aqui, senhor bacharel, se pode asentar». Ele lhe tornou as graças, dizendo: «Senhor, beijo as mãos de vosa mercê, mais [1] minha enfermidade me não dá lugar que esteja asentado; milhor me acho em pé ou na cama». Logo o Alvaro Nûnez, polo querer contentar, ou por ser muito seu amigo, depois de algũas praticas que recrecêrão,

1. mais] *f.* L; *nos outros mss. f. êste passo. Deve ser erro por* mas.

em que o Francisco Gotérrez falava bem, e, como homem descreto e bem falado, dise Alvaro Nûnez: «Ah senhor bacharel, a nenhum homem ei enveja senão a vós, por serdes tão descreto e jentil homem, que não sei homem que vos não aja enveja». O bacharel lhe respondeo: «Senhor Alvaro Nûnez, iso é mui grande pecado e ingratidão contra noso senhor Deos, e deveis vos arrepender e lhe pedir perdão por vos fazer muito fidalgo, muito nobre e muito rico e abastado e bemquisto; e vos fez filho de um homem tão honrado que basta cada cousa destas pera não terdes enveja a nenhum principe, quanto mais a mim baixo e doente de enfermidade, que, se Deos, milagrosamente, me não torna a saude, per natureza não poso viver tres meses». Logo respondeo Alvaro Nûnez, pronosticando sua morte por eses tres meses: «Senhor bacharel, darei [1] todo o tempo de minha vida por ser tão descreto e jentil homem como vós». As palavras não érão ditas quando o sino do repique deu e ele se foi armar e o bacharel esteve no Miradouro até vir nova que o trazíão morto ou mal ferido.

Este pronostico de Alvaro Nûnez andou muito tempo antre nós outros e o bacharel Francisco Gotérrez foi tão pesante da morte de tão honrado fidalgo que, eses dias que viveo, sempre lhe alembrou as palavras de Alvaro Nûnez, e dizia que Alvaro Nûnez lhe disera aquelas palavras polo contentar e esforçar, e que não nacíão senão de pura vertude e nobreza, mas elas saírão certas, asi as de Alvaro Nûnez, como as do bacharel, porque Alvaro Nûnez desejava de viver tres meses, sendo muito mancebo e tendo grandes pensamentos, e não viveo meia ora, e o bacharel Francisco Gotérrez fez verdade o que dise, que não podia durar tres meses, porque conheceo sua enfermidade e estar já confirmada, e veio a morrer aos doze de janeiro, de maneira que durou dous meses e meio; e com isto pasaremos ao conde que em seguimento dos mouros ia.

CAPITULO LXXXV

Como o conde sabendo que Alvaro Nûnez e outros cinco de cavalo érão mortos seguio o alcaide e o desbaratou

Proseguindo o feito e proceso de dia de Todos os Santos, em que Alvaro Nûnez foi morto com os outros cinco de cavalo, como fica apontado, e, despedido dele com as palavras que fícão ditas e apontadas, cheias de muito desgosto e tristeza do conde, pasou adiante e, despedindo um de cavalo que disese ao adail Fernão Mazcarenhas, que

1. darei] daria L; *nos outros mss. f. êste passo.*

pegado com os mouros ia, que se não desmanchase, e que, se os mouros fizesem rabo, fizese muito por tomar ũa lingoa e soubese que jente aquela era, e que ele ia em suas costas e, pondo-se diante dos seus, dise: «Senhores, nenhum seja ousado de pasar por mim, porque eu detremino de seguir estes mouros até a ponte d'Alcacere; e a principal cousa que me a isto move é parecer-me por ordem de guerra que estes mouros não são mais, nem tem costas, porque, se as tivérão, não fizérão volta com os nosos, antes folgárão de os levar trás si até donde as costas estávão e donde não escapava nenhum e os tomárão á longa, como é sostume dos que vão trás dos que fojem; e, tãobem me move a vingança que espero em Noso Senhor que oje tomaremos dos que oje matárão a Alvaro Nûnez e esoutros que [a]hi [1] vedes; e, se algum de vós outros sinte o contrairo, antes que mais avante vamos, o diga». Logo respondeo Pero López, escrivão, Pero Godinho, Pedro Afonso Homem que não avia quem contrariase ao que a sua senhoria parecese bem, e com isto, indo juntos, sobírão polo rostro d'Alfomar acima e chegárão ao adail que, por ser terra estreita e se fazer um corrego fundo, que fazia ficar o caminho tão estreito, que não podíão pasar mais que dous de cavalo juntos, o qual[2] esperava que os mouros fosem largos do estreito, por que, vendo-os pasados, não voltasem com eles; e, vendo o conde tempo, mandou pasar o adail com trinta e cinco ou corenta de cavalo, que com ele estávão, o qual, como os mouros vírão pasados, parecendo-lhe se podíão aproveitar deles e estávão já esperando que os nosos afiasem, tendo o alcaide de si apartado a seu irmão cide Albuhalet com cincoenta ou sesenta de cavalo, os milhores da companhia, que repremisem e desem no adail e, até o estreito, viesem dando e matando neles, e que, vendo o conde o dano feito no adail, não pasase, nem o seguise; mas não lhe socedeo como ele queria, porque, ao tempo que o adail chegou a eles, era já o conde pasado com a mór parte dos seus, e vendo a grita, que os mouros trazíão, foi em tropel por diante; recolhendo os seus, pegou logo com os mouros de tal maneira que, primeiro que se mesturasem com o alcaide, lhe ficárão cinco no chão, os quatro mortos e um vivo, do qual soubérão que não era mais que o alcaide com cento e sesenta de cavalo, e com esta nova começárão a pegar com os mouros e, por ser terra apertada dali até o Zambujeiro, por não poderem ir em batalha, ficárão alguns em poder dos nosos, que logo fôrão mortos; e, vendo o alcaide como os ião derrubando, detreminou de voltar juntamente e dar nos nosos, que lhe parecia íão já delgados e á longa, e mandando ao que trazia a sua bandeira que, tanto que voltase, não se detivese até chegar ao noso guião, e aos mouros que todos seguisem a bandeira, e asi o fizérão, que, voltando todos, se espalhárão os dianteiros nosos, e sua bandeira veio polo caminho até se

1. [a] *f.* A. — 2. juntos, o qual] junto do qual A.

meter antre o conde; e, como o conde ia ainda cerrado, foi recebido o da bandeira das lanças dos nosos e de tal maneira pasado que logo caio morto, mas, como os mouros vínhão muitos, um irmão do alcaide, que Bujima Benhaulá avia nome, primeiro que a bandeira saise da funda a tomou nas mãos e meio enrolada e arrastando se começou a recolher.

A este tempo se apartou um mouro do caminho, que parece que, por não confiar do cavalo, que já ia fraco, se quisera tirar do meio do fio da jente, e, vendo-o o conde apartar, dise a João Díaz, seu criado, e a Vasco Lourenço Aljofarinho: «Matai-me [1] aquele mouro», o qual vendo ir o João Díaz pera si, saltou do cavalo fora e, embraçando [2] a adarga, pondo a lança de diante, esperou a João Díaz, o qual, temendo-se não lhe matase o cavalo, lhe[3] paneou[4] e pasou por ũa ilharga do mouro, e, vendo que Vasco Lourenço ia fazer o que ele não fez, que era encontrá-lo, lhe começou a bradar: «Aguardai não vos mate o cavalo», e fez que Vasco Lourenço fizese outro tanto; e, vendo o conde que ambos avíão paneado[5] o mouro, se afastou só do caminho, dizendo aos seus que fosem na ordenança em que íão, e remetendo ao mouro, que, vendo-o ir detreminado, lhe começou a bradar e dizer: «Senhor, non matar Iá Safé [6]», lhe deu ũa lançada com a lança d'alto que, pasando-lhe a adarga e o corpo, fez asentar [7] no chão, e, pasando por ele, dizendo: «Não é tempo de se embaraçar com um mouro», se tornou a meter com os seus, e o mouro foi logo pasado das lanças de João Díaz e de Vasco Lourenço; e desta maneira pasárão os mouros a fonte do Zambujeiro e se saírão da terra apertada e entrárão na terra larga, donde o alcaide, por não se pôr em desbarate, quis antes guardar a dianteira, por que os seus se não pusesem em fojida, que ficar na traseira, que lhe foi a vida; e foi isto causa de se não desbaratar de todo, porque, pondo o irmão cide Albuhahet com os milhores cavalos na traseira e ele com os outros de diante, começárão a caminhar mais depresa do que eles queríão, porque o conde, vendo-os ir cerrados e juntos, foi-lhe necesario engrosar e esperar por sua jente, o que não podia fazer por nosos cavalos estarem fracos e fazerem rabo, por irem á longa, e, de quando em quando, o conde os cometia e sempre lhe ficávão alguns nas mãos, que logo érão mortos á vista dos outros; estes érão alguns que queríão voltar e fazer rosto e morrer pelejando, e outros que, por não poderem os cavalos mais, ficávão, por não poderem ter com os outros, e detreminou o alcaide, como homem de guerra de perder antes vinte cavaleiros dos seus que perder a si com todos, porque o que não podia levar o alargava e leixava em poder dos nosos, posto que alguns, a que os cavalos cansávão, deixando os cavalos, fôrão tomados nas ancas; mas,

1. Matai-me] Mata-me A. — 2. embraçando] embaraçando A. — 3. lhe] o L. — 4. paneou] espancou B N M. *Este vocábulo f. nos dicionários.* — 5. paneado] falsado B N M. — 6. Safé] Cafe B N L M. — 7. asentar] asentar de cú B N L M.

como depois se perdesem eles e os que os levávão, não ouve mais mouro que quisese tomar outro, e desta maneira chegárão ao poço de Fernão de Xira, cinco legoas d'Arzila e ũa da ponte d'Alcacere, donde o alcaide, vendo o noso guião que não levava cincoenta de cavalo, e que eles érão muitos mais que os nosos, parou e esteve quedo, esperando que os nosos chegasem, o que vendo o conde, posto que já era noite, foi resforçando o fio da sua jente e, vendo-se já groso com outenta ou cento de cavalo, cometeo chegar a eles, o que o alcaide, vendo a detreminação do conde, não quis esperar, pois ia já meio desbaratado e, alanceando[1] dous ou tres cavalos, que já não podíão mais ir por diante, e tomando os mouros nas ancas, se começou ir caminho da Ponte.

O conde, depois que chegou aos cavalos e vio que o alcaide ia cerrado e que não podia chegar a ele sem fazer muito fio e adelgaçar o corpo de sua jente, se contentou com o que tinha feito até [a]li[2] e se começou a recolher, tendo tomados vivos cinco mouros, cavaleiros e honrados, e morto dezoito; e, posto que era de noite, veio muito de vagar, engrosando sua jente, que á longa ia, e recolhendo o despojo dos mortos e outras muitas adargas e saias de malha e capuzes[3] que os que fojíão, por ir mais leves, íão alargando, e com bom recado veio antes que fose menhã á vila, donde entrou sem se tanjer trombeta, nem se fazer outra algũa mostra d'alegria, pola tristeza que trazia pola morte d'Alvaro Nûnez, sendo muito mór o sentimento de sua morte que a alegria de aver desbaratado um tão bravo e cruel e soberbo imigo, como o alcaide cide Hamete Larróz era; e, sabendo que Alvaro Nûnez estava pera enterrar, mandou dizer que o não enterrasem até ele estar aos funerais oficios e, mandando recolher debaixo da casa dos contos todo o fato e selas e freios e armas, se recolheo a repousar do trabalho pasado, mandando primeiro curar dos mouros, por virem os mais deles feridos. Ao outro dia pola menhã, que foi dia dos defuntos, todos nós fomos pera a sala e pera a sua guarda-roupa, que na sala da torre da menajem era, e falando uns na morte d'Alvaro Nûnez e outros no suceso do dia dantes, e na boa ordem que o alcaide teve em se não desbaratar de todo, que verdadeiramente se se pusérão em desbarate poucos escapárão; o conde, depois d'alevantado, se veio vestir antre todos de um pelote preto e um barrete redondo e um bedem e, os cadilhos polo chão, se veio á igreja, donde se começárão os oficios costumados ás pesoas, mostrando o conde neles e no enterramento tanta tristeza e sentimento como o fizera a cada um de seus cunhados, ou muito chegado sangue seu. Quis fazer esta relação meudamente, porque a vi e tivemos muitos dias que falar no que se devia a um tão eicelente capitão, que, dando-lhe Deos ũa tão asinalada vitoria,

1. alanceando] alanceado A. — 2. [a] *f.* A. — 3. o despojo dos mortos... e capuzes] o despojo dos mortos, adargas e saias de malha e capuzes e outros peguilhos B N L M.

a não teve em conta, nem a sentio, tendo em maior grao a perda recebida de um fidalgo e de cinco moradores que a vingança que por eles ouve.

Aquele dia se vendêrão os cavalos, que todos érão vinte tres, afora alguns dos nosos que na corrida alargárão, em que entrárão muitos e mui fermosos jinetes que o conde ouve os mais deles, em especial o da bandeira que, por ser muito grande e ruço pombo, se fez o mais fermoso jinete que em seu tempo neste reino ouve, o qual o conde, quando veio a Portugal no ano de vinte tres, deu a el-rei noso senhor, que em gloria está. Vendidos os cavalos e as selas, em que avia algũas mui ricas da pesoa do alcaide, e o mais fato do despojo com alguns capuzes e adargas, asi dos mortos como dos que escapárão, o conde mandou meter em pregão os mouros; e, tomando o porteiro um na mão, como se costuma, e pregoando cinco cruzados d'alças a quem o pusese em dozentos mil reais, e dahi vindo decendo até algum os tomar, o feitor, Tomé Rodríguez, dise que daria mil cruzados por todos cinco, e sobre isto ouve algũas altercações e lh'os viérão arrematar em mil e cem cruzados; e, levados pera casa e mandando-os aferrolhar, se veio Tomé Rodríguez arrepender e dise ao conde que os queria tornar, porque era enganado na metade do justo preço. O conde lhe respondeo que no leilão não avia engano, que muitas vezes se vendia um mouro por dez e vinte mil reais, que dava cento e mais por si, e outros por muito que não valíão o meio do que custávão; e, estando nestas altercações, Francisco Gonçálvez, mercador, de que já ei feito muitas vezes menção, asi no resgate d'Alvaro Díaz, ferreiro, como na fojida de João Coutinho, lhe dise: «Não vos agasteis, que não sois enganado, que, se perderdes cem cruzados, eu os tomo por mil». Tomé Rodríguez dise que era contente, que os dava por mil, e desta maneira ficárão os mouros ao Francisco Gonçálvez, o qual deu ũa parte ao conde e outra a Jorje López, seu cunhado; mas, como a peste entrou logo em Arzila e morrese um deles, foi causa que ouvesem pouco proveito, porque os quatro saírão por mil e cem cruzados, ou por mil e dozentos, e o conde e Francisco Gonçálvez se contentárão com os quatro pagarem o custo e não perderem dinheiro; e isto basta pera se saber o desbarate do alcaide e como se enjenhou pola morte d'Alvaro Nûnez, filho de Miguel Nûnez, tesoureiro do tisouro d'el-rei noso senhor.

Desbaratado o alcaide d'Alcacere, como fica contado, e recolhido da Ponte pera dentro, esteve recolhendo alguns dos seus que ao rebate, que as guardas da Ponte dérão, acodírão á Ponte, donde se ajuntárão com ele muitos d'Alcacere e do campo d'Alexarif; e, posto que ajuntou mais de quatrocentos de cavalo, não lhe pareceo conselho tornar ao noso campo trás o conde, asi por lhe parecer que seria já recolhido, pois tivera toda a noite por sua, como porque os cavalos dos seus érão muito fracos; e, como foi menhã, mandou a Benganeme, cavaleiro principal d'Alcacere e

de sua criação, viese a Arzila com recado ao conde, louvando-o muito por sua cavalaria, e soubese os mouros que érão vivos, e por os vivos saberia os que érão mortos, ainda que detrás de Benganeme mandou cincoenta de cavalo, que viesem até Taurete e recolhesem alguns dos mortos, ou todos os que achasem. Benganeme chegou á vila e foi mui bem recebido do conde, fazendo-lhe muita honra por ser muito conhecido seu, por aver vindo muitas vezes á vila, e ser, como tenho dito, pesoa honrada; e o conde o deixou falar com os cinco mouros, que ainda estávão por vender, e lhe louvou muito a ordem que o alcaide teve em se ir recolhendo, sempre cerrado e sem se desmanchar, porque doutra maneira poucos ouvérão d'escapar; e, despedido do conde Benganeme, tãobem mandou com ele a Antão Rodríguez, que de sua parte visitase o alcaide e lhe disese da sua parte como as cousas da guerra socedíão diferentemente do que os homens cuidávão, e que ele o cometera por vingar Alvaro Nûnez, que ele tinha como um de seus cunhados e parentes, e que lhe fazia saber que a perda de tão honrado fidalgo era maior que a que ele perdera em perder vinte de cavalo, que lhe ficávão outros muitos, e que se devia de contentar de com tão pouca jente correr Arzila e matar aquele fidalgo com outros cinco moradores, e, em corrida tamanha, não deixar desbaratar os seus e os levar juntos até os pôr em salvo; e asi lhe mandou fazer outros comprimentos com que o alcaide folgou muito, e fez muita honra a Antão Rodríguez e lhe deu um bedem muito fino de sua pesoa, por um capuz que o conde tãobem deu a Benganeme. São os mouros de condição que, quando vão com vitoria, não ha cristão, nem cativo que ouse parecer diante deles, com a soberba que lévão; e, polo contrairo, quando vão quebrados, são tão brandos e mansos que não ha cativo que o não pônhão na cabeça, agasalhando-os e louvando aos cristãos que os desbaratárão, contando o caso como pasou.

CAPITULO LXXXVI

Como Amelix salteou ũa noite ao adail junto das portas da Ribeira e foi aquela noite cativo Mafamede Hiunes almocadem tãobem do Farrobo e foi livre Francisco da Mota que cativo levávão

Pasados estes comprimentos depois do desbarato, o conde proveo suas atalaias largas, asi pola muita boiada que na vila avia, que de necesidade avia de ir pacer ao largo, como por todos os da vila estarem alvoroçados pera lavrar, porque, como noso senhor Deos mandou na fim deste ano de vinte um as agoas necesarias ao remedio universal de toda Espanha e Africa, asi das jentes, como de toda a outra alimaria

irracional que sobre a terra anda, os d'Arzila, vendo-se com bois em abastança e as atalaias largas, e que el-rei Dom Manoel, noso senhor, antes que falecese nos proveo com semente do campo de Santarem, mandando a Arzila um navio de trigo e milho, que se repartise polos lavradores, e outro tanto a Tanjere, pola qual causa os mais se fizérão lavradores; e, como o campo era largo, não se contentando de lavrarem os chãos derredor dos valos, como até [a]li [1] era costume em Arzila, começárão a fazer lavouras em Alfandequim e na varzia do Corvo e na de Bugano e na Atalaia Ruiva, lugares lonje e de muito perigo, que fôrão causa de recebermos por muitas vezes grandes pancadas, matando-nos por muitas vezes lavradores e levando-nos muitos bois com que lavravamos; e, porque eu sou [2] um que mais dano recebi, serei bem lembrado em as contar, como adiante se verá, pois pasa asi que sendo um dia o conde da outra parte do Rio Doce e dando a guarda na aldea d'Alecasapo ás canas, donde ha muita cantidade delas, e por esta causa se nomea antre os mouros Laim Casap, porque Laim quer dizer olho e Casap canas, e a fonte châmão Laim, que quer [dizer] [3] fonte das canas, e, antre nós corrompido o nome de Laim Casap, chamamos-lhe Alecasapo, — pois sendo recolhida a guarda e vindo o adail Fernão Mazcarenhas com dous carros seus carregados de canas e quatro ou cinco de cavalo com ele e sendo já noite escura e vindo ao longo do mar, defronte do baluarte da Praia foi salteado de Amelix, que, ao longo do muro e abrigado dele e da torre do Alcaide-mór, estava esperando se alguns monteiros ou traseiros da guarda lhe vínhão cair na mão; o qual Amelix veio rodeando pola Pedra Alta e Redemoinhos abaixo, e por as Pontinhas se veio abrigar com o muro com todos seus companheiros, os cavaleiros do Farrobo, e, vendo vir os carros ao longo da agoa com tres ou quatro de cavalo com eles, remetêrão a eles com grande grita e, pondo as lanças no adail, que não teve mais tempo que de embraçar [4] a adarga, dérão com ele do cavalo no chão, e asi encontrárão um homem seu, que tãobem derrubárão com duas feridas; outro que vinha diante fojio pera a porta da Ribeira, bradando que repicasem, na qual porta estávão ainda dez ou quinze de cavalo que, como o conde ainda era fora, Rui Carvalho, porteiro, lhes não queria abrir, por ser costume que, como era noite e o capitão era fora da vila, o porteiro não abria a ninguem até o capitão não chegar, ou chegar o adail ou almocadem; os quais, ouvindo o rebate, acodírão logo e chegárão aos carros, donde se detivérão em dar [cavalo] [5] ao adail e em preguntar que era e a que era o rebate. Amelix, sentindo sair da porta da Ribeira os que ahi estávão, apanhando ante [6] si a Francisco da Mota, que com o adail vinha, o levárão cativo caminho do Rio Doce, donde fôrão dar com

1. [a] *f.* A. — 2. sou] fui B N L M. — 3. [dizer] *f.* A. — 4. embraçar] embaraçar A. — 5. [cavalo] *f.* A. — 6. ante] antre A.

o conde que alem do Rio Doce vinha, que aquele dia, em quanto se aguardava em Alecasapo, andou batendo a ribeira do Freixo e a do Amame e, recolhendo-se tarde, o tomou o repique e rebate da outra parte do Rio Doce, e, ouvindo a grita e repique, correndo veio demandar a boca do rio, a tempo que os mouros íão pola praia a demandar tãobem o rio; e, vendo-os o conde com a luzença da agoa, parecendo-lhe que era jente da vila que saira [ao repique] [1], os veio demandar á praia, preguntando quem érão e a que era o rebate. Os mouros ficárão salteados vendo os nosos de diante e, dando-se por perdidos, cada um buscou sua salvação, deitando-se uns ao longo do mar, caminho de Santa Caterina, e outros tornárão a demandar a vila pera sairem polas Pontinhas, por onde avíão entrado; mas logo [a]hi [2] fôrão derrubados dous deles, dos quais foi um morto e outro trazido diante do conde, o qual preguntou quem e quantos érão, e sabido que era Amelix o seguírão alguns, e, embarrancando a outro ao longo do valo [3], o fizérão saltar da outra banda e o seguírão polo pé do outeiro de Fernão da Silva e o fizérão lançar ao Rio Doce, donde se afogou, e ao outro dia se achou morto e afogado e o cavalo da outra parte do rio. O conde, posto que esperou polos seus um pedaço da noite, se recolheo com o mouro, que dos principais almocadens do Farrobo era, que Mafamede Hiunes avia nome, pesoa mui conhecida e de quem se fará muita lembrança, por muitas vezes nos correr e dar rebates; o qual Mafamede Hiunes saio desta vez de cativo por Jorje Manoel, pesoa muito honrada e muito bom cavaleiro que depois disto foi cativo, como logo no ano seguinte direi, Deos querendo; e asi trouxe o cavalo e despojo do outro mouro que ao Rio Doce morreo, e se salvou Francisco da Mota, que, vendo-se os mouros salteados, o alargárão, levando-o já sem lança e espada, que foi grande bem tirá-lo de cativo, o qual oje é vivo e está em Cepta; e outra vez se tirou aos mouros em tempo de Dom Francisco.

Parecendo ao conde que Amelix e seus companheiros íão desbaratados, e que cada um iria por seu caminho, e que se os mandase esperar ás tranqueiras do Farrobo iríão cair na mão aos seus, tanto que foi na vila mandou a Antonio Coutinho que com trinta de cavalo os fose esperar ás tranqueiras do Farrobo, os quais não fazendo mais detença que quanto bastecêrão suas borrachas e cevadeiras, fôrão como o conde lhes mandou, mas não lhes saio como eles cuidárão, que todos érão homens que sabíão o campo e cheios de muitos ardis e manhas, e, sospeitando o que o conde avia de mandar fazer, se soubérão acolher, sem que os nosos lhes pudesem fazer mal; porque Amelix com os que o seguírão não fez detença até pasar o porto da Lama, e, avendo a serra do [4] porto d'Alfeixe pola de Gri-

1. [ao repique] *f.* A. — 2. [a] *f.* A. — 3. valo] vale A. — 4. a serra d] *f.* B N L M.

gos [1], e, por Maxacomar [e][2] Almahencamar[3], tomou a serra do Farrobo sem dar vista ao noso campo, e Mates e Hurraix[4] não parárão até se meterem na serra de Benamares, de maneira que, posto que Antonio Coutinho correo até entrar as tranqueiras d'Aljebila, não fez nada, antes saio Amelix á fala com os nosos, e, preguntando por os que érão perdidos, soube como não érão mais que dous e que o vivo era Mafamede Hiunes e o outro lhe dise Antonio Coutinho quem era; e, sem mais outro contraste, se viérão á vila, donde soubérão ser o outro afogado no Rio Doce, e Mafamede Hiunes ficou em poder do conde até se chegar o tempo de seu resgate.

CAPITULO LXXXVII

Como Francisco Ribeiro veio a ser almoxarife e feitor e como se perdeo nos carregos que servia e veio a morrer preso

Lembra-me que no capitulo atrás e na venda dos cinco mouros que se tomárão, o dia que Alvaro Nûnez foi morto e o alcaide d'Alcacere desbaratado, dise que os comprara o feitor Tomé Rodríguez, e por que não pareça, aos que esta lembrança lerem, que me encontrei, pois antes avia dito, quando a feitoria veio a Arzila, que se entregou por mandado d'el-rei a Francisco Ribeiro, feitor e veador das obras, e porque neste ano de vinte um, sendo o dito ano mao e soceder nele cousas más, não se averá por estranho contar obras semelhantes a ele; — e porque o conde Dom João, sendo em tudo vertuoso e bom, usou neste ano mal com o feitor Francisco Ribeiro e foi causa de sua destroição e morte, deitarei a culpa á soberba e obras de Francisco Ribeiro merecer o trabalho que lhe veio, mais por suas culpas que por ter vontade um tão eicelente capitão, como o conde de lhe fazer tão má obra, como depois socedeo; e, pera milhor se entender, contarei este conto um pouco mais comprido do que esta lembrança que faço das cousas d'Arzila requere.

Era Francisco Ribeiro natural d'Arzila e filho de Diogo Fernândez Ribeiro, pesoa honrada e principal, ainda que, segundo ouvi dizer, pouco proximo e solto na conciencia. Dizíão que na pasada dos judeus de Castela, tendo ele ũa caravela e pasando-os de Castela a Africa [5] e d'Arzila a Larache e Çalé, os roubava e despidos os lançava em terra, e que tãobem o usava com aqueles de quem se podia aproveitar, por as quais obras noso senhor Deos castigou a ele e a sua casa, dando-lhe ũa enfer-

1. Grigos] Girugis B; Girugi N; Griguis L M. *Deve, talvez, ler-se assim:* e avendo o porto d'Alfeixe pola serra de Grigos. — 2. [e] *f.* A. — 3. Almahencamar] *f.* B N L M. — 4. e Mates e Hurraix] e outros B N L M. — 5. Africa] Arzila B N M.

midade de que esteve muito tempo entrevado e gastou o mal ganhado com algum, se o tinha, de bom titulo e veio a morrer pobre; e sua molher Inês Álvarez, posto que muito honrada fose e tivese dous filhos homens, e um deles escrivão dos contos d'Arzila, tanto que foi veuva se casou com Manoel Freire, criado do conde de Borba, do qual casamento Francisco Ribeiro e João Ribeiro, filhos do dito Diogo Fernândez Ribeiro e da dita Inês Álvarez, agravados do casamento saltárão com o padrasto e, querendo-o matar, o ferírão mortalmente, por o qual perdêrão a terra e o oficio d'escrivão dos contos que de um deles era; e o João Ribeiro se lançou na India, donde morreo, e Francisco Ribeiro se pasou a Cepta, donde viveo muitos anos.

Depois disto, sendo Pero López [d'Azevedo] [1] casado com Dona Maria, filha de Inês Álvarez e irmã de Francisco Ribeiro, e sendo contador d'Arzila, o Francisco Ribeiro se veio a ela pobre e carregado de filhos e molher, e foi favorecido de Pero López, seu cunhado, e muito mais de sua mãe e de seu padrasto Manoel Freire, recolhendo-o em sua casa e favorecendo-o de todo o necesario, donde esteve alguns dias; mas, como Francisco Ribeiro era homem descreto e grande contador e escrivão, com favor de Pero López d'Azevedo, seu cunhado, que contador d'Arzila era, ele veio a Portugal a el-rei Dom Manoel, não sei se por João Álvarez d'Oliveira, almoxarife de Arzila, e Jorje Dias, veador das obras, acabarem o tempo de seus oficios, se por ele Francisco Ribeiro os mexericar, ele levou os oficios d'ambos de dous, que servise de almoxarife do celeiro e de veador das obras, na qual serventia se mostrou tão solicito e delijente que parecia verdadeiramente que fora oficial toda sua vida; e, como quer que ele era muito descreto, grande escrivão e contador, negoceou estes dois oficios de almoxarife dos mantimentos e veador das obras, que corria a fama aos veadores da fazenda, de maneira que ũa tão grosa feitoria, como no ano de vinte trouxe João Queimado a Arzila, como fica apontado, por especial mandado d'el-rei Dom Manoel a mandou entregar a Francisco Ribeiro e que ele sómente fose feitor e negoceador dela, lemitando-lhe mui groso ordenado, com o qual ele creceo em sostancia e fazenda, enchendo sua casa de muita riqueza e fartura, de maneira que a molher dele Francisco Ribeiro, que ũa Pantasilea [2] era e nunca fora farta de pão de rala [3], era neste tempo farta de todas as cousas necesarias á vida umana,

1. [d'Azevedo] *f.* A. — 2. Pantasilea: *nome da rainha das Amazonas que tomou parte na guerra de Troia contra os gregos.* — 3. tão solicito e delijente... farta de pão de rala] tão solicito e dilijente no serviço d'el-rei que o diabo entrou na sua cabeça e o ensoberbeceo de maneira que em algũas cousas não obedecia ao conde, dizendo que não abrangia seu poder ao cileiro mais que mandar tomar dele o que tinha d'ordenado; e como o demonio o cegou com os oficios, asi lhe meteo em cabeça que podia mandar nos oficios como asoluto senhor sem ter sopirior. E ajuntou-se a isto, por ele ser tão solicito, ter quem disese a el-rei qu'era homem pera muito e mandando el-rei

entrando-lhe todos os dias por sua porta muitas vacas paridas, muitas cabras, muitas cargas de saveis e doutras muitas fruitas, de que seus vezinhos lhe podíão aver inveja e ela a nenhum; mas, todo este vicio e mudança de tão pouco tempo, como ouve do tempo que estávão pobres e se fazerem ricos, e ao tempo que pedíão com muita necesidade a poderem dar e soprir a outros suas necesidades, não bástão que ambos, marido e molher, não fosem causa de sua perdição e cairem do cargo em que estávão, dando materia [1] e ocasião ao conde dom João que fizese nele Francisco Ribeiro o que não era de sua condição, nem fez a ninguem, que foi dar causa a o tirar dos oficios tão honrados e morrerem pobremente, como logo direi; e contarei como se enjenhou a prisão e perdimento de Francisco Ribeiro pera sua molher e casa.

Vendo-se Francisco Ribeiro favorecido d'el-rei e com os milhores oficios da vila d'Arzila, não temendo a fortuna, nem que podia cair do estado em que estava, começou a ensoberbecer, que doutra maneira não pudera cair, competindo em algũas cousas com o conde, tolhendo-lhe que na feitoria não mandase, nem tomase mais fazenda, nem trigo do que ordinariamente lhe vinha, o que o conde como magnifico e nobre, segundo pareceo, desimulava.

Tãobem destas cousas Jó [2] Queimado, que provedor dos lugares d'Africa era, nem o contador Fernão Caldeira, não estávão satisfeitos dele; mas, como o serviço d'el-rei ele o fazia com muita delijencia e o solecitava, ninguem lhe podia por pé de diante, nem ousava nada a competir com ele, pois o não podíão reprender em outra cousa que em olhar e guardar e fazer o que el-rei mandava por seus rejimentos; e juntou-se, pera terem achaque de se vingarem dele, sua molher, tamanha como ũa torre, e farta dos vicios que tenho dito, que verdadeiramente na sua barriga metia todolos dias um alqueire de pão ou de bolos e ũa arroba de outros eicelentes manjares, e, não se contentando disto, começou a visitar a condesa e fazer-lhe queixume que Francisco Ribeiro, seu marido, não dormia em sua casa, e que tinha manceba; e, como achase na condesa as reprensões, que como magnifica e vertuosa senhora lhe devia de dar, fez o proprio queixume ao conde e a Jó Queimado, requerendo-lhes que,

Dom Manoel no ano de vinte ũa feitoria per Jó Queimado e a mandou entregar ao dito Francisco Ribeiro com grande ordenado com o qual ele creceo em fazenda e em soberba, enchendo sua casa de muita riqueza e fartura, de maneira que sua molher dele Francisco Ribeiro que grande de corpo era que parecia ũa Pantasilea e nunca fora farta de pão de rala B N L M. *Este capítulo é todo êle uma paráfrase nestes mss.*

1. cargas de saveis... dando materia] carregas de saveis, mel, manteiga e fruitas, que tudo era necesareo pera barriga de tal molher, que ainda iso era pouco pera ela e sua desordem de comer; e, sendo Noso Senhor piadoso, vendo que não era sua salvação levar aquela vida, ordenou que, dando materia B N L M. *A redacção correspondente em* A *é pouco clara.* — 2. Jó: *anteriormente* João; *d'aqui em diante* Jó, *mas* B N *sempre* João.

como capitão e superior, o reprendesem, não cuidando ela que deste queixume lhe podia vir tanto mal, como lhe veio, que, como o conde e Jó Queimado lhe não tivesem boa vontade, mandando-o espiar, o conde em pesoa o foi tomar em casa de ũa Isabel Fernândez, molher solteira, e, mandando chamar Jó Queimado e o juiz André Lionárdez e um escrivão fez uns autos, pondo-lhe por achaque que homem que tais cargos tinha, tanta fazenda de que dar conta a el-rei, não avia de ter manceba, nem andar de noute á ventura de o matarem e ficar a fazenda d'el-rei desamarrada, sem aver quem dése conta dela; e, com esta pequena culpa e achaque, o levou preso á sua guarda-roupa, donde o quisera meter em ũa bésta de ferro, donde logo acodio Francisco Gonçálvez, mercador, e Jorje López, seu cunhado, e micer Ambrosio, pesoas honradas e ricas e muito aceitas ao conde, e o tomárão em fiança de muita soma de dinheiro e pagar tudo o que ficase devendo a el-rei noso senhor; e, com esta segurança lhe deu o castelo da vila por prisão, com tanto que dése conta dos cargos que servia, de almoxarife dos mantimentos e de veador e feitor das obras[1] que este ano se fazíão por seu injenho e saber, e asi dése conta da feitoria, que era um dos grandes e grosos cargos[2] que naquele tempo avia deste reino, o que ele Francisco Ribeiro ouve por muito agravo, e pedio e requereo lhe não tomasem conta em Arzila, antes que el-rei mandase que a conta lhe tomasem em Arzila, pois não avia comprido o tempo que el-rei dava aos seus oficiais, que érão tres anos de tempo que servíão os oficios, e que se, todavia, queria que dése conta, o mandasem preso a Portugal, donde ele daria sua conta aos veadores da fazenda[3] d'el-rei noso senhor, e esperava que, vendo el-rei sua pouca culpa e boa conta, lhe faria mercê e honra e o proveria que tornase a servir seus oficios; mas, como os que isto lhe avíão de conceder, que érão os seus superiores, o conde e o provedor Jó Queimado e Fernão Caldeira, que todos tres estávão mal com ele e desejávão de o desfazer e tirar do carrego de feitor, fizérão com o conde que entregase a feitoria ao escrivão Tomé Rodríguez e o almoxarifado a Estêvão d'Oliva, jenro de Fernão Mazcarenhas, e o de veador das obras a Jorje Díaz, cujo era, e ele viese a Portugal a dar conta; e, embarcado com todos seus livros e papeis, na costa do Algarve foi tomado de ũas naos francesas que debaixo da[4] capitania de João Florim, cosairo francês, andávão[5], e revoltos seus papeis e livros foi causa que ele não pudese dar conta, como todos cuidávão, que verdadeiramente parecia, aos que o conhecemos, que pera aquele cargo e outros maiores Francisco Ribeiro era; e, por fim de suas contas, foi preso e metido no

1. veador e feitor das obras] veador das obras e feitor A. — 2. um dos grandes e grosos cargos] um dos grandes cargos e groso A; e grosos *f.* B N M. — 3. ele daria sua conta aos veadores da fazenda] a ele daria na fazenda A. — 4. da] de ũa A. — 5. andávão] andava A.

Limoeiro de Lisboa, donde de ũa pestenencial modorra morreo[1] e acabou deshonrado e preso, sendo a causa ser isento e não saber conservar o tisouro que tinha em seus maiores, quero dizer que se se dera bem com o capitão e provedor, que, posto que muito bem fizera e guardara o serviço d'el-rei, como guardava, sempre conservárão sua honra, posto que sua molher se queixara dele, pois outra culpa lhe não pudérão pôr, sómente a que sua molher lhe pôs, que foi causa que ela perdese marido, que já estava honrado, e muito viço e fartura que com ele tinha, que era o que ela mais sentia; a qual veio logo a Portugal, por lhe escreverem toda sua fazenda e lh'a terem tomada por el-rei, a qual era tão crecida e grosa como a do mais abastado morador que em Arzila ouve; e, depois dela ser em Portugal, o conde Dom João Coutinho a favoreceo e fez com el-rei noso senhor lhe fizese mercê das casas e fazenda que lhe fôrão tomadas, e depois de ela ser tornada a Arzila e entregue de todo o seu, e como estava acostumada a comer, em pouco tempo a consumio toda, vendendo muita e boa roupa e escravos e escravas e vacas e bois, e tudo pera sómente comer, como comeo; e depois que não teve nada, que tudo meteo na sua barriga, vendeo as casas, que das milhores d'Arzila érão, a Simão Rabelo, as quais posuio e viveo nelas até o noso despejo, e o dinheiro que por elas deu lhe durou tão pouco como o outro que já tinha comido, e veio a morrer pobre e morta de fome: enxempro muito grande podem daqui tomar os homens e molheres pera se temperarem e saberem guardar suas honras e estados quando a fortuna os começa a conservar e favorecer, como fez a este Francisco Ribeiro que, tendo-o já a fortuna castigado da primeira soberba, trazendo-o arrastado vinte e mais anos, fora de seu natural, pobre e morrendo de fome, lhe tornou a ventar e o trouxe a seu natural e o engraçou em olhos d'el-rei Dom Manoel pera o engraçar em oficios tão honrados e com ordenados tão crecidos que já não sentia os trabalhos pasados, se com este favor d'el-rei se sometera e conservara a amizade do conde e do provedor Jó Queimado, os quais não deitárão mão de pequenas culpas, pois dos queixumes de sua molher se pudérão mui bem rir, pois a conhecíão e sabíão de certo que mais estimava ũa fartadega a sua barriga que o contentamento de seu marido. Tãobem as molheres honradas e vertuosas podem por esta molher de Francisco Ribeiro temperar sua paixão, quando a de seus maridos tiverem, e não se queixarem e os acusarem ante[2] juizes que lhes tênhão más vontades e que deitem mão de piquenas culpas pera as fazer grandes, como fôrão estas de Francisco Ribeiro, que, parecendo-lhe a ela que o podíão reprender com brandas palavras, e não sentia que ainda estas avíão de dar desgosto a seu marido e a ela e a sua casa, presentou seus queixumes donde fizérão

1. morreo] morreo que naquele tempo andava e de que Dom Manoel morreo B N L M. — 2. ante] antre A; *nos outros mss. f. êste passo. Veja-se p. 362, l. 39.*

e se recreceo a destruição e morte de seu marido e perda de sua fazenda e honras; e deles não ficárão filhos, nem memoria.

Toda esta memoria e conto de Francisco Ribeiro, ainda que comprido, fiz, por que não parecese a quem isto lese me avia encontrado em nomear dous feitores, um Francisco Ribeiro e outro Tomé Rodríguez, e tãobem porque[1] tudo isto, que dele dito tenho, pasar dentro dos muros d'Arzila, de quem muito mais cumpridamente pudera dizer mais cousas deles, e por a feitoria ser já entregue, neste tempo que o alcaide foi desbaratado, a Tomé Rodríguez, que, sendo feitor, comprou os cinco mouros, da qual compra logo se arrependeo, como fica atrás apontado. Não direi mais, sómente que o carrego de feitor durou pouco a Tomé Rodríguez, porque, sendo isto que fica apontado na fim do ano de vinte um, logo na entrada do ano de vinte dous entrou a peste em Arzila, muito brava e cruel, que o feitor Tomé Rodríguez desemparou a feitoria e, deixando-a cerrada, s'embarcou em um bargatim e, fojindo da peste, se veio a éste reino, sem mais tornar a Arzila, e a feitoria se desfez e os capitães, que depois fôrão, despendêrão o que dela ficou em pagamento de cativos, como adiante direi.

CAPITULO LXXXVIII

Como neste ano de vinte um foi Simão da Cunha por capitão ao Estreito

NESTE ano de mil e quinhentos e vinte um andou no Estreito ũa armada de sete caravelas, de que era capitão-mór Simão da Cunha, irmão de Nuno da Cunha: as cinco caravelas levou deste reino e as duas que andávão no Estreito, as quais era ũa de Vasco Fernândez Cesar e outra de João de Valadares, criado do conde de Borba, as quais duas caravelas este ano fizérão render e amainar ũa nao ingresa e outra do papa, que, por terem guerra com el-rei de França, vínhão muito armadas e com vontade de se toparem com João Florim, cosairo francês, que na boca do Estreito andava fazendo muitos danos a todas as naos[2] que topava, sem aver armada em Espanha que o pudese lançar fora da costa de Andaluzia; e, por estas naos grosas terem em pouco as caravelas de Vasco Fernândez e João de Valadares, lhes requerêrão[3] que amainasem por saberem se érão de trigo, pera as levarem a Cepta, donde el-rei mandava que as naos de trigo que tomasem as levasem, sendo de Cecilia, e as descarregasem e lhe pasasem certidão pera o feitor lhes pagar o trigo

1. porque: *só em* A. *É, parece-nos, erro, em vez de* por. — 2. naos] nações A. — 3. lhes requerêrão] e lhes requererem A.

polos preços que valese em Cáliz, as quais naos, não as tendo em conta, respondêrão «que se fuesem em ora mala que no tenião guerra com Portogal, ni Castilha», mas depois que sentírão as bombardas as fizérão amainar e, chegando o capitão-mór, com muita cortesia as [1] deixou ir.

CAPITULO LXXXIX

Da fome e peste que ouve na entrada do ano de vinte dous na vila d'Arzila e como nela entrou

Vendo as fomes e trabalhos deste ano de vinte um, desejava muito sair dele, parecendo-me que entrando no de vinte dous não seria tão mao, antes muitas vezes milhor, e Deos seria servido com o castigo e açoute do pasado, pois já na fim dele Deos vinha mostrando mais bonança, mandando suas agoas e temporais concertados e a seu tempo, que parecíão sinais de bom ano, como foi; mas, todavia, este ano da salvação de vinte dous entrou tão bravo e espantoso que o de vinte um nos parecia muito milhor, porque no principio dele foi tanta a falta do trigo e mantimento que chegou a valer ũa fanega quatro e cinco cruzados e em Portugal a cruzado o alqueire; e asi entrou este ano com peste tão brava e contajiosa que poucos lugares ficárão donde não entrase e consumise muita parte deles; e, porque um dos que mais dano recebêrão foi a vila d'Arzila, da qual eu vou falando, irei dizendo parte do trabalho dela e do tempo que durou, que foi da entrada de janeiro do dito ano de vinte dous até o São João do dito ano, consumindo e morrendo de peste as duas partes dos moradores, como logo se verá.

Como neste tempo a nosa [2] peste fose jeral e andase em Africa e morresem em Féz e em Alcacere Quebir e por todos os mais lugares e aldeas do reino, o conde se guardava, não querendo recolher na vila cafilas, nem outras mercadorias que do reino soíão a vir, posto que alguns mercadores, que em Féz andávão, se vínhão a Arzila, donde antre as portas do Albacar e detrás do baluarte dos Frades lhes dávão seu degredo; mas toda esta delijencia não bastou pera estrovar o castigo e açoute que Deos ouve por bem de dar áquela vila, porque o caminho e maneira por onde nela entrou foi este que, andando as nosas atalaias largas e os moradores descuidados e desmandados, íão muitas vezes monteiros fora a montear por trazerem carne, e outros a caçar e aos palmitos e a busca de tagarinha e funcho e outras ervas boas, com que se ajudávão a sostentar, antre os quais sete ou oito de cavalo, não se contentando com a licença que do

1. as] os A. — 2. nosa] *f.* B N L M.

conde tínhão pera o dito monte, pasando o mandado do conde, que era não consentir almogavares ir fora, por não se enfrascarem com cousa de terra de mouros, — estes sete ou oito de cavalo, tomando por autor e almocadem a Gaspar Caldeira e a Estêvão Fernândez, que presumíão de saber algũa cousa do campo, alvoroçados, mais pera se ajuntarem em ũa cea e sairem mais fartos de vinho que de rezão, se concertárão pera irem tomar um mouro ou gado á serra; e, deixando-se ficar fora, se metêrão por a boca de Benamares, donde tomárão tres mouros e oito bois, e com eles viérão ao outro dia anoitecer á vila, mas o conde os não quis recolher e, jurando que os avia de castigar, os deixou aquela noite dormir ao pé do Miradouro, donde fôrão bem providos de muitos picheis de vinho, asi de suas casas como doutros seus amigos, que, uns de baixo outros de cima, corríão as taças e frascos e muitos pedaços de carne, asi do monte como de um boi que aquela noite matárão, e, em espetadas e em postas dadas [1] com cabrestilhos, o consumírão toda aquela noute, tendo os tres mouros atados junto de si, tendo, todavia, tento neles que se lhe não fosem; mas, como foi menhã e estivesem mais desasombrados do trafego e alvoroço da noute pasada, ainda que não muito desembaraçados, disérão que se queríão ir pera Tanjere.

Concertados todos e tomando a praia na mão, com seus tres mouros e sete bois começárão ir caminho de Bries, do que o conde foi logo avisado, e, parecendo-lhe que ele milhor podia remedear algum dano, se estes mouros [o] [2] trazíão, os mandou deter e cavalgando se foi ao Rio Doce, e, tomando-lhe os tres mouros, lhes mandou queimar os vestidos, aljaravias e camisas e os mandou meter no mar muitas vezes e lavar, e os mandou pôr ao pé do Miradouro pera depois [os vestir] [3] com outras camisas que lhes mandou dar de canhamaço, e a Gaspar Caldeira e seus companheiros, que érão Estêvão Fernàndez, Francisco de Gouvea, João López do Pombal, Pero Pinto, atalaia, e outros, que naqueles oito dias não entrasem na vila, nem se mesturasem com a jente dela, e que fosem dormir antre as portas do Albacar, donde avia outros degradados que estávão já pera os recolherem; e, com este pequeno castigo, se contentárão do desmando que tínhão feito, parecendo-lhes que o conde, tanto que se lhe fose a menencoria, lhes tornaria sua presa, e que os sete bois avíão todos de consumir em beberetes, cada um deles dando seu banquete, como muitas vezes costumávão fazer, ajuntando-se em quadrilhas, donde muitas vezes saíão uns bebados e injuriados e outras vezes [4] escalavrados e mortos, como as mais das vezes acontece nos tais negocios.

1. dadas] asadas B N L M. — 2. [o] *f.* A. — 3. [os vestir] *f. em todos os mss.* — 4. e outras vezes] outros B N L M.

CAPITULO XC

Como o conde recolheo os tres mouros que os almogavares pasados avíão trazido e pegárão o mal que trazíão consigo aos outros mouros que na mazmorra dormíão e se decrarou morrerem de peste

Tornando ao preposito da fome e peste deste ano de vinte dous, direi parte do que sou lembrado. Foi o desmando destes sete ou oito de cavalo, fazendo-se almocadens sem licença, na entrada de janeiro do dito ano, e, parecendo ao conde que os tres mouros seríão bem lavados do mar e dizendo que na serra de Benamares e do Farrobo, donde eles érão, não avia peste, o conde os mandou recolher e meter na sua mazmorra e mesturar com os seus mouros que nela dormíão e servir na sua estrebaria, não sem algũa cobiça de os tomar pera si e dar algũa cousa aos almogavares que os avíão tomado; mas eles, como fôrão na mazmorra enfrascados com os do conde e outros mouros da vila, que na sua mazmorra dormíão, logo apegárão a peste e ares maos que consigo trazíão e, adoecendo alguns outros, começárão a morrer, que, como cada um ia pera casa de seu senhor, foi muita parte da vila enfrascada, que, posto que no castelo e casa do conde morrêrão alguns cinco ou seis mouros, polas quais mortes ouve muito mormulho pola vila, dizendo que no castelo morríão de peste, e começávão d'aver alguns feridos, ainda que não estávão muito declarados.

O conde com sua molher e filhos se veio pera a vila, pera as casas de Costança Barriga, molher de Gonçalo Vaz, alfaqueque, de quem já ei falado, pondo guarda sobre si, mais por que se guardasem os da vila da jente do castelo, que ele e sua casa da vila, avendo que a vila estava sã; mas como chegase aos doze dias de janeiro, que o bacharel Francisco Gotérrez faleceo da doença de idropesia, de que já contei no ano pasado que andava doente, como se verá no capitulo e morte d'Alvaro Nûnez pronosticando sua morte, e como naquele dia, que fôrão doze de janeiro, amanheceo morto um amo de Antonia d'Azevedo, pesoa muito honrada, e de que o almoxarifado d'Arzila era, e asi ũa negra de Diogo Fernândez d'Abreu, juiz da dita vila; e, com estas duas mortes e fama de outros feridos, o conde mandou chamar o doutor Duarte Rodríguez, que neste tempo era bacharel, e lhe encomendou vise os doentes e lhe disese o que lhe parecia; o qual, tanto que os vio, dise ao conde que ele se afirmava, asi os mortos como os feridos, serem de peste, a qual nova pôs muito espanto em toda a vila; e logo, querendo remedear tamanho mal, deu o cargo destes doentes e feridos a dous cavaleiros honrados, que fôrão Pero Godinho e Nuno Álvarez de Carvalho, e ordenou logo o baluarte da Cou-

raça pera que os feridos se curasem nele, pondo ahi mestre Francisco, cerujião, e André Leitão, sangrador, pera que destes dous fosem curados e remedeados; e ordenou que Alonso o Negro, homem forro e de cavalo, e o Canario e sua molher tivesem cuidado de os levar de suas casas donde adoecesem ao baluarte da Couraça, e lhes fizesem de comer e os enterrasem se morresem.

Feita esta ordem, a vila se começou a acender de tal maneira que o conde se tornou com sua molher e filhos pera o castelo, e todolos mouros e criados seus mandou pôr no Albacar, polos não conversar, de maneira que ele ficou com mui poucos pajes e molheres na sua torre da menajem e casa; mas a peste entrou de tal maneira que, antes que o janeiro saise, não ouve dia que não ouvese cinco e seis mortos, e muito mais foi em fevereiro e em março, donde foi tanta a força que os homens de cavalo e muitos dos de pé não ousávão de dormir na vila e dormíão polo campo, de dez em dez e demais e menos, como as quadrilhas érão, porque em todo o mês de março poucos dias ouve que não ouvese vinte e vinte cinco mortos e outros tantos feridos, de que era tamanho o espanto que não avia pesoa que ousase falar ũa com a outra. Valeo muito a fome e necesidade que os mouros tínhão, que com ela nos não vínhão buscar, [nem menos nós a eles] [1], porque a jente de cavalo toda andava polo campo, asi por montearem, como por pacerem os cavalos; mas como se lá ferírão [2] logo se vínhão entregar nas mãos de André Leitão e de Alonso, donde os mais deles érão enterrados uns sobre os outros.

Tãobem foi grande alivio despejar-se muita parte da vila das molheres e meninos, porque o conde, vindo á vila ũa caravela grande de Lisboa, carregada de trigo e centeo, embarcando em ela sua molher e filhos e casa, os mandou caminho de Portugal, e asi o fizérão os mais dos moradores que podíão e tínhão com que sostentar suas molheres e filhos, em especial os mercadores; e de tal maneira foi sua embarcação que neste mês de fevereiro e parte de março viérão a Tavila mais de quinhentas pesoas d'Arzila, todas molheres e crianças, as quais tivérão dous meses de degredo na ilha dos Cães, em Tavila, e a condesa teve o degredo na Renilha, não sem muitos rebates de muitas pesoas que nestes dous arraiais se ferírão e morrêrão, posto que estes lugares, donde estas molheres d'Arzila tínhão seu degredo, convem a saber, a Renilha e ilha dos Cães, érão lugares donde nenhum amparo, nem defensa avia se os mouros intentárão vir a salteá-los. Estávão tão seguros em aquele tempo que não avia pesoa que lembrase, nem cuidase que navio de mouros podia vir ao Algarve, e se algũa fusta de Tetuão ou Larache vinha á costa do Algarve era logo espantada e corrida de ũa caravela ou duas que de Tavila ou Fárão saia

1. [nem menos nós a eles] *f.* A; nem nós a eles B N M. — 2. se lá ferírão] érão feridos B N L M.

após ela, nas quais se não metíão outras bombardas, nem artelharias sómente um fidalgo com seus amigos ou vinte e vinte cinco homens do mar, que se mais prestes achávão com suas pesoas e armas, e as seguíão até as encerrar no rio de Larache; e oje, por nosos pecados, viemos em tanta demenuição e eles em tanto crecimento que vemos oje neste dia o alcaide do Pinhão de Bélez, não tendo mais que ũa fortaleza, que é o Pinhão, deitar dela doze navios de remo e com eles estar dous meses na costa de Andaluzia e do Algarve, e pasar o cabo de São Vicente e chegar antre Setuvel e Sines, sem aver quem os [1] resista, antes muito a seu salvo carregarem [2] de muitas presas, tomando urcas, naos, caravelas e, muito descansadamente, mandar [3] dizer se querem resgatar que podem ir seguros á sua armada, e que na costa do Algarve os [4] acharão.

Tornando ao preposito em que vou e levo o tento, que é sómente apontar e lembrar as cousas que em meu tempo pasárão em Arzila, em especial no ano de vinte dous, em que vou falando, pois procedendo a peste e esforçando-se cada vez mais, como tenho dito, neste mês de março ouve vinte, vinte cinco mortos no dia, e asi pasou todo abril, donde não ouve casa em que não ouvese morto e muitos feridos; mas, como maio entrou, Deos foi servido de afroxar e abrandar de tal maneira que, quando veio dia de São João, já o conde andou mesturado com os da vila, sem aver nenhum homem ferido, nem doente deste mal de peste; e, por honra desta conversação do conde, os moradores que ficárão, posto que poucos ou nenhuns ouvese que não tivesem parte nos mortos, foi tamanho o contentamento que, por honra do dia de São João, desafiárão aos do castelo e aos da parte do conde a jugar as canas, e festejárão o dia e a festa, asi como sempre tínhão por costume, jugando os de cavalo as canas e os de pé as pepinadas; e, com esta festa e contentamento, tomando muitas cevadeiras de pepinos, se fôrão ás portas do Albacar, donde estávão um fisico e um boticairo e outras pesoas, que el-rei noso senhor tinha provido e mandado com provisões e mezinhas necesarias pera o mal da peste, e os apedrejárão com pepinos, dizendo que já os não avíão mester, pois que Deos ouvera por seu santo serviço de alevantar a peste e lhe deixar o doutor Duarte Rodríguez, que como irmão os avia curado, aventurando-se com eles e mesturando-se com os feridos e doentes a fim de os curar e remedear; e, pois lhes Deos fizera mercê que o deixara vivo, não avíão mester outro fisico, nem cerujião, nem boticairo, sómente os que tínhão na terra, e que eles se podíão vir pera o reino. Tudo isto a fim do alvoroço e contentamento que tínhão de se ver desapresados de tal praga, como por eles pasou, sendo autor de toda esta festa o barbeiro André Leitão, o qual, como homem que avia estado antre tantos mortos

1. os] o A. — 2. carregarem] carrégão B N L M. — 3. mandar] mândão B N L M. — 4. os] as B N L M.

e feridos, pareceo que como homem desasisado asi entrou o contentamento nele, não se fartando de se gabar de quantos feridos avia curado, em quão pouco tinha a morte [1]; e logo se fez atalaia e, deste dia de São João a tres dias, caio nas mãos de Amelix, almocadem do Farrobo, e o levou a Mulei Abrahem, donde primeiro que fose resgatado morreo lá de peste, salvando-o Deos cinco meses que andou antre pasante de mil e dozentas pesoas que morrêrão nesta peste d'Arzila e outras tantas ou mais feridas, as quais todas ou as mais delas ele sangrou e furou as nacidas, e o guardou Deos, fazendo este beneficio, e o levou a morrer da mesma peste antre mouros, donde parece que lhe faltou o coração e o contentamento que tinha fazendo aquela obra pia, que parece em Arzila tinha; e foi este o primeiro homem que os mouros levárão depois da peste.

Ũa cousa me ficou por contar, que parece cousa notavel, que aconteceo dentro nesta peste, que foi morrer dentro na Misericordia na enfermaria dela um homem mancebo de vinte cinco anos até trinta, criado de João Fernândez Torres, e, por ocupação que Alonso o Negro e o Canario tivérão em enterrar outros mortos, de que tínhão mais proveito, porque, alem de terem um tostão de cada pesoa que levávão a enterrar, se aproveitávão do que polas casas achávão e podíão levantar com suas mãos, se descuidárão deste mancebo e o deixárão estar dous ou tres dias, e, sendo importunados de alguns irmãos fosem por ele, porque já podia cheirar ou feder, o fôrão levar pera darem com ele em algũa cova, donde avia alguns quatro ou cinco, e, levando-o Alonso ás costas, começou a jemer, e sintindo-o vivo o tornou á Misericordia, donde foi curado e sarou e esteve depois muitos anos em casa de João Fernândez Torres, servindo-o de seu carreiro, trazendo-lhe lenha pera o forno, ficando, todavia, travado da lingoa e falando mal; dizíão que era das nacidas que teve na garganta ou pescoço, que, como lhe dérão botões de fogo, encolhêrão algũas cordas da lingoa, donde lhe ficou travada. Pûs isto por lembrança pera que se veja que, por não aver quem enterrase os mortos, teve este vida.

1. como homem... tinha a morte] como homem fora de seu siso polo prazer e contentamento andava festejando tudo L; *f. este passo nos outros mss.*

CAPITULO XCI

Do que mais socedeo em levantando-se a peste d'Arzila e dalgũas cousas que mais pasárão até a vinda da condesa e mais molheres que espalhadas andávão

Parece que [1] este castigo tão bravo e açoute que esta vila d'Arzila pasou em cinco ou seis meses que a peste andou nela, em que não ficou casa em que não ouvese mortos e feridos, que foi Deos servido socorrer com sua Misericordia e a levantar de supito; e, quando veio [o] [2] dia de São João, já se não achou homem ferido, nem doente, e se mesturávão os da vila com os do castelo, que algũa cousa estivérão mais sãos, como já fica apontado.

Tãobem neste tempo ouve muita provisão na vila, porque el-rei noso senhor, [Dom João o terceiro] [3], posto que entrou no reinado em ano tão trabalhoso, teve muito cuidado de prover a necesidade que em Arzila avia, mandando trigo e bizcoùto, jente e todas as outras cousas necesarias ao tempo e necesidade da vila, que, posto que as novidades estávão boas e tinhamos todos esperança tornaríão os preços do pão a serem barato[s] [4], tanto que se colhesem as novidades, todavia, valeo em Portugal, neste mês de maio e junho, um alqueire de trigo trezentos e quatrocentos reais, e em toda Castela outro tanto, e a milhor livrada era Andaluzia, por as muitas naos de trigo que a Cáliz íão de Cecilia, d'Apulha, de Nigroponte, Torquia, porem não que abaixase de vinte cinco reales a fanega de trigo; e, posto que todos tínhão esperança valese no agosto a cinco ou seis reales o trigo, Deos o quis abaixar de golpe, desta maneira: que entrando em Cáliz muitas naos juntas, ũa carraca, [que] [5] trazia quatro ou cinco mil moios de trigo, tocou nũa baixa [6], de que se perdeo, e, pera a poderem tirar donde estava, mandárão apregoar o trigo, que dentro tinha, a seis reales a fanega; e fôrão tantas as caravelas e barcas ao redor dela que a descarregárão e, tirada a carraca, a levárão ao pontal de Cáliz donde, esperando de a concertar, esteve muitos anos até acabar [7] de perder de todo. O trigo foi tanto que [8] bastou asi molhado, que se encheo o Algarve e o condado............ [9], de tal maneira que, asi ele como o outro, esteve a seis reales, até que veio o novo, que, posto que era muito pouco o que era sameado, se colheo muita cantidade dele, e tornou ao preço dantes de tres, quatro reales a fanega, e em Portugal a cincoenta

1. que] *f.* B N L M. — 2. [o] *f.* A. — 3. [Dom João o terceiro] *f.* A. — 4. [s] *f.* A. — 5. [que] *f.* A. — 6. nũa baixa] em um baixo B N L M. — 7. até acabar] até que se acabou] B N L M. — 8. que] o que A. — 9. ...] *sem branco* B N L M.

ou a sesenta o alqueire, de maneira que, entrando este ano com muita necesidade e fome, saiu com muita fartura e abastança; e, com isto que está apontado, me tornarei a Arzila, que, vendo o conde a Arzila desapresada da peste pasada, mandou logo a Vasco Fernândez Cesar, que no Estreito andava por capitão de ũa caravela d'armada, como já ei apontado no ano de vinte e vinte um, se fose a Tavila pera vir em guarda da condesa, que a este tempo estava na torre de Francisco da Costa, ũa legoa de Tavila, por em Tavila picarem de peste; e logo as molheres todas d'Arzila, que por as quintas érão espalhas e em magotes, fretando navios se viérão a embarcar e ajuntar com a caravela de Vasco Fernândez Cesar, em que ia a condesa, e, feita ũa frota de dez ou doze navios que se ali ajuntárão, tornou a Arzila na entrada de setembro, com todas as mais molheres que do degredo e trabalho avíão escapado.

E por esta via deitarei fora a peste e maos anos pasados de vinte um e de vinte dous, e tornarei a algũas cousas da guerra que neste ano pasárão em Arzila até entrar no de vinte tres, no qual tãobem a vila d'Arzila recebeo o maior açoute que entanto que foi de cristãos recebeo, em lhe desbaratarem a Dom Manoel de Meneses, filho de Dom João de Meneses, por alcunha Ladrão, o neto do conde de Cantanhede, que o conde Dom João Coutinho na vila deixou por capitão, vindo-se a Portugal, como logo no ano de vinte tres mais meudamente contarei.

CAPITULO XCII

De ũa entrada que o conde fez em alevantando-se a peste e dalgũas almogaverias que mais se fizérão

Muito me ei metido nos trabalhos que a vila d'Arzila pasou com a fome e peste destes dous anos, sem tocar em cousa de guerra, a qual, posto que andou branda por ũa parte e pola outra, não deixávão de aver muitos rebates e repiques, especialmente por os almogavares do Farrobo, que antre eles se estremava Amelix, bom cavaleiro e almocadem que não sabia estar quedo, antes trazia e metia em trabalho todos os quatro lugares Arzila, Tanjere, Alcacere, Cepta, correndo-lhe muitas vezes e levando muitas atalaias e muitos desmandados, que, quando de dia os não podia colher e tomar, de noite os vinha esperar ás portas da Ribeira, donde muitas vezes levou homens moços, que se recolhíão tarde, e e outras vezes bois e bestas que ficávão fora; e era tão manhoso e vinha com tanto recado que, posto que muitas vezes o conde lhe armase, nunca caio, vendo as mais das vezes os nosos e descobrindo as ciladas e lugares donde lhe parecia se devia de temer; e, com estas entradas, levou Antonio

d'Evora e Gonçalo Anes e João Télez, atalaias do campo, e não se podíão[1] dizer por estes cavaleiros do Farrobo o rifão que antre nós outros andava «que não cabem duas cabeças num barrete», porque, sendo os mais desta quadrilha de Amelix almocadens e saberem todos muito bem o campo d'Arzila e Tanjere, se concertávão de maneira que nunca fazíão desmancho, antes no que parecia bem a um consentíão os outros; quando algum destes do Farrobo se perdia ou ficava morto ou cativo logo lhe punhamos nome de almocadem, que, posto que no Farrobo era a casa de Alé Benaix e de Mafamede Hiunes e de Alé Hurrax e de Matres, todos almocadens, todos olhávão por Amelix e tínhão olho nele, como mais cavaleiro e ousado, posto que o corpo era muito pequeno e de poucas carnes, como o dia de sua morte e de seus louvores mais craramente direi.

Pois tornando a meu preposito, levantada a peste, posto que dos nosos almocadens faltase Antonio Coutinho, mancebo de tantas esperanças, como já atrás fica apontado, por morrer de peste ele e toda sua casa, ficou o grande Pero de Meneses e Artur Rodríguez e Alvaro Rodríguez Dentudo, todos mouriscos, e outros que na peste se viérão, e asi outros muitos, entre os quais se veio Antonio Falcão, que oje vive em Cepta e é bombardeiro e avido por muito bom homem e bom cristão, o qual, sendo mouro de nação e de nosa vezinhança e de Benarróz, o cativárão, e em Arzila o ouve um Marcim Falcão e o trouxe a Portugal e aprendeo a lingoa e se fez manhoso, e, com a industria que tem[2], fojio de Portugal e se foi ao reino de Granada e dahi a Italia, e depois andou com os turcos até vir a ter adonde naceo; e, vendo-se tão perto d'Arzila, se veio a lançar connosco e o conde o tomou por seu homem de pé e se servio dele muitos anos e o casou em Arzila com ũa molher honrada, com que oje vive em Cepta, donde el-rei o mandou depois do despejo d'Arzila.

Este Antonio Falcão tomou o conde por boa estrea e, com sua vinda, mandou dar ás trombetas e foi correr ao Farrobo e a Benamares, donde tomou algũas outenta ou cem vacas e tres mouros, e foi esta a primeira presa que depois da peste se fez; e depois os almocadens começárão a fazer seu oficio de irem muitas vezes fora, em especial á ponte d'Alcacere, que, por aver em Arzila tres ou quatro mouriscos que fôrão guardas da ribeira da Ponte, desejava o conde muito de os omeziar, e ás vezes em companhia de Pero de Meneses e outras de Artur Rodríguez, que já a este tempo era avido por muito seguro, por ser casado com Lianor Rodríguez que, posto que mourisca, era criada da condesa, a qual o abrandou e amansou de tal maneira que foi um dos bons homens de seu tempo, como atrás fica dito em seu lugar, quando dele falei; os quais mouriscos e almogavares na Ponte, donde eles sabíão, fizérão muitas presas, tomando algũas guardas e outros pescadores de saveis, entre os

1. podíão: *assim em todos os mss.* — 2. tem] teve B N L M.

quais contarei ũa cujo ardil foi de Alvaro Rodríguez o Dentudo, e a honra e proveito foi de Pero de Meneses que, entrando com trinta de cavalo e falsando a ribeira, por onde o Alvaro Rodríguez e os outros seus companheiros sabíão que não avia guardas, entrárão e fôrão dar com tres guardas de cavalo, que dormíão em parte donde [se][1] avíão por seguras, e, tomadas todas tres e seus cavalos, que pacendo andávão, bem peados, nos cavalos e aljaravias destas tres guardas fôrão [dem]andar[2] a ribeira, como era costume fazerem-no outras vezes, metendo primeiro os mouros a tormento e fazendo o sinal que elas soíão a fazer, de maneira que, sem se temerem delas, posto que as guardas de pé os vírão ir pera a varzia, as fôrão buscar, e tomárão outras tres de pé e, correndo a ribeira, lhes tomárão os saveis que tínhão tomado, de maneira que os mais dos nosos viérão carregados de saveis; e, com esta presa de seis mouros e tres cavalos, tornárão a demandar a Ponte, sem aver em Alcacere rebate, nem serem sentidos, até não serem pasados á varzia da nosa parte da Ponte e treparem por o rosto da Figueira, donde vírão muitos fogos que as guardas fazíão, conhecendo que érão cristãos, e não tardou muito que não ouvírão as bombardas d'Alcacere, que era sinal de tomarem o rebate áquele tempo, no[3] que eles não tínhão de que temer, e por a estrada d'Alcacere se viérão caminho d'Arzila, donde fôrão muito bem recebidos do conde e de toda a vila, por trazerem seis mouros d'Alcacere e os mais deles homens sabedores daquela ribeira da Ponte, antre os quais veio um que dizia que sabia mais que todos, que me a mim custou bem caro, que, posto que desta vez fujio, sendo de Duarte Rodríguez, mercador, depois que tornou a ser outra vez cativo eu o ouve e o tornei cristão, por esperança que tinhamos dele, mas ele, como roim cristão, o dia que cativárão a Lourenço Pírez de Tavora, em tempo de Antonio da Silveira, tornou a fujir pera os mouros e me levou ũa escrava branca, a milhor que em Arzila avia, e asi perdi o preço que o capitão Antonio da Silveira, em cujo tempo ele se foi, me tinha prometido, que era dar-me por ele cem cruzados e mais um mouro dos que ele tomase e a minha escrava, o que mais largo contarei na sua fujida; e, portanto, agora deixaremos algum contentamento que esta presa deu á vila e contarei a paga que não tardou muito que não recebemos, perdendo-se não muitos dias depois uns almogavares, ainda que não foi de muito dano, por eles serem poucos e escaparem os mais, como logo se verá no capitulo seguinte.

1. [se] *f.* A. — 2. [dem] *f.* A. — 3. no] *f.* B N L M.

CAPITULO XCIII

De como el-rei de Féz pasados os trabalhos da peste e fome deceo abaixo e da nova que o conde teve e do que mais pasou

Nesta lembrança que faço das cousas que em meu tempo em Arzila pasárão, algũas vezes que em Mulei Hamete, rei de Féz, tenho falado e apontado, as mais delas tenho dito quanta delijencia punha e quanto trabalho tomava por fazer guerra, mal e dano aos cristãos, em especial á vila d'Arzila, desejando de destroir e consumir os que nela viviamos e a meter debaixo de seu poder e senhorio; e, com estes desejos, não sentia em sua pesoa trabalho, nem calma, nem frio, como parece por muitas vezes que no noso campo e no de Tanjere entrou, vindo de Féz em tres dias, como desta vez contarei. Sabia o conde, de mouros tomados e de cafilas que vínhão, que Mulei Abrahem era em Féz, a vesitar a el-rei dos trabalhos pasados, e que em todo o reino não ficávão quatro mil de cavalo, que todos os outros consumio a fome e peste, e que o xarife, que já a este tempo andava poderoso, se avia feito rei de Marrocos, casando com ũa filha do rei antigo daquela antiga cidade, e que andava pola Enxouvia garamando [1] os alarves dela, sendo sempre sojeitos a Tedola, forte fortaleza antiga do reino de Féz, em que avia muitos anos que estava o alcaide Latar, posto da mão de Mulei Naçar, irmão d'el-rei de Féz e senhor de Mequinez e Çalé e Tedola; e, com esta entrada do xarife de Marrocos na Enxouvia, era fama que el-rei iria contra ele e estorvar lhe não entrase em suas terras, mas el-rei estimava mais dar ũa opresão ou rebate a Arzila que não ir contra mouros, por ele ser muito morabete [2] e mourato [3], e asi o foi o filho, Mulei Mafamede; pola qual causa perdeo o reino e a vida, que muitas vezes que fôrão contra o xarife e o sobrepujárão, vindo alguns cacizes [4] de sua seta [5] a falar-lhe, que era mouro como ele e parente de seu Mafamede, o leixava, e asi pouco e pouco se veio a fazer mais poderoso que el-rei, até o desbaratarem e lhe tomarem o reino, e depois lhe mandarem cortar a cabeça e a quantos filhos e parentes pode aver.

1. garamando: *veja-se p. 157, nota 2.* — 2. morabete] morabe L; *nos outros mss. f. todo o capítulo. Vocábulo árabe que significa* guerreiro, que faz a guerra aos infieis e herejes: *é o significado que tem no termo* Almorávidas, *cujo étimo é o mesmo. A significação usual moderna é* santo, *que é o* marabout *dos franceses, de que fizemos* marabuto *em português. Outras formas portuguesas:* morábito, *e* morábita. *O ms.* A *acentua* morabéte *o que é inexacto.* — 3. mourato: *não sabemos explicar êste vocábulo.* — 4. cacizes] religiosos L. — 5. seta] secta L.

Pois tornando a noso preposito, estando o conde suspenso e desejoso de saber o movimento que el-rei fazia [1], veio ũa cafila de Féz, na qual veio Francisco Gonçálvez, feitor da feitoria de Féz, e Sancho Rabelo, escrivão do dito carrego, que, como ei dito no ano de vinte, na feitoria, que em Arzila estava, Francisco Gonçálvez, e micer Ambrosio podíão levar o que quisesem pera em Féz se vender, e Sancho Rabelo por escrivão; pois chegada esta cafila, e tendo o conde nova de tais e tão certas pesoas, sabendo deles que ficava el-rei em Féz, e asi todos os mais dos alcaides, e que tudo o em que se revolvíão era contra o xarife, quis o conde mandar por uns homens que estávão em Tanjere, deles espalhados [por causa] [2] da peste, que agravados se avíão ido [3], e sendo perdoados esperávão que o conde mandase por eles e lhe mandase recado pera que Dom Duarte de Meneses, o d'Evora, que por capitão estava em Tanjere, os mandase por Tagadarte, como já estava concertado; e, como o conde teve esta nova e de tais pesoas, que cada ũa delas era pera grandes carregos, logo mandou dous homens a Tanjere, os quais fôrão Nuno Gonçálvez o Grego e Pero Gonçalvez o Torto, que, por serem homens de bom recado, fosem aquela noite a Tanjere, e escreveo a Dom Duarte lhe mandase os homens que estávão pera vir, os quais érão Luis Valente, Afonso Pinheiro e o Grimaldo que, por cortar dous dedos a seu pai, fujio pera Tanjere, e outros seis ou sete de cavalo; e, porque Dom Duarte, como capitão novo, desejase entrar e se juntar com o conde, e sobre isto se avíão escrito algũas vezes e não se avíão ainda visto, o conde lhe escreveo que sobre a nova que tinha, ainda que a tinha por muito boa, mandaria tomar ũa lingoa, pera por ela saber se el-rei fizera algum movimento depois da partida de Francisco Gonçálvez e Sancho Rabelo; e, partidos estes dous homens pera Tanjere, como já dise, o conde deu licença a Estêvão Fernândez e a Gaspar Caldeira, que presumíão de almocadens e saberem do campo, os quais muitas vezes lhe avíão pedido licença pera irem com uns dous mouriscos que novamente se avíão vindo a tornar cristãos, e, dada a licença, lhes mandou que, pera mais lhe asegurarem o campo, os mandava que pera entrarem, e que a ordem que avíão de ter era amanhecerem em Taliconte e segurarem a estrada d'Alcacere e sobre tarde cortarem a Hulef e, não avendo, nem sentindo rastro, corresem Aliom e [4] Algarrafa, donde visem mais aparelho pera tomarem um mouro e, tomando-o ou não, se recolhesem muito rijo, o que eles fizérão ao contrairo, como direi tanto que puser os de Tanjere em Arzila.

Tornando ao Grego e ao Pero Fernândez, que [5] chegados a Tanjere em amanhecendo e dadas as cartas a Dom Duarre, logo [ele] [6] mandou a

1. fazia] faria L. — 2. por causa] *f.* A. — 3. em Tanjere... se avíão ido] em Tanjere deles espalhados da peste deles que agravados se avíão ido A; em Tanjere agravados e deles espalhados por causa da peste que asi uns como outros se fôrão da vila L. — 4. e] ou L. — 5. que: os quais. — 6. ele] *f.* A L; *f. éste passo* B N M.

Francisco de Meneses se pusese a cavalo e se viese a Tagadarte, donde acharia o barco que o conde mandava a os pasar; e, porque Francisco de Meneses e outras pesoas de Tanjere desejávão de chegar a Arzila, uns por terem que negocear e ver seus amigos, outros por darem o parabem ao conde da vinda da condesa e da saude da vila, Dom Duarte deu licença a Francisco de Meneses pasase e chegase a Arzila, o qual asi se fez, que, pasando todos Tagadarte, viérão aquele dia a Arzila, a qual recolheo ũa boa guarda de lenha e mel, que se aquele dia deu da parte das Aldeas, caminho de Tanjere; e com isto tornarei aos nosos almogavares e atalhadores.

CAPITULO XCIV

Em que se conta parte do que el-rei fez vindo abaixo
e como alcançou uns oito almogavares
e cativou Jorje Manoel e outros dous de cavalo e matou outros tres

PROSEGUINDO com a nova que Francisco Gonçálvez e Sancho Rabelo trouxérão e com a delijência e presteza d'el-rei de Féz, e como se veio encontrar com os nosos almogavares, contarei o que fizérão e como, por pouca detença que fizérão ou tivérão, os alcançou el-rei e matou e cativou os mais deses e os seguio até o porto do Pereiral, dentro das nosas atalaias; e, pera milhor se entender, irei contando todo o que fizérão e a detença que ouvérão até se perderem. Pois partidos da vila á meia noute, como o conde lhes mandou, tomando o caminho d'Almenara, e, por antre Alhadra e Buabe, fôrão amanhecer em Taliconte, que é um alto outeiro á mão ezquerda da ponte d'Alcacere, da qual atalaia dão vista á estrada d'Alcacere e ao Zambujal d'Algarrafa, donde muitas vezes as atalaias d'Algarrafa e de Bujidião vem, em especial em tempo de lavoura e da sega, e dali estivérão dando vista á estrada e ao Zambujal até bem tarde; e, não vendo cousa de que temesem, detreminárão de se melhorar e fraldejando o Zambujeiro tomárão Hulef, e dahi se metêrão na Ribeira Grande, e depois, pola serra d'Alhejar, tornárão a dar vista ás lavouras d'Aliom, e, vendo irem-se recolhendo uns poucos de bois, lhes corrêrão e alcançados tomárão dez deles; e, porque o mouro que os levava se vio perto das casas e não vio mais que dous de cavalo, se pôs em defensa, pondo ũa lança de vinte cinco palmos, que nas mãos levava, nos peitos a Vilhalva, que foi o primeiro que a ele chegou, que, prendendo o ferro nas couraças, o embaraçou de maneira que Vilhalva o não pode colher com a sua; mas Jorje Manoel, que era o companheiro, o tomou com a lança d'alto, de tal maneira que a lança entrou á sua vontade. Vendo-se o mouro mortalmente ferido se meteo

em um forte daroal, em que fez costas, mas como Vilhalva foi logo a pé, primeiro que o mouro de todo se pudese esconder, o pasou com a sua lança, as quais duas lançadas bastávão pera aquela noite não sair da brenha, nem ser achado.

Jorje Manoel e Vilhalva recolhendo os dez bois, viérão ter com seus companheiros, que detrás de outro golpe de gado avíão corrido, o qual não pudérão alcançar, por os sairem a receber ás tranqueiras alguns de repique, e meios escalavrados os fizérão arredar das tranqueiras, e juntos viérão com muita présa a pasar a ribeira, antes que se cerrase a noute, que com grande escuro e cerração entrava; e, pasada a ribeira sem contraste, viérão demandar Sinete e, tomando o caminho de Buabe, se cerrou a noute de tal maneira que nenhum deles sabia donde estávão e, caminhando ás apalpadelas, se viérão a embaraçar de tal maneira que se apeárão e, rodeando os dez bois, se lançárão a pacer, esperando a menhã, pasando a noute com muitos auguaceiros e cerração; e, vindo a claridade do dia, conhecêrão que estávão sobre o Zambujal do Xercão e, como achasem dous bois menos, Gaspar Caldeira dise, jurando a Deos [1], que se não avia d'ir sem os dous bois, e logo se concertárão [que] [2] os dous mouriscos e Vilhalva e Pedro Anes de Baltar tornasem a ver se topávão o rastro, e os outros quatro, que érão Gaspar Caldeira e Estêvão Fernândez e Jorje Manoel e Miguel López, comprador do conde, andasem com os oito bois e os esperasem em Almenara; e, tanto que fôrão apartados, logo a jente d'el-rei deu com eles, que, tomando o rebate na ribeira d'Algarrafa, donde aquela tarde chegava, que, como os mercadores e a cafila partio de Féz, logo ele saio após eles e mandando ao alcaide d'Alcacere que á mór présa ferrase e se fose esperá-lo á Ponte, e ele em pesoa, a tarde que os nosos entrárão e corrêrão, esa chegou á ribeira d'Algarrafa; e, como na aldea já tínhão recado da chegada d'el-rei, logo teve o rebate, e, parecendo-lhe que érão os nosos almogavares mais do que érão, se pôs a cavalo, e, como não lhe faltárão almocadens que sabíão a terra e donde estávão milhor que os nosos, o guiávão caminho d'Almenara, parecendo-lhe atalharia os nosos e, quando os não pudese alcançar, que esperaria a ver-se com a lingoa, que lhe dezíão que os nosos trazíão, poderia ser que o conde entrase, ou mandase almogavares, e que lhe fosem cair nas mãos; e, com esta esperança, vinha com detreminação que se não pudese alcançar os nosos esperar de largo, mas a fortuna ordenou de outra maneira, que foi vir ter com estes oito de cavalo; os quatro que saírão apartados, indo dar de rosto com a jente [d'el-rei] [3], não podendo ajuntar-se com os companheiros, fôrão carregados pera o Xercão, donde logo fôrão embarrancados e mortos os dous mouriscos, e Vilhalva, castelhano, e Pedro

1. jurando a Deos] pondo a boca por Noso Senhor B N L M. — 2. [que] *f.* A. — 3. [d'el-rei] *f.* A.

Anes de Baltar, cativos, ambos casados e moradores em Arzila e muito bons cavaleiros e muito milhores homens, como em muitas partes desta minha lembrança se pode ver; os outros quatro, tanto que sentírão o mormuro da jente, pusérão o rosto no Furadouro d'Almenara, o qual viérão demandar, trazendo toda a mais jente após de si [1], na qual fujida Miguel López, que o milhor cavalo d'Arzila trazia, o qual, por o não saber governar, o apertou tanto que, subindo ao Furadouro com tanta présa e sem ter conta com os companheiros, posto que o tempo e lugar não era pera fazer companhia, e, tanto que foi na terra chã, o cavalo açafrou ou rebentou, que, chegando ao Sovereirinho, que está abaixo do Pereiral e da atalaia, estancou de todo, e os desejos que seus companheiros tínhão de se acharem em tão bom cavalo, como o seu, teve ele, Miguel López, de se achar em cada um dos outros, vendo-os pasar por ele e não se poder bulir. Este cavalo levou Vasco Morgado d'Olivença, que oje vive na ilha de Santiago de Cabo Verde, e o buscou muito lijeiro, por ser umiziado e se aver de ir pera Africa, e o leixou a este Miguel López, por ser muito seu amigo, entanto que tornou á terra; e, desta maneira ficou o Miguel López, comprador que foi do conde, junto do Sovereirinho do Pereiral [2], pasando Gaspar Caldeira e Estêvão Fernândez por ele, que bons cavalos trazíão, ou ao menos cavalos do campo; e, depois que pasou Jorje Manoel, que, posto que mui bom jinete trazia, por ser mourisco, como ele era grande homem de corpo, o trazia muito cansado — e, pasando Jorje Manoel, os mouros chegárão a ele, Miguel López, e o matárão, e asi fizérão ao cavalo, que, vendo que se não bulia e que estava rebentado, lhe dérão de lançadas, e, não fazendo detença, seguírão trás Jorje Manoel, que os desejos que trazia era pasar o porto do Pereiral, que, por ser estreito lhe parecia que os mouros o não pasaríão, por virem á longa e por ser perto da vila; mas os mouros apertárão com ele de maneira que, pondo-lhe as lanças, a ele e ao cavalo deitárão dentro do corrego, de maneira que os mouros não pudérão pasar senão por cima de seu cavalo, e ele se lançou fora do corrego, já com duas ou tres feridas, e logo foi rodeado dalguns de cavalo e de pé que, não podendo pasar a cavalo, por ser um corrego muito estreito e cuberto de silvado, e trabalhando estes mouros por o acabarem de matar, um dos mouros se lançou do cavalo e se foi abraçar com ele, bradando por aravia: «Não me mateis meu irmão!» querendo dizer que tinha um irmão cativo e lh'o desem pera o resgatar, e outros dizíão que el-rei o avia de tomar, que o matasem, mas o mouro o defendia quanto podia, asi com a espada como com a fala; e, estando o mezquinho de Jorje Manoel nesta agonia, chegou Mulei Abrahem, e o mouro, que com ele estava abraçado, lhe dise

1. após de si] após si B N M; depós si L. — 2. Pereiral] Parreiral B N L M. *Assim também das duas vezes que êste mesmo nome aparece mais adiante.*]

em [1] nosa lingoa: «Apega-te a Mulei» e ele embaraçado não entendia em mais que em rogar a Deos que o não matasem. Mulei Abrahem lhe dise: «No ayais miedo, cavalhero» e logo vio que os mouros estivérão quedos e se apartárão, e ele remeteo á estribeira de Mulei Abrahem e se apegou a ela. Preguntou-lhe Mulei Abrahem se estava mal ferido. Respondeo: «Não sinto ferida em me Deos poer em poder de vosa senhoria». Logo Mulei Abrahem lhe preguntou polo mouro que trazíão. Respondeo «que não trazíão mouro e o que ia com os bois se meteo pola serra». «Mataste-lo!» dise ele. «Não matamos!» respondeo; e nisto chegou el-rei e, logo que falárão: «Eis aqui el-rei» [2], Mulei Abrahem o tomou ás ancas e, pasado o porto, logo Mulei Abrahem lhe dise: «Decendid y ablad a el-rei», o que ele fez com mais delijencia que vontade, tomando-lhe a estribeira e beijando-lh'a muitas vezes; mas el-rei, com aquele mao esprito e vontade que aos cristãos tinha, lhe preguntou quantos érão e quem era o almocadem; e, como Jorje Manoel respondeo que érão oito de cavalo e o almocadem um mourisco, Fernão Coutinho, lhe tornou a preguntar se Benarróz ou Alatais vínhão ali, que estes érão os nomes de Pero de Meneses e de Artur Rodríguez, sendo mouros; e, como respondese que não, e que Pero de Meneses não entrava com tão poucos de cavalo, el-rei lhe tornou a preguntar polo mouro que tomárão. Jorje Manoel respondeo que não tomárão mouro; el-rei muito anojado dise: «Quedeb!» que quer dizer que lhe mentia, e, como Jorje Manoel tornase a afirmar que não vírão mouro, el-rei o leixou e preguntou se íão após os cristãos, e, como disesem que não, que já érão em salvo, logo se tornou caminho d'Almenara, ficando Jorje Manoel antre alguns mouros que logo o cercárão, querendo-o matar, porque mentira a el-rei; o qual, vendo-se desemparado e antre tão má jente, bradou por Mulei Abrahem, o qual logo tornou e, fazendo que lhe desem o seu cavalo, mandou que subise e, entregando-o ao mouro que o pedia pera [por ele aver] [4] seu irmão, mandou que se fosem após eles.

O que é muito de notar a coriosidade deste corioso [5] rei, que ouvi muitas vezes dizer a Jorje Manoel, e afirmava que em ũa corrida como aquela de tres legoas, que ha de Buabe ao porto do Pereiral, e com andar el-rei toda a noute polos alcançar, que sómente nove de cavalo érão ao derredor dele quando Mulei Abrahem chegou, e, quando el-rei chegou, não érão cincoenta de cavalo. Por esta corrida se pode ver a delijencia deste rei que, por alcançar um cristão, correo tres legoas, sendo a este tempo de setenta anos.

1. em] por B N L M. — 2. e logo que falárão: «Eis aqui el-rei»] e ouvindo que vinha el-rei B N L M. — 3. Quedeb] quebeb A; quideb B; quidid N; quedobeb L; quidebob M. *É a forma vulgar de Marrocos.* — 4. [por ele aver] *f.* A. — 5. corioso] bilicoso L; *f. nos outros mss.*

Tornando a el-rei, não parou até o Xercão, onde foi decer e descansar, e ahi lhe trouxérão os outros dous cativos, e logo lhes preguntou que fizérão do mouro e donde e porque o matárão; e, como o negasem, dizendo que tal mouro não vírão, e, depois que trouxérão a Jorje Manoel, lhe tornou a preguntar polo mouro, que lhe disese o porque o matárão, sendo almogavares e vindo buscar proveito, e que por aquele mouro avíão de morrer, e os mandou entregar aos mouros da aldea e aos parentes do mouro morto; mas Mulei Abrahem dise que os moradores que íão buscar suas partes pera comer não matávão mouros que tomasem, e que o podíão matar os mouriscos, que não tínhão lei com seus proprios pais, que, por se venderem aos cristãos, o matárão, e que aqueles cristãos tínhão visto seu rosto; e logo os mandou tirar dali de diante d'el-rei, e Jorje Manoel e Vilhalva fôrão curados, queimando-lhe as feridas com azeite e mel quente ou fervendo, e desta maneira os salvou Mulei Abrahem da furia d'el-rei, que sentio tanto a morte daquele mouro que a todos tres quisera mandar matar; e Mulei Abrahem os repartio, como manhoso, dando Jorje Manoel, porque o pedia o mouro pera seu irmão, e que el-rei lh'o não avia de negar, a Mulei Hamete, filho d'el-rei, e ao alcaide d'Alcacere deu a Vilhalva, e a Pedro Anes de Baltar tomou pera si, os quais Vilhalva e Pedro Anes saírão por seu resgate e Jorje Manoel saio por Mafamede Hiunes, almocadem do Farrobo, que de noute se tornou ao Rio Doce, a noute que saltárão com o adail, como atrás fica apontado.

Todas as vezes que se oferecer falar nas nobrezas de Mulei Abrahem parece razão não as calar, pois foi em noso tempo e as vimos, mas aqui sómente direi como consentio e deu a Jorje Manoel, homem honrado e casado de pouco com Caterina Fernândez, molher honrada e que tinha um dos milhores asentos de casas que em Arzila avia e terras em que podia lavrar e samear dentro dos valos, e que por resgate podia dar por si bem quinhentos cruzados, o deu por um mouro barbaro do Farrobo, que não tinha outra cousa senão um cavalo e ũa lança que lhe ele dava; por aqui se pode ver quanto favorecia os cavaleiros do Farrobo e os que em seu tempo pelejávão, não receando de dar os cristãos, posto que pudesem dar mais resgate, como em muitas partes podiamos dizer, como fez deste Jorje Manoel por um cavaleiro de ũa lança, e a João Vaz Aljofarinho por Alé Çaidão, e a Rui Cordeiro por Mafamede, de Lopo Mêndez; e com isto leixarei estes tres cativos e a el-rei no Xercão e direi o rebate que na vila ouve, o qual foi tão pequeno que, asomando Gaspar Caldeira e Estêvão Fernândez ás Pontinhas, o do sino deu ũa pancada, fazendo sinal que vínhão os almogavares nosos, os quais, por tardarem, o conde era já levantado e as atalaias prestes pera sairem a descobrir e o conde com detreminação de ir até [a] [1] Pedra Alta; mas, como Gaspar

1. [a] *f.* A.

Caldeira e Estêvão Fernândez ouvírão ũa só pancada, ouvérão por milhor conselho dar rebate e, escaramuçando sobre as Pontinhas, o [do] [1] sino o tomou logo e começou repicar e, abrindo-se a porta da Ribeira, saio o conde por ela e na praia deu com eles [2], e soube como os outros seis érão perdidos, porque dos quatro não fazíão conta e os dous, convem a saber, Miguel López e Jorje Manoel, dérão fé vê-los perder; e posto que suas molheres os chorasem com esperança de serem vivos, que é a derradeira consolação que das primeiras tristes novas fícão, com lhes dizerem: «Não vos desconsoleis até saberdes se são vivos», o conde, todavia, foi por diante, fazendo ir suas atalaias descobrindo, como é seu costume, e, chegando ao pontal do Pereiral e ao porto, vírão o ensovalho [3], donde Jorje Manoel fora tomado, e logo ouvérão que era o Jorje Manoel cativo, que, pasando o porto, chegárão ao Sovereiro, donde achárão ao Miguel López sem cabeça, nem mãos e o cavalo morto; as quais novas o conde ouve e se tornou á vila com cuidado que jente seria, porque el-rei avia que não podia ser tão prestes, e ser o alcaide d'Alcacere pesava-lhe muito, por já estarem de quebra sobre os cinco mouros que o dia de Todolos Santos tomou, o dia que Alvaro Nûnez morreo, como no ano atrás fica contado, e por esta quebra não quisera que o alcaide ouvera vitoria contra ele, e sentia muito tomar-lhe seis homens e entrar dentro de suas atalaias; e, posto que muito bem sabia a delijencia d'el-rei de Féz, não lhe parecia que em tres dias podia vir ao noso campo; e, com este cuidado veio falando com Francisco Gonçálvez e Sancho Rabelo, os quais afirmávão era el-rei, porque em Alcacere não avia jente, nem cavalos pera tão comprida corrida; e com isto pasou aquela noute, desejando segurar a tornada a Francisco de Meneses,

CAPITULO XCV

Como el-rei de Féz correo Arzila e como foi morto Sancho Rabelo e Fernão Caldeira saio com ũa mão cortada e o adail pasado de ũa lança

Pasado o dia em que estes almogavares se perdêrão e o outro, o conde mandou tomar as Atalaias Altas, por ver se veria cousa pola qual soubese da jente, se era tornada, ou se estava no noso campo, porque Francisco de Meneses, como tinha capitão novo, desejava de se tornar, porque Dom Duarte de Meneses, o d'Evora, não avia mais que

1. [do] *f.* A. — 2. eles] os dous escapados BNLM. — 3. ensovalho] enxovalho BNLM.

dous ou tres meses que era capitão em Tanjere, e pedia [ao conde] [1] que mandando atalhar [até] [2] o pé do Farrobo, por Tagadarte irião seguros, o que o conde não queria fazer, senão mandá-los mui seguros e a bom recado; e, com entenção da noute seguinte mandar ver o Xercão, mandou este dia ás Atalaias Altas, e ele pola menhã, tanto que ouvio misa, cavalgou, sómente com Francisco Gonçálvez e Sancho Rabelo, desarmados, se foi ao Facho e dahi mandou um homem de pé por um gavião, pera o lançar aos pasarinhos, e asi enlevados se fôrão á Atalainha de Bugano, donde o tomou o rebate, e asi todos tres e um só paje, que um remesão e ũa adarga lhe levava, o qual era Digo Lobo, se foi quanto mais rijo pode caminho da Ruiva; e, antes que a ela chegase, veio ter com ele Luis Valente e lhe dise: «Senhor, onde is que é muita jente e saio d'Alfomar e vem já ás Pontinhas?» E porque a este tempo vírão sair da fonte da Atalaia Ruiva um cavalo, que vinha fujindo, e trás ele um homem a pé, o qual era Francisco Rodríguez, filho de Antão Rodríguez, que com o rebate lhe fujira o cavalo, o conde mandou a Luis Valente que vise se podia tomar aquele homem nas ancas e o salvar, o que Luis Valente fez, como bom cavaleiro, que tomando o cavalo o levou a Francisco Rodríguez e o fez cavalgar, a tempo que já os mouros vínhão polos Pelouros e da Atalaia Ruiva a dentro, e quando se ouvérão no Minhoto [3] foi com muito risco e trabalho. O conde tomando o caminho do Facho, chegou a ele o adail Fernão Mazcarenhas, com alguns de cavalo que vínhão de repique, ao qual o conde mandou ficar nos Forninhos com trinta de cavalo e recolhese aos que vínhão ante os mouros. Sancho Rabelo, que com o conde vinha, se leixou ficar com o adail, posto que desarmado estivese, e asi o fez Jorje Peçanha, paje do conde. Apartado o conde do adail e vendo que a jente de repique vinha pola tranqueira de João Coelho, carregou abaixo e se veio ao outeiro de Pero Cão, onde recolheo a jente de repique a si, mas não com tanto vagar que pudese tomar sua saia de malha, que Diogo Lobo seu paje levava vestida, por os mouros chegarem tão bravos e grosos que pareceo não trazerem outra detriminação senão chegar aos nosos, porque esta nação tem tal calidade que quando vão quebrados vão tão brandos que não tópão cativo cristão a que não falem e consolem, e, polo contrairo, quando sintem vitoria são asperos e pégão como abelhas, que, pola vitoria pasada de averem topado com oito almogavares e os tomarem e cativarem nesta corrida, parecia que os nosos lhe fujião.

E tornando ao adail, que nos Forninhos esperou até Luis Valente e Francisco Rodríguez e as atalaias chegarem a ele, os quais vínhão tanto de mestura com os mouros que o adail não pode escusar contenda, porque, tanto que tomou o caminho das vinhas, os mouros o começárão

1. [ao conde] *f.* A. — 2. [até] *f.* A. — 3. Minhoto] Minho L; caminho B N M.

arremesar e, por o silvado ser muito e os mouros não poderem tirar das ilhargas, não recebeo muito dano, mas, como foi sobre o lameiro do Laranjal e tivérão a terra larga, pegárão tão rijo que o adail voltou e achou os mouros tão fortes e tantos que a pé quedo o esperárão, e, posto que os nosos pusérão as lanças como valentes cavaleiros, como fosem forçados a se recolherem, o não pudérão fazer sem leixarem morto antre eles a Bastião Álvarez, cunhado de Francisco Lionárdez, pesoa honrada, a quem os mouros derrubárão e carregárão de tantas lançadas que logo foi morto, e sobre ele derrubárão a Jorje Peçanha, paje do conde, ao qual Luis Valente, apesar dos mouros, tomou nas ancas e, como homem embaraçado, o veio pôr em salvo no valo do chão de João Moniz.

Apartado o adail dos mouros, como eles se visem com algũa vitoria, em lhe ficar Bastião Álvarez e terem feito gazua, apegárão com o adail tão rijo que, pasando o lameiro, foi o adail mortalmente ferido de ũa lança d'arremesso que, pasando-lhe as couraças, o pasou de ũa parte á outra; e, bem se pode crer, que á lança d'arremeso não ha defensa algũa. Outra lança d'arremeso tomou o cavalo de Sancho Rabelo polos lombos, que logo caio, mas foi posto logo nas ancas do cavalo do Correeiro, atalaia, o qual não fez a delijencia de Luis Valente pera o pôr em salvo, ou por fazer companhia ao adail, que a lança trazia empenada nas costas, ou por ser o dia e ora chegado [1] em que ambos avíão d'acabar. O Correeiro veio a cair em um poço arrunhado, que no Laranjal está, donde primeiro que saise do cavalo foi morto de muitas lançadas; e, como Sancho Rabelo, que nas ancas vinha, ficase fora do poço, tomando a marlota nos dentes trabalhou por se salvar, mas não pode sua fortuna que, posto que Antonio Freire e outros lhe desem ancas, as não pode tomar polo embaraço da marlota e, apegado nos peitorais dos cavalos, o trouxérão até antre os chãos de João [2] Moniz e o de Jorje Manoel, onde seu irmão Simão Rabelo chegou a ele a tempo que já Sancho Rabelo vinha mui alanceado, e, como bom irmão, se pôs detrás dele, desejoso de o poder salvar, mas não pode, porque os mouros varárão as lanças nele e o arrimárão ao valo de João Moniz, donde o tivérão estacado, dando-lhe muitas lançadas, entre as quais foi ũa polo embraçamento das couraças, que, quebrando-lhe a este polo alvado, lhe ficou dentro no corpo um ferro[3]-faim[4] de um grande palmo, o qual lhe eu vi tirar ao tempo que o curou o doutor Duarte Rodríguez. Estando os irmãos neste aperto, os nosos afroxárão e, os mouros carregando, Sancho Rabelo acabou de cair pasado de muitas lanças.

A este tempo o conde voltou, mas não com tanta jente que fizese afastar os mouros de si, que, como estes dianteiros érão os d'Alcacere, e

1. chegado : *assim em* A L ; e ora *f.* B N M. — 2. João] Joana A. — 3. ferro] *f.* B N M. — 4. faim : *ponta aguda da lança.*

antre eles andasem tres filhos do alcaide, mancebos e valentes, os seus os não queríão deixar dentro das nosas tranqueiras e trazendo a el-rei nas costas, como trazíão, e estivérão tão quedos e fortes que nunca perdêrão um paso do ganhado. Neste paso [1] chegou o contador Fernão Caldeira, que saindo da vila muito de vagar e o derradeiro de todos, com aquela confiança que de si tinha d'estremado cavaleiro, como era, pasando muitos que pera a vila vínhão por ele, foi sempre por diante até chegar á volta e, vendo o conde nos dianteiros, pasou por ele, dizendo: «Onde são [2] os vosos que vos deixão na traseira?» e, vendo a Simão Rabelo na présa, encontrou um mouro [3] que, pasando-o [4] com a lança, ficou junto do mouro [5], mas outro mouro lhe deu tal golpe de espada que, cortando-lhe o dedo polegar e os outros dous dedos de junto dele, cortou a lança em dous pedaços, de maneira que, ficando a lança no mouro, Fernão Caldeira ficou sem a mão direita; mas logo foi socorrido de Diogo Botelho e de Pero de Meneses e Antonio Freire e outros que tivérão o peso da jente, até Fernão Caldeira e Simão Rabelo se averem com os nosos, mas não tão desapresados que não viesem ás lançadas até o lameirinho de João Coelho, que por antre valos é o [6] caminho estreito. O conde fez rosto, chamando a Diogo Botelho e Fernão da Silva e João Álvarez Pereira, que logo se ajuntárão com ele com outros alguns moradores, como João Fernândez d'Abreu, Pero de Meneses e João Fernândez Torres que, com as lanças varadas, tivérão o peso da jente até que, rompendo os valos dos chãos, que não érão mui fortes traveses [7], começárão a servir de lanças d'arremeso, das quais ouve muitos dos nosos feridos e cavalos mortos; mas, como a este tempo chegasem alguns espingardeiros e bèsteiros de pé, como João Correa e Fernão Díaz, filho de Alvaro Díaz, de quem ei feito menção no seu cativeiro, e João de Deos, que por não ter cavalo saio com a sua bésta, — estes poucos e outros moradores, oficiais da vila, como se achasem dentro da vinha de João Coelho, de cima do valo começárão a os sacudir sem perderem tiro, de tal maneira que, uns pasados dos pelouros e setas e outros amedrentados dos tiros, posto que poucos fosem, começárão afroxar, tomando uns polos chãos de Fernão Caldeira fôrão demandar o Facho, onde a bandeira d'el-rei já estava com a pesoa real, e outros pera o Laranjal se tornárão, e a artelharia da vila os começou a visitar com muitos pelouros dos baluartes da vila. O conde tornou a chegar ao corpo morto de Sancho Rabelo, o qual foi trazido com muita magoa e tristeza de todos os da vila, por ser mancebo de muita esperança e vertude e muito nobre e natural da vila e filho de Lopo Rabelo, que no muro d'Arzila foi morto, não querendo deixar a estancia que

1. paso] espaço B N M. — onde são] oução A. — 3. um] com um A. — 4. pasando-o] pasado B N L M. — 5. do mouro] dele B N L M. — 6. é o] e B N L M. — 7. traveses] das travesas B N L M.

lhe foi encomendada, como na entrada e saco que os mouros fizérão no ano de mil e quinhentos e oito fica contado. O que neste paso poso afirmar, polo que tenho muitas vezes ouvido ao conde, falando neste dia, que nunca até então os mouros cometêrão com tanta ousadia como aquele dia aos nosos, e que, ou o fizérão pola fraqueza dos nosos, ou pola vitoria que trazíão da morte de Bastião Álvarez.

O dano que os mouros este dia recebêrão eu o não sei, por aver muitos anos, e tãobem porque não se pode saber antre tanta jente e diferentes lugares, mas o que nós recebemos contarei, o qual foi muito e de muito sentimento, por aver tres mortos e não ficar pesoa na vila que a morte de Sancho Rabelo não fizese triste, vendo-o trazer diante de sua avó Ilena Pacheca, pesoa muito honrada, e que de muitos filhos e filhas lhe não ficárão mais que estes dous irmãos e ũa irmã, o qual vio sem cabeça, nem mãos, tão meudo de lançadas que podia caber em um capelo de um bedem. Ouve mais de vinte feridos, antre os quais foi o adail Fernão Mazcarenhas que, pola ferida[1] das costas, apagava ũa vela, o que muitos dias fez, da qual ferida ouve pouca confiança de sua vida, mas Deos, em quem está o remedio, quis dar-lhe a vida. Fernão Caldeira ouve muitas dores e esteve alguns dias sem fazer materia, de que correo muito perigo da vida, temendo-se que lhe saltasem erpes ou pasmo, mas a tudo Deos socorreo com ficar aleijado dos tres dedos. Simão Rabelo [não pasou pouco risco] [2], por a ferida ser muito grande. Outros feridos ouve, muitos de grandes feridas, mas quis noso senhor Deos que todos ouvérão saude, sendo todos visitados e requeridos da condesa e do conde, asi com o dinheiro, como com as mais cousas necesarias, como galinhas, frangãos, botica, de maneira que sómente o tempo da cama perdêrão; e, por este capitulo ser muito comprido, leixarei os nosos curando-se e el-rei recolhido ao Xercão, e pasarei a outras meudezas que nestes dias pasárão.

1. ferida] ferida da lança L; *nos outros mss. f. êste passo.* — 2. [não pasou pouco risco] *f.* A.

CAPITULO XCVI

Como pasado o dia da morte de Sancho Rabelo e ferimento de Fernão Caldeira os almogavares corrêrão Arzila e da sorte que duas atalaias fizérão

Pasado o dia da revolta pasada, em que os nosos perdêrão algũa parte da reputação que dantes tínhão, os mouros se recolhêrão ao Xercão, lugar e apousentamento de el-rei quando entra[1] em o noso campo, com tanta soberba, por averem metido os nosos polas tranqueiras, que não avia cristão no arraial, mercador, nem cativo, que ousase parecer, nem falar; e logo Mulei Abrahem e o alcaide d'Alcacere ordenárão mandar visitar o conde, e da parte de Mulei Abrahem veio Coroax, homem negro, mas muito honrado e privado de Mulei Abrahem, e o alcaide d'Alcacere mandou Benganeme, pesoa muito honrada e servidor do conde; mas os recados fôrão muito diferentes, porque Coroax dise ao conde que seu senhor, Mulei Abrahem, mandava saber de sua saude e que lhe pedia lhe mandase muitas novas de si e da senhora condesa; e que, quanto ao dia pasado, era oficio de guerra, que não dava um dia de gosto que não dése outros muitos de desgosto, e que Jorje Manoel era vivo e asi Vilhalva e Pedro Anes, e que se dele se podia servir que estava prestes. O Benganeme dise da parte do alcaide d'Alcacere que o alcaide mandava saber de sua saude, e que a guerra era um dia de cristãos e outro dos[2] mouros, e que[3] se queria que os quatro mouros que se perdêrão o ano pasado no desbarate do alcaide, porque o outro faleceo de peste, por quatro cristãos, atalaias, que logo os daria, e em nome de Deos; e com isto arrematou o recado que trazia.

O conde, polo[4] que entendeo que vínhão saber se sua pesoa era salva e quem érão e quantos os feridos, os recebeo muito bem e os pôs[5] á sua mesa, e lhes deu lugar que andasem pola vila e falasem com os cativos e vesitasem os feridos; e ao Benganeme respondeo que ele não dava, nem consentia dar cavaleiros tão honrados e que ficávão pelejando, quando seu senhor ia desbaratado e fojindo, por atalaias que íão a morrer e cativar por tres vintens por dia; que se queria tirar seus criados de cativeiro os tirase a quatrocentos e a quinhentos cruzados, como ele tirava aos seus criados.

Desta reposta se escandalizou muito o alcaide e, depois de muitos recados de ũa e da outra parte, tirou os mouros por mil e dozentos cru-

1. entra] êntrão A. — 2. dos] de B N L M. — 3. que] *f.* B N L M. — 4. polo] posto B N L M. — 5. pôs] por A.

zados, prometendo e jurando que lhe avíão de dar outros tantos polas atalaias, o que tudo redundou em dano delas, porque estivérão em cativeiro até o ano de vinte seis, que o capitão Antonio da Silveira as tirou todas juntas, como em seu lugar direi. Nestes dias que na vila estivérão estes dous mouros, falando em alguns resgates e negocios de cativos, almogavares tomárão ũa atalaia na Atalaia Ruiva, os quais almogavares érão d'Alcacere, que, posto que o campo andou nestes dias muito recolheito, se tomava todavia a Ruiva e o Corvo e o mar, pera o gado e os fornos se servirem, e tãobem porque estas tres atalaias são candeas da vila; e, vendo os mouros a vila recolhida, parecendo-lhe que o dano era mór, os almocadens d'Alcacere, que homens honrados e sabedores érão, que um se chamava Zanaca e outro o xeque Benaravia, com cincoenta de cavalo se viérão a lançar na Atalaia Ruiva; e, saindo de mãos á boca ás atalaias [1], viérão com elas até junto dos Forninhos, donde derrubárão e tomárão a João Trigueiros, não sem muita culpa d'Estêvão d'Oliva que, por seu sogro Fernão Mazcarenhas, servia de adail, o qual estava com vinte de cavalo na Atalainha das Palmas, que a estar-se quedo os mouros não pasávão da Atalainha Ruiva e João Trigueiros se salvava; mas, como visem que o adail deixou a Atalainha das Palmas e se recolhia ao Facho, apertárão de tal maneira que, alcançando João Trigueiros, se lhe pusérão diante e, rendido, o levarão cativo onde el-rei e a jente estávão, que sabido dele tudo o que na vila pasava, levantou o arraial e se foi a Alcacere e dahi a Féz. Mulei Abrahem se despedio no noso campo e se foi a Xexuão, pasando primeiro polo campo de Tanjere, com cujo favor Amelix deu alguns rebates e tomou algũas atalaias, que, como o campo de Tanjere andava recolhido e amedrentado com a nova que tínhão d'el-rei estar no campo d'Arzila e de Francisco de Meneses não poder ir, [não fez maior dano] [2], a qual nova o conde logo mandou em um barco e polo sinal da artelharia que de noute mandava tirar; e desta maneira, que ei contado, fez el-rei muito dano nesta vinda que abaixo veio.

Ficárão os d'Alcacere tão soberbos, por serem eles os dianteiros o dia das tranqueiras, que lhes parecia tínhão vingado o dia de Todolos Santos; e com esta soberba, tanto que el-rei foi em Alcacere, ordenárão outros almôgavares de vir buscar outra atalaia e, vindo corenta de cavalo, se viérão meter nos canaveais de Tendefe e, saindo as duas atalaias, que João Fernândez Rapa-pelo e Francisco López Galeguinho érão, lhes saírão e os seguírão até pasarem o ribeiro de Jil da Mota, onde Francisco López, que diante vinha, esperou polo companheiro, que mais apertado vinha, e

1. saindo de mãos á boca ás atalaias] saindo as atalaias de manos a boca ás atalaias B N L M. De mãos á boca *ou* de manos á boca: rapidamente, subitamente. *No dicionário de Moraes indicam-se várias fontes, s. v.* boca. — 2. [não fez maior dano] *f. em todos os mss.*

com seu favor seu companheiro tãobem o pasou; mas, como ambos o alargasem, tres mouros o pasárão e os seguírão e, chegando ao João Fernândez, lhe começárão a dar de trochadas, dizendo-lhe que se dése, o que visto polo Galeguinho, posto que muito mancebo era, virou sobre o companheiro e, pondo a lança em um dos tres mouros, o pasou de tal encontro que o mouro ficou no caminho travesado da lança de Francisco López; e, vendo-se o Rapa-pelo desapresado, tornou sobre o Galeguinho, dizendo: «Eis-me, companheiro»! Os dous mouros, vendo o companheiro morto e as duas atalaias juntas, não os ousárão esperar, nem podendo tomar o porto, se lançárão ao longo do ribeiro pera o monte das Porcas, mas, vendo que o Galeguinho lhes ia pondo a lança e ia chamando polo Rapa-pelo, dizendo: «Chega, chega, companheiro!», com as quais palavras os dous mouros se lançárão ao ribeiro, por cima de um grande silvado, onde eles e os cavâlos ficárão atolados, no qual silvado um dos mouros foi bem alanceado; mas os mouros, que pola outra banda vínhão em favor dos seus, com as lanças varadas os defendêrão, que, recolhendo o mouro com muitas feridas, asi o quisérão tomar nas ancas, o que não pudérão [1] fazer [2], porque logo ispirou com a raiva da morte; e, vendo que não podíão tirar o cavalo, o alanceárão. O outro mouro, que desapresado esteve, pasou da outra parte e, com a ajuda dos outros mouros, que com as espadas fizérão caminho, cortando o silvado, tirárão o cavalo; e, com deixarem em poder das nosas atalaias um mouro morto e dous cavalos, se recolhêrão, levando outro mouro morto. A este tempo chegárão as atalaias da Ruiva ao adail Estêvão d'Oliva, que aos Forninhos estava, o qual se aquele dia os seguira os mouros se perdêrão, por irem já desbaratados e com levarem um mouro morto; mas o adail não quis bolir-se donde estava, por não ter licença do conde, e os mouros se fôrão. Francisco López tomou o cavalo e, tirada a sela do outro, se veio á Atalainha das Palmas, donde o conde já estava, o qual foi mui ledo de ver o cavalo, e logo fez mercê dele ao Francisco López e ao João Fernândez, seu companheiro; a qual mercê foi do que pouco custa, quero dizer que os capitães dos lugares d'Africa tem por costume deitarem mão do que se toma á vista da vila.

Eu não sei donde esta ordenação foi feita, nem quem lh'a deu, porque muitos casos ha e acontecem tomarem-se cavalos e mouros em dia que ha outras perdas, que muito bem se podem recompensar uns danos polos outros, como foi o dia que morreo Dom Diogo Coutinho, como atrás fica apontado, e o dia que ferírão ao conde Dom João, que, sendo ele ferido e recolhido á vila, nos achamos doze de cavalo na Atalaia Ruiva, onde era nosa lavoura, e a tempo que vinhamos com o rebate achamos os mouros no Laranjal e, sendo forçado romper por eles, matamos tres

1. pudérão] pode A; poderão L. — 2. fazer] ser B.

mouros e lhe tomamos tres cavalos e nos matárão um dos nosos e perdemos trinta bois de lavoura, e o conde deitou mão dos cavalos e nós ficamos com a perda; e outras vezes semelhantes a estas, como nesta lembrança se pode ver.

Mas tornando á mercê do cavalo, as atalaias da Ruiva demandárão sua parte, a qual se lhe não podia tirar, e, posto que Francisco López e seu companheiro alegasem a mercê que o conde fizera fora sómente a eles [1], todavia, foi necesario ao conde contentá-las e lhes fez mercê de dous mil reais de sua casa, e lhes dérão a sela do cavalo morto, que muito boa era; e com isto ficárão estas quatro atalaias contentes e honradas as duas, por acertarem fazer tão boa sorte e em tal tempo, que abaixou a soberba aos mouros d'Alcacere Quebir.

CAPITULO XCVII

Como Amelix correo as atalaias e lhes armou com um cepo

PASADOS os rebates e repiques que a vinda d'el-rei de Féz abaixo fez com sua corrida e as dos almogavares, a vila ficou algum tanto asosegada até fim do ano, ainda que os do Farrobo não leixárão de fazer seu oficio acostumado, correndo muitas vezes com todos os ardis e ciladas que a guerra requere, com homens de pé e em ciladas não vistas, até armar-lhe cepos com ganchos de ferro, postos debaixo da terra no[s] [2] caminho[s] [2] e veredas, onde os cavalos metendo o pé ou a mão cerrávão, e os cavalos ficávão peados e embaraçados, sem se poderem bulir, e, desta maneira e com esta arte, tomárão em Tanjere algũas atalaias; e em Arzila, indo Justiniano a descobrir o campo [3], vio a terra movida e, escarvando com a lança e descobrindo o que era, lhe saírão os mouros, parecendo-lhes que estava embaraçado, e o seguírão até sobre o vale do Facho, que, como Amelix sabia que o adail Fernão Mazcarenhas estava muito doente e ferido e muitos outros homens do campo, não deixava de seguir as atalaias até as encerrar, mas este dia se ajuntárão oito ou dez de cavalo e, pegando logo com ele, o Justiniano ficou salvo, e asi ele como seu companheiro pegárão tão rijo com ele que a muito trabalho se ouve com os companheiros, que no Corvo ficárão, os quais, vendo que o adail não se bolia do Facho, o esperárão como valentes companheiros, e muito de vagar, tomando o caminho do porto, o pasárão e, tomando Redemoinhos acima, por não darem vista, fôrão sair

1. eles] ele A; fora sómente a eles *f.* B N L M. — 2. [s] *f.* A. — 3. campo] porto do Canto B N L M.

á Aldea Velha; mas primeiro que saisem do porto do Canto os nosos os apertárão tão rijo que a Amelix lhe foi necesario esperar com as lanças varadas e com cinco companheiros, em tanto que os outros se alargávão, na qual resistencia o Justiniano e seu companheiro Roque Ravenga pusérão as lanças a um dos cinco e o derrubárão mal ferido, mas Amelix não se moveo até o cobrar e o tornar a pôr a cavalo, o que muito bem pudérão fazer por não verem em toda a varzia nenhum dos nosos, sómente os oito ou dez de cavalo que ao porto estávão, e todos desarmados, como homens d'erva. Chamo homens d'erva a homens que vão fazer seu proveito e não por estes não serem muito valentes homens e com eles os capitães fazerem a guerra. Amelix, tanto que da outra parte foi e se vio salvo, e que aqueles poucos o não avião de seguir, conhecendo a Roque Ravenga, por ser ezquerdo, chamou por ele, dizendo: «Ah Roque, muitas vezes fujiste de não seres meu ospede: sabe que minha casa te espera!». Isto dizia ele porque muitas vezes se lhe avia escapado, fojindo dantre as mãos; e, porque este Roque Ravenga foi o homem mais manhoso a cavalo de noso tempo e sendo homem grande era muito parelheiro [1] e corríão os cavalos com ele mais que com outro homem, e dele farei muita lembrança, por ser homem que andou muito tempo no campo e o soube muito bem e foi muito bom almocadem, e no cargo se perdeo, não como homem de recado e de tanta experiencia, como ele tinha, senão como homem que quis fazer a vontade a seus companheiros, o desbaratárão, como em tempo do conde Dom Francisco Coutinho, querendo Deos, contarei. Tãobem chamei ao companheiro Justiniano: chamava-se asi porque sua molher avia nome Justiniana Velha e, tomando o nome da molher, perdeo o seu.

Tornando a Amelix, que na outra parte do porto do Canto estava ás praticas com Roque e seus companheiros, o Roque lhe respondeo: «Eu espero em Deos que primeiro aveis de cair em minha mão e oje vos ei d'alancear» [2]; e, apartando-se Amelix do porto, deu lugar que os nosos pasasem o porto e [3] voltar sobre eles, como outras vezes tinha feito. Os nosos, vendo que nenhuns de cavalo parecíão, se recolhêrão ao Corvo, onde chegou recado do conde que as atalaias ficasem em seu posto e os outros se recolhesem, o que eles fizérão; mas, primeiro arrincárão o cepo e o Justiniano o trouxe ao conde e dahi á vila, o qual se armava como ũa bésta e, pondo-lhe a mão ou o pé, logo desarmava com tanta força que entrávão uns pregos por outros, de modo que cerrávão e o que tomávão no meio não podia sair, asi que a mão ou pé do cavalo ficava pasada dos dentes de ferro. Esta envenção de armar usárão as atalaias de Tanjere na serra do Cabo, armando aos porcos nas veredas, por onde sabíão que

1. parelheiro: *que emparelha bem com o cavalo ou está bem em sela.* — 2. alancear] alcançar A. — 3. e] pera B.

eles corríão ou seguíão, e daqui tirou Amelix armar ás atalaias e as tomar em [1] cepo [2]; e com isto deixarei as cousas da terra e direi algũa cousa do que pasou no mar neste ano de mil quinhentos e vinte dous.

CAPITULO XCVIII

Em que se conta algũa cousa do que neste ano pasou no mar

NESTE ano de mil e quinhentos e vinte dous, em que a vila d'Arzila pasou os trabalhos da fome e peste, que atrás fícão contados, em Larache avia a fusta de Quartão, que, por ser de dezaseis bancos, a aviamos naquele tempo que era muito grande; e, posto que no verão entrase algũas vezes, era tanto o medo que [3] de ũa só caravela d'armada [tinha][4], que Vasco Fernândez Cesar trazia no Estreito, que não ousava sair de Larache e, quando entrava, não pasava das Areas Gordas; e, como neste verão se viese a Larache um turco por nome [5] .... [6], com cujo favor ambos fizérão algũas entradas, tomando sobre a barra de Saltes, rio de Palos e Mujer e Olva alguns barcos, asi de pescar como pasajeiros, que trouxérão a Larache, e, tornando a entrar, chegárão a Albufeira, lugar do Algarve, a cujo rebate Nuno Rodríguez Barreto, provedor do reino do Algarve, saio do rio de Fárão e, vendo vista deles, e [7] lhes deu caça até sobre Cáliz, e os mouros, sem fazerem desta vez nada, se tornárão ao rio de Larache, onde o Quartão acabou a vida, e a galeota, por ser rota e velha, se desfez, e o turco ficou por arráiz e almocadem e vezinho noso, o qual nos fez muito dano em todo o tempo que viveo, como polo curso desta istoria direi.

Tornando ás fustas, tanto que o conde soube que esta fusta e o bargantim estávão outra vez prestes pera sair, ordenou com Pero de Meneses e Artur Rodríguez como as pudese tirar do rio, ou ao menos queimá-las; e mandando fazer bombas e bolas de fogo arteficial, a qual arte Savarim da Montanha e João Correa ordenárão e fizérão, e mandando os barcos de pescar e um bargantim pequeno com jente que entrasem de noute no rio e investisem com os navios e fizesem polos entrar e, cortando-lhe as amarras, os trouxesem á toa, e que por terra íão cincoenta de cavalo em seu favor, — o que tudo se ordenou muito bem, porque Pero de Meneses

1. em] com B N L M. — 2. *Continua assim* L: esta armadilha é antiga e foi inventada pera lobos quando neste reino de Portugal não era povoado e polos matos e brenhas serem muitos criava-se esta imundicia e lhe foi buscado este artificio pera nele cairem. — 3. que] *f.* L; *nos outros mss. f. todo o capitulo.* — 4. [tinha] *f.* A L. — 5. por nome] *f.* L. — 6. ...] *sem branco em* L. — 7. e] *f.* L.

foi á meia noite aos Medãos e fez ir dez homens honrados á borda do rio, antre os quais era Pedro Afonso Homem e seu cunhado, Lopo Mêndez, Roque Ravenga e outros, de cujos nomes não sou lembrado, os quais, vendo entrar os barcos, se lançárão a nado e, metendo-se neles, fôrão demandar o bargantim, que em nado [1] estava, apegado ás pedras; e, investindo-o, fizérão lançar cinco mouros ou seis, que nele dormíão, á agoa, ou por milhor dizer saltárão nas pedras ou penedos, porque donde ele estava era estar balroado aos penedos; por ao longo deles ser fundo e remanso, o bargantim ficou logo em poder dos nosos, mas Pedro Afonso Homem, que no barco de Bastião de Rajes ia, foi demandar a fusta grande, que dentro do esteiro estava em seco, e nela achárão muita resistencia, por nela estarem muitos mouros, e tãobem por o noso barco não poder chegar a ela, por estar na boca do esteiro; e, posto que Pedro Afonso e alguns saltasem em terra, como eles ficasem na lama do esteiro, com trabalho chegárão á proa da fusta, na qual não pudérão entrar, por lhe ficar muito alta e nela aver dez ou doze homens de lanças; e, como lhe começasem a lançar as bombas e bolas de fogo, a grita começou a ser muito grande, asi dos que fora estávão, que ás Moreiras dormíão, como dos do lugar, que, tomando o rebate, se não ouvíão com grita. Algũas das bombas começárão a pegar na proa da fusta. Os nosos vendo o rebate se tornárão ao barco e, vindo demandar o barco de Lourenço Afonso, o achárão em muito trabalho, que, como saírão do remanso, a corrente os levava ao Maraçal [2], sem poder chegar á outra banda, e ambos com muito trabalho o pusérão no Pocinho, onde os nosos de cavalo os fôrão demandar; e, avido seu conselho, detriminárão que a força de remos rompesem a agoa que enchia e trabalhasem por o tirar fora do rio, o que fizérão com muito trabalho e risco, por se deterem muito e averem de pasar junto da rocha de Larache, onde já estávão mais de cincoenta bèsteiros e espingardeiros; e, posto que logo fosem aparelhados em [3] levarem daquela parte adargas, as quais [4] lhes era pior, porque, branquejando, tirávão a elas, e, com aver dous ou tres feridos de setas, os barcos tirárão o bargantim e o trouxérão a Arzila, da qual tirada o conde foi mui ledo e, contentando os homens do mar, que nos barcos fôrão, o mandou varar ao pé do Miradouro, com entenção de o ter sempre aparelhado e com ele socorrer algũa necesidade, como trazer algũa caravela que com calma tivese necesidade dele, mas este alvoroço não ouve efeito e nunca se pôs em obra, até dali ir pera a cozinha do conde; e com isto acabarei a guerra do mar neste ano, mas, todavia, contarei como a caravela d'armada, que por guarda do Estreito andava, de que era capitão Vasco Fernândez Cesar, se perdeo dentro do arrecife com tormenta, a qual neste inverno, bespora de Natal, veio de Cepta, e, com levante e

1. nado] vado A. — 2. Maraçal] Morraçal L. — 3. em] de L. — 4. as quais] o que L.

mar muito bonança, entrou no arrecife, vindo nela Jó Queimado, provedor dos lugares, como atrás fica apontado; e, como logo nas outavas o tempo se mudase e Vasco Fernândez trabalhase por se lançar fora, e pera iso ouvérão seu conselho, o não pode fazer, por a bahia se cerrar e o seu navio ser grande, e logo ordenou de o amarrar, asi com os cabos e ancoras do navio, como com outros calabretes, que no almazem tinha, mas tudo não bastou, que, como o navio era maior do que o arrecife requere, não tinha lugar pera os cabos serem largos e, como sendo curtos, trabalhasem muito mais, lhe faltarão, e o navio veio á praia, onde se desfez, mas todo o mais se aproveitou e se meteo no almazem, e Vasco Fernândez se veio a Portugal em companhia de Jó Queimado, e el-rei proveo outro navio d'armada, em que veio por capitão João de Valadares, criado do conde de Borba; mas tãobem este durou muito pouco, que, como neste ano andase a guerra antre França e Espanha, érão muitos os franceses que andávão a roubar, antre os quais era João Florim, o mais nomeado cosairo que então avia e o mais ousado, que, sendo um pobre marinheiro e dantes criado de um mercador, se veio a fazer um capitão que o temia toda Espanha.

Este João Florim com quatro naos deu com João de Valadares, que pera Malaga ia a buscar trigo pera os lugares d'Africa; ou por João de Valadares o querer cometer, ou por não querer amainar, o investio e entrou e rendido o levou a França, e a caravela trazia armada, com que roubou muitos navios; e depois, estando este João Florim no cabo de Sam Vicente com quatro naos bem armadas, de que ele era capitão-mór, cometeo duas naos grosas de bizcainhos, e, investidas ũas e outras, os bizcainhos saltárão na de João Florim e a axorrárão [1] e rendêrão e o tomárão preso e o trouxérão a Cáliz no ano e tempo que el-rei de França foi preso, que foi dia de Sam Mathias de mil e quinhentos e vinte e cinco. Com esta vitoria, que estes bizcainhos ouvérão deste cosairo, se fizérão em Cáliz e em Sevilha muitas alegrias, asi de pricisões [2] como de fugueiras, e, não o querendo entregar ao correjedor de Cáliz, se pusérão em caminho e o levárão ao emperador, que em Madil [3] estava, o qual, sabendo de sua prisão e que os bizcainhos íão a ele, mandou a um alcaide de sua corte que, aonde os topase, lh'o tomase e dele fizese justiça, o que se fez em ũa pequena aldea alem de Sevilha.

Pois já ei apontado deste capitão francês, ou por melhor dizer cosairo, direi dele um pouco, por estar algũas vezes com suas naos sobre o arrecife d'Arzila e ahi vender alguns navios que de boa guerra aos castelhanos avíão tomado, com os quais veio ter sobre o arrecife d'Arzila e, aos Mastos, mandou por um dos castelhanos, que tomados trazia, com

1. axorrárão] axorárão L — 2. pricisões] procições L. — 3. Madil] Madril L.

ũa carta pera o conde, em que lhe dizia que lhe comprasem um navio grande de cevada, que das Canarias vinha, e outro de vinhos, e que lhe mandasem lá João de Cervano, mercador francês, que em Arzila residia e avia tido casa de mercadorias, o qual estava já casado e vevia como morador de cavalo. O conde mandou ás naos em um barco da vila a Jorje López, mercador, pesoa honrada e em quem o conde muito confiava, pera que comprase os dous navios, como em tom de os resgatar pera seus donos, e deu licença a João de Cervano que fose e ajudase a Jorje López, o qual comprou os navios, e o de cevada entregou ao almoxarife Estêvão d'Oliva, que o repartise por el-rei, e o dos vinhos mandou dar e entregar a João Loçano, vezinho de Xerez, que ahi estava perdido, que, indo pera Azamor com outro navio de vinhos, arribou com tormenta e alixou [1] todo o mais da carga ao mar e, casi perdidos, viérão ter sobre Arzila e, como perdidos, cometêrão o arrecife e, per cima dos grandes mares, entrárão e, por não trazerem ancoras e amarras, viérão varar á porta do Albacar e, perdendo-se o navio, a jente se salvou; e, posque o João Loçano era homem de bem e conhecido em Arzila, o conde lhe mandou dar os vinhos pera que os vendese e ouvese algum proveito. Jorje López ouve nas naos muita cantidade de canafistola, que parecia tinha o João Florim tomado em algũa nao das Indias de Castela. O dono da cevada veio a Arzila a pedir o seu, afeando ao conde comprar cousa tomada aos vezinhos, dizendo que, se os franceses não tivesem compradores ao que roubávão, alargaríão muito do que tomasem. Todas estas razões érão falsas, por serem tomados de boa guerra, que então avia antre Castela e França, e contudo, como nobre e magnifico, o conde lhe pasou certidões pera el-rei noso senhor lhe pagar o preço que a cevada mais valia do que os franceses a dérão, e tivemos nova que el-rei lh'a mandou pagar toda.

O João Florim tornou outra vez neste ano a Arzila e encerrou no arrecife dous ou tres navios de mercadores de Tanjere e d'Arzila, entre os quais foi [ũa] [2] gabara [3] de Cáliz, carregada de mercadorias de Luis de Presenda, as quais íão de Cáliz pera Larache, a qual gabara (ou zabra), entrada dentro no arrecife, Fernão Caldeira, contador, e o conde, sabendo o que levava e como ia a Berberia, a fizérão descarregar e a pedírão a el-rei e, sem serem as partes ouvidas, el-rei lhes fez mercê da mercadoria e a partírão ambos de dous; mas depois Luis de Presenda ouve nesta corte sentença lhe tornasem a dita fazenda, e como, primeiro que se ouvese a execução, o Luis de Presenda alargou o negocio de Berberia e destes reinos de Portugal e Castela, polo resgate de Protado [4], como ao diante se dirá, o conde e Fernão Caldeira ficárão com a fazenda, ainda

1. alixou : alijou. — [ũa] *f.* A. — 3. gabara : gabarra. — 4. polo resgate de Protado] por respeito do resgate de Protondo L.

que eu sou lembrado que Fernão Caldeira tomou parte dela e se concertou com o Luis de Presende, tornando-lhe o porque foi o concerto; e, com isto, deixarei este cansado ano de vinte dous.

CAPITULO XCIX

Como o conde Dom João veio a Portugal no ano de vinte e tres e o mais que nele pasou na vila d'Arzila e como deixou a Dom Manoel de Meneses por capitão

Muito desejava chegar ao cabo destes dous anos de vinte e um e vinte e dous, por sair dos trabalhos que a fome e peste neles deu á vila d'Arzila, parecendo-me que os da guerra não seríão de tanto dano e perda que nos não fose muito milhor pasá-los e sofrê-los, pois o uso de cincoenta e dous anos, que avia que aquela vila era tomada aos mouros, nos tinha costumado a os sofrer; mas eu me enganava, porque ela, neste ano de vinte tres, em que entendo entrar, nos deu ũa tal pancada que, levando couro e cabelo, consumio em ũa ora e acabou todas as arreliques [1] que dos anos pasados avíão ficado, e por iso dizem que cem anos de guerra e não um dia de batalha, porque ũa ou [um] [2] recontro, que neste ano ouve, fez ficar muitas veuvas e muitas orfans sem pais, perdendo-se a mais jente de cavalo e seu capitão mancebo e nobre, em que avia muita esperança, perdendo-se com ele a bandeira de Cristo com o sinal da cruz, em que Noso Senhor padeceo; e, pera mais decraração, irei dizendo quem este capitão era e porque razão o conde o deixou por capitão em Arzila.

Entrando no ano de vinte tres e começando a contar o que nele pasou em Arzila, foi que no primeiro mês do dito ano chegou nova ao conde como seu pai, o conde de Borba, era falecido, a qual nova o fez muito triste, por perder tão valeroso pai e senhor, como o conde de Borba era, e logo detriminou vir a Portugal a beijar a mão a el-rei e a visitar suas terras e estado; e, correndo em sua fantesia o capitão que deixaria em seu lugar, se lembrou de um seu sobrinho, filho de Dom João de Meneses, por alcunha Ladrão, que em Arzila morreo antre as unhas de um ferocisimo lião, o qual avia nome Dom Manuel de Meneses, que neste tempo estava em Azamor por fronteiro, e logo ordenou mandar por ele e, armando a caravela de Jorje López e de Rodrigo Afonso, a mandou com alguns criados seus, e João López Requeixo por capitão dela, em a qual escreveo ao capitão da dita cidade, que era Dom Pedro de Sousa,

1. arreliques] reliquias B N M; requilias L. — 2. [um] *f.* A.

conde do Prado, e a Dom Manoel que logo se viese na dita caravela, na qual se embarcou e em poucos dias veio ter a Arzila; e, sendo do conde mui bem recebido, o apousentou em o castelo, e aos seus cavalos com os seus, mostrando-lhe tanto amor como a cada um de seus filhos, e todos os dias, que o conde esteve mais na vila, gastou em o aconselhar e a ordem que avia de ter na guerra, porque na governança da vila a condesa bastava, mostrando-lhe o campo e lugares ordenados ás atalaias em tempo de lavouras, de guardas de lenha e erva, como era costume, e asi a ordem que avia de ter no sair aos repiques e rebates, o que parecia que Dom Manoel não sairia de sua ordem e mandado, encomendando-lhe não fizese entrada, nem se detriminase sem conselho de muitos e de mui honrados moradores, que na vila avia, como Diogo Botelho, Fernão Caldeira e outros que sabíão muito bem o campo, antepondo a todos o adail Fernão Mazcarenhas e a Pero de Meneses, almocadem, e a estes por sua experiencia e antiguidade, pois aventurávão mais que os outros do campo, posto que os outros aventurasem a vida e a honra e a deixar suas molheres e filhos sem maridos, nem pais; a estes dous, por cargo de seus oficios, se lhes imputava e carregava a culpa, quando saise o contrairo do que nós queriamos e nos cumpria, que a Pero de Meneses, como almocadem, se lhe avia de dar a culpa, levando novo capitão onde aventurase a bandeira e honra e jente, e o adail Fernão Mazcarenhas, polo cargo que tinha de seu oficio, que denota ser capitão do campo, e a ele se avia de dar a culpa, avendo algum aveso, como se lhe deu, asi por ser ele causa de levar o capitão fora, como, depois que Pero de Meneses sentio em Taliconte mormulho de jente e dizer que se tornasem, o estorvar, pola qual tardada e detença achárão os mouros de diante, como em seu lugar direi, e tãobem por o adail ter em sua casa muitos filhos e jenros e sobrinhos e criados e desa sair mais de vinte de cavalo aventurava mais que os outros, que não tínhão mais que sua pesoa, dos quais neste desbarate não escapou mais que Diogo Mazcarenhas, seu filho, e Anrique do Rego, seu jenro; e, com esta escramação, tornarei aonde estava, que era o conde Dom João Coutinho conselhar e advertir quanto podia ao novo capitão, mas tudo prestou pouco, pois estava ordenado de cima acabar ele e os moradores d'Arzila em Alfomar, como acabárão [1].

Pois sendo os navios prestes, em que o conde avia de pasar, encomendou a todos os moradores obedecesem a Dom Manoel, como a sua pesoa, pois o deixava em lugar de seu filho; e, na praia, despedido da condesa, o tornou a encomendar e lembrar o sangue tão junto que com ele tinha, como filho de seu primo com irmão e de sua prima com irmã, e embarcado na caravela, que já dise, de Jorje López e Rodrigo Afonso, e outras cinco caravelas em que frasca e cavalos vínhão, asi de sua pesoa

1. *acrescentam* B N L M : que a mala ora não ládrão cães.

como dos que viérão alegar seus serviços e a pedir mercê, viérão demandar a bahia de Cáliz, onde o conde com alguns dos seus saírão em terra, e dahi mandou aos dos navios viesem demandar a Renilha [1] e a frasca pusesem em Mertola, porque ele queria ver Sevilha e vir por terra; mas, primeiro que de Cáliz partio, foi festejado dos cavaleiros daquela cidade, em especial de Beneavente [2], pousando em casa [3] de Tomas Doria [4], que depois foi general das galés do emperador, por este Tomas Doria aver estado muito tempo em Arzila, como no ano de dezaseis e dezasete ei apontado; e outro tanto gasalhado e honra lhe fizérão em Xerez da Fronteira, jugando todolos dias canas [5], correndo touros os cavaleiros de Xerez, com gritas em louvor do conde do Redondo.

Partindo dahi chegou a Sevilha e nela foi festejado dos principais senhores, que nela avia, em especial do duque de Medina Cidonia, de quem recebeo um banquete como de tal pesoa se creseria [6], e nele lhe aconteceo um dito apresado e galante, que, por ser do conde, em quem ouve muitos, ainda que seja fora de preposito, o contarei, que foi, preguntando-lhe o duque por uns dous fidalgos deste reino, que não quero nomear, dos quais o conde respondeo que érão mui nobres e muito cavaleiros, e que se avíão sinalado em muitas cousas, asi na India como em Africa, a que o duque respondeo parece descuidadamente: «Esos heran de nuestra casa, de my aguelo y padre». Ao conde lhe pesou em os aver engrandecido, e tornou logo e dise: «Isto tem os reis de Portugal milhor que os outros reis, que fólgão de fazer nos estranjeiros e lhes fazer [7] honra e mercê», querendo dizer que se érão honrados érão mais pola honra que el-rei lhes fazia que por serem de sua casa. E com isto irei com o conde até chegar á corte, que então estava em Lisboa, e, o dia que o conde pasou d'Almada a Lisboa, era o rio cheio de barcos e fidalgos e pesoas que o fôrão acompanhar e ver, tanta era a fama de sua cavalaria; e, acompanhado dos mais senhores deste reino, chegou a beijar a mão a el-rei, de quem recebeo muita honra e gasalhado, e, dando-lhe licença, se foi á pousada, onde o leixarei, requerendo por si e por os seus, e direi quem Dom Manoel era e quem seu pai e mãe fôrão e como acabárão desestradamente.

1. Renilha] Reninha B N L M. — 2. Beneavente] Benavente B N L M. — 3. em casa nas casas B N L M. — 4. *acrescentam* B N L M: pai de João Notim Dorea. — 5. canas] as canas B N L M. — 6. como... se creseria] como convinha a tal pesoa B N L M. Creseria *parece-nos erro por* requeria — 7. e lhes fazer: *parece estar a mais; nos outros ms. f. esta anedota.*

CAPITULO C

Que declara quem Dom João de Meneses por alcunha Ladrão era e a morte que morreo

No capitulo atrás fica dito como o conde deixou em Arzila por capitão a seu sobrinho Dom Manoel de Meneses, filho de seu primo Dom João de Meneses, que por alcunha se chamava Ladrão, e de Dona Guiomar Coutinha, e que ambos morrêrão morte desestrada; e, porque neste pouco de tempo ei de tratar deste Dom Manoel, parece-me bem dar a entender quem seu pai e mãe fôrão e a morte que morrêrão, e por isto pasar em meu tempo o direi, asi e da maneira que em aquele tempo o ouvi. Era Dom João Ladrão filho erdeiro do conde de Cantanhede, irmão da condesa de Borba, e casado com Dona Guiomar Coutinha; ambos vevíão em Arzila, magnificos e nobres, não sei a causa, sómente tínhão casas honradas, posto que depois da morte de Dom João não viveo mais pesoa nelas, como ao diante direi.

Pois aconteceo asi que, antes poucos dias que os mouros entrasem e saqueasem Arzila, como fica contado no principio desta lembrança, o conde de Borba, saindo acompanhado dos fidalgos e fronteiros a dar sua guarda á lenha e erva, lhe dérão rebate de um lião que na ribeira de Bugano estava. Alvoroçados, os fidalgos pedírão ao conde o fosem matar, o que ele fez contra sua vontade e, mandando á vila por lanças d'arremeso, que o conde sempre tinha pera semelhantes casos, asi mandou chamar dous ou tres espingardeiros pera lhe tirar se com as lanças não lhe pudesem chegar, e com este alvoroço começárão a bater a ribeira, a qual não é de muito silvado; e, como a matinada fose grande de ũa parte e da outra e os cães começasem a ladrar e as vozes atroasem a ribeira, fez que dela saise um ferocisimo lião, o qual, pondo o rosto nos de cavalo, fez que nenhum o ousase remesar e, pondo o rosto em Redemoinhos, se começou a ir chegando, parecendo-lhe que por a ribeira ser mór e de mór silvado e arvoredo estaria mais seguro, mas o conde, que na ponta de antre as varzias estava, vendo-o ir, se fez prestes pera o arremesar e, igualando-se com ele, chegou a o remesar; mas o lião, tanto que sentio as estribeiras, arrincou com muita furia e presteza trás o conde, mas como Dom João se lhe travesase diante e sua lança pregase no lião, o qual, como magoado e sentido da ferida, deixando a entenção que levava, que era alcançar o conde, tornou a furia a Dom João, que diante de si vio, e, levantando-se sobre os pés, lhe lançou os braços em um hombro e, escalando-lhe o braço com as unhas e os dentes nas ancas do cavalo, os trouxe ambos ao chão; e, como neste instante chegase Dom João Cou-

tinho, filho do conde, em que agora vou falando, com a voz alta e á mão tinente deu com a lança d'alto ũa mortal ferida ao lião, dizendo primeiro: «Alarga vilão!» mas não ficou sem a paga, porque o feroz e real lião, injuriado das palavras ditas em avexação de sua real pesoa e presença, ou magoado da ferida, posto que a presa que nos braços tinha era excelente e de nobre sangue, não receou de a alargar por tomar outra sua igual e, com tanta delijencia e presteza como Dom João Coutinho correo a lança pola mão, com outra tanta e mais lhe lançou a mão em ũa perna e abrindo-lh'a até baixo; o cavalo não ficou sem leixar muita parte das tripas, porque, alcançando-lhe os arricaces [a][1] acitara, [2] a barriga foi aberta até baixo[3]; mas, como a este tempo os brados e grita fosem muito grandes, em especial o conde de Borba que, tornando sobre eles, pregou a lança na real pesoa do lião, e, como logo fosem a pé muitos moradores e deles seus criados, o lião, como afrontado do muito ajuntamento, em especial da temerosa voz do conde, ou agastado das feridas, deixando a presa que antre as mãos tinha, se começou a ir á brenha, onde levava a querença, sem o mais seguirem, deixando os dous Joanes e primos sem esperança de vida, os quais fôrão logo tomados em braços e colos de homens e trazidos á vila, onde fôrão recebidos com grande sentimento da condesa e de suas filhas, vendo filho e sobrinho em tanto risco da vida, e asi de Dona Guiomar, pois perdia todo seu bem e alegria. Os feridos fôrão aquele dia curados e remedeados polos fisicos e cerujães da vila, e logo aquela noute fôrão a Tanjere cincoenta de cavalo por mestre Diogo, por ser o milhor cerujão do seu tempo, e a sua vinda não pode tanto remedear que ao seteno dia Dom João Ladrão não deixase a sua molher, Dona Guiomar, veuva, e a seu filho, Dom Manoel, sem pai, e foi enterrado na igreja de Sam Bertolameu com muitos choros e sentimento de todos os d'Arzila, pola muita vertude e nobreza que nele Dom João e em sua molher avia.

O noso Dom João Coutinho não esteve tão fora de perigo que não chegasem a desconfiarem de sua vida, mas Noso Senhor lh'a deu e o guardou pera a muita vertude que nele ouve e pera muitas vitorias que dos imigos ouve, e, todavia, ficou eivado da perna, pola muita carne que dela faltou; e eu tenho pera mim, que ao cabo de corenta anos, que depois viveo, se lhe afistulou, e da pouca vertude dela se lhe causou a morte, e, portanto, me remeto não aver morte sem achaque. E tornando aos dias de sua cura e trabalho, não ouve dia que não fizesem precições e rogativas a Noso Senhor lhe dése vida, em que a condesa e suas filhas,

1. [a] *f.* A. — 2. ,] e A. — 3. o cavalo não ficou... foi aberta até baixo] e junto com isto a barriga do cavalo, deixando-lhe parte das tripas, e a barriga foi aberta até baixo B N L M. *Na p. 153, l. 21 já ocorreu o vocábulo* arricaz *que ahi modificamos em* arriaz. Arricaz *f. nos dicionários, mas, se existiu esta forma, parece significar o mesmo que* arriaz.

com todas as molheres da vila, íão nas precições descalças, e quis Noso Senhor que a cabo de muitos marteiros [1] e fogos lhe dar saude e alegrar os da vila; e, porque ei dito que Dom João e Dona Guiomar morrêrão morte desastrada, irei com ela ao cabo.

Pois tanto que Dom João foi morto e enterrado, Dona Guiomar se embarcou com toda sua casa e se veio pera esta cidade de Lisboa, onde algũas de suas escravas, mouras e asaz fermosas, induzidas polo demonio, concertárão de fujir por mar, em companhia de outros mouros, e, porque Dona Guiomar as encerrava de noute e as cerrava com a chave e a chave punha á sua cabeceira, ordenárão de matar a Dona Guiomar e levar o filho; e o pusérão por obra, que, estando ela em sua camara, entrárão com ela e a matárão ás punhaladas, e asi matárão ũa molher que tinha cargo de seu filho, Dom Manoel, o que não pudérão fazer que não fosem sentidas, e, avendo grita e rebate em casa, acodio jente e fôrão tomadas, e ao outro dia foi feita justiça delas; e, posto que muitas fôrão as culpadas, as tres asaz moças e fermosas fôrão por justiça [2] atinazadas e despois queimadas no meio do Rosio, defronte do Esprital de Todolos Santos; e, por esta morte tão fora de toda ordem, em morrer ũa molher tão nobre e vertuosa ás punhaladas de mulheres que dela recebíão favor, gasalhado e todo o mais beneficio que de tal pesoa se podia receber, dise, no capitulo atrás, que o pai e mãe deste Dom Manoel morrêrão morte desastrada, pois um foi morto ás unhas de um lião e outra ás punhaladas; e isto basta sómente pera se saber quem os pais deste desditoso capitão érão e como acabárão. E, porque me lembro que tãobem dise que as casas que em Arzila tínhão ficárão despovoadas muito tempo, contarei o porque se tomou agouro delas; e pasa asi que, embarcada e partida Dona Guiomar, logo se pasou a elas Tristão Vogado, fidalgo e casado com ũa filha de Rui Gômez, tisoureiro da Casa da Mina, e não pasárão oito dias que nas casas morava, quando em outra guarda topárão um lião na mesma ribeira de Redemoinhos e o cometêrão [3] com alvoroço de dizerem que aquele era o que fizera o dano pasado e matara a Dom João e tinha ferido ao outro Dom João; e, com este alvoroço, acometêrão tão rijo que, á grita e ás lanças d'arremeso, fizérão que o lião acodise por si e, saindo fora da ribeira, pôs o rosto em Tristão Vogado, que mais perto de si vio, e, alcançando-o, o tomou antre as unhas e braços e o fez pedaços, sem poder ser socorrido, e o lião ficou salvo e são e sem dano, e a fama foi que o lião era todo um; e, por estes dous fidalgos morrerem em poder de um lião, ou de dous, se tomou agouro com as casas, de tal maneira que não ousou morar pesoa nelas e estivérão despovoadas até o noso despejo.

1. marteiros] martirios B N L M. — 2. fôrão por justiça] fôrão por toda a cidade e ruas B N L M. — 3. cometêrão] cometerem A.

CAPITULO CI

Como se ordenou ir Dom Manoel fora e como os nosos almogavares tomárão tres mouros e ũa moura

Contado tenho como neste ano do Senhor o conde Dom João Coutinho veio a Portugal e deixou em Arzila a seu sobrinho, Dom Manoel de Meneses, filho de Dom João Ladrão, e asi contei quem Dom João era e a morte que morreo, sem tocar em guerra, posto que, primeiro que o conde da vila partise, mandou tomar alguns mouros pera saber e ter lingoa da terra e d'el-rei, o que pasei brevemente por chegar á partida do conde e entrar nestes dous meses que Dom Manoel durou no cargo de capitão; e, leixando algũas meudezas da vila, sómente direi como se ordenou ir fora e o encontro que achou e como se perdeo com toda a jente da vila, morrendo com ele todos os mais moradores que da peste ficárão, escapando deste desbarate muito poucos, o qual encontro pasou desta maneira.

Pasado o mês d'abril, em que o conde se embarcou, e todo maio, no qual nos corrêrão alguns almogavares, os quais não fizérão dano por o campo andar recolhido e, não podendo os mouros aver lingoa da vila, pera por ela saber [1] a jente que na vila ficou e quem érão, o alcaide d'Alcacere Quebir mandou visitar a condesa e oferecer-se, a qual visitação fez Benganeme, a quem a condesa fez muita honra; e desta visitação levou dous ou tres mouros resgatados, dos quais e de Benganeme o alcaide soube o que desejava, que era saber quem e quantos ficárão na vila, ainda que isto não nos fazia perjuizo, porque eles sempre sabem [2] a ordenança da vila, que se lhe não pode encobrir, e nós somos os que ganhamos [2] em ter todos os dias nova, porque se é [3] pera nos guardarmos recolhemo-nos [2] e guardamos [2], e se a nova é boa, com sómente sabermos que os alcaides estão em suas casas e não tem ferrado, nos aproveitamos [2] do campo, trazendo erva e lenha, e asi do mais proveito de montear e crestar, trazendo a carne e o mel que nos ajuda [2] a sostentar e suprir nosas necesidades, e por esta causa desejamos [2] que todolos dias vênhão [2] cafilas e novas, porque delas sempre ficão avisos e proveito.

Pois tornando ao Benganeme, depois dele ido nos guardamos alguns dias e, vendo o adail Fernão Mazcarenhas estar tudo sosegado, ordenou que fosem almogavares fora e, dando conta ao capitão e [com] [4] conselho

1. saber] saberem B N M. — 2. *Todos estes verbos estão no imperfeito do indicativo ou do conjuntivo em* B N L M, *mas* recolhemo-nos *em* L. — 3. é] não é L. — 4. [com] *f.* A.

de Pero de Meneses, dérão licença a Artur Rodríguez, que com trinta de cavalo fose correr Aliom e fizese por tomar algum mouro, o que Artur Rodríguez fez com tão boa dita que trouve tres mouros e ũa moura, com os quais se veio muito contente e alvoroçou toda a vila, por já aver nova e sospeita que o capitão queria ir fora, de que todos nos espantamos, porque o mais que o conde leixou encomendado era que a bandeira não fose fora, mas, segundo fama, a cobiça do adail era tanta que dizia que se ouvese presa toda avia de ser sua. Ajudava muito a esta sospeita aver tres dias que chegara de Tavila Diogo Mazcarenhas, seu filho, com sua molher e sogra e casa, e asi Anrique Mazcarenhas, seu irmão, dele adail, com sua molher, filho e filhas e casa, que parecia que pera a necesidade do frete e recebimento tinha necesidade de aver mester suas partes e as de seus amigos; mas todo este murmulho não prestou que a ida não se viese a efectuar, posto que tãobem ouve outra contradição mais aparente e necesaria que [1] bastava deixar [2] perder um ardil de muita sostancia, que era dizer a moura avia nova que o alcaide ferrava, ou tinha ferrado, ao que não dérão credito, como logo irei contando.

Tanto que os almogavares entrárão na vila e os mouros fôrão ante a condesa, logo o capitão e adail e Pero de Meneses fôrão juntos e, trazidos os mouros antre eles um e um, lhes preguntárão meudamente por o alcaide e por el-rei e onde cada um estava e o que se soava e se el-rei tinha guerra com Marrocos, ao que os mouros respondêrão por ũa boca que eles érão barbaros e não sabíão o que pasava em Féz, e que o alcaide estava em sua casa, e que asi o dizíão os que viérão do çoco d'Alcacere; e com esta nova asentárão ir fora, porque Pero de Meneses tinha espiado o campo d'Algarrafa e era tempo de sega, por ser a dez de junho, e desmanchado o consistorio [3] bom pedaço da noute, por ser a ida ao outro dia, mas, como aquela noute a moura dormise antre outras mouras da condesa, soltou que o alcaide d'Alcacere tinha ferrado, o que, tanto que foi menhã, as outras mouras o disérão á condesa, avisando-a não consentise ir Dom Manoel fora. A condesa fez logo chamar ao capitão e ao adail e a Pero de Meneses com outros moradores e, juntos na torre, fizérão vir a moura, a qual decrarou que um seu vezinho viera d'Alcacere e trouxera duas ferraduras e disera que queria ferrar seu cavalo, porque se el-rei viese estivese prestes, e asi afirmou que ouvira dizer que el-rei vinha abaixo; e, sobre isto, fizérão vir os mouros e, ameaçando-os que disesem a verdade, os tornárão a preguntar; e, como disesem que as ferraduras que trouxera o mouro d'Alcacere era costume aos [4] almogavares, que são os que tem cavalos do alcaide, pedirem ferraduras ao mordomo, quando delas tínhão necesidade, e os que tínhão cavalos seus as comprávão e

1. que] e A. — 2. deixar] pera deixar B. — 3. *acrescentam* B N L M: bem tarde e. — 4. aos] que os B N L M.

trazíão d'Alcacere, e que não tínhão ouvido nova d'el-rei decer abaixo, antes dizíão que ia á Enxouvia, por estorvar que não obedecesem ao xarife, que se avia feito rei de Marrocos. Isto quadrou tanto ao adail, Fernão Mazcarenhas, que não deixou falar nenhum dos que no conselho estávão, dizendo que a moura era molher e não sabia tanto como os homens, que vindo algum do çoco ou d'Alcaceee se ajuntávão todos, preguntando por novas as dávão tão meudamente que não ficava cousa por preguntar, quanto mais vindo d'Alcacere; e, se ouvera nova da vinda d'el-rei não ouvera homem que o não soubera e todos andárão provendo-se. Estas razões, que o adail deu, fôrão ditas com tanta vontade e eficacia, por o ardil ser seu, que, posto que Pero de Meneses e Diogo Botelho o contradisérão, não prestou nada, dizendo Pero de Meneses que bastava qualquer contradição pera deixar de ir fora ou de leixar ũa grande presa, quanto mais cousa que se podia fazer em todo tempo que ouvese boa nova, e que o conde de Borba e o grande Dom João de Meneses, em cujo tempo se ele veio tornar cristão, sempre lhe avisávão e mandávão que não deixase de se tornar, vendo qualquer cousa que lhe pusese sospeita, e isto posto que tivesem [1] levado muito trabalho e má noute, quanto mais a eles que estávão em suas casas. Disto que Pero de Meneses dise pesou ao adail e lhe dise: «Parece-me, senhor compadre, quereis estorvar o ardil e mercê que tenho pedido ao senhor capitão, o que fiz por voso conselho; e [2], acabando os mouros de recolher seus pães, fica o ardil perdido, quanto mais que nos não temos que temer da jente d'Alcacere, que não nos ha de ousar correr só, e, primeiro que se ajuntem, hão de pasar quatro ou cinco dias». A isto respondeo Diogo Botelho: «Compadre, eu não presto já senão ao pé quedo, digo que vamos em nome de Nosa Senhora, e que pelejarei, se o senhor capitão me mandar, todo um dia a pé quedo, e, posto que Pero de Meneses diga muito bem, não ha o demo de nos encontrar com el-rei, e o alcaide seguro estou [3] não nos vir buscar.» E, com este remate, se acabou o conselho e cada um veio fazer prestes seu cavalo, mas não com contentamento de nenhũa pesoa, porque Pero de Meneses dise a João Fernândez d'Abreu, seu compadre e amigo: «Vamos fora muito contra minha vontade»; e João Fernândez lhe respondeo: «Por amor de mim que não estorveis a ida, pois o ardil e cavalgada toda é do adail e não vos tenha o odio por iso»; e Diogo Botelho dise a sua molher e escravas: «Vou fora tanto contra minha vontade que se não fora chamado ao conselho não ouvera d'ir fora, mas, contudo, vêjão ao meu cavalo se lhe falta algum cravo».

E asi, uns descontentes e outros murmurando, se fizérão prestes pera a oras de bespera sairem da vila, o que se fez asi que, mandando tocar

1. tivesem] tivese A. — 2. e] que B N L M. — 3. e o alcaide seguro estou] que do alcaide seguro são B N L M. *Para* são *veja-se p. 4, nota.*

as trombetas e sendo todos a cavalo, tomando a benção que lhes o priol lançou com agoa benta, saírão pola porta da vila cento e corenta de cavalo, em ora que não divera [1], porque ao outro dia, antes que fose o sol saido, érão os mais deles mortos e descabeçados, e os que escapárão corridos e injuriados e a vila triste e cheia de muitos prantos, como logo se pode ver no capitulo seguinte, no qual direi como e da maneira que o capitão se encontrou com el-rei e como foi o desbarate dos nosos e onde foi, e nomearei alguns dos nosos mortos e alguns dos que escapárão; e, com isto, proseguirei a ida que os nosos fizérão.

CAPITULO CII

Em que se conta o desbarate de Dom Manoel de Meneses capitão d'Arzila

ASENTADO a ida, como fica apontado, e posta por obra e sendo toda a jente fora da vila, Pero de Meneses se pôs na dianteira e, tomando o caminho da Atalaia Ruiva e por Alfomar, foi tomar a folga e cea á fonte do Zambujeiro, onde ceárão e os cavalos pacêrão muita e boa erva, que no brejio da fonte avia; e, sendo o sol posto, começando a caminhar por aquela grande varzia de Taurete e deixando a estrada d'Alcacere por Alhadra, fôrão travesando dereito a Taliconte, onde chegárão ás onze oras da noute; e, indo Pero de Meneses ao longo da ribeira em busca do porto, ouvio o mormulho da jente que já tinha nova e rebate dos nosos, que, como el-rei estava na ribeira de Taliconte, as guardas sentírão os nosos pasando por Alfomar e tãobem os vírão ir pola varzia de Taurete e fôrão dar recado a el-rei e ao alcaide d'Alcacere, os quais logo se pusérão a cavalo com vontade de vir-lhe tomar os caminhos e os esperarem em Alfomar ou em Almenara, onde os nosos não podíão tornar á vila sem serem vistos; mas Pero de Meneses, tanto que se afirmou ser jente, logo esmoreceo e se teve por perdido, porque já aquela noute, vindo pola varzia de Taurete, chamou a João Fernândez d'Abreu, seu compadre e amigo, e lhe dise: «Compadre, vou muito contra minha vontade e queria que diseseis ao capitão que nos tornasemos!» João Fernândez lhe respondeu: «Que dirá o adail se vos tornardes? que, por o ardil e licença ser sua, estorvais a ida, e sempre vos terá guardado a mal querença»; e, com isto, que João Fernândez d'Abreu lhe dise, tornou a caminhar, mas, tanto que sentio a jente, tornou pera trás e de mão em mão fez chamar o capitão e o adail e lhe dise que sentia jente da outra

1. em ora que não divera] em ora mingoada e que não devera B N L M.

parte da ribeira, ao que ouve muita contradição, dizendo alguns dos nosos que tãobem ouvírão e que érão adibes, e asi o afirmou o adail; e, vendo Pero de Meneses a constancia do adail, dise ao capitão: «Senhor, quer sêjão adibes, quer liões, eu me torno pera a vila», e o capitão, vendo que Pero de Meneses se tornava, fez outro tanto, o que fizérão depois de averem feito mais detença do que sua salvação avia mester e lhe era necesario; e, depois de virarem o rostro á vila, ouve outra detença, que foi a causa final pera os mouros lhe tomarem a dianteira e os acharem diante, que foi os homens das azemalas, tanto que vírão ou ouvírão que se tornávão, por averem sentido jente, pondo no chão os barris ou canastras que nelas levávão, se pusérão em cima delas; mas o adail e o capitão, vendo ficar os barris e frasca, parecendo-lhes que era mingoa leixar rastro sem ver porque, fizérão tornar os azemeis, que na dianteira íão, e os fizérão tornar a carregar o que avíão deixado, e esta detença e a má vontade com que se tornávão foi causa de amanhecer antes que á fonte do Zambujeiro chegasem; e, não vendo cousa algũa por aquela grande varzia da fonte a Taurete, nem Alhadra, nem nas lombas d'Almenara, ouvérão que o que sentírão e porque se tornávão érão adibes e medo e não mouros, e logo se ajuntárão em magotes pera irem monteando, apartando-se uns pera Alfandux e outros pera Mijeleo e outros tomárão as lombas antre o Zambujeiro e Almenara, e o capitão com sua bandeira se foi polo caminho do Zambujeiro, onde chegou antes que o sol saise, e ele na fonte lhe dérão rebate, o qual lhe deu Nuno Gonçálvez Ratinho, que, como foi em cima das lombas e descobrio Almenara, vio a jente d'el-rei que toda vinha demandar o porto do Marmeleiro, ao longo d'Alfomar, ao qual rebate logo Miguel Fernândez Centeo, atalaia, acodio e, vendo a jente, tornou muito rijo e dise ao capitão: «Senhor, andai rijo que a jente nos vai atalhando e é muita!» E o adail esmoreceo e dise: «Viste-la vós?» «Si, vi», dise Miguel Fernândez. O adail dise a Luis Valente, por ser homem de bom recado, fose ver o que era e, dando rebate aos outros, que se recolhesem á bandeira, se pusérão no caminho d'Alfomar; mas, como o caminho d'Alfomar até o Zambujeiro é muito apertado, por a terra ser alta e apertada, tivérão lugar todos os nosos de se ajuntarem e caminhando o mais rijo que podíão, por averem a Atalaia Ruiva, porque Luis Valente lhes dava présa, por ver grande peso de jente já no porto, e Pero de Meneses quisera que por baixo d'Alfomar, por ser terra larga, tomárão um golpe cerrado e se pusérão diante da jente, parecendo-lhe que os mouros vínhão mais largos e que vendo ser jente com que não pudesem fazer o que o alcaide fez, o dia que Alvaro Nûnez morreo, que foi cerrar-se e dar as costas e não perder sua pesoa e bandeira, como não perdeo, mas não pode ser, porque não vírão de que fojíão; mas, tanto que fôrão em cima e dérão vista á cova da Atalaia Alta d'Alfomar, vírão a bandeira d'Alcacere com seiscentos de cavalo no meio do caminho, e

o fio da jente das outras bandeiras que corria a engrosar; e, vendo a contenda nas mãos, o capitão dise a Diogo Botelho que lhe encomendava os homens de pé e azemelas, ao que Diogo Botelho respondeo: «Eu quisera ir á vosa ilharga e da minha parte guardar-vos, como fiz a meus capitães, e, pois o mandais, ficarei com estes inocentes; e, se a romperdes e estes outros se afastarem, vos encomendo que vos lembreis donde vindes e a jente que tendes convosco ser criados e doutrinados do conde meu senhor» e, dizendo isto, dérão todos santiago com grande grita e, dando na batalha, que no caminho estava, a rompêrão e partírão polo meio, ficando alguns mouros no chão e, partidos, os mouros se tornárão a ajuntar; os nosos, vendo o lugar que lhe os mouros dávão, tornárão a virar, por ouvirem dizer que matávão os de pé, porque os mouros, vendo os de pé desacompanhados, fôrão a eles mais de cento de cavalo e tomando os no meio os começárão a apertar; e, vendo Diogo Botelho dar ũa lançada a um paje de Dom Manoel, de idade de treze ou catorze anos, que junto dele estava, remeteo, dizendo: «A mim, cavaleiro, que não aos inocentes que não sabem pelejar, nem são costumados a matar mouros». A estas palavras se lhe pôs diante Alé Rondin, o mouro que foi de Francisco do Soveral, por cuja causa foi Inês do Soveral forra, como atrás fica apontado, e conhecendo a Diogo Botelho, do tempo d'Arzila, lhe dise: «Ah alférez, aqui tens outro alférez!» quis dizer: «Cavaleiro, aqui tens outro cavaleiro!» e, com a lança d'alto, se veio a ele e, dando-lhe ũa grande lançada na adarga, em que Diogo Botelho a recebeo, foi ao chão com a paga que tal cavaleiro sempre deu, como em muitas partes destas lembranças ei dito, e, por ser este o derradeiro golpe que deu, o qual foi tomá-lo com a lança com ambas as mãos e pondo-lhe a lança tão fortemente que, pasando-lhe a saia de malha, o lançou fora do cavalo, bem mal ferido, mas, como já a este tempo fosem com[1] ele mais de cincoenta de cavalo, o começárão alancear de todas partes, e, vendo que a lança não lhe prestava, arrincando da espada, começou a fazer terreiro, dizendo: «Vingai-vos em mim!» O Alé Rondim, tanto que foi no chão, posto que mal ferido, tornou a cavalgar e, chegando a ele, se abraçou com ele, dizendo aos mouros o não matasem e lh'o desem pera resgate de sua molher e filha; mas, como Diogo Botelho o não entendese e trabalhase por se vender bem vendido e tivese ferido alguns mouros, e a jente d'el-rei chegase, o Rondim o não pode defender que o não matasem, dando-lhe infindas lançadas, e asi o fizérão a todos os de pé. Isto que conto de Diogo Botelho me contou o Rondim muitas vezes, por ser meu amigo[2] e vir a Arzila e pousar em minha casa, e eu na sua em Larache, onde ele vevia, e ao noso despejo o deixei vivo, como atrás dise, e me mostrou a ferida em ũa ilharga afogueada do fogo, como se eles cúrão.

1. com] sobre B N L M. — 2. amigo] conhecente B N L M.

Tornando a Dom Manoel e á nosa jente, tornárão outra vez a poer o rosto nos mouros, mas, como visem os mouros tornados a ajuntar e as bandeiras d'el-rei que já érão junto deles e outras á sua ilharga, que parecia íão demandar Alfomar, e tãobem muitos dos nosos que já estávão a pé e outros alanceados e a jente que os cercava, tornando a poer o rostro em Alfomar, fizérão por salvar as vidas a unha de cavalo, porque Dom Manoel, tanto que virou com a sua bandeira, que Rui Gonçálvez, criado do conde e pesoa honrada, levava e, como bom cavaleiro, a tornou a poer dentro de ũa batalha, onde foi derrubado a poder de muitas lançadas, e o noso novo capitão, sem se nomear, junto de sua bandeira lhe foi tirada a cabeça dos hombros, sem ser conhecido, e asi o fôrão outros muitos ao derredor dele, em que foi João Fernândez d'Abreu e Martim Vaz e João Álvarez Pereira, fidalgo que em Arzila estava omiziado, com o adail e seus filhos e irmão, o qual vendo o negocio baralhado, pondo ante si a culpa, que se lhe podia dar em levar Dom Manoel tão moço e tão encomendado donde o não podia tirar em salvo, e vendo ao derredor de si todos seus filhos e jenros e parentes, não ouvi dizer que disese outra cousa sómente: «Todos juntos demos nestes mouros, que nos não hão d'aguardar»: isto como homem muito quebrado, e na volta se ajuntou com o capitão, onde todos fôrão fondidos, porque os mouros érão já muitos, e muitos dos nosos dizem que não voltárão da primeira vez que rompêrão os mouros e logo pusérão o rosto em Alfomar e na vila, e asi o fizérão os outros, por ver se o fujir os salvava; mas, como o caminho era apertado, uns caidos e outros derrubados, até Alfomar fôrão mortos todos os que morrêrão, sómente Pero de Meneses, que veio a cair e morrer junto das Pontinhas da Atalaia Ruiva, e dizem que por culpa dos que diante vínhão, que bem pudérão fazer um piqueno corpo e detença e o aver a si, porque Pero de Meneses trazia bom cavalo; e, por ser baixo d'agulha [1], lhe correo a sela e lhe vinha no pescoço, e sempre veio bradando que o esperasem, e asi o dizia Fernão da Silva, que chamou por Anrique do Rego, Simão da Fonseca e por outros que diante vínhão, até lhes chamar de judeus, mas eles, como trazíão os olhos nos muitos que víão em Alfomar, não tivérão conta com os poucos que á longa vínhão, os quais, conhecendo a Pero de Meneses e que ele era o maior de seus imigos, o apertárão tão rijo que a sela acabou de ir do pescoço do cavalo abaixo, um tiro d'arco das Pontinhas, ás quais se chegara tivemos pera nós que se salvara, porque, sobindo pera a Ruiva ou pera os Pelouros, a sela tornara a seu lugar e não se perdera o mais excelente homem e o mais necesario que antre nós avia e que mais guerra e dano aos mouros fazia e o que mais temíão; e tanto contentamento ouve el-rei de Féz em ver a cabeça de Pero de Meneses como da vitoria que ouve; e, depois

1. baixo d'agulha] manço das mãos BNM; meso das mãos L.

de morto Pero de Meneses, não deixárão de seguir os nosos, e logo na sobida dos Pelouros estancou o cavalo de Diogo Fernândez, pedreiro, e o matárão já em cima no caminho, e foi este o derradeiro que este dia morreo; e, todavia, os mouros viérão em alcanço até antre as ortas, e no terreiro da porta de Féz se ajuntárão bem dozentos de cavalo, e os nosos escapados viérão ao longo da cava demandar a porta do Mar, os quais fôrão recolhidos com grandes prantos de toda a vila, acodindo as molheres e homens ao repique, cada ũa [1] a preguntar por quem lhe mais dohia, mas era por mais preguntar, sómente ver os que entrávão, que eses fôrão os escapados, ainda que, alem destes que diante dos mouros viérão, veio Luis Valente e Lopo Mêndez, que depois foi adail, e com eles João Álvarez Trombeta, os quais se salvárão desta maneira, que vendo Luis Valente a cousa rota quis buscar maneira de se salvar, tomando o caminho d'Alfomar e, vindo por antre mouros e cristãos, vio diante de si um mouro que com a lança d'alto levava debaixo dela a Lopo Mêndez, indo-lhe dando de lançadas, de que o cavalo trazia tres lançadas, com as quais veio á vila e sarou delas, e outras tinha recebido nas couraças, de que tãobem vinha ferido; e, como o caminho era muito estreito, Luiz Valente chegou de través e, pondo a lança no mouro, dise: «Tende-vos bem, compadre, não caiais». O mouro, vendo a lança e o cristão sobre si, se baqueou [2] tanto que foi ao chão e Lopo Mêndez ficou desapresado e, pasando ambos a aldea d'Alfomar, Luis Valente, que bem sabia o campo, tomou á mão dereita e Lopo Mêndez trás ele, e João Álvarez, que os vio ir, fez outro tanto e, não os seguindo ninguem, viérão por antre ambas as varzias, e polo pé do Corvo viérão demandar sobre o adro, a tempo que os mouros estávão antre as ortas, de maneira que, parecendo-lhe que érão mouros, os não fôrão demandar, e, polo adro abaixo, se viérão á porta da Ribeira; outros tres de cavalo se lançárão polo Pereiral e viérão polo Rio Doce, os quais érão Pero Pinto Ribeiro e Pero Moreno e outro. A outra noute viérão outros cinco de cavalo, em que veio Alonso o Negro, de quem na peste fiz muita menção, de maneira que os que escapárão fôrão perto de corenta de cavalo e os mortos fôrão cento e quatro, em que entrárão catorze ou quinze de pé, das azemelas, dos quais a todos levárão as cabeças, sem levarem cativos mais que tres, os quais fôrão Miguel Fernândez Centeo, que, sendo çapateiro, leixou o oficio e se fez atalaia, e Calaforra, filho de Calaforra, de Tanjere, e Antonio Mêndez, os quais tãobem poso contar por mortos, por todos tres morrerem em cativeiro.

Outra cousa contarei que se pode contar a [3] milagre. Achando-se neste desbarate Gaspar de Meneses, filho de Pero de Meneses, moço de idade de dezasete anos, sendo a terra rasa e sem mouta, foi derrubado do

1. ũa] um B N L M. — 2. baqueou] barqueou A. — 3. contar a] ter por B N L M.

cavalo e, antre tres mil de cavalo, o encobrio Noso Senhor de tal maneira que, não sentindo jente e sendo todos recolhidos, com terem descabeçado e despojado todos os nosos, se veio polo meio do caminho e, por antre os mortos e antes de bespera, pareceo á Atalainha das Palmas e veio á vila, pasando por antre muitos mortos sem conhecer algum, deu novas donde seu pai e outros muitos estávão, e foi muito salvar-se este moço, a pé, sem outro nenhum de quantos se perdêrão; e, com isto, cerrarei este capitulo e irei ao que na vila se fez depois deste desbarate.

CAPITULO CIII

Do socorro que veio a Arzila e quem fôrão

Foi este desbarate de Dom Manoel em um sabado aos onze dias do mês de junho do ano de vinte tres, a oras que a mais da jente da vila jazia em suas pobres camas; o que estas miseras molheres sentírão, ouvindo o sino do repique e rebate, e dizerem que a jente era toda perdida e morta, qualquer pesoa o pode sentir, tendo todas ou as mais maridos, pais, filhos, irmãos [e] [1] cunhados fora, as quais acodírão ao terreiro e porta [a] [2] preguntar e ver se algum dos seus era escapado, das quais era muito pera aver piadade de as ver, ũas gritando e outras descabelando [3]; não menos deixou d'acodir a condesa com as chaves na mão e em vasquinha, e foi logo cercada e rodeada destas tristes molheres, dizendo: «Onde leixou vosa senhoria levar esta jente, não estando na vila o conde, seu defensor, e os leixou debaixo de voso mando e amparo, e vosa senhoria não ouvera de leixar capitão tão moço ir fora, pera nos leixar em tanto trabalho, como estamos!» e outras lamentações. A condesa fez abrir a porta da Ribeira e por ela entrou Fernão da Silva, que depois foi jenro de Fernão Caldeira, e Simão da Fonseca e Anrique do Rego e Diogo Mazcarenhas, seu cunhado, e outros até trinta de cavalo, os quais outra nova não dérão senão que todos érão perdidos, e os que parecíão antre as ortas érão mouros.

Logo estas miseras e tristes molheres, gritando e carpindo, se recolhêrão cada ũa a sua casa, com tanta magoa e tristeza como seus rostos mostrávão. Muito bem se pudera neste tempo e lugar fazer ũa piadosa esclamação, em favor destas tristes molheres [d'Africa] [4], se eu tivera abelidade [5] e saber, ou não fora parte, mas direi parte do que vejo e a maneira com que estas miseras molheres neste reino são tratadas com

1. [e] *f.* A. — 2. [a] *f.* A. — 3. descabelando] descabeladas B N L M. — 4. [d'Africa] *f.* A. — 5. abelidade] eloquencia L; *f. nos outros mss.*

pouca piadade e menos honra, como parece nas casas ou nas portas dos oficiais, donde trazem alguns requerimentos, que até dos porteiros e pajens são empuxadas e tratadas sem algũa piadade, e, primeiro que a algũa lhe saia dous alqueires de trigo e mil reais pera o caminho, ândão um ano arrastadas e deshonradas; e daqui vem que do pouco favor que dos oficiais recebem avorrecerem a todos os desta cidade, em especial ao molherigo, que, sendo todos ou os mais estranjeiros, e se encérrão dentro nesta cidade as mais nações do mundo, castelhanos, andaluzes, cordoveses, burgaleses, galegos, franceses, framengos, alemães, italianos, venezeanos, sómente os africanos e africanas são as avexadas e com avexadas lhes dizem: «Sois africanas!» em especial trazem por vocabulo as civeis e baixas, não lhes lembrando que estas africanas são todas saidas deste reino, e a terra e capitães as costumão a perfeitas vertudes, sendo vertuosas, castas e onestas, sofrirem fomes, necesidades com muito sofrimento, que, como testemunha de vista, poso dizer conhecer em Arzila molheres moças veuvas, tendo os maridos em cativeiro, comerem muitos dias semias cozidas com malvas do campo; pois insultos e feitos abominaveis ainda se não vio em nenhũa delas, e nesta cidade ei vista em menos de dez anos arrastar e esquartejar cinco ou seis molheres por matarem por suas mãos os maridos e dar-lhes peçonha e outras mortes fora da ordem da natureza: isto sómente trouxe á memoria por que se não espantem dos castigos que Deos nos dá, levando-nos os temporais, e valer um alqueire de trigo dous tostões e ũa canada d'azeite seis vintens, e tudo isto pola pouca proxemidade que nela ha.

Pois tornando ao triste dia do desbarate, indo cada ũa a fazer seu pranto, a condesa ficou como espantada. Rodeada de Fernão Caldeira, contador, que ainda da mão andava mal tratado, e de Pedro Afonso Homem e de Alvaro Velho, sobre-rolda, que tãobem andava mal tratado de um braço, e, tomando a Jorje López, mercador, consigo, se foi asentar antre as portas do castelo e com ele se pôs a escrever as cartas necesarias pera el-rei e pera o conde e pera o feitor de Andaluzia, que em aquele tempo era Luis Ribeiro, e asi escreveo a Tanjere a Dom Duarte de Meneses, o d'Evora; e, escritas as cartas, mandou chamar a Fernão Caldeira, que, como capitão, era ido a ordenar que a jente toda acodise ao muro, mercadores e oficiais, o que todos fizérão com muita delijencia, e, mostrando-lhe as cartas e aprovadas serem necesarias, despachou dous barcos de pescar ao feitor, que no porto de Santa Maria estava, e a um mandou que tocase em Tanjere, os quais fôrão amanhecer ao porto de Santa Maria, e logo os cavaleiros de Xerez da Fronteira se fizérão prestes e se viérão a embarcar, e foi com tanta presteza que á quarta feira sorjírão sobre Arzila duas naos grosas, em que vínhão quinhentos bèsteiros e homens do campo, todos das terras e lugares do conde de Urrenha, que acertárão de estar embarcados pera irem servir a Orão á custa de Dom

Pedro Jirão, erdeiro da casa de Urrenha, o qual foi condenado levase estes quinhentos homens e cem lanças á sua custa, pola revolta das comunidades [1] e por querer tomar o estado ao duque de Medina Cidonia, seu cunhado; e, tanto que a nova chegou, Dom João de Figueiroa, irmão do duque d'Arcos, se embarcou e trouxe cem bèsteiros que o duque seu irmão lhe deu, e com ele veio Gonçalo Pérez de Galhegos, cavaleiro principal de Xerez, e asi veio Fernão de Padilha, que tinha o abito de Cristo, e Carles [de Valera][2], seu irmão, e, todos desembarcados, fôrão beijar as mãos á condesa, e fôrão dela recebidos como era razão; e porque de Tanjere veio Diogo Pereira com dous caravelões e trouxe outenta homens, todos oficiais e mancebos, os quais Dom Duarte escolheo pera sómente o muro velarem, e porque o alcaide d'Alcacere mandou visitar a condesa por Benganeme, o qual deu nova dos tres homens [3] sómente serem cativos e ficarem em poder do alcaide, e que el-rei se tornara a Féz, e, vendo a condesa que não avia necesidade de tanta jente, pedio a Dom João, irmão do duque d'Arcos, despedise as naos e jente de Dom Pedro Jirão, e asi se fez, ficando sómente os de Dom João com outros cem homens que o feitor mandou, os quais todos fôrão repartidos polos baluartes em suas estancias, e todos dormíão no muro, até os oito dias que o socorro do Algarve chegou, em que viérão bem seiscentos homens, e com eles veio Garcia de Melo, alcaide-mór de Castro Marim e anadel-mór dos bèsteiros, e asi viérão muitos fidalgos e homens do mar á sua custa, posto que, pera provimento necesario, bizcouto e vinhos e outras cousas, suprio Gômez Nûnez, mercador, como já no cerco pasado avia feito, como bom vasalo.

Chegado este socorro do Algarve, Garcia de Melo quis logo mandar e ordenar todo o necesario, fazendo estancias e capitães e repartindo os moradores por elas, do que alguns s'escandalizárão e não quisérão ir onde lhe ele tinha asinalado, e Alvaro Velho, sobre-rolda, lhe dise que mandase os seus bèsteiros e não tivese conta com os moradores, que ele tinha em seu ponto e rol, e que Fernão Caldeira, que servia de capitão, os podia mandar, do que Garcia de Melo ficou agastado, e dise que onde ele estava não avia outro capitão, e Fernão Caldeira respondeo que seria capitão de seus bèsteiros e não tivese conta com os moradores.

E não pasárão muitos dias que não ouve outro desgosto com Dom João de Figueiroa, irmão do duque d'Arcos, o qual foi que tendo nova que ũas fustas, que fôrão ao Algarve, se vínhão pôr sobre o arrecife, a esperar por el-rei que nos vinha cercar, a qual nova foi tão quente que a escreveo o capitão de Cepta e o de Tanjere a el-rei, noso senhor, e esta nova nos alvoroçou muito, e a condesa deu conta da nova, que tinha por

1. *Sôbre a revolta das comunidades pode ver-se Lafuente, Historia general de España,* II, p. 446–470. — 2. [de Valera] *f.* A. — 3. homens] mouros A.

certa, e ordenárão de mandar esta nova a el-rei e pedir-lhe polvora e outras monições, e que a jente da vila dormise no muro e cada um acodise a sua estancia; e, porque no terreiro estava um tiro muito groso, que ora está em Tanjere e se chama o Lião, o qual não servia por não aver estancia pera ele, quis Dom João, com seus castelhanos e cavaleiros de Xerez e de Cáliz, fazer entulho de terra no Miradouro na torre de Perna d'Aranha, pera dali o Lião tirar ao mar e á praia e, pedindo enxadas e cestos do almazem, começou a levar terra, asi ele como Gonçalo Pérez de Galhegos e os outros castelhanos, com muito alvoroço asi seu como dos moradores, ao que logo acodio Garcia de Melo, bem acompanhado dos seus bèsteiros e outros do Algarve, e dise ao Dom João que não trabalhasem, que aquela vila era d'el-rei, seu senhor, e ali tinha muitos fidalgos que podíão fazer muitos baluartes, ao que Dom João respondeo muito de vagar e muito gracejando [1]: «Todos estamos aqui pera servir el-rei de Portugal e fazer o mandado da senhora condesa, e isto parece que é necesario ao serviço d'el-rei, e, quando á senhora condesa parecer outra cousa, faremos seu mandado», e logo os moradores e castelhanos tornárão á sua obra, ao que Garcia de Melo falou algũas palavras contra os moradores, sem Dom João tornar palavra; mas, como a condesa fose disto avisada, saio logo ás portas do castelo, acompanhada de Jorje López e d'Anrique do Rego, e mandou um recado a Dom João por Anrique do Rego, em que lhe pedia se vise com ela, o qual logo o fez sem nenhũa detença, e com muita cortesia lhe pedio não deitase mão das palavras de Garcia de Melo, por ser homem asparo e querer que ninguem não merecese senão ele, e que sua obra era muito pera ser agardecida e outras palavras com que Dom João ficou sem paixão, e o entulho se leixou de fazer.

Mas, com estas novas das fustas, Nuno Rodríguez Barreto, provedor e veador da fazenda do Algarve, fez ũa armada grosa de caravelas e muita jente, e com ela veio a Arzila e trouxe bem trinta de cavalo, que fôrão os criados do conde e os moradores da vila, que com o conde viérão, os quais logo despedio e mandou se viesem a Arzila, e em Tavila os veio Nuno Rodríguez Barreto tomar e, dando-lhe embarcação, os trouxe em sua companhia; e, tanto que foi em Arzila e se vio com Dom João de Figueiroa, lhe fez muitos oferecimentos polo serviço que a el-rei fizera com tão bom socorro, e asi o fez a Gonçalo Pérez e a Carles de Valera, seu irmão, e a Fernando de Padilha, e em sua armada os levou a Cáliz, onde os leixou, e se tornou ao Estreito, onde andou até outubro, que o conde tornou a Arzila; e, porque até [a]gora [2] me detive no socorro que veio a Arzila e em algũas meudezas dele, deixarei cada um em seu lugar, ficando uns na vila e outros se tornarem a suas casas, e tornarei ao que

1. gracejando] gaguejando B N L M. — 2. [a] *f.* A.

socedeo e a guerra deu de si, estes dous meses e meio ou tres que Fernão Caldeira governou Arzila, e a guerra que os do Farrobo fizérão, vendo a pouca jente de cavalo que na vila avia.

CAPITULO CIV

Da guerra que Amelix nos fez com seus companheiros do Farrobo depois do desbarate

Tornando á misera vila d'Arzila e [a]o [1] que nela depois do desbarate socedeo e á guerra que Amelix e os do Farrobo fizérão este pouco de [tempo que] [2] Fernão Caldeira [capitaneou] [3], o qual pasado o sabado, em que foi o desbarate, e o domingo seguinte, nos quais dous dias a vila esteve cerrada e as portas fechadas, sem pesoa sair fora, mais que os dous barcos que a Castela fôrão, — pois segunda-feira pola menhã, avendo a condesa piadade da boiada estar sem comer, mandou a Anrique do Rego que, como adail, tomase o Facho e o outeiro de Fernão da Silva e a torre do Mar, e seguro dése de comer á boiada, o qual mandou dar ás atalaias e as requereo que cavalgasem, ao que logo Fernão Caldeira acodio e se pôs a cavalo e, com um remesão na mão ezquerda, desejando de se fazer ezquerdo, o brandio muitas vezes e dise a Anrique do Rego que, pois que a condesa era contente que ele servise de adail, a ele avia de conhecer por capitão, asi por sua anteguidade, como por seu oficio de contador, cujo rejimento era servise em lugar de capitão. Isto dise por sempre estarem mal, asi com ele como com o adail Fernão Mazcarenhas, seu sogro, e, aberta a porta da Ribeira, se veio poer antre as ortas, e dahi fez que o adail mandase descobrir o Facho e o outeiro de Fernão da Silva e a Atalainha das Palmas e a torre do Mar, os quais postos se descobrírão e tomárão polas atalaias mais velhas e usadas, as quais érão Roque Ravenga, Afonso Pinheiro, o Lamezinho, o Ramirão e, tanto que foi descuberto ao derredor da vila, mandou deitar a boiada fora, e asi o gado meudo e, rodeado com a jente de cavalo, que toda era trinta de cavalo, lhe deu ũa fartadega [4] nos rastolhos do pão [5] do conde e no chão de Fernão Meirinho, onde andou até noute, posto que aquele dia ouve dous rebates, os quais fôrão a um cavalo sem dono, que parecia nas lombas de Bugano, parecendo que seria dos nosos, como era; fôrão por ele quatro atalaias, indo descobrindo o vale do Facho e a Atalaia Gorda, parecendo-lhes podia ser a negaça e armarem a tomar ũa atalaia, mas,

1. [a] *f.* A. — 2. [tempo que] *f.* A. — 3. [capitaneou] *f.* A. — 4. fartadega: fartadela. *Esta derivação desapareceu na lingua moderna.* — 5. pão] chão B N L M.

tanto que chegárão a ele, conhecêrão ser de um irmão de Anrique do Rego, que parece que, sendo seu dono morto, o não pudérão aver á mão e o trouxérão, e logo o comprou o Caraujo e nele andou muito tempo na Atalaia e se salvou muitas vezes. Esta ordem de dar de comer ao gado se teve alguns dias, até vir o socorro, que os bèsteiros e espingardeiros íão todos os dias fora e se pûnhão nos valos das ortas. Falo em espingardeiros, porque ainda neste tempo não me lembro falarmos em Arzila em arcabuzes, nem em soldados.

Pois tendo Fernão Caldeira esta ordem trabalhava por dar de comer á sua boiada e trazer suas atalaias tão perto e redondas que lh'as não tomasem, mas Amelix, almocadem do Farrobo, que mui manhoso e sabedor era, vendo o tempo aparelhado pera usar de suas manhas e ardis, não se descuidou de fazer a guerra, armando ás atalaias ao perto e ao lonje, correndo-as até as meter por dentro das tranqueiras e ortas; e, a primeira vez que nos correo com sua quadrilha, se lançou na fonte d'Alvaro Gabriel, mais perto lugar onde jente se pode meter em cilada, e acertou ser o primeiro dia que o Caraujo foi atalaia, e o seguio até o pé de Santa Cruz, trazendo-o sempre debaixo das lanças [1]. O Caraujo lhe escapou desta vez, não como homem novo, senão como homem usado a fujir aos mouros; verdade é que o companheiro, Afonso Pinheiro, o veio sempre aguardando e favorecendo, até se meterem ao longo da cava, ao pé de Santa Cruz.

Estávão os nosos tão quebrados, por aver cinco ou seis dias que fora o desbarate, que, estando Anrique do Rego, adail, antre as ortas de Pedro Afonso e do doutor, donde vio sair os mouros e os contou, que todos érão dezasete ou dezouto, se recolheo com outros tantos ás portas da vila, podendo vir polo caminho velho demandar Santa Cruz, e fizera dous proveitos, que os mouros não seguírão tanto ao Caraujo e, enleando-se, como se enleárão, trás ele, os pudérão atalhar, travesando o chão do conde, que será um tiro de pedra de largura, e no adro os podera alancear e derrubar dous pares deles, pois os via todos e não podíão ser socorridos, ainda que tivérão muita jente, mas não se lhe pôs muita culpa polo tempo, e tãobem o avíão por muito fraco. Os mouros pasárão ao pé de Santa Cruz e, vendo despejado ao longo da cava, e que da porta da vila não saia pesoa, estivérão em duvida de se recolher ao longo da cava e irem-se ao Facho, parecendo-lhe não avia mais jente na vila que os que se recolhêrão á porta, mas, como visem a Fernão Caldeira na praia, com outros quinze ou vinte de cavalo, que, saindo pola porta da Ribeira, aportaleceo ao baluarte da Praia, os mouros, vendo-se tão perto dos nosos, dérão-se por perdidos, e juntos se fôrão á tranqueira do Adro, pera se porem no caminho das Pontinhas. Fernão Caldeira se veio á

1. das lanças] da lança B N L M.

porta da vila, onde soube que os mouros não fizérão nada e, vendo que alguns mormurávão do adail e que os mouros érão perdidos, dise que não era tempo d'aventurar um homem por vinte mouros, e que a guerra dava de si muitas cousas, e que ela nos daria o tempo e aparelho que deu aos mouros, e que por agora não rogava a Deos senão que os conservase de maneira que não recebesem mais perda da pasada.

Os mouros este dia fizérão muitas sobrançarias, que, vendo que os nosos os leixávão ir sem contenda, escaramuçando se fôrão ao Facho, espalhados pola terra de Lopo Mêndez, e do Facho se veio Amelix com outros dous de cavalo á tranqueira do Meio e, chamando com a adarga, mostrou querer falar, e logo acodio Roque Ravenga e Pero Fernândez o Torto, aos quais Amelix dise que folgava de os ver e saber que érão salvos, e asi as atalaias velhas, e esperava de os tomar e ter em sua casa por ospedes; e a Roque Ravenga dise: «E tu, ezquerdo, traze bom cavalo, porque ei de fazer muito por te tomar e ires a poder de Mulei Abrahem, que já sou pago». Roque dise: «Eu não ei de leixar de ir á atalaia e cairei quando Deos quiser, que asi farás tu, que andas mais arriscado».

Toda esta detença deste dia, que Amelix fez, toda foi pera ver os lugares onde se podia estar em cilada e correr ás atalaias; e, pareceo isto ser asi, porque dahi a tres dias nos tornou a correr e se lançou á Pontinha do vale do Facho, e as correo até cima sobre o adro de fora, mas não ousárão decer abaixo, nem se pôr em o risco que da outra vez se pusérão; e, recolhidos os almogavares, Fernão Caldeira com os trinta e cinco de cavalo correo todos os valos e fez tapar alguns portais do valo do Facho e dos traveses, onde pareceo podíão atalhar ás atalaias, mas Amelix, como manhoso e ousado, não leixou de nos dar outros rebates, em que nos tomou e matou algũas atalaias.

CAPITULO CV

Como Amelix salteou quatro atalaias no outeiro de Fernão da Silva e matou ũa e levou outra

Não pasárão muitos dias, depois destes dous rebates, que Amelix não tornou a entrar no noso campo e nos deu um forte rebate e nos levou ũa atalaia e matou outra, cometendo ũa forte ousadia, como aqui se pode ver, a qual foi que, lançando-se com vinte de cavalo da outra parte do Rio Doce, no corrego que as fontainhas de Pero de Meneses fazem, o qual corrego está defronte do outeiro de Fernão da Silva, no qual outeiro estávão quatro atalaias, as quais Amelix ordenou

de saltear a pé; e, pera o poder fazer, lhe deu causa estar a varzia do conde sameada de milho zaburro, o qual estava tão crecido e alto que os homens a pé não parecíão nele; e toma esta varzia do conde do pé do outeiro á borda do Rio Doce, e o Rio Doce vem fazer ũa volta ao pé do outeiro, que é tão estreito que aqui estava ũa ponte pera homens de pé de ũa só viga de largura, porque ũa pegada na outra alcânção o rio de ũa parte a outra, e por esta viga íão homens de pé á outra banda a fazer erva e a pasávão á cabeça, ou em feixes.

Pois vendo Amelix este aparelho pasou o rio a nado com outros companheiros, que érão oito, e por a milharada viérão até o pé do outeiro e subírão por ele com as barrigas polo chão e as lanças polo alvado, até chegarem junto das quatro atalaias, e, por as verem em pé e paseando, as não ousárão cometer; e, como homens sabedores e de guerra, esperárão que fizesem algum movimento de si e não s'enganárão, que asi como o cuidárão asi lhes saio, favorecendo a fortuna os ousados, e ordenou que, sendo no meio da calma, as duas atalaias ordenasem de ir beber á fonte de Alvaro Gabriel, dous ou tres tiros de pedra do posto donde elas estávão; e, pondo-o por obra, as duas atalaias se pusérão a cavalo, as quais érão Afonso Pinheiro e o Lamezinho, dous homens dos mais valentes que na vila avia, mas tão descuidados vilãos que de preguiça deixárão as lanças no paradão e, desenfreados, sómente c'os cabrestilhos nas cabeças dos cavalos, fôrão á fonte, não lhe lembrando que naquele piqueno espaço podíão achar outra cousa senão agoa que na fonte está; e, por este erro destas duas atalaias, tão craro tenho dito em muitas partes desta lembrança quantos erros e desmanchos temos feito, por nos parecer que não avemos d'achar outra cousa senão o que iamos buscar, porque, indo a monte, pera outra cousa não imos aparelhados, e asi o fazemos a qualquer ardil a que imos, e quando se acha outro revés nos poem em sobresalto, como fez a estas duas atalaias, que, achando-se sobresaltados e sem lanças, fujírão até a vila; porque Amelix, tanto que vio o que esperava, que era ver apartadas as atalaias, e que as outras duas andávão paseando, em virando as costas remetêrão com tanta présa que, primeiro que virasem, fôrão senhores das lanças e cavalos; e, vendo ũa delas, que João Rodríguez Trombeta era, que já não podia aver o cavalo, nem lança, cuidando se salvaria a pé, se lançou polo outeiro abaixo, mas não lhe prestou ser mancebo e bem desposto, que logo foi alcançado de cinco mouros, que após ele se lançárão, que bem pareceo nele que aos que fojem se lhe embaráção os pés, e alcançado o tornárão a levar polo meio do outeiro, onde já estava o companheiro morto e pasado de duas lançadas, o qual atalaia se chamava João Télez, que, como se vise antre os mouros, levou de ũa meia espada ou javarina que na cinta tinha; e, como os mouros, que com ele ficárão, não érão mais que tres, por que os cavalos se lhe não fosem, não quisérão fazer detença e, pondo-lhe

as lanças nos peitos, o pasárão e, caido, não fizérão mais detença, e asi como andava paseando, asi o leixárão, sem lhe tirarem cousa algũa, nem lhe levarem a meia espada, que junto dele ficou.

Os outros, que tomárão a João Rodríguez, não vendo pesoa de que pudesem temer, porque Afonso Pinheiro e o Lamezinho, tanto que ouvírão o rebate e vírão os mouros no[1] pé do[2] outeiro e vírão-se sem lanças, não tivérão conta de socorrer e favorecer a João Rodríguez, antes, pondo os rostos dos cavalos no adro, não parárão até as eiras, onde se ajuntárão com Roque Ravenga, que sobre as Pontinhas por atalaia estava, que tãobem fujio com o rebate; e, estas tres atalaias com Roque Rodríguez de Fárão, que depois foi mui bom homem e bom almocadem, ainda que mofino, como adiante se dirá, que nas eiras se achou debulhando um pouco de pão, posto que outros, que nas eiras estávão, em ouvindo o rebate se recolhêrão com os bois e bestas á porta da Ribeira, — mas os dous Roques e as duas atalaias fôrão logo em cima do outeiro com os mouros, os quais, vendo que tornávão sobre eles, se lançárão polo mais ingreme do outeiro abaixo, dereito ao Furadouro, levando os cavalos polos cabrestilhos, lugar por onde os nosos não podíão [ir][3], e lhes foi necesario tornarem, rodéando pola fonte; mas, quando fôrão em baixo, já érão desta parte do rio outros cinco mouros, que, como bons companheiros, tanto que vírão o rebate, os que estávão á fonte de Pero de Meneses viérão correndo a favorecer e esperar os seus, e estes cinco pasárão o rio a nado, que, como ei dito, é muito estreito, e, quando Amelix chegou com João Rodríguez, já os dous cavalos érão pasados da outra parte e, sem algum embaraço, pasou com seus companheiros e sua atalaia cativa; e, vendo que os nosos s'afastávão da borda do rio, por medo de um bèsteiro que lhes tirava, Amelix chamou por Roque e lhe dise que chegase, que não lhes tiraríão, e chegados lhe dise que aquele homem que matárão era louco, que sem lança, nem cavalo, quis pelejar, que ele não levava proveito dos mortos; e, com isto, tomou o caminho d'Alecasapo.

O repique foi muito grande e Fernão Caldeira chegou ás eiras, onde tomou o recado a que fora o rebate, e, com esses poucos que com ele eramos, nos fomos ao outeiro de Fernão da Silva, onde achamos o João Télez morto e pasado de duas lançadas e a meia espada junto dele, e vimos ir os mouros aos Caminhos, que é antre o Palhegal e o porto das Pedras, e, sosegadas as outras atalaias, fez trazer o João Télez á vila. Este foi o primeiro homem que matárão [os mouros][4], depois do desbarate de Dom Manoel.

1. no] de L; *nos outros mss. f. êste passo.* — 2. do] no L. — 3. [ir] *f.* A. — 4. [os mouros] *f.* A.

CAPITULO CVI

Como Amelix matou ũa atalaia no vale do Facho e Fernão Caldeira mandou trás ele [1] e lhe matamos dous de cavalo

Depois que Amelix cometeo as atalaias do outeiro e levou a João Rodríguez Trombeta nos deu outros rebates, mas não fez dano, posto que outra vez armou detrás da Pontinha e saio a Cristóvão Rodríguez Chamiço, descobridor dos valos, e o correo até sobre o adro; mas, como já fosem vindos os moradores e criados do conde, que viérão em companhia da armada de Nuno Rodríguez Barreto, e os de cavalo crecesem e ouvesem [2] já até sesenta de cavalo, as atalaias se alargárão ao [3] Corvo e á Ruiva, por a vila se servir de lenha, que, como a jente era muita, avia necesidade dela, Amelix teve aparelho pera armar mais largo e mais a seu seguro e, deitando-se no Corvo, saio ás atalaias e as seguio até o vale do Facho, e nele veio a embarrancar ũa delas, a qual era um homem novo, que aquele dia foi o primeiro que foi á atalaia, parente ou irmão da molher d'Estêvão Fernândez; e, embarrancado no valo do Facho, ele trabalhou por se lançar desta parte do valo, e os mouros, por lhe defender a subida, o matárão e lhe cortárão e levárão a cabeça, e o cavalo pola redea se saírão do vale e polas lombas do Corvo nos fôrão dando vista, e polo caminho do Pereiral se fôrão encobrindo, mostrando serem d'Alcacere; mas Pero Fernândez e outros, que ao vale fôrão ter junto deles, afirmávão ser Amelix que, por saber dos navios que érão vindos, trabalhava [por] [4] tomar lingoa e saber do conde.

Entendendo Fernão Caldeira ser asi, e que estes mouros avíão de tornar a demandar a Pedra Alta e o porto dos Alcaides, seu dereito caminho do Farrobo, ordenou de os mandar atalhar ás bocas e, chamando a Artur Rodríguez, que já não avia outro almocadem, lhe deu vinte cinco de cavalo e, tornando á vila, tomando a praia na mão, polo pé d'Alfandequim, pasárão o rio d'Algorrife, e pola Beleta fôrão sair antre o Palhegal e Almeida, onde ouvérão vista dos mouros que íão antre a Muliana e Almeçús; e, desejando Artur Rodríguez de se lhe poer diante e alcançar Benamendux, quisérão tomar um troto, o que não pudérão fazer, sem serem vistos polas atalaias que sobre si levávão, como homens de bom recado, e, dando rebate aos dianteiros, se afastárão dos nosos o mais que pudérão; mas, tanto que Artur Rodríguez sentio que os mouros íão com rebate, arrincou a eles e á longa chegou a os derrabar, que foi

1. ele] eles B N L M. — 2. ouvesem] ouvese B N L M. — 3. ao] até o B N L M. — 4. [por] *f.* A.

antes de se averem na serra de Benamares alcançasem [1] dous deles, os quais logo fôrão mortos e alanceados, e João Vaz, mourisco, irmão de Gonçalo Vaz, que em Tetuão foi marterizado, lhe cortou as cabeças e as trouxe na cevadeira á vila, em vingança de seu irmão. Este João Vaz recolheo o conde a sua casa e era seu criado e viera de Portugal com os outros criados do conde, e não chegava a mouro que o não matase e lhe cortase a cabeça.

Com estas duas cabeças e dous cavalos se tornou Artur Rodríguez e deu aos da vila um pequeno de contentamento, e os cavalos se vendêrão e um deles ouve eu, que foi o primeiro cavalo que eu ouve pera servir, o qual era um rocim magro, mas como os mouriscos são tão fadigais [2] que tudo o que fazeis neles tudo aproveita, e depois de gordo se tornou um fermoso jinete, e poso dizer que comecei a servir e ter cavalo em tempo que a vila estava quebrada e sem jente, e daqui por diante sempre nos foi de bem em melhor; e daqui poso falar como de vista, pois nas mais das cousas que nela acontecêrão me achei, e nas que até qui tenho contado, alem da lembrança que tenho, estive muitas vezes nos lugares e pasos onde pasávão e as praticava com pesoas que nelas fôrão, como Pedro Afonso Homem, Fernão Meirinho e João Vaz, meus compadres e amigos; mas, tornando á vila, estas duas cabeças fizérão grande alvoroço, em especial aos moços e rapazes da guarda.

Tornando a Amelix, ele se recolheo este dia por Benamares, espantado do animo dos nosos em tempo que tão quebrados estavamos irmos cinco legoas depós eles, e desejava saber a jente que nos navios viera, que jente era e quantos de cavalo; e, como homem de animo e que não se espantava das voltas da guerra e fortuna, não leixou de nos tornar a dar muitas vistas e rebates, correndo trás as nosas atalaias, até as meter polas tranqueiras a dentro, mas quis Deos que nestes dias não tomou, nem matou nenhũa, posto que muito fizese polas aver. A razão foi que, como o campo andava muito curto e recolheito, e não avia necesidade de mais que seis atalaias pera serviço da vila, estas érão homens de muito recado, e que seus cavalos érão fartos e lijeiros, e se favorecíão ũas ás outras, as quais nomearei, pois delas ei de fazer muita menção e em muitas partes ei de falar nelas, como em Roque Ravenga, que, servindo vinte cinco anos na atalaia e lhe armarem, nunca o pudérão tomar, e asi Afonso Pinheiro e Pero Fernândez o Torto e o Ramirão e o Lamezinho: todos estes érão homens do campo e boas atalaias e, por andarem a recado, Amelix as correo muitas vezes.

1. alcancasem] e como alcançasem B. — 2. são tão fadigais] sempre dão de si sinal L; *nos outros mss. f. êste passo.* Fadigais *f. nos dicionários.*

CAPITULO CVII

De como fomos correr ao Farrobo e tomamos dous mouros

Depois da morte destes dous mouros, Amelix nos[1] tornou algũas vezes a correr-nos [1], mostrando muita vontade de se vingar e levar as cabeças dos que alcançase; e, com esta vontade, se lançou algũas vezes no vale do Fácho e correo ao Chamiço, mas ele andava tão percatado que os sentio e lhes fujio, sem eles pasarem o vale, e se tornárão asaz corridos; mas, como viesem outra vez com ardil novo, de armar largo onde ouvese espaço de as correr, e antre outras vezes se lançou na fonte de Bugano e, estando esperando que os fosem descobrir, vírão asomar polos rostos d'Alfomar a cafila á fonte do Zambujeiro, e com eles vinha o alfaqueque, e á longa vinha a cafila de Féz e d'Alcacere, e os dianteiros érão Simão Rabelo e micer Ambrosio, como feitor e escrivão, que érão idos a Féz arrecadar o lacar e alaquecas e as outras mercadorias que da feitoria avíão deixado, por causa da peste, como atrás fica dito na vinda de Francisco Gonçálvez e de Sancho Rabelo; mas, tanto que Amelix vio de Bugano asomar estes tres de cavalo, mandou logo seis ou sete dos companheiros os fosem deter, o que fizérão com tanta soberba que, chegando a micer Ambrosio e a Simão Rabelo, lhes pusérão as lanças nos peitos e os despírão os bedens e lhes tomárão os sombreiros, e, por o alfaqueque lhes responder que não tratasem mal aos cristãos d'el-rei e do alcaide, respondêrão que eles sómente servíão a el-rei, fazendo a guerra de noute e de dia á custa de seu sangue, e que ele levava a nova aos cristãos e que merecia que o matasem, e tudo afim de [2] micer Ambrosio, como mercador, lhes dése de sua vontade algũa cousa, ou lhes soltase o que lhe tínhão tomado; e, desta maneira, os tivérão amedrentados até que Amelix chegou, que foi depois que correo trás Afonso Pinheiro e Afonso Gonçálvez, castelhano, os quais seguio até o vale e, não os podendo alcançar, se recolheo por antre ambas as varzias, onde o alfaqueque lhe foi falar e fazer queixume de seus companheiros, ao que logo acodio e, pelejando com seus companheiros, lhes tornou os bedens e os sombreiros, mas algum dinheiro que da cevadeira tomárão a micer Ambrosio não lh'o pode fazer tornar e, chegando a micer Ambrosio e a Simão Rabelo, lhes pedio perdão, dizendo que os outros érão estranjeiros e, como homens que vevíão de furtar, lhes avíão feito descortesia e, rogando-lhe se detivesem um pouco, se despedio; mas, como logo asomasem as atalaias polos Pelouros e desem vista á cafila e aos almogavares

1. nos] *f.* B N L M. — 2. de] que B N L M.

que íão caminho do pontal d'Almenara, parecendo-lhe que era mais jente, dérão outro rebate, o que fez estarmos todos no Facho com Fernão Caldeira e, vendo asomar na Atalaia Ruiva os que fôrão causa do rebate, conhecemos que era o alfaqueque, e, tanto que chegou Simão Rabelo e micer Ambrosio, e contárão o que pasárão com os almogavares, foi tanto o alvoroço de irmos após eles que todos á ũa pedimos a Fernão Caldeira nos dése licença pera os irmos esperar ás tranqueiras do Farrobo, pois tinhamos boa nova d'Alcacere e de Féz, e, posto que Amelix se recolhese por Almenara, fazia muito rodeo e podiamos ser na ribeira do Farrobo primeiro que ele.

Vendo Fernão Caldeira a vontade de todos, nos apartou trinta de cavalo, e, tomando a praia na mão, fomos pasar o porto d'Alfandequim e, tomando o caminho de Tanjere, demos connosco em Darcaxais; e, posto que até qui avia muitos almocadens, daqui por diante se pôs na dianteira Artur Rodríguez e Afonso Barriga, e, travesando a varzia, demos connosco no Burro, ũa serra pequena que está ao pé do Farrobo á parte de Darbufez, e por ele fomos dar vista ao ribeiro dos Alomidros[1], onde vimos o campo andar largo, mas não tanto que pera alcançar algũa cousa era necesario chegar junto das tranqueiras, e, porque não parecia pesoa de cavalo, estivemos esperando se veriamos vir os almogavares, os quais, como se recolhêrão por Benamares, entrárão na serra pola boca de Benamaçuar, donde os mais dos almogavares érão, e não podíão ser vistos de nós outros; e, estando asi, vimos dous mouros que se recolhíão, cada um com seu odre de mel, que com o favor dos almogavares andárão a crestar no noso campo.

Pareceo bem a Artur Rodríguez e a Afonso Barriga, que tãobem se lhe dava credito de almocadem, sair aos mouros, os quais fôrão logo alcançados de Roque de Fárão e de Jorje Vaz de Magalhães, que os defendêrão de João Vaz, mourisco, que os não matase; e, com estes dous mouros, nos tornamos a recolher, muito contentes por serem os primeiros que tomamos depois do desbarate, e, com estes dous mouros vivos e os dous mortos, cerrarei estes tres meses de Fernão Caldeira, e tirarei as tormentas e nevoeiros e trovoadas que na vila ouve nestes tres meses, com novas que nos vínhão cercar por mar e por terra, e esta nova afirmou Simão Rabelo, escrevendo ao conde que nos vínhão cercar, e que por esta rezão os despachou el-rei, e que mestre João, artilheiro d'el-rei, lhe disera que lhe tínhão mandado fazer duas peças d'artelharia grosas, e que el-rei de Bélez tinha oito navios de remo e em Tetuão avia outros tantos.

Estas novas e rebates e alvoroços todos se acabárão com a vinda do

1. Alomidros] Alandrois BNM; Alandrões L. *Será* Aloendros? *Este nome já ocorreu.*

conde, que foi na fim do mês de setembro, e com sua vinda não ouve pesoa que mais falase em cerco, posto que, em chegando, o conde mandou toda a jente fora a entrar, e, por terem nova que Mulei Abrahem era no noso campo, leixou o caminho e, travesando todo o noso campo, tomou o Soveral, parecendo-lhe se não podia salvar doutra maneira, e com esta tardada e rodeo pasou a vila um grande trabalho, pola tardada que aquela noute fizérão até o outro dia pola menhã, que Deos os trouxe a salvamento, como logo se pode ver neste outro capitulo.

CAPITULO CVIII

Como o conde se veio pera Arzila e algũa cousa antes de sua chegada

As novas de nos cercarem por mar e por terra fôrão tantas e tão meudas que se lhe dava credito, sem aver razão pera iso, pola muita falta de jente que no reino de Féz avia, por ser toda ou a mais consumida nos anos pasados, e por el-rei de Féz ter novo competidor nos xarifes, que se fazíão poderosos, sendo já um deles rei de Marrocos e outro de Suz; mas, como el-rei de Féz era guerreiro e imigo de cristãos, e em Castela avia avido as revoltas pasadas das comunidades, parecia-nos intentaria algũa cousa, e tãobem por Arzila estar falta de moradores e os muros não serem acabados, e neles se não avia feito obra depois da prisão de Francisco Ribeiro, e por estes dias irem oito fustas á costa do Algarve, e avíão dado em Tavila um bravo rebate, el-rei, noso senhor, mandou ao conde se tornase, que foi o milhor conselho de todos, porque com sua vinda cesárão todos estes [alvoroços] [1], como parece polo sosego em que a terra ficou com sua vinda, a qual foi desta maneira.

Despedido o conde d'el-rei, noso senhor, sem despacho, sómente que se viese pera Arzila, ele se veio a Mertola, acompanhado de seus cunhados, o capitão dos jinetes e Dom Manoel Mazcarenhas, e asi o fizérão até Tavila, donde tomou os navios necesarios pera si e pera os seus, e mandou recado a Nuno Rodríguez Barreto, capitão de ũa armada que ele, como veador da fazenda do Algarve, avia feito, o qual andava no cabo de São Vicente, por causa dos franceses que aquele ano érão muitos na costa do Algarve, os quais érão dous capitães, um João Florim, do qual já ei feito menção, e outro era .... [2], capitão doutras quatro ou cinco naos; e porque el-rei, noso senhor, despachou ao conde duas caravelas d'armada, pera que andasem em guarda do Estreito, cujos capitães érão Bastião Nûnez e Pero da Costa, e asi a Vasco Fernândez Cesar, que

1. [alvoroços] *f.* A. — 2. ...] *sem branco em* B N L M.

em um galeão pequeno de duas gavias viese em companhia das duas caravelas do Estreito e dentro trouxese déz ou doze peças d'artelharia grosa pera Arzila e, posta esta artelharia em Arzila, ficase em companhia da outra armada da costa do Algarve.

Concertado isto desta maneira, o conde se foi á vila de Santo Antonio, á boca do rio de Odiana, onde a armada o avia de vir tomar, e asi foi que Vasco Fernândez Cesar com seu galeão e as duas caravelas do Estreito fôrão ter ao cabo de São Vicente, onde achárão nosa armada e os franceses enxotados, e, tendo recado do conde que estava prestes, o fôrão demandar; e, porque Vasco Fernândez surjio em a bahia de Lagos e saio em terra a ver sua molher, a armada pasou de longo, e ao cabo de Santa Maria deu com o capitão francês em ũa nao grosa e outra mais pequena, o qual, como estava costumado a render outras naos e não amainar, antes se ordenou a se defender e ofender de tal maneira que, primeiro que a rendesem, recebeo muito dano, e asi o recebeo a nosa armada, que, como a nao era sobranceira e mais alta que as nosas caravelas, não a ousávão abalroar, e érão tantos os arteficios de fogo que os nosos recebêrão muito dano, e por derradeiro a tratárão tão mal que, com morte de muitos e cuido que do capitão-mór, a rendêrão e muito mal tratada a metêrão no rio de Fárão, onde esteve muito tempo até se desfazer. Esta nao rendida, a armada se veio sobre Odiana, onde esperou dez dias por Vasco Fernândez; e, vendo que não vinha, [se foi] [1], porque as duas naos deste capitão francês ouvérão com ele ũa brava peleja sobre Albufeira e o tomárão forçosamente, e, posto que as cousas do mar ficão e as deixo pera os cabos dos anos, esta contarei brevemente.

Partido Vasco Fernândez Cesar de Lagos, onde se deteve dous dias em sua casa e com sua molher, se fez á vela em busca da armada que o esperava do cabo de Santa Maria até a barra de Odiana, mas, tanto que pasou da barra de Vila Nova e foi em Albufeira, foi dar com duas naos de franceses muito bem armadas [2], as quais o viérão demandar e, chegando a ele, lhe requerêrão que amainase, ao que Vasco Fernândez respondeo que amainasem eles da parte d'el-rei de Portugal. A reposta foi com [3] ũa boa ruciada d'artelharia e bombas de fogo que o galeão parecia arder, e com isto o balroárão cada nao de sua parte, parecendo-lhe o entrasem, o que não ousárão fazer por vir todo cerrado de rede, e pola muita artelharia e arteficios de fogo com que o galeão os recebeo. Os franceses trabalhados [4] e corridos trabalhárão por se afastar, no qual afastamento recebêrão muito dano, dando-lhe muitas bombardadas polos costados das naos, de maneira que os das naos ouvérão por melhor conselho tornarem

1. [se foi] *f.* A. — 2. *acrescentam* B N L M : que érão da conserva do capitão que a armada desbaratou e matou. — 3. com] *f.* B N L M. — 4. trabalhados] espantados B N L M.

a aferrar, pois as suas naos érão muito móres que o galeão de Vasco Fernândez, e ás lançadas e espingardadas os fundirem, e asi o fizérão, que, com muitas bombas de fogo e arcabuzes e outros artefícios de guerra, o cometêrão, e, como o fogo era muito, não se pode leixar de apegar em um barril de polvora e, refinando quatro ou cinco homens pera o ar, levou a metade da alcaçova com Vasco Fernàndez, a quem o fogo deu no meio do rosto, e, queimado e mal tratado do fogo e da queda e muito mal ferido, se não pode levantar; e, como os mais do galeão ficárão mal tratados, os franceses começárão a entrar e o galeãozinho ficou por eles com muitas mortes dos nosos, que, como tínhão recebido muito dano, quisérão matar todos á espada, e asi o fizérão se soubérão que seu capitão-mór era tomado, ou morto da nosa armada.

Rendido este galeão e ficando eles tão mal tratados que não ousárão de andar a roubar, e não sabendo nova de seu capitão-mór, ordenárão de se ir a França, levando todos os portugueses a Diepa, donde os das naos érão, e Vasco Fernândez, muito mal tratado, metêrão em ũa torre, onde o não via pesoa, e, depois que tivérão nova que seu capitão era tomado, o quisérão matar; e, sentindo ele as preguntas, ordenou de se lançar da torre e desfez ũa esteira e dela fez ũa corda por onde se lançou da torre abaixo, e com muito trabalho, por ainda não ser são, se ouve em um mosteiro de frades de São Francisco que o encobrírão e lhe dérão ordem pera se ir a Frandes, e veio a este reino, sem saberem se era morto ou vivo, e el-rei, noso senhor, lhe fez honra e mercê, e os portugueses vivos poucos e poucos se viérão; e com isto tornarei ao conde e contarei de sua chegada a Arzila.

CAPITULO CIX

Como o conde em chegando a Arzila mandou a Fernão da Silva fora com toda a jente e o que lhe aconteceo

No capitulo atrás ei contado quantos rebates e novas de nos virem cercar tivemos estes tres meses, depois do desbarate, e como el-rei, noso senhor, mandara ao conde se tornase a Arzila, as quais refegas e novas e medos todos se tirárão, e fôrão fora tanto que este valeroso capitão chegou a Arzila, que foi na fim do mês de setembro do ano de mil e quinhentos e vinte tres, a qual desembarcada nos deu um alegre e desejado dia, e foi recebido com boa e limpa vontade de todos os da vila, desparando toda a artelharia e levando-o á igreja de São Bertolameu com as cruzes e o priol e clerigos, cantando inos de alegria; mas tudo o não

alegrou, achando menos tantos e tão honrados moradores e criados, como avia leixado, e feito sua oração e ouvindo misa rezada, por ser sua chegada pola menhã, se recolheo ao castelo, lugar de seu apousento; e, enformado de uns mouros e alfaqueque que na vila estávão, se detriminou ir logo aquela tarde fora e, com muita prêsa e delijencia, mandou desembarcar os cavalos que em sua companhia íão [1] e mandou dar ás trombetas e alvoroçou a vila, e sobre a tarde foi toda a jente posta a cavalo, os quais fôrão outenta e cinco; e, depois de muitos conselhos, se resumio que o conde não fose fora com sua pesoa, pois não parecia razão ir a bandeira de Cristos, costumada a acompanharem[-na] [2] dozentos e dozentos e cincoenta de cavalo, com outenta, e que fosem como almogavares e sem bandeira. Isto acordado, entregou a jente a Fernão da Silva, filho bastardo do conde de Cantanhede, e, dando-lhe ordem do que avíão de fazer e por onde avíão de entrar e correr, e que todos fizesem o que Fernão da Silva lhes mandase como capitão e Artur Rodríguez como almocadem, lhes lançou a benção. e saírão da vila com entenção de ir correr dentro da boca de Benamares, da qual ida e corrida o conde e os da vila levárão [3] um muito grande sobresalto, tendo-os a todos por perdidos como agora se pode ver.

Saimos da vila outenta de cavalo e fomos cear a Alecasapo e, guiando Artur Rodríguez, pasamos o porto do Amame e polo Pedregal fomos entrar pola boca de Benamares e nos metemos em cilada junto da Ribeira Grande, onde depois que foi alto dia corremos a boca de Benahamede, onde tomamos dous mouros e ũas vaquinhas; e preguntando aos mouros por novas da terra e as que dos alcaides tínhão, os quais disérão que o dia dantes pasara Mulei Abrahem polo Farrobo e que ia correr Arzila, e que em suas casas o ouvírão; parece que o demonio os incitou a darem esta nova mentirosa e pera perderem as vidas, que logo Fernão da Silva e Artur Rodríguez se dérão por perdidos e se detriminárão afastarem [4] da jente, que no noso campo dizíão que estávão os mouros; e, porque não ouve quem quisese tomar os dous mouros nas ancas, fôrão logo alanceados e por sua lingoa perdêrão as vidas; e, tomando ao longo da ribeira, fomos por antre a serra de Benamares e a de Fiquer, com grandes gritas d'ambas as partes, e, quando fomos na boca de Capanes, não ousamos sair ao campo, parecendo-nos que achariamos a jente onde nos não pudesemos afastar dela e, polo pé d'Agoní, antre a ribeira e a serra, saimos da outra parte de Zahara, tendo já apilidado todas as serras e levando connosco bem vinte de cavalo de Benarróz, Mençara e Agoní, os quais tãobem íão espantados de nos ver ir fojindo, sem saberem o porque; e, tanto que fomos da outra parte de Çahara, mandárão a Roque Ravenga

1. íão] vínhão B N L M. — 2. [-na] *f. em todos os mss.* — 3. levárão] levou A L; *f. nos outros mss., porque são um resumo de* A L. — 4. afastarem] afastar-se B N L M.

e a Nuno Gonçálvez Ratinho que fosem tomar Ulefe e desem vista a Sinete e a Taliconte, os quais pasados de medo tornárão com rebate, que a jente nos esperava em ala antre Sinete e Taliconte, o que não podia ser, posto que a jente tivera rebate de nós e soubera o caminho que levavamos não pudera andar tanto que nos esperase diante, porque nós os viemos cortando por antre as serras, e eles, se estávão no noso campo, nos avíão d'esperar no Pedregal ou em Muliana, onde não pudesemos pasar ou sair das bocas sem nos ver, e onde Roque Ravenga e o Ratinho nos dérão o rebate, que a jente era antre nós, era terra larga e puderamos pasar sem nos ver; e, posto que suas atalaias lhe desem rebate, podíão vir de tão lonje e tanto á longa que pudesemos dar neles e desbaratá-los, como muitas vezes acontece, quanto mais não sabendo os que eramos, que do Farrobo e da serra do porto d'Alfeixe podíão vir muito bem e saber dos navios que chegárão a Arzila, e não a jente de cavalo que neles ia; e, com todas estas razões, nos demos por perdidos com este rebate, por já nosos cavalos irem muito cansados e averem corrido quatro legoas, e, sem mais olhar, nem aver outro conselho, tiramos ao longo da ribeira da Ponte, desejando de nos avermos no Soveral, que vai antre a Ponte e Larache, o que fizemos com muito trabalho, por já alguns cavalos não poderem consigo e, em especial, o de Antonio Freire, estribeiro do conde, o qual era um cavalo que ouvera em Tavila, feito de moraça [1] e farelos, e não costumado aos semelhantes trabalhos. Este cavalo nos deu muito trabalho polo não leixar no campo e topasem com ele logo.

E, pasando a estrada d'Alcacere, nos ouvemos no Soveral de Taquixane, onde nos ouvemos por seguros, porque já no Soveral, que é muito basto e cerrado, não podiamos perder senão os cavalos, por dele darmos vista ao campo e a toda a estrada d'Alcacere; mas, antes que ao Soveral chegasemos, o cavalo de Antonio Freire deu a fé de todo, sem poder dar paso, o qual leixamos em um corrego apartado da nosa trilha, desenfreado, que pudese pacer, e Antonio Freire tãobem ficou na ponta do Soveral, por não aver cavalo que o pudese tomar ás ancas, por avermos corrido bem dez legoas, e onde ele ficou dava vista á estrada e ao campo d'Alcacere e, vendo algũa cousa, não tinha mais que meter-se no Soveral, ou subir-se em um sovereiro, de muitos e mui espesos que nele ha; e, como nos ouvemos no Soveral, ficamos descansados do medo que traziamos e ao longo dele nos viemos dando algum descanso aos cavalos, até ser noute, a qual nos tomou em um corrego, onde demos alguns bocados aos cavalos, deles de grama e deles de junça [2]; e, sendo noute, ouvemos conselho, se nos tornariamos ao campo, ou polo Soveral viriamos demandar a praia de Çael e pola agulha do Cabo Branco vir demandar as

1. moraça] morraça L: *f. nos outros mss.* — 2. deles de grama e deles de junça] *só em* A L; deles *parece ser* de eles *referido a* bocados.

Furnas; e, porque não nos temiamos senão da jente de Mulei Abrahem, pareceo razão não travesarem tanto campo, e pois não tivera vista de nós, nem nós dele, era melhor afastarmo-nos do caminho e, com este conselho, seguimos o caminho da praia e, tomando a Atalaia Surda sobre o porto da Palmeira, descansamos um grande pedaço, e os cavalos comêrão um muito e bom rabo d'asno, e nos estendemos polo corrego da Moreira[1], onde os cavalos achárão muita e boa erva de brejio, e dali nos fizérão levantar soma de liões, que ouvemos medo de nos saltearem os cavalos; e, sendo já oras, viemos demandar a Mezquita e, pola agulha do Cabo Branco, decemos á praia d'Alhazana e ante-menhã nos sobacamos ás Furnas, e dali mandou Artur Rodríguez Roque Ravenga e Afonso Pinheiro fosem a pé tomar a atalaia do Mar e chegasem ao ribeiro de Jil da Mota, e, com o que sentisem, tornasem a nós; e, como tornasem e disesem que não sentírão nada e a vila estava sosegada e já fose menhã, ouvérão por conselho cometer a vila, e mandando a Roque Ravenga e ao Ratinho que polo caminho fosem diante e nós cerrados viesemos ao longo do mar e quando a jente saise aos dous de cavalo nós em um tropel desemos neles, o que tudo foi escusado, porque não achamos jente, nem Mulei Abrahem era no noso campo; e, tanto que o do sino vio asomar os dous de cavalo e deu a pancada e sinal e dise que vínhão dous de cavalo, o conde, que toda aquela noute não dormira, estava já no terreiro rodeado de quantos mercadores e moradores na vila ficárão, e junto dele Fernão Caldeira e Pedro Afonso Homem e Artur Rodríguez, o juiz, e Alvaro Velho, e em dizendo o do sino: «Dous de cavalo vem ás vinhas!» logo dise: «Todos são perdidos e estes escapárão»; mas como tornase a dizer: «Todos vem!» o conde fez abrir a porta da Ribeira e, vendo a Roque rir-se, dise: «De que te ris, Roque?» «De virmos todos de saude». «Eu te dou boas alvixeras!» O Ratinho lhe dise: «Todos vimos de saude e eu não venho diante fojindo senão a vos dar boas novas». «Eu vo-las prometo», dise o conde, e asi lhe deu a cada um seu capuz e pelote de Londres azul; mas, tanto que lhe contárão o caminho que trouxeramos e a nova que tiveramos, o conde respondeo: «Parece que o mar que achastes vos estorvou que não foseis a Tavila!» e nisto chegamos todos. O conde nos recebeo com a boa sombra qu'ele tinha, dando graças a Deos por nos trazer a salvamento e em salvo; e, sabendo onde Antonio Freire ficava, avendo-o por salvo, ordenou que, tanto que a jente descansase e os cavalos comesem, cavalgar e mandar[2] tomar as Atalaias Altas, e ver se avia entrado jente

1. da Moreira] das amoreiras L; *f. nos outros mss.* — 2. ordenou que... cavalgar e mandar] *só em* A L. Cavalgar *e* mandar *são antigos imperfeitos do conjuntivo derivados do correspondente tempo latino, mas com o aspecto de um presente do infinito. Um outro exemplo apareceu já na p. 369, l. 6:* porque... tudo isto pasar. *A nota correspondente não tem, pois, razão de ser. Veja-se sôbre este assunto o belo estudo do sr. Dr. José*

no noso campo e dar favor a Antonio Freire, se estivese dentro das Atalaias que se viese e descobrise; e, asi como o conde o cuidou, asi saio, que vendo Antonio Freire, que no Jiestal veio amanhecer e esperou que as atalaias descobrisem a Ruiva, se veio polo corrego da Fonte. Com sua chegada o conde foi mui ledo, por em dia de sua chegada lhe não tomarem homem e mais tão honrado criado como Antonio Freire era, o qual, como homem de recado, andou dando vista ao campo e de noute se afastou dos caminhos e, por antre as Atalaias Altas, se veio á vista da Ruiva, onde esteve até tarde, que o conde se pôs a cavalo e as atalaias fôrão na Ruiva; e, logo aquela noute, mandou atalhadores que cortasem o campo e chegasem a Almeida, os quais fôrão sem achar rasto de cousa viva, e logo se soube não ser Mulei Abrahem fora de sua casa, porque, tanto que soube ser o conde chegado, o mandou visitar.

Tãobem o conde aquela noute mandou outros oito de cavalo pola parte do Zambujeiro, que, travesando a estrada, chegasem onde o cavalo ficou, os quais o achárão farto d'erva e rijo e o trouxérão á vila, de maneira que toda a fojida e medo que pasamos e o sobresalto do conde se pudera mui bem escusar, vindo por noso dereito caminho de Benamandux e o Pedregal; mas os mouros parece que algũa nova falsa andou antre eles, que foi causa de lhes custar a vida, e a nós dar o trabalho que levamos, o que soubemos depois que Amelix era ido a correr a Tanjere, e os que se fôrão ajuntar fôrão requeridos pera se ajuntar com Mulei Abrahem, e o noso medo foi tanto que logo lhe demos credito e, contudo, Deos seja louvado, se fez de maneira que não perdemos mais que o trabalho contado que vistes; e, com isto, leixarei esta fujida nosa, pola qual o conde muitas vezes dizia que agardecia ao mar não nos deixar pasar, que doutra maneira não pararamos até Tavila e lhe deramos trabalho e cuidado em esperar por nós. Tanto foi o medo que em nós outros entrou que não ouve acordo pera preguntar aos mouros tomados onde e de quem ouvírão ser Mulei Abrahem pasado polo Farrobo; e, por ser esta fojida [a][1] mór das do noso tempo, a deixarei e direi como o conde foi visitado dos alcaides, e o que mais socedeo depois do conde ser chegado, o que tanto que o alcaide d'Alcacere soube de sua vinda o mandou visitar e dar o parabem de sua chegada, asi por recado, como correndo-nos com sua pesoa.

Maria Rodrigues: O imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no português, *publicado no Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa,* VIII, *p.* 72–93.

1. [a] *f.* A; *f. êste paso nos outros mss.*

CAPITULO CX

Das visitações que os alcaides fizérão e o que mais socedeo

O alcaide d'Alcacere, como soube da vinda do conde, mandou logo visitá-lo com [1] Benganeme, pesoa honrada e conhecida, com o qual lhe mandou pedir perdão polos poucos cristãos que no desbarate fôrão tomados vivos, dando a entender que ele fora o que desbaratara nosa jente, o que o conde não pode consentir, conhecendo o recado nacer de soberba do alcaide, e respondeo ao Benganeme: «O alcaide se manda desculpar de cousa em que não ha culpa, que onde el-rei estava com sua pesoa e jente ele nem os seus não érão parte pera ele, nem os seus fazerem tanto como fizérão, que, se ele fora só e sua bandeira, a jente d'Arzila dera dele a conta que outras vezes tem dado; mas el-rei é razão se lhe tenha obediencia, e se não corra um capitão de ser desbaratado dele, quanto mais um capitão novo e moço, e que, dando-lhe o rebate, lhe pareceo era o alcaide sómente, e asi o foi acometer, como a jente que o não avia d'aguardar; e, depois de se ver antre a jente d'el-rei e cercado de todas partes, os que se não pudérão salvar morrêrão pelejando, como cavaleiros, e o desbarate de tão pouca jente contra tanta, como a d'el-rei era, não se devia de ter em muito»; ao que Benganeme repetio que o alcaide era o que com sua jente se pôs diante e o que sofreo a pancada primeira, e Rondim foi o que se encontrou com Diogo Botelho; ao que Anrique do Rego e Fernão da Silva respondêrão que a batalha do alcaide os não ousou esperar e se abrio ao tempo que nela dérão o santiago. Aqui os arguio o mouro, dizendo que, pois vião muita jente e com que não podíão, porque se não cerrávão e juntos em um tropel fizérão por salvar seu capitão e bandeira, como o alcaide fez o ano pasado, que perdendo vinte homens salvou sua pesoa?» Com esta razão se foi o conde que melhor fora perderem-se vinte que cento, e com estas e outras razões, o Benganeme foi bem agasalhado do conde e da condesa; mas, depois de ido e que o alcaide soube destas praticas e que entendeo que ele se louvava e que lançava toda a vitoria a el-rei, como era asparo e mao, tomou odio ao conde e logo ordenou de lhe correr; e, pondo-o por obra, se veio lançar em Bugano, onde as atalaias o fôrão descobrir e as correo até o Facho, sem receberem dano algum, por as atalaias deste tempo serem homens de bem e se ajudarem uns aos outros. Este dia os foi descobrir Francisco López o Galeguinho e Pero Fernândez o Torto, mas, quando fôrão no vale á terra de Francisco Pinto, já as do través do Corvo e as

1. com] por B N M; per L.

da Gorda as esperávão no porto, as quais fizérão qu'elas pasasem e os mouros anteparasem; mas, depois que o porto foi largo, as apertárão de tal maneira que entrárão polas tranqueiras do Facho dentro até a de Baixo, que chamamos a do Anjo, onde o conde esteve com eses poucos que na vila eramos, e trás estes entrou a bandeira branca do alcaide até a tranqueira do Meio, onde andárão escaramuçando, como que nos fazíão sobrançaria, mas logo foi visitada dos pelouros das bombardas do baluarte de Pite João, com que alguns cheios de pó e outros asombrados os fez recolher ao Facho, onde o alcaide esteve, o qual logo mandou ao conde um recado por Alé Algazi [1], mouro conhecido, o qual deceo polas tranqueiras abaixo, levantando a adarga na lança e dizendo a Artur Rodríguez, que o saio a receber, queria falar ao conde; e, tanto que chegou a nós e vio ao conde em cima do mais fermoso jinete daquele tempo, que foi o Valera de Xerez, e vestido na sua saia de malha, que o conde seu pai ganhou ao alcaide Talha, e depois do mouro sosegado, dise de [2] parte do alcaide que como vezinho o mandara visitar, quando veio, e como amigo o quis visitar com sua pesoa; e, porque nestas vesitações sempre ha dano e sobresalto, lhe pedia perdão e por sua parte folgava de não ter feito dano, e que ali estava a seu serviço. O conde mandou dar um capelhar ao mouro e respondeo que disese ao alcaide que lhe agardecia a vontade de não ter feito dano; e, quanto ás visitações ele desejava poder fazer outro tanto como ele, mas que por agora não era em sua mão poder fazer o que desejava; e, com isto, se tornou o mouro muito ledo com o capelhar, e o conde com nós outros fomos ao Facho a ver a jente que em duas batalhas se ia recolhendo polas lombas de Bugano, a qual apodamos até quinhentos e cincoenta de cavalo, por irem no guião cento cincoenta até dozentos, com os quais ia seu irmão, do alcaide, que depois foi alcaide muito tempo e o foi d'Arzila, e na batalha grande íão até trezentos de cavalo e alguns derramados, que todos seríão os que tenho dito; mas eramos tão poucos que não pasavamos de noventa de cavalo, posto que já neste tempo estávão alguns fronteiros, os quais érão Dom Francisco Pereira, Dom João de Sande, Fernão d'Álvarez Cabral, que d'Azamor viérão, e no Facho estivemos até a jente vazar a Atalaia Ruiva; e, primeiro que nos viesemos, o conde mandou tomar o Corvo e a Ruiva e pô-la guarda e a deu á lenha [3] ao pé da Atalaia Gorda aos cardos e algũa jiesta; e com isto leixarei o alcaide d'Alcacere por este ano e direi outro [4] pouco de Mulei Abrahem.

1. Alé Algazi] Ali Algaze L; *f. êste passo nos outros mss.* — 2. de] da L. — 3. e a deu á lenha] e deu a lenha L. — 4. outro] um L.

CAPITULO CXI

Como Mulei Abrahem mandou visitar o conde e nos correo do rio de Alfandequim

Por ser o alcaide d'Alcacere tanto noso vezinho me detive nele mais do que quisera, e tãobem polo escandalo que antre nós e ele avia, e por tanto o leixarei até a entrada do ano de vinte quatro e direi de Mulei Abrahem, o qual não quis que o alcaide lhe fizese ventaje, asi na visitação como na corrida, porque, tanto que soube da vinda do conde, o mandou visitar com[1] um mouro muito seu privado, [a]inda[2] que negro, que avia nome Corcoex [3], o qual chegou a Arzila honradamente com tres mouros de pé e ũa boa mula, que lhe trazia um cartão[4] e alcatifas em que dormia no caminho, e um fermoso jinete de destro, e vinha com ele Alhadide, alfaqueque de Xexuão, e, sendo diante do conde, o Corcoex dise da parte de Mulei Abrahem: «Senhor Dom João, Mulei Abrahem, meu senhor, vos manda beijar as mãos e lhe mande dizer de sua vinda; e, porque sabe que avia d'achar sua estrebaria falta de cavalos mouriscos, lhe manda aquele, por o melhor dos de sua pesoa». O conde lhe tornou as graças e fez muita honra e gasalhado a este negro eses dias que na vila esteve, em que o alfaqueque fez alguns resgates de mouros e alguns cristãos de Mulei Abrahem, entre os quais foi Jorje Manoel por Mafomede Hiunes [5] e Lionardo Alemão por outro mouro de Tetuão; e, ao tempo do despedir, contentou aos citarês [6], que são os homens de pé, e, por um criado seu lhe mandou ũa muito fermosa azemela, que de Portugal levou, e por esta via pareceo ficarem muito obrigados; mas a ordem de [7] guerra não quer ter lei d'amizade, nem de confiança, pois que debaixo dela se ordênão os mais perigosos ardis. Parece que Mulei Abrahem quis dar a entender aos mouros que, posto que mandava cavalo aos cristãos e palavras d'oferecimento, não leixava de fazer a guerra, e ordenou de vir ao noso campo e nos correr e fazer o dano que pudese e, saindo com as tres bandeiras de Xexuão e Tetuão e de Targa [8], que todas podíão

1. com] por B N; per L M. — 2. [a] *f.* A. — 3. Corcoex] Cartox B N M; Carcorex L. — 4. cartão] quartão B M; quartam N. *Ignoramos o significado dêste vocábulo.* — 5. Hiunes] Hines A. — 6. citarês: *cremos dever acentuar assim; o original não tem acento. São, como se diz, os moços de pé, os moços de esporas, como diz Marmol, que lhes chama* citeyris. *Eis, segundo ele, algumas das suas funções:* «... quando el-rei monta a cavalo, eles [*os citeyris*] vão na frente: um leva, ao lado do estribo, uma lança erguida, um outro segura as rédeas e um terceiro leva as pantufas do soberano...». *Descripcion de Affrica,* II, p. 99 *(da trad. francesa). Veja-se o artigo que lhe dedica Dozy, Supplément aux dictionnaires arabes,* I, *632b.* — 7. de] da B N L M. — 8. de] *f.* B N L M.

trazer até quinhentos de cavalo, se veio lançar ao porto d'Alfandequim, onde aquele dia aconteceo o que agora direi.

Quatro de cavalo se concertárão a fazer um desmando e ir ás Aldeas matar um porco, os quais érão Roque de Fárão, Francisco Pinto, Fernão Jil [e] [1] Jorje Coutinho, mourisco, e se fôrão a Alfandequim e rogando ás atalaias os leixasem pasar e do que matasem lhe faríão suas partes, o que elas consentírão, e, ficando ũa delas em Alfandequim, a outra se foi com eles, que foi Francisco López Galeguinho, e todos cinco fôrão ter á outra banda e entrando os quatro na agoa pasárão o rio, o que Jorje Coutinho, como arteiro em todalas maldades e roindades, se leixou ficar destoutra parte do rio, olhando que os companheiros fosem em cima da barranca e que se ouvese mouros pegasem com os companheiros e, entanto que os nosos pasávão, teve tento nas palmeiras que estão em cima do barranco, por antre as quais vio a ponta do capacete de Mulei Abrahem, que por atalaia estava, e vendo os nosos já pasados se pôs a cavalo, por se sair diante dos seus. Jorje Coutinho, asi por roim como por não confiar no seu cavalo, sem dizer palavra, nem dar rebate, tornou-se pera trás e, como os quatro companheiros se travesárão pera subir pola barranca acima, vírão Jorje Coutinho ir correndo pola varzia, perto da Pontinha, e, parecendo-lhes que vira algũa cousa e fujia com rebate, se tornárão a lançar ao rio e pasados vírão a jente decer pola barranca abaixo, e pondo-se todos quatro no caminho, se pusérão perto da Pontinha, primeiro que os mouros saisem do rio; e, com este [2] ventaje, não pudérão os mouros chegar a eles, nem eles a Jorje Coutinho, tanto foi o espaço que se pôs diante de seus companheiros, posto que Mulei Abrahem, que diante todos vinha, á subida d'Alfandequim chegou a eles e lhes dise: «Cavalheros, rended'vos y salvareis las vidas»; mas os quatro companheiros subírão tanto de vagar que, quando chegárão ao posto das atalaias, mais de cincoenta de cavalo érão com eles e Jorje Coutinho vinha a Alagoa, dous tiros d'arco da atalaia; mas, como os cavalos érão bons e a terra chã e limpa, se pusérão tanto avante que Mulei Abrahem e os seus os não pudérão chegar, e asi desta maneira chegárão á praia do Rio Doce, onde alcançárão um homem de pé vestido em ũa aljaravia, que poucos dias avia que saira de cativo de poder do mesmo Mulei Abrahem e se chamava Antão Vaz, o qual, vendo os mouros, se lançou ao mar, onde o matárão, não podendo sofrer as vagas do mar que o não deixárão ir ao alto e o detivérão até os mouros chegarem a ele. Mulei Abrahem veio tão enlevado trás os nosos que chegou aos Mastos, onde já topou o conde que saia de repique e, juntando-se com os quatro de cavalo e com as outras atalaias do caminho e do porto das Pedras, fez corpo e, com a jente que em fio ia ao longo do valo, o conde se refez e ficou contente

1. [e] *f.* A. — 2. este] esta L.

quando soube que não tínhão feito dano e todas as atalaias érão salvas, e, recolhendo a jente que saia a repique, esperou a ver o que os mouros faríão, os quais seríão na praia espalhados até dozentos de cavalo, e a bandeira vermelha de Mulei Abrahem chegou aos Medãos, desta parte do Rio Doce, e as outras duas de Tetuão e de Targa se pusérão em ala ao longo do Rio Doce, dando mostra á vila, mas logo fôrão visitados com alguns pelouros de ferro coado, saidos do baluarte da Praia e do de Santa Cruz, de medo dos quais Mulei Abrahem, que um dos espalhados era, se foi recolhendo e se pasou da outra parte do rio.

O conde pasou o valo e se foi com todos nós outros ao outeiro de Fernão da Silva, onde nos mandou poer em ala defronte deles, que no Tojalinho e sobre a fonte de Pero de Meneses estávão, mas noso estender e alargar prestava pouco, porque o fizemos por parecermos muitos, mas não podia ser, que não pasavamos de outenta até outenta e cinco de cavalo, e no outeiro de Fernão da Silva estivemos até as bandeiras e jente vazarem as atalaias de Alfandequim; e, não vendo jente, nem avendo cousa que fazer, o conde se veio á vila a buscar de comer e, antes que na vila entrasemos, dérão ũa pancada de sinal, e o do sino dise que por o caminho d'Alfandequim vínhão dous ou tres de cavalo. O conde com todos nós outros se tornou ao Barreiro, junto do baluarte da Praia, donde estivemos esperando polos que vínhão, que érão o criado do conde que fora com a azemela, que Miguel Galego avia nome, e trazia ũa çorça [1] de gaviães, que o conde mandara buscar, e vinha Alhadide, alfaqueque, com o resgate pera um mouro que leixou concertado. O conde folgou muito com os gaviães e os mandou todos a Dom Bernardo, seu irmão, e o Miguel Galego contou e deu nova como era a jente que nos correo a de Xexuão e Tetuão e Targa, e como Mulei Abrahem foi o que esteve na atalaia e o que seguio os quatro de cavalo; e dise que Mulei Abrahem mandava dizer que os quatro companheiros érão bons e que por se ajudarem se não perdêrão, e que esperávão uns aos outros, como cavaleiros, mas que o dianteiro era roim refião, de que todos rimos e Jorje Coutinho muito mais, e se desculpou que seu cavalo era muito somenos que os de seus companheiros, e que nenhum deles era seu pai, nem irmão que lhe ouvese d'acudir, e que não tinha conta senão com sua pesoa e delijencia.

E pois já cheguei a falar neste Jorje Coutinho, ainda que seja dizer mal, direi quem foi e quem era, porque nenhũa vergonha, nem cousa boa nele avia, Foi mouro cativo do conde de Borba e, sendo cativo, se fez cristão; o conde o trouxe a Portugal e lhe tirou os ferros e o fez seu com-

1. çorça] corça AL; *nos outros mss. f. êste passo. É uma especie de gaiola, como se vê do seguinte passo de F. Mendes Pinto, Peregrinações, cap. 78:* «... pasarinhos trazidos em gaiolas e çorças». [*Citado pelo sr. Candido de Figueiredo no seu dicionário*].

prador, não porque não fose o mór ladrão de Portugal, e, não o podendo sofrer e por ser casado com ũa regateira de Lisboa, lhe fez mercê de armas e cavalo e o forrou e se veio a Arzila, onde servia com seu cavalo, indo ás almogavarias, furtando tudo o que lhe vinha á mão, e, como todos o conheciamos, com uns se ficava e outros pasava por zombaria, e daqui veio em tempo de Antonio da Silveira, capitão d'Arzila, dar-lhe licença que não furtase mais no dia que ũa cabra, porque no tempo de Antonio da Silveira fizemos ũa almogaveria de gado meudo, que sómente pasávão as cabras de duas mil cabeças, e Jorje Coutinho comprou ũa cabra e vinha as tardes por ela á porta da Ribeira e levava a primeira que topava, e cada dia ou na semana levava ũa ou duas cabras e as matava e a sua era sempre viva, de maneira que quem achava sua cabra menos ia a casa de Jorje Coutinho por ela, e dava graças a Deos se a achava viva; e, como a cousa não era pera castigar um mourisco, que tãobem prestava pera escuita de pé e de cavalo e tendo favor de Diogo da Silveira, que lhe chamava primo, e daqui veio que o capitão Antonio da Silveira, como nobre e gracioso lhe dise: «Jorje, eu vos dou licença que vosa cabra seja viva, contanto que na semana não comais mais que ũa e não vendais nada dela». Foi isto tamanha graça que todos andavamos[1] ao derrador de Jorje Coutinho, quando as cabras entrávão pola porta, e diziamos uns aos outros: «A cabra de Jorje Coutinho é ainda viva» ou: «Muito dura nosa cabra, não seja como a de Jorje Coutinho!» e deste naceo o gancho, que foi a mais má cousa que ouve em Africa, e por este se pode dizer[2]: de tal madeiro tal racha.

CAPITULO CXII

De como um bargantim de Larache roubou sobre Arzila dez ou doze caravelas em que levou bem trinta pesoas

Muito me detive neste ano de vinte tres pola guerra dar de si muitos casos, em que foi forçado deter-me mais do que quisera; e, pois já ei chegado ao cabo as cousas da terra, direi das do mar algũa cousa, pois nele recebemos ũa e boa pancada na saida do ano, como se verá neste capitulo e, pera milhor declaração, tornarei arrepiar a carreira. Do mar já antes d'agora contei como neste verão fôrão oito fustas ao Algarve e os rebates que dérão, entre as quais andou um bargantim de Larache, o qual era de um turco, cujo nome era Arráiz Querim; este, ao

1. andavamos] andamos A; *f. êste passo em* B N M. — 2. e por este se pode dizer] e por iso se dise L.

tempo que as fustas andárão e se recolhêrão a Tetuão e a Bélez, donde érão, o Arráiz Querim abocou o Estreito e, querendo tornar a entrar no rio de Larache, onde tinha sua casa pera invernar, aconteceo o que agora direi na entrada de dezembro deste ano de vinte tres. Sendo o tempo bonança e calma chegárão sobre o arrecife d'Arzila tres ou quatro caravelas e, sendo o vento calma e o mar que se cerrava ao levante, não ousárão entrar e sorjírão de fora do arrecife, e asi o fizérão outros navios que ao outro dia viérão, de maneira que naqueles tres dias se juntárão de fora do arrecife dez ou doze navios de Cáliz e do Algarve; mas, como ao terceiro dia chegase um barco, que vinha de Mojer, carregado de vinhos, no qual não vinha mais que um moço, que escondido ficou antre as pipas e deu nova aos dos navios que, vindo ao través do cabo, os tomara ũa fusta e levara a jente e leixara o barco a través, e ele ficou escondido antre as pipas e, vendo a fusta tornar na volta do cabo, dera ao traquete e viera demandar a vila, a qual nova alvoroçou e amedrentou a toda a frota, por em todos os dez navios não aver ũa só lança, nem ordem pera se defender, se a fusta viese ter com eles; e, sem outro acordo, nem conselho, começárão a capear, pedindolhes fose algum barco, mostrando ter necesidade.

O conde fez juntar os homens do mar e dise que daria cinco cruzados a um barco que fose aos navios, e, depois de aver referta se fazia mar pera poder sair e entrar barco, se esquipou um com cinco homens e se foi aos Mastos, junto da arrebentação, e, esperando jazigo [ao mar] [1], saio fora e andou os mais dos navios e deles tomou alguns homens que lhes pareceo que podíão milhor pagar a pasajem desta vida á outra, e com eles se tornárão junto da arrebentação dos mares, junto ás marcas que pera cometerem a entrar tínhão, e, vendo tempo, arrincárão com o remo na mão, mas não pudérão andar tanto que os furiosos e temerosos mares, que trás deles vínhão, não os alcançasem e, dando-lhe um temeroso mar, os fez correr por baixo da agoa e tão rijo e com tanta força que, primeiro que deixasem [2] o misero barco, ficou de todo alagado e os mais que dentro vínhão pola agoa, não leixando trás aquele furioso mar virem outros tão feos e mais que os acabou de consumir, posto que com muita présa e repique lhes acudisem outros barcos da vila, num dos quais se salvou Lopo de Quadros, que, como mancebo e cavaleiro, teve animo e esprito pera não leixar o barco, posto que andase alagado e os mares mui fortes e bravos fizesem polo desapegar; e asi se salvárão alguns homens do barco, por saberem bem nadar, ainda que na barra d'Arzila, quando anda de levadia, não aproveita nada, porque a agoa tira pera fora. Neste barco se afogárão dous jenoeses, mercadores honrados e ricos, e Duarte Rodríguez, d'Arzila, tãobem mercador e pesoa muito honrada e bemquisto de toda

1. [ao mar] *f.* A. — 2. deixasem] deixase A.

a vila, e asi outros dous castelhanos, de cujos nomes não sou lembrado. Esta morte destes homens entristeceo muito aos da vila, por Duarte Rodríguez ser dos milhores homens de noso tempo e por tal era julgado e conhecido; os jenoeses tãobem érão moradores e conhecidos por tratarem na vila e a peste os lançou fora: um se chamava Bernardo Conte, outro [1] era dos Grimaldos de Jenoa.

Esta tarde se não fez outra cousa mais que buscar os afogados, em especial Duarte Rodríguez, que mais de trinta de cavalo fomos até o rio d'Algorrife, ũa legoa da vila, em que foi Pedro Afonso Homem e Lopo Mêndez com muito sentimento pola grande amizade que antre eles avia; e com a perda deste barco e muito desgosto nos encerramos esta noute, sem se entender nos navios que de fora ficávão, nem se poder remedear, ainda que o quisérão fazer, porque os dos navios estávão desacoroçoados, vendo que se não podíão bulir, por o vento ser calma, e o arrecife os não leixava entrar e estávão como presos, esperando que a fusta, de que tínhão nova, os viese cometer; e, sem fazerem outra delijencia, nem aver homem que se pusese em ordem de se defender, se leixárão estar esperando o que lhe veio, que foi que, pasando a fusta ou bargantim pera Larache, veio dar antre as dez ou doze caravelas, todas mancas [2] e pequenas, que a que mais tinha era ũa ou duas espadas e, aferrando ũa e recolhendo a jente dela, lhes pareceo ter feito muito, mas, tanto que soubérão que todos érão navios mancos [3] e sem defensa, se pusérão em ordem de carregar o bargantim, como carregárão, que, não vindo nele mais que trinta e cinco até corenta mouros, metêrão no bargantim outros tantos cristãos, homens e molheres e crianças, e com eles se fôrão caminho de Larache, não consentindo o Arráiz Querim que matasem pesoa, de muitos que ficárão nos navios, nem matárão cavalo, de cinco ou seis que nos navios estávão; e, leixando os navios amarrados, se fôrão ao longo da costa, levando, todavia, tres mouriscos moradores da vila, em que entrava Alvaro Rodríguez o Dentudo, que deu a cavalgada de muito gado no campo d'Alcacere, e outros dous companheiros, os quais érão idos a Portugal por uns mexericos que se deles ouve e, sabendo o conde, depois que foi na vila, ser mentira, mandou se viesem, os quais fôrão tomados nesta revolta e levados ao alcaide d'Alcacere, onde fôrão mortos com muitos tormentos e martirios, até lhes lançarem nas costas aguias esfaimadas com que cáção grous; mas eles, dizem [4], morrêrão cristãos, e asi o ouvi a Miguel Fernândez Centeo e a João Trigueiros, que neste tempo érão cativos em Alcacere, em casa do alcaide. Tãobem tomárão nesta revolta a Francisco Rodríguez Jibre e a seu filho João Rodríguez, que não menos marterizados fôrão que os mouriscos, dos quais tãobem direi um pouco

1. outros] e o outro L; *f. nos outros mss.* — 2. mancas] manças A. — 3. mancos] mansos A. — 4. eles, dizem] dizem que B N L M.

do que pasárão, pera enxemplo doutros que com poucas ameaças e menos oferecimentos léixão nosa santa fé, perdendo suas almas e fazendo a outros que fáção outro tanto, por onde vem a aver tantos tornadiços antre os infieis, como ha, e donde tanto dano vem á cristandade.

E, tornando aos navios roubados, tanto que foi menhã, o mar foi chão e o arrecife não teve impedimento a irem polos navios e os meterem todos dentro do arrecife, onde [o conde] [1] os mandou amarrar e descarregar e poer a fazenda em bom recado; e nisto se entendeo alguns dias até os navios serem entregues a pesoas que deles desem boa conta a cujos érão: foi tanta a présa que os mouros tivérão em correr os navios que neles ficárão pesoas que os [2] não pudérão tomar ou os não achárão, entre os quais ficou [3] em um navio de Tavila Nuno Mazcarenhas, filho do adail Fernão Mazcarenhas, e em outro ficou o mestre, tanta foi a présa de os correr todos. E, com isto, tornarei a dizer de Francisco Rodríguez Jibre e de seu filho João Rodríguez e direi parte do que pasárão neste cativeiro, e dele sómente farei um breve capitulo, por ser cousa de bom enxemplo e doutrina cristã e tal que o conde, que oje é rejedor, em louvor dos mercadores e cristãos novos daquela vila, conta muitas vezes a firmeza com que este Francisco Rodríguez e seu filho pasárão o mais mao cativeiro que em noso tempo pasou cristão; e eu direi quanto o conde Dom João, seu pai, fez polo tirar de cativeiro tão mao, até ficar mal com o alcaide sobre ele, conhecendo ser este Francisco Rodríguez e sua molher pesoas de bem fazer e bons cristãos.

CAPITULO CXIII

Quanta firmeza Francisco Rodríguez Jibre mostrou e do mao cativeiro que pasou

Era este Francisco Rodríguez Jibre, em que vou falando, mercador e antigo morador em Arzila, e ele e sua molher muito bemquistos, porque nunca por sua porta pasou menino ou moço chorando que sua molher o não metese em casa e o fizese calar, contentando-o com os ceitis ou da fruita, e as pesoas que lhes parecia pasávão necesidade metia o vintem na mão e lhes dizia: «Comprai o peixe e a carne!» e, com estas boas obras, érão tão bemquistos que não avia morador que não pusese os filhos e a fazenda por eles; e, verdadeiramente, creio que, se este cativeiro fora antes da peste e desbarate, todos os da vila se ajuntárão e dérão de sua pobreza pera o tirar de cativeiro, tanto lhe devia toda a vila.

1. [o conde] *f.* A. — 2. os] *f.* B N L M. — 3. ficou] ficom A.

Tudo isto sabia o alcaide d'Alcacere e, tanto que foi em seu poder, o mandou vir ante si e lhe dise: «Mercador, resgata-te e dá-me dous mil cruzados por ti e por teu filho!» e o triste do velho respondeo: «Senhor, todos os mercadores e moradores d'Arzila vos dirão não ter eu o que pedis, porque o meu trato são vinte pipas de vinho e vinte jarras d'azeite, e pera isto é o dinheiro alheio, como podeis saber de quantos me conhecem». «Espera», dise o alcaide, e mandou chamar um mouro moço que fora cativo do Jibre e lhe fujira, e vindo diante do alcaide lhe preguntou: «Conheces este tejer?» que quer dizer mercador. O mouro respondeo que si, que fora seu senhor. Tornou-lhe a preguntar se tinha muito dinheiro: o mouro dise que muito e que lhe vira ũa caixa cheia de dinheiro e outra de pentens. O alcaide, como mao e sem lei, lhe dise: «Vés [1] ahi porque dizes a mentira, pois ese sabe toda tua casa». O triste tornou ao alcaide, como em graça: «Senhor, yo y este moro eramos companheros y saqué [2] el dinero pera que lo partiesemos y ele traxó [2] la amitad, pescudele por lo que traxó [2], que otro tanto me quedó [2]». O alcaide, sem nenhũa piadade, lhe mandou depenar todas as barbas brancas que pasávão de setenta anos, e outro tanto mandou fazer ao filho de vinte dous anos, e, com muita ira, os mandou lançar ás mós e que moese cada um dez almudes de trigo, como cada um dos outros cativos rijos, acostumados, fazíão.

Os miseros cativos fôrão recebidos dos cristãos, que estávão nas mós, com muita piadade, em especial dos d'Arzila, que érão Vilhalva, Pedro Anes, João Trigueiros, Antonio d'Evora e outros, de cujos nomes não sou lembrado, os quais, vendo que o velho não podia e que o mancebo não era acostumado a semelhante trabalho, com muito animo e vontade lhes ajudávão a moer suas tarefas, o que o alcaide não pode sofrer e o mandou apartar da companhia dos cristãos, e que moesem em ũa casa onde não avia mais que dous injenhos, onde a necesidade, que é mãe da experiencia, os ajudou, que os cristãos, como proximos, lhe levávão á mazmorra quatro ou cinco almudes de farinha, e metida nos barris, que pera a agoa e ourina tínhão, a mesturávão com a que moíão, e tirávão outros tantos do trigo, e desta maneira se ajudávão das poucas forças. Mas isto não pode muito durar que não fose descuberto, porque o mao cão do mordomo, que eu conheci, cheio de toda maldade, vendo-lhes levar mais vasilhas das acostumadas, lh'as foi buscar e descobrio o ardil, e fôrão mui asparamente açoutados e as barbas arrancadas; mas o misero velho com muita constancia dise que em todas as alcofas de farinha mesturava outra tanta que levava nos barris de ourina e asi mesturava cal pera fazer copia da tarefa, e que desejava achar outra cousa pior, que doutra maneira não podia moer um moço duas tarefas, pois ele com ser de setenta anos não

1. Vés] vees A; *êste capítulo f. nos outros mss.* — 2. *Os acentos f. nos mss.*

podia dar volta com a pedra. O alcaide os mandou tirar das mós e os lançar aos cavalos, que tivesem cargo de os almofaçar e curar, por ser este oficio de muitos achaques não está limpo, não bem curado, nem atado; por qualquer achaque destes érão logo açoutados e as barbas arrancadas, mas neste trabalho tínhão refrijerio, porque fazíão o que podíão e os cativos, depois de suas tarefas, os ajudávão, e lhes foi muita ajuda um moço mourisco, escravo de João Fernândez Torres, que neste tempo estava cativo, o qual avia nome Pedro e oje é porteiro do conselho de Tanjere e o foi em Arzila, o qual Pedro tinha cargo de levar o esterco dos cavalos ao rio com dous asnos, e foi azo pera eles, porque tudo o que podia aver levava ao velho, dizendo-lhe: «Tomai, que muitas vezes vosa molher me deu pão e figos», e lhes tomava a almofaça, e alimpava em ũa ora mais cavalos que eles em todo o dia, e o velho levava os asninhos ao rio, onde os judeus e judias lhe fazíão o bem que podíão, em especial um seu irmão, judeu, que em Alcacere morava, do tempo que os judeus de Castela pasárão por Arzila.

Ficando nela este Francisco Rodríguez e sua molher e filhos e fazendo-se cristão, como outros muitos milhares se fizérão, pola industria e manha do conde de Borba, e este seu irmão pasou a Alcacere, onde asentou e morava, chamando-se tãobem Jibre, o qual muitas vezes falou a seu irmão que pois não podia sair de cativeiro, por o alcaide pedir mais do que podia dar, que se tornase judeu e a judaria de Féz o resgataria, o que ele não quis sofrer, nem falar mais com seu irmão, o qual se foi a Féz e deu conta aos principais da judaria, e mandárão cinco ou seis letrados a o converter e, vindos a Alcacere, lhe disérão ao que érão vindos, e que olhase que aqueles trabalhos e marteiros [1] lhe dava Deos por estar em terra donde o podia servir e tornar á lei em que nacera e se criara corenta e tantos anos, e que em sua velhice quisese tornar-se, e que a comunidade de Féz o resgataria e pagaria o resgate por ele e por seu filho; aos quais respondeo que ele folgava muito de pasar em sua velhice tantos trabalhos por ser cristão, e que não faria movimento de si até a morte, nem leixaria a seus filhos cousa que se lhes pudese lançar em rosto, e que cristão avia de morrer, e não gastasem tempo neste negocio, e que esperava pasar os trabalhos e mao cativeiro com paciencia, em emenda de seus pecados, e que esperava ver-se em Arzila com sua molher e filhos e morrer antre eles; de maneira que os letrados não pudérão acabar cousa com ele e se tornárão espantados da sua constancia. Tudo soube o alcaide e, indinado contra o triste do velho, o fez vir ante si, e diante de muitos lhe jurou que, ainda que morrese o filho, lhe avia de pagar por ambos, e que não avíão de sair de sua casa senão por dous mil cruzados, e que os avíão de dar depois de muitos açoutes, pois era tão mao

1. marteiros: *esta forma já ocorreu na p. 406, l. 2.*

que não queria dar o dinheiro d'Arzila, nem queria que os de Féz lh'o desem, querendo-lhe fazer bem, e que tudo era pera seu mal e dano e de seu corpo e de seu filho.

O que estes miseros cativos pasávão soube logo o conde e quis mandar um recado ao alcaide e pedir-lhe se ouvese mais brando com o misero velho; e com este recado foi Antão Rodríguez, mandando-lhe dizer que parecia cousa fea tratar mal um cativo, por não dar o que não podia, nem tinha, que bem conhecido era o Jibre e seu trato, que não chegava a dozentos cruzados, e ele dava quatrocentos por ele e por seu filho, a fim do velho vir morrer a sua casa, ou mandase escolher dous mouros da vila e os daria, posto que valesem muito mais e fosem mais moços. O alcaide respondeo que o resgate do mercador não avia de ser como o dos cavaleiros, que não tínhão mais que ũa lança, e que polos mouros que o conde dizia não daria duas atalaias que ele vinha tomar ás lançadas; ao que o conde respondeo que as atalaias estávão em costume sairem a cento e a cento e vinte cruzados, e que os cavaleiros e criados seus, que ficávão no campo quando ele os não podia recolher, não era rezão que saisem de cativeiro senão a quatrocentos cruzados e a quinhentos, como ele tirava seus criados que não cativárão em tão bom lugar como os seus cativávão. Isto dizia o conde polos cinco mouros que se tomárão em dia de Todolos Santos quando foi a morte d'Alvaro Nũnez. Deste recado se agravou muito o alcaide e cerrou os portos e não quis que viese cafila; mas como esta perda fose mais sua que nosa, polo proveito dos dereitos da porta e de seus camelos, os tornou a abrir, e não que consentise vir ũa galinha, e daqui se veio a reinar[1] tanto que se cerrárão de todo, até que em tempo de Antonio da Silveira se abrírão e se fez o resgate de Lourenço Pírez de Tavora e o deste velho Jibre e de seu filho, como adiante se verá.

Tornando ao conde, tãobem ficou agastado do alcaide e de não poder remedear este triste velho, e com este desgosto tornou a Portugal, depois de deixar a Antonio da Silveira em Arzila por capitão; e, como magnifico e cheio de muita nobreza, ouve provisão pera estes, pai e filho, se resgatarem, os quais Antonio da Silveira resgatou por setecentos cruzados em ḷacar, e foi este resgate ao tempo que Lourenço Pírez de Tavora e Manoel da Silveira saírão de cativeiro, que foi no ano de vinte sete. Os cativos Francisco Rodríguez e seu filho, João Rodríguez, viérão a Portugal e o conde os presentou a el-rei, noso senhor; e, enformado de todos os trabalhos pasados, lhe fez mercê de todo o resgate, e se tornárão a Arzila, mas o João Rodríguez veio tão cortado dos trabalhos e dos açoutes que durou pouco antre nós, e o misero velho vio a morte deste filho e doutro, que em Castela morava vertuoso e onrado, e ele viveo depois muitos anos.

1. reinar: *azedar? ou* roinar: ruinar? *Este capítulo f. em todos os outros mss.*

Trouxe este conto tão largo e comprido, porque sou tanto afeiçoado ás cousas daquela vila que onde vejo aparelho pera poder louvar algũa parte o faço, quanto mais neste caso, onde se pode fazer ũa escramação contra muitos cristãos, artilheiros e oficiais de todo jenero d'armas, como espingardas, béstas, ferros de lanças, finalmente de todo oficio de ferro, que antre os mouros ândão, uns lançados por suas vontades, a fim de poderem a seus vicios pasar suas velhacarias e maldades, e outros que, sendo cativos, se oferecem a usar seus oficios, com que tanto dano vem á cristandade; e, porque quando falei em outro cativeiro d'Alvaro Díaz, ferreiro, dise como se fizera endemoninhado e se lançara no fogo, mostrando que o demonio o lançara, e tudo por não mostrar a fazer ferraduras de sua mão, — pois sendo este Alvaro Díaz e Francisco Rodríguez Jibre cristãos novos e nacidos judeos e tornados cristãos, depois de averem cada um corenta anos, e dérão mostra de tão bons cristãos, como polo que tenho contado parece, o que ouso contar e dizer por aver oje muitas pesoas vivas que vírão pasar o que ei contado e os conhecêrão como eu, e, ao tempo que foi o despejo, não avia cinco anos que ambos érão falecidos.

CAPITULO CXIV

De como os mouros do conde ordenárão de fujir da mazmorra e como o ardil se desfez

Muitas graças dou a Deos em sair destes anos atrás, em os quais se pasárão as mortes, danos, trabalhos contados, e me leixou entrar no ano de mil e quinhentos e vinte quatro, no qual pasamos com mais sosego e quietação por pasarmos a guerra ordenadamente [1]; e, posto que neste ano el-rei de Féz nos correo tres ou quatro vezes, quis Noso Senhor que não recebemos dano e o recebido fose tão pouco que sempre fomos em crecimento; e, primeiro que entre na guerra, polo costume que levo de contar algũa cousa asinalada, se no ano em que vou falando aconteceo, e porque neste de vinte quatro não sou lembrado de cousa asinalada de Portugal, nem de Castela, sómente direi da fama afirmativa que antre toda Espanha andava que neste ano no mês de fevereiro seria um deluvio, em que se alagaríão muitas cidades e vilas, e não se falava noutra cousa senão que os lugares altos podíão escapar; e, todas estas adevinhações ficárão por mentirosas, porque, chegado o dia asinalado, que era dia de Sam Matias, aos vinte quatro de fevereiro, o dia foi como os outros que Deos ordenou no principio, quando criou o mundo,

1. ordenadamente] ordinaria B N L M.

e demos muitas graças a Deos e mao grado aos adevinhos; e, com isto, sómente direi da guerra e contarei de um ardil que os mouros cativos do conde fizérão pera fujirem, polo qual se pudérão todos salvar, se o alcaide cumprira o que com eles tinha concertado, por onde os cativos se não fôrão, e alguns dos nosos pudérão correr risco, mas noso senhor Deos não quis que esta misera Arzila recebese mais perda e dano das que ei contado, o qual ardil pasou desta maneira.

Antre os mouros do conde avia um por nome Omar Quequí [1], que oje é vivo e serve de alfaqueque, muito ladino e bom cortesão português, por aver trinta anos que era cativo e se criara na guarda-roupa do conde e era seu cozinheiro, e, por fazer muito bem aos cativos, tinha muita fama antre os mouros, e asi el-rei como os alcaides fazíão muito polo resgatar, mas o conde o não queria tirar de sua casa, posto que soubese quanto mouro era, e quantas novas e ardis avia todas Omar Quequí ordenava, como fez este que agora vou contando. Vio este Omar Quequí que um mouro cativo do alcaide-mór, Francisco Nûnez, tinha ũa chave do Albacarinho [2], que sai sobre a porta do Albacar [3], onde o alcaide-mór tinha lenha, galinhas e outros despejos, com o qual tratou fizese um buraco no muro que saise á praia, por onde ũa menhã se pudesem lançar fora do castelo, e pera segurança dos que fujisem escreveria ao alcaide os viese esperar antre as ortas, ou na fonte de Alvaro Graviel, e desta maneira se podíão ir sem risco, nem trabalho. Este concerto fez Omar Quequí saber ao alcaide d'Alcacere, pedindo-lhe os viese esperar e favorecer, o que ele fez. Vendo que estava isto feito e que da jente d'Arzila se não podia temer, por ser pouca, ainda que o ardil fose descuberto e o conde lhe armase cilada, não alargaria a jente de si até não ter os mouros fujidos consigo, e com esta segurança podia o ardil aver efeito; e mandou dizer a Omar Quequí o ordenase, que pera um dia sinalado ele os viria esperar, e o sinal que lhe mandou que um sabado correríão almogavares da Ruiva e depois dos almogavares correria jente grosa e a bandeira entraria dentro da tranqueira do Facho e faria certo sinal, escaramuçando, e que á tarde se mostraríão quinze ou vinte de cavalo ao longo do Rio Doce, como que vínhão ver se achávão algũa pesoa fazendo erva, e que logo ao domingo pola menhã fizesem por se lançar, como estava concertado.

Pois chegado o dia dos sinais, os almogavares corrêrão trás as atalaias ao tempo que íão descobrindo, as quais corrêrão e seguírão até os Forninhos, e, posto que estas duas atalaias érão novas, elas se salvárão como homens de bom recado, os quais érão Vasco Morgado, d'Olivença, que oje é vivo e vive na ilha de Santiago do Cabo Verde, o companheiro Con-

1. Omar Quequí] Omar Querquí L, *mas no resto do capítulo* Omar; Marquiqui B N M, *mas às vezes Omarque.* — 2. Albacarinho] Albaçarinho L. — 3. Albacar] Albaçar L, *e assim também no resto do capítulo*

çalo Simões, de Valverde, e se chamávão parentes. Estes dous companheiros se salvárão, esperando um polo outro, como bons parentes e amigos, e chegados ao conde os louvou muito, e, vendo os mouros que os não pudérão alcançar, se recolhêrão muito de vagar, como almogavares que desejávão levar alguem após si. O conde, depois que vio as atalaias salvas e os mouros recolhidos, não se quis tornar á vila sem deixar as atalaias em seus postos, e mandou ás atalaias tornasem a tomar a Ruiva e ao adail Anrique do Rego se fose com vinte de cavalo aos Forninhos em favor delas, com o qual eu fui, e o conde se pôs no outeiro de Pero Cão antre nós e o Facho, dizendo o conde que lhe parecia os almogavares tínhão jente, e que não queria mais que fazê-los sair em vão; e, nesta ordem, as atalaias fizérão seu oficio e descobrírão a Ruiva sem verem mais que ir os almogavares polo rosto d'Alfomar acima, e, vendo o conde as atalaias sosegadas e descuberto o Corvo e Bugano e o mar, não se quis vir á vila sem dar sua guarda á erva, temendo-se que, por ser sabado, ouvese alguns desmandados, e, mandando polos moços, mandou fizesem da tagarinha [1] e aleituga [2] ao Facho até o porto do Camelo e não pasasem dele.

Ainda os moços não érão asentados quando a jente arrancou do Jiestal e foi logo na Ruiva. O conde recolheo sua guarda sem pendença, nem trabalho, e, metida do valo novo, que então se fazia por Alihamaz e polo pé do outeiro de Pero Cão, o conde, com todos nós outros, tornou a tomar o Facho, por ver a jente que era, a qual chegou a nós, mas o conde, não querendo pendença, se meteo pera dentro da tranqueira e nós viemos á tranqueira do Meio. Os mouros, vendo a tranqueira de Cima despejada, entrárão por ela e asi sua bandeira branca, escaramuçando e fazendo os sinais antre eles asentado[s] [3] e, parecendo-lhe nos faríão alargar a tranqueira com a do Facho, nos viérão demandar mais de cento de cavalo; mas João Correa, que com sua espingarda no valo estava, pondo a espingarda no rosto derrubou um mouro [cuberto e vestido] [4] de um capelhar de grã, que polo ver lustroso pôs o ponto nele, e, dando a espingarda o trom e caindo o mouro, foi tudo a um tempo, e Fernão Díaz, filho de Alvaro Díaz, ferreiro, meteo ũa seta noutro até as penas. Ainda o mouro do capelhar não era bem no chão quando nós outros arrancamos a ele e a eles com santiago e os levamos pola ladeira acima até os lançar fora da estrada pera o outeiro do Alcaide-mór, mas primeiro nos ficou outro alanceado, o qual asi este como o de João Correa fôrão logo recolhidos e despojados de Fernão Díaz e Fernão Varela e depois trazidos por muitos homens de pé, que polos valos estávão. O conde se tornou abaixo

1. tagarinha] tagarninha B N L M. *O mesmo que* carrasquinha: *cardo comestível Segundo o sr. Candido de Figueiredo, no seu dicionário, no Alemtejo usam-se as formas.* tagarrilhas *e* tagarrinas. *Em castelhano diz-se* tagarnina. — 2. aleituga] letuga B N L M. — 3. [s] *f.* A. — 4. [cuberto e vestido] *f.* A.

muito contente por estes dous mouros lhe ficarem nas mãos, e ouve muitos que vírão a seta de Fernão Díaz pregada no mouro. Tãobem as bombardas começárão seu oficio, em especial do baluarte de Pite João, que, como mais corrente naquela estrada do Facho, [os] [1] começou amedrentar [2], pasando-lhe uns pelouros por cima e outros enchendo-os de pó, de maneira que os dous mouros ficárão em noso poder sem o alcaide saber se algum ficou vivo; e, polo mouro que João Correa derrubou ser pesoa honrada, o alcaide ouve muito pesar e se recolheo muito depresa caminho d'Alfomar, onde ouve conselho sobre o ardil, a que vinha, dos mouros cativos, e, porque o conde em anoutecendo mandou fazer sinal a Tanjere, tirando cinco tiros grosos e outros tantos de madrugada, o alcaide enfadado e anojado dos dous mouros não quis esperar por o ardil de pola menhã e, dando ao demo os cativos, se foi caminho d'Alcacere, desemparando os que nele tínhão esperança; e não leixara de fazer muito dano se amanhecera onde estava concertado, porque levava todolos mouros da mazmorra do conde e outros tantos homens que após eles se lançárão; mas parece que as perdas e trabalhos dos miseros moradores tínhão feito termo, porque, como foi menhã e se abrio a mazmorra, os mouros todos se fôrão pera o Albacar, mostrando ir fazer suas necesidades e vazar suas enfusas; e os primeiros que se lançárão [fora] [3] fôrão [4] o mouro do alcaide-mór e o adail de Jazem, que foi cativo no porto das Pedras, que ainda neste tempo estava cativo, e Omar Quequí.

Estes tres, primeiro que fosem vistos, nem sentidos, fôrão no adro e, como não lhes saise jente, começárão a capear, mas não lhes prestou nada, pois não estávão [os mouros] onde ficara [concertado] [5]. Os outros mouros se começárão a lançar e irem-se ao longo do baluarte da Praia, que, como era domingo pola menhã, não parecia pesoa no muro, e dos navios fôrão os primeiros que começárão a bradar, por lhes ouvir os ferros, e, acudindo algũas pesoas ao Miradouro, conhecêrão que os mouros fujíão, e, dando grande grita, corrêrão ao Albacar, e polo mesmo buraco se lançárão mais de vinte homens; e como Rui Carvalho já tinha as chaves abrio a porta da Ribeira e por ela saio seu filho, João Carvalho, e Miguel Galego, criados do conde, despidos e em oso com as lanças e adargas, e asi Vasco Morgado e Jorje Vaz de Magalhães, que ambos no terreiro morávão. Estes quatro de cavalo com alguns de pé saírão pola porta da Ribeira, antes que o conde chegase, mas tanto que chegou pôs muita culpa a Rui Carvalho por abrir a porta, tendo por certo os mouros não cometerem a fujir de dia senão com favor do alcaide; e, como o sino repicase e a grita fose grande: «Fojem os mouros da mazmorra!» em

1. [os] *f.* A. — 2. amedrentar] amedentar A. — 3. [fora] *f.* A. — 4. fôrão] foi L. — 5. pois não estávão os mouros onde ficara concertado] pois não estávão onde ficárão A; pois não estava o alcaide onde lhe ficou B N L M.

pouco espaço fomos todos a cavalo e no terreiro, e como já começasem os homens de pé que se lançárão polo buraco a trazer alguns mouros, dos que alcançárão no adro e polos valos da orta do conde, e os mouros disesem que o alcaide os esperava na fonte d'Alvaro Graviel, o conde saio com todos nós outros e se pôs no Barreiro e, porque vimos já os quatro de cavalo sobre as Pontinhas, mandou descobrir as ortas e o Facho, e, não vendo ninguem, nem rasto, e que os mouros todos érão tomados, sómente Omar Quequí e o adail de Jazem, nos fomos poer sobre as Pontinhas e soubemos dos quatro de cavalo que os tres mouros capeárão rijo quando chegárão onde nós estavamos, e que todos tres se metêrão na ponta do ribeiro que vem dar no vale e no Rio Doce e que eles estávão sobre eles a ver donde saíão e que com a vinda do alcaide não ousárão pasar adiante. O conde ficou espantado leixar o alcaide um ardil que estava tão feito e dise que não seria alegre se Omar Quequí se lhe fose e, mandando descobrir o Corvo e Bugano, fomos á ribeira, onde polo rasto fôrão logo achados e com eles nos tornamos á vila muito contentes, por os mouros não sairem com seu ardil e todos se acharem; e, posto que era domingo e oras de misas, o conde não quis que isto pasase sem castigo e, mandando trazer cinco ou seis espetos de toucinho, ardendo, com seus paos travesados, e, sendo Antonio Rodríguez, seu veador, ministro desta obra, os mandou pingar no meio do terreiro do castelo; e o primeiro foi Omar Quequí, a quem se ouve pouca piedade, porque Antonio Rodríguez não lhe leixou barriga, nem costas que não fose cheio dos pingos de toucinho, estando o conde e todos nós outros presentes, e, depois dele, o Almerique, adail de Jazem, sem dizerem, nem responderem ás preguntas outra cousa senão que o alcaide ficara de os vir esperar e, com esta confiança, se lançárão fora, parecendo-lhe que, pois os sinais érão todos feitos, o alcaide estaria nas ortas ou na fonte d'Alvaro Graviel, e se ahi estivera todos se fôrão. Depois destes mouros principais muito bem pingados, o foi o do alcaide-mór, o qual não ouve inveja aos primeiros, e depois todos os outros, de maneira que ficárão bem castigados por esta vez; mas Omar Quequí era tal e tão manhoso que não deixou de intentar outros ardis, até que acertou e se foi com outros dez mouros principais, como adiante se dirá, levando-o um criado do conde que tinha cargo de os guardar, que tãobem se foi pera os mouros e lá morreo, e depois soubemos que o alcaide leixou este ardil, parecendo-lhe que ouveramos lingoa dalgum dos mouros mortos.

CAPITULO CXV

De como Amelix correo as atalaias e as lançou pera o campo e as correo até o rio de Tagadarte e do que pasou com Roque Ravenga e do mais que neste dia pasou

Pasado o ardil d'Omar Quequí e a corrida do alcaide, como tenho contado dos almogavares d'Alcacere, estivemos sosegados por alguns dias, mas Amelix com seus companheiros não leixou de nos dar rebates, entre os quais foi um que cuidamos que o tinhamos colhido, mas ele escapou, asi por sua viveza, como por não ser chegado o dia em que se avia de perder; e, por acontecer cousa ou cousas asinaladas, contarei este feito meudamente, asi como pasou e como homem que o vio e se achou nele.

Amelix com sua quadrilha do Farrobo se veio lançar ao longo do Rio Doce no corrego da fonte de Pero de Meneses, e em um chafariz, que está em pasando o rio, meteo cinco de cavalo, pera que, tanto que as atalaias pasasem o rio, ficasem atalhadas, tomando-lhe a boca do rio, e se lançasem ao campo e as levasem ante si; e foi o ardil tal que, pasando seis atalaias o rio e pasando as duas pera Alfandequim e as quatro pera os Caminhos e porto das Pedras, os mouros saírão e viérão tomar a boca do rio, que, como corrêrão ao longo dele, não ouvérão vista das atalaias, por irem elas por cima. As nosas atalaias, tomando o rebate, tornárão a demandar a boca do rio, e, vendo os mouros diante, as duas dos Caminhos, não ousando cometer a praia, tornárão pera trás e, sem mais verem mouro, fôrão demandar o porto d'Alemoquique e se viérão á vila, os quais érão Bastião Fernândez, jenro de Nuno Álvarez de Carvalho, e Justiniano; as quatro se ajuntárão antre o Tojal e Tojalinho e, vendo os mouros diante, se detreminárão fujirem pola praia, caminho de Tagadarte, e o pasar a nado se os mouros os seguisem, mas Dente d'Alho, que um deles era, não ousou ter com eles, por seu cavalo ser mais fraco que os dos companheiros, e tornando atrás se foi embrenhar no vale de Jorje Vieira e tãobem escapou, sem ninguem o seguir. Os mouros, como visem que os tres tomávão a praia, parecendo-lhe que os levávão na mão, se pusérão na sua isteira, caminho do rio d'Algorrife, e, pasado, fôrão demandar o rio de Tagadarte; mas Amelix, como chegase aos tres companheiros e conhecese a Roque Ravenga, lhe começou a ir pregando, dizendo: «Roque, este dia desejei muito; pois m'o Deos dá não m'o tires com tua morte, dá-te tu e os companheiros, que eu te seguro a vida». Roque lhe respondeo: «Amelix, não te chegues a mim se queres tornar ao Farrobo, porque eu e meu companheiro não nos avemos de dar senão

quando não tivermos cavalo nem lança», e, nestas e outras praticas, chegárão ao rio de Tagadarte e, vendo que os mouros íão perto e o rio ia vazio, se lançárão todos tres á agoa; e, porque Fernão de Anes, jenro de Pero López Mualho, que milhor cavalo levava, se lançou á agoa logo a junto do mar, a vazante o levou tão rijo e se embaraçou de tal maneira que o cavalo se lhe afogou e ele tornou a terra com ajuda dos mouros, que doutra maneira tãobem se afogara, bradando-lhe primeiro os companheiros que esperase por eles, o que ele não quis fazer, parecendo-lhe que, porque seu cavalo era muito lijeiro, se avia de salvar e pagar com os outros que vínhão juntos, como bons cavaleiros que érão, porque Afonso Pinheiro, companheiro de Roque Ravenga, era muito valente homem, e ambos andávão apostados a se ajudarem e perderem como bons cavaleiros, os quais naquela praia de duas legoas, que ha d'Arzila a Tagadarte, por muito que fôrão apertados dos mouros, sempre fôrão acompanhados; o que Fernão de Anes não fez, que, parecendo-lhe que quanto mais largo fose dos mouros tanto ia mais seguro, e com a furia que levava se lançou ao rio, onde se embaraçou e se perdeo; mas Roque Ravenga e Afonso Pinheiro, chegando ao rio, fôrão demandar o cascalho, onde o rio não corre com tanta furia, e muito de vagar se metêrão nele, lançando-se fora das selas e pegando-se ás comas dos cavalos; mas Amelix não foi preguiçoso em fazer outro tanto, porque logo se lançou após eles, e asi o fizérão outros dous de seus companheiros, leixando os cavalos á borda do rio e, como mais despejados e sem cavalos, no fio do rio fôrão com os nosos, e o Amelix pôs a lança em Roque Ravenga, dizendo-lhe: «Roque, torna, não queiras morrer». Roque lhe deitou mão da lança e com a sua lh'a fez alargar e, porque Afonso Pinheiro lhe quisera ajudar, Roque dise: «Companheiro, não alargueis os cavalos e fazei polos pasar e me leixai com estes mouros, que nesta agoa os ei d'alancear». Nesta pouca detença, a corrente, que vazava, os lançou á boca do rio, onde os mouros não ousárão apegar, nem chegar a Roque, e se tornárão á nosa banda e os nosos á de Tanjere; e, porque a lança de Amelix embaraçava muito a Roque, por causa de ũa bandeira vermelha que nela trazia, Roque a alargou já na quebradura do mar, e ele e seu companheiro saírão á banda de Tanjere e, tomando a praia na mão, se fôrão ambos.

Amelix, tanto que tornou a terra, magoado de Roque se lhe ir, e vendo que estava metido em um redefol e que o conde podia mandar ou vir depós ele, fazendo tomar Fernão de Anes ás ancas e tirar a sela do cavalo, se fôrão recolhendo mais que de vagar, temendo-se o conde os mandase esperar ao outeiro das Vinhas, por onde de força se avíão de recolher, como de feito o conde fez, que saindo a repique com todos nós outros chegou ao Rio Doce e, não vendo atalaia algũa, ficou embaraçado, não sabendo se érão perdidas; e, estando nisto, chegárão as duas que polo porto d'Alemoquique se recolhêrão, que érão Bastião Fernândez e

Justiniano, e, como desem nova que não vírão cousa mais que os mouros ao longo do Rio Doce, o conde as tornou a mandar descobrisem o porto das Pedras e Alecasapo, e a Vasco Morgado mandou a Alfandequim; e como Dente d'Alho, que sobre o vale de Jorje Vieira estava deitado sobre ũa palmeira, conheceo as atalaias e as descobrio, tomando seu cavalo se veio ao conde e lhe dise como Roque Ravenga e Afonso Pinheiro se íão pera Tagadarte e seu companheiro com eles, e que ele não ousou de ir com eles por seu cavalo não ser tal. O conde os teve por seguros, pola confiança que em Roque e no Pinheiro tinha, e asi no bom cavalo de Fernão de Anes, e que por ventura alguns deles se embrenharíão no daroal de Tagadarte, que em aquele tempo era asaz forte e espeso, e, por não dar lugar que Amelix os buscase, quis ir após ele; e, porque Amelix se não podia recolher senão polo outeiro das Vinhas ou pola Pontinha, nos apartou trinta de cavalo, e mandou ao adail Anrique do Rego os fose esperar ao outeiro das Vinhas, e Artur Rodríguez, mourisco, nos encaminhase e guiase, o qual foi causa que Amelix este dia se não perdese, como logo direi.

Como o conde teve apartado ao adail, ele tomou dereito ao rio d'Algorrife e, tomando a praia nas mãos, polo rasto dos mouros foi quanto rijo pode até chegar ao rio de Tagadarte, e logo na praia se achou a lança de Amelix com a bandeira de seda vermelha qu'ele sohia trazer, e asi o cavalo de Fernão de Anes, e vio o rasto que os mouros levávão, e por ele se foi ajuntar connosco, que, como do conde nos apartamos, pasamos o rio d'Algorrife e, polo pé dos corregos do Adail, fomos tomar a atalaia sobre o outeiro das Vinhas; e não tardou muito que os não vimos vir polo meio da varzia, mas não a tão mao recado como nós estavamos, que, quando nos pareceo que os tinhamos junto de nós, tornárão atrás em busca do porto da Lama e, estando nós outros prestes pera lhe sair, Artur Rodríguez veio pera nós, matando-se que os mouros ião fujindo. Ouvindo isto, arrincamos a eles e, pasando algũas caldeiras da varzia, nos estendemos polos alcançar, mas, como nos levávão muita ventaje, tomárão o porto da Lama e, com pouca detença que nele fizérão, nós chegamos a eles a tempo que os mais [1] íão no meio do rio; e, vendo-nos sobre eles, alargárão a Fernão de Anes, que nas ancas de um deles ia, o qual como homem desacordado e de pouco sofrimento, tanto que o mouro o lançou de si, vendo alguns dos nosos sobre o porto, começou [2] a nadar pera os nosos, e, como a corrente o levase abaixo do porto e o levase á barranca, onde não podia sair d'agoa sem ajuda, Miguel Fernândez, que muito bom cavaleiro era, foi pera o ajudar, e pondo-se sobre a barranca, tomou a lança polo conto e a estendeo quanto pode, dizendo: «Apegai nesta lança até vos lançar um cabrestilho» e com estas

1. mais] mai A. —2. começou] começo A.

palavras a chegou quanto pode; mas, como nesta ora estava prestes sua desastrada morte, se lhe fôrão as mãos do cavalo e deu consigo e com seu senhor dentro do rio, levando debaixo de si ao Fernão de Anes, e de tal maneira o tratou que não foi mais visto, nem Miguel Fernândez, que, como ia armado e caio no fio da corrente e o cavalo sobre ele, de tal maneira foi quebrantado que a corrente o não leixou vir acima e fôrão ambos afogados, sem nenhum deles parecer, e o cavalo saio depois de afogar dous homens; o qual, posto que era indrino[1] e mal asombrado, foi muito bom cavalo e muito lijeiro, e andou muito tempo na atalaia e tirou muitas vezes a seu dono dantre os mouros, sendo de Justiniano e depois de outros donos; e, pois falo em cavalo que matou dous homens, direi dele que, sendo de Antonio Rodríguez, veador de Antonio da Silveira, e tendo fama de muito lijeiro, corria muitas vezes parios, e em um que contra Antonio Ravenga correo de Santa Caterina á vila, que é espaço de meia legoa, viérão tão igoais e parelhos que ao chegar da balisa viérão tanto á orelha por orelha[2] que se não julgou o preço a nenhum deles, que foi cousa muito de notar e em que muito falamos.

E tornando aos mouros, que o porto da Lama pasárão, os nosos que primeiro chegárão tãobem começárão a pasar, e os primeiros fôrão algũas atalaias que, como os cavalos mais lijeiros e fartos fosem, chegárão primeiro, em que foi Luis Valente, Francisco López Galeguinho, o Rapapelo, João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, e, posto que o porto atolava, pasamos da outra parte mais de quinze de cavalo, com os quais Amelix quis voltar, cuidando fazer como fizera quando matou o pai de Diogo Lobo d'Olivença, e com obra de quinze de cavalo virou pera dar em nós, mas, como nos achase juntos e cerrados e com as lanças e adargas ante nós, nos paneárão[3] e, virando as costas por antre os sovereiros, nos leixárão um mouro que logo foi alanceado e morto; e, tornando a apertar com eles, lhes foi necesario fazer outra volta, com sómente oito ou dez dos milhores cavalos, que os outros ião muito diante por dentro do Soveral. Nesta volta, posto que já iamos algũa cousa estendidos, nos apertárão e chegárão a poer as lanças, mas, como iamos com vitoria, nenhum de nós ouve que virase rosto, e, como nos asi achasem, sem ordem tornárão fujindo, na qual fujida lhe matamos outros dous mouros, e nesta pouca detença se alargárão de nós sem mais podermos chegar a eles; e vendo-nos poucos, porque os mais dos nosos ficárão no porto, socorrendo aos afogados, e os que pasamos não fomos mais de quinze de cavalo, e com as tres cabeças, que João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, cortou, e com os tres cavalos nos começamos a recolher; mas, como no porto achamos a revolta da morte de Miguel Fernândez e Fernão de Anes, ficamos todos

1. indrino: *veja-se p. 149, l. 26.* — 2. á orelha por orelha] a la par L. — 3. paneárão: *já ocorreu êste vocábulo na p. 358, l. 12 e 15 e notas.*

tristes, porque Miguel Fernândez era homem muito honrado e bom cavaleiro; e no porto nos ajuntamos com o conde que, polo rasto de Amelix, foi ter ao porto da Lama, onde nenhum dos nosos afogados pareceo, e, recolhidos á vila, soubemos que um dos tres mouros que morrêrão neste dia foi o que avia morto ao capitão do Pinhão de Bélez e ganhado a fortaleza e dado a el-rei de Bélez, e por mostrar ser muito valente se veio ao Farrobo ajuntar com Amelix e fazer guerra aos cristãos em serviço de seu Mafomede. O [seu][1] cavalo era muito fermoso jinete e bem guarnecido de estribeiras douradas e cabeçadas de prata, mas o cavalo, depois de vendido por trinta e tantos mil reais, morreo de duas feridas que trazia; e com isto acabo este revoltoso capitulo.

CAPITULO CXVI

Como Artur Rodríguez mourisco entrou e tomou dous mouros e oito bois

Muito infamado ficou neste dia do porto da Lama o almocadem Artur Rodríguez, e todos tivemos que a acinte se mostrou na atalaia, porque doutra maneira os mouros nos vínhão cair onde lhes sairamos de muito perto e por a varzia do outeiro das Vinhas os foramos derrubando todos, ou a mór parte deles; e, por este feito ser tão desejado e se nos desfazer de antre as mãos, pareceo que não podíão os mouros ver outro senão a Artur Rodríguez, por estar só na atalaia e, por ser o outeiro raso, o vírão. Era Amelix tão percatado e previsto que trazia os olhos e o tempo nos lugares donde se podia temer e vio algum dos nosos, ou como manhoso fez aquela remanguesa[2], mostrando que fujia, pera que se ouvese cristãos e lhe esperasem lhe saisem, como muitas vezes o fazem ás atalaias quando descobrem algum lugar onde sospéitão; e isto tenho por mais certo que a culpa posta a Artur Rodríguez, por o termos por muito bom cristão e dali em diante muito milhor, como em muitas partes direi. Ele sentio muito bem a culpa que lhe dávão e fez por se desculpar.

O conde o desagastou com sua muita prudencia e saber, dizendo-lhe que a guerra muitas vezes saia ao contrairo do que se cuidava; e, pera o mais satisfazer, lhe deu a tença do que vagou por[3] morte de Pero de Meneses, que érão seis mil reais por ano, e depois lh'a acrecentárão

1. [seu] *f.* A. — 2. remanguesa] remangesa A; *f. todo o capítulo em* BNM. *Este substantivo, assim como o adjectivo de que deriva, f. nos dicionários.* — 3. do que vagou por] que ficou per L.

a dez mil, e com isto ficou muito contente e logo pedio licença pera ir fora; e concedida, com vinte dous de cavalo, foi correr ao Farrobo, onde chegou ás tranqueiras d'Arraihana e tomou dous mouros e oito bois d'arado, que lavrávão pera ũa milharada, e logo d'Arraihana saírão tres de cavalo e do Farrobo outros quatro ou cinco, e viérão á fala até pasarem o ribeiro dos Aloendros [1], e lhe preguntárão que quem era o almocadem, e ele respondeu que disesem a Amelix que se chamava Alatax, nome que tivera sendo mouro, e que ele era o que estava no outeiro das Vinhas e que não cansaria de o perseguir até o trazer á morte. Logo Amelix chegou e dise: «Ah arrenegado, tu e eu somos de um oficio e ambos andamos aventurados, mas eu faço a guerra como leal cavaleiro, pois a faço por minha lei e meu rei e por meus parentes e terra, mas tu a fazes ao contrairo de tudo, e por isto não deves de falar, porque teu dia e o meu tem Deos guardado, e ninguem o sabe senão ele». Artur Rodríguez dise: «Eu ando em serviço de Deos e tu de Mafamede e, quando nos encontrarmos, verás quem serve a Deos e quem é ajudado dele». Estas palavras fôrão causa, dali a pouco mais de um ano [2], da morte de Amelix: vindo outra vez á fala, na estrada d'Alecasapo, o Amelix o seguio até os Caminhos, onde o capitão Antonio da Silveira soltou jente e o matárão, como no ano de vinte cinco direi. Os mouros que á fala vinhão não pasárão do ribeiro dos Aloendros, que é antre a Ribeira Grande e a casa de Martinho, e Artur Rodríguez trouxe sua presa com que tapou parte do que se dele dizia [3].

CAPITULO CXVII

De como el-rei de Féz nos tornou a correr e se lançou antre as ortas e o Chamiço encontrou a Amelix

Não pasárão muitos dias depois desta revolta, que ei contado, da corrida de Amelix e das atalaias que se lançárão ao rio de Tagadarte, que el-rei de Féz não tornou abaixo. O ardil que trouve eu o não sei, sómente se veio lançar ao Facho, e muita jente de cavalo se lançou na vinha do Anjo e na azinhaga de Diogo de Miranda e outra muita detrás do pomar do doutor Duarte Rodríguez. Parece que o ardil era de atalhar ao adail e as atalaias, tanto que pasasem as ortas, indo

1. ribeiro dos Aloendros: *é certamente o ribeiro de que se falou na p. 427, l. 17 com o nome de* ribeiro dos Alomidros. — 2. um ano] dous anos L. — 3. *acrescenta* L: e fôrão estes os primeiros mouros vivos que [a] Arzila viérão depois do desbarate de Dom Manuel.

pera o Facho, e se meterem antre elas e a vila, o que estava sempre feito, porque as atalaias sempre tivérão em costume de irem dereito ao Facho, sem terem resguardo aos traveses, onde avia muitas azinhagas e valos e canaveais [1], onde podíão receber dano; mas quis Noso Senhor que os mouros não caírão neste ardil e este que agora vou contando lhes saio em vão, como, polo que neste dia aconteceo, se pode ver.

Pois pasa asi que tendo dado o priol licença, posto que fose dia santo, avendo respeito ao porto e arrecife não dar lugar que pudesem estar navios carregados nele, e, por neste dia fazer levante, pudesem carregar e partir, o que se fazia pola porta do Albacar, onde andávão muitos moços de bestas carregando muitos couros e fardos de tamaras; e, pera milhor recado e mais segurança dos que na praia andávão, Eitor Gonçálvez, irmão de Francisco Gonçálvez, que a carga dava, rogou a Cristóvão Rodríguez Chamiço e a Pero Fernândez o Torto cavalgasem e se fosem poer sobre o adro e estivesem em atalaia sobre os que andávão ao carreto, o que eles logo fizérão de boa mente, asi pola amizade de Eitor Gonçálvez, como por levar cada um ũa cevadeira de tamaras; e, sendo no adro em cima do Barreiro, o Cristóvão Rodríguez tomou o caminho na mão e seu paso a paso se foi pola tranqueira de Fernão Meirinho acima até sobre as Pontinhas do vale do Facho, o que vendo os mouros ficárão espantados por não ser o costume irem as atalaias por aquela parte e muito mais o foi Amelix, que na fonte d'Alvaro Graviel estava, e, vendo-o avante de si, saio e lhe veio tomar o adro. O Chamiço, vendo o vale cheio de jente, tornou pera demandar o adro, o que tãobem fez a jente do Facho e a das ortas, parecendo-lhes que a jente saia pola praia; o Chamiço, quando foi no adro, achou Amelix diante de si com sete de cavalo, e, vendo-o todo branco, lhe dise: «Viejo, dexa la lança y no morirás [2]», mas Cristóvão Rodríguez, como bom velho, quis romper por eles e, pondo a lança em Amelix, lhe pasou os vestidos e camisa, e, tomando-lhe um pouco da barriga, lh'a fendeo e lhe fez ũa ferida, e não perigosa, por não entrar ao vão [3], e, pasando com muita furia, deu com ele no chão e levou a lança na mão, levando muitas trochadas dos outros sete mouros, que, polo tomar vivo, o não quisérão matar; mas, depois que vírão que pasava e que Amelix era no chão, cuidando que ficava morto ou mal ferido, o quisérão fazer, mas não pudérão, posto que lhe dérão duas feridas e outra no cavalo, mas ele se saio deles, e os mouros o seguírão até a Bica e, vendo jente na praia, se tornárão acudir a Amelix, parecendo-lhe o dano era mór, mas ele tornou a cavalgar e se foi pera a jente, que todos os caminhos érão cheios.

O conde saio da igreja, onde estava, á grita e rebate e repique, que

1. canaveais] canaveiras L. — 2. morirás] mueras A; mouras L M. — 3. entrar ao vão] pasar dentro L; *f. nos outros mss.*

todo foi a um tempo, e, posto a cavalo, ouvio dizer que as ortas érão cheias de jente de cavalo e, acodindo á porta do Albacar, que estava aberta, achou o Chamiço que vinha ferido, e logo dise que deixava morto a Amelix e como o encontrara e onde o esperara, a qual nova meteo a vila em grão alvoroço, e pola porta do Albacar saimos todos os de cavalo e o conde nos pôs em ala no Barreiro, por que parecesemos mais dos que eramos, mas pouco prestava, que, até noventa de cavalo que eramos, não podiamos parecer muitos. Os mouros, tanto que nos vírão no adro, se deixárão vir chegando á tranqueira de Fernão Meirinho e até a orta do conde, vindo, todavia, espalhados, por causa da nosa artelharia que os começou a asombrar, e logo a bandeira de Mulei Abrahem, bem acompanhada de jente, se veio poer sobre a Pontinha, onde o Chamiço esteve; e, como o conde vise muitas bandeiras brancas e guiões vermelhos e ázues, e a jente ser mais que a dos alcaides, conheceo ser el-rei e, querendo-lhe dar a obediencia que se deve á pesoa real, nos dise: «Esta jente é d'el-rei e como a pesoa de rei lhe demos o campo e os leixemos andar á sua vontade, e nós vamos ouvir nosa misa; e pois nos tem feito honra, em não fazerem nada, paguemos-lhe em lhe deixarmos o campo», e com isto nos tornamos á vila, e o conde mandou aos bombardeiros que não lhes tirasem e os leixasem andar como quisesem, e asi armados nos metemos na igreja, onde se dise a misa rezada; e dita, o conde se foi ao baluarte da porta da vila, onde, rodeado dos mais de nós outros, esteve falando no ardil dos mouros e a mercê que Deos lhe[1] fez[2], ao adail e atalaias em os mouros serem descubertos da maneira que o fôrão, por causa da carga dos navios e o priol dar licença que os navios tomasem carga, que, não indo Cristóvão Rodríguez Chamiço fora da maneira que foi, as atalaias corrêrão muito risco; e nisto e em outras praticas estivemos até os mouros se recolherem ao Xercão, onde el-rei tinha seu apousento; e, tanto que o conde comeo, se pôs a cavalo com toda a jente e, saida fora, mandou tomar o Facho e o outeiro de Fernão da Silva e mandou lançar o gado fora, e os moços da erva a fizérão dantre os valos, por aver neste tempo muita.

Mas bem á tarde vimos vir dous homens de cavalo demandar o porto d'Alimoquique, os quais chegárão ao conde, que sobre a Pontinha estavamos; e érão João d'Oribia, bizcainho, morador em Tanjere, e Alhadide, alfaqueque de Xexuão, e João d'Oribia beijou as mãos ao conde da parte de Mulei Abrahem, dizendo que ele lhe mandava dizer que el-rei estava no Xercão e que ele folgara em não fazerem dano, e que o mandava visitar e que lhe mandase ũa moura que Alhadide leixara resgatada á senhora condesa, e que ele trazia o dinheiro em dobras; e tãobem vínhão por resgatarem a Fatema, a fermosa, por quem Mulei Abrahem mandava

1. lhe] *f. nos outros mss.* — 2. fez] fizera L; *nos outros mss. f. êste paso.*

dar trezentos cruzados, sómente pola fama de fermosa. Tãobem mandava el-rei resgatar a Omar Quequí e se concertou seu resgate em quinze quintais de cera, o qual resgate não se comprio, porque a cera não veio e o conde jurou de o não dar sobre o negocio de João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, como ao diante direi, nem tão pouco a condesa não quis dar Fatema, por ser sua camareira e ter cargo de seus vistidos, e depois se fez cristã e foi casada e honrada; e sobre esta Fatema fez Mulei Abrahem muito pola aver, até a meter no resgate de Lourenço Pírez de Tavora e de Manoel da Silveira, e Fernão Caldeira, que fez este resgate por mandado de Antonio da Silveira, em cujo tempo os cativárão, e, vendo que Mulei Abrahem insistia por aver esta Fatema, lh'a prometeo em trezentos cruzados e lhe leixou quatrocentos em penhor em prata lavrada, e, por a condesa a não querer dar, ficou a prata a Mulei Abrahem até oje; mas Fatema foi a que milhor saio desta perfia, porque, depois de tornada cristã, a casárão com um criado seu, que avia nome Nicolao Fernândez, e foi muito onesta e honrada molher e, depois do despejo d'Arzila, onde os mouros lhe matárão o marido, antes um mês que dela saisemos, ela se tornou a casa da condesa, onde faleceo em fama de boa cristã. E de João d'Oribia soubemos a ferida de Amelix ser pouca cousa.

CAPITULO CXVIII

De como el-rei de Féz depois da morte de seu irmão Mulei Naçar tornou a correr Arzila e tomou sete almogavares de oito que érão fora

Estando el-rei de Féz no Xercão, duas legoas d'Arzila, acompanhado de seus alcaides, depois da corrida que fez na outava da nosa Pascoa, em que não fez dano algum, com vontade de correr a Tanjere e nos comer as ervas, mas, como lhe viese nova que seu irmão, Mulei Naçar, estava á morte, sem mais fazer outra cousa, se partio pera Mequinez, onde seu irmão estava doente, a qual doença foi tal que tirou desta vida o mór imigo do nome cristão e o mais cruel homem de noso tempo; e, com estas faltas [1], era tão sojeito a el-rei que, mandando o reino e sendo mais temido que el-rei, nunca chegou a ele que lhe não beijase as estribeiras ou o pé, e com esta obediencia lhe queria el-rei muito; e, por ser o segundo, depois d'el-rei, era o que avia de erdar o reino e ficar por rei, se el-rei falecera primeiro. A morte deste irmão sentio el-rei muito e, depois de fazer os comprimentos que eles costúmão e dar as

1. com estas faltas] contudo B N L M.

terras de Mulei Naçar a seu filho, Mulei Maçoude, e fazer lhe viesem os alcaides de Çalé e Tedola a reconhecer [1] por senhor, isto feito, em que se pasárão alguns dias, el-rei não quis entrar em Féz, antes tornou abaixo a correr Arzila e a Tanjere.

A causa desta vinda foi por fazer gazua ou matar cristãos pola alma do irmão que, segundo suas obras e lei, estava dando conta ou ardendo no inferno, parecendo-lhe que se algum cristão matase deste caminho o alivaria das penas e tormentos em que o irmão estava; mas esta ida não foi em vão, por lhe irem cair oito almogavares nas mãos, como aqui direi. Desta ida d'el-rei acima tanto depresa foi o conde sabedor, asi por mouros que se lançárão com nós outros, como por cafilas que viérão, mas como uns dizíão que el-rei se fora por Mulei Naçar ser morto e outros que o xarife ia sobre Tafilete, e que xeque Omar, senhor de Tafilete, mandara pedir socorro a el-rei, e que por esta causa levara os alcaides nosos vezinhos, é por esta duvida Artur Rodríguez foi fora e não fez nada; e, sendo vindo, Estêvão Fernândez pedio licença ao conde pera ir fora a tomar ũa lingoa, o conde lh'a deu, mas não que entrase das bocas a dentro, sómente que amanhecese em Almançora e dése vista á boca d'Alecototo e a Tandia [2], e vise se atalhávão largo ou de dentro, e que escontra o meiodia viesem tomar os cabeços de Burromede, e, não vendo nada na ribeira de Taliconte e Xercão, pudesem montear. Estêvão Fernândez, tendo a licença, chamou sete de cavalo e com ele oito e fez o que lhe foi mandado; e, sendo já oras que vínhão travesando a volta da ribeira, ouvérão vista de tres mouros de pé que vínhão pera o Xercão e alvoroçados arrancárão a eles. Os tres mouros tãobem ouvérão vista e, posto que lhes pareceo serem mouros, vendo-os correr a eles, se lançárão no ribeiro do Alborje e por ele se escoou um que deu rebate a el-rei, que chegava ao Xercão; mas primeiro os nosos, buscando o ribeiro, dérão com um dos mouros e preguntando onde íão dise que pera el-rei, que no Xercão estava. Esta nova os cortou, que logo o quisérão matar, mas lembrando-lhe o risco em que Jorje Manoel e seus companheiros estivérão, de serem todos mortos polo mouro que matárão, o não ousárão fazer e, tomado nas ancas, tornárão pera trás, desejando de travesar a estrada e se acolherem no Soveral, e, indo na volta de Taliconte, ouvérão vista da jente d'el-rei que saia ao rebate do mouro; e, por muito que Estêvão Fernândez e seus companheiros fizérão, não pudérão tanto que João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, não dése duas lançadas no mouro que nas ancas de Nuno Gonçálvez Ratinho ia, e com estas feridas, ainda qne não fôrão mortais, o leixárão; e como a jente andou cega, parecendo-lhe que os nosos fizesem por tornar ao outeiro das Vinhas e ver se podíão ir a Tanjere, e pera aquela parte se espalhou a jente, e tãobem veio muita a demandar

1. reconhecer] reconhecello B N L M. — 2. Tandia] Taudia L M.

a vila, os nosos oito de cavalo tivérão tempo de se meter no Soveral, e do que fizérão e como se perdêrão eu tornarei a o contar, e agora direi o rebate que na vila ouve e o que fizérão os mouros.

O conde este dia dava a guarda da outra parte do Rio Doce e as atalaias érão na Aldea Velha, ũa legoa da vila: érão tão largas com o favor dos nosos almogavares; e, tomando o rebate, o conde recolheo sua guarda sem impedimento, nem estorvo, e, como a jente veio demandar o Rio Doce, o conde ficou na praia, e alguns mouros, que polo porto d'Alimoquique e do Pereiral pasárão, viérão matar um carreiro da molher de Miguel Fernândez, que no porto da Lama se afogou, que fazendo lenha pera o forno estava, ao pé da Atalaia Gorda, ou por não ouvir o rebate, ou por não se querer recolher. O conde, posto que neste dia não recebeo dano e recolheo a guarda e moços muito bem, por os mouros sairem este dia do Xercão, e viérão mais por tomar a vila aos nosos almogavares que por alcançar a guarda, nem boiada, sentio muito a perda dos almogavares e os teve por perdidos, mas, como vio que a mais da jente carregou á Atalaia Alta de Tendefe e ás Furnas, pareceo-lhe que alguns dos nosos ou todos érão no Soveral e que aquela jente os esperava nos caminhos; e, como foi noute, mandou tirar muita artelharia, fazendo-lhe sinal que a jente estava sobre nós e que não cometesem a vila, o que não prestou nada, porque os nosos, como levávão nova que era el-rei e visem muita jente no Soveral entrar com eles, ouvérão por milhor conselho alargarem os cavalos e se apartarem cada um a sua ventura, e asi o fizérão, que aquela noute não ousou nenhum sair do Soveral; mas, como a outra noute sintisem muita jente de pé que el-rei fez vir das serras, cada um ordenou de se salvar por si e, tornando-se a encontrar João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, e Francisco Pinto, ambos mancebos, ordenárão de vir buscar a vila, e a terceira noute, saindo-se do Soveral por antre as Atalaias Altas, viérão demandar o monte das Porcas, onde caírão nas mãos de cincoenta mouros que os esperávão; e outro tanto aconteceo a Nuno Gonçálvez Ratinho e a Bertolameu Rodríguez, que se chamava capitão da Couraça, que tãobem fôrão tomados e levados a el-rei, e asi o foi Pedro Anes e outros dous que não sou lembrado de seus nomes, os quais viérão demandar a praia do Cabo Branco, e nas Furnas, onde estava certo os esperarem, fôrão tomados, sómente Estêvão Fernândez escapou, por não sair do Soveral até os mouros serem todos idos a Tanjere, depois de estarem sobre nós cinco dias, em que se pasárão muitos recados antre o conde e Mulei Abrahem, sobre que João Vaz não morrese, como logo irei contando; e, porque neste dia primeiro eu pasei um notavel risco, o contarei, pois vou contando o que a cada um aconteceo naquela vila.

Era segunda feira, cinco dias antes de São João, o dia que os almogavares érão fora, e, por o conde se dizer que ia dar guarda áquela parte do Rio Doce, nos juntamos quatro homens honrados, os quais eramos

Pedro Afonso Homem, Luis Machado, Bras Simões e eu, e pedimos ũa rede de rolas a Fernão Díaz, filho de Alvaro Díaz, e nos fomos ao outeiro de Muliana, alem do Facho, armar ás rolas; e, estando todos quatro na choca, foi o rebate, e, como estivesemos á vista do Facho e o facheiro, que Vasco Lourenço era, pusese a bandeira do sinal pera a parte do Rio Doce, nos ouvemos que estavamos seguros; mas, depois do rebate aver durado grande espaço e a grita fose muito grande, pareceo razão vir tomar vista do campo, e, tomando as rolas tomadas, nos fomos todos quatro ao outeiro da Moliana, e vendo o facheiro capear muito rijo por os mouros virem já nas lombas do Corvo e, como fose razão de nos recolher mais depresa que de vagar, eu, como mais moço e menos percatado, quis tornar pola rede, e asi o fiz não sem muitos brados de meus companheiros, e chegando á rede lhe cortei as cordas com a espada e com ela me tornei pera o Facho; e, sendo visto dos mouros, que já vínhão sobre o vale, apertárão quanto pudérão e chegárão a tempo ao Facho que eu vinha junto da tranqueira do Meio, porque, eu quando cheguei á tranqueira do Facho, já o facheiro e meus companheiros érão na tranqueira do Meio, que, como me não podíão dar nenhum favor, por virem a pé e sem armas, desejávão topar alguns de cavalo que me favorecesem, e o primeiro que topárão foi o doutor meu irmão, que, saindo a repique e vindo na praia, vio o facheiro capear e tornou pera o Facho, e topando com Garcia de Resende, criado do conde, lhe dise: «Tornai comigo, porque meu irmão é desta outra parte», e ambos tornárão e fôrão ter comigo á tranqueira do Meio, onde tres mouros de cavalo viérão ter com eles, estando outros muitos dali pera cima; e, como alguns dos nosos fosem pera a tranqueira do Anjo e tãobem alguns bèsteiros e espingardeiros andasem antre os valos, os mouros se espalhárão polo Laranjal, cercando a vila de mar a mar, e, desta maneira, a tardar mais um pequeno espaço, pudera correr o risco de todo, avendo que estavamos bem seguros, sómente por tornar pola rede, que se logo nos recolheramos não tiveramos trabalho, por os mouros correrem de tão lonje como é o Xercão; e portanto, se não estreva pesoa algũa a escapar a pé a jente de cavalo, por lonje que lhe saia, que saindo esta jente do Xercão, duas legoas da vila, viérão alcançar homens que estávão ás portas.

CAPITULO CXIX

De como el-rei de Féz esteve sobre Arzila até tomar os almogavares que no Soveral se avião recolhido e antre eles tomou a João Vaz irmão de Gonçalo Vaz e o mandou queimar e marterizar e dalguns recados que antre o conde e Mulei Abrahem ouve

Tornando a el-rei, que sobre nós estava esperando que os nosos almogavares lhe viesem a cair nas mãos, tendo posto guardas de pé e de cavalo em todos os caminhos, portos, lugares por onde podíão vir demandar a vila, e, pera isto fazer sem trabalho, asentou suas tendas e arraial ao pé do Palhegal, sobre o porto de Alimoquique, tão perto da vila que com o Lião, que no terreiro estava, mandou o conde tirar tres ou quatro tiros por cima do muro e os pelouros fôrão dar antre as tendas, e nem por iso se alevantárão, nem mudárão. Os mouros amanhecíão no Facho e nas tranqueiras, segando e talhando alguns pães que estávão por segar, e o que estava segado e nas eiras levávão em feixes e em paveses [1], pera que os cavalos comesem. A ordem que tinhamos era estar armados e os cavalos selados, e, tanto que as bandeiras e jente se recolhíão ao arraial, nos iamos ao Facho e sobre as Pontinhas lançavamos a boiada fora e lhe davamos de comer ao derredor da vila, e por antre as ortas os mouros, como nos víão no Facho, logo se vínhão a nós pera nos lançar fora dele até nos encerrar na vila.

Era o dia que nos correo esta jente ũa segunda feira, cinco dias antes do São João, como já tenho dito, e logo a terça á tarde, detendo-nos na orta do doutor e alguns [2] bèsteiros e espingardeiros por antre os valos, dous mouros se apeárão á tranqueira do Anjo e pusérão fogo a ũa eira de cevada, que junto da tranqueira estava, a qual era de Bras Simões e começou lògo a arder. Em ala, o conde, vendo que pûnhão fogo ás eiras, se pasou com todos nós outros ao adro, por estorvar que não pusesem fogo em muitas que no adro estávão, onde os mouros carregárão, mas a artelharia os começou a sacudir de tal maneira que não ousárão entrar das tranqueiras a dentro, e nós estivemos em defensa delas até que os mouros se recolhêrão, que foi bem tarde; e, por termos por certo que todas avíão de ser queimadas aquela noute ou ao outro dia, cada um de nós outros trouxe um feixe de trigo diante de si, e asi o fizérão os mais dos homens de pé. Aquela noute todos dormimos no muro, esperando que as eiras ardesem, mas ao outro dia, sendo já o conde com a jente no

1. paveses] paveas B N L M. — 2. detendo-nos... e alguns] tendo nos a orta do doutor alguns B N; detendo-nos a orta do doutor alguns L M.

adro, se deixou vir polo adro a dentro um mouro com ũa bandeirinha, e, chegado ao conde, lhe beijou a coixa da perna e, abaixando-se com muita cortesia, dise ser de Mulei Abrahem, e que lhe mandava beijar as mãos, e que lhe mandase novas de si e de sua casa e saude; e depois dise que, posto que el-rei vinha pera comer e talhar os pães d'Arzila e de Tanjere, que lhe pesou muito polo fogo que se pôs na eira, e que os mouros que o fogo pusérão el-rei os mandou açoutar e tomar os cavalos; e que os almogavares érão todos tomados, e que aquela noute tomárão a João Vaz e a Francisco Pinto, e que a outra noute dantes tomárão a Nuno Gonçálvez Ratinho e a Bertolameu Rodríguez. Desta nova pesou muito ao conde e a todos os d'Arzila e, desejando que João Vaz não morrese, dise ao mouro se podia ir um criado seu seguro ao arraial. O mouro respondeo que sobre sua cabeça. Logo o conde ao mouro deu um capelar amarelo que tomou a Jorje Peçanha e com ele mandou [Gonçalo da Fonseca] [1] pedir a Mulei Abrahem a vida de João Vaz, e que disese a el-rei de quão pouca idade fora cativo e que não pasava de dez ou doze anos e que não se veio, nem arrenegou sua lei, e que como que nacera antre cristãos asi se podia contar. Á tarde tornou Gonçalo da Fonseca com dous mouros, o que o levou e outro, e da parte de Mulei Abrahem disérão ao conde que se fora na sua mão que não tão sómente lhe dera a vida antes lh'o mandara, mas que estava na mão dos cacizes a quem el-rei o entregara, que fizesem o que fose justiça, e que ele falara a el-rei e dera todas aquelas razões, e que não prestara nada polo odio que todos lhe tem. Aquela noute deteve o conde os dous mouros, e á quinta feira, bespera da bespera de Sam João, mandou o conde a Fernão Caldeira e a Jorje López, mercador, pera que diante d'el-rei requeresem a vida a João Vaz, e que daria por ele qualquer mouro que el-rei quisese, ou o adail de Jazem, ou o Omar Quequí, por quem el-rei e os alcaides tanto fazíão; mas tudo não prestou nada, porque el-rei se escusou com palavras de obrigações ao conde, dizendo que se fora cousa que não tocara na lei ele folgara fazer a vontade a Dom João; e, porque neste tempo Gonçalo da Fonseca ia e vinha com recados, aquela quinta feira á tarde a condesa tinha prestes duas cargas de cousas d'açuquere, e asi de conservas como de bolinhos, e, em duas azemelas e dous homens de pé que as levávão de cabresto, por Gonçalo da Fonseca as mandou a Mulei Abrahem, o qual as fez descarregar dentro da tenda d'el-rei, e abertas as caixas peça a peça as pôs diante d'el-rei, o qual, sem tocar em cousa algũa, lhe dise que repartise polos que diante estávão. Mulei Abrahem lhe dise: «Senhor, primeiro vosa alteza tomará e comerá, por que a condesa saiba recebeo o que lhe mandou», e asi lhe dise que a condesa mandava pedir perdão polo pouco serviço que lhe fora feito, e que a culpa foi não lhe

1. Gonçalo da Fonseca] *f.* A.

mandarem dizer que vinha ser seu ospede, e que lhe pedia que, quando outra vez viese, lhe mandase dizer de sua vinda: disto rio el-rei contra sua condição e dise que a condesa dizia bem e que comese ele. Logo Mulei Abrahem tomou do que diante estava e, dando a Fernão Caldeira e a Jorje López, como que fizesem salva, começou a comer e comendo deu a el-rei e a Mulei Maçoude, que junto dele estava. El-rei comeo e por sua mão repartio polos que na tenda estávão, mas tudo isto não foi parte pera estorvar a morte de João Vaz com um tormento e martirio não visto, porque á sesta feira, bespera de São João, foi cuberto de linho e estopa e, todo breado do breu ou mera que trazem pera curar [1] os camelos, lhe foi posto o fogo ao longo da ribeira d'Alemoquique, junto do porto dela, onde não deu vista á vila, polo asi mandar Mulei Abrahem. Asi ardeu João Vaz, de idade de vinte e cinco anos, vendo-o primeiro Fernão Caldeira e Jorje López que, pera o consolarem com a fé, pedírão licença a Mulei Abrahem, aos quais o martire de João Vaz dise: «Sede-me testemunhas que mouro na fé do meu senhor Jesu Cristo, e não me pesa senão porque não me ão de dar os tormentos que dérão a meu irmão»; e, como Fernão Caldeira lhe disese: «Filho, tem animo que Noso Senhor e Nosa Senhora serão contigo e te porão no paraiso», os mouros se escandalizárão destas palavras e os apartárão. Veio ali a mãe a o ver e muitos parentes, aos quais ele não quis ver, nem ouvir, dizendo que não tinha outro parente senão a Jesu Cristo e a Santa Maria, e que não conhecia outra mãe senão a Maria Díaz, molher que foi de Gonçalo Vaz, seu irmão.

O conde, tanto que soube que João Vaz era morto e veio á vila, mandou chamar Omar Quequí e lhe jurou que em sua vida não sairia de cativeiro por preço nenhum: «Portanto podes usar de teus ardis e manhas, que se te não valem pera fujires doutra maneira não me falem em te resgatar, porque has de morrer em cativeiro como João Vaz morreo em poder de mouros e nisto me ei de vingar d'el-rei». Omar Quequí, como avisado que é, lhe respondeo: «Está bem, que como el-rei é meu parente, pesar-lhe-á dese juramento. Asi foi, porque Omar Quequí, usando de seus ardis e manhas, fujio e se foi sem resgate, sosacando [2] e peitando um criado do conde que o levou, como adiante, no segundo livro destas lembranças do conde, direi.

1. curar] curas A. — 2. sosacando] sosaquando A; *f.* BNM. *Só encontramos nos dicionários* sosquinar, *no mesmo sentido: tornar favorável.*

CAPITULO CXX

De como o conde se vio com Mulei Abrahem no adro junto da vila e dos mais recados que se pasárão até se irem a Tanjere

Posto que o conde foi triste por não poder ser bom, nem remedear a vida a João Vaz, fôrão tantos os recados e visitações antre o conde e Mulei Abrahem que dérão causa que ouvese vistas antre ambos; e a sesta feira, que foi bespera de São João, sobre a tarde, se veio Mulei Abrahem pola praia, acompanhado de mais de mil de cavalo em tres batalhas e tres bandeiras, a sua de Xexuão e Tetuão e de Targa [1], em que vínhão os seus e outros muitos dos d'el-rei, e em boa ordem viérão até os Mastos, onde Mulei Abrahem os leixou, e sómente com seis de cavalo deu a andar ao longo do valo, mandando por Gonçalo da Fonseca dizer ao conde quem era. O conde, que com todos nós outros estava em ala na praia, tanto que teve o recado se apartou com outros seis de cavalo, em que entrava Fernão da Silva, Fernão Caldeira, Pero López, escrivão do almoxarifado, e João Díaz, seu criado, e outro, e se foi encontrar com Mulei Abrahem á ponta do valo de João Tavares, onde se recebêrão com muita cortesia, posto que os trajes fôrão diferentes, porque o conde ia armado de armas brancas e na cabeça ũa gorra, em que levava um fermoso penacho, mostrando ir de paz em tempo de guerra, e ia em cima de Valera, que o mais fermoso jinete de noso tempo foi, e os nosos de couraças e adargas. Muito diferente disto vinha Mulei Abrahem e os que vínhão em sua companhia, porque nenhum deles trazia armas. Mulei Abrahem trazia um pelote de veludo pardo e um barrete vermelho de grã na cabeça e um cinto mourisco asaz largo e na cinta um rico treçado, bem guarnecido de prata branca, e da parte dereita um rico telí [2] com grandes borlas de seda verde e parda; ante si um homem de pé, que lhe levava a lança dereita e a adarga, e ao derredor outros seis, todos com cabrestos e mandis. Os companheiros íão [3] a modo de mouros com camisas e toucas: disérão que antre eles vinha o filho d'el-rei, desconhecido; os outros érão cide Abeala Celema, seu irmão, e cide Alele, seu primo, o outro Buale, enteado de Almenderim, pesoas principais e parentes, e juntos se viérão paseando ao meio do adro, onde o conde e Mulei Abrahem se apartárão e ambos andárão paseando. A este tempo acodio a os ver toda a mais jente do arraial sobre a Pontinha e sobre a fonte de

1. a sua de Xexuão... e de Targa] convem a saber, a sua vermelha de Xexuão e a de Tetuão e Targa B N L M. — 2. telí: *cremos que é o* talim, talabarte, *e não o* teilí *de que se falou na p. 102, nota 3.* — 3. íão] vínhão B N L M.

Alvaro Graviel, e a jente que na praia ficou com as bandeiras, pasando o valo por junto dos Mastos, travesou por de fora do adro e se foi pôr em ala da fonte até as Pontinhas.

Tãobem neste tempo saírão da vila seis pajes com toalhas aos hombros e caixas de conservas e cousas d'açuquere e ũa talha d'agoa fria e, chegando onde eles estávão, se pusérão diante de Mulei Abrahem, dizendo que a senhora condesa, vendo que fazia calma, mandava [aquela fruita] pera [que] sobre ela bebese agoa [1]. Mulei Abrahem dise que beijava as mãos da senhora condesa e que não era lugar de perder tempo, nem deixar de tomar o que mandava, e, fazendo chegar os pajes, vio e comeo de tudo, ele e seus companheiros, e, depois que comeo e deu, encheo a barjuleta e asi o que ficou lançou nas dos companheiros; e pera beber saltou a pé e pola talhinha bebeo um golpe d'agoa, e mandou aos pajes desem de beber aos outros por um pucaro de prata que levávão. Isto feito, tornou-se a poer a cavalo e, metendo a mão na aljabeira [2], deu a cada um dos pajes cinco cruzados, e despedidos se tornou ao conde e, sendo oras, se apartárão com grandes oferecimentos, e se foi polo caminho da Pontinha, onde o recebêrão mais de dous mil de cavalo, mas logo á vista de nós outros se tornárão a meter em suas batalhas e se fôrão pera o arraial; e o conde, ainda que era tarde, mandou lançar a boiada fora, e no seu chão e no de Fernão Meirinho lhe demos de comer até bom pedaço da noute, sem aver mouro que nos estorvase.

Esta noute dormio na vila o mouro português que foi de Fernão Caldeira, e foi tomado a noute antes que nos cercasem, como contei no ano de dezaseis, onde dise como este mouro fora agardecido e fez muitos comprimentos em cima do resgate pago; e este dia das vistas que Fernão Caldeira foi ao arraial o levou á sua tenda, e veio á vila e trouve ás filhas de Fernão Caldeira algũas cousas de Féz, asi como avanos [3] e seda, e com muita cortesia foi beijar as mãos á condesa, falando tão português como aquele que foi nacido em Lixboa; e, por ter falado largo neste mouro, quando foi cativo e resgatado, o leixo e torno aos mouros, que ao outro dia, que foi sabado e dia de Sam João, el-rei e os alcaides, levantando as tendas, se viérão ao longo do Rio Doce, donde Mulei Abrahem mandou pedir ao conde que aqueles cavaleiros de Féz queríão vir ver aquela vila por de fora, lhes dése licença pera chegarem ao pé do muro, o que o conde lhe concedeo e mandou a Gonçalo da Fonseca os trouxesem á porta da Ribeira, e mandou que não tirasem, nem fizesem dano, nem nojo indo os mouros. Este recado, posto que poucos fôrão os que o pedírão, muitos fôrão os que o aceitárão e mais os que o tomárão, porque, vendo ir

1. mandava [aquela fruita] pera [que] sobre ela bebese agoa] mandava pera sobre que bebese agoa A; mandava aquela fruita que sobr'ela bebese d'agoa B N M. — 2. aljabeira] aljibeira B N L M. — 3. avanos : *isto é*, leques.

uns pola praia e que da vila lhes não tirávão, não ficou mouro nas bandeiras que não quisese vir ver a vila, e asi foi a praia cheia do rio até a porta da Ribeira; e, vendo as jenelas da condesa e o Miradouro cheio de muitas molheres, os aljemeados começárão a gracejar com elas, e não sómente estivérão á porta da Ribeira antes rodeárão toda a vila, estendendo-se ao longo da cava até a Couraça, de maneira que toda ela era rodeada de mouros de cavalo, dos quais ao derredor da vila e na praia avia perto de quatro mil de cavalo.

E porque, neste instante que isto pasava, chegou sobre o arrecife ũa nao francesa que vinha surjir no porto, a qual era de um mercador que em Arzila e Ceita tratava, que Pedro Malharte avia nome, a qual nao vindo pera surjir de fora, como era costume os navios grandes ficarem de fora do arrecife, mas a jente da nao, tanto que vírão a praia cheia de jente e parecia que entrávão e saíão da vila, e que não tirávão tiro, nem avia bandeira no muro, pareceo-lhes que a vila era perdida e estava em poder de mouros e, tornando a erguer as velas, deu a andar caminho do Estreito e, pasando por Tanjere, deu nova do que vira, e dali foi a Cepta, onde Pero Malharte estava e tinha casa; e da nova desta nao se encheo Jibaltar e Malaga e Granada que Arzila era perdida, e alvoroçou a mór parte de Andaluzia; mas logo foi esta nova apagada, porque o conde, vendo ir a nao e que não quis tornar, posto que depois lhe mandou tirar dous tiros, e após ela mandou um barco, mas, como a não pudese alcançar, a nao foi seu caminho e, todavia, o conde fez logo ir outro barco a Tanjere e a Castela que apagou o alvoroço que avia. Tãobem aquela menhã chegou outro barco, que com a nova desta jente fora a Tanjere.

Isto pasado, os mouros tomárão o caminho d'Alfandequim e, pasados [1] o porto, fôrão a Tanjere a fazer outro tanto, como fizérão em Arzila, a comer e destroir os pães, mas lá fizérão pouco mais de nada, porque, como fôrão avisados polo recado do conde, recolhêrão os pães á cidade e ao longo da cava, onde os mouros não ousárão entrar, nem pudérão chegar a eles, e asi fomos nós outros os que recebemos o dano; e el-rei se tornou sem nos tornar a correr, senão com almogavares, e nos tomárão ũa atalaia, que avia nome Afonso Gonçálvez Bernal. O dia que os mouros fôrão caminho de Tanjere veio Estêvão Fernândez, almocadem dos nosos almogavares, que, como homem do campo, sintindo jente de pé no Soveral e nos caminhos, não quis sair, entanto que ouvio a artelharia, e outro tanto fez Nuno Gonçálvez o Grego; estes dous sómente escapárão a pé e viérão ao sabado, depois de quatro dias que avia que estávão no Soveral, onde comíão palmitos, que é bom mantimento. Tãobem dizíão que lhes não faltávão [ovos] [2] de rolas, quando estávão em lugar que não avia agoa; outro mantimento avia que érão tamaras de

1. pasados] pasdos A. — 2. [ovos] oj........ A.

palmitos, mas este era ainda verde e não se aproveitávão dele. Asi que dos oito almogavares se perdêrão seis e todos os oito cavalos, dos quais Mulei Abrahem mandou o de Bertolameu Rodríguez ao conde, por ser muito bom, e outro de sua pesoa, e a Fernão Caldeira deu outro e um vestido de zarzagania, que ele emprestava no jogo das canas, e a Gonçalo da Fonseca deu um potro; e por aqui acabou o capitulo.

CAPITULO CXXI

De como o conde andando a monte nas aldeas o alcaide correo a vila e do risco que pasou em vir demandar a vila

Esta jente nos leixou muito cansados, asi das armas como do muro, por el-rei andar quinze dias no noso campo, e sempre nós outros com as armas ás costas, asi nos rebates como por dar de comer a noso gado e trazermos algũa erva pera os cavalos, e as noutes pasavamos [1] no muro; e, por esta causa, o conde mandou pedir ao feitor de Castela lhe mandase cem homens bèsteiros e fosem homens do campo que servisem nas tranqueiras e velasem o muro; e, porque a caravela de Bastião Nûnez, em que este recado foi, foi ter a Jibaltar, um cavaleiro, morador daquela cidade, que muito servidor d'el-rei, noso senhor, era, e tinha o abito de Cristo, o qual avia nome Natera, ou por ter recado do feitor Luis Ribeiro, ou por o ele querer fazer, pôs logo bandeira e fez cem homens, os mais bèsteiros e homens do campo, e a um seu filho por capitão, que não chegava a vinte anos, os entregou a Bastião Nûnez, capitão da caravela d'armada que os trouxese a Arzila, e com o primeiro levante viérão a Arzila, com os quais o conde muito folgou e fez muita honra ao capitão mancebo, e aos castelhanos mandou repartir polas estancias e que velasem o muro, e tãobem a ordem que na tranqueira e valos avião de ter; e, fazendo um rijo levante, o conde quis ir montear e poer fogo ao campo da outra parte de Tanjere, e, mandando as atalaias da outra parte do rio, deixou o outro campo sem atalaia algũa e, leixando a guarda e boiada em Alfandequim, se foi ás Aldeas, onde começou a poer fogo e a montear, levando o capitão Natera consigo, a quem mandou dar um cavalo, com o qual capitão fôrão ter tres castelhanos, bèsteiros, que, alvoroçados com dizerem que eles á bésta podião matar um porco, se fôrão apegados com seu capitão, que sabia da ordem da terra muito pouco; e, estando o conde metido em seu monte e sendo o fogo muito grande, por causa do muito levante que ventava, o alcaide d'Alcacere

1. pasavamos] pasamos A.

correo a vila, porque, achando-se em Tendefe e não vendo atalaia, nem pesoa do Facho de fora, se veio á atalaia do Mar e depois ao Pombal e, não vendo sómente o Facho, bem lhe pareceo que a guarda era da outra parte do Rio Doce, e, correndo com sua bandeira cerrada, se pôs no Facho, donde vio a boiada que da outra parte do Rio Doce vinha recolhendo-se, e pola praia alguns de cavalo que ao repique saíão; e conhecendo que o conde e a guarda era da outra parte do rio e pudera fazer um feito asinalado, pois lhe dava a fortuna a guarda e gado nas mãos sem nenhum risco, nem trabalho, e depois pudera esperar a ventura que Deos lhe dera, se o conde com ele quisera pelejar, pois sabia muito certo a pouca jente que o conde tinha, e que estando fora e monteando toda era desarmada; mas Noso Senhor, que tem cuidado de todas as cousas, o cegou, de maneira que, torvado de medo, não ousou de tomar o que a guerra lhe dava, que era vir tomar a boca do Rio Doce e recolher a si a boiada e todos os moços da guarda, e estorvar que os que da vila saíão a repique não pasasem a se ajuntar com o conde, como o fizérão, porque do Facho, donde o alcaide estava, via tudo isto estar feito, e, não ousando ou tapando-lhe Deos o intendimento, deixou de ir demandar a boca do rio; e, pasando da outra parte do valo, foi demandar o porto d'Alemoquique, onde tomou sete ou oito moços da guarda, que ao longo do ribeiro fazíão lenha, e os tomou, em que entrou o Pedro de João Fernândez Torres, de quem fiz menção quando falei em Francisco Rodríguez Jibre, e se tomou um negro de Jorje Manoel e outro, de quem o alcaide soube que o conde era nas Aldeas a montear; e com todas estas novas e avisos, o não ousou ir esperar a Alfandequim, tanto foi o receio que do conde teve, pondo ante si que o conde achando os mouros diante avia de pelejar e os seus avíão de morrer diante dele, e não quis contenda com jente que de necesidade avíão de demandar a vila, e nos Caminhos se deixou estar, vendo o que socedia e o que o tempo dava de si; e, porque esta atalaia, que chamamos a dos Caminhos, por ser antre o caminho d'Alicasapo e o porto das Pedras, dava vista a Alfandequim e ao porto do rio, onde o conde de necesidade avia de vir demandar, e por ver o que fazíão os que da vila saíão ao repique, que todos estávão na atalaia de Alfandequim, esperando que o conde e os que com ele eramos viesemos demandar o porto d'Alfandequim, os quais seríão até corenta de cavalo, os quais depois que recolhêrão a boiada e guarda e dous[1] fatos de cabras e a trouxérão até os Mastos, onde estávão mais de dozentos e cincoenta homens de pé, convem a saber, os castelhanos que o Natera trouxe de Jibaltar e outros portugueses e moradores, os quais recolhêrão a boiada e guarda á vista de muitos mouros que sobre o outeiro de Fernão da Silva e sobre as Pontinhas a estávão vendo; estes corenta de

1. dous] dos A.

cavalo, depois que leixárão em salvo a boiada e guarda, como bons e leais portugueses, tornárão em busca de seu capitão, presuposto que lhe parecia que a jente e bandeira dos mouros estava ao Facho e por detrás das Lombas vinha demandar o Rio Doce, e juntos e depresa fôrão tomar Alfandequim, lugar auto [1] e aparelhado pera darem favor ao conde, e o conde se favorecer com eles e os vir demandar, o que ele fez, que, ouvindo as bombardas e rebate, recolhendo a si os seus, veio demandar o porto d'Alfandequim, presuposto que, polas muitas bombardas que ouvio, conheceo que era jente que veio correr a vila e, recolhendo os que com ele eramos, se veio quanto pode caminho do porto; mas, como visemos sobre Alfandequim um batalhão de jente, foi grande o medo de todos, tendo por certo serem mouros, e fôrão feitos muitos requerimentos ao conde que, pois estavamos diante da jente e a vila nos fazia sinal com as muitas bombardas [de jente grosa] [2], se fose [3] pera Tanjere, mas o conde, como capitão animoso, dise que lhe não falasem em leixar de demandar a vila, até não ver as bandeiras e jente de diante, e que lhe parecia que os d'Alfandequim érão os que ficárão na vila, pois não tínhão bandeira e érão poucos, e que até não aver fala deles os não tinha por mouros; e, antes que ao porto chegase, mandou dous de cavalo diante, pera que os d'Alfandequim, se érão nosos, os viesem demandar, ou lhes mandasem recado, os quais érão Luis Valente e Bertolameu Rodríguez, do conde, os quais, chegando sobre o porto, vírão a Gonçalo da Fonseca, criado do conde, que pasava a agoa, que, não querendo ficar em Alfandequim com os que da vila saírão, vinha demandar o conde, e, como dele tivérão nova que os d'Alfandequim érão os nosos, tornárão a tomar o conde na varzia, e muito contente veio demandar o porto, posto que Gonçalo da Fonseca disese que, quando recolhia a boiada do Rio Doce a dentro, estava a bandeira branca no Facho, e sobre a Pontinha e fonte de Alvaro Graviel e no outeiro de Fernão da Silva averia cincoenta de cavalo, e que, depois que fôrão na atalaia de Alfandequim, vírão alguns de cavalo antre o Palhegal e os Caminhos, que parecia averem pasado o porto d'Alemoquique, porque outra jente não parecia pola estrada d'Alecasapo.

O conde, com esta nova de Gonçalo da Fonseca, vio que era o alcaide d'Alcacere, e que, pois não ousou pegar na boiada, não vendo mais de até corenta de cavalo em guarda dela, menos ousaria travar pendença com ele e, dando-se muita présa, fez por se ajuntar com os seus e, pasando o porto e a varzia, tomou as Ladeiras na mão, onde por elas acima lhe cansárão os mais dos cavalos, e mais de vagar do que quiseramos chegamos á atalaia de Alfandequim, onde os nosos estávão quedos, porque

1. auto: apto, *isto é conveniente. Vem em Moraes.* — 2. [de jente grosa] *f.* A. — 3. se fose] nos fosemos B N L M.

já a este tempo o alcaide e sua bandeira estávão na atalaia dos Caminhos, que, não ousando vir demandar a boca do Rio Doce, pasou o porto d'Alemoquique; e, porque alguns dos seus se derramárão pola varzia, após quatro de cavalo que vínhão recolhendo-se do porto das Pedras, onde o rebate os tomou, os quais érão Simão Vaz Arráiz e Jeronimo Afonso e Roque Ravenga e outro, os quais rebatidos dos mouros fôrão demandar o porto pera se ajuntar com o conde, o que não fizérão, por o conde ser pasado e vir sobindo pera se ajuntar com os d'Alfandequim, e, pasando o porto e os mouros após eles, se salvárão indo a Tanjere, e nesta corrida açafrou o cavalo de Simão Vaz Arráiz e lhe morreo aquela noute em Tanjere, e os mouros topárão os tres castelhanos, bèsteiros, que vínhão demandar o porto e os tomárão cativos. O conde chegou [a] [1] Alfandequim e, mesturando-se com os seus, ficou descansado em ver que o alcaide não se bulia dos Caminhos, e, pondo o adail com vinte cinco de cavalo ante si, deu a andar caminho do Rio Doce com vontade de pelejar com o alcaide, se o viese demandar, ou se se lhe pusese diante; e, pera isto animou os seus, dizendo-lhes que ele trazia em vontade de pelejar com o alcaide d'Alcacere, correndo-lhe da [2] vila, e que agora deixava de o ir demandar por virem cansados e sem armas, e pois ele o não fazia, tendo nova como estávão espalhados e sem armas, que parecia doudice i-lo ele demandar, mas se o alcaide se pusese diante tivesem animo e o rompesemos [3] sem nenhum receio, porque Deos nos daria a vitoria; e, com estas palavras, movemos [4] pera o Rio Doce, onde chegamos sem o alcaide se mover donde estava, e, vendo-nos pasados, se foi poer em Alfandequim, esperando polos seus que trás Simão Vaz e Jeronimo Afonso fôrão, e ali lhe trouxérão os tres castelhanos, bèsteiros, de quem soube como o conde era a monte e onde era quando ouvio o rebate; e, com estes tres castelhanos e os sete ou oito moços que avíão tomado, se recolheo, e o conde se veio á vila e, aos Mastos, achamos os de pé que o conde recebeo mui bem, e asi o fomos de toda a vila, dando muitas graças a Deos pola mercê que aquele dia nos fez, que se o alcaide viera demandar o Rio Doce não se salvara a boiada, nem guarda, nem os da vila se pudérão ajuntar com o conde, e com ele eramos menos de cincoenta de cavalo e a jente do alcaide pasávão de seiscentas lanças, mas Deos o quis cegar em irem buscar os moços, que ao longo da ribeira vínhão carregados de lenha, e com este achaque fôrão demandar o porto d'Alimoquique e se afastárão de noso caminho.

Outro caso aconteceo neste dia, que não é pera leixar de contar, que foi saltar fogo nos mais dos baluartes, acendendo-se os barris de polvora, e queimárão-se algũas pesoas, que, como os baluartes estivesem cheios

1. [a] *f.* A. — 2. da] a A; *f. esta frase nos outros mss.* — 3. rompessemos] rompesem B N L M. — 4. movemos] moveo B N L M.

de jente, homens e molheres, e a revolta fose muito grande e atirasem com as bombardas, asi aos mouros como pera fazer sinal ao conde, desparando ũa espera, de tres que no baluarte da Praia estávão, por o vento ser muito e a boca da espera estar defronte do levante que ventava com muita força e furia, rebateo o fogo e fumo que saia pola boca da espera e tomou fogo um barril de polvora, que parecia estar bem coberto e a recado, e foi tanta a labareda e força que queimou muitas pesoas, das que no baluarte estávão, e lançou cinco ou seis na praia, altura grande, onde não pudera pesoa escapar, mas a força do vento grande os rebateo ao longo da parede, de maneira que o dano do fogo foi mór que o da queda; e tãobem porque ao pé do baluarte tinha o vento junta muita soma d'area, que ao longo da praia traz o levante, quando venta com furia, e a arrima ao longo do muro do baluarte da Praia até a porta da Ribeira, onde está até o mar a tornar a levar no inverno. Destes que na praia caírão ũa só molher morreo, mais por causa do fogo que da queda. Deste fogo da praia afirmava Cristóvão Márquez e Lourenço Márquez, seu sobrinho, pesoas honradas e de muita verdade, que bombardeiros do baluarte da Couraça érão, que se apegara o fogo no seu baluarte, e que o vento grande trouxera o fogo ou faisca por cima de toda a vila ao baluarte da Couraça, e asi o dizíão outras pesoas que naquela estancia estávão, e alguns frades de São Francisco, que, como mais perto do mosteiro, em avendo rebate se íão á Couraça ajudar aos bombardeiros, e tãobem porque Cristóvão Márquez tinha um irmão frade que fora dos valentes homens d'Espanha. Em outros baluartes tãobem se tomou fogo, mas não fez dano. O levante era tanto que nas Aldeas, duas legoas da vila, onde estavamos, não soávão as bombardas.

CAPITULO CXXII

De como el-rei de Féz tornou na fim deste ano a correr Arzila e do que Antão Rodríguez alfaqueque pasou na Atalaia Ruiva onde achou el-rei com Mulei Abrahem

Pasando por almogavares que da ũa parte e da outra fizérão seu oficio de ladrões, furtando e tomando atalaias, atalhadores, gado, como é costume, indo eles fazer a guerra, que ainda que seja danosa, por ser muito continua, não é perigosa, por se não aventurar capitão, nem bandeira, e quando se perdem são dez, quinze, vinte de cavalo que o tempo torna logo a refazer, o que se não faz perdendo-se um capitão ou bandeira, como parece pola morte de Dom Manoel de Meneses, que levou bom e mao; e, portanto, irei dar e contar de como el-rei de Féz,

não ficando satisfeito, nem contente das duas vindas que abaixo veio e nos correo e nos tomou os seis almogavares, em que foi João Vaz, irmão de Gonçalo Vaz, que ele teve em mais que fazer ũa grande presa, e como homem amigo de fazer a guerra e desejoso de nos destruir, antes que este ano de vinte quatro saise, tornou outra vez abaixo e no mês de novembro se veio lançar na Atalaia Ruiva pera dali correr as atalaias.

Pois aconteceo este dia o que agora direi. Era costume irem muitas vezes alfaqueques nosos a Alcacere Quebir, os quais íão mandados polos capitães, ou com recados de mercadores que lá tratávão, mandando-os com cartas que a bem de suas mercadorias fazíão; e outras vezes érão mandados polos capitães, quando lhes cumpria mandar recado ao alcaide, e outras vezes com achaque dalgũa destas cousas, por saber nova da terra; e, por algũa destas, o conde, no dia que el-rei estava na Ruiva, mandou por alfaqueque a Antão Rodríguez, antigo morador e bom homem, conhecido dos mouros por ter feito este caminho muitas vezes; e, partido d'Arzila pola menhã, como é costume, por tomar Alcacere de dia, por serem nove legoas d'Arzila a Alcacere, e chegando á Atalaia Ruiva deu com el-rei e os alcaides, que na cilada estávão, e posto diante d'el-rei lhe preguntárão meudamente ao que ia e polo conde e vila, ao que Antão Rodríguez respondeo como homem velho e sesudo, que avia corenta anos que andava na guerra e sendo do tempo de Jorje Vieira e de Pero de Meneses, e no desbarate de Dom Manoel lhe matárão dous filhos, bons cavaleiros e bons homens; e, estando nestas praticas, disérão a Mulei Abrahem, que tinha a dianteira, que as atalaias vínhão [descobrir] [1], e logo se foi poer na cilada; e, vendo que ũa delas era ezquerdo, parecendo-lhe seria Roque Ravenga, tornou a preguntar a Antão Rodríguez se era Roque o que vinha descobrir e que trazia um cavalo quatralvo, e, como lhe disese que si, Mulei Abrahem lhe prometeo alvixeras, dizendo que nenhũa cousa mais desejava que sair a Roque e que oje o tomaria vivo, se não fose louco ou doudo em querer morrer. Antão Rodríguez lhe respondeo, como castelhano que era: «Yo os apuesto que no lo tomeis». «Traeis dinero?» respondeo ele: «que lo tome o lo [2] mate». Antão Rodríguez tirou cinco cruzados que levava pera gastar e dise: Veis los aqui y yo os apuesto«. Mulei Abrahem lh'os pedio e os meteo na aljabeira, dizendo: «Si no lo tomo yo os los bolveré doblados», mas Antão Rodríguez, gracejando, lhe dise: «No quiero fiar de vos que si os matarem quiem me pagará?» Mulei Abrahem rio muito e despindo um rico bedem lh'o deu [e] [3] o dinheiro, dizendo: «Pues que no fiais de mi yo fio de vos». El-rei preguntou por tudo e quando o entendeo rio e dise: «Anton no te pesaria mas de morir Abrahem, pues es tu amigo, que dos cinco cruzados?» A isto respondeu que outro estava junto de Mulei

1. [descobrir] *f.* A. — 2. lo] le A. — 3. [e] *f.* A.

Abrahem a quem ele mais desejava a morte que não a ele[1], e isto por se achar na morte de seus filhos, mas Mulei Abrahem se pôs em um cavalo ruão comprido e dise: «Anton, dozentas onças di por este cavalho pera en el alcançar a Roque.» «No lo tomareis, dise Antão Rodríguez, porque su cavalho no tiene tripas», como de feito o cavalo de Roque Ravenga era sem tripas e quatralvo, que Dom João de Sande levou d'Azamor, com que corria os pareos ao perto e ao lonje, e Roque, como era grande parelheiro e o exeprementou, fez tanto que o ouve e nele pasou o rio de Tagadarte o dia de Amelix; e, estando nisto, Mulei Abrahem saio diante todos com a lança nos olhos, a tempo que Roque chegou a os descobrir, mas Roque, vendo o cavalo se pôs no caminho onde Afonso Pinheiro, seu companheiro, o esperava, que sobre a fonte ficara; mas Roque, como acordado, vendo que o que trás ele vinha era homem nobre, pola saia de malha e os cordões da adarga, e que o cavalo vinha igual dele, bradou ao companheiro que andase, mas Mulei Abrahem vinha pondo-lhe a lança, dizendo-lhe: «Roque, dá-te e não te matarei», ao que Roque não respondeo, antes veio olhando se o que lhe falara era Amelix, e asi embebido Mulei Abrahem pasou as vinhas e o Laranjal e entrou por a Tranqueira Nova e por antre a vinha de João Coelho e o chão de Bras Simões até chegar á tranqueira de João Coelho, junto do pomar do doutor, onde o conde chegava só, que, como primeiro que outrem saia ao repique, foi demandar aquela tranqueirinha, por onde lhe pareceo que as atalaias se podíão recolher e por não ver no Facho facheiro, e Anrique do Regó se vinha recolhendo polas tranqueiras abaixo.

Tornando ao conde, que antre a orta e a tranqueirinha ia, quando Roque e o companheiro chegárão a ele, logo Roque Ravenga dise: «Senhor, este que aqui vem diante é Mulei Abrahem, polo que me veio falando e me dise que não me mataria», mas Mulei Abrahem, vendo-se posto antre as ortas, vinha tanto diante dos outros que, posto que Amelix vinha trás ele e muitos parentes seus, como seu irmão cide Abdalá Celema e cide Alele, nenhum chegava ao Lameiro e, tomando o chão de Bras Simões, foi demandar o Facho, e asi o fez Amelix e os que em sua isteira vínhão; e o conde recolhendo os seus, que a repique saíão, se tornou á orta do doutor, espantando-se de el-rei tornar tão cedo abaixo, pola jente e bandeiras que logo parecêrão, e os de Mulei Abrahem, vendo-o ir caminho do Facho, se fôrão trás ele, o qual ia agastado em não alcançar as atalaias, porque lhe parecia não aver cavalo que se lhe pudese escapar, e teve a Roque por o milhor cavaleiro que em aquele tempo avia, e dizia, depois muitas vezes, que se Roque o viese descobrir que polo tomar viria muitas vezes correr-lhe; e dizíão que dizia a Amelix que fizese muito

1. outro estava... que não a ele] a outrem desejava mais a morte que a Mulei Abrahem BNLM.

polo tomar vivo, porque desejava de o ver, e, segundo Mulei Abrahem era, não fora muito mandá-lo sem resgate, e asi o fizera se este dia o alcançara, que por mostrar sua nobreza logo o mandara, como fez em Tanjere a Espalhafato e a outros. Tornando á corrida e aos que detrás de Mulei Abrahem vínhão, como trazíão os olhos em um tão excelente capitão e de quem tantos beneficios recebíão, todos os mais trazíão os olhos nele e, vendo-o entrar polas tranqueiras a dentro, o viérão demandar, e após ele se fôrão polo Aleamaz ao Facho, não entendendo em se derramarem polo Laranjal abaixo, onde pudérão fazer algum dano, o que não fizérão os traseiros que, derramando-se polo Laranjal abaixo, viérão demandar a João Fernândez de Borba, que no chão da sogra do doutor estava com dous bois tomados na canga pera lavrar, o qual se embaraçou de maneira que, quando se pôs a cavalo, érão os mouros tão perto que não pode recolher os bois e, leixando-os, se veio ao Cano Quebrado, por onde se recolheo com mais présa que vagar, polos mouros o seguirem, e desgostoso e triste pola perda de dous bois se veio ao conde. Os mouros se derramárão ao derredor da vila, cingindo-a de mar a mar, parecendo-lhe que achasem onde fazer dano, mas, como era menhã e as atalaias não érão seguras, o campo estava recolheito e eles não fizérão outro dano que levarem os dous bois. A bandeira vermelha de Xexuão e a d'Alcacere fôrão demandar o Facho e ambas entrárão pola tranqueira a dentro, mas, como fosem visitadas polos pelouros de ferro coado que saíão das esperas e outros tiros, que polo baluarte da porta da vila e no de Antonio da Fonseca estávão, as fizérão recolher e tornar atrás, e asi o fizérão muitos que derramados andávão, dando vista á vila, mas não que ousasem andar em magotes, nem em batalha, porque logo érão visitados dos tiros, e asi o fôrão duas batalhas grandes que na Atalainha das Palmas e na Atalaia Gorda se pusérão a ver a vila; e como depois da grande fumaça que dos baluartes saia soávão grandes trovões, cansados da força daqueles infernais tiros, os quais, vendo que lá os íão visitar, não querendo receber tais recados, nem embaixadores, despovoárão os lugares onde estávão, e, uns enfadados de não acharem em que fazer dano, nem onde pudesem mostrar a imizade que nos tem, e outros de os não leixarem ver aquela vila, a que tanto odio e malquerença tínhão, se começárão a recolher, pondo-se todos na estrada d'Alcacere Quebir, e el-rei a Féz e os alcaides cada um a sua casa. O conde, tanto que dérão lugar, se foi ao Facho, onde vimos toda a jente ir-se recolhendo, e, leixando as atalaias na Atalaia Gorda e em Muliana e na torre do Pombal, se veio á vila; e, posto que tarde, ouvio misa e se foi a comer, com vontade de logo tornar [1] dar a guarda, mas, antes que da vila saise, dérão ũa pancada de sinal, e, mandando saber o que era, vírão vir Antão Rodríguez, a quem despe-

1. tornar] hyr L; *f. nos outros mss. até ao fim do capítulo.*

dírão das Pontinhas da Atalaia Ruiva, tomando-lhe as cartas e dando-lhe outras, o qual contou como era el-rei e o que com Mulei Abrahem pasou e da aposta que com ele fezera, e como lhe deu um rico bedem que trouxe em lugar da paga, e mandou dizer a Roque que era bom companheiro, que se soubese que ele o avia de vir descobrir viria correr muitas vezes; ao que Antão Rodríguez respondeo que faria com Roque que o fose descobrir, se sua senhoria se guardase de fazer o desmando que fez aquele dia. Isto dise porque lhe contou que o seguira até a tranqueira pequena de João Coelho e que vira ao conde antre as ortas, o que Antão Rodríguez muito lhe estranhou, em se meter onde se pudera perder; e, com isto e outras praticas, o despedírão, dando-lhe Mulei Abrahem um rico bedem em lugar de premio d'aposta.

O conde e todos os mais gastamos aquele dia e outros na corrida daquele dia, e como se pudérão achar fora alguns de cavalo e embaraçar a Mulei Abrahem, primeiro que pudera ser socorrido, e asi da ousadia de um tão principal capitão que, por alcançar ũa atalaia, se pôs em ventura de se perder e dar roim conta de si, mas não ha cousa que se recee diante de seu rei. Tendo o conde esta nova de Antão Rodríguez e como el-rei ia seu caminho, mandou sair a guarda e a deu á lenha[1] de jihesta, ao pé da atalaia do Lião, e deu de comer á sua boiada, sem mais outro rebate, porque os mouros nenhũa detença fizérão mais que ir seu caminho; e, como Antão Rodríguez avia de dar esta nova, não ousárão almogavares tornar a correr as atalaias, como outras vezes soíão fazer, e a jente d'el-rei era já cansada de vir este ano tres vezes a correr-nos, e o alcaide d'Alcacere gastado de tantos ospedes e os da serra de dar tantas adiefas.

CAPITULO CXXIII

Como Bastião Nûnez capitão de ũa caravela das do Estreito fez render ũa nao francesa e depois fizêrão meter em o rio de Tagadarte um bargantim e tiramos o casco

NESTE ano de mil e quinhentos e vinte quatro, de duas cousas sou lembrado, que no mar acontecêrão, ũa com franceses e outra com mouros, das[2] quais, posto que não fôrão grandes, nem de muito proveito, por sair deste ano, as contarei.

A ũa foi que Bastião Nûnez, capitão de ũa caravela das do Estreito, antre Tanjere e Tarifa tomou ũa nao francesa, a qual o foi demandar e, pelejando com ela e pasando muitas bombardadas de parte a parte, a fez

1. lenha] lena A. — das] as B N L M.

render e amainar, na qual achou algũa roupa de panos de França, nos quais os homens d'armas logo apegárão, mas como o capitão, Bastião Nûnez, que homem honrado e sesudo era, como aquele que se criara na doutrina e casa do conde de Borba, vendo os requerimentos que o capitão e mercador francês lhe fazia, que el-rei de França, seu senhor, não tinha guerra com el-rei de Portugal, seu irmão, e que eles íão de paz a carregar de pedra hume a ....[1] e, por estarem na costa de Castela, se defendíão, não sabendo se a caravela era armada de castelhanos ou de portugueses, e que, tanto que se afirmárão ser de portugueses, logo amainárão e se rendêrão, como a jente portuguesa com quem não tínhão guerra, e que o agravo que ele capitão lhes fizese que el-rei de Portugal lh'o desfaria. O capitão Bastião Nûnez, presuposto que vio estas rezões ser coloradas[2], não quis mostrar-se cobiçoso e, mandando fazer inventairo de toda a fazenda e nao a entregou a João Vaz Aljofarinho, d'Arzila, que oje vive em Tanjere, que omeziado de Arzila com ele andava, e a Afonso Fernândez, bombardeiro, que depois foi lugar tinente dos feitores de Andaluzia e foi muito rico e honrado, pera que desem conta da fazenda, quando lhes fose pedida, e logo despachou a Miguel Galego, d'Arzila, e criado do conde, com cartas pera el-rei, noso senhor, e deu licença a um dos franceses que viese requerer sua justiça a Portugal; ao que el-rei, noso senhor, logo proveo que viese[3] Vasco Fernândez Cesar, que de França viera queimado do destroço do galeão, o qual veio a Cepta e se fez capitão da nao, e todo o verão andou no Estreito d'armada em companhia das duas caravelas, e nela veio a Portugal, e se julgou[4] que ficase em represaria do galeão, que a Vasco Fernândez Cesar tomárão sobre Albufeira.

O outro caso foi que, vindo do Estreito Vasco Fernândez nesta nao e as duas caravelas d'armada, ao cabo de Espartel dérão com um bargantim de mouros de Tetuão, os quais, não querendo perder o casco e o barco, dérão á vela e aos remos diante das caravelas, e não com entenção que, se o levante ventase de maneira que não pudesem pasar por Arzila, se metêrão em Tagadarte, como o fizérão, que vendo-o os navios esbombardeando-o não ousou pasar e se meteo em Tagadarte; mas, como da vila conhecemos que os navios d'armada lhe vínhão tirando, se deu rebate e saimos a repique até o rio d'Algorrife, onde vimos os navios e nao estar á boca de Tagadarte, e, correndo, fomos até o rio, que, como dos navios nos vírão ir ao longo da praia, esquipárão os bateis[5] e, pondo a cada um seu berço na proa e com jente d'armas, entrárão o rio e, nós

1. ...] *f. nos outros mss.: êste passo tem redacção diferente neles.* — 2. coloradas: *derivado de* colora, *isto é,* colera, *que ocorre adiante no capítulo* CXXVI; *f. nos outros mss.* — 3. viese] fose B N L M. — 4. e se julgou] e a fazenda e nao foi julgada B N L M. — 5. bateis] basteis A.

por terra, fôrão até perto da Pontinha, onde os mouros estávão com seu bargantim, e, vendo os tres bateis e a nós ao longo do rio, desemparárão o bargantim e se metêrão pola serra do porto d'Alfeixe, onde se salvárão, e os bateis chegárão ao bargantim e o tirárão fora do rio e o trouxérão a Arzila; e o conde com todos nós outros se tornou á vila e ouve o bargantim, com entenção de o trazer concertado e esquipado, o que não se fez por ser pequeno e não servir pera a vila, e ao pé do Miradouro esteve até se gastar e o desfazerem pera a cozinha do conde; mas, ainda que não prestou pera nos servirmos dele, foi muito bom tirá-lo de noso estorvo, por aqueles barcos serem muito daninhos, que um deles basta a tomar um navio manco de tres e quatro homens.

CAPITULO CXXIV

Como Antonio da Silveira chegou a Arzila e em que tempo

Primeiro que no ano do nacimento de noso senhor Jesu Cristo de mil e quinhentos e vinte cinco entre, direi como Antonio da Silveira chegou a Arzila, vindo pera ser capitão dela, e em que tempo e como foi recebido. Já fica dito e apontado como o conde Dom João Coutinho, polas refegas e rebates e novas d'Arzila, deixou seus negocios e despachos e veio remedear com sua pesoa o que fora necesario muita jente e gasto; e, depois das cousas estarem sosegadas e seguras e tendo muita necesidade de tornar a Portugal, pedio a el-rei, noso senhor, mandase capitão e lhe dése licença pera tornar a Portugal a requerer seus despachos e a vesitar e ver seu estado, e pedindo a sua alteza que o capitão fose Antonio da Silveira, filho de Jorje da Silveira, e primo com irmão da condesa, em o qual não faltava vertude, nobreza, cavalaria, finalmente, digo que em Antonio da Silveira ouve as calidades que polo conde Dom João tenho dito ser homem bom e capitão bom; e, porque em seu tempo mostrarei por suas obras dizer verdade, tornarei a enfiar sua vinda, deste capitão, — o que el-rei, noso senhor, logo concedeo que Antonio da Silveira viese por capitão a Arzila; e, despedido da corte com sua molher, não menos nobre e vertuosa qu'ele, que Dona Jenebra de Brito avia nome, e, com toda sua casa, se veio a Tavila, cidade nobre do Algarve, e, mostrando as provisões de sua alteza, fôrão tomados tres navios pequenos pera cavalos e frasca e o de Rodrigo Afonso pera sua pesoa; e, seguindo sua viage, chegou á vista da vila um dia da semana ante Natal, e que o dia era nubrado e com sembrante de vendaval, que naquela costa é roim tempo, e, vendo da vila que os navios trabalhávão por tomar o porto, o conde, como já tinha nova e cada dia esperava por este

novo capitão, tendo por certo ser ele, com muito grande trigança[1] foi na praia e, fazendo prestes dous barcos de pescar, isquipados e bem aviados, os mandou dar favor e ajuda aos navios, os quais com o favor divino e a boa delijencia dos barcos, e tãobem por Rodrigo Afonso ser muito destro e servidor daquela vila, os navios todos entrárão dentro do arrecife, sem nenhum risco, posto que já era noute cerrada; e por aqui[2] verão os que fôrão no parecer que Arzila se leixase, por ter roim arrecife e pior entrada, quanto se enganávão, pois que um capitão, com sua molher nobre e moça e muito amada e prenhe, cometeo ir demandar a vila vespera do nacimento de noso senhor Jesu Cristo, e vendo o tempo com roim parecer não quis ir demandar Tanjere, donde pudera vir acompanhado de dozentos de cavalo, que de Tanjere o trouxérão a meter na vila, e esperou a entrar no arrecife, como entrou; e, portanto, digo e afirmo que o porto d'Arzila era mao quando não avia nenhum bom, que, presuposto que fizese muitos dias muita tormenta, um só dia que o tempo saltase ao bom, ventando noroeste ou norte ou levante, logo o arrecife era como este rio de Lisboa, e os navios entrávão e saíão com as barcas por diante; e, com isto, torno á desembarcada do novo capitão, o qual desembarcou ás portas da Ribeira d'Arzila, onde foi recebido nos braços do conde, com grande honra e gasalhado, e muito mais o foi Dona Jenebra, que, tomando-a o conde pola mão, com a craridade de muitas tochas a levou á torre da menajem, onde a condesa lhe tinha feito tal como se requeria a tais ospedes e tão parentes. Não digo mais deste recebimento, porque cada um pode julgar que tal podia ser, e logo o outro dia cavalos e frasca e fato foi tudo desembarcado, e dado as casas de Jorje Díaz pera pousada, por serem muito grandes e largas, e bespera de Natal se foi pera elas Dona Jenebra, e aquela noute de Natal pario ũa filha, tão chegada a parto foi sua embarcação, mas não foi tanto desapercebida que não levou em sua companhia comadre[3] e ama; e pois já deixo este novo capitão, que ha de ser em Arzila, visitado e requerido dos moradores, não como vemos fazer nos outros lugares, que pera os capitães novos se vão os agravados e os que querem mostrar que fólgão com novidades, mas os moradores d'Arzila o fazíão porque sabíão que servíão ao conde, e asi o fazíão suas molheres que servindo a Dona Jenebra servíão a condesa, [— e com isto pasarei a novo capitulo][4].

1. trigança] presteza B N M. — 2. aqui] aque A. — 3. comadre] parteira B N L M. — 4. [e com isto pasarei a novo capitulo] *f. em todos os mss.*

CAPITULO CXXV

De ũa entrada que Artur Rodríguez fez em que tomou dous mouros e duas mouras na entrada do ano de vinte cinco

Trabalhando por leixar em lembrança as cousas ou as mais que em meu tempo pasárão em Arzila, e pera milhor poderem vir á memoria levo enfiados os anos, pera que cada um deles seja testemunha e decrare as aventuras ditas e desastres que neles são pasados, causados pola fortuna da guerra, e porque, Deos seja louvado, me leixou sair do ano de mil e quinhentos e vinte quatro e entrar no de mil e quinhentos e vinte cinco, que Cristo noso Deos naceo, em o qual contarei algũas corridas que o alcaide e el-rei fizérão, antes que o conde se embarcase e entregase a governança da vila a Antonio da Silveira, presuposto que o conde, logo como chegou e descansou, lh'a entregava, mas ele com muita cortesia a não quis aceitar, e asi esteve na vila até todo o mês d'abril, que o conde se embarcou na entrada de maio.

E porque nestes quatro meses a guerra deu de si cousas que ha necesidade de serem contadas e lembradas, e, polo costume que levo, ir contando algũa cousa notavel na entrada do ano, e porque, neste de vinte cinco, foi preso a real majestade d'el-rei Francisco de França polos capitães imperiais, estando sobre Pavia, cidade de Lombardia, e o trazíão a Espanha, donde o emperador estava: cousa, certo, pera ficar em memoria, que, quando este poderoso rei mais soberbo e poderoso estava, parecendo-lhe que não tão sómente lançaria e desarrigaria os espanhoes e imperiais de Italia, de Lombardia, mas que mui cedo se faria senhor absoluto de Italia e toda Lombardia, — tornando á prisão real, foi tratado do emperador de tal maneira que ouve paz e o casou com sua irmã, Dona Lianor, rainha que foi de Portugal e molher d'el-rei Dom Manoel, que Deus tem, e a levou a França onde viveo muitos anos.

Leixando-o de fora, que sómente escrevo por memoria, e tornando á vila d'Arzila, estando já Antonio da Silveira nela e o conde esperando pasase a força do inverno pera pasar, avendo na vila alguns fidalgos fronteiros, que por si fôrão, e outros em companhia de Antonio da Silveira, os quais érão Dom Fernando de Noronha, Dom Jorje, seu irmão Dom João de Sande, Fernão d'Álvarez Cabral, seu irmão Antonio Cabral, de maneira que na vila avia mais de cem lanças, com as quais ousavamos dar guardas e ir a monte, e tãobem as almogaverias ameudávão, de maneira que andavamos favorecidos, mas não tanto que Amelix não leixase de visitar-nos muitas vezes e nos correr e dar rebates; e, desejoso de saber

quem nestes navios viera e a jente que o capitão novo trouxera, se veio lançar no porto d'Alimoquique, donde saindo ás atalaias do Corvo, que a ribeira íão descobrir, as seguírão [1] por baixo até o Furadouro da Pontinha e nele tomárão ũa das atalaias, que Diogo Neto avia nome, que casado e homem do campo era. Este dia mandou o conde Artur Rodríguez fora e fomos com ele vinte sete de cavalo, e que fosemos correr ao Farrobo ao recolher do campo; e, com nós outros, se apartou Dom João de Sande, querendo ir connosco, o que o conde não consentio, por muito que Dom João lhe pedio o leixase ir por companheiro, mas o conde não quis, dizendo que aos fidalgos ele lhes daria licença quando fose tempo, e que agora não mandava senão por amedrentar a Amelix, que lhe parecese que sómente mandava após ele; e, despedidos com sómente algum pão e figos nas cevadeiras, fomos pasar o porto d'Alfandequim e polas Aldeas e Darcaxais nos metemos no Burro, e por ele demos vista ao longo da ribeira e ouvemos vista de dous de cavalo, que Amelix deixou antre a boca de Benamares e Arraihana, pera segurança do gado que pera aquela parte aquele dia andou, aos quais Artur Rodríguez armou, como quem desejava de os tomar, mandando tres de cavalo fosem á vista deles faldrejando a serra, os quais érão Roque de Fárão, Francisco López Galeguinho e o Lamezinho, que, por terem cavalos lijeiros, lhe saisem ao mais perto, e outros quatro [fôrão] [2] ao longo da ribeira, os quais lhe saírão de tão perto que um foi logo tomado e o outro alcançou um corrego, donde perdeo o cavalo e salvou a pesoa; e, vindo-nos recolhendo, ouvemos vista das atalaias de Benamares, que estávão seguras e não tínhão rebate, e Artur Rodríguez ordenou de lhes correr e asi o fizemos, e ao recolher chegamos a um pouco de gado meudo e algũas vacas e o tomamos, e asi duas mouras e um mouro; e, por ser já tarde e aver ervaçais, leixamos as cabras e ovelhas e com obra de vinte vacas nos recolhemos, trazendo cada um de nós outros seu cabrito e seu quarto de carne, das cabras que mais gordas parecíão, e, como logo foi noute, fizemos muito por sair da boca e nos pormos em Benamendux e, dando présa ás vacas, andamos quanto rijo pudemos e chegamos á vila á vela da alva, onde fomos recebidos do conde com muito alvoroço, por trazermos quatro almas por ũa e dous cavalos por um e as vacas por contra peso, que, ainda que poucas e pequenas, viérão em tempo que valíão muito, por na vila aver muito pouco gado e valer caro e as vacas se venderem bem. Logo ao outro dia o conde vendeo os dous mouros e cavalos, e Antonio da Silveira ouve o mouro do Farrobo e o cavalo, e o conde ouve ũa das mouras, a qual a condesa mandou, asi como a ouve, a Dona Jenebra, por ser a primeira que se tomou depois do desbarate de Dom Manoel; e foi esta tão boa almogaveria que saimos de parte a perto de

1. as seguírão] as seguio B N L M. — 2. [fôrão] *f.* A.

tres mil reais, e foi o primeiro dinheiro que eu ouve de parte, porque em outras duas, em que me avia achado, todo se avia ido em perdas de cavalos. Esta almogaveria alvoroçou muito os homens, e Artur Rodríguez tornou outra vez fora, e tãobem fez presa em um mouro ou dous; e com isto direi ũa corrida que o alcaide de Alcacere fez logo que soube que á vila era chegado capitão novo.

CAPITULO CXXVI

De como o alcaide nos correo e da morte de Moncarrilho [1]

Não pasárão muitos dias, depois da chegada de Antonio da Silveira a Arzila, que o alcaide d'Alcacer Quebir o não soube, e logo nos quis visitar, não com mandar mesajeiro, nem recado, senão com jente armada e a cavalo e lanças e adargas, e com vontade de nos fazer quanto mal e dano pudesem [2]; e, ajuntando a mais jente que pode, asi dos seus como dos chamados, se veio ao noso campo e, lançando-se no Jiestal, alem das Pontinhas da Atalaia Ruiva, mandou almogavares á mesma atalaia, encomendados a Zanaca, almocadem d'Alcacere, sesudo e honrado, ao qual mandou correr ás atalaias da Ruiva e fizese por se mesturar com o adail e o provocase a fazer algum desmando, prosuposto que muito bem sabia que Anrique do Rego o não avia de fazer, asi por não ser muito cavaleiro, como por servir aquele oficio d'emprestado; mas parecia ao alcaide que, por ser tempo de lavoura, e [3] que se ajuntarião ao rebate alguns vinte ou trinta lavradores, e que, ainda que o adail não quisese, apegarião com os almogavares e, como se enlevasem e mesturasem, farião desmando, por já andarmos mais largos e favorecidos do que sohia; e, com este preposito e ordem, fez Zanaca o que lhe o alcaide mandou, e, metido em sua cilada da Atalaia Ruiva, antes que as atalaias subisem a os descobrir, estando ũa delas sobre ũa fonte e a outra no Forninho, traveses da Atalaia ũa carreira pequena de cavalo, o almocadem Zanaca, por ter mais lugar de as correr, lhes saio sem aguardar que ũa delas os fose descobrir, onde muitas vezes lhes saíão com as lanças nos peitos, sem poderem virar os cavalos, mas, como as atalaias tivérão lugar de se ajuntar e se pusérão no caminho, fizérão pouca conta dos mouros, os quais érão João Fernândez Rapa-pelo e Francisco López Galeguinho, e ambos juntos trouxérão os mouros até os Forninhos. O adail, Anrique do Rego, que na Atalainha das Palmas estava, vendo os mouros pasar a

1. Moncarrilho] Monçarrigo | Mõsarigo L; *f. todo o capítulo nos outros mss.* — 2. pudesem] podese L. — 3. e] *f.* L.

Atalainha da Ruiva, em vez de ir aos Forninhos esperar e favorecer aos que fojindo vínhão, veio fujindo pera o Facho, mas quando as duas atalaias se ouvérão no Forninho, onde estávão bem dez de cavalo, que, vendo a fraqueza do adail, se leixárão ficar e, mesturando-se as atalaias com eles, os mouros se começárão a recolher, ficando os nosos mormurando do adail, e que pegasem com os mouros, pois érão tantos como eles; e, como então as atalaias de Bugano e as de Tendefe todas fosem juntas nos Forninhos e visem o guião no Facho, logo quisérão pegar com os mouros, que muito perto e de vagar se íão recolhendo, o que não fizérão por Luis Valente e Fernão Meirinho e João Fernândez das Alcacevas requererem da parte do conde que não fizesem desmando, pois não avia adail que os mandase, e, se o conde se viese pera [a] [1] Atalainha [2] das Palmas, ele lhes mandaria recado; e com isto estivérão quedos e os mouros se fôrão recolhendo polos Pelouros abaixo, como jente que ia fujindo, pasárão as Pontinhas e, polo rosto d'Alfomar acima, se encobrírão.

O conde, tanto que teve recado que as atalaias érão salvas e os mouros não tínhão feito dano, dando muitas graças a Deos, com toda a jente de repique se foi [a] [1] Atalainha [2] das Palmas e mandou que as atalaias tornasem a descobrir, o que cada ũa delas fizérão indo a seus postos [3]; e, descuberto o Corvo e a Ruiva e Tendefe e as atalaias seguras, o conde, pera mais segurança, quis logo dar a guarda; e, porque na vila avia falta de trigo e os cavalos não comíão grão, e nós outros iamos a pacer e iamos ao pé da Atalaia Ruiva e do Bugano a fazer tagarinha e da [4] leituga, ouve o conde medo que ouvese desmandarem-se os homens e, por lhe parecer que aqueles almogavares tínhão jente, dise a Antonio da Silveira: «Senhor, oje me parece que teremos outro rebate, e queira Deos que não seja de mais présa, e, por nos não fazer tornar a repique, será bem nos deitemos a pacer e mandemos dar a guarda e a seguremos oje». «O que vosa senhoria ordenar será bem» dise Antonio da Silveira, e logo mandou ao facheiro fizese sinal pera que saise o gado e a guarda, e nós nos fomos á Atalainha [2] da Ruiva e nos estendemos a derredor dela, e, tirando os freos aos cavalos e pondo-lhe os cabrestilhos, os leixamos pacer, tendo-os, todavia, polas pontas ou cabos, e o conde mandou melhorar as atalaias, que fosem ao rosto d'Alfomar e ao Malhão; e, sendo já os moços estendidos ao longo do ribeiro da [5] Atalaia Gorda e os mais de nós outros sobre a fonte da Atalaia Ruiva, o alcaide arrincou detrás do Jiestal, e, tomando-se o rebate, fomos logo com o conde que, tirando os moços do vale, os recolhia polo caminho das vinhas, mas, como vise o capear da Atalaia Ruiva e os sinais de jente grosa, mandando os moços com o adail, espe-

1. [a] *f.* A L. — 2. Atalainha] Atalaia L. — 3. o que cada ũa... a seus postos] o que logo fizérão indo cada um a seus postos L. — 4. da] *f.* L. — 5. da] d A L.

rou até ver mais certeza, que, como os mouros vinhão encubertos, não os podiamos ver senão em cima das lombas da Ruiva e dos Pelouros; e, porque na Atalaia Ruiva estávão até dez de cavalo, esperando e favorecendo as atalaias, ainda que a elas fazião bom jogo e lhe dávão favor, ao conde fizérão deter nos Forninhos mais do necesario, porque, quando alargárão a Atalaia Ruiva, os mouros érão com eles, parecendo polos Pelouros e por cima da fonte e a bandeira trás eles, vindo grosos como homens de guerra e que querião apegar connosco, o que o conde receou que Antonio da Silveira quisese ficar na traseira e que alguns homens quisesem ficar e se mostrar, em especial os fidalgos que já nomeei, e, receando que lhe acontecese outro tanto como o ano pasado, quando cortárão a mão a Fernão Caldeira e matárão a Sancho Rabelo, dise contra Antonio da Silveira: «Senhor, peço-vos por mercê que oje não façais mais que o que me virdes fazer, que é fujirdes, asi como eu, e não aja homem que queira ficar detrás de mim e de vós, que o que primeiro chegar ao Facho ese terei por mais valente, porque o capitão ha de sair de lugar [1] que os que vierem fujindo, quando chegarem a ele, se ájão por seguros» e, dizendo isto, se pôs na dianteira e, tomando um troto, nos pusemos no Facho, mas não tão afastados dos mouros que ao entrar da tranqueira não fose o tabuleiro cheio. O conde nos fez meter da tranqueira a dentro ás trochadas, sendo o conde e Antonio da Silveira os traseiros, e ao entrar lhes deitárão algũas lanças, e, como o conde foi de dentro, dise a Antonio da Silveira: «Senhor, se esta jente for connosco abaixo demos neles, e isto ha de ser entrando a bandeira, e não vos enganem nunca esfarrapados, que, quando ouverdes de dar, seja no corpo da jente e onde mais groso estiver», e asi nos trouxérão ambos capitães ás contoadas até a tranqueira de Baixo, parecendo-nos que aquele recolher era pera algũa volta e cada um queria ser dos primeiros que voltasem; mas o alcaide, tanto que chegou á tranqueira do Facho e vio a présa que o conde teve no recolher, e que estava fora com a jente armada e prestes, pareceo-lhe tinha armada algũa tranqueira corrediça com os bèsteiros e espingardeiros, e que se recolhera pera os meter de dentro e correndo a tranqueira fazer a volta [2], e, com muita delijencia, todos os que érão da tranqueira a dentro os fez recolher e, quando esperavamos [3] que a bandeira branca entrase, vimos tornar pera fora os derramados, e nós outros ficamos desabafados e sem recebermos dano algum, e o conde muito contente, lançando por antre nós outros o cavalo, dizendo que presava mais aquele dia o alcaide desarmar em vão e sem fazer nada que tomar ou matar dez mouros; e tãobem estava contente porque na tranqueira do Meio os

1. ha de sair de lugar] a d'estar em lugar L. — 2. algũa tranqueira corrediça... fazer a volta] algũa tranqueira que como entrase lhe corresem a tranca per alguns espingardeiros e bèsteiros e farião volta sobre eles L. — 3. esperavamos] esperamos A.

homens de pé, espingardeiros e bèsteiros, avíão dado ũa çurriada de setas e pelouros que dizíão aver empregados muitos deles [1], em especial Fernão Díaz, filho d'Alvaro Díaz, ferreiro, que mui delijente nos valos e tranqueiras era, e poucas vezes chegárão mouros aos valos em que ele não empregase suas setas ou pelouros, levando ũas vezes bésta e outras espingarda, e estando todos contentes e desejosos de tornar ao Facho e ver a jente como se recolhia; mas como o contentamento não é fixo, nem seguro, fez de maneira que ao recolher fose com desgosto, porque, como na vila e nos baluartes ouvese murmulho, dizendo que na Couraça avia mouros que andávão á calada com alguem que se lançara ao mar, a qual nova nos alvoroçou a lhe irmos valer, e logo Dom João de Sande pedio licença pera ir ver o que era e socorrer a algũa pesoa, se nadando vinha, mas o conde lh'a não quis dar, dizendo: «Senhor Dom João, eu não vos ei d'apartar de mim, nem quero que façais sorte, senão onde eu estiver, que pera ir á Couraça o adail basta», e, mandando ao adail, apartou vinte de cavalo e lhe mandou não pasase do chão de João Fernândez das Alcacevas, e que favorecese a algum pescador de cana, se, desmandando [2], se vinha nadando; e, apartado, o adail, Anrique do Rego, tornou ao conde a fazer-lhe queixume que Moncarrilho [3] ia com ele, parecendo-lhe que por ser fidalgo lhe tirava a honra de capitão de vinte de cavalo.

Era este Moncarilho fidalgo valenceano e vevia com el-rei, noso senhor, e veio com o conde e lhe fazia muita honra e comia e bebia á sua mesa, e era homem que, sendo de corpo meão e não de barriga, tinha fama e se louvava que comia tanto como quatro ou cinco homens, e dizia que comia um quarto de carneiro e dez arrateis de vaca, o que não lhe podia caber na barriga, que não era mór que a de cada um de nós outros. O queixume do adail pareceo meter colora [4] donde a não avia, porque o conde, menencorio, lhe dise: «Leixai-o ir ou vos tornai», dando-lhe a entender tão pouco fruito sua ida podia fazer, e com ele se fôrão outros, sem licença, que fizérão a Moncarrilho [5] mais dano que proveito, em se chegarem a ele e o quererem lijonjar [6] e ter por capitão. O adail se tornou aos companheiros, e polo Caminho Velho fôrão demandar o mar e, sem ver cousa até a vinha de João Pegado, saírão polo chão de João Fernândez das Alcaçovas, onde logo fôrão com eles trinta ou corenta mouros, que derramados andávão polo Laranjal e ao derredor da vinha, que já dise, de João Pegado. O adail, como não era de muito animo, se começou a recolher, o que os nosos não quisérão fazer sem mostrar rostinhos; e, como alguns dos mouros os começárão a apertar, o Moncarrilho com alguns quatro ou cinco de cavalo voltou com eles e os levou até os

1. dizíão aver... deles] dizíão empregarem muitos tiros L. — 2. se, desmandando] *f.* L. — 3. Moncarrilho] Monsarigo L. — 4. colora] colera L. — 5. Moncarrilho] Monsirigo L. — 6. lijonjar] lisonjar L.

lançar fora do chão de João Fernândez, e não contente quis saltar o valo dantre um chão e outro e na cava do valo caio e o cavalo com ele; e, como os mouros érão muitos e os nosos érão poucos e ralos, e que o guião estava parecendo antre as ortas, voltárão sobre o misero de Moncarrilho e, primeiro que pudese ser socorrido, foi pasado de muitas lançadas e morto; e, não contentes com este suceso que lhe foi ter ás mãos sem-no eles buscarem, nem pedirem, apertárão com os companheiros de Moncarrilho e a eles e ao adail trouxérão até os meter na tranqueira do Cano Quebrado, ficando-lhe Moncarrilho e seu cavalo e armas, e, indo nós outros demandar o Facho, tornamos rijo ao rebate dos nosos e, sabendo o suceso como pasara, o conde se pasou ao Cano Quebrado, dizendo que nenhũa cousa mais o cansava que a guarda dos fidalgos, e que pois Moncarrilho, indo por companheiro, se fizera capitão, que fizera cada um outro fidalgo se levara licença de mandar; e, chegando ao corpo sem alma, o achamos despojado, e, fazendo-o trazer á vila, nos fez a todos tristes, estando de antes alegres e contentes, e o que não pode fazer o alcaide com pesoa e jente fizérão quatro mourinhos derramados.

CAPITULO CXXVII

Como andando o conde e Antonio da Silveira a monte Amelix se veio meter antre os nosos e cativou a Luis Machado amo do conde e a João Fernândez de Borba

Deste recolhimento tão apresado do conde ouve muitas praticas e perfias antre Antonio da Silveira e o conde, não que parecese que as razões que o conde dava tivesem contradição, mas Antonio da Silveira, como frimatico e sem colera, quisera que o recolher não parecera fujida, o que o conde desfazia, dizendo que não se podia dizer fujida ao capitão que por força e de necesidade se avia de recolher á sua vila ou ás tranqueiras, e era melhor vir demandar o forte sem opresão que fazerem-lhe os imigos tomar o forte per força, que sendo asi era mais desbarate que recolhimento, e por esta causa era melhor recolher-se com tempo, e que, não o podendo tomar sem contenda, então o capitão tinha seu lugar na traseira, fazendo, todavia, andar a jente quando a cousa estivese tão desarrezoada que não fose razão romper com batalha, e, não se podendo escusar, dava por conselho a todo capitão se guardase de dar em jente derramada e, quando os fose buscar, pasando por eles, dése no mór corpo da jente, porque, o corpo da jente rota, os derramados não são nada e logo se poem em salvo.

Estas razões e outras se pasárão na igreja de Sam Bertolameu, ao

outro dia, estando á misa e aos oficios funerais que polo Moncarrilho se fizérão, e, dando fim a estas praticas e aos oficios que a nosa santa madre igreja costuma fazer nos semelhantes enterramentos, irei contando como Amelix, um dia que o conde andava a monte, cativou a Luis Machado e a João Fernândez de Borba; e pasou o negocio desta maneira, que avendo na vila pouco trigo e menos provisão, o que nos valia era aver muita e boa erva, e os dias gastavamos no campo pacendo com os cavalos e por trazer palmitos, talos de tagarinha e outras ervas, que a sostentar a vida nos ajudava, por neste tempo não virem cafilas, por o conde estar de quebra com o alcaide d'Alcacere que nos fazia estar mais apertados, por as cafilas trazerem algum provimento, trazendo gado, tamaras, galinhas, manteiga, mel, sabão, que tudo isto ajuda parte da necesidade; e porque na largura do noso campo não faltávão homens desmandados que todos os dias íão a monte, o conde, querendo remedear não ouvese algũa pancada, ordenou mandar atalhadores fora e, segurando-se da jente d'Alcacere, dar campo largo, em que os moradores se aproveitasem do campo, trazendo mel, cera, palmitos e monteasem e caçasem, e asi o fez alguns dias, em um dos quais aconteceo ũa cousa muito de notar, que foi meter-se Amelix antre os nosos e tomar dous homens honrados; e foi que, andando o conde e Antonio da Silveira monteando no Palhegal e tendo suas atalaias em Muliana e outras em Almeida e em Darcaxais e os atalhadores sobre a estrada d'Alcacere, e que parecia não podia entrar um homem sem ser visto, Amelix, que não dormia, nem leixava de cuidar como faria seus saltos e presas, tanto que soube e ouvio que nosas atalaias érão largas e que estávão em Almeida, ordenou de as vir saltear e com treze ou quatorze de cavalo as veio buscar e, vendo o tempo desposto, se meteo de melhora por antre elas sem aver rebate, ou por não serem vistos, ou por as atalaias não fazerem seu oficio, asi como lhes era mandado e érão obrigadas, e, como homens que andávão monteando, se leixárão andar ás ilhargas do conde, onde Luis Machado, amo do conde, e João Fernândez de Borba fôrão ter com eles e fôrão tomados e recolhidos asi sem bolicio, nem rebate, e com eles se fôrão desimulando, por ver se podíão enganar as atalaias de Darcaxais ou outros alguns monteiros que daquela parte andávão, o que muito bem e sem trabalho pudérão fazer, se a fortuna lhe fora todo o dia favoravel; mas, como em todalas cousas ha lemite, não quis que este dia Amelix levase mais homens dos que já ei nomeado, porque vendo sete ou oito monteiros, que da banda de Darbufez vínhão carregados de carne, ir os mouros juntos, que parecíão quinze ou mais de cavalo, como homens de recado os estranhárão, polos verem ir pera o Farrobo, e o primeiro que se percatou foi Antão Rodríguez e Fernão Meirinho, e dizendo Antão Rodríguez: «Não me parecem bem estes homens», lançou a carne fora, e logo seu jenro, Jorje Vaz de Magalhães, dise que estivesem quedos, que ele e o Fran-

cisco López Galeguinho iríão aver fala e saber quem érão; e, por verem ũa bandeirinha vermelha, que Amelix sempre trazia na lança, se receárão e não ousárão chegar, o que vendo Amelix fez por se apartar dos nosos, e com sua presa se fôrão sem apartar dos nosos, temendo que se ouvese rebate se pudesem ajuntar alguns monteiros derramados e lhe fizesem dano; e, tomando por antre Almeida e Darcaxais, não tivérão mais conta com os nosos e com sua presa se fôrão sem estorvo, posto que as atalaias d'Almeida ouvérão vista deles e dérão rebate, mas foi tão tarde, quando chegou ao conde, que, quando soube que era a quinze de cavalo que vírão ir pera o Farrobo, ficou desabafado e, fazendo recolher toda a carne, se veio á vila, onde se achárão menos os dous homens Luis Machado e João Fernândez de Borba, o que fez muito espantado [1] a toda a vila, porque nela não avia dous homens mais atados, nem menos monteiros, como parece polo que deles contarei. João Fernândez junto da vila perdeo dous bois, por se atar de tal maneira que, primeiro que enfrease o cavalo, viérão os mouros da Ruiva aonde ele estava, como já contei. O Luis Machado morreo ao Rio Doce, onde caio o dia que ferírão ao conde e, dando-lhe Artur Ortiz as ancas, não pode lançar de si um gabão molhado até que os mouros chegárão e o matárão, tendo muitas vezes o pé na estribeira de Artur Ortiz, como em seu lugar direi.

CAPITULO CXXVIII

Como el-rei de Féz correo outra vez Arzila e como Dom Jorje de Noronha tirou de poder de Amelix a Cristóvão Rodríguez Chamiço

Vir el-rei de Féz todolos anos abaixo ũa e duas vezes muito bem se ha visto nesta minha lembrança, pois as mais das vezes tão caro nos custou sua vinda, tomando e cativando sempre homens e destruindo e gastando os que da peste aviamos ficado, oferecendo-se sempre que vinha achar almogavares em que fartava sua raivosa e faminta fome, como parece nos tres anos atrás, que em todos achou em que se fartase, tomando em ũa das vindas a quadrilha de Jorje Manoel e na outra a de João Vaz e de Francisco Pinto, todas de oito de cavalo. Foi este numero de oito tão mofino pera aquela vila que não sou lembrado irem fora oito que se não perdesem, posto que deles sempre ouve escaparem um ou dous, como parece por estas duas quadrilhas e outra de Pedro Anes e outra em tempo de Antonio da Silveira, em que se salvou sómente Roque

1. espantado] *f.* L; *f. êste capítulo nos outros mss.*

de Fárão e se perdeo Pero Fernândez o Torto e Bertolameu Rodríguez, como adiante direi, de maneira que já avia quem dizia: «Não vamos oito».

A causa de el-rei vir todos os anos abaixo, alem de nos desejar fazer todo mal e dano e destroir-nos os pães, tãobem era por se aproveitar das ervas, que muitas e mui boas ha [1] no noso campo, e quinze e vinte e mais dias que nele andava seus cavalos érão fartos d'erva e não comíão, nem gastávão cevada, e a nós dava opresão e trabalho. Esta foi a causa que este ano de mil e quinhentos e vinte cinco o fez vir abaixo na força das ervas, que foi na semana santa, por nos tirar que nestes dias nos não aproveitasemos do campo, nem da erva, mas sua vinda não foi esta vez tão surda que não fose sabida, porque uns monteiros nos corregos d'Almenara tomárão tres mouros de pé que crestávão ũa abilheira [2] e, fazendo um pequeno fogo, o fumo deu sinal estar jente onde o fumo saia, e vendo-o dez ou doze monteiros, que licença aquele dia levávão, pola pedir João López Requeixo [e] [3] Bertolameu Rodríguez, do conde, a qual o conde deu com outras duas quadrilhas irem segurar Taurete e Alfandux, as quais o conde mandou que não monteasem até não terem seguro o campo daquela parte, o que eles fizérão asi como lhe foi mandado, e os mouros, que guardas érão, como foi menhã e tomárão vista do campo e não vírão nas estradas cousa algũa, ouvérão que aquele dia podíão crestar; mas o fumo, posto que pequeno, deu sinal donde eles crestávão e, indo os nosos de melhora, fôrão dar onde tres estávão á volta com as abelhas em um corrego, e remetendo a eles tomárão os dous e um se salvou, embrenhando-se em um pequeno corrego, onde se não pudera salvar, se fora buscado, mas como os dous mouros fôrão preguntados e disérão que o alcaide os mandara guardar o Furadouro d'Almenara e outros a fonte do Zambujeiro e a Pedra Alta, e que o alcaide tinha ferrado e dizíão que el-rei vinha abaixo, — esta nova fez recolher os nosos, e a presa e nova fez dar rebate, ao qual saimos bem agastados polos monteiros que fora érão, mas, como ao conde chegou a nova de terem tomado dous mouros e que érão guardas, o conde teve por certo a vinda d'el-rei e, sem mais aguardar que os mouros chegasem, mandou tirar tres tiros grosos a que os nosos se recolhesem, o que todos fizérão antes que fose noute; e, sendo o conde na vila, fez pregunta aos dous mouros e deles soube como el-rei vinha, e logo aquela noute mandou um barco a Tanjere com a nova d'el-rei vir abaixo, e com muito resguardo ordenou dar sua guarda com toda sua jente; mas logo ao outro dia tivemos nova de um mouro que dise como el-rei estava na ribeira de Taliconte, o qual mouro veio por ganhar vinte cruzados, que por trazer nova de jente grosa se costuma dar, e, sendo o conde certo que el-rei estava

1. ha] avia B N L M. — 2. abilheira] alheleira A; abelharia B N M. — 3. [e] *f.* A.

no campo, não quis mais serviço que de um campo e não mandou atalaias da parte do Rio Doce, e da parte da Ruiva nos servimos, dando todolos dias nosa guarda á [1] erva ao derredor da Atalaia Ruiva ou Gorda e do Lião, o que vendo el-rei, e como andavamos recolhidos e guardados, deixou de nos correr e se foi a Tanjere, onde tãobem não fez dano, por Dom Duarte andar guardado polo aviso que o conde lhe mandou e por bombardas que o conde mandava tirar ante-menhã, que era sinal que se guardase.

Não fazendo el-rei nada desta vez em Tanjere se tornou a nós outros, mas quis Deos que desta vez não fizese dano, como agora contarei. O conde e Antonio da Silveira cavalgávão com toda a jente e, mandando tomar a Atalaia do Corvo e a Ruiva, dávão nosa guarda até [a] [2] Atalaia Gorda, e nós paciamos com os cavalos polos cabrestilhos ao derredor dela, que, como era na fim de março, em toda parte avia erva; pois, antes que os moços fosem asentados, el-rei arrincou do Palhegal e veio demandar o porto de Alemoquique com intenção de vir demandar o Facho e se mesturar connosco, e, tomado o rebate, o conde fez recolher a guarda polo caminho de baixo e ele, tomando um troto com todos nós outros, se veio ao Facho a o tomar primeiro que os mouros, os quais, como avíão de enfiar no porto, avíão de fazer detença; mas como Amelix estivese aquele dia na ribeira, esperando que as atalaias do Corvo a fosem descubrir, como sohíão, o que elas não fizérão porque áquela parte não ia pesoa, e, como Amelix arrincou com seus companheiros, foi no vale do Facho tão prestes como as atalaias, que Bastião Fernândez e Dente d'Alho érão, e não foi sua corrida em vão, que, já que não pode pôr-se diante das atalaias, lhes veio o Chamiço, de quem ele estava sentido polo encontro do adro, e Francisco da Mota cair nas mãos, porque estes dous de cavalo, por trazerem erva melhor que os outros, érão no vale de André da Capela, e, vendo as atalaias que vínhão demandar o Facho, se viérão trás elas, as quais duas atalaias tomárão a tranqueira do vale do Facho primeiro que Amelix, o que não pode fazer Cristóvão Rodríguez Chamiço e Francisco da Mota, que vendo os sete ou oito mouros diante de si o Francisco da Mota tornou pera trás, e sem ninguem ir após ele se foi embrenhar no canaveal da fonte de Bugano, onde leixou o cavalo e a pé se salvou; Cristóvão Rodríguez Chamiço, parecendo-lhe que o dia do adro, que a fortuna o ajudou contra Amelix, durava até então, pondo a lança debaixo do braço quis romper por eles e fazer por tomar a tranqueira onde eles estávão, o que não pode fazer, porque, como foi conhecido, quis Amelix tomá-lo vivo e, abatendo-lhe a lança, se abraçou com ele por que o não matasem, dizendo-lhe: «Velho, agora pagarás a ousadia que tiveste em me encontrar». Tãobem este dia não foi favoravel

1. á] e BNLM. — 2. [a] *f.* A.

a Amelix, porque, estando nisto, chegou Dom Jorje de Noronha e lh'o tirou das mãos com sangue de ambos, como aqui direi.

Este dia estava doente e com febre Dom Jorje de Noronha e, vendo o conde e jente ir fora, quisera cavalgar, o que não lhe consentírão que fizese, por não se alterar a febre, e por esta causa ficou na vila ao tempo que o conde e Antonio da Silveira se pusérão a cavalo; e depois de todos sermos fora, estando Dom Jorje e o doutor Duarte Rodríguez falando na nova que tinhamos, e que não podíão os mouros deixar d'arrebentar aquele dia, ou o outro, e que se repicasem avia de sair a repique, [o doutor lhe dise: «Senhor, pois não aveis de deixar de sair] [1] e ir correndo daqui ao Facho, meu conselho é que nos vamos paseando, e será milhor achar-se fora que não correr daqui onde o conde estiver». «Asi me parece», dise Dom Jorje, e, fazendo ao doutor que não fose a sua casa, o fez cavalgar em um seu cavalo, e o doutor, vestido em um bedem, [e ele] [2] se fôrão caminho do Facho e, indo ás tranqueiras, se leixou vir o facho abaixo, com grande grita do facheiro, e, chegando ambos ao tabuleiro, Simão López, facheiro, lhes dise: «As atalaias do Corvo vem demandar o vale e seis ou sete mouros os vem atalhando». Dom Jorje e o doutor tomárão polo caminho abaixo e, chegando á tranqueira de Baixo, topárão as duas atalaias e vírão a revolta d'Amelix com o Chamiço; e, não vendo mais que os sete ou oito mouros que trabalhávão por levar vivo ao Chamiço, o fôrão socorrer e, saindo fora da tranqueira, dérão nos mouros, dizendo Dom Jorje: «Alargai o homem», e pondo a lança em um dos mouros que o veio receber o pôs no chão, tomando-o na adarga, e asi o fez o doutor a outro com o bedem no braço, e as atalaias se mesturárão com os outros; e, vendo Amelix um dos companheiros no chão e homens de capacetes, parecendo-lhe era jente de repique, porque a este tempo chegou Miguel Galego, criado do conde, que andava omiziado e estava pacendo em Muliana em cima do vale e, vendo ir pera baixo Dom Jorje e o doutor, se veio pera eles. Amelix alargou o Chamiço, porque Dom Jorje, vendo-os abraçados, não lhe podendo dar com a lança, levou da espada e com ela deu por cima da cabeça a Amelix, a qual ferida não foi muito grande pera não dar no Chamiço, e, sentindo Amelix o golpe e sangue, levou da espada e com ela deu ao Chamiço um tal golpe que, fazendo-lhe ũa boa ferida na cabeça, lhe [3] cortou meia mão, de que ficou aleijado dela e dos dedos, e asi pagou o misero do [4] Chamiço o dano que Amelix recebeo de Dom Jorje. O doutor e as duas atalaias com a ajuda de Miguel Galego, que armado de [5] capacete e adarga vinha, tivérão os mouros com as lanças varadas, mas o Chamiço, vendo-se sem lança e com a mão cortada e o rosto cuberto de sangue, não curou senão poer-se

1. o doutor lhe dise... deixar de sair] *f.* A. — 2. e ele] *f. em todos os mss.* — 3. lhe] e lhe A. — 4. do] de A. — 5. de] e de A.

em salvo e desembaraçando-se dos mouros se meteo da tranqueira a dentro.

Os nosos, vendo salvo o Chamiço, e que a jente d'el-rei chegava e era já no vale, alargando os mouros se ouvérão da tranqueira a dentro e sem muita opresão sobírão pera cima, trazendo trás si toda a jente d'el-rei, que, por ser ladeira acima e o caminho roim, se não pudérão poer diante deles; e tãobem porque o conde, tanto que ao Facho chegou e o facheiro dise que Dom Jorje era no vale, Dom João de Sande, avendo enveja de outrem se apartar sem ele, sem esperar recado, nem mandado, se lançou polo caminho abaixo, indo em cima do milhor cavalo que ouve em Africa (que foi o Ravenga) e pasando polo Chamiço, que sem lança e sem mão vinha, se meteo antre Dom Jorje e os mouros, os quais vendo jente armada temérão que até o vale o conde fizese volta com eles, — o conde, vendo ir a Dom João de Sande e trás ele muitos de cavalo, dise a Antonio da Silveira: «Senhor, alanceai-me o homem que trás [mim] [1] for, que vou por este doudo» e, tomando a lança d'alto e o conto diante, não perdoou a homem que até [a]li [2] topase que ás contoadas o não fizese debruçar sobre o arção dianteiro, e, chegando a Dom Jorje, lhe dise: «Pera fazerdes desmando ficastes na vila»! não sabendo a boa sorte que este cavaleiro pouco antes avia feito, a qual ele muitas vezes louvou; e, vendo os mouros tantos e tão junto de si, teve mais cuidado de os recolher em boa ordem que em reprender, nem castigar a Dom João, antes folgara de ter muitos Dom Joanes consigo, e, recolhendo-os, os fez vir pera cima; e chegando ao tabuleiro achou Antonio da Silveira, que tinha toda a jente metida da tranqueira a dentro, e ele sómente era fora, que deu grande ajuda ao conde entrar sem opresão, porque os mouros, como já vínhão largos e muitos, vendo que no tabuleiro não avia jente, apertárão com aqueles vinte ou vinte cinco tão rijo que ao entrar remesárão muitas lanças, mas como o valo estivese cheio de bèsteiros e espingardeiros, que na vila avia do Algarve, dérão ũa boa çurriada de setas e pelouros que os fizérão afastar da tranqueira, mas o conde, vendo-se dentro das suas tranqueiras sem receber dano, fez recolher os bèsteiros abaixo e com muita prèsa nos viemos á orta do doutor; e, porque os mouros carregávão muitos ao Laranjal e da banda da Pontinha e fonte d'Alvaro Graviel, não querendo ter pendença com el-rei, se veio com toda a jente de cavalo e de pé á porta da vila, dando lugar que do muro os mandasem visitar com os pelouros das bombardas e que os bombardeiros se desenfadasem. Os mouros entrárão este dia até a orta do doutor, e outros polo adro e praia chegárão ao pé de Santa Cruz, mas o conde não quis este dia nenhũa pendença com eles, e asi o dizia a Antonio da Silveira que sempre a el-rei catase honra [3], e tãobem, como já andava em besperas de partida, não

1. [mim] *f.* A. — 2. [a] *f.* A. — 3. catase honra] se avia de fazer cortesia B N L M.

queria aventurar um homem por muitos mouros, os quais, vendo que não avia aquele dia que fazer, se recolhêrão pera o Xercão, onde o arraial estava, e o conde se recolheo muito contente em não receber dano e da sorte que Dom Jorje tivera em tirar o Chamiço das mãos de Amelix: louvou muito este feito e ao doutor fazer tão boa companhia a Dom Jorje. Aquela noute veio Francisco da Mota.

CAPITULO CXXIX

De como o conde se embarcou e Antonio da Silveira ficou por capitão d'Arzila

Vinte dias e mais esteve el-rei de Féz no noso campo comendo as ervas, depois que nos correo estando o conde em Arzila, que foi a derradeira [vinda][1] de sua vida[2], porque, tanto que tornou a Féz, não durou muitos dias que não se lhe acabou a vida, de maneira que parece que sostentou a vila entanto que o conde Dom João governou Arzila desta primeira vez, e que, vindo-se o conde a Portugal e deixando a governança a Antonio da Silveira, tãobem el-rei [de Féz][3], belicoso e guerreiro, leixou a vida e o odio que tinha aos cristãos, em especial áquela vila d'Arzila, onde ele naceo[4] e fora cativo com doze irmãos e com todas as molheres d'el-rei Mulei Xeque, seu pai, e não lhe lembrando as honras e favores que d'el-rei Dom Afonso o quinto recebêrão[5], tratando-os com muito amor e umanidade, até os mandar todos de graça e sem resgate, como parece pola cronica do dito rei Dom Afonso o quinto, que Arzila e Tanjere tomou, onde as molheres e filhos d'el-rei Xeque fôrão cativos, prosuposto que deste beneficio este rei Mulei Hamete não teve nenhum conhecimento e sempre foi ingrato e imigo de cristãos, o que não podemos dizer por Mulei Xeque, seu pai, que não como barbaro que era, pois era rei sómente de Benagorfate, serra que está seis legoas d'Arzila, mas, como rei agradecido, foi sempre amigo e obrigado a el-rei Dom Afonso, e por esta razão a el-rei Dom João o segundo, seu filho; e pareceo ser asi no feito da Graciosa, que, tendo cercado muitos dos nosos em um castelo ou vila que o dito rei Dom João mandou fazer tres legoas acima polo rio de Larache e outras tres d'Alcacere Quebir[6], dise que, polo bene-

1. [vinda] *f. em todos os mss.* — 2. de sua vida] de suas vindas B. — 3. [de Féz] *f.* A. — 4. naceo] nacera B N L M. — 5. recebêrão] recebeo B N L M. — 6. *O autor dos* Anais *já fez referência à Graciosa nas pp. 96 e 204, mas agora com mais precisão. Assim, pois, a distância entre Alcácer Quibir e Larache é, segundo êle, de 6 léguas, e a Graciosa ficava a meio caminho; mas isso é duvidoso, porque êle diz que ela ficava a 3 léguas*

ficio d'el-rei Dom Afonso, os leixava que se viesem a Arzila e lhe leixasem a terra, e asi se fez, como mais largo se conta na cronica d'el-rei Dom João o segundo; mas eu, como ei visto este lugar ou edeficio e ei monteado nele e morto alguns porcos [1] e vi a cousa [2] e o erro de nosos pais, me recolho e não digo neste caso nada, pois vemos agora outros móres erros feitos cada dia uns sobre outros, pois por poupar quinze mil cruzados, que Arzila gastava em cada um ano em armadas e em soldados, gástão o dia de oje mais de cem mil, e, por não povoarem Larache e gastarem outros dez mil, gastárão em Mazagão um conto de ouro, afora as opresões que cada dia esperamos, o que tudo se escusara se Larache fora noso [3], pois sabemos que nenhũa cousa faz aos turcos cobiçar o reino de Féz que o rio de Larache, por ser o milhor rio e barra da Berberia e pola fartura do campo d'Arzila e d'Alcacere Quebir; e tãobem sabemos e vemos quanto dano se recreceo em não se sostentar o reino de Féz contra o xarife, o que se pudera fazer com muito pouco favor d'el-rei,

de Larache «pelo rio a dentro», e o rio na parte inferior do seu curso forma vários meandros: teve êle em conta êste facto?

Contudo, com êle concordam dois escritores seus contemporáneos: Leão Africano e Marmol.

O primeiro diz que a Gezira *— isto é* ilha *— ficava a 10 milhas — cêrca de 16 quilómetros — do oceano, na foz do rio [Massignon,* Le Maroc dans les premières années du XVIe siècle, *p. 241 e 296, l. 36, onde se dá a lição da ed. de 1554, italiana, porque as ed. de Temporal e Schefer dizem «cêrca de 2 milhas» em vez de 10:* Description de l'Afrique, *ed. Schefer, II, p, 233]; e identifica-a, como Schefer, com a Graciosa dos portugueses. O ano da tentativa dos portugueses é que está errado: foi em 1489 e não em 1479. O segundo diz igualmente que esta ilha ficava no rio de Larache a 3 léguas do oceano [L'Afrique, II, p. 214].*

Rui de Pina na Chronica de D. João II, *p. 97-101, nada nos diz da sua situação, mas afirma [p. 101] que o tratado de paz se fez em Xamez, o que levou o Sr. Braamcamp Freire* [Expedições e armadas nos annos de 1488 e 1489, p. 51] *a colocar a Graciosa em «Tchemmich», onde há restos de povoação fenícia, entre o último e o penúltimo meandro do rio,* a uma legua pelo rio acima: *deve ser assim, porque por terra essa distância é de 4 quilómetros [Reclus,* Nouvelle Géographie universelle, XI, *p. 714].*

Nós cremos que a Graciosa era mais no interior e não muito longe do campo de batalha onde D. Sebastião depois foi morto. Esta deu-se nas margens do rio da Ponte — como lhe chama Bernardo Rodrigues —, ou rio Mkhâzen *— i. é, dos cavaleiros — na forma francesa do nosso mapa. Reclus marca 10 quilómetros para distância entre êsse lugar e Larache* [XI, *p. 716]; tendo em conta os meandros do rio talvez isso dê as 3 léguas de Bernardo Rodrigues, de Leão Africano e de Marmol. Ora êle disse já na p. 96 (e 204) que ela ficava perto da confluência do rio da Ponte e do de Larache. Bernardo Rodrigues devia sabê-lo bem por lá ter estado muitas vezes.*

Demais, segundo Pina, os mouros fizeram no rio uma estacada que cortou aos nossos a comunicação com o mar; isso quer dizer que o rio ahi era estreito, muito mais do que o é perto da foz.

1. mas eu... e morto alguns porcos] mas eu como tenho visto este lugar muitas vezes e nele monteado muitas veses e morto muitos porcos B N L M. — 2. cousa] causa B N L M. — 3. *Até ao fim do capitulo f. nos outros mss.*

noso senhor, e não leixar fazer poderoso a um tirano; e já que vimos este erro tão evidente e craro, tudo isto se pudera remedear em se sostentar el-rei de Bélez, quando tornou a ganhar Féz, que, mandando oferecer a pesoa e reino a el-rei, noso senhor, e lhe pedir emprestados cincoenta mil cruzados pera sostentar a guerra e dando toda segurança a eles, ouve tanta delonga no despacho que, primeiro que seu embaixador fose respondido, o xarife lhe tornou a dar batalha, onde ele foi morto, e o reino com a cidade de Féz tornou a poder do xarife. Trouxe isto fora de meu preposito, porque vim a falar no erro da Graciosa; e, com isto pouco que no caso dise, tornarei ao conde e a sua embarcação.

Tornando ás cousas d'Arzila e ás lembranças dela, recolhido el-rei e tornado a Féz, e chegando-se o tempo em que o conde se avia d'embarcar e vendo que o trato e comercio de Arzila e Féz já ia afloxando e já não corria, e que os mercadores jenoeses, que em Arzila morávão, Tomás Doria e micer Ambrosio, érão idos a Jenoa, e Francisco Gonçálvez e Jorje López se pasárão a Tavila, cidade do Algarve, e Pero Malharte a Cepta, polo favor que Citalforra, alcaidesa e senhora de Tetuão, aos mercadores fazia, de maneira que todo o trato do reino de Féz ficou em Luis de Presenda, que em aquele tempo todo o reino mandava, o quai Luis de Presenda todo seu trato era por Larache e Çalé, onde os navios ameudávão, indo uns e vindo outros a Cáliz, e por esta causa as cafilas não vínhão a Arzila, e asi o alcaide como outros devíão ao conde e a outras pesoas dinheiro e cera de resgates, — o conde mandou por alfaqueque a Antão Rodríguez, mandando pedir ao alcaide que, pois estava de caminho pera Portugal, lhe pagase e fizese pagar o que se devia, ao que o alcaide não acodio, desimulando que faria chamar os devedores e faria que pagasem, sobre que ouve muitos recados até que o conde deitou mão em sete ou oito mouros de cafila e com os outros mandou que tornasem as bestas, de que o alcaide muito se queixou, escrevendo e mandando algũas cartas e recados, mais solto do que era razão, ao conde, e outros o conde a ele, de maneira que, ainda que pagou e comprio, ficárão de quebra e os portos cerrados, sem aver cafila, nem recado de ũa parte a outra; e durou este encerramento mais de ano e meio, que os portos se tornárão a abrir e as cafilas corrêrão como dantes e ouve muita amizade e prestança antre Antonio da Silveira e o alcaide.

Tendo o conde os navios pera sua embarcação e o navio de Rodrigo Afonso pera sua pesoa, por ser muito corrente naquela carreira de Tavila a Arzila, e, estando tudo prestes e o tempo no levante, acordou de se embarcar com sua molher e filhos, despedindo-se primeiro de todos os moradores, visitando-lhe a condesa suas molheres, as quais e as mais érão veuvas e sem maridos, por serem mortos uns de peste e outros no desbarate de Dom Manoel; e, estando as cousas da maneira que ei contado e estando o conde na praia com a condesa, sua molher, e filhos e pesoas

que em sua companhia vínhão, e rodeado de todos os que na vila ficárão, alem de outras praticas e falas que por vezes nos tinha feito, as tornou a resumir, em que servisemos ao capitão Antonio da Silveira com muita obediencia e amor, e que não nos parecese que o que fizese o contrairo avia por ele de falar a el-rei, nem a outro despachador. Tudo isto foi escusado, porque Antonio da Silveira se deu tal manha que, uns de medo e outros de amor, de todos foi obedecido e folgárão de o servir, posto que logo no principio ouve alguns agravados, em que foi Anrique do Rego, que já não servia de adail, e servia João Moniz, que, parecendo ao conde que Antonio da Silveira lhe tirase o oficio, o deu a João Moniz, que muito bem o servio e valente homem era; e outro agravado foi a sogra de Lopo Mêndez, mas este agravo foi por culpa da mulher de Anrique do Rego. Embarcado o conde e a condesa, estando já os navios defronte dos Mastos se fizérão á vela o primeiro de maio ano do Senhor de mil e quinhentos e vinte cinco, e o dia de Santa Vera Cruz, que é a dous dias do dito mês, foi entrar na barra de Odiana, onde desembarcou na vila de Santo Antonio, e polo rio acima foi em barcos até Mertola, onde o capitão dos jinetes, seu cunhado, o aguardava e, bem acompanhado, veio á corte, onde não faltou grande e honrado recebimento; e, com isto, darei fim ao primeiro livro do conde do Redondo.

FIM DO TOMO I.